



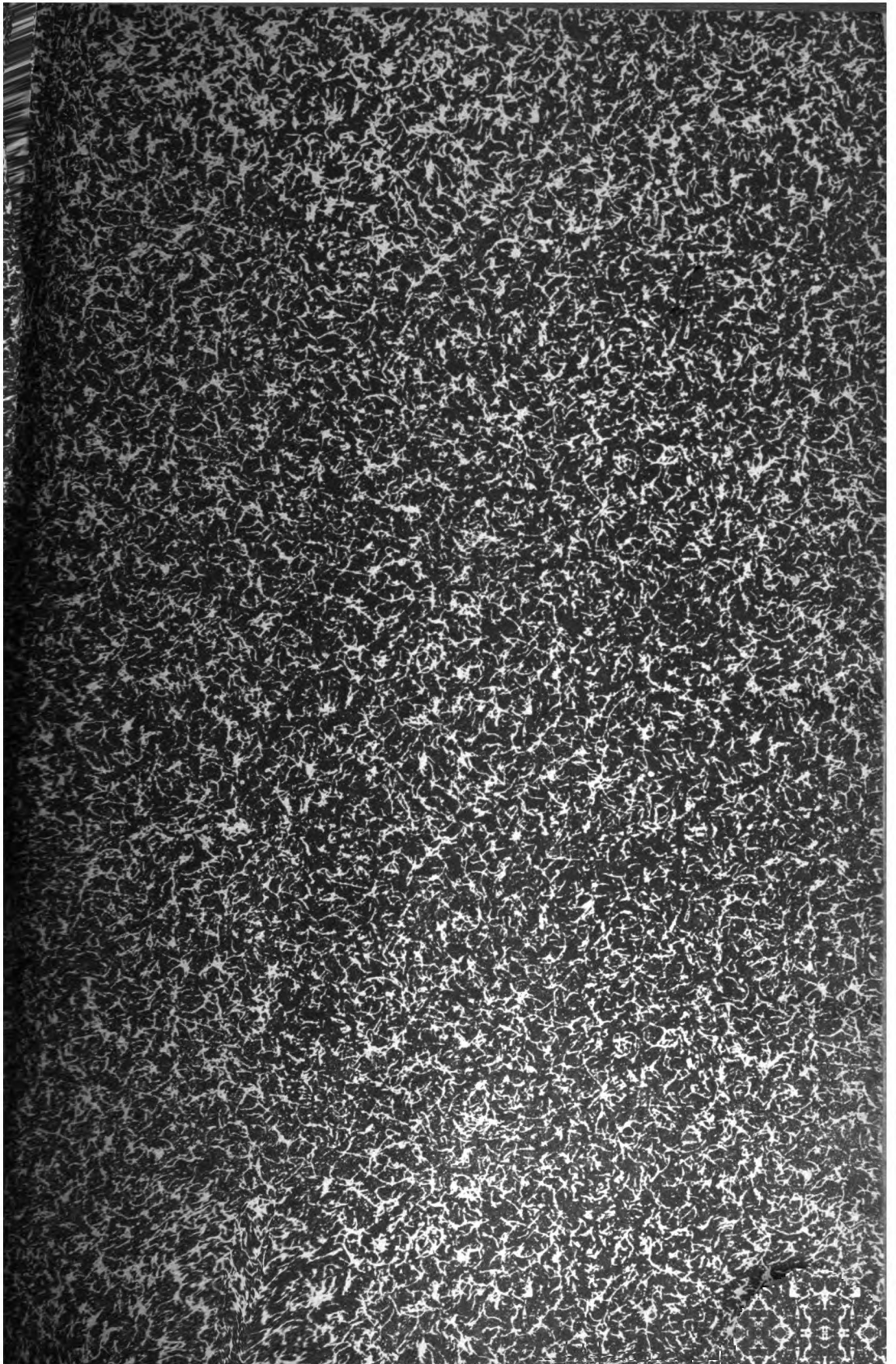
From the Library of

Luis Alberto Sanchez



THE PENNSYLVANIA
STATE UNIVERSITY
LIBRARIES





Manuel Santos
1944.

87

D^r Waldemar de

Macedo Rocha

Rio de Janeiro 8 de
Março de 1926.

HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Dⁿ Waldemar de

Macedo Rocha

Rio 8 3 1926

Typ. «A Editora L.^{da}» — Conde Barão, 50 — Lisboa

Rio 8-3-926
JOSÉ VERISSIMO de Mattos

HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA

de W. Rorhaes

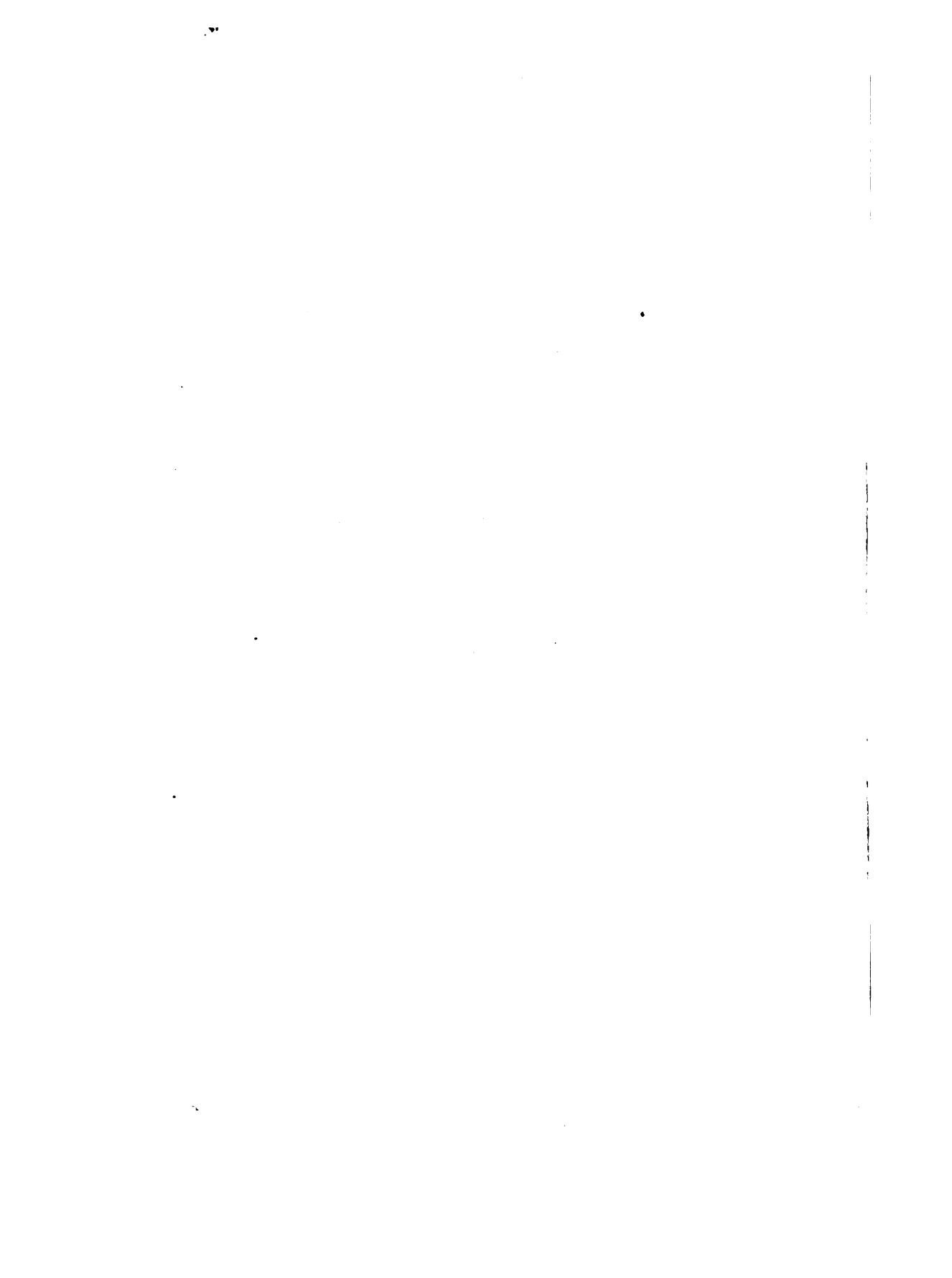
De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)

2.º MILHEIRO

Livraria FRANCISCO ALVES & C.^a
RIO DE JANEIRO
166, Rua do Ouvidor, 166
S. PAULO
65, Rua de S. Bento, 65
BELO HORIZONTE
1055, Rua da Baía, 1055

Livrarias AILLAUD e BERTRAND
AILLAUD, ALVES & C.^a
PARIS
96, Boulevard du Montparnasse, 96
(Livraria Aillaud)
LISBOA
73, Rua Garrett, 75
(Livraria Bertrand)

1916



*Á memoria cada vez mais amada e mais saudosa de
meus pais*

José Verissimo de Matos

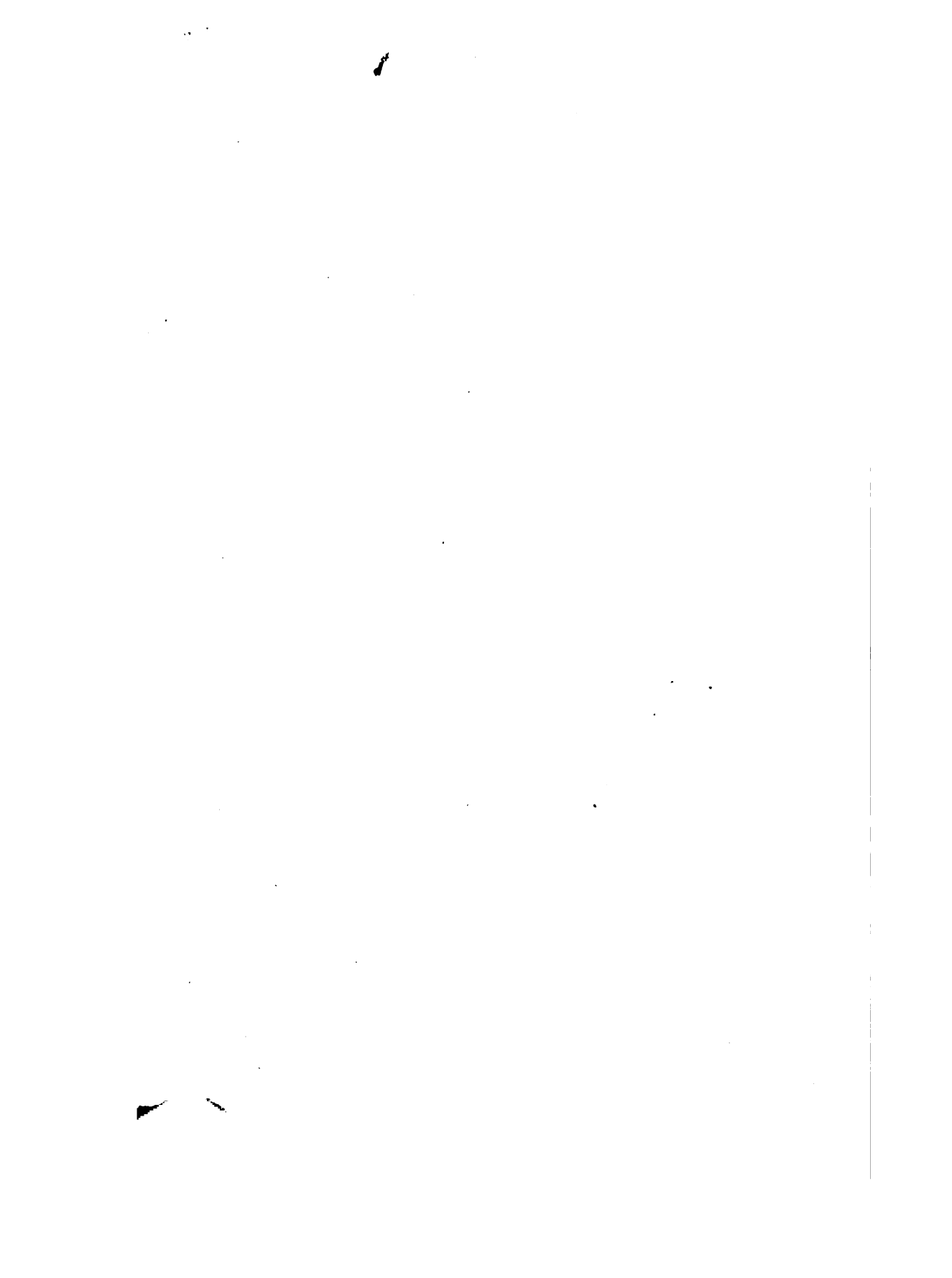
e

Anna Flora Dias de Matos

*Consagro este livro, remate da
minha vida literaria, que lhes deve
o seu estimulo inicial.*

José Verissimo Dias de Matos.

Rio (Engenho Novo), 11 de julho de 1915.



INDICE

	Pag.
Introdução	1
CAPITULO PRIMEIRO	
A primitiva sociedade colonial	25
CAPITULO SEGUNDO	
Primeiras manifestações literarias — Versejadores e pro- sistas	37
CAPITULO TERCEIRO	
O grupo baiano	73
CAPITULO QUARTO	
Gregorio de Matos	87
CAPITULO QUINTO	
Aspectos literarios do seculo XVIII	103
CAPITULO SEXTO	
A pleiade mineira	125
CAPITULO SETIMO	
Os predecessores do Romantismo	167
CAPITULO OITAVO	
O Romantismo e a primeira geração romantica	189
CAPITULO NONO	
Magalhães e o Romantismo	197
CAPITULO DECIMO	
Os proceres do Romantismo	215
CAPITULO DECIMO PRIMEIRO	
Gonçalves Dias e o grupo maranhense	243

HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA

	Pag.
CAPITULO DECIMO SEGUNDO	
A segunda geração romantica — Os prosadores.....	269
CAPITULO DECIMO TERCEIRO	
A segunda geração romantica — Os poetas.....	293
CAPITULO DECIMO QUARTO	
Os ultimos romanticos.....	317
CAPITULO DECIMO QUINTO	
O Modernismo.....	341
CAPITULO DECIMO SEXTO	
O Naturalismo e o Parnasianismo	353
CAPITULO DECIMO SETIMO	
O Teatro e a literatura dramatica.....	373
CAPITULO DECIMO OITAVO	
Publicistas, Oradores, Criticos	389
CAPITULO DECIMO NOVO	
Machado de Assis.....	415

Introdução

A literatura que se escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem, mais com o portuguez, e em forma que, apesar da communidade da lingua, não é mais inteiramente portugueza. É isto absolutamente certo desde o Romantismo, que foi a nossa emancipação literaria, seguindo-se naturalmente á nossa independencia politica. Mas o sentimento que o promoveu e principalmente o distinguiu, o espirito nativista primeiro e o nacionalista depois, esse se veiu formando desde as nossas primeiras manifestações literarias, sem que a vassalagem ao pensamento e ao espirito portuguez lograsse jamais abafal-o. É exactamente essa persistencia no tempo e no espaço de tal sentimento, manifestado literariamente, que dá á nossa literatura a unidade e lhe justifica a autonomia.

A nossa literatura colonial manteve aqui tão viva quanto lhe era possivel a tradição literaria portugueza. Submissa a esta e repetindo-lhe as manifestações, embora sem nenhuma excellencia e antes inferiormente, animou-a todavia desde o principio o nativo sentimento de apego á terra e affecto ás suas cousas. Ainda sem proposito acabaria este sentimento por determinar manifestações literarias que em estilo diverso do da metropole viessem a exprimir um genio nacional que paulativamente se diferenciava.

Necessariamente nasceu e desenvolveu-se a literatura no Brasil como rebento da portugueza e seu reflexo. Ne-

nhuma outra apreciavel influencia espiritual experimentou no periodo da sua formação, que é o colonial. Também do proprio meio em que se ia daquela formando lhe não proveu então qualquer influxo mental que pudesse contribuir para distingui-la. E como assim foi até quasi acabar o seculo XVIII, não apresenta periodos claros e definidos da sua evolução nesse lapso. As reacções que daquele meio porventura sofreu foram apenas de ordem fisica, a impressão da terra em seus filhos; de ordem fisiologica, os naturais efeitos dos cruzamentos que aqui produziram novos tipos etnicos; e de ordem politica e social, resultantes das lutas com os Holandezes e outros forasteiros, das expedições conquistadoras do sertão, dos descobrimentos das minas e consequente dilatação do paiz e aumento da sua riqueza e importancia. Estas reacções não bastaram para de qualquer modo infirmar a influencia espiritual portugueza e minguar-lhe os efeitos. Criaram, porem, o sentimento por onde a literatura aqui se viria a diferenciar da portugueza. As divisões até hoje feitas no desenvolvimento da nossa literatura não parece correspondam á realidade dos factos. Mostra-o a sua mesma variação e diversidade nos diferentes historiadores da nossa literatura, e até mesmo no principal deles, incoerente consigo mesmo. Após acurado estudo desses factos tenho por impossivel e vão assental-os em divisões perfeitamente exactas ou dispol-os em bem distintas categorias. Fazel-o com exito importaria o mesmo que descobrir outros tantos aspectos diversos e caracteristicos em uma literatura sem autonomia, actividade e riqueza bastantes para se nela passarem as alterações de inspiração, de estesia ou de estilo que discriminam e assentam os periodos literarios; uma literatura que em trezentos anos da sua existencia apagada e mesquinha não experimentou outras reacções espirituais que as da metropole, servilmente seguida. Assim sendo, é evidente que os unicos periodos literarios aqui verificaveis seriam os mesmos ali averiguados. Quando começava aqui a literatura, lá havia terminado, ou estava terminando, o quinhentismo,

a melhor epoca da portugueza. Principiava então lá o seiscentismo, prematura e rapida degradação daquelle brilhante momento, cuja brevidade era aliás consoante com a da epoca de esplendor nacional, revendo tudo o que de ocasional e fortuito houvera nos escassos cem anos da dupla gloria portugueza. Mas, como acertadamente nota um novo critico, «o seiscentismo não terminou em 1699, no ultimo dia do ano, perdurou até a segunda metade do seculo xviii e a Arcadia e suas imitações não encerram o seculo xviii; a Arcadia de Antonio Diniz só se fundou em 1756. No segundo quartel ainda Antonio José satirisava o gongorismo, que era uma actualidade» (1).

O que, portanto, havia no Brasil era o seiscentismo, a escola gongorica ou espanhola, aqui amesquinhada pela imitação, e por ser, na poesia e na prosa, a balbuciante expressão de uma sociedade embrionaria, sem feição nem caracter, inculta e grossa. Que o era, o mais perfuntorio exame, a leitura ainda por alto dos versejadores e prosistas dessa epoca o mostrará irrecusavelmente. Não ha descobrir-lhes diferença que os releve na inspiração, composição, forma ou estilo das obras. Sob o aspecto literario são todos genuinamente portuguezes, por via de regra inferiores aos reinóis. A unica excepção apresentada, a de Gregorio de Matos, é impertinente. Da sua obra a só porção distinta, e estimavel por outras qualidades que as propriamente literarias, é a satirica ou antes burlesca. A inspiração e feitio desta não destoa, porem, quanto se tem presumido da musa gaiata portugueza do tempo, ilustrada ou deslustrada por D. Tomaz de Noronha, Cristovam de Moraes, Serrão de Castro, João Sucarelo, Diogo Camacho e quejandos, todos mais ou menos discipulos e imitadores, como o nosso patricio, do espanhol Quevedo, mas todos a ele inferiores. Como aos comuns motivos de satirizar de

(1) Fidelino de Figueiredo, *A Critica literaria em Portugal*. Lisboa, 1910, 99.

seus emulos portuguezes juntasse Gregorio de Matos o estímulo do seu descontentamento de colonial gorado nas suas ambições e malogrado na sua vaidade, é talvez o seu estro satirico mais rico e, para nós, muito mais interessante que o daqueles. Não é, porem, nem mais original, nem mais subido. A singularidade, mesmo a superioridade de Gregorio de Matos, ainda quando bem assente, não bastaria aliás para desabonar o conceito de que o seu exemplo não prejudica a regra geral da nossa evolução literaria no periodo colonial. Um só escritor, uma só obra, salvo proeminencia excepcional e de efeitos averiguados, não anula um facto literario como o verificado. A parte séria das composições de Gregorio de Matos é genuinamente do peor seiscentismo, como pela lingua, estilo e outras feições o é tambem a sua porção satirica. De resto o seu caso ficou unico e isolado, incapaz, portanto, de alterar como quer que fosse a continuidade do nosso desenvolvimento literario. E os factos provam que em nada o alterou. Simultanea e posteriormente continuou aquele como se vinha fazendo.

Sómente para o fim do seculo XVIII é que entramos a sentir nos poetas brasileiros algo que os começa a distinguir. E só nos poetas. Distinção, porem, ainda muito escassa e limitada e tambem parcial. Por um ou outro poema em que se revê a influencia americana, ha dezenas de outros em tudo e por tudo portuguezes. Os mesmos poetas do principio do seculo XIX, sucessores imediatos dos mineiros e predecessores proximos dos romanticos, são ainda e sobretudo seiscentistas, apenas levemente atenuados pelo arcadismo. Esta procrastinação do seiscentismo aqui, como o gongorismo que lhe era consubstancial, e é acaso congenito á gente iberica, alem do motivo geral da mais lenta evolução mental das colonias, poderia talvez explical-o o ter aqui vivido, se exibido e influido o mais poderoso engenho portuguez dessa epoca, o padre Antonio Vieira. A sua singular individualidade, exaltando-lhe os insignes dotes literarios, supera a desprezível feição literaria do periodo e a

ampara e defende senão legítima. A corroborar-lhe a má influencia, continuada pelos prégadores seus discipulos, vieram as Academias literarias, focos e escolas do mais desbragado gongorismo. Sómente com os primeiros românticos, entre 1836 e 1846, a poesia brasileira, retomando a trilha logo apagada da pleiade mineira, entra já a cantar com inspiração feita dum consciente espirito nacional. Actuando na expressão principiava essa inspiração a differença-la da portugueza. Desde então sómente é possível descobrir traços diferenciais nas letras brasileiras. Não serão já propriamente essenciaes ou formais, deixam-se, porem, perceber nos estímulos de sua inspiração, motivos da sua composição e principalmente no seu proposito.

As duas unicas divisões que legitimamente se podem fazer no desenvolvimento da literatura brasileira, são, pois, as mesmas da nossa historia como povo: periodo colonial e periodo nacional. Entre os dois pode marcar-se um momento, um estadio de transição, occupado pelos poetas da pleiade mineira (1769-1795) e, se quizerem, os que os seguiram até os primeiros românticos. Considerada, porem, em conjunto a obra desses mesmos não se diversifica por tal modo da poetica portugueza contemporanea, que force a invenção de uma categoria distinta para os pôr nela. No primeiro periodo, o colonial, toda a divisão que não seja apenas didactica ou meramente cronologica, isto é, toda a divisão sistemática, parece-me arbitraria. Nenhum tacto literario autoriza, por exemplo, a descobrir nela mais que algum levissimo indício de «desenvolvimento autonomico», insufficiente em todo caso para assentar uma divisão metódica. Ao contrario, ela é em todo esse periodo inteira e estrictamente conjunta á portugueza. Nas condições de evolução da sociedade que aqui se formava, seria milagre que assim não fosse. De desenvolvimento e portanto de formação, pois que desenvolvimento implica formação e vice-versa, é todo o periodo colonial da nossa literatura, porem, apenas de desenvolvimento em quantidade e extensão, e não de attributos que a diferenciassem.

Certo é que na segunda metade do século xvii e principio do xviii, poetas brasileiros (não foram aliás mais de tres), ocasionalmente, sem intenção nem insistencia mostraram-se impressionados pela sua terra, cantaram-lhes as excelencias naturais com exagero de apreço e entusiasmo em que é licito perceber o abrolhar do sentimento nacional, começado a gerar-se com os sucessos da guerra holandez. Fizeram-no aliás pouco e mediocrementemente. Em vez de seguir e cavar esse veio que se lhes deparava, perseveraram na poetica portugueza sua contemporanea. Seria desarrazoado, seria forçar os factos a acomodarem-se ás nossas prevenções, enxergar mostras de sentimento literario autonomico nessas singularissimas excepções. Nem por isso são elas desinteressantes. Testemunham a influencia dos aludidos sucessos no espirito dos brasileiros, onde criaram ou activaram o sentimento nativista. Importam-nos ainda como as primeiras manifestações do impulso de louvar a terra, impulso que se tornaria logo um sestro literario nosso. A quasi dous seculos de distancia o verficaria Casimiro de Abreu, nos seus sentidos e conhecidos versos :

 Todos cantam sua terra
 Tambem vou cantar a minha
 Nas debeis cordas da lira
 Hei de fazel-a rainha.

Toma outra feição que a puramente portugueza a nossa literatura no segundo periodo, o nacional.

Independente e constituido, desenvolvendo-se menos adstricto á exclusiva influencia da metropole e ao seu absorvente predominio, entra o paiz a experimentar o influxo de outras e melhores culturas, sofre novos contactos e reacções, que são outros tantos estimulos da sua inteligencia e capacidade literaria. O maior de todos, porem, não será externo, mas o mesmo sentimento nacional afinal consciente: o desvanecimento da sua independencia, da sua maioridade de povo, das suas possibilidades de crescimento

com as suas promissoras esperanças de futuro. Por isso a literatura imediatamente posterior á Independencia é **o**nsivamente, intencionalmente nacionalista e patriótica. O germen nativista de que a *Prosopopéa*, de Bento Teixeira, ao expirar do seculo xvi, é já o primeiro indício, e a *Ilha de Maré*, de Botelho de Oliveira, no final do seculo xvii, um mais visível sinal, germen desenvolvido, podemos dizer nutrido, do calor bairrista de Rocha Pita, e relevado nos poetas do fim do seculo xviii, completa com a primeira geração romantica a sua evolução. E resulta da indole claramente nacionalista, mais ainda, patriótica, da literatura de após a Independencia.

Este facto determinara-o a mesma reacção literaria inaugurada na Europa com o Romantismo, que em suma era sobretudo, e esta é a sua mais exacta definição, uma revolta contra o que se continuava a chamar de classicismo.

Tanto mais facil foi á nova escola encontrar aqui simpatias, entusiasmo e sequazes, quanto sendo um principio de independencia e liberdade lisongeava o nosso ardor de ambas no momento. Teve de facto alvoroçado acolhimento, como era proprio de gente nova, em pleno fervor da sua mocidade emancipada, irreflexiva e malquerente de quanto lhe recordava a sua servidão politica e mental. Cumpre, todavia, não exagerar essa malevolencia, que por honra dos corifeus desse nosso movimento literario nunca se desmandou nas suas reivindicações de autonomia literaria, antes guardou nelas uma compostura de bom gosto.

O Romantismo europeu não só influiu os poetas e escriptores de todo o genero, se não os politicos, os oradores, ainda sacros, de que é frisante exemplo Monte Alverne, o maior deles, e os publicistas. Como na Europa, foi tambem aqui mais que uma escola literaria uma forma de pensamento geral.

Principalmente assinalaram o nosso romantismo: a simpatia com o indio, a intenção de o reabilitar do juizo dos conquistadores e dos nossos mesmos patricios coloniais, o errado presuposto dele ser o nosso antepassado

historico, o amor da natureza e da historia do paiz, encarrados ambos com sentimentos e intenções estreitamente nativistas, o conceito sentimentalista da vida, o proposito manifesto de fazer uma literatura nacional e até uma cultura brasileira. Inspirado no preconceito dos meritos do indio revelou-se este proposito em recomendações do ensino da lingua tupi, em parvoinhas propostas de sua substituição ao portuguez, na adopção de apelidos indigenas ou na troca dos portuguezes por estes e no encarecimento de quanto era indigena (1).

Com estas feições apenas ligeiramente modificadas por novos influxos recebidos de fóra ou aqui mesmo nascidos, durou o nosso romantismo, iniciado pela terceira decada do seculo XIX, até o meiado do decenio de 1870. As ultimas obras de vulto que ainda a ele, com a sua inspiração indianista, se vinculam, são o *Evangelho nas Selvas*, de Fagundes Varela, e as *Americanas*, de Machado de Assis, ambas em 1875.

Pelo fim do romantismo, esgotado como acabam todas as escolas literarias, tanto por enfraquecimento e exaustação dos seus motivos, como pela natural usura, entram a influir a mente brasileira outras correntes de pensamentos, outros criterios e até outras modas esteticas europeas de alem Pirinêus oriundas das novas correntes espirituais, o positivismo em geral ou o novo espirito scientifico, o evo-

(1) O proprio Varnhagen, não obstante ter sido o unico brasileiro illustre que se declarou, e não inteiramente sem razão, contra aquele preconceito, o mesmo Varnhagen, cedendo inconscientemente aos sentimentos do meio, lastimou que se houvesse acabado com o ensino do tupi, dado nos colejos dos jesuitas, e escreveu esta cousa estupenda: «que para a literatura brasileira, a antiga lingua da terra é de muito mais importancia do que o estudo do grego ou de outras linguas sabias» (*Historia geral do Brasil*, 1.^a edição, 1854, I, 244). E José de Alencar, em 1865, tambem escreveu este desproposito: «O conhecimento da lingua indigena é o melhor criterio para a nacionalidade da literatura» (Carta apensada á 1.^a edição de *Tracema*)

lucionismo inglez, o materialismo de Haeckel, Moleschott, Büchner, o comtismo, a critica de Strauss, Renan ou Taine, o socialismo integral de Proudhon, o socialismo literario de Hugo, de Quinet, de Michelet. Outras tendencias e feições, criadas por estas novas formas de pensamento, se substituem ao scepticismo, ao desalento, ao satanismo, tudo tambem literario ou apenas sentimental de Byron, Musset e outros que tanto haviam influenciado a nossa segunda geração romantica. Verifica-se que nenhuma das correntes do pensamento europeu que actuaram no brasileiro levou menos de vinte anos a se fazer aqui sentir. E esta é a regra ainda depois que as nossas comunicações com a Europa se tornaram mais facéis e mais frequentes. Destas varias influencias contraditorias, e até disparatadas, que todas, porem, simultaneamente actuaram o nosso pensamento, não safu, nem podia sair, um composto unico, e ainda menos coerente, como até certo ponto fôra no periodo romantico o espiritualismo cristão ou o puro sentimentalismo dos nossos romanticos, sem excepção. Sob o aspecto literario o que delas resultou foi o rompimento, mais ou menos intencional, mais ou menos estrepitoso, mais ou menos peremptorio, com o romantismo. De tal rotura se não gerou, entretanto, um movimento com bastante resalto, caracter ou homojeneidade que possamos defini-lo com um apelido idoneo. Os que se lhe tem dado, como as divisões e subdivisões nele feitas, afigura-se-me inconsequente com os factos literarios bem apreciados. Não ignoro, e menos contesto, a importancia e valia das classificações para compendiar a explicação dos factos literarios. Mas não basta não ignoral-o ou pratical-as a torto e a direito para podermos alardear filosofia de historia literaria. Aquele valor e importancia só a tem as classificações perfectas em que quasi nada ou mesmo nada fica ao arbitrio do critico, mas tudo obedece logica e naturalmente a um justo criterio bem estabelecido. Sem isso, que é difficilimo em todas as literaturas e é positivamente impossivel em a nossa, tais classificações tanto podem

inculcar uma digna tendencia filosofica, como uma supina presunção.

O que principalmente distinguiu e afeiçoou este nosso movimento espiritual ou mais propriamente literario posterior ao romantismo, foi o pensamento scientifico e filosofico triunfante por meados do seculo XIX — caracterizado pelo preconceito da infalibilidade da sciencia e por uma exagerada opinião da sua importancia. Esse pensamento, aqui como em toda a parte, recebeu a denominação pouco precisa, mas em suma bastante significativa, de pensamento moderno. Aqui produziu ele maior e mais raciocinado desapego ás crenças tradicionais religiosas ou politicas, gerou o acatolicismo ou o agnosticismo em grande numero de espiritos e o republicanismo ainda em maior numero. Não chegou, porem, a criar manifestação literaria alguma bastante consideravel e homogenea, e sufficientemente distinta, para a podermos nomear com exactidão segundo os seus particulares caracteres literarios. Para sair da dificuldade sem, por iludil-a, cair no erro de dar a esta fase da nossa literatura algum apelido desâproposito, parece que o meio mais seguro é lhe verificar a inspiração ou idéa geral e motriz, e consoante ela denominal-a. Era esta declaradamente seguir em arte como em filosofia, e ainda em politica, as idéas modernas, o racionalismo scientifico, o positivismo filosofico, o transformismo e o evolucionismo como um criterio geral do pensamento, o liberalismo politico, que levava de um lado ao republicanismo, de outro, com duvidosa coerencia, ao socialismo. O «pensamento moderno», e a sua competente apologia, foram aqui um tema literario repetido até o fastio, e sob esta denominação ou a ainda mais vaga de «idéa nova» se reuniam desencontrados conceitos, sentimentos e aspirações. Dava-lhes, todavia, unidade bastante para ao menos exteriormente os caracterizar. Não sendo possivel descobrir-lhes com toda a certeza o accento predominante, a feição literaria essencial e por evitar a impertinencia e vaidade das tentativas já feitas para grupar em categorias

definidas autores e obras desta ultima fase da nossa evolução literaria, parece mais prudente crismal-a segundo o seu principal estimulo mental — a sua superstição das idéas modernas — e chamar-lhe de modernismo (1). Efectivamente a influencia cosmopolita e onimoda dessas idéas a dominante em a nossa literatura nessa fase e, salvo excepções individuais pouco relevantes, não mais o nacionalismo romantico. Torna-se a poesia — e a poesia foi sempre em copia e qualidade a porção mais consideravel da nossa literatura — menos subjectiva, menos ingenua e sentimentalista, e a diminuição destas suas qualidades acaso, sob o aspecto da emoção, amesquinhou o nosso lirismo. Ao envez ganhou ele em dons verbais de expressão e em virtudes de forma e metrica. A mesma forma aperfeçoou-se com qualidades de composição e temperança. Nota-se mais o aparecimento em toda a nossa literatura de requisitos de que carecia, e que faltaram sempre á antiga literatura portugueza, o gosto, o interesse, a capacidade das idéas gerais, preocupações mais largamente humanas e sociais, em

(1) Chegara eu a esta conclusão quando vi o termo «modernismo» empregado por um critico hispano-americano, o sr. Ventura Garcia Calderon, para definir a fase literaria que tambem no seu paiz, o Perú, succedeu ao romantismo (*Del Romanticismo al Modernismo, Prosistas e poetas peruanos*, Paris, 1910). Mas só até aí vai a coincidência. Para o sr. Calderon o «modernismo» é uma consequencia da reacção idealista e sentimental que provocou em França o despejo naturalista e o insensível parnasianismo. Para mim é o conjunto de idéas literarias, ou manifestando-se literariamente, influidas pela corrente geral de idéas filosoficas e scientificas a que se chamou de pensamento moderno. Verificando que é apenas convencional aquela qualificação, reconhece o sr. Calderon que «o termo é muito vago: abrange discipulos do claro Renan e freguezes do obscuro Mallarmé». O mesmo, acaso sómente em maior escala passa aqui, conforme ficou assentado no texto supra. Diz mais o distinto escritor peruano que «si algo puede caracterizarlo és, en arte la aspiracion idealista que solidariza á la America del Sul contra las concepciones utilitarias del Norte». Não logro descobrir no Brasil vislumbre sequer de semelhante pensamento.

vez da pura sentimentalidade e do estreito nacionalismo romantico. Alguns dos principais representantes desta ultima fase da nossa evolução literaria, são, sem prejuizo do seu brasileirismo de raiz, cosmopolitas ou universais. Tais são Castro Alves, Tobias Barreto, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Eduardo Prado.

Antes da Republica, ou por espirito de opposição ao imperio catolico, ou por influencia desse pensamento moderno, eram os intellectuais brasileiros quasi todos livres pensadores, ou pelo menos espiritos de um larguissimo liberalismo, que roçava pelo livre pensamento. Este liberalismo foi aliás a feição conspicua do espirito brasileiro e da vida publica brasileira durante todo o reinado de D. Pedro II. Com a Republica, que não podia falhar á indole dictatorial e despotica do republicanismo latino e aos efeitos da sua educação pelo jacobinismo francez, atenuou-se essa feição e minguiu na politica, como na intelligencia nacional, aquele espirito liberal.

Uma escola literaria não morre de todo porque outra a substitue, como uma religião não desaparece inteiramente porque outra a suplanta. Tambem não acontece que um movimento ou manifestação colectiva de ordem intellectual, uma epoca literaria ou artistica, seja sempre conforme com o seu principio e conserve inteira a sua fisionomia e caracter. É, pois, obvio que aqui, como succedeu na Europa, ficaram germens ou antes restos do romantismo, como neste haviam ficado do classicismo. Misturados com o «scientificismo» do momento ou influidos por ele, esses remanescentes do romantismo confundiram-se na corrente geral daquelle originada, produzindo com outros estimulos e impulsos supervenientes algumas feições diversas na fisionomia literaria desta fase. Nenhuma, porem, tão distincta que force a discriminação

A dificuldade geralmente verificada desta discriminação sobe de ponto aqui, onde por inopia da tradição intellectual o nosso pensamento, de si mofino e incerto, obedece servil e canhestramente a todos os ventos que nele vêm

so prar, e não assume jamais modalidade formal e distinta. Sob o aspecto filosofico o que é possível notar no pensamento brasileiro, quanto é licito deste falar, é, mais talvez que a sua pobreza, a sua informidade. Esta é também a mais saliente feição da nossa literatura dos anos de 70 para cá. Disfarça-as a ambas, ou as atenua, o intimo sentimento comum do nosso lirismo, ainda em a nossa prosa manifesto, a sensibilidade facil, a carencia, não obstante o seu ar de melancolia, de profundeza e seriedade, a sensualidade levada até a lascivia, o gosto da retorica e do reluente. Acrescentem-se como caracteristicos mentais, a petulancia intelectual substituindo o estudo e a meditação pela improvisação e invencionice, a leviandade em aceitar inspirações desencontradas e a facilidade de entusiasmos irreflectidos por novidades esteticas, filosoficas ou literarias. A falta de outras qualidades, estas emprestam ao nosso pensamento e á sua expressão literaria, a forma de que, por mingua de melhores virtudes, se reveste. Aquelas revelam mais sentimentalismo que raciocinio, mais impulsos emotivos que consciencia esclarecida ou alumiado entendimento, revendo também as deficiencias da nossa cultura. Mas por ora, e a despeito da mencionada reacção do espirito scientifico e do pensamento moderno dele inspirado, somos assim, e a nossa literatura, que é a melhor expressão de nós mesmos, claramente mostra que somos assim.

Literatura é arte literaria. Sómente o escrito com o proposito ou a intuição dessa arte, isto é, com os artificios de invenção e de composição que a constituem é, a meu ver, literatura. Assim pensando, quiçá erradamente, pois não me presumo de infalivel, sistematicamente excluo da historia da literatura brasileira quanto a esta luz se não deva considerar literatura. Esta é neste livro sinonimo de boas ou belas letras, conforme a vernacula noção classica. Nem se me dá da pseudo novidade germanica que no vocabulo literatura compreende tudo o que se escreve num

paiz, poesia lirica e economia politica, romance e direito publico, teatro e artigos de jornal e até o que se não escreve, discursos parlamentares, cantigas e historias populares, emfim autores e obras de todo o genero (1).

Não se me impõe o conceito com tal grau de certeza que eu me não atreva a opor-lhe a minha heresia, quero dizer a minha humilde opinião. Com o mais recente e um dos mais justamente apreciados historiadores da literatura franceza, o sr. G. Lanson, estou que «a literatura destina-se a nos causar um prazer intelectual, conjunto ao exercicio de nossas faculdades intellectuais, e do qual lucrem estas mais força, ductilidade e riqueza. É assim a literatura um instrumento de cultura interior; tal o seu verdadeiro officio. Possui a superior excellencia de habituar-nos a tomar gosto pelas idéas. Faz com que encontremos num emprego do nosso pensamento, simultaneamente um prazer, um re-

(1) A novidade é aliás velha de mais de um seculo. Desde a primeira metade do seculo xviii os Benedictinos francezes publicaram uma *Histoire Littéraire de la France*, monumento de erudição e labor continuado pela Academia de Inscrições e Belas Letras, a qual contém quanto desde a idade média se escreveu em França, inclusivê documentos publicos e diplomaticos. E o italiano Tiraboschi, desde a segunda metade daquele mesmo seculo, publicava uma *Storia della Letteratura italiana* (Modena, 1772-1781, in-4.º, 14 vols.) onde incluiu escritos de todo estranhos á literatura, como a matematica, as sciencias fisicas e naturais, a teologia, etc.

A novidade germanica é, pois, latina e tem perto de dous seculos. Aqui mesmo não tem a novidade, de que se gaba, este liberrimo conceito de literatura. O «velho» Pereira da Silva, que nunca certamente ninguém, nem ele proprio, presumiu de revolucionario, já em 1842 escrevia: «A literatura é o desenvolvimento das forças intellectuais todas de um povo: e o complexo de suas luzes e civilização: é a expressão do grau de sciencias que ele possui: é a reunião de tudo quanto exprimem a imaginação e o raciocinio pela linguagem e pelos escritos.» (*Parnaso Brasileiro*, Rio, 1843, Introdução, 22). E o mesmo é o criterio de Varnhagen na sua fecunda introdução do *Florilejio* e ainda a de Wolf no seu *Brésil Littéraire*. Decididamente nada ha novo debaixo do sol.

poso, uma renovação. Descança das tarefas profissionais e sobreleva o espirito aos conhecimentos, aos interesses, aos preconceitos de officio; ella «humaniza» os especialistas. Mais do que nunca precisam hoje os espiritos de tempera filosofica; os estudos tecnicos de filosofia, porem, nem a todos são accessiveis. É a literatura, no mais nobre sentido do termo, uma vulgarisação da filosofia: mediante ella são as nossas sociedades atravessadas por todas as grandes correntes filosoficas determinantes do progresso ou ao menos das mudanças sociais; é ella quem mantém as almas, sem isso deprimidas pela necessidade de viver e afogadas nas preocupações materiais, a ancia das altas questões que dominam a vida e lhe dão um sentido ou um alvo. Para muitos dos nossos contemporaneos sumiu-se lhes a religião, anda lonje a sciencia; da literatura sómente lhes advem os estímulos que os arrancam ao egoismo estreito ou ao mister embrutecedor» (1). Não se poderia definir com mais cabal justeza, nem com mais elegante simplicidade, a literatura e sua importancia.

Muitos dos escritores brasileiros, tanto do periodo colonial como do nacional, comquanto sem qualificações propriamente literarias, tiveram todavia uma influencia qualquer em a nossa cultura, a fomentaram ou de algum modo a revelam. Bem mereceram pois da nossa literatura. Erro fóra não os admitisse sequer como subsidiarios, a historia dessa literatura. É tambem principalmente como tais que merecem consideradas obras, aliás por outros titulos notaveis, como a de Gabriel Soares ou os *Dialogos das Grandezas do Brasil*. Os portuguezes que no Brasil escreveram, embora do Brasil e de cousas brasileiras, não pertencem á nossa literatura nacional, e só abusivamente pode a historia destas occupar-se deles. O mesmo succede com outros estrangeiros que aqui fizeram literatura com o hispano-ame-

(1) *Histoire de la littérature française*, 12^{ème} edition, Paris, 1912, viii.

ricano Santiago Nunes Ribeiro, o hespanhol Pascoal, ou os francezes Emile Adet e Louis Bourgain. Aqueles pelo caracter e estilo de suas letras eram, como os mesmos brasileiros natos, portuguezes, e como o eram igualmente de nascimento e forçosamente de sentimento — que este se não naturaliza — como quaisquer outros estrangeiros, não cabem nesta historia. No seu primeiro periodo ela é a dos escritores portuguezes nascidos no Brasil, no segundo dos autores brasileiros de nascimento e actividade literaria. Os portuguezes que para cá vieram fazer literatura após a Independencia, Castilhos, Zaluaires, Novaes e outros, nem pela nacionalidade ou sentimento, nem pela lingua ou estilo, não pertencem á nossa literatura, onde legitimamente não se lhes abre lugar. São por todas as suas feições portuguezes. Assim os brasileiros que, alheando-se inteiramente do Brasil, em Portugal exerceram toda a sua actividade literaria, como o infeliz e engenhoso Antonio José e o preclaro Alexandre de Gusmão, tambem não cabem nela. Tudo autoriza a crer que Antonio José e Alexandre de Gusmão não teriam sido literariamente o que foram se houvessem ficado no Brasil. Foi, pois, Portugal, a sua patria literaria, como o Brasil foi a patria literaria de Gonzaga.

Não existe literatura de que apenas ha noticia nos repertorios bibliograficos ou quejandos livros de erudição e consulta. Uma literatura, e ás modernas de após a imprensa me refiro, só existe pelas obras que vivem, pelo livro lido, de valor efectivo e permanente e não momentaneo e contingente. A literatura brasileira (como aliás sua mãe, a portugueza) é uma literatura de livros na maxima parte mortos, e sobretudo de nomes, nomes em penca, insignificantes, sem alguma relação positiva com as obras. Estas, rarissimas são, até entre os letrados, os que ainda as versam. Não pode haver maior argumento da sua desvalia.

Por um mau patriotismo, sentimento funesto a toda a historia, que necessariamente vicia, e tambem por vaidade de erudição, presumiram os nossos historiadores literarios

vultar e valorizar o seu assunto, ou o seu proprio conhecimento dele, com fartos rões de autores e obras, acompanhados de elogios desmarcados e impertinentes qualificativos. Não obstante o pregão patriotico, tais nomes e obras continuaram desconhecidos eles e elas não lidas. Não quero cair no mesmo engano de supor que a critica ou a historia literaria têm faculdades para dar vida e merito ao que de si não tem. Igualmente não desejo continuar a fazer da historia da nossa literatura um cemiterio, enchendo-a de autores de todo mortos, alguns ao nascer. No periodo colonial haverá esta forçosamente de ocupar-se de sujeitos e obras de escasso ou até nenhum valor literario, como são quasi todas as dessa epoca. Não sendo, porem, esse o unico da obra literaria, nem o ponto de vista estetico e só de que podemos fazer a historia literaria, cumpre do ponto de vista historico, o mais legitimo no caso, apreciar autores e livros que, ainda áquela luz mediocres, têm qualquer importancia como iniciadores, precursores, inspiradores ou até simples indiculos de movimentos ou momentos literarios. É justamente naquele periodo de formação, o mais insignificante sob o aspecto estetico, mas não o menos importante do ponto de vista historico, que mais numerosos se nos depararão obras e individuos de todo mofinos. Temos, porem, de contar com eles, pois nessa formação actuaram sequer com o seu exemplo e ajudaram a manter a tradição literaria da raça. No segundo periodo da constituição da literatura a que, sem maior impropriedade, já podemos chamar de nacional, cumpre-nos ser ainda mais escassos em admitir tipos de insufficiente representação literaria. Cabe excluir-lhe da historia, que deve ser a da literatura viva, individuos e obras que virtudes de ideação ou de expressão não assinalaram bastante para poderem continuar estimados alem do seu tempo. Obras que apenas o acompanharam, sem nele influirem ou se distinguirem, ou que nem ao menos lhe representam dignamente o espirito e capacidade, ou ainda que não sejam a expressão de uma conspicua personalidade, apenas terão lugar á margem da literatura

tura e da sua história. Parece um criterio, não infalível mas seguro, de escolha, a mesma escolha feita pela opinião mais esclarecida dos contemporaneos, confirmada pelo juizo da posteridade. Rarissimo é que esta selecção, mesmo no Brasil, onde é licito ter por menos alumiada a opinião publica, não seja ao cabo justa, e só os que lhe resistem são dignos da historia literaria. Não pode esta, a pretexto de opiniões pessoais de quem a escreve, desatender á selecção natural que o senso comum opera nas literaturas. Cumpre-lhe antes acatal-a se não tem argumentos incontestaveis a opor-lhe. Em que pese á nossa pretensão de letrados, são os eleitos daquela opinião os que cabem na historia da literatura, que não queira invadir o dominio da bibliografia nem merecer o reproche de simplesmente impressionista.

A historia da literatura brasileira é, no meu conceito, a historia do que da nossa actividade literaria sobrevive na nossa memoria colectiva de nação. Como não cabem nela os nomes que não lograram viver alem do seu tempo, tambem não cabem nomes que por mais illustres que regionalmente sejam não conseguiram, ultrapassando as raias das suas provincias, fazerem-se nacionais. Este conceito presidiu á redacção desta historia, embora com a largueza que as condições peculiares á nossa evolução literaria impunham. Ainda nela entram muitos nomes que podiam sem inconveniente ser omitidos, pois de facto bem pouco ou quasi nada representam. Porem uma selecção mais rigorosa é trabalho para o futuro.

Os elementos biograficos, necessarios á melhor comprehensão do autor e da sua epoca literaria, como outros dados cronologicos, são da maior importancia para bem situar nestas obras e autores e indicar-lhes a acção e reacção. A historia literaria deve, porem, antes ser a historia daquelas do que destes. Obras e não livros, movimentos e manifestações literarias sérias e consequentes, e não modas e rodas literarias, eiva das literaturas contemporaneas, são, a meu ver, o immediato objecto da historia da literatura. Um

pode constituir uma obra (1), *vin* ~~te~~ *podem não fazel-a.*
 obras e não livros, escritores e não *meros autores que*
 e ilustram uma literatura. Em a *noossa deparam-se*
 a cada passo sujeitos que sem vocação nem engenho
 rario, embora não de todo sem entendimento ou estro,
 duziram, geralmente em moços, um livro, um ou mais
 mas ou outra pequena e não repetida obra literaria.
 Outros até a *repetem* em maior numero de volumes. Mais
 que a vocação que não tinham, moveu-os a vaidade, a pre-
 sunção da *notoriedade* que a autoria dá ou quejando pas-
 sa *seiro estímulo.* No reinado de D. Pedro II, monarca ama-
 dor de letras e *caroavel* aos letrados, por lhe armar á
 benevolencia e *patrocínio*, foi comum fingirem-se muitos
 de amantes daquelas e as praticarem, mesmo assidua-
 mente, mais por ventura do que lhes pedia a vocação ou
 consentia o talento. Alguma vez foi esse labor sincero, se
 bem que efeito de uma inspiração circunstancial e momen-
 tanea, que se não repetindo descobre-lhe a insuficiencia.
 Tais autores esporadicos, amadores sem engenho nem ca-
 pacidade literaria, e tais obras casuais, produtos de uma
 inspiração fortuita ou interesseira, não pertencem á litera-
 tura e menos á sua historia.

Seja qual fôr o *nosso* parecer sobre o valor da obra
 literaria, isolada ou em relação com o seu meio e tempo,
 prevalece a noção do senso comum que em todo caso ela
 precisa de virtudes de pensamento e de expressão com
 que logre a estima e agrado geral. A que não as tiver é
 obra de nascença morta. As qualidades de expressão, po-
 dem, não são apenas atributos de forma sob o aspecto gra-
 matical ou estilistico, se não virtudes mais singulares e
 subidas de intima conexão entre o pensamento e o seu
 enunciado. Não é escritor senão o que tem alguma cousa

(1) Não ignoro que nesta *acepção* a palavra «obra» não é ri-
 gorosamente vernacula. Mas o seu uso geral *e* a sua absoluta ne-
 cessidade parece lhe legitimam o emprego no *sentido* do texto.

interessante do dominio das idéas a exprimir e sabe exprimir-a por escrito, de modo a lhes aumentar o interesse, a tornal-o permanente e a dar aos leitores o prazer intelectual que a obra literaria deve produzir.

Confesso haver hesitado na exposição da marcha da nossa literatura, se pelos generos literarios, poesia epica, lirica ou dramatica, historia, romance, eloquencia e que tais, consagrados pela retorica e pelo uso, ou se apenas cronologicamente, conforme a sequencia natural dos factos literarios. Ative-me afinal a este ultimo alvitre, menos por julgal-o em absoluto o melhor que por se me antolhar o mais consentaneo com a evolução de uma literatura, como a nossa, em que os factos literarios, mormente no periodo de sua formação, não são tais e tantos que lhes permitam a exposição e estudo conforme determinadas categorias. Nesse periodo e ainda no seguinte aqueles diferentes generos não apresentam bastante materia á historia, sem perigo desta derramar-se ociosamente. Ao contrario expor esses factos na ordem e segundo as circunstancias em que eles se passam, as condições que os determinam e condicionam e as feições caracteristicas que afectam, parece fará mais ínteligivel a nossa evolução literaria com a vantagem de guardar maior respeito ao principio da ultima unidade da literatura. Nesta, como na arte e na sciencia, é conspicua a função do factor individual. Um escritor não pode ser bem entendido na sua obra e acção senão visto em conjunto, e não repartido conforme os generos diversos em que provou o engenho.

Refugi tambem á praxe das citações mais ou menos extensas dos autores tratados, limitando-as a raros exemplos, quando absolutamente indispensaveis á justificação de algum conceito. É possivel, e até provavel, que mais de um deste livro se encontre e ajuste, com os de outrem. Apezar da diversidade proverbial dos gostos e da variedade das determinantes das nossas opiniões, não é infinita a capacidade de variação em assuntos dos quais o gosto indi-

vidual não é mais o unico juiz. Forçosamente hão-de algumas vezes as nossas opiniões coincidir com alheias. O importante é que as minhas eu as tenha feito com estudo proprio e directo dos factos e monumentos literarios e isso protesto ter sempre feito. Muito presumido e tolo seria o escritor, maximé o historiador literario, que supozesse não fazer senão cousas de todo originais e ineditas ou poder evitar os infalveis encontros de opiniões:

*Il faut être ignorant comme un maitre d'école
Pour se flatter de dire une seule parole
Que personne ici-bas n'ait pu dire avant vous.*

Por motivos obvios de discrição literaria não se quizera este livro ocupar senão de mortos. Esta norma, porem, era quasi impossivel segui-la na ultima fase da nossa literatura, vivendo ainda, como felizmente vivem, alguns dos principais representantes dos movimentos literarios nela ocorridos; calar-lhes os nomes seria deixar suspensa a historia desses movimentos. Ainda assim apenas ocasionalmente, por amor de completar ou esclarecer a exposição, se dirá de vivos.

Tal o espirito em que após mais de vinte e cinco anos de estudo da nossa literatura empreendo escrever-lhe a historia. Não me anima, em toda a sinceridade o digo, a presunção de encher nenhuma lacuna nem de prevalecer contra o que do assunto ha escrito, certamente com maior cabedal de saber e mais talento. Não ha materia que disdese novos estudos. Existe sempre em qualquer uma, lugar para outros labores. Não desconheço o que devo aos meus benemeritos predecessores desde Varnhagen até o Sr. Sylvio Romero.

Pela copia, valia e influencia de sua obra de investigação da nossa historia literaria, é aquele o verdadeiro fundador da historia da nossa literatura. Depois dele esta, em que pése á ingrata presunção em contrario, não fez mais

que repetil-o, ampliando-o. Cronologicamente, não o ignoro, o precederam Cunha Barbosa, Norberto Silva, Gonçalves de Magalhães, Pereira da Silva, Bouterweck, Sismonde de Sismondi e Ferdinand Diniz. Nenhum, porem, fez investigações originaes ou estudos acurados e alguns apenas se ocuparam da nossa literatura ocasional e episodicamente. E todos, repito, até o advento de Vernhagen, a fizeram superficialmente, apenas repetindo parcas noções hauridas em noticiadores portuguezes, divagando retoricamente a respeito, sem nenhum ou com escasso conhecimento pessoal da obra literaria aqui feita. Decididamente o primeiro que o teve cabal foi Vernhagen. Prestante e estimavel como recolta de documentos da poesia brasileira, que sem ele se teriam talvez perdido, tem somenos merito como informação historica o *Parnaso Brasileiro*, do Conego Januario da Cunha Barbosa. Pereira da Silva nenhuma confiança e pouca estima merece como historiador literario. Nunca investigou seriamente cousa alguma e está cheio de erros de facto e de apreciação já no seu tempo indesculpaveis. Magalhães apenas mostrou a sua ignôrança do assunto, que não estudou, limitando-se a uma amplificação retorica. Depois de Varnhagen é Norberto Silva o mais operoso, o mais seguro dos primitivos estudiosos da nossa literatura, cuja historia projectou escrever. As suas numerosas contribuições para ela, infelizmente na maior parte avulsas e dispersas em prefacios, revistas e jornais, são geralmente relevantes. Aproveitando inteligentemente o trabalho destes e de outras fontes de informação e as noticias e esclarecimentos pessoais de Magalhães e Porto-Alegre, o austriaco Fernando Wolf publicou (Berlim, 1863) a sua ainda hoje muito estimavel *Histoire de la Littérature brésilienne*, a primeira narrativa sistematica e exposição completa, até aquella data, da nossa actividade literaria, compreendendo o romantismo. Trouxe-a até os nossos dias o sr. dr. Sylvio Romero numa obra que quaiquer que sejam os seus defeitos não é menos um distinto testemunho da nossa cultura literaria no ultimo quartel do seculo passado.

A *Historia da Literatura brasileira* do sr. dr. Sylvio Romero é sobretudo valiosa por ser o primeiro quadro completo não só da nossa literatura mas de quasi todo o nosso trabalho intelectual e cultura geral, pelas idéas gerais e listas filosoficas que na historia da nossa literatura introduziu, e tambem pela influencia excitante e estimulante que exerceu em a nossa actividade literaria de 1880 para cá.

Com diverso conceito do que é literatura, e sem fazer obra de filosofia ou estetica systematica, aponta esta apenas a fornecer aos que por ventura se interessem pelo assunto uma noção tão exacta e tão clara quanto em meu poder estiver, do nosso progresso literario, correlacionado com a nossa evolução nacional. E foi feita, repito-o desenganadamente, no estudo directo das fontes, que neste caso são as mesmas obras literarias, todas por mim lidas e estudadas, como aliás rigorosamente me cumpria.

Rio, 4 de Dezembro de 1912.

José Verissimo.



PERIODO COLONIAL

CAPITULO I

A primitiva sociedade colonial

O inicio da colonização do Brasil pelos portuguezes coincidiu com a mais brilhante epoca da historia deste povo e particularmente com o mais notavel periodo da sua actividade mental. É o seculo chamado aureo da sua lingua e literatura, o seculo dos seus maximos prosadores e poetas, com Camões á frente.

Essa curta renascença geral e florescimento literario de Portugal, não passou, porem, nem podia passar, á sua grande colonia americana. Se aquela interessava á massa da nação, que lhe assistia ás manifestações e experimentava os efeitos, esta apenas tocava o circulo estreito que ali, como então em toda a Europa, advertia em poetas e literatos. Roda de fidalgos, de cortesãos, de ecclesiasticos, os quais, justamente os mais cultos, rarissimos se iam a conquistas e empresas ultramarinas. O grosso dos que se elas metiam eram da multidão ignara que constituia a maioria da nação, o «vulgo vil sem nome» de que, com o eu desdem de fidalgo e letrado, fala o Camões, chefiados por barões apenas menos incultos do que eles. Nem o empenho que os cá trazia lhes consentia outras preocupações que as puramente materiais de a todo o transe assenhorearem a terra, lhe dominarem o gentio e aproveitarem a riqueza, exagerada pela sua mesma cubiça.

Não é, pois, de estranhar que em nenhum dos primei-

ros cronistas e noticiadores do Brasil, no primeiro e ainda no segundo seculo da colonização, mesmo quando já havia manifestações literarias, se não encontre a menor referencia ou alusão a qualquer forma de actividade mental aqui, a existencia de um livro, de um estudioso ou cousa que o valha. O padre Antonio Vieira, homem de letras como era, em toda a sua obra, abundante de noticias, referencias e informes do Brasil do seculo xvii, apenas uma vez, accidental e vagamente lhe alude á literatura. Foi quando, escrevendo ao mordomo-mór do Reino, contou, jogando de vocabulo, que na Baía, «sobré se tirarem as capas aos homens (por decisão de um novo governador) têm dito mui lindezas os poetas, sendo maior a novidade deste ano (1682) nestes engenhos do que nos de assucar» (1).

Entretanto no tempo de Vieira, a maior parte do seculo xvii, já no Brasil havia manifestações literarias no mediocre poema de Bento Teixeira (1601) e nos poemas e prosas ainda então ineditas mas que circulariam em copias ou seriam conhecidas de ouvido, de seu proprio irmão Bernardo Vieira Ravasco, do padre Antonio de Sá, prègador, de Eusebio de Matos e de seu irmão Gregorio de Matos, o famoso satírico, de Botelho de Oliveira, sem falar nos que incognitos escreviam relações, noticias e cronicas da terra, um Gabriel Soares (1587), um Frei Vicente do Salvador, cuja obra é de 1627, o ignorado autor dos *Dialogos das grandezas do Brasil* e outros de que ha noticia

Não trouxeram, pois, os portuguezes para o Brasil algo do movimento literario que ia áquela data em sua patria. Mas evidentemente trouxeram a capacidade literaria já ali desde o seculo xiii pelo menos revelada pela sua gente e que naquele em que aqui se começaram a estabelecer atingia ao seu apogeu. As suas primeiras preocupações de

(1) *Cartas*, Lisboa, Seabra e Antunes, 1854, II, 112. No tomo III, 92, ha outra alusão aos poetas da Baía daquele tempo, porem ainda mais insignificante.

Ordem espiritual, que possamos verificar, produziram-se quasi meio seculo após o descobrimento com a chegada dos primeiros jesuitas em 1549, e sob a influencia destes. As escolas de ler, escrever e contar, gramatica latina, casos e consciencia, doutrina cristã e mais tarde retorica e filosofia escolastica, logo abertas por esses padres nos seus collegios», immediatamente á sua chegada fundados, foram fonte donde promanou, no primeiro seculo, toda a cultura brasileira e com ela os primeiros alentos da literatura.

A terra achada «por tanta maneira graciosa» pelos seus descobridores, e que aos primeiros que a descreveram se reparou magnifica, só muito mais tarde entrou a influir no animo dos seus filhos os incitamentos das suas excellencias. E isso de leve e de passagem, embora com repetições que fariam dessa impressão uma sensação duradoura e característica em a nossa poesia.

A gente que a habitava, broncos selvagens sem sombra de literatura, e cujos mitos e lendas passaram de todo despercebidos aos primeiros colonizadores e a seus immediatos descendentes, não podia de modo algum influir na primitiva emoção poetica brasileira. Só com o tempo e muito lentamente, pelo influxo da sua indole, do seu temperamento, da sua idiosincrasia na gente resultante dos seus primeiros cruzamentos com os europeus, viria ela a actuar no sentimento brasileiro. Mas ainda por forma que ninguém pode, sem petulancia ou inconsciencia, gabar-se de discriminar e explicar. É da mesma natureza indirecta, reixa, imponderavel, a influencia que possa haver tido e que certamente teve no mesmo sentimento, o elemento africano, que desde o primeiro seculo se caldeou com o portuguez e o indio para a constituição do nosso povo. Ainda que o gentio selvagem, com quem entraram os conquistadores em contacto, tivesse uma poesia de forma metrica, o que é mais que duvidoso, não se descobre meio de demonstrar não só que ela houvesse em tempo algum influido na inspiração dos nossos primeiros poetas, ou como poderia ter influido. Absolutamente se não descobriu

até hoje, mau grado as asseverações fantasistas e gratuitas em contrario, não diremos um testemunho, mas uma simples presunção que autorize a contar quer o indio, quer o negro, como factores da nossa literatura. Apenas o teriam sido mui indirectamente como factores da variedade ethnica que é o brasileiro. Mas ainda assim a determinação dos elementos com que cada um deles entrou para a formação da psique brasileira, e portanto das suas emoções em forma literaria, é impossivel, se não nos queremos pagar de vagas palavras e conceitos especiosos. Ha bons fundamentos para supor que os primeiros verzejadores e prosistas brasileiros, eram brancos estremes, e até de boa procedencia portugueza. É, portanto, o portuguez, com a sua civilização, com a sua cultura, com a sua lingua e literatura já feita, e até com o seu sangue, o unico factor certo, positivo e apreciavel nas origens da nossa literatura. E o foi emquanto se não realizou o mestiçamento do paiz pelo cruzamento fisiologico e psicologico dos diversos elementos ethnicos que aqui concorreram, do qual resultou o tipo brasileiro diferenciado por varias feições fisicas e morais do seu principal genitor, o portuguez. Forçosamente lenta em fazer-se, e ainda mais em actuar espiritualmente, não podia esta mestiçagem haver influido na mente brasileira senão superficial, indefinida e morosamente. Em todo caso as duas raças inferiores apenas influiram pela via indirecta da mestiçagem e não com quaisquer manifestações claras de ordem emotiva, como sem nenhum fundamento se lhes attribuiu.

A sociedade que aqui existiu no primeiro seculo da conquista e da colonização (1500-1600) e a que desta se foi desenvolvendo pela sua multiplicação, logo aumentada pelo cruzamento com aquelas raças, era em suma a mesma de Portugal nesse tempo, apenas com o amesquinhamento imposto pelo meio fisico em que se encontrava. A todos os respeitos nela predominava o portuguez. Indios e negros eram apenas o instrumento indispensavel ao seu proposito

de assenhorear e explorar a terra e á necessidade de sua reparação. Salvo excepções diminutas, esse portuguez pertencia ás classes inferiores do Reino, e quando acontecia não lhes pertencer pela categoria social, era-o de facto pelas condições morais e economicas. Soldados de aventura, alguns pobres e desqualificados, assoldados de donatarios, capitães-mores e conquistadores, tratantes avidos de novas mercancias, clerigos de nenhuma virtude, gente sujeita á policia da metropole, alem de homisiados e degradados, eram, em sua maioria, os componentes da sociedade portugueza para aqui transplanteda. Os seus costumes disolutos, a sua indisciplina moral e mau comportamento social são o tema de acerbas queixas não só dos jesuitas, que acaso no seu rigor de moralistas austeros lhes exageravam os defeitos, mas das autoridades régias, dos cronistas e mais noticiadores. Justamente ao tempo da constituição das capitánias gerais a sociedade portugueza tinha descido ao ultimo grau da desmoralização e relaxamento de costumes (1). Um dos mais perspicazes observadores da primitiva sociedade colonial brasileira, o autor incognito dos *Dialogos da grandeza do Brasil*, explicando em 1618 porque apesar da abundancia da terra era tanta a carestia das cousas de maior necessidade, atribue a culpa á negligencia e pouca industria dos moradores que todos não pensavam senão em voltar ao Reino sem cuidarem do adiantamento e futuro da mesma terra. «O estado do Brasil todo em geral, escreve ele no seu estilo ingenuamente vernaculo, se forma de cinco condições de gente a saber: marinha, que trata de suas navegações e vem aos portos das capitánias deste Estado com suas naus e caravelas carregadas de fazendas que trazem por seu frete, aonde descarregam e adubam as suas naus e as tornam a carregar, fa-

X (1) Veja esse triste quadro, admiravelmente pintado por Alexandre Herculano, *Historia da Origem da Inquisição em Portugal*, Lisboa, 5.ª edição, 1897, III, 37 e seg.

zendo outra vez viagem com carga de assucares, pau do Brasil e algodão para o Reino, e de gente desta condição se acha, em qualquer tempo do ano, muita pelos portos das capitánias. A segunda condição de gente são os mercadores, que trazem do Reino as suas mercadorias a vender a esta terra, e comutar por assucares, do que tiram muito proveito; e daqui nasce haver muita gente desta qualidade nela com as suas lojas de mercadorias abertas, e tendo correspondencia com outros mercadores do Reino que lh'as mandam. Como o intento destes é fazerem-se sómente ricos pela mercancia, não tratam do aumento da terra, antes pretendem de a esfolarem tudo quanto podem. A terceira condição de gente são officiaes mecanicos de que ha muitos no Brasil de todas as artes, os quais procuram exercitar, fazendo seu proveito nelas, sem se lembrarem de nenhum modo do bem comum. A quarta condição de gente é de homens que servem a outros por soldada que lhes dão, ocupando-se em encaixotamento de assucares, feitorizar canaviaes de engenho e criarem gados, com nome de vaqueiros, servirem de carreiros e acompanharem seus amos, e de semelhante gente ha muita por todo este Estado, que não tem nenhum cuidado do bem geral. A quinta condição é daqueles que tratam da lavoura e estes tais se dividem ainda em duas especies: uma a dos que são mais ricos, têm engenhos com o título de senhores deles, nomes que lhes cede Sua Majestade e suas cartas e provisões, e os demais têm partidos de canas; a outra, cujas forças não abrangem a tanto, se ocupam em lavrar mantimentos, legumes, e todos, assim uns como os outros, fazem as suas lavouras e grangearias com escravos da Guiné.....; e como o de que vivem é sómente do que grangeam com os tais escravos, não lhes sofre o animo ocupar a nenhum deles em cousa que não seja tocante a lavoura, que professam de maneira que têm por tempo perdido o que gastam em plantar uma arvore que lhes haja de dar fruto em dous ou tres anos, por lhes parecer que é muita demora; porque se ajunta a isto o cuidar cada um deles que logo

em breve tempo se não de embarcar para o Reino, e não basta a desenganal-os desta opinião mil dificuldades que a olhos vistos lhe impedem podel-a fazer; por maneira que este presuposto que têm todos em geral de se haverem de ir para o Reino com a cobiça de fazerem mais quatro pães de assucar, quatro covas de mantimentos, não ha homem em todo este Estado que procure nem se disponha a plantar arvores frutiferas nem fazer as bemfeitorias das plantas que se fazem em Portugal e pelo conseguinte se não dispoem a fazerem criações de gado e outras, e se algum o faz é em muita pequena quantidade e tão pouca que a sustenta toda consigo mesmo e com a sua familia. E daí resulta a carestia e falta destas cousas...» (1).

É o depoimento de uma testemunha de vista, intelligente e intencionada e insuspeita por sua nacionalidade, sobre os elementos de que se ia formando a vida economica da nova sociedade portugueza na America, e a primeira relação do desapego á terra pelos seus mesmos povoadores, daquilo que um historiador nosso chamou transoceânico (Capistrano de Abreu). Ainda mesmo para a apreciação do presente, não perderam todo o interesse estas suas observações, cuja exactidão aliás outros documentos contemporaneos confirmam.

Assim escreve no começo do seculo xvii, o nosso historiador Frei Vicente do Salvador: «E deste modo se hão os povoadores, os quais, por mais arraizados que na terra sejam e mais ricos que sejam, tudo pretendem levar a Portugal, e, se as fazendas e bem que possuem souberam fazer também lhes houveram de ensinar a dizer como os pagaios, aos quais a primeira cousa que ensinam é *Pagaio real, para Portugal*, porque tudo querem para lá. E isto não tem só os que de lá vieram, mas ainda os que nasceram, que uns e outros usam da terra não como

(1) Revista do Instituto Arqueologico Pernambucano, Recife, outubro de 1886, 13 e seg.

senhores mas como usufrutuários, só para a desfrutarem e a deixarem destruída» (1).

Não numera o autor do *Dialogos* nem os oficiais publicos da governança, nem a clerezia, nem os homens d'armas da conquista e defeza da colonia. Eram a gente parasita sempre suspirosa por tornar á terra, sem nenhum animo de ficada aqui. Officiais e mecanicos e ainda some-nos individuos, mal aqui chegados tornavam-se de uma filaucia que deu na vista a mais de um observador. A escravidão exonerando-os de trabalhar e habituando-os a viver como no Reino viam viverem os fidalgos, insuflavam-se das fumaças destes. Brandonio, no terceiro *Dialogo*, observava ao seu interlocutor Alviano, que a gente do Brasil era mais afidalgada do que ele imaginava, e aos seus escravos incumbia todo o trabalho. Com estes informes devemos crer não andam muito longe da verdade os noticiadores da corrupção que logo eivou a primitiva sociedade colonial brasileira.

O seu primeiro estabelecimento foi, com a unica excepção de São Paulo, todo no litoral, á beira-mar. As suas vilas e cidades primitivas, desde São Vicente e Olinda até a do Salvador, enquanto não entraram a construir casas de adobe á moda de Portugal, não se diferenciariam notavelmente das aldeias indigenas aqui encontradas, construídas de paus toscos ou folhagens. E como ali continuariam a viver desconfortavelmente, incomodamente, sordidamente, faltos de moveis, de alfaias e de asseio, segundo viviam os mesmos fidalgos e burguezes no Reino (2).

As mulheres brancas eram raras, as donas e senhoras rarissimas. As familias existentes na maior parte teriam

(1) Nos *Materiais e Achegas para a historia e geografia do Brasil*, por Capistrano de Abreu e Vale Cabral, Rio de Janeiro, 1887, 8.

(2) Sobre o português do século xv (que seria o mesmo do século xvi) vidé o notavel livro de Costa Lobo, *Historia da sociedade em Portugal no século XV*, Lisboa, 1903, 1, 107 e seg.

vinho constituídas de Portugal e muito poucas seriam. As formadas aqui, por motivo da escassez de mulheres brancas, seriam ainda menos. As demais resultavam de uniões irregulares dos colonos com as suas negras, conforme principiaram os portuguezes a chamar ás índias, ou do seu casamento com estas, como começou a acontecer por influencia dos jesuitas, e mais tarde foi acoçoado pelo rei. As numerosas filhas ilegítimas ou legitimadas do Caramurá casaram com fidalgos e soldados da conquista e seriam mais brancas ainda escuras, do primeiro sangue, e umas brancas e outras aboclas. Ao contrario do que passou na America ingleza, exceptuando algum ecclesiastico ou alto funcionario, quasi não veio para o Brasil nenhum reinól instruido, e ainda incluindo estes pode dizer-se que no primeiro seculo da colonização não houve aqui algum representante da boa cultura européa dessa gloriosa éra.

O mais antigo assento da primeira sociedade brasileira que não desmereça o nome de civilizada, foi a capitania de Pernambuco de Duarte Coelho. Este fidalgo da primeira nobreza portugueza e ilustrado por bizarros feitos militares na India desde 1534 se estabeleceu na sua capitania com a sua mulher, da casa dos Albuquerque, um cunhado, outros fidalgos e cavaleiros de suas relações ou parentescos, e muitos colonos, os melhores talvez dos que nesses tempos vieram ao Brasil. A sua colonia foi a mais bem ordenada e a mais bem governada de todas e a que mais prosperou. Mas mesmo aí não faltam testemunhos da descompostura dos costumes coloniais. Jeronimo de Albuquerque, cunhado do austero donatario, quando casou de ordem da rainha escandalizada com a sua libertinagem, fez-se acompanhar de onze filhos naturais que tivera, uns da filha do xaua Arco Verde, outros de suas mancebas índias (1). A policia material criada pela forte e esclarecida

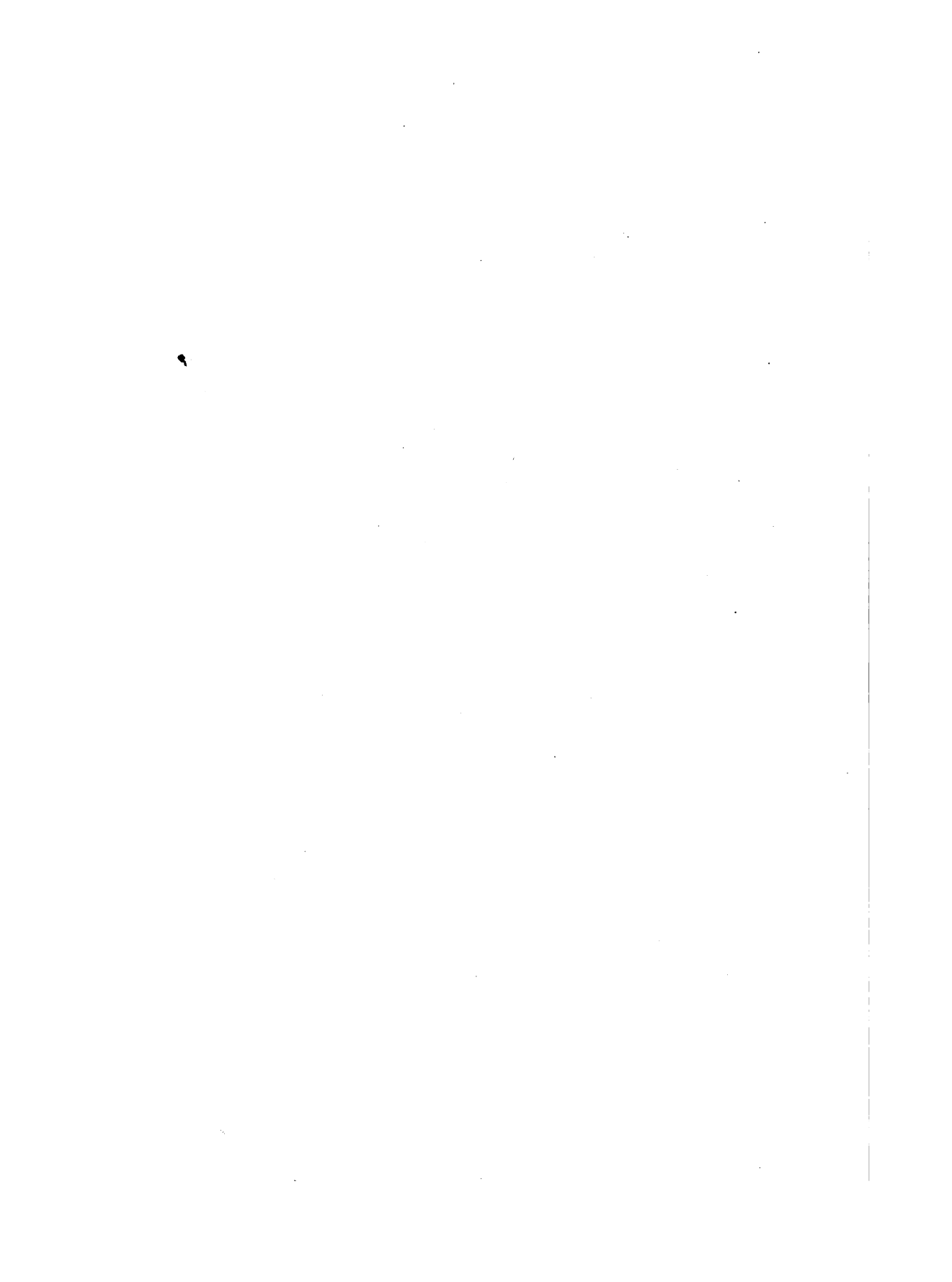
(1) Oliveira Lima, *Pernambuco. Seu desenvolvimento historico*, Leipzig, 1895, 14.

vontade de Duarte Coelho, parece ter aí correspondido ao principio da maior homogeneidade social, nos elementos mais coerentes da colonização e no maior numero e melhor qualidade dos primeiros colonos. Tambem as da terra favoreciam-lhe o aproveitamento, facilitado ainda, com o seu adiantamento e a obra do seu donatario, pela maior proximidade do Reino e mais frequentes e rapidas comunicações com ele. Duarte Coelho não parece ter sido um fidalgo sem letras, e as apreciaria por que elas, com João de Barros, o tinham celebrado e a parentes seus por suas façanhas na India. Dous dos seus descendentes e sucessores na capitania-mór de Pernambuco foram homens de letras. Não admira, pois, que desta sociedade onde já havia sociabilidade e luxo, saísse a mais antiga obra literaria brasileira, a *Prosopopéa*, de Bento Teixeira, em 1601.

A fundação do governo geral da Baía e consequente centralização da vida colonial da cidade e do Salvador expressamente fundada para esse efeito, criou na segunda metade do seculo xvi, quando justamente começava a definir a prosperidade de Pernambuco, a segunda sociedade menos grosseira que houve no Brasil. Não era tão escolhida como a de Duarte Coelho a colonia trazida por Tomé de Souza. Era, porem, mais numerosa e compunha-se de mais variados e a certos respeitos mais prestaveis elementos de colonização, officiais e mestres de officios, mecanicos, tecnicos, artesãos, alem de agricultores e obreiros comuns. Trouxe mais o governador geral a primeira leva daquelles padres que iam ser o principal instrumento da civilização do paiz, como ela sómente se podia fazer aqui — os jesuitas. A cidade cresceu em numero e importancia de predios e aumentou em população. Os jesuitas fundaram colegio e outros religiosos conventos, distribuindo todos instrução aos meninos portuguezes e indigenas. Ao redor da cidade fizeram-se engenhos. Todo o Reconcavo se foi povoando, contribuindo para o aumento de Salvador, que se fazia uma pequena côrte tão disparatada nos seus varios aspectos, costumes e vestuarios,

quanto o eram os elementos que a formavam: fidalgos, cavaleiros, funcionarios, mecanicos, soldados, indios, negros, bem trajados uns, maltrapilhos outros, seminús aqueles. Gibões de veludo e seda bordados d'ouro e enfeites de penas á guiza de roupa. Muitos frades, padres em demasia.

Por divertimentos comuns, ou jogos ilicitos ou festas de igreja, e extraordinariamente touradas, cavalhadas, canas. Soltura de costumes, viver desregrado, habitos de ociosidade. Emfim a vida das sociedades coloniais incipientes, compostas de elementos disparatados, e dispostos a desferrarem-se da disciplina e constrangimento das metropoles por uma vida á manga lassa. Procuravam conter-lhe os impetos e desmandos, aliás com pouca eficacia, o governador e seus auxiliares e os padres, principalmente, a acreditar-os, os jesuitas, que aliás constantemente ralham contra esta sociedade. O decorrer dos tempos lhe não modificou consideravelmente a constituição politica e moral. Ela permaneceu essencialmente a mesma na sua feição ethnica, na sua constituição fisiologica, como na sua formação psicologica, isto é, permaneceu portugueza, ao menos até as guerras holandezas, na primeira metade do século xvii. Por isso é que durante todo o periodo colonial, salvo algumas raras, mofinas e intermitentes manifestações de nativismo, a literatura aqui é inteiramente portugueza, de inspiração, de sentimento e de estilo. Não fazemão imitar inferiormente, sem variedade nem talento, a da mãe patria. E milagre seria se assim não fosse.



CAPITULO II

Primeiras manifestações literarias

OS VERSEJADORES

As literaturas começam sempre por um livro, que frequentemente não tem outro merito que o da prioridade. Literatura oral, como foi primeiramente a nossa, é apenas uma acepção particular, larga demais e abusiva desse vocabulo. Não importa que esse livro seja uma obra prima ou sequer estimavel; basta que tenha a intenção, o feitio e o character da obra literaria. E que se lhe possa descobrir, ou mesmo emprestar, uma representação da sociedade ou da vida que o produziu. Mas o só factio de ser o ponto de partida de uma literatura lhe marca na historia dela um lugar irrecusavel.

Qual foi o brasileiro que, quando ainda mal se esboçava aqui uma sociedade, escreveu e publicou uma obra literaria?

Ha varias e incertas noticias de uma cronica escrita em Pernambuco talvez antes do seculo de 600. Seria por ventura o primeiro escrito feito no Brasil. Sobre se não saber nada a seu respeito, nem do seu autor, sequer se era brasileiro, é duvidoso tivesse essa obra alguma importancia para a historia da nossa literatura. Mas independentemente da sua existencia e qualificação literaria «foi Pernambuco o lugar em que abrolhou a flor literaria em nossa patria» (1).

(1) Capistrano de Abreu, *Introdução á Historia do Brasil*, por Frei Vicente do Salvador, nos *Anais da Biblioteca Nacional*, do Rio de Janeiro, XIII, II.

«Para este resultado — explana o insigne sabedor que o verificou — concorreu mais de um factor. Pernambuco desenvolveu-se regularmente; Duarte Coelho desde o desembarque e empossamento da terra domou os indios, que nunca mais fizeram-lhe frente com bom exito; os colonos viram logo remunerados os seus labores; o solo era fertil; a vida facil; a sociabilidade e o luxo consideraveis; a população branca em geral de origem comum (Viana) apresentando menos elementos disparatados, mais depressa tendia a unificação; o sentimento caracteristico do nosso seculo xvi — o desprezo e desgosto pela terra brasileira, o transoceanismo... ali primeiro arrefeceu. Acrescente-se a facilidade e frequencia de viagens á Europa, a consequente abundancia de comodidades, cuja ausencia algures tornava o paiz detestado e detestavel; o natural versar de livros historicos, como o de João de Barros, em que fulgiam os nomes de Albuquerque e Duarte Coelho, a tendencia literaria dos capitães-móres de terra... que escreveram livros» (1).

Em 1601 safa em Lisboa, da imprensa de Antonio Alvarez, um opusculo de dezoito paginas, in-4.º, trazendo no alto da primeira do texto este titulo: *Prosopopéa dirigida a Jorge Dalbuquerque Coelho, Capitão, e Governador de Pernambuco, nova Lusitania, etc.* O nome do autor Bento Teyxeyra vinha, assim escrito, em baixo do Prologo, no qual fazia ao seu heroe o oferecimento da obra.

É um poema de noventa e quatro oitavas, em verso endecassilabo, sem divisão de cantos, nem numeração de estrofes, cheio de reminiscencias, imitações, arremedos e parodias dos *Lusiadas*. Não tem propriamente acção, e a prosopopéa donde tira o nome está numa fala de Proteu, profetizando *post facto*; os feitos e a fortuna, exageradamente idealizados, dos Albuquerques, particularmente de Jorge, o terceiro donatario de Pernambuco, ao qual é consagrado.

(1) Obra e lug. cit.

Não tem merito algum de inspiração, poesia ou forma. Afóra a sua importancia cronologica de primeira produção literaria publicada de um brasileiro, pouquissimo valor tem. No meio da propria ruim literatura poetica portugueza do tempo — aliás, a só atender á data em que possivelmente foi este poema escrito, a melhor epoca dessa literatura — não se elevaria este acima da multidão dos maus poetas iguais.

O poeta ou era de si mediocre, ou bem novo e inexperienced quando o escreveu. Confessa aliás no seu Prologo, já gongorico antes do gongorismo (tanto o vicio é da nossa raça) que eram as suas «primeiras primicias». Não se sabe se veiu a dar fruto mais sazonado. Nos seus setecentos e cincoenta e dous versos apenas haverá algum notavel, pela idéa ou pela forma. São na maioria prosaicos, como banais são os seus conceitos. A lingua não tem distincção ou relevo, e o estilo traz já todos os defeitos que maculam o peor estilo poetico do tempo, e seriam os distintivos da má poesia portugueza do seculo seguinte, o vasio ou o affectado da idéa e a penuria do sentimento poetico, cujo realce se procurava com afeites mitologicos e reminiscencias classicas, improprios e incongruentes, sem sombra do genio com que Camões, com successo unico, restaurara esses recursos na poesia do seu tempo.

Conforme a regra classica, começa o poema pela invocação. É de justiça reparar que começa com uma novidade, a invocação é desta vez dirigida ao Deus dos cristãos. Alem do Deus, invoca a Jorge de Albuquerque «o sublime Jorge em que se esmalta a estirpe de Albuquerque excelente» com versos directamente imitados do *Lusiadas*. A memoria fresca do poema de Camões está por todo o poema do nosso patricio, em que não ha só reminiscencias, influencias, mas versos imitados, parodiados, alguns quasi integralmente transcritos, e ainda alusões á grande epopéa portugueza. Nada porem comparavel ao genio criador com que Camões soube imitar e superar os seus modelos.

Depois da invocação preceitual segue-se no poema de

Bento Teixeira, como tambem era de regra, a «narração» expressamente designada do livro.

A acção do poema é falada ou narrada. Proteu a diz de sobre o recife de Pernambuco. Seis estrofes o descrevem, de um modo insipido, pura e secamente topografico:

Para a parte do sul onde a pequena
Ursa, se vê de guardas rodeada,
Onde o Ceu luminoso mais serena,
Tem sua influição, e temperada.
Junto da nova Lusitania ordena,
A natureza, mãe, bem atentada,
Um porto tam quieto e tam seguro,
Que pera as curvas naus serve de muro.

E assim por diante sem nada que lhe eleve o tom até á poesia.

Dali, por ordem de Neptuno, profetiza Proteu, num largo canto em louvor dos Albuquerque e nomeadamente de Jorge, a quem se endereça esta prosopopéa. Vê Proteu

A opulenta Olinda florescente
Chegar ao cume do supremo estado
Será de fera e belicosa gente
O seu largo distrito povoado
Por nome terá, Nova Lusitania,
Das leis isenta da fatal insania.

Esta Lusitania será governada por Duarte Pacheco «o grão Duarte» que o poeta, pela voz de Proteu, compara a Enéas, a Publico Scipião, a Nestor e a Fabio. E tudo o que até então tinha passado com os Pachecos e Albuquerque, já celebrados por Camões, ocorre a Proteu que o profetiza posteriormente desmedindo-se no louvor e encarecimento. Acaba o poema pouco originalmente, com as despedidas do poeta, repetindo a promessa de voltar com um novo canto.

Por tal modo que cause ao mundo espanto.

Jorge de Albuquerque Coelho, o motivo senão o heroe deste poema, era filho de Duarte Coelho, primeiro donatario de Pernambuco, onde Jorge nasceu, em Olinda, em 1539. O enfatico padre Lourenço Couto (1) falando dele como de sujeito verdadeiramente extraordinario, assevera que «ainda que Pernambuco não tivera produzido outro filho bastaria este para a sua imortal gloria». E mais, que «foi este insigne pernambucano um daqueles espiritos raros para cuja produção tarda seculos inteiros a natureza, pois á sua rara virtude e insigne valor, acrescentou uma erudição rara e conhecimento das letras humanas».

Uma e outro não teriam sido adquiridos no Brasil. Se são exactas, como parece, as noticias de Jaboatão (2), Jorge de Albuquerque criou-se em Portugal, onde aos 14 anos se achava. Com 20 voltou a Pernambuco, donde tornou ao Reino, em 1555, aos 26 anos, após a sua brilhante campanha contra os indios da capitania. Nesta viagem para Portugal sofreu o naufragio celebre da nau *Santo Antonio* que o levava, cuja relação, escrita pelo piloto Afonso Luiz e reformada por Antonio de Castro, foi atribuida a Bento Teixeira (3). Em Portugal «foi de todos aplaudido de cortesão, generoso, discreto, liberal, afavel e modesto» (4). Em suma, se havemos de crer os seus panejiristas mais proximos dele e os que os copiaram, teria sido um portento de gentilezas guerreiras e de virtudes civis.

Poemas como a *Prosopopéa* do nosso patricio, que este heroe motivou, em tudo mediocres, endereçados e potentados e magnates, armando-lhes á benevolencia e protecção, eram frequentissimos e superabundavam na bibliografia da epoca.

(1) *Desagravos, do Brasil e glorias de Pernambuco nos Anais da Biblioteca Nacional*. Rio, 1904, vol. xxiv, 325.

(2) *Novo Orbe Serafico*. Rio de Janeiro, 1858, II, 181.

(3) Pode-se ler esta narração no tomo 2.º da *Historia tragico-maritima* e no XIII da *Revista do Instituto Historico*.

(4) Loreto Couto, obr. cit., 326.

Em todos os tempos poetas e literatos foram inclinadissimos á bajulação dos poderosos. Casando-se geralmente pouco o seu genio com o arduo de uma existencia de trabalho e esforço proprio, e amando sobretudo os lazeres da vida ociosa, propicios ás suas invenções e imaginações, para os haverem sacrificam de boa mente á vaidade dos grandes, dos quais sem mais fadiga que a de cantal-os e louval-os, esperam lucrar tais ocios, muito seus queridos. Igualmente caroaveis da grandeza, pompa e luxo, desses magnates, com os quais facilmente se embevecem, á satisfação desse gosto imolam brios e melindres. Em Portugal tais poetas e literatos faziam até parte da domesticidade da côrte ou das grandes casas fidalgas e ricas, que os aposentavam e pensionavam, em troca dos poemas e escrituras com que infalivelmente celebravam a familia em cada um dos seus sucessos domesticos, nascimentos, casamentos, mortes, façanhas guerreiras, vantagens sociais obtidas, anniversarios. Como havia destes poetas efectivos, privados, caseiros, os havia tambem occasionais, mas não menos prontos ao louvor hiperbolico, á lisonja enfática, á bajulação rasteira, em cambio da protecção solicitada ou em paga de alguma graça obtida. Na sociedade de então o homem de letras, ainda sem publico que o pudesse manter, e até forçado a apenas muito limitadamente exercer a sua actividade, quasi só dos principais pelo poderio e riqueza, que acaso lhes estimassem as prendas sem os estimar a eles, podia viver. Frequentemente eram estes que lhe mandavam imprimir as obras, que sem tais patronos difficilmente achariam editores. Tais costumes, explicaveis e por ventura desculpaveis pelas condições do tempo, passaram naturalmente do Reino á sua colonia da America, onde os vice-reis, governadores e capitães-generais e môres faziam de reis pequenos, e os fazendeiros, senhores de engenho e outros magnates locais substituíam e arremedavam os grãos senhores da metropole. Tanto passaram que desde as suas primeiras manifestações, a poesia, e depois toda a especie de literatura, inspirou-se grandemente aqui daqueles moti-

vos, e foi consideravelmente aulica. Aulicismo, arcadismo, gongorismo foram sempre aliás traços característicos das letras portuguezas.

Quer em Portugal, quer no Brasil duraram estes costumes até o século XVIII. Não sei aliás se é possível dizer estejam de todo extintos. Mais certo será tenham antes variado e se transformado do que desaparecido completamente as formas e modos com que poetas e literatos sempre atiraram ao patrocínio dos poderosos, adulando-os em prosa e verso. Seja que ainda pesa sobre eles essa herança, seja porque continuam a preferir alcançar por tais meios o que só com fadiga e dificuldade lhes daria trabalho mais honesto, certo é não desapareceu o costume de todo. Bento Teixeira fica, pois, sendo, não só o primeiro em data dos poetas brasileiros, mas o patriarca dos nossos «engrossadores» literarios. E de ambos os modos progenitor fecundissimo de incontavel prole.

É muito provavel que simultaneamente com ele, se não antes, houvesse o Brasil produzido outros versejadores aulicos, isto é, cujo principal motivo de inspiração fosse angariar o patrono de algum poderoso da terra. O mundo dividiu-se sempre entre patronos e clientes. Todavia não sabemos de nenhum que o antecedesse ou vivesse ao seu tempo.

Conjectura-se com bons fundamentos houvesse composto o seu poema nos ultimos anos do século, com certeza depois do desastre de D. Sebastião em Africa, em 1578, a que já o poema se refere. Talvez nos arredores de 1596, que neste ano ainda vivia Jorge de Albuquerque e o poema foi composto quando ele vivo.

De Bento Teyxeyra, como ele o assinou, ou Bento Teixeira Pinto, como também lhe escreveram o nome, nada mais se sabe alem da parca noticia do bibliografo Diogo Barbosa Machado na sua *Biblioteca Lusitana*, publicada em 1741; que nasceu em Pernambuco e era «igualmente perito na poetica e na historia». Não diz nem o lugar nem a data do nascimento. Um cronista pernambucano, poste-

rior a Barbosa Machado, o citado padre Couto, noticiador geralmente de segunda mão, apenas acrescenta que era de Olinda (1). Dele não ha nenhuma noticia contemporanea, e estas mesmas vagas informações de mais de um seculo posteriores, não foram jamais verificadas ou ampliadas por quaesquer investigações ulteriores. Outras noticias que dele ha em escritores mais modernos são de pura inventiva de seus autores.

Chama-lhe de «perito na historia» o bibliografo Machado, e com este o padre Couto, que apenas o repete, por lhe attribuirem ambos a obra em prosa *Dialogos das grandezas do Brasil*. Como começou a provar Varnhagen em 1872 (2), e pode-se hoje ter por incontestavel, essa obra, por ventura a mais interessante da primitiva literatura do Brasil, não é de Bento Teixeira (3). E é pena, pois vale mais do que a sua trivial e insipida *Prosopopéa*. Como quer que seja, marca esta o primeiro passo dos brasileiros na vida literaria, é o primeiro documento da sua vontade e capacidade de continuar na America a actividade espiritual da metropole.

Publicada ali, ali mesmo se teria sumido, confundida na massa enorme de quejandas produções. Talvez ficasse até desconhecida no Brasil. Não só não ha menção ou memoria dela alem das duas indicadas, ambas em suma de origem portugueza, mas outro poeta brasileiro, Manoel Botelho de Oliveira, dando á luz um livro de versos um seculo depois, gabava-se de ser o primeiro brasileiro que os pu-

(1) Obra cit., xxv, 7.

(2) Carta ao Ministro do Exterior no *Diario Oficial* de 6 de novembro de 1872. Cp. José Verissimo, *Estudos de Literatura Brasileira*, iv, 215.

(3) Sobre a questão da autoria desta obra ver, alem das citadas, Capistrano de Abreu, *Dialogos das grandezas do Brasil* na *Rev. do Inst. Arqueol. e Geog. Pernambucano*, n, 1904, 559. O sciente escritor não conseguiu, como é o primeiro a declarar, se não apontar «dous rastros novos.»

blicava. E dos dous **unicos** exemplares originais que se lhe conhecem, o unico existente no Brasil, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, veiu de Portugal (onde está o outro na Biblioteca Nacional de Lisboa) na colecção de livros do citado Barbosa Machado (1).

O apreço da terra, mesmo uma exagerada admiração dela, da sua natureza, das suas riquezas e bens, é uma impressão comum nos primeiros que do Brasil escreveram, estranhos e indigenas. Como veremos, será essa impressão que, fazendo-se emoção e estímulo de inspiração, imprimirá á nossa literatura o primeiro traço da sua futura diferenciação da portugueza. Não é desapropositado notar que a primeira manifestação do genio literario brasileiro é um poema relativo a cousas da terra, embora ainda sem emoção que lhe dê maior relevo e significação.

Antes, porem, de Bento Teixeira e de versejadores de igual jaez, que porventura houve, ou simultaneamente com aquele, versejaram tambem padres jesuitas compondo cantigas devotas para os seus catecumenos. Esta primitiva literatura jesuitica se não limitava, entretanto, a tais cantigas. Desde que esses padres aqui se estabeleceram, por meiado do seculo xvi, compreendia discursos em prosa e verso, epigramas ou poemas conceituosos alusivos aos motivos das festividades, dialogos em verso ou prosa ou misturados de ambos e scenas dialogadas representadas em tablados ou ramadas, á guiza dos autos no Reino, infalivelmente sobre um assunto de devoção e edificação. Comumente misturavam-se nestes autos o latim e o portuguez e tambem o castelhamo. Serviam-lhe de actores ou recitadores os indios amansados e menos broncos, algum discipulo europeu dos jesuitas e até um destes padres. Das festividades em que tinham lugar estas manifestações litera-

(1) A nossa Biblioteca Nacional o reimprimiu em edição *fac-simile* em 1873 com este titulo: *Prosopopéa*; por Bento Teixeira. Reprodução fiel da edição de 1601, segundo o exemplar existente na Biblioteca Nacional e Publica do Rio de Janeiro.

rias — se tal se lhes pode chamar — dá repetidas noticias o padre Fernão Cardim, deixando ver quão frequentes e gerais eram em toda a costa brasilica (1). Dos autores de tais produções o mais, ou antes o unico, conhecido é o padre José de Anchieta, figura tão verdadeiramente veneravel que não conseguiu desmerecer a admiração carola com que tem sido exalçada. Noticia o seu confrade padre Simão de Vasconcelos que Anchieta «compoz, com vivo e raro engenho, muitas obras poeticas, em toda a sorte de metro, em que era mui facil, todas ao divino e afim de evitar abusos e entretenimentos menos honestos. Entre estes foram a de mais tomo o livro da vida e feitos de Mem de Sá, terceiro governador que foi deste Estado, em verso heroico latino; varias comedias, passos, eclogas, descrições devotissimas que ainda hoje andam na sua mesma letra; e a vida da Virgem Senhora Nossa em verso elejiaco» (2). Em a sua *Cronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil*, em 1663, já o mesmo padre assim informava da particular actividade literaria do seu eminente companheiro: «Era destro em quatro linguas: portugueza, castelhana, latina e brasilica; em todas elas traduziu em romances pios com muita graça e delicadeza, as cantigas profanas que então andavam em uso; com fruto das almas, por que deixadas as lascivias não se ouvia pelos caminhos outra cousa senão cantigas ao divino, convidados os entendimentos a isso do suave metro de José» (3).

Das suas comedias, ou melhor autos sacros, a mais

(1) *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Baía, Ilhéos, Porto-Seguro, Pernambuco, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, São Vicente, etc.*, pelo P. Fernão Cardim. Lisboa, 1847, passim.

(2) *Vida do padre Joseph de Anchieta*. Lisboa, 1672. Apud Teixeira de Mello, P. Joseph de Anchieta, *Anais da Biblioteca Nacional*, 1, 51.

(3) *Cronica, etc.*, segunda edição. Rio de Janeiro, 1864, 2.ª parte, 84.

consideravel é a *Prêgação Universal*, circunstanciadamente mencionada pelo seu biografo, e da qual são conhecidos alguns trechos, como o são algumas outras, bem poucas aliás, composições suas. São puras obras de catequização, devoção e edificação sem intuits nem qualidades literarias, apenas conhecidas de fragmentos e sem unidade de estilo ou sequer de lingua, pois as escrevia, consoante o interesse do momento, em portuguez, latim ou castelhano e ainda em tupi e até misturava estes idiomas. Mas estas mesmas composições, como o seu poema da Vida de Mem de Sá ou da Vida da Virgem Maria, ambos em latim, o que basta para excluil-os da nossa literatura, e mais as suas noticias e informações do Brasil e do trabalho de catequese e colonização que aqui ao seu tempo se fazia, e até a sua *Gramatica da lingua mais usada na costa do Brasil* (Coimbra, 1596) estão manifestamente revelando no piedoso jesuita uma vocação de escritor. Foi seguramente um poeta, menos, porem, nestas obras, a que apenas salva a ingenuidade da intenção e a pureza do sentimento que lh'as inspirou, que pelo seu ardente e exquisito sentimento do divino e profunda simpatia com o gentio cujo se fez apostolo. A sua obra poetica, a sua criação, é, com a sua purissima vida, toda votada ao ideal da sua vocação, esse apostolado, que foi simultaneamente um milagre de entendimento e de ingenuidade. Quanto ás suas composições poeticas, essas apenas lhe autorizam a menção do nome, por outros e melhores titulos glorioso, entre os nossos primitivos versejadores. São tanto literatura como os diversos catecismos bilingues escritos no periodo colonial.

OS PROSISTAS**I — Portuguezes**

A prosa portugueza chamada, não se sabe ao certo porque, de classica é do seculo XVI. Não são, porem, dessa era, mas da seguinte os seus mais acabados modelos. Apreciada sem os comuns preconceitos do casticismo, verifica-se não atingiu ainda então a expressão cabal e perfeita de um pensamento que por largo e humano merecesse viver.

Desde o seculo anterior, o sentimento portuguez com as suas especiais qualidades, exprimiu-se em magnificas formas poeticas que iniciavam o peculiar lirismo nacional e entravam a dar á poesia portugueza a sua distinção. Quicá essa raça sentimental e poetica carecia de um pensamento tão particular quanto o era o seu sentimento. Não se lhe encontra a expressão na prosa. O seu foi aliás sempre mesquinho e de repetição. Faltou-lhe imaginação criadora, poder de generalização, faculdades filosoficas. A prosa, a linguagem apropriada ao revelar ficou-lhe em todo o tempo inferior á poesia. Mesmo no periodo apelidado aureo da literatura portugueza, a prosa vacilou entre o «estilo metafisico barbaro dos rudes escritores do seculo XV», segundo a qualificação de Herculano, e o falso polimento culto do seculo XVII. Sincretizam-se as duas feições ainda nos melhores escritores dessa epoca, deparam-se-nos ambas sem grande esforço de procura nos mais afamados.

No Brasil, desde que se começou a escrever prosa a que já possamos chamar de literaria, foram justamente os defeitos dessa prosa portugueza, a dureza e simultaneamente o amaneirado do frasear, o inchado e o retorcido da expressão, com o sacrificio intencional da sua correnteza e naturalidade, que predominaram. Quando aqui se come-

çou a fazer prosa, a feição dominante da portugueza era o gongorismo, o hiperbaton, as construções arvezadas e rebuscadas, os trocadilhos. Um estilo presumidamente poetico ou eloquente, mas de facto apenas tumido e enfatico. Era esse o estilo culto do qual o padre Vieira, inconsciente de que era por muito o seu, dizia, praticando-o na sua mesma censura: «Este desventurado estilo de que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, e os que o condemnam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estilo culto não é escuro, é negro boçal e muito cerrado» (1). Se tal era ainda nos melhores escritores da metropole o estilo literario da epoca em que se começou a escrever no Brasil, que podia ele ser na grossa colonia nascente?

Do seculo XVI escrito no Brasil, se não por brasileiro nato, por brasileiro adoptivo, nacionalizado por longa residencia no paiz e enraizamento nele por familia aqui constituida e bens aqui adquiridos, só nos resta um livro, o *Tratado descriptivo do Brasil*, por Gabriel Soares de Souza, terminado em 1587. Nem pelo estimulo que o originou, nem pelo seu proposito, nem pelo estilo é o livro de Gabriel Soares obra literaria. Era, como diriamos hoje, um memorial de concessão apresentado ao Governo, como justificativa dos favores que para a sua empresa de exploração do paiz lhe pedia o autor. A obra, porem, lhe excedeu o proposito. Deu a este memorial desusada extensão e uma amplitude que o fez abranger a historia e a geografia, no seu mais largo sentido, da grande colonia americana então sob o dominio espanhol. A sinceridade da sua longa, minuciosa e exacta informação não chegam a prejudicar-lh'a os gabos e encarecimentos da terra, que no forasteiro aclimado revêem uma viva e tocante afeição ao seu exotico paiz de adopção, onde passára da pobreza á abastança, a que consagrara o melhor da sua existencia e actividade, onde

(1) *Sermões. Porto*, 1907, I, 17.

amára e fôra amado, fizera familia e iria morrer na busca aventureosa e dura das suas riquezas nativas. Podiamos portanto adoptal-o por nosso se acaso este simpatico feitiço de sua obra não revisse tambem o proposito de empreiteiro de facilitar-se a mercê impetrada, justificando-a soberbamente com a noticia interesseira da terra que se propunha a explorar.

Como não era um letrado e a sua «tenção, conforme declara, não foi escrever historia que deleitasse com estilo e boa linguagem», e não esperava «tirar louvor desta escriptura», saiu-lhe a obra, embora rude de feitura e pouco castigada de linguagem, menos eivada dos vicios literarios do tempo, e, por virtude do proprio assunto, muito mais interessante e proveitosa ainda hoje do que a maior parte das que então mais classicamente se escreviam, sermonarios, vidas de santos, cronicas de reis, de principes e magnates, livros de devoção e milagrices.

Nunca publicada antes que o fizesse sem ainda lhe saber o autor, em 1825, a Academia Real das Sciencias de Lisboa (1), a obra de Gabriel Soares, sem embargo de inédita, não passou despercebida aos curiosos do seu objecto, immediatos ou posteriores ao inteligente e laborioso reinól. Se a não compulsou o nosso primeiro cronista nacional, Frei Vicente do Salvador, conheceram-na e versaram-na o classico autor dos *Dialogos de varia historia*, Pedro de Mariz, Jaboatão, o perluxo cronista franciscano, Simão de Vasconcelos, o não menos difuso e não menos gongorico cronista jesuita, o bom autor da *Corografia brasileira*, Ayres do Casal, e depois, mas ainda em antes dela impressa, outros historiadores e noticiadores do Brasil, Roberto Southey, Ferdinand Denis, Martius. As numerosas

(1) *Colecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas*. Lisboa, 1825, no t. III.

V. *Reflexões criticas* de Varnhagen sobre o escrito de Gabriel Soares. Obr. cit., t. V.

copias manuscritas (Varnhagen dá noticia de vinte) que sem embargo do seu volume (de mais de tresentas paginas impressas in 8.º) desta obra se fizeram, indicam que se permaneceu inedita não foi porque a houvessem por desinteressante ou somenos. Sómente o suspicaz ciume com que a metropole evitava a divulgação das suas colonias pode explicar assim ter permanecido obra de tanta valia.

Gabriel Soares de Souza, nascido em Portugal pelos anos de 1540, veio para o Brasil pelos de 1565 a 1569. Na Baía estabeleceu-se como colono agricola. Ali casou e prosperou a ponto de nos dezesete anos de estada se fazer senhor de um engenho de assucar, e abastado, como do seu testamento se depreende. Ganhando com a fortuna posição, foi dos homens bons da terra e vereador da Camara do Salvador. Um irmão seu que, parece, o precedera no Brasil havia feito explorações no sertão de São Francisco, onde presumira haver descoberto minas preciosas. Falecido ele, quiz Gabriel Soares proseguir as suas explorações e descobrimentos. Com este proposito passou á Europa em 1584, afim de solicitar da Córte de Madrid autorização e favores para o seu empreendimento de procura e exploração de tais minas. Por justificar os seus projectos e requerimentos, e angariar-se a boa vontade dos que podiam fazer-lhe as graças pedidas, nomeadamente do ministro D. Cristovam de Moura, redigiu nos quatro anos de 1584 a 1587 o longo memorial, como ele proprio lhe chamou, que conservado inedito até o seculo passado, foi nele publicado sob titulos diferentes, o qual constitue uma verdadeira enciclopedia do Brasil á data da sua composição.

Gabriel Soares, sujeito de bom nascimento se não fidalgo de linhagem, sufficientemente instruido, sobre intelligente, era curioso de observar e saber, e excelente observador como revela o seu livro. Embora determinado por uma necessidade de momento, não foi este composto de improvisado e de memoria. Para o redigir serviu-se, como declara, das «muitas lembranças por escrito» que nos de-

zesete anos da sua residencia no Brasil fez do que lhe pareceu digno de nota. Obtidas as concessões e favores requeridos, nomeado capitão-mór e governador da conquista que fizesse e das minas que descobrisse, partiu para o Brasil em 1591, com uma expedição de tresentos e sessenta colonos e quatro frades. Malogrou-se-lhe completamente a empresa, pois não só naufragou nas costas de Sergipe mas depois veio, com o resto da expedição que conseguira salvar do naufragio e reconstituira na Baía, a perecer nos sertões pelos quais se internára. Seus ossos, mais tarde trazidos para a Baía, foram e se acham sepultados na capela-mór da igreja do mosteiro de S. Bento, tendo sobre a lapide que os recobre o epitafio: «Aqui jaz um pecador» segundo o disposto no seu testamento (1). Deste documento induz-se que era homem abastado, devoto, nimiamente cuidadoso da salvação da sua alma, mediante esmolos, obras pias, missas e quejandos recursos que aos catolicos se deparam para o conseguir.

Não é propriamente a obra de Gabriel Soares literaria, nem pela inspiração, nem pelo proposito, nem pelo estilo. Só o é no sentido, por assim dizer material, da palavra literatura. O estilo é, como pertinentemente mostrou Varnhagen, aliás achando-lhe encanto que lhe não conseguimos descobrir, rude, primitivo e pouco castigado, mas em suma menos viciado dos defeitos dos somenos escritores contemporaneos, mais desartificioso do que o começavam a usar os seus coevos, como de homem que não fazia literatura e não cuidava de imitar os que a faziam.

E' grande, porem, o merito especial dessa obra. Varnhagen se o encareceu não o exagerou demasiado escrevendo, ele que mais do que ninguem a estudou e conheceu: «Como corografo o mesmo é seguir o roteiro de Soares que o de Pimentel ou de Roussin; em topografia ninguem

(1) Achã-se este em grande parte publicado no texto da *História Geral do Brasil*, de Varnhagen, 2.^a edição, I, 384 e seg.

melhor do que ele se occupou da Baía; como fitologo faltam-lhe naturalmente os principios da sciencia botanica; mas Discorides ou Plinio não explicam melhor as plantas do velho mundo que Soares as do novo, que desejava fazer conhecidas. A obra contemporanea que o jesuita José de Acosta publicou em Sevilha em 1590, com o titulo de *Historia Natural e Moral das Indias* e que tanta celebridade chegou a adquirir, bem que pela forma e assuntos se possa comparar á de Soares, é-lhe muito inferior quanto á originalidade e copia de doutrina. O mesmo dizemos das de Francisco Lopes de Camara e de Gonçalo Fernandez de Oviedo. O grande Azara, com o talento natural que todos lhe reconhecem, não tratou instintivamente, no fim do seculo passado, da zoologia austro-americana melhor que o seu predecessor portuguez; e numa etnografia geral de povos barbaros, nenhuma pagina poderão ter mais cabida pelo que respeita ao Brasil, que o que nos legou o senhor do engenho das vizinhanças de Jequiricá. Causa pasmo como a atenção de um só homem pode occupar-se em tantas cousas «que juntas se vêem raramente», como as que se contêm na sua obra, que trata a um tempo, em relação ao Brasil, de geografia, de historia, de topografia, de hidrografia, de agricultura entretropica, de horticultura brasileira, de materia medica indigena em todos os seus ramos e até de mineralogia» (1). Não é excessivo este juizo, e quem o emitia tinha competencia para o fazer.

Um outro portuguez, o padre jesuita Fernão Cardim, que tambem viveu no Brasil, deixou dous escritos de pouco tomo, pelos quais tem sido, a meu ver impertinente, incluído na historia da nossa literatura como um dos seus primitivos escritores. Menores são ainda que os de Gabriel Soares os seus titulos a pertencer á nossa literatura. O a todos os respeitos mais consideravel e melhor dos seus dous escritos são duas cartas que desde o Brasil endere-

(1) *Historia Geral do Brasil*, 2.^a edição. Rio de Janeiro, 1, 357.

çou ao Provincial da Companhia em Portugal, recontando-lhe, miudamente, e de modo verdadeiramente interessante, uma viagem de inspecção jesuitica por algumas de nossas capitanias. Varnhagen, que as descobriu, publicou-as em 1847 com o titulo facticio de *Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuitica pela Baía, Ilhéos, Porto-Seguro, Pernambuco, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, etc.*, desde o ano de 1583 ao de 1590 (1). Embora documento interessantissimo para o estudo das missões jesuiticas e da mesma vida colonial no primeiro seculo, não tem a obra de Fernão Cardim, se obra se lhe pode chamar, o interesse bem mais geral, a importancia e a valia da de Gabriel Soares. A sua inclusão na nossa literatura é tão legitima como o seria a de toda a correspondencia jesuitica daqui desde Nobrega até o padre Antonio Vieira, e ainda alem. No desenvolvimento da nossa literatura não teve esta de Fernão Cardim sequer a parte que é licito attribuir á de Gabriel Soares, pelo que desta aproveitaram os posteriores autores brasileiros.

Outro escrito que se lhe imputa com fundados motivos mas sem absoluta certeza, é a monografia, como lhe chamariamos hoje, *Do Principio e Origem dos Indios do Brasil e dos seus costumes, adorações e ceremonias*, titulo tambem facticio (2).

Pertence a esta primeira fase da literatura colonial e a mesma sorte destes, o curioso escrito *Dialogo das grandezas do Brasil*, descobertos e divulgados por Varnhagen.

Ignora-se-lhe ainda hoje o autor. Ao envez do que primeiramente supoz Varnhagen, que o attribuiu a brasileiro,

(1) Lisboa, Imprensa Nacional, 1847, in 8.º, vi, 123 pags.

(2) Foi primeiro publicado em inglez na celebre collecção de Purchas em 1625, e depois por um manuscrito da Biblioteca de Evora, sem nome de autor, em 1881. Rio de Janeiro, xv, 121 pags. Foi feita esta edição pelo dr. Ferreira de Araujo, director da *Gazeta de Noticias*, dirigida e prefaciada por Capistrano de Abreu e anotada por Baptista Caetano de Almeida Nogueira.

nomeadamente a Bento Teixeira, o poeta da *Prosopopéa*, deve de tel-o escrito um portuguez. Mas um portuguez, como tantos aqui houve, e dos quais é Gabriel Soares optimo exemplar, naturalizado por longo estabelecimento na terra, afeiçoado a ela, identificado com ela, a ponto de tomar-lhe calorosamente a defesa contra um patricio recém-chegado e de exagerar-lhe as excelencias como um zeloso patriota. Quem quer que fosse, era homem instruido, grande conhecedor do Brasil, simpaticamente curioso dos seus aspectos naturais e sociais e de todas as exoticas feições da nova terra. Instruido, esclarecido e judicioso; as suas muitas observações sobre a administração, os habitos, a economia e mais faces do paiz, são geralmente bem feitas e acertadas. Algumas surpreendem-nos pela agudeza e perspicacia. Tais são, em 1618, apenas passado um seculo do descobrimento e não acabado ainda o da colonização, os seus reparos da indolencia, indiferença e indole afidalgada dos moradores do Brasil que tudo fiavam do escravo, escusando-se ao trabalho. Mais notavel é ainda que tenha desde então verificado a influencia civilizadora da America na Europa, ou ao menos no europeu, para cá imigrado e aqui tomado, graças a riqueza adquirida e a sua indistinção de classes, de rustico em policiado. Realmente a parte da America na civilização, na policia, como diziam os nossos classicos, e escreve o autor dos *Dialogos das grandezas*, é muito maior do que se não pensa. São milhões os europeus que tendo para ela vindo de todo broncos, grosseiramente trajados, sem nenhuns habitos de asseio, conforto ou civilidade, e com as manhas inherentes á sua miseravel posição na mãe patria, logram com a fortuna crescer de situação e emparelhar com as melhores classes americanas. Destas tomam estilos de vida, imitadas por elas das melhores da Europa, das quais acolá os preconceitos de casta, aqui desconhecidos, os traziam afastados. A transformação começada pelo que podemos chamar o habito externo se completa pelo convivio dessas classes, cujo comercio lhes é facilitado pela fortuna e posição aqui facilmente adquiri-

das. Muitissimos alem desta educação indirecta, a fazem formalmente frequentando as nossas escolas ou particularmente tomando mestres, o que lhes seria muito mais difficil nos seus paizes de origem. E a America restitue & Europa desbastados da sua grosseria originaria, limpos, no rigor da expressão, civilizados, polidos, com melhor feitio fisico e social, milhões de sujeitos que lhe veem boçais e crassos. Devolve-lhe cavalheiro quem lhe chegou labrego. É admiravel que este factó interessantissimo não tenha escapado ao perspicaz observador dos *Dialogos das grandezas*, que, notando-o, do mesmo passo o atesta aqui desde o começo do seculo xvii. «O Brasil é praça do mundo, assenta ele, se não fazemos agravo a algum reino ou cidade em lhe darmos tal nome, e juntamente academia publica, onde se aprende com muita facilidade toda a policia, bom modo de falar, honra dos termos de cortezia, saber bem negociar e outros attributos desta qualidade.» E como o seu interlocutor lhe retorquisse que não devia de ser assim, e antes pelo contrario, pois o Brasil se povoára primeiramente com «degradados e gente de mau viver» e por conseguinte pouco politico, pois carecendo de nobreza lhe faltava necessariamente a policia, Brandonio, pseudonimo com que se disfarça o autor, retruca-lhe: «Nisso não ha duvida, mas deveis saber que esses povoadores, que primeiramente vieram povoar o Brasil, a poucos lanços pela largueza da terra, deram em ser ricos, e com a riqueza foram largando de si a ruim natureza, de que as necessidades e pobrezaas que padeciam no Reino os faziam usar, e os filhos de tais já entronizados com a mesma riqueza e governo da terra despiram a pele velha, como cobra, usando em tudo de honradissimos termos com se ajuntarem a isso o haverem vindo depois a este Estado muitos homens nobilissimos e fidalgas, os quais casaram nele e se liaram em parentesco com os da terra, em forma que se ha feito entre todos uma mistura de sangue assaz nobres. Então como neste Brasil concorrem de todas as partes diversas condições de gente a commerciar, e este co-

mercio o tratam com os naturais da terra, que geralmente são dotados de muita habilidade, ou por natureza do clima, ou do bom ceu de que gozam, tomam dos estrangeiros tudo o que acham bom, de que fazem excelente conserva para a seu tempo usarem dela.»

Literariamente estes *Dialogos*, sem serem romance ou novela, são ~~uma feição, a primeira escrita~~ no Brasil. O processo de dialogos, já o notou Varnhagen, estava então em moda em Portugal, para a exposição de idéas e noções de ordem moral, politica ou economica. São principalmente desta ordem as que intenta divulgar o autor destes, com o proposito manifesto de propaganda, como hoje diriamos, do Brasil, por um portuguez que laços diversos de interesse e amor apegariam á terra, da qual fala carinhosamente. Pela lingua e estilo, embora não sejam nem uma nem outro primorosos, são estes *Dialogos* o que melhor nos legou a escrita portugueza no Brasil nesta primeira fase da produção literaria aqui. Por ambos é de um quincentista que, justamente por não ser um literato, não trazia ainda a eiva do seculo literario que começava. Escrevendo, com interesse e amor, de cousas novas, inéditas, bem conhecidas suas, fel-o com maior objectividade, intelligencia e simpleza do que era comum em livros portuguezes contemporaneos. E, ao menos para nós brasileiros, mais interessantemente. Em nenhum outro sobre o Brasil e aqui escrito na mesma epoca ou ainda imediatamente depois, se encontram tantos testemunhos de mestiçagem que aqui se começava a operar, e já ia mesmo relativamente adiantada, da comunhão das gentes diversas que neste paiz se encontraram. E como ao cabo é tal mestiçagem, não só fisiologica senão psicologica tambem, que distinguirá o grupo brasileiro, dar-lhe-há feição propria e actuará a sua expressão literaria, são os *Dialogos das Grandezas* um estimavel subsidio da nossa historia literaria.

II — *Brasileiros*

O primeiro brasileiro conhecido que escreveu prosa num genero literario, qual é a historia, e de feitio a se lhe poder qualificar a obra de literaria, foi Frei Vicente do Salvador. É por ele que começa a nossa literatura em prosa.

Vicente Rodrigues Palha, como no seculo se chamava Frei Vicente, segundo as escassas noticias que dele temos, nasceu em Matuim, umas seis leguas ao norte da cidade da Baía, em 1564. Como a maioria dos homens instruidos da epoca, estudou com os jesuitas no seu collegio de São Salvador, e depois em Coimbra, em cuja Universidade se formou em ambos os direitos e doutorou-se. Voltando ao Brasil ordenou-se sacerdote, chegou a conego da Sé baiana e vigario geral. Aos trinta e cinco anos fez-se frade, vestindo o habito de São Francisco e trocando o nome pelo de Frei Vicente do Salvador. Missionou na Parahyba, residiu em Pernambuco e cooperou na fundação da casa franciscana do Rio de Janeiro, em 1607, sendo o seu primeiro prelado. Tornou posteriormente a Pernambuco, onde leu um curso de artes, no convento da ordem, em Olinda. Regressando a Baía af foi guardião do respectivo convento, em 1612. Eleito em Lisboa custodio da Custodia franciscana brasileira, no mesmo ano de 1612 teve de voltar a Pernambuco. Após haver estado em Portugal, regressado novamente á Baía, como guardião, tornado ao Rio e mais uma vez á Baía, af faleceu entre os anos de 1636 a 1639. Estas diferentes viagens, este trato de diversas terras e populações devia ter-lhe completado a educação escolar com aquela, a certos respeitos melhor, que se faz no commercio do mundo. A ela podemos attribuir a singular objectividade do seu estilo. Foram grandes e bons os seus serviços á sua ordem e á sua patria por varios lugares e

postos da sua actividade. Passou por excelente religioso e bom letrado. A sua obra faz acreditar merecida esta reputação.

Essa obra, *Historia do Brasil*, concluída a 20 de dezembro de 1627, ficou inedita até 1888. Escreveu-a o bom e douto frade a pedido, poderíamos dizer por encomenda, de Manoel Severim de Faria, um dos mais considerados eruditos portuguezes contemporaneos, que lhe prometera publical-a á sua custa.

Como ninguem melhor que Varnhagen conheceu o *Tratado descritivo do Brasil* de Gabriel Soares, ninguem melhor que o sr. Capistrano de Abreu conhece a *Historia do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, cujo foi se não o revelador, gloria que cabe tambem a Varnhagen, o divulgador a capacissimo editor. Com igual autoridade ao seu sciente predecessor na historiografia brasileira, julga assim o sr. Capistrano de Abreu a obra do frade bafano: «Sua historia prende-se antes ao seculo xvii que ao seculo xvi, neste com as dificuldades das comunicações, com a fragmentação do territorio em capitánias e das capitánias em vilas, dominava o espirito municipal: brasileiro era o nome de uma profissão; quem nascia no Brasil, se não ficava infamado pelos diversos elementos de seu sangue, ficava-o pelo simples facto de aqui ter nascido — um masombo, se de algum corpo se reconheciam membros, não estava aqui mas no ultramar: portuguezes diziam-se os que o eram e os que o não eram. Frei Vicente do Salvador representa a reacção contra a tendencia dominante: Brasil significa para ele mais que expressão geografica, expressão historica e social. O seculo xvii é a germinação desta idéa, como o seculo xviii é a maturação.

«A sua *Historia* não repousa sobre os estudos arquivais. Haveria dificuldade em examinar arquivos? ou não era o seu espirito inclinado a leitura penosa de papeis amarellecidos pelo tempo? Daí certa laxidão no seu livro: muitos factos omitidos que hoje conhecemos e que ele com mais facilidade e mais completamente poderia ter apurado,

contornos enfumados, datas flutuantes, duvidas não satisfeitas. Até certo ponto a *Historia* de Frei Vicente é comparavel á geografia do meritissimo padre Mateus Soares, um seculo mais tarde: correcta onde determinava posições astronomicas; em outros pontos fundada sobre roteiros de bandeirantes e mineiros.

«Mas esta pecha resgata-a por qualidades superiores. A *Historia* possui um tom popular, quasi *folk-lorico*; anedotas, ditos, uma sentença do bispo de Tucumam, uma frase do Rei do Congo, uma denominação de Vasco Fernandes. Mais ainda: vê-se o Brasil qual era na realidade, aparece o Branco, aparece o Indio, aparece o Negro; o preto Bastião percebe-se que fez rir a boas gargalhadas o nosso autor. Informações por que suspiravamos, e que não esperavamos encontrar, ele as oferece ás mãos cheias, ora num traço fugitivo, ora demoradamente: leia-se por exemplo o ultimo capitulo do livro IV, relativo a construção de engenhos: antes nada se sabia a tal respeito. Ha tambem o pensamento que a prosperidade do Brasil está no sertão, que é preciso penetrar o oeste, deixar de ser caranguejo, apenas arranhando praias, a opposição do bandeirismo ao transoceanismo: e daí a porção de roteiros que debalde se procuraria em outras obras» (1).

Dos mesmos meritos que do seu ponto de vista de historiador lhe verifica o sr. Capistrano de Abreu, pode

(1) Introdução á *Historia do Brasil*, de Frei Vicente Salvador, publicada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no vol. XIII dos seus *Anais* (1888). Os livros I e II desta mesma *Historia* haviam sido publicados no ano anterior pelo mesmo sr. Capistrano de Abreu e Vale Cabral na primeira parte do n.º 5 dos *Materiais e achegas para a historia e geografia do Brasil*, copiosamente anotados pelo primeiro. (Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1887.) Essas notas não foram infelizmente reproduzidas na edição da Biblioteca Nacional, muito mais completa que a dos *Materiais e achegas*, sem o ser de todo, pois da obra de Frei Vicente do Salvador perdeu-se parte.

concluir a critica literaria para lhe avaliar os quilates nesta especie. É um livro que poderiamos chamar de classico se não nos agarrassemos á estreita concepção gramatical e retorica que o vocabulo tomou em Portugal. A sua lingua correcta, expressiva e até ás vezes colorida, mais por ventura do que o costuma ser a dos escritores seus contemporaneos, tem sobre a destes a superioridade da singeleza e da naturalidade, virtudes neles raras. E poderiamos acrescentar da familiaridade, como o mostram o já aludido simile da exploração dos portuguezes limitada á costa com o arranhar das praias pelos caranguejos, e que tais, tirados das novidades que á sua pena inteligente ofereciam os aspectos inteiramente ineditos do paiz que historiava e descrevia. É muito mais agradável de ler que Gabriel Soares e para nós brasileiros ao menos do que muitos dos chamados classicos portuguezes, cronistas como ele. Tem espirito, tem chiste, quasi poderiamos dizer que ás vezes tem até *humour*. Ha sobretudo nele uma desenvoltura de pensar e de dizer que aumentam o sabor literario á sua *Historia*. Sirvam de exemplo estas suas reflexões sobre o nome do Brasil: «É porventura por isso (refere-se á troca do nome de Terra de Santa Cruz pelo de Brasil), ainda que ao nome de Brasil ajuntarem o de estado e lhe chamem estado do Brasil, ficou ele tão pouco estavel, que, com não haver hoje cem anos, quando isto escrevo, se começou a povoar, já se hão despovoado alguns lugares, e sendo a terra tão grande e fertil, como adiante veremos, nem por isso vai em aumento, antes em diminuição.

«Disto dão alguns a culpa aos reis de Portugal, outros aos povoadores; aos reis pelo pouco caso que hão feito deste tão grande Estado, que nem o titulo quizeram dele, pois intitulado-se senhores da Guiné por uma caravelinha que lá vai e vem, como disse o rei do Congo, do Brasil não se quizeram intitular. Nem depois da morte de el-rei Dão João Terceiro, que o mandou povoar e soube estimar-o, houve outro que dele curasse, senão para colher suas rendas e direitos.»

É do mesmo espirito e tom a sua observação, já atraz citado do desapego dos moradores á terra.

Não é só historiador que reconta, observa e reflexiona, é também moralista avisado que sem biocos fradescos, compara, aprecia e generaliza, e sabe fazel-o com graça natural e frase que desta mesma naturalidade tira a elegancia. São outro documento destes seus dotes, e até da sua perspicacia psicologica, estas suas finas observações sobre a obra da catequese, com que também inculca o que era no fundo a superficial cristianização do selvagem. Soube o seu espirito realista discernir, e dizer sem os rebuços que lhe punham os jesuitas, alguns motivos da passividade com que o indio se prestava a certas praticas religiosas. E demais dizel-o com uma deliciosa semcerimonia. «Confesso que é trabalho labutar com este gentio com a sua inconstancia, porque no principio era gosto ver o fervor e devoção com que acudiam á igreja e quando lhes tangiam o sino, á doutrina ou á missa, corriam com um impetõ e estrepito que pareciam cavalos, mas em breve tempo começaram a esfriar de modo que era necessario leval-os á força, e se iam morar nas suas roças e lavouras, fóra da aldeia, por não os obrigarem a isto. Só acodem todos com muita vontade nas festas em que ha alguma cerimonia, porque são muito amigos de novidades; como dia de São João Baptista por causa das fogueiras e capelas, dia da comemoração geral dos defuntos, para ofertarem por eles, dia de Cinza e de Ramos e principalmente das endoenças para se disciplinarem, porque o tem por valentia. E tanto é isto assim que um principal chamado Iniaoba, e depois de cristão Jorge de Albuquerque, estando ausente uma semana santa, chegando á aldeia nas oitavas da Pascoa e dizendo-lhe os outros que se haviam disciplinado grandes e pequenos, se foi ter comigo, que então ali presidia, dizendo: «Como havia de haver no mundo que se disciplinasse até os meninos e ele sendo tão grande e valente, como de feito era, ficasse com o seu sangue no corpo sem o derramar». Respondi-lhe eu que todas as

cousas tinham seu tempo, e que nas endoenças se haviam disciplinado em memoria dos açoutes que Cristo senhor nosso por nós havia padecido, mas que já agora se festejava sua gloriosa ressurreição com alegria, e nem com isto se aquietou, antes me poz tantas instancias dizendo que ficaria deshonrado e tido por fraco, que foi necessario dizer-lhe que fizesse o que quizesse, com que logo se foi açoutar rijamente por toda a aldeia, deramando tanto sangue das suas costas quanto os outros estavam por festas metendo de vinhos nas ilhargas» (1).

É precioso o texto, assim pela arguta observação de certos caracteristicos hoje muito conhecidos do selvagem, a sua inconstancia de propositos, o seu amor da novidade, o seu ponto de honra de valentia bruta, como pela lingua que sendo boa, conforme a melhor do tempo, escapa entretanto aos feios vicios desta do empolado, das construções arrevezadas e do estilo presumidamente pomposo. A sua frase é ao contrario chã, sem artificio e já, como viria legitimamente a ser brasileira, quando não se propuzesse indiscretamente a arremedar a portugueza, menos invertida, mais directa do que esta. Mais um exemplo para acabar com a comprovação das qualidades do nosso primeiro prosador. Descreve-nos no cap. XLIV a primeira missão jesuitica á Ibiapaba, dos padres Francisco Pinto e Luiz Figueira.

«Estes se partiam de Pernambuco o ano de mil seiscientos e sete, em o mez de janeiro, com alguns gentios das suas doutrinas, ferramenta e vestidos, com que os ajudou o Governador para darem aos barbaros. Começaram seu caminho por mar e prosseguiram ao longo da costa cento e vinte legoas para o norte até o Rio de Jaguaribe, onde desembarcaram. Daf caminharam por terra e com muito trabalho outras tantas legoas até os montes de Ibiapaba,

(1) Obr cit., 169.

que será outras tantas a quem do Maranhão, perto dos barbaros que buscavam, mas acharam o passo impedido de outros mais barbaros e crueis do gentio tapuia, aos quais tentearam os padres pelos indios seus companheiros com dadivas, para que quizessem sua amizade, e os deixassem passar adiante, porem não fizeram mas antes mataram os embaixadores, reservando sómente um moço de dezoito anos que os guiasse aonde estavam os padres, como o fez seguindo-os muito numero deles. Saíndo o padre Francisco Pinto da sua tenda, onde estava rezando, a ver o que era, por mais que com palavras cheias de amor e benevolencia os quizesse quietar, e os seus poucos indios com frechas pretendiam defendel-o, eles, com a furia com que vinham mataram o mais valente, com que os mais não puderam resistir-lhe nem defender o padre, que lhe não dessem com um pau roliço tais e tantos golpes na cabeça que lh'a quebraram e o deixaram morto. O mesmo quizeram fazer ao padre Luiz Figueira, que não estava longe do Companheiro, mas um moço da sua companhia, sentindo o ruido dos barbaros o avisou, dizendo em lingua portugueza: «Padre, padre, guarda a vida» e o padre se meteu á pressa em os bosques, onde, guardado da Divina Providencia, o não puderam achar, por mais que o buscaram, e se foram contentes com os despojos que acharam dos ornamentos que os padres levavam para dizer missa, e alguns outros vestidos e ferramenta para darem, com o que teve lugar o padre Luiz Figueira de recolher seus poucos companheiros, espalhados com medo da morte, e de chegar ao lugar daquele ditoso sacrificio, onde acharam o corpo estendido, a cabeça quebrada e desfigurado o rosto, cheio de sangue e lodo, limpando-o e lavando-o. E composto o defunto em uma rede em lugar de ataúde, lhe deram sepultura ao pé de um monte, que não permitia então outro aparato maior o aperto em que estavam; porem nem Deus permitiu que estivesse assim muito tempo, antes me disse Martins Soares, que agora é capitão daquele distrito, que o tinham já posto em uma igreja, onde não só dos portu-

guezes e cristãos, que ali moram, é venerado, mas ainda dos mesmos gentios» (1).

As tres outras versões deste facto existentes na literatura da nossa lingua, principalmente a dos padres Antonio Vieira e José de Moraes, fornecem-nos oportunidades de avaliarmos de Frei Vicente do Salvador como escritor. Neste passo ao menos não lhe sai mal o confronto, mesmo com o do muito maior deles, o grande exemplar dos melhores escritores portuguezes, Vieira. Ao passo que a dos dous jesuitas é nesse estilo que o padre Manuel Bernardes, com tanto sal e a proposito chamou de «fraldoso e dilatado», a do modesto frade brasileiro, embora sem a correção gramatical daqueles, é simultaneamente precisa, succinta e sobria, sem sacrificio da clareza. Do que sabemos de Frei Vicente do Salvador e do que nos revela a sua obra, foi ele, no melhor sentido do qualificativo, de animo ingenuo. Como escritor é este ainda o que mais lhe assenta, e que o sobreleva, com outros dons já ditos, a todos os escritores do Brasil, nacionais ou portuguezes, nesta pri-

(1) As citações são respectivamente de pags. 7, 169 e 178 da edição dos *Anais da Biblioteca Nacional*, cit. É claro que modernizei a ortografia e pontuação. Desta malograda missão jesuitica e martírio do padre Francisco Pinto, tão succinta, clara e simplesmente narrada por Frei Vicente do Salvador, conheço tres versões, duas mais ou menos contemporaneas, outra do seculo xviii. É a primeira a do padre Fernão Guerreiro na sua obra *Relação anual das cousas que fizeram os padres da Companhia, etc.* (Lisboa, 1605) na parte *Das Cousas do Brasil*, «apud» as *Memorias para a historia do extinto Estado do Maranhão*, por Candido Mendes de Almeida, Rio de Janeiro, 1874, II, 551 e seg. A segunda é a da *Relação da Missão da Serra de Ibiapaba*, pelo padre Antonio Vieira, escrita em 1660, e publicada nas mesmas *Memorias* de Candido Mendes, II, 455. Vem finalmente a terceira do cap. iv da *Historia da Companhia de Jesus na Provincia do Pará e Maranhão* do padre José de Moraes, escrita em 1759 e publicada no tomo I das mesmas citadas *Memorias*. Se concordam no facto essencial da morte do padre Francisco Pinto ás mãos dos indios por ele convocados, divergem estas versões e a de Frei Vicente nas circunstancias que o acompanharam.

meira fase da literatura aqui. Se houveramos nós brasileiros de fazer a lista dos nossos classicos, isto é, daqueles escritores que sobre bem escreverem a sua lingua, conforme o uso do seu tempo, melhor nos representassem o sentimento, o entendimento e a vontade que faz de nós uma nação, o primeiro dessa lista seria por todos os titulos Frei Vicente do Salvador com a sua *Historia do Brasil*.

É ele o unico prosista brasileiro da fase inicial da nossa literatura.

A prosa brasileira assim tão dignamente estreada não se continuou pelo resto do seculo. A copiosa produção poetica desse momento de modo algum correspondem escritos em prosa, que não sejam papeis e documentos de administração ou de informação do paiz, já officiais, já particulares, estes oriundos na maior parte das ordens religiosas, maiormente da Companhia de Jesus. Esses mesmos permaneceram ineditos, ou são apenas de noticia conhecidos. Nenhum foi reduzido a livro. Informa o bibliografo portuguez Barbosa Machado, escrevendo aliás um seculo depois, que um dos poetas dessa epoca, que tambem foi funcionario real e militára pela metropole na colonia, Bernardo Vieira Ravasco, irmão do padre Antonio Vieira, deixára manuscrita uma *Descrição topografica, ecclesiastica, civil e natural do Estado do Brasil*. Esta obra não veiu jámais a lume e ninguem a conhece. A julgar pelo titulo seria uma repetição no seculo xvii do *Tratado descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares, do seculo xvi, com a diferença de ser feita por brasileiro, por ventura mais completa e com certeza peiorada pela presunção literaria e pelo estilo gongorico do autor, que era o da epoca.

Escreveu mais Vieira Ravasco um *Discurso politico sobre a neutralidade da corôa de Portugal nas guerras presentes das corôas da Europa e sobre os danos que da neutralidade podem resultar a essa corôa e como se devem e podem obviar* (1692?) e *Remedios politicos com que se evitarão os danos que no discurso antecedente se pro-*

põem (datado da Baía, 10 de Junho de 1693). Estes dous papeis, respectivamente de 13 e 16 folhas, apareceram em copia moderna na Exposição de Historia do Brasil realizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1881 (1). A falta de outros meritos, esses escritos fariam de Vieira Ravasco o primeiro em data dos nossos publicistas.

Excepto estes escritos de Ravasco, e aqueles outros supostos ou apenas referidos, os quais aliás não são propriamente literarios, a unica prosa que se fazia na colonia, afóra a da conversação, era a dos sermões.

Admitindo, mais por seguir o uso que por convicção, seja o sermão um genero literario, e haja de fazer parte da historia da literatura, parece incontestavel que só o será e só caberá nela quando tenha sido posto por escrito. Sem isto pertenceria quando muito á literatura oral, e desta não ha historia (2).

O sermão, porem, teve no passado uma importancia, mesmo literaria, muito grande, muito maior do que tem hoje. Social ou mundanamente foi um divertimento, um espectáculo que, conforme o prégador, podia despertar interesse e atrair concurso tão alvoroçado ou numeroso de ouvintes como outros quaisquer do tempo: um auto de fé,

(1) V. Catalogo da mesma Exposição in *Anais Bibl. Nacion.*, cit. x, Rio, 1881, n.ºs 5845 e 5846.

(2) Sobre o conceito do sermão como literatura, V. do A. *Oratoria ecclesiastica brasileira*, em *Que é literatura?* e *Outros Escritos*, Rio, 1907, 97 e Frei Francisco de Monte Alberne no *Jornal do Comercio* de 25 de novembro de 1907.

Um recente historiador da literatura dos Estados Unidos, o professor William Trent, da Universidade da Columbia, escreve: «Os sermões e os tratados teologicos, ainda quando são de mestres de estilo, occupam pouco mais ou menos a mesma posição relativamente á prosa literaria considerada em conjunto que os versos didacticos a respeito da poesia em geral. Não ha genero de composição tão efemero. Quando um autor de assuntos religiosos alcança a honra de ser considerado um classico, é quasi fatalmente refugado aos limbos lastimosos dos classicos nunca mais lidos.» *Literature Americaine*, trad. Davray, Paris, 1911, 39.

uma corrida de touros, um jogo de canas, uma representação teatral ou alguma solenidade da Côrte. Mas, como espectáculo gratuito e aberto ao povo, era mais concorrido do que estes, só a abastados ou favorecidos acessíveis. Tanto mais que não constituia o sermão só por si o espectáculo, mas era apenas um «numero» nos que a igreja oferece aos seus fieis, com a prodigalidade, a pompa, a encenação semi-pagã das suas pitorescas cerimoniaes. Ajudava, pois, o sermão a sociabilidade de uma gente de natureza retraída e triste, qual a portugueza, em tempo em que á sociabilidade se deparavam poucos ensejos de exercer-se. Servia de elemento de instrução pela discussão de problemas morais e noções de toda a ordem, que ao redor deles forçosamente surgiam, e mais pela fórma de os expor. De um ou de outro modo, excitavam as inteligencias, punham e resolviam questões, assentavam ou rectificavam opiniões, suscitavam emoções e forneciam, como os discursos academicos ou parlamentares de hoje, temas ás conversações. Foi a sua repetição importuna e corriqueira, a sua vulgarização, a trivialidade dessaborida e fatigante dos seus processos, dos seus estilos, dos seus «truques», a inopia do pensamento, invariavelmente o mesmo, que o alimentava, e da lingua constantemente a mesma que falava, com o mesmo arranjo e corte do assunto, o mesmo aparelho de erudição, identicos recursos retoricos, e até iguais entonações e gestos no orador, que acabaram com o sermão, como genero literario estimavel. Prejudicou-o tambem a sua cada vez mais crescente incoerencia com os tempos. Foi um grande expediente de propaganda e edificação religiosa, e ainda moral, não só quando as almas eram mais sensiveis a tal recurso de lição oral bradada de cima de um pulpito, mas quando, sendo pouco vulgar a imprensa, e menos ainda a capacidade de leitura, encontrava o sermão nas massas analfabetas ou pouco lidas, ou ainda com poucas facilidades de ler, ouvintes numerosos e de boa vontade. Com a multiplicação dos livros, mesmo religiosos, á literatura parenetica oral se foi substituindo a literatura piedosa escrita.

Ceci tuera celà. E a decadencia do sermão acompanhada com grande avanço pela da oratoria sagrada, não diminuiu apenas a importancia do genero; teve ainda uma influencia retrospectiva. Amesquinhou e lançou no olvido os productos do seu bom tempo.

Na lingua portugueza o unico orador sagrado que porventura ainda tem leitores é o padre Antonio Vieira. Temos aliás antes como classico muito apreciado da lingua, como exemplar de escrita vernacula e numerosa, que como professor de religião ou moral. Nem ha já, mesmo entre as pessoas piedosas, se não são de todo ignaras, quem lhe soffra a filosofia inconsistente ou a sciencia e erudição atrazadissimas ainda para o seu tempo, alem dos obsoletos e até ridiculos processos retóricos. Na lingua franceza tambem não ha mais de tres oradores sagrados com leitores: Bossuet, Massillon e Bourdaloue. Destes mesmo o que mais se lê, quiçá o unico ainda em verdade lido, é Bossuet. Nenhum deles é, aliás, como tambem não foi Vieira, apenas orador sagrado. Foram personagens consideraveis no seu tempo, e, alem de acções memoraveis, deixaram obras literarias pelas quais se recomendam e á sua obra oratoria. São justamente tais acções, o papel que desempenharam e a influencia que tiveram na sua epoca os dous maiores deles, Bossuet e Vieira, que mais que os seus meritos literarios lhes fazem viver os sermões.

Nenhum dos sermonistas brasileiros coloniais exerceu no seu meio e tempo acção ou influencia que se lhes reflectisse nos sermões, dando-lhes a vida e emoção que ainda descobrimos nos de Vieira. Nenhum, tambem, em que pese aos seus excessivos elogiadores, possuiu qualidades essenciais ou formais que lhe dessem aos sermões publicados, — que os ineditos esses de todo não pertencem á literatura — aquilo que lhes não pode emprestar a sua existencia obscura.

Desses o que, parece, teve mais talento, melhor lingua e estilo e mais força oratoria foi o padre Antonio de Sá (1620-1678), jesuita, natural do Rio de Janeiro. Exerceu o

ministerio do pulpito no Brasil e em Portugal e, parece, tambem ocasionalmente em Roma, ao tempo em que illustrava o pulpito portuguez o padre Vieira. Deste foi, como acontecia com todos os prêgadores da epoca, discipulo e seguidor. Dos seus sermões, avulsamente publicados ainda em sua vida, e depois coligidos em 1750 (1), se verifica que por alguns aspectos o foi superiormente. Para o nosso gosto actual, talvez sobrelevando ao mestre é emulo no estilo nimiamente ornado e culto do tempo, e notavelmente de Vieira, com quem o nosso bairrismo literario o tem querido emparelhar. Nem pela copia, numero e mais excellencias de linguagem, nem pelo terso, vigoroso e pessoal do estilo, nem pelo arrojado, riqueza e variedade da imaginação e dos tropos acompanha Antonio de Sá a Vieira, do qual é, ainda com valor proprio que se lhe não pode negar, pallido reflexo. Mas tambem o não acompanha no gongorismo, no abuso dos trocadilhos e menos no atrevimento e despejo de conceitos e comparações com que o celebrado orador portuguez, no seu materialismo religioso, roça não raro pela chocarrice e pela indecencia, senão pela blasfemia (2). Não obstante os seus reais meritos, a boa qualidade da sua lingua e estilo, mesmo o talento que revela em seus sermões, Antonio de Sá é apenas um nome que se encontra nas antologias didacticas e cuja obra, fora dos curtos trechos destas, ninguem mais lê e quasi todos ignoram inteiramente.

É que de facto, a despeito do nosso catolicismo consuetudinario, os sentimentos que o inspiraram não têm mais a virtude de interessar-nos e comover-nos. E só vive a obra literaria cuja emoção geradora persiste apesar do tempo, sempre capaz de provocar em nós emoção identica. Isto é que o sermão, quando se não misturam nele,

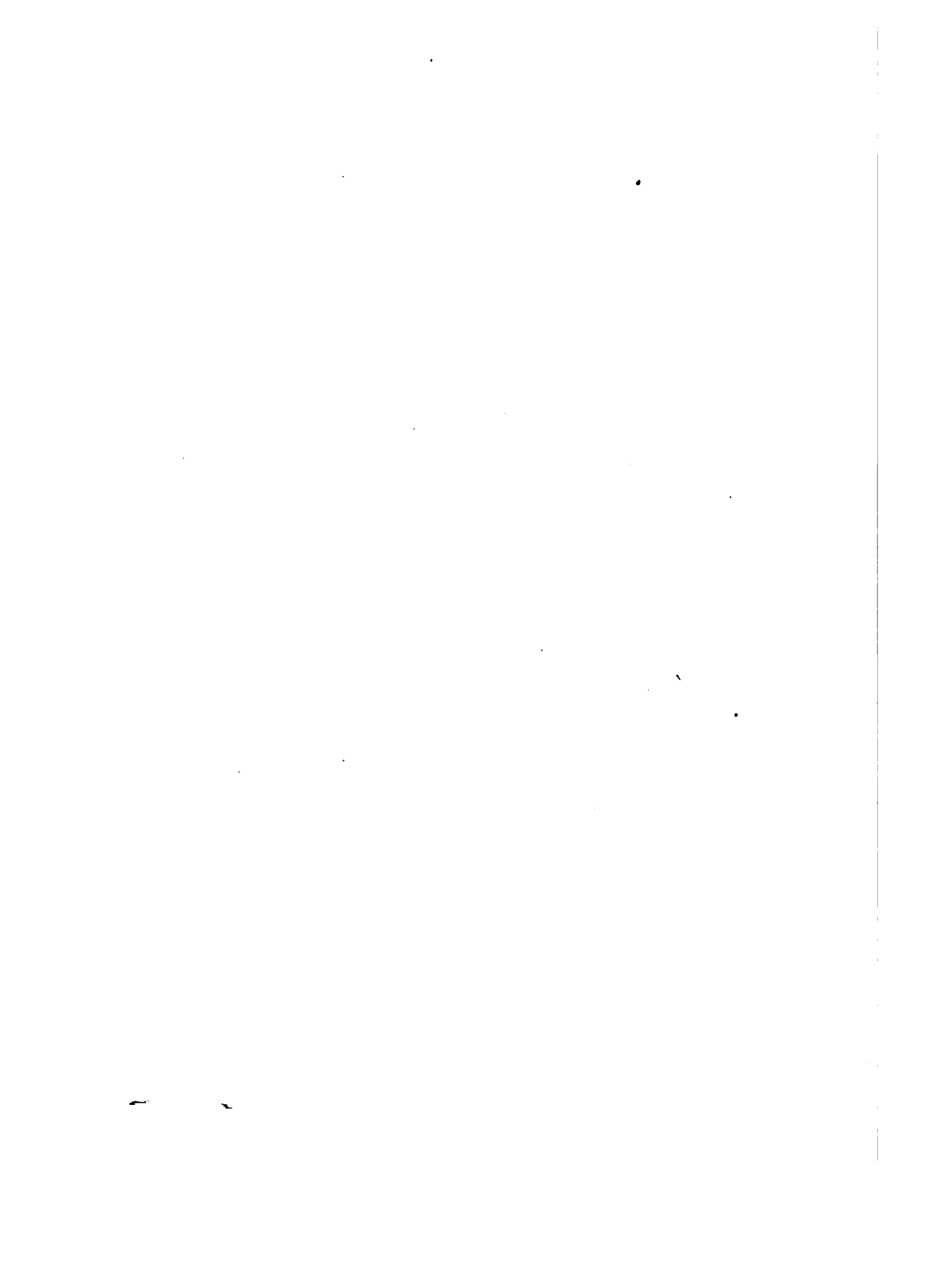
(1) *Sermões varios do P.º Antonio de Sá da Companhia de Jesus*. Lisboa, por Miguel Rodrigues, 1750, in 4.º, xrv, 312 pags.

(2) Cp. *Sermão do SS. Sacramento nos Sermões*, edição Lelo & Irmão. Porto, 1907, vi, todo o sermão particularmente pag. 107, e mais no tomo x, pag. 196 e seg. e no tomo xi pags. 290, 296 e 297.

como nos de Bossuet ou Vieira, interesses verdadeiramente humanos, ou bocados da nossa vida e das nossas paixões, quando é apenas expediente de edificação religiosa, não mais consegue. Perdeu, pois, o essencial dos atributos literarios: o dom da emoção.

Numerosos nomes de prégadores podem, no periodo colonial, juntar-se ao do padre Antonio de Sá e os nossos historiadores literarios não se têm poupado a fazel-o. Uns viram as suas obras publicadas, as de outros o foram posteriormente. Alguns são apenas mencionados por noticia-dores, ás vezes posteriores de um seculo, o que não impediu fossem por aqueles julgados e elogiados, como se os houveram conhecido mais que por vagas noticias. Nem ha como verificar as versões que uma vez inventadas vão sendo repetidas sem critica por quantos do assunto têm escrito. Se o maior deles, como parece ter sido Antonio de Sá, sumiu-se de todo no recesso escuro de alguma livra-ria publica, onde apenas lhe frequentem a obra insectos bibliofagos, e não ha descobrir-lhes o influxo na mentali-dade do seu tempo e na sua literatura, parece inutil, ou vão alarde de facilima erudição, nomear os outros.

A oratoria sagrada no Brasil foi sem duvida, no pe-riodo colonial e no inicio do nacional, uma revelação e porventura um estimulante, em estreitos limites aliás, da cultura do momento. Era uma das formas por que se ma-nifestava a inteligencia e cultura brasileira, principalmente eclesiastica. Mas como outras dessas formas de expressão, a poesia, a historia, os panegiricos pessoais ou da terra, os escritos morais, tinham os sermões a mesma inferioridade de toda essa literatura convencional, retorica, sem alguma relevancia de engenho, sentimento ou expressão. Só mais tarde, quando os oradores sagrados se fizeram tambem, sob a influencia do momento historico, oradores e até tri-bunos politicos, e exprimiam ou ressumavam as paixões nacionais na epoca da Independencia, se nos deparam alguns, bem poucos aliás, cuja obra, sómente por este as-pecto, ainda não morreu de todo.



CAPITULO III

O grupo baiano

A ~~actividade~~ **actividade** literaria dos brasileiros, na segunda fase do **período** colonial, particularmente na ultima metade do **seculo xvii**, manifesta-se quasi exclusivamente pela **poesia**. **Aliás** em todo esse periodo a literatura brasileira **compõe-se** em grandissima parte de poesia. «O Brasil foi **uma** Arcadia antes de ser uma nação», verificou finalmente **um** critico de meados do seculo passado (1). O que **não é**, no seculo xvii, poesia, e poesia de bem pouca poesia, **é** **sermão** ou literatura official, crônicas, relações, memoriais de **caracter** e estilo burocratico. A natural pobreza da primeira fase do mesmo periodo, da qual só ficou um nome de **poeta** e um poema, **sucede** a sua anormal abundancia na **segunda** metade do seculo xvii. Anormal pela sua desproporção **com** o meio, uma sociedade embrionaria, incoerente, apenas policiada, e inculta, e anormal ainda pela sua **correlação** com a prosa, de todo muda nesse momento. **Relaciona** a poesia quasi uma duzia de poetas. A que atribuir-lhes a genese?

Primeiro ao natural incentivo da propria inspiração, inconscientemente estimulada pela tradição literaria da metropole, sobretudo poetica. A estes primeiros incitamentos

(1) Dr. D. P. Schutel, artigo sobre Alvares de Azevedo, nos *Ann. da Acad. phil.*, n.º 2, pag. 56. Apud Norberto *Obras Poeticas de Alvarenga Peixoto*. Rio, 1865, 107.

juntou-se o aumento da cultura colonial, pela educação distribuída nos collegios dos jesuitas. Fazia-se esta principalmente nos poetas latinos lidos, comentados, aprendidos de cór. Dessa educação, sempre e em toda a parte literaria, e apontando apenas ao brilhante e vistoso, eram elementos principais exercicios retóricos de poesia, o que aliás não obsteu a que da Companhia jamais saísse um verdadeiro poeta, em qualquer lingua (1). Influxam mais para a produção poetica brasileira, em epoca em que as preocupações eram forçosamente muito outras que as literarias, as solenidades officiais, celebrando faustos sucessos da monarchia, os abadesados e outeiros desde que aqui houve conventos, isto é, desde o fim do seculo xvi, as festividades escolasticas inventadas ou pelo menos sistematicamente praticadas pelos jesuitas, quasi sempre acompanhadas de representações teatrais, das quais ha noticia desde aquele seculo, as academias ou assembléas de letrados que reciprocamente se liam versos e prosas — versos sobretudo — e conversavam de letras, ainda em antes de se fundarem como sociedades constituídas, no seculo xviii (2). Eram tudo costumes da metropole logo transplantados para a colonia. Em tais festas e solenidades, como nessas academias, havia sempre recitação de versos inspirados pelos mesmos motivos delas e consagrados a lhes louvar os objectos ou promotores. É justamente nessas festas que, com certeza desde os principios do seculo xviii, se verifica a influencia da indigena e do negro em costumes e praticas do Brasil (3) e por ventura do seu sentimento no sentimento brasileiro.

Alem do natural gosto de se publicarem, e da vaidade, muito de raiz em poetas e literatos, de aparecerem e luzirem, estimulava-os o empenho ou a necessidade de anga-

(1) H. Boehmer, *Les jesuites*, trad. G. Monod. Paris, 1910, 233.

(2) Gregorio de Matos, Ms. da Biblioteca Nacional.

(3) V. do A. *Estimulos literarios no Brasil colonial* na *Revista da Sociedade de Sciencias, Letras e Artes de Campinas* (S. Paulo).

riarem a benevolencia e a protecção dos promotores ou patrones dessas festividades ou objectos delas, governadores, capitães-generais, capitães-mores, prelados.

Ainda em fins do seculo XVI começou o descobrimento das minas de ouro, que, continuado pelo XVII e seguido do achado dos diamantes, criou no paiz uma riqueza maior, mais facil e mais pronta que o pau brasil, o açucar e mais productos indigenas da sua primitiva exportação. Simultaneamente deu-se a enterpreza dos holandezes contra a colonia. O primeiro ouro, e até a só bem fundada esperança dele, com a cata cobiçosa das esmeraldas, entrára a influir nos moradores, quer nativos, mamelucos e masombos, quer adventicios, reinóis ou emboabas, a opinião das grandezas da terra. Disso á bemquerença e orgulho dela, com a consequente presunção dos merecimentos deles proprios seus moradores, ia apenas um passo. Não distaria muito este sentimento de um incipiente patriotismo. De 1624 a 1654 soffera o Brasil, da Baía ao Maranhão, assaltos, occupações e conquistas dos holandezes. Salvador, com o seu Reconhecimento, fôra duas vezes investida e de uma tomada. Relativamente, na expugnação do invasor maior fôra a parte dos colonos que a da metropole. Disso houveram eles clara consciencia. Os nossos sucessos nessas lutas, com as suas consequências politicas e sociais, e ainda morais, haviam exaltado a nascente alma brasileira com os primeiros ardores daquele sentimento, então apenas existente sob a forma rudimentar de apego á terra natal, a que temos chamado nativismo. Essas lutas dão lugar a uma copiosa litteratura historica: *O Valeroso Lucideno*, de Fr. Manoel Calado (1648), *O Castrioto Lusitano*, de Fr. Rafael de Jesus (1679), as *Memorias Diarias*, de Duarte de Albuquerque (1654) e ainda a *Jornada... para se recuperar a cidade do Salvador*, do P. Bartolomeu Guerreiro (1625) e menores e menos importantes escritos relativos a essas guerras. A esses cumpre juntar as numerosas genealogias que posteriormente a essa epoca se começaram a escrever, umas hoje publicadas, outras ainda ineditas, provando his-

torias e genealogias o acordar de uma consciencia colectiva nos naturais da terra e a satisfação que a si mesmo se queriam dar da sua valia presente e passada, e de que não era tão somenos a sua prosapia. Não obstante todos estrangeiros, portuguezes, os seus autores falaram da terra e dos seus naturais com tanta estima e encomio que lhes aumentaram a consciencia que começavam a ter de si e do seu torrão natal, por eles defendido com boa vontade, resolução, denodo verdadeiramente admiraveis. Não só admiraveis mas fecundos, por que principalmente desse padecer por ela lhes viria a certeza de quanto a amavam e quanto lhes ela merecia o seu amor. O nacionalismo brasileiro dataria daí.

Não ha entretanto nos poetas nomeados qualquer revelação formal de haverem sido estimulados por essa exaltação patriótica. É, porem, quasi inadmissivel que não a tenham ainda inconscientemente experimentado, sentindo-se, como todos os seus patricios, mais dignos e maiores, levantados como foram os brasileiros no proprio conceito e até no da metropole, pela galhardia com que em tão apertada conjuntura se houveram. Não deve ser inteiramente fortuita a coincidencia do florescimento, mofino embora, da nossa poesia na segunda metade do seculo XVII succedendo ao nosso esforço e triunfo nas guerras com os flamengos. Apenas haverá nesses poetas alguma esquiva referencia ou alusão a tais sucessos ainda frescos. É, porem, seguramente notavel que as primeiras manifestações do nacionalismo brasileiro sob a forma ainda primitiva do apego por assim dizer material á terra, da ufanía das suas excelencias e belezas nativas, como sob a forma grosseira da animadversão ao reinol, datem justamente de após esses acontecimentos.

Nesse momento tambem a Bafa, a cidade do Salvador e a sua comarca, berço da civilização brasileira, patria e domicilio desses poetas, crescera e se desenvolvera, avantajando-se a todos os respeitos aos demais centros de população da colonia. A crer os cronistas coevos, propensos

aliás todos, na feição do tempo, ao exagero, era a cidade, desde o primeiro século da sua fundação, uma povoação adiantada, de muita comodidade e riqueza. «A Bafa é a cidade de El-Rei e a Corte do Brasil» — escrevia o padre Fernão Cardim, já em 1585. Tudo é relativo. A nós hoje a Bafa se nos afigura ainda uma cidade atrazada, de escasso conforto, comparada a outras do mesmo do Brasil, como Rio de Janeiro e S. Paulo. Como quer que seja a cidade do Salvador, na sua extravagancia e incoerencia de todas as primitivas cidades americanas, meios aldeamentos de indios, meios acampamentos militares, fortalezas, casas de moradia, residencias officiais, panas, mesquinhas e feias, era a séde do Governo geral e todas as suas funções aliás ainda se confundiam. Dessas autoridades assentadas o maior numero eram fidalgos de condição e tratamento. Era tambem a séde do unico bispado do paiz, com a sua sé e o que ela implica de conegos e mais dignidades. Possuía já muitas igrejas, alguns conventos e um collegio dos jesuitas, cujas aulas quasi todos os letrados do tempo haviam frequentado. No seu tempo se fazia justamente ouvir a voz eloquente e florida do padre Antonio Vieira e a sua palavra de um tão literario sabor. Tinha «muitas caças sobradadas e de pedra e cal, telhadas e forradas como as do Reino» das quais ao tempo de Gandavo, que o diz, «havia ruas muy cumpridas e formosas» (1). No tempo d'aqueles poetas teria de uns mil ou mil e quinhentos moradores, e os seus arredores dous mil e quinhentos a tres mil (2). Desde meio seculo antes destes poetas, havia na

(1) Pero Magalhães de Gandavo, *Historia da provincia de Santa Cruz*. Lisboa, 1858, 15. O livro de Gandavo é de 1576.

(2) O computo de Gabriel Soares em 1587, é, respectivamente de oitocentos e dous mil vizinhos. O de Cardim, de tres anos anterior, de tres mil portuguezes, oito mil indios-mansós e tres a quatro mil negros escravos, em grandissima parte, sem duvida afri-

cidade uma boa praça em que se corriam touros, e nela «umas nobres casas» onde residiam os Governadores. Numa outra praça faziam-se cavalhadas, que, continuadas no seculo xvii, Gregorio de Matos devia de celebrar em suas satiras. Não faltavam moradores ricos de bens de raiz, peças de prata e ouro, arreios de montaria e tais alfaias de casa, que muitos possuíam dous a tres mil cruzados em joias de ouro e prata lavrada. Mais de cem deles usufruíam rendas de mil a cinco mil cruzados e mais, não faltando capitais de vinte a sessenta mil. Tratavam-se grandemente. Tinham cavalos, criados e escravos. Vestiam-se, principalmente o mulhierio, com grandeza e luxo, não usando elas, «por não ser fria a terra» senão sedas. Mesmo a gente somenos acompanhava este luxo. Os peões usavam calção e gibão de setim e damasco e traziam as mulheres com vasquinhas e gibões da mesma fazenda. Eram bem arranjadas as casas, e nas mesas comum o serviço de prata, andando as senhoras ataviadas de joias de ouro (1). Fernão Cardim, descrevendo as boas receções feitas ao visitador jesuita e seu sequito na Baía e arredores, não lhe esquece nem de mencionar os grandes repastos que lhes ofereciam e as iguarias servidas, galinhas, perus, patos, cabritos, leitões, todo o genero de pescado e mariscos de toda a sorte, como lhe não esquece notar a limpeza e concerto do serviço, na maioria de prata, nem os ricos leitos de seda, etc. (2). Quem conhece as nossas cidades sertanejas de hoje em dia, ou as conheceu ha trinta anos ou mais, não terá dificuldade em imaginar o que seria a Baía dos fins

canos. O meu, baseado nesses, para setenta anos depois, não andaré longe da verdade. V. *Noticia do Brasil*, por Gabriel Soares, na *Colecção de noticias para a historia e geografia das nações ultramarinas*. Lisboa, 1825, III, 102, Cardim, obr. cit. Em meados do seculo (xvii) diz Southey, avaliava-se a população da Baía e Reconcavo em 3.500 almas. *Historia do Brasil*, trad. Luiz de Castro, 1862, IV, 425.

(1) G. Soares, obr. cit. pag. 102 e seg.

(2) Obr. cit. *passim*.

do século XVI e do século XVII: um misto incongruente de civilização e barbaria, de luxo e desconforto. Já então havia nela uma grande população negra e mestiça. Os costumes não eram de forma alguma austeros, antes soltos, como foram sempre os das sociedades incipientes, quando os não continha uma severa disciplina moral, qual a dos puritanos da Nova Inglaterra. Afóra de guerrear o indígena, que ás vezes ainda ameaçava a cidade ou o Reconcavo, ou de ir atacal-o nos seus sertões para o descer ou reduzir, além da preocupação de agressões possíveis de estrangeiros cobiçosos do Brasil, resumia-se a actividade daquelas populações na cultura dos engenhos de açúcar vizinhos da cidade ou espalhados pelo Reconcavo. Mas esse trabalho como qualquer outro, e também a grangearia dos alimentos naturais — caça, pesca, frutos da terra, era todo exclusivamente feito por escravos, o que criava para a população livre, indígena ou forasteira, ocios propicios aos vícios e maus costumes. «Os encargos de consciencia são muitos, escrevia o padre Cardim ao seu Provincial, os pecados que se cometem neles (engenhos) não têm conta: quasi todos andam amancebados por causa das muitas occasiões; (e jogando de vocabulo com o açúcar, principal riqueza da terra) bem cheio de pecados vai esse doce, por que tanto fazem, grande é a paciencia de Deus que tanto sofre» (1). É também a impressão de Froger (2) como de outros viajantes estrangeiros, citados por Southey (3), que pela Baía passaram aquele tempo. E a obra satirica, como a mesma vida de Gregorio de Matos, confirma essa descompostura de costumes. A essa população mistura incongruente de fidalguia e de ralé portugueza, de negros e mulatos, de índios e mamelucos, de numerosa soldadesca e não menos copiosa clerezia, ocupavam-na também as devoções festivas

(1) Obr. cit. 37.

(2) *Relation d'un voyage*. Paris, MDCXCIX, 136.

(3) Obr. cit. Cap. xxx, tomo 3.º.

nas sessenta e tantas igrejas da cidade e seus subúrbios (1).

Afóra as festas de igreja, em cuja frequencia e esplendor emulavam as diversas religiões, missas solenes, procissões, ladainhas, novenas, vias sacras e outras da bela e rica liturgia catolica, espectaculos dilectos da gente iberica, tinham os moradores da Baía para divertir-os touros, não menos dela prezados, as cavalhadas, as festividades por motivos de jubilos nacionais da metropole, representações teatrais dos collegios dos jesuitas ou acompanhando essas festividades, os abadesados, obrigados aos tradicionais oiteiros poeticos da peninsula. Na cidade e nos seus arredores era comum fazerem-se comedias. A essas representações consagrou Gregorio de Matos mais de um dos seus poemas (2). A escravatura africana muito numerosa, com a facilidade e despejo de costumes produzidos pela escravidão, a soltura da vida colonial devia dar a esses divertimentos, a que cumpre juntar os batuques, cadomblés, cate-rêts e outras importações d'África, já aqui mestiçadas com quejandas de Portugal e do paiz, um singular pico de talvez maior licença que a da sociedade portugueza da epoca.

Os moradores mais abonados mandavam os filhos estudar a Coimbra, depois de os haverem feito cursar as aulas preparatorias locais, mórmente as dos jesuitas, que eram as mais recomendadas e frequentadas. Além das materias de religião e teologia, estudavam-se nessas aulas o latim e sua literatura e conjuntamente a historia e geografia antigas e a mitologia. Nelas explicou e comentou Seneca, está-se a ver com que abuso de subtilezas e desmancho de trocadilhos, o padre Antonio Vieira. Os jesuitas mantinham em seu collegio uma livraria, ou biblioteca como hoje chamamos, em que certamente com livros de religião e teologia se achariam os poetas antigos e os portuguezes e hespanhoes de mais nomeada e estimação. Por citações

(1) Gabriel Soares, Obr. cit., 131.

(2) Ms. da Biblioteca Nacional, 1-5-1-29.

de Botelho de Oliveira, um dos poetas maiores do grupo baiano, verifica-se que eram aí conhecidas entre os letrados, Tasso, Marini, Gongora, Lope da Vega, Camões, Jorge de Montmór, Gabriel Pereira de Castro. E o seriam com certeza ainda outros, famosos naquele tempo. A educação jesuitica, quasi a unica dos nossos primeiros poetas e letrados, é essencialmente formalistica, apenas vistosa, e mostra e aparato, parecendo não apontar senão a ornamentar a memoria. Não é porventura temerario attribuir-lhe a feição geral, abundante destes estigmas, do seculo da decadencia literaria portugueza, já bem estreiada, e o character incolor, e dessaborido como um tema de escolar, da primeira poesia brasileira.

Nesta cidade e sociedade, simultaneamente rudimentar e gastada, nasceram, criaram-se, viveram e produziram no seculo xvii os poetas que se convencionou reunir sob o vocabulo de grupo baiano. Além de os juntar o acidente de existirem no mesmo lugar e momento, associa-os a communhão na mesma poetica portugueza da epoca. São eles, por ordem de nascimento: Bernardo Vieira Ravasco (1617-1697), irmão do padre Antonio Vieira; frei Eusebio de Matos (1629-1692); Domingos Barbosa (1632-1685); Gonçalo Soares da França (1632-1724?); Gregorio de Matos, irmão de Eusebio (1633-1696); Manoel Botelho de Oliveira (1636-1711); José Borges de Barros (1657-1719); Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque, primo do outro Ravasco (1659-1725) e João de Brito Lima (1677?). Com a só excepção de Botelho de Oliveira, nenhum deixou livro impresso, sendo que dos outros, exceptuado Gregorio de Matos, de quem existe manuscrita parte consideravel da sua produção, apenas nos restam amostras, guardadas em antologias e repertorios do seculo xviii. Dessas amostras não podemos induzir senão o mediocre engenho desses verzejadores. Nenhuma autoriza a sentir a perda do resto. Apenas se haveria perdido com ele mais algum sinal, como o da *Ilha de Maré*, de Botelho de Oliveira, da impressão da terra e dos seus ultimos sucessos nesses poe-

tas, e, portanto, a confirmação interessante do despontar do nosso nacionalismo.

Cento e quatro anos depois da *Prosopopéa* de Bento Teixeira, safa á luz em Lisboa outro livro de brasileiro, uma colecção de poemas liricos, com este titulo, muito do tempo: *Musica do Parnaso em quatro coros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas com seu descante comico reduzido em duas comedias*, oferecida ao Excelentissimo Senhor Dom Nuno Alvares Pereira de Melo, Duque do Cadaval, etc., e entoada por Manoel Botelho de Oliveira, Fidalgo da Casa de Sua Majestade. Na officina de Miguel Menescal, Impressor do Santo Officio, Anno de 1705, in 4.º, 240 pags.

Manoel Botelho de Oliveira é o unico desses poetas cuja obra foi publicada ainda no seu tempo. Daí lhe vem a relativa, e ainda assim muito apoucada, notoriedade. Ha nessa obra, aliás num só dos seus poemas, o primeiro sintoma de emoção estetica produzida pela terra em um dos seus naturais, e literariamente exprimida. E a expressão não é, sob este aspecto, de todo somenos. Entre os poemas do tempo é acaso o unico que ainda leiamos com aprazimento.

Segundo a mais antiga e unica noticia que do poeta existe, Botelho de Oliveira «nasceu na cidade da Bafa, capital da America portugueza, no ano de 1636, filho de Antonio Alvares Botelho, capitão de infantaria paga, fidalgo da Casa de Sua Majestade. Estudou na Universidade de Coimbra jurisprudencia cesarea (direito romano), exercitando na sua patria a advocacia das causas forenses por muitos anos com grande credito da sua literatura. Foi vereador do Senado da sua patria e capitão-mór de uma das comarcas dela. Teve grande instrução da lingua latina, castelhana, italiana, como tambem da poesia, metrificando com suavidade e cadencia. Faleceu a 5 de janeiro de 1711» (1).

(1) Diogo Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*.

O livro de Botelho de Oliveira, a primeira colecção de poesias publicada por brasileiro, contém, afóra os poemas em portuguez, hespanhol, latim e italiano (os quatro coros de rimas a que alude o titulo), duas comedias em castelhano: *Hay amigo para amigo* e *Amor, engaños y zelos*, das quais a primeira parece havia já sido impressa antes de sair novamente no volume *Musica do Parnaso*.

Não ha neste principal documento dos começos da nossa poesia, ou melhor da poesia portugueza no Brasil, distincção notavel, é pobre de sentimento e inspiração. A lingua, como a metrificacão, é correcta, ainda boa, se bem não escapem ambas aos vicios e defeitos do tempo. O chamado catalogo da Academia de Lisboa incluiu a *Musica do Parnaso* nos livros que se haviam de ler para a organização do dicionario da lingua, projectado pela mesma Academia. Os poemas, sonetos, canções madrigais e quejandas composições nas formulas da poetica em moda, qu são laudatorios, endereçados a diversas personagens, geralmente proceres da republica, por varios motivos, nenhum bastante comovente para inspirar um poeta, ou são versos de amor, mas do amor obrigatorio dos poetas, versos frios, sem paixão, a certa Anarda, a amante proverbial que lh'os inspira. Tambem os ha simplesmente galantes, endereçados a outras damas ou a conta de outras: *Pintura dos olhos de uma dama*, *Pintura de uma dama namorada de um letrado* e quejandos... O nosso cronologicamente primeiro lirico (já que Bento Teixeira presume-se de épico) não foi, pois, senão um correcto e vernaculo verzejador como os teve a nossa lingua ás dezenas na mesma epoca e depois. Esta sua obra poetica apenas lhe daria direito a uma menção na historia da nossa literatura, como um nome desvalioso e desinteressante á sua evolução não fôra o acidente feliz do seu poema *A Ilha de Maré*, que unicamente o salva de um esquecimento completo e merecido. Ao inconsciente estimulo do nativismo, gerado dos acontecimentos no meio dos quais nasceu e se fez homem, sentiu-se um dia Botelho de Oliveira

sinceramente tocado pelas belezas e dons do seu torrão natal, e sob esta comoção cantou-o ingenuamente, caso então extraordinario, e não sem lindeza. Aquela insignificante ilha da baía de Todos os Santos, provavelmente o seu berço, não podia conter ela só tanta cousa como ele lhe põe no poema em que a celebra, tantas e tão boas prendas. É a sua Baía, é o mesmo Brasil, que o poeta embevecido resume na sua ilha natal e que, cantando-a, canta com manifesta satisfação e ufania:

Esta ilha de Maré, ou de alegria
 Que é termo da Baía
 Tem quasi tudo quanto o Brasil todo,
 Que de todo o Brasil é breve apodo.

Dele embevecido faz já, o que é a mesma marca do nativismo brasileiro, ingenuas comparações desfavoraveis a Portugal e á Europa, dando a primazia á sua terra:

Tenho explicado as frutas e legumes
 Que dão a Portugal muitos ciumes;
 Tenho recopilado
 O que o Brasil contem para invejado
 E para preferir a toda a terra.

Este poema, que pode ainda hoje ser lido com aprazimento, graças ao seu pitoresco, á sua côr local e simplicidade, inicia na poesia brasileira o seu tocante sestro de cantar a terra natal. Meio seculo depois, Santa Rita Durão pouco mais fará que repetir e desenvolver com mais largo estro e mais advertido sentimento, a inspiração da *Ilha de Maré*, quando no canto VII do *Caramurú* celebra as riquezas naturais e produções do Brasil.

Esta emoção, que não é mais a simples impressão da terra do versejador da *Prosopopéa*, Botelho de Oliveira foi o primeiro a exprimir-a. Outro poeta baiano, o Anonimo Itaparicano, a repetiria no seculo XVIII, e ela nunca mais desapareceria da poesia brasileira. Antes permaneceria

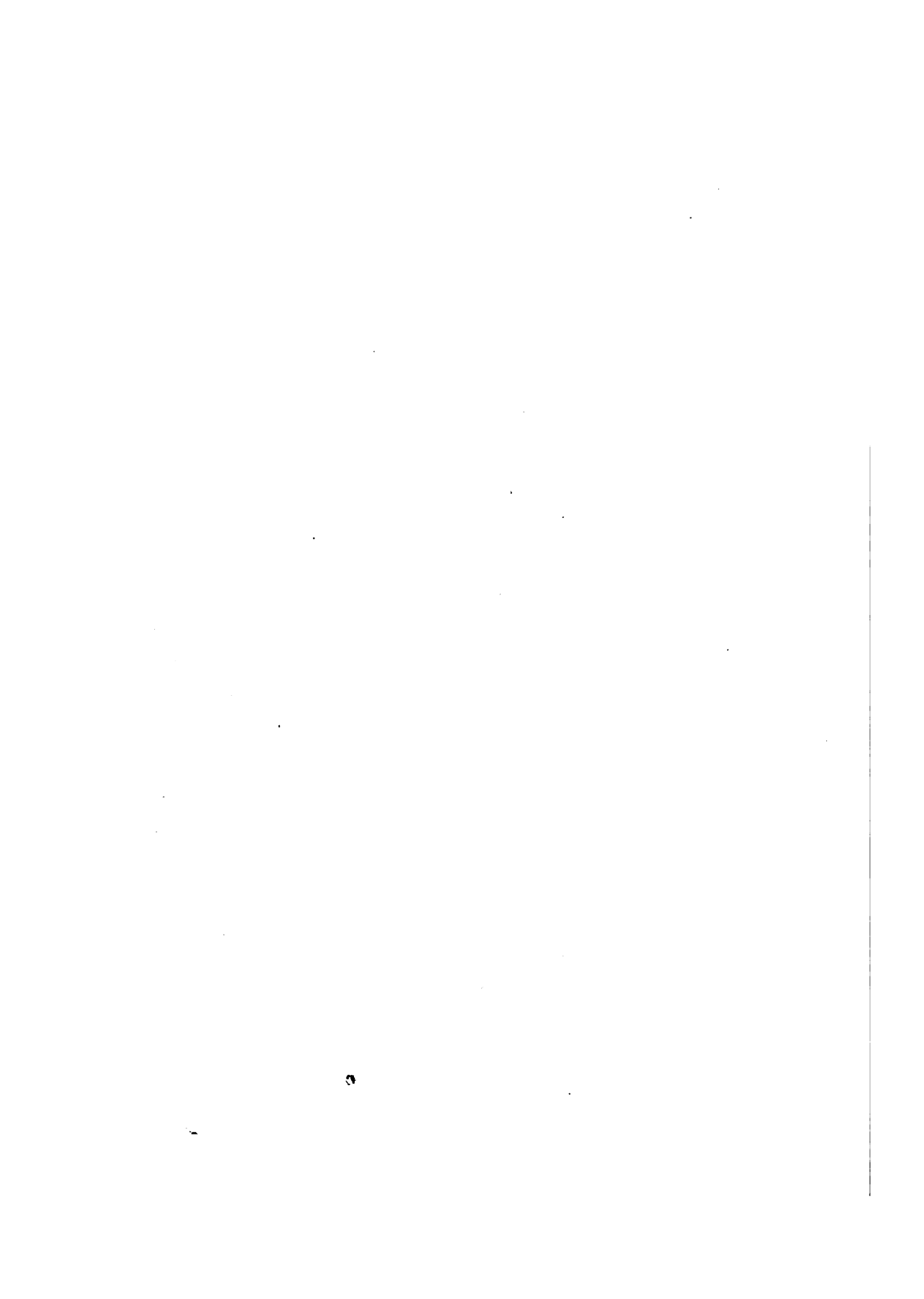
nesta como uma das suas emoções mais peculiares e um dos seus mais comuns motivos de inspiração, concorrendo para dar-lhe as feições que pouco a foram distinguindo da portugueza. Justamente no momento em que, com o Romantismo, a separação entre as duas literaturas se estabelece e acentua, o maior poeta brasileiro, Gonçalves Dias, lhe achará a forma definitiva e sublime na sua ingenuidade, na *Canção do Exílio*. E apenas haverá poeta no nosso romantismo em que se não ouça essa nota amoravel da terra patria.

Botelho de Oliveira é, com a sua *Ilha de Maré*, o mais frizante exemplo, em nossa primitiva literatura, ao conceito da genese do sentimento brasileiro após os sucessos da primeira parte do seculo xvii, os acrescimentos geograficos e economicos da colonia e as suas lutas vitoriosas contra

Holanda perfida e nociva

como ele disse.

O que nos legaram os outros, exceptuando sempre Gregorio de Matos, é muito pouco para lhe podermos avaliar com segurança o merito. Mas sobre insignificante tem tudo o mesmo ar de familia da peor poesia contemporanea.



CAPITULO IV

Gregorio de Matos

Do grupo baiano, o mais conhecido, o mais interessante e curioso e ainda, em suma, o mais distinto, é Gregorio de Matos. Se, como parece, são realmente suas as numerosas composições metricas que, em copias do seculo XVIII, chegaram até nós, foi ele tambem o nosso mais copioso poeta dos tempos coloniais. Ha varios volumes manuscritos de obras suas. São umas sérias outras satiricas e burlescas, a maxima parte aliás mais burlescas do que satiricas. São estas não só as mais porem as unicas conhecidas, tanto dos historiadores da nossa literatura como do vulgo dos letrados.

Da porção séria da obra de Gregorio de Matos não julgaram aqueles dever occupar-se. Deste descuido resultou uma noção imperfeita e uma idéa errada do poeta. Fizeram dele um heroe literario, um precursor do nosso nacionalismo, um anti-escravagista, um genio poetico, um republicano austero, quiçá um patriota revoltado contra a miseria moral da colonia. Houvessem procurado conhecer a parte não satirica de sua obra, ou sequer lido atentamente a parte satirica publicada (1), unica que conheceram, haveriam escusado cair em tantos erros como juizos.

(1) *Obras poeticas de Gregorio de Matos Guerra...* Tomo I (unico publicado). Rio de Janeiro. Na Tipografia Nacional, 1882. A publicação foi feita por Alfredo do Vale Cabral, da Biblioteca Nacional, editor em quem era muito maior o amor das letras nacionais

Unico entre os poetas e escritores coloniais, coube a Gregorio de Matos a fortuna de ter um biografo ainda, quasi seu contemporaneo. Esta sua biografia (1) escrita por volta do meiado do seculo xviii, mais de quarenta anos depois dele morto, e o facto das numerosas copias dos seus poemas, provam a fama que havia adquirido e a estima em que era tido. Uma e outra não deixaram de actuar nos que modernamente o estudaram, aliás com preconceitos nacionalistas já de todo desapropositados. É tambem ele acaso o unico dos nossos poetas de quem, antes dos mineiros, encontramos lembrança em autores portuguezes. O bispo do Pará, D. Fr. João de S. José nas suas *Memorias*, de meiadros do seculo xviii, consagra-lhe um paragrafo (2).

O seu parcialissimo biografo noticiou, e todos o têm repetido, que o Padre Antonio Vieira dizia que «maior fruto faziam as satiras de Matos que os sermões de Vieira». Pode ser, mas em toda a obra de Vieira referente ao Brasil se não encontra a mais vaga allusão ao poeta, e não é de crer o asserto na boca do soberbo jesuita.

Filho de um escudeiro fidalgo emigrado da provincia portugueza e proprietario na Baía, e de uma senhora brasileira de boa geração e afazendada, Gregorio de Matos cedo foi mandado estudar a Portugal. Ali se doutorou em leis em Coimbra (3), onde se lhe revelou o engenho poetico e a indole satirica. Na indisciplina geral da sociedade portugueza, mais do que estreiada naqueles principios do seculo xvii, teria a Universidade, isto é, a corporação de seus

e do trabalho bibliografico do que a capacidade critica. Vale Cabral, aliás, publicou apenas uma pequena parte da obra satirica de Gregorio de Matos.

(1) *Vida do Dr. Gregorio de Matos Guerra* pelo licenciado Manoel Pereira Rebelo. Precede a citada edição de Vale Cabral.

(2) *Memorias de Fr. João de S. José de Queiroz*, Bispo do Grão Pará... por Camilo Castelo Branco. Porto, 1868, 139.

(3) A sua tese de doutoramento, em latim, como eram todas então, existe na Biblioteca Nacional, segundo ali me informaram.

alunos, como sempre teve, parte conspicua. Não se precisa de grande esforço de imaginação para ver ~~o~~ ~~esse~~ brasileiro, naturalmente com boa mesada, reputação de rico, desenvolto, talentoso, chistoso e trefego, representando saliente papel nas famosas troças e tropelias daquela rapaziada irrequieta e bulhenta. «Anda aqui, escrevia desde Coimbra a um amigo da Córte um seu condiscipulo, Belchior da Cunha Brochado, ao depois desembargador na Bafa, andá aqui um estudante brasileiro tão refinado na satira que com suas imagens e seus tropas parece que baila Momo ás cançonetas de Apolo.» Imagina-se o furor que ele faria em Coimbra.

Dali já conhecido e estimado pelo engenho poetico e genio folgasão, parece saiu tambem com bons creditos de leguleio, confirmados pouco depois na pratica de advocacia com um bom letrado, com quem trabalhou em Lisboa. A metropole foi-lhe, como a tantos outros brasileiros, caroavel e propicia. Teve em Lisboa os lugares de juiz do crime e de juiz de orfãos. Como tal uma de suas sentenças figura nos *Comentarios de Pegas ás Ordenações do Reino*. Cresceu em creditos e consideração de jurista e jurisperito, com bons augurios de augmentos na magistratura, quando de subito se viu baldado nas suas pretensões a maiores cargos e, ao que parece, malquisto da Córte ou do Governo. O seu biografo, o licenciado Pereira Botelho, cujas são estas noticias, duvidosas por serem de uma unica testemunha, que não era sequer presencial, não diz claramente o motivo deste desfavor.

Das suas retorcidas explicações, no mais sesquipedal estilo do tempo, pode-se porem induzir sem risco de erro que á sua veia satirica, tão bem iniciada em Coimbra, deveu Gregorio de Matos a sua desgraça. Deu-lhe provavelmente curso e criou-se inimigos entre os poderosos. Mas ainda nesta conjuntura não lhe foi a fortuna de todo adversa, pois lhe deparou um favorecedor no primeiro arcebispo nomeado para a Bafa. Sem obstaculo de não ter Gregorio de Matos mais que as ordens menores, o nomeou tesoureiro-mór da

sua catedral, acrescentando-lhe o cargo de vigario geral. De Lisboa veio Matos amatalotado com um patricio, que recolhia á terra como desembargador da Relação. Se são exactos os dados do seu biografo, teria Gregorio de Matos, quando regressou á terra natal para nela viver, 58 anos feitos. Era já um pouco tarde para se lhe afazer e afeiçoar. Não seria uma natureza afectiva, como não o são em geral os satiricos. Mostra-o se ter deixado ficar em Portugal, donde só saiu obrigado das circunstancias. Voltando do desterro de Angola, deixou-se tambem, por puro espirito de boemia, ficar em Pernambuco, sem mais se lhe dar da familia que na Bafa fizera e abandonára. É certo que entre os seus poemas alguns ha á sua futura mulher e á morte de seus filhos. São porem os versos de praxe dos poetas enamorados. Nos feitos aos filhos a retorica do tempo escondeu o sentimento real que por ventura os inspirou.

Pelo seu genio maledico e satirico, pela irritação com que deixára Portugal, pelo desapego da terra, onde se encontrava deslocado e contrafeito, e a qual não cuidou de afeiçoar-se, achou-se naturalmente mal e contrariado nesta, e em opposição com ela. Mais de trinta anos de Portugal lhe tornaram insupportavel a mesquinha vida da sua mesquinha Bafa.

Muito vaidoso, como soem geralmente ser poetas e literatos, era-o extremamente do seu titulo de doutor, do seu saber juridico, da posição que tivera no Reino, e até de ser branco. Sentia-se, pois, afrontado com a indiferença dos seus patricios e vizinhos, insensiveis a estas suas superioridades. Acham-se-lhe fartos documentos deste seu estado d'alma, em todo caso revelador de pouco espirito, em varios passos de sua obra. Na *Epistola ao Conde do Prado*, filho do governador geral Marquez das Minas, claramente o descobre:

Era eu em Portugal
Sabio, discreto, entendido,
Poeta melhor que alguns
Douto como os meus vizinhos.

E chegando a esta terra
Logo não fui nada disto
Porque um direito entre tortos
Parece que anda torcido.

Desvanecese grandemente do seu titulo de doutor e de vez em quando o alardêa. No Benze-se o poeta de varias acções que observava na sua patria, ralha:

Que pregue um doto sermão
Um alarve, um asneirão;
E que esgrima em demasia
Quem nunca lá da Sofia
Soube ler um argumento
Anjo bento!

A Sofia é a Universidade de Coimbra, alcunha que lhe veio da rua desse nome onde ficava. Nas Verdades lasma-se:

Os doutos estão nos cantos
Os ignorantes na praça.

Nos Milagres do Brasil exproba:

Um branco muito encolhido,
Um mulato muito ousado,
Um branco todo coitado,
Um canaz todo atrevido.
O saber muito abatido.
A ignorancia e ignorante
Muito ufano e mui farfante
Sem pena ou contradição:
Milagres do Brasil são.

Mostra Gregorio de Matos particular ogerisa a negros e mulatos, aos quais por via de regra chama de cães. Tinha consciencia e orgulho de sua prosapia e sangue estreme. **La** stima, é certo, os negros e teve uma vez expressões de condiseração pelos escravos (pelo que já o deu a critica indiger a por abolicionista), mas a conta que de uns e outros fazia e a do reinol do masombo, isto é, do branco filho

de portuguez, como ele. Nos citados *Milagres do Brasil* sobram exemplos desta sua ogerisa. E na tambem citada *Epistola ao Conde do Prado*:

Pois eu por limpo e por branco
Fui na Baía mofino

Não suporta o menos-preço da gente da Bafa á sua superioridade, e não lhe sofre a paciencia a este jurista que a sua qualidade de branco e outras partes lhe não dêem isenções e regalias:

Não sei para que é nascer
Neste Brasil empestado
Um homem branco e honrado
Sem outra raça.
Terra tão grosseira e crassa
Que a ninguem se tem respeito
Salvo se mostra algum geito
De ser mulato!

.....

Os brancos aqui não podem
Mais que sofrer e calar
E se um negro vão matar
Chovem despesas.
Não lhe valem as defesas
Do atrevimento de um cão,
Porque acorda a Relação
Sempre faminta.

E, mais, ainda nos citados *Milagres do Brasil*:

Que vos direi do mulato,
Que vos não tenha já dito,
Se será amanha delito
Falar dele sem recato?

.....

Imaginais que o insensato
 Do canzarrão fala tanto
 Porque sabe tanto ou quanto?
 Não, se não por ser mulato;
 Ter sangue de carrapato,
 Seu estoraque de congo
 Cheirar-lhe a roupa a mondongo. (1)

Ao revés, era extremamente coroaavel de mulatas e
 crioulas. O satiro que nele descobriu a critica imaginosa
 de Araripe Junior, prodigalizou-se em versos amanteticos,
 babosos, de velho femieiro, a esse tipo feminino, de que a
 Baía teve sempre a primazia. Mas ainda nestes requebros
 não é raro revelar-se-lhe, na ironia com que insensivel-
 mente descambam em satira, aquela quizilia de raça. Os
 seus appetites grosseiros eram, porem, mais fortes que esta
 sua idiosincracia, e ele é sobretudo o cantor da mulata.
 Na Baía, o seu primeiro acto inconsiderado foi andar a
 secular, apenas revestindo as vestes sacerdotais, a que o
 obrigavam as suas funções, quando as exercia, o que foi
 motivo de escandalo. Se como sujeito douto, que se vira
 bem aceito no Reino, onde ocupára boa posição, se en-
 controu mal aqui, por outro lado a sua indole desabusada,
 a devia achar a terra á sua feição. Que importa que ele
 se deblaterado contra ela e contra os seus vicios e de-
 feitos quando da sua mesma obra verificamos, de modo a
 não deixar duvida, que se compoz perfeitamente com tudo
 aquilo de que ralha e viveu deleitosamente a mesma vida
 que a terra crua e insistentemente reprova aos seus concida-
 dos. O capadocio que era de indole e condição, achou
 na sua terra onde expandir os seus instinctos nativos se
 não a vavicos, influidos de mais a mais pelo meio. Grego-
 rio de Matos é a mais perfeita e mais illustre expressão

(1) Estoraque, seiva ou balsamo vegetal cheiroso. Mondongo,
 miudo de gado. A lingua de Gregorio de Matos abunda em ter-
 mos arcaicos, raros, quasi desconhecidos e alguns mesmo de todo
 desconhecidos dos dicionaristas.

desse tipo essencialmente nacional, do qual foi e continua a ser a Bafa a fecunda progenitora, o capadocio.

É ele o seu mais eminente prototipo, como é tambem o primeiro boemio da nossa literatura, com a vantagem sobre os aqui procriados pelo romantismo de o ser de nascença e originalmente, e não de macaqueação de Paris. Porque nele se completasse cabalmente o tipo do capadocio, era tambem insigne cantador de modinhas e tocador de viola, um solfista, como então se chamava. Ao ultimo remate da sua caracterização, só lhe faltou ser mestiço, se com efeito não era, o que quasi custa a crer. Mas se a indolencia, o desleixo, a incuria, certas qualidades brilhantes mas superficiais de espirito, a debilidade de character, a lascivia exuberante, são os sinais mais comuns e aparentes do mestiço, ele moralmente o era, apesar da sua presunção de branco puro, da sua vaidade de douto, dos seus muitos anos de Portugal e da educação portugueza.

Quiz, talvez, conciliar duas cousas incompativeis, e de o não ter, por impossivel, conseguido, resultou o seu profundo desgosto da terra, manifestado com uma reiteração e variedade de formas que lhe estão revendo a sinceridade fundamental. As duas cousas que quiz acordar eram a consideração publica pelos seus talentos, letras e graduação social com a vida dissoluta que, a despeito dos pessimismos costumes locais, seria ainda assim escandalosa, segundo resalta das anedotas da sua vida e o deixa de manifesto a sua obra. Como não o conseguisse, e por honra da moralidade humana que jamais sossobra totalmente não o podia alcançar, rebelou-se, fazendo-se ao mesmo tempo o flagelo e o divertimento dos seus concidadãos, o «boca do inferno», como é de tradição o alcu-nhavam. Não se limitava a versejar por sua conta, se não que fazia versos para outros. Como fosse de facto quem satiricos e maledicos mais e melhor os fazia, atribuiam-lhe quantos neste genero apareciam, de autoria desconhecida. Não é, pois, improvavel que dos existentes com o seu nome, os haja que não sejam seus. Só se empresta

aos ricos. **Disso** queixa-se ele, deixando na sua mesma queixa a **marca da sua vaidade:**

**Saiu a satira má
E empurraram-me os perversos,
Porque emquanto a fazer versos
Só eu tenho geito cá.
Noutras obras de talento
Só eu sou o asneirão
Mas sendo satira, então
Só eu tenho entendimento.**

Achou-se, portanto, em guerra com a sociedade cujo era, de cujos vícios e manhas participava, para cuja imoralidade contribuía com o seu exemplo de vida desregrada e ainda torpe, como o testemunham os seus poemas publicados e inéditos. Tinha aliás consciencia da animadversão recíproca dele e de sua cidade :

**Querem-me aqui todos mal,
E eu quero mal a todos,
Eles e eu por nossos modos
Nos pagamos tal por tal :
E querendo eu mal a quantos
Me tem odio tão veemente
O meu odio é mais valente
Pois sou só e eles tantos.**

(Ca. **E** noutro passo dos inéditos da Biblioteca Nacional V. 34-29, pag. 403) malsina assim cinicamente da terra:

**Porque esta negra terra
Nas produções, que erra,
Cria venenos mais que boa planta :
Comigo a prova ordeno
Que me criou para mortal veneno.**

É
nas **estranho** que aquela confissão tão pessoal seja apenas **desenvolvimento, feito aliás com vantagem, destes**

versos do espanhol Quevedo, tantas vezes imitado e até plagiado por Gregorio de Matos :

Muchos dicen mal de mi,
Y yo digo mal de muchos;
Mi decir es más valiente
Por ser tantos y yo ser uno. (1)

Foi justamente esta situação singular em que o puzeram a sua indole e o seu engenho que deu a Gregorio de Matos a sua feição particular e distinta e o singularizou em a. nossa literatura colonial. Enganaram-se redondamente os que pretenderam fazer dele ou quizeram ver nele um precursor da nossa emancipação literaria, cronologicamente o primeiro brasileiro da nossa literatura. É de todo impertinente supor-lhe filosofias e intenções morais ou sociais. É simplesmente um nervoso, quicá um nevrotico, um impulsivo, um espirito de contradição e denegação, um malcriado rabujento e maledico. Mas estes mesmos defeitos, se lhe não permitem figurar com a fisionomia com que o fantasiaram, serviram grandemente á sua feição literaria e lh'a relevaram, embora parcialmente, sobre todas as do seu tempo. Em todo caso, mereceria Gregorio de Matos aquela apreciação se houvera apenas sido o poeta satirico de sua obra e da tradição, o discolo que só ele entre os seus contemporaneos malsinou do regimen colonial e dos vicios publicos e particulares que o peioravam, e que, num impulso de despeito pessoal, foi o unico a sentir aquilo que devia, volvidos dous seculos, ser o germen do pensamento da nossa independencia :

Que os brasileiros são bestas
E estarão a trabalhar
Toda a vida por manterem
Maganos de Portugal.

(1) *El Parnaso Espanhol*, com las nueve musas castellanas por Don Francisco de Quevedo y Villegas. Paris. Garnier, 1902, II, 68.

E mais, se a esse feitiço pessoal do seu estro juntasse traços literarios que o diferenciassem de qualquer modo da poesia portugueza contemporanea. Mas isto justamente não acontecia. O satiro era bifronte, e o poeta, ainda na sátira, seguia sem discrepancia apreciavel a moda poetica ali em voga sem nenhuma especie de originalidade, senão a de ser aqui o unico que ralhava do meio.

Numa face tinha o riso escarminho e petulante e o geito obsceno do capadocio, na outra a compostura cortesã, academica, devota, do doutor de Coimbra, do magistrado, do vigario geral, do procurador da mitra. Com uma zombari, chalaceia, maldiz, descompõe, injuria, enxovalha, ridiculariza a terra e sociedade a que pertence, e faz praça desavergonhada dos seus amores reles, da sua vida despejada e indecorosa; com a outra, tal qual os seus confrades em musa do tempo, louvaminha, bajula, incensa a magnates e poderosos, ou verseja motivos e temas futilissimos, com tropos, imagens, trocados e jogos de vocabulos em nada destoantes da poetica do tempo, da qual a sua se não afasta em cousa alguma. Como satirico, não destoava Gregorio de Matos, nem pela inspiração, nem pela expressão, da musa gaiata portugueza coeva, ilustrada ou desilustrada por D. Thomaz de Noronha, Christovam de Moraes, Ferrão de Castro, João Sucarelo, Fr. Vahia, Diogo Camarinho e quejandos, todos como ele, sequazes do espanhol Quevedo, de quem foi o nosso patricio servil imitador. Também não ha, nem na inspiração, nem na expressão da poesia não satirica de Gregorio de Matos algum sinal que o distre entre os seiscentistas e gongoristas seus contemporaneos. Emparelha em tudo e por tudo com eles. Salvo o pouco que dela publicou Varnhagen no seu Florilegio (I, 17-104), esta feição da obra poetica de Gregorio de Matos ficou até hoje desconhecida, mesmo dos que sobre ele mais longamente discorreram. Existe entretanto na Biblioteca Nacional material manuscrito mais que bastante para o estudo completo do poeta, sem o qual não poderemos ter dele uma noção cabal. Desse estudo, que

fizemos, resultará a certeza de que Gregorio de Matos é antes um poeta burlesco, picaresco, até chulo, á maneira de Quevedo, seu modelo, e dos satiricos portugueses seus contemporaneos, do que satirico ao modo de um Horacio, de um Juvenal ou de um Boileau.

E não porque não houvesse nele talento para o ser. Que o havia mostram-no os seus poemas *Aos vicios*, belo de conceito e forma, os dous *Retratos* dos governadores Camara Coutinho e Souza de Menezes, e, acaso sobre todos a satira que começa

Que necio que eu era então
Quando cuidava o não era!

São todos modelos de boa poesia do genero, em que podemos admirar imaginação, chiste e conceito, além da beleza metrica e da excelente lingua, numerosa e propriissima. Estas mesmas qualidades se nos deparam em outros seus poemas, já burlescos, já serios, mas apenas parcialmente, em alguma estrofe, em algum verso. Geralmente, porem, ele é o tipo do poeta descuidado, desmazelado, como foi o tipo do homem desleixado. Versejava a torto e a direito, por conta propria ou alheia, sem escolha do momento ou do assunto, sem respeito ao proprio estro, nem decoro de quem era. Prodigalizava a veia inesgotavel em temas como «A uma briga que teve certo vigario com um ourives por causa de uma mulata», «A prisão de duas mulatas por uma querela que delas deu o celebre capitão... de alcunha o Mangará pelo furto de um papagaio», «A mulata... que chamava seu um vestido que trazia de sua senhora», «A mulata Vicencia amando ao mesmo tempo a tres sujeitos», «A um crioulo chamado o Luzia a quem vasaram um olho por causa de uma negra» e quejandas. Dele se conta que vendo em Pernambuco duas mulatas engalfinhadas numa briga que as poz ridiculamente descompostas, poz-se a gritar: «Aqui d'El-Rei, contra o sr. Caetano de Melo!» A razão de seu grito, expli-

cava depois, era ter o governador deste nome lhe defendido versejar, quando se lhe deparavam assuntos como aquele. A historieta é interessante por muito significativa do estímulo e feitio poetico de Gregorio de Matos. E crescidissimo numero das suas composições chamadas satiricas não teem motivos diversos daquele que se lastimava de perder.

Não são melhores, se não por menos indecorosos, os moveis de sua inspiração de outra ordem que a burlesca. Verseja por governadores, potentados, bispos e arcebispos, com louvores e enaltecimentos hiperbolicos e peditorios indignos. Verseja tambem por espectaculos de comedias a que assiste, por festas a que vai, por sucessos sem nenhuma importancia, por beldades diversas, e por fim verseja devotamente como um libertino arrependido ou antes medroso do inferno.

Ao mesmo governador Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, de quem fez numa das suas mais temiveis e melhores satiras o celebre retrato, endereçou Gregorio de Matos um Memorial em forma de soneto pedindo uma esmola (*sic*), o qual assim termina:

Seguiram os tres reis planeta louro,
Guie-me a minha estrela o peditorio
Com que na vossa mão ache um tesouro.

Entre varios sonetos seus a arcebispos, todos destoando da reputação que lhe fizeram de poeta isento e homem de brios, depara-se nos este a D. João Franco de Oliveira, e que do bispado de Angola passava ao arcebispado da Baía, que reproduzimos por dar a medida da poetica de Gregorio de Matos:

Hoje os Matos incultos da Baía
Se não suave for, ruidosamente
Cantem a boa vinda do eminente
Principe desta sacra monarquia.

Hoje em Roma de Pedro se lhe fia
 Segunda vez a barca e o tridente
 Porque a pesca que fez já no Oriente
 O destinou para a do meio dia.

Ó se quizesse Deus que sendo ouvida
 A musa bronca dos incultos Matos
 Ficasse vossa purpura atraida

Ó se como Aream, que a doces tratos
 Uma pedra atraiu endurecida
 Atraiasse eu, Senhor, vossos sapatos!

Não esqueçamos que o poeta que assim saudava o arcebispo era vigário geral e procurador da mitra. A estes versos de louvor a poderosos, vezo muito corriqueiro nos poetas contemporaneos, juntava Gregorio de Matos alguns poemas de inspiração mais alta, como este soneto:

Á instabilidade das coisas do mundo:

Nasce o sol, e não dura mais que um dia
 Depois da luz se segue a noite escura
 Em tristes sonhos morre a formosura,
 Em continuas tristezas a alegria.

Porem se acaba o sol, por que nascia?
 Se é tão formosa a luz, por que não dura?
 Como a beleza assim se transfigura?
 Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no sol e na luz falte a firmeza
 Na formosura não se dê constancia
 E na alegria sintase tristeza,

Começa o mundo emfim pela ignorancia
 E tem qualquer dos bens por natureza
 E firmeza somente na inconstancia.

Ou como este sobre *A vida solitaria, ultimo paradeiro dos varões prudentes*:

Ditoso tu que na palhoça agreste
Vivesiè moço e velho respiraste,
Berço foi em que moço te criaste
Eça será, que para morto ergueste.

Aí do que ignoravas aprendeste
Aí do que aprendeste me ensinaste,
Que os desprezos do mundo que alcançaste
Armas são com que a vida defendeste.

Ditoso tu que longe dos enganos
A que a Còrte tributa rendimentos
Tua vida dilatas e deleitas

Nos palacios reais se incurtam anos
Porem tu, sincopando os aposentos
Mais te dilatas quando mais te estreitas. (1)

Estas transcrições dão a medida do valor poetico de Gregorio de Matos e, parece, justificam o nosso conceito de que ele se não distingue notavelmente dos poetas portuguezes e brasileiros seus contemporaneos. Que não teve a minima influencia literaria no seu tempo ou posteriormente, provam-no de sobejo as obras dos seus confrades de grupo e as do seculo XVIII, o seculo das Academias literarias e, ao menos até antes dos mineiros, de extrema pobreza poetica.

A importancia literaria da sua copiosa obra poetica é singularmente levantada por lances interessantissimos á historia dos nossos costumes e da sociedade do seu tempo. Desta nos deixou, mormente na parte satirica ou burlesca, precioso elemento de estudo, das suas maneiras e habitos, dos seus mesmos sentimentos e feições morais. A sua lin-

(1) Estes sonetos são respectivamente o 79, pags. 86 e 82, pag. 89 do Codice 34-29 da Biblioteca Nacional.

gua, que julgamos poder qualificar de classica, tem modalidades, idiotismos, adagios, fraseados, muito peculiares, e alguns certamente já brasileiros. O seu vocabulario, que está a pedir um estudo especial, é abundante em termos castiços, arcaicos e raros, espanholismos e brasileirismos. Costumes, usos e manhas nossas aparecem-lhe nos versos em alusões, referencias, expressões, que documentam o grau adiantado da mestiçagem entre os tres factores da nossa gente que aqui se vinha operando desde o primeiro seculo da nossa existencia. É sobretudo esta feição documental da sociedade do seu tempo que sobreleva Gregorio de Matos aos seus contemporaneos e ainda a todos os poetas coloniais antes dos mineiros, todos eles sem fisionomia propria. O unico que em suma a tem é ele.

CAPITULO V

Aspectos literarios do seculo XVIII

Literariamente, o seculo XVIII se caracteriza pela escassez de poetas na sua primeira metade, pela fundação das academias literarias do fim do seu primeiro quartel aos começos do ultimo, pela abundancia da sua literatura historica, e, o que principalmente o ilustra, pelo advento, no seu terço final, de um grupo de poetas, que foram os melhores no periodo colonial.

Excluido Antonio José da Silva, o engenhoso e malaventurado judeu fluminense, queimado pela Inquisição de Lisboa, em 1739, nenhum poeta de algum valor se nos depara no Brasil naquele momento. Antonio José, de brasileiro só teve, porem, o acidente do nascimento. Sua formação e actividade literaria foi toda portugueza, e não ha no seu estilo, quer de prosador quer de poeta, bem como na sua inspiração, nada que não seja genuinamente portuguez. o que por ventura não é portuguez é antes italiano (como coplas de que misturou as suas operas) ou espanhol que brasileiro.

Não houve nesse tempo nenhum poeta equivalente a Gregorio de Matos ou mesmo a Botelho de Oliveira. É, entretanto, crescido o numero de escrevedores e versificados do seculo XVIII, de que se encontram menções. Só Jaboação, e unicamente na sua ordem franciscana, nomeia to de trinta e lhes menciona as obras, muitas impressas, outras manuscritas: de devoção, panegiricos de santos,

sermões e também versos e historia (1). O mesmo sucedia nas outras ordens religiosas. A prosa, porem, tirante a dos prègadores, nenhum de merito que mereça recordação, e a d'algum memorialista ou noticiador da terra, igualmente somenos, não deixou de si lembrança estimavel.

Dos poetas do seculo xviii, anteriores aos mineiros, não ha nenhum que se salve por uma inspiração feliz como a da *Ilha de Maré*, ou por qualquer feição particular como a satirica de Gregorio de Matos. Somenos sob todos os aspectos, o poeta dos *Eustaquidos*, Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica, merece todavia comemorado pela sua *Descrição* versejada da ilha de Itaparica. Os *Eustaquidos* são um «poema sacro e tragi-comico» da vida de S. Eustaquio. Esta classificação do proprio autor e o seu objecto já deixam ver que sensaboria metrificada não é. Vem-lhe apenas a *Descrição*, interessante sómente por ser a segunda manifestação na poesia brasileira da mesma emoção nativista, patriotica se quizerem, que produziu a *Ilha de Maré* e que constituiria um rasgo particular da nossa poesia (2).

Como na *Prosopopéa* de Bento Teixeira e geralmente em todos os versejadores do periodo colonial, é manifesta neste poema de sessenta e cinco oitavas a lição de Camões. Esta infelizmente revela-se apenas na imitação canhestra e até na parodia de algum verso do grande épico ou ainda no arremedo de situações ou passos dos *Lusiadas*.

(1) *Novo Orbe Serafico brasilico*. Rio de Janeiro, 1858, I, 345.

(2) *Descrição da Ilha de Itaparica* em oitavas endecassilabas junta aos *Eustaquidos*, poema sacro e tragi-comico em que se contém a vida de Santo Eustaquio martir, chamado antes Placido, e sua mulher e filhos. Por um anonimo da ilha de Itaparica, termo da cidade da Baía. Dado á luz por um devoto do Santo. Varnhagen, a quem se deve a revelação deste poema, alcunhando de Anonimo Itaparicano o autor dos *Eustaquidos* e da *Descrição* anexa, identificou-o primeiramente com o padre Francisco de Souza, natural daquela ilha, e autor do *Oriente Conquistado*. Acabou, porem, identificando-o com Fr. Manoel de Santa Maria Itaparica (Florilegio, I,

Não sem *galanteria* invoca o poeta a Musa, como sua companheira *de todos os tempos, bons e maus*:

*Musa que no florido de meus anos
Teu furor tantas vezes me inspiraste
E na idade em que vem os desenganos
Tambem sempre fiel me acompanhaste,
Tu, que influxos repartes soberanos
Deste monte Helicon, que já pisaste,
Agora me concede o que te peço
Para seguir seguro o que começo.*

O seu verso tem quasi sempre esta facilidade e correcção. A descrição da sua ilha natal, mais vasada nos moldes classicos que a de Botelho de Oliveira, tem, comquanto topografica, a emoção nativista que falta a Bento Teixeira. Pinta a vida dos pescadores da ilha, a pescaria da baleia, sua principal industria, a fabricação do seu azeite, e noticia os produtos, dons e bens da terra, seus frutos e novidades. E terminando, frouxamente aliás, a descrição da ilha que fica no

Porto em que está hoje situada
A opulenta e ilustrada Baía

Assim conclue:

Até aqui Musa: não me é permitido
Que passe mais avante a veloz pena;
A minha patria tenho definido
Com esta descrição breve e pequena;
E se o tel-a tão pouco engrandecida
Não me louva mas antes me condena,
Não usei termos de poeta esperto,
Fui historiador em tudo certo.

152
Jabo
de V
quido
Jabo
Introdução). A publicação total do *Novo Orbe Serafico* de
tão (2.^a parte, 1, 38) veio confirmar esta legitima presunção
Harnhagen e permitir-nos inferir que a impressão dos *Eusta-*
s é posterior ao ano de 1768. Fr. Itaparica, segundo o mesmo
tão, viveu entre 1704 e 1768, ano em que o historiador da or-

Com o mesmo sentimento nativista sensível, embora sem emoção notável, desde a *Prosopopéa* e mais manifesto em Botelho de Oliveira, precedeu este poema de alguns anos o de Santa Rita Durão. Também no canto v do seu poema *Eustaquidos*, Fr. Santa Maria Itaparica, num sonho que finge, põe certo Postero a profetizar o advento do Brasil e nascimento do poeta, anunciando o poema da *Descrição* da sua ilha natal, que ele

Ha de cantar em lira temperada.

Tudo isto com grande insulsez. O tal poema sacro e heroi-comico por si só não daria ao nome do frade poeta o minimo relevo se lh'o não levantasse a emoção simpatica com que cantou a sua patria, como á ilha do seu nascimento chamou, e não documentasse a continuidade da inspiração que se ia criando e ficaria na poesia brasileira como um dos seus traços distintivos. Sob aspecto da lingua não deixa de ser interessante a mediocre produção de Fr. Itaparica. A lingua literaria do Brasil ainda era então, e seria por todo o periodo colonial, apenas talvez com menos arte e menos numero, a mesma de Portugal. Não havia ainda tempo para que os cruzamentos e outras influencias mesologicas houvessem modificado o falar brasileiro, e menos para que as modificações porventura havidas passassem do falar corrente á lingua dos escritores educados por portuguezes e feitos só, ou muito principalmente, na leitura de livros portuguezes ou latinos. A de Fr. Itaparica é, pois, a lingua do tempo, gongorica, empolada e sobretudo amaneirada. Todas as impressões e idéas se lhe re-

dem franciscana no Brasil ainda o dá como vivo e a sua obra como inedita. Segundo a mesma autoridade, teria Fr. Itaparica escrito epigramas, canções, sonetos, e mais um canto heroico e um panegirico em oitavas por ocasião das festas realizadas pelo casamento de príncipes de Portugal e Castela, em 1728, na Paraíba. Tudo isto, creio que sem grande perda para as nossas letras, ficou inedito.

dizem em adjectivos, que apenas com variações sinonimicas se repetem copiosamente com pouca propriedade. Aliás o defeito não é raro, mesmo nos chamados classicos. Usa abundantemente de termos pouco vulgares ou já então obsoletos e tambem de espanholismos e neologismos, tudo denotando rebusca de linguagem. Encontram-se-lhe: *elado*, *fenestras*, *temblar*, *gateando*, *lesura*, *trufatil* (?), *olorizar*, *claseo*, *estupeo* (do grego *stupeo*, caule, mas feito adjectivo?), *pevidosa*, *ahulidos* (?). Descrevendo o preparo do azeite da baleia em Itaparica, fala dos negros empregados nesse serviço:

Cujos membros de azeite andam untados
Daquelas cirandagens salpicados.

em que a palavra *cirandagem* desviada do seu sentido vernaculo (= sarandalha) alimpaduras que se apartam cirandando (joeirando) e se lançam fóra, tem já a acepção brasileira de restos imprestaveis, imundicie miuda, guloseimas vis.

Nenhum outro poeta que mereça lembrado, ou mesmo que o não mereça, mas com obra conhecida, nos depara este safaro periodo da poesia no Brasil. A *Musica do Paraso* foi publicada em 1705, mas os seus poemas são incontestavelmente dos ultimos anos do seculo anterior, nos quais passou tambem a actividade literaria do seu autor. Outrosim poetou nesta epoca Sebastião da Rocha Pita, o qual so a melhor figura literaria dela. A sua produção poetica, porem, nos seria totalmente desconhecida não foram documentos relativos ás academias literarias de que fez parte, existentes na Biblioteca Nacional e as transcrições feitas por Fernandes Pinheiro (1). Ha noticia vaga e insegura de que escrevera tambem um romance em verso

(1) A Academia Brasilica dos Renascidos, Rev. do Inst., xxxi, n. 5 e seg.

castelhano. É como historiador que ele tem um logar na nossa literatura colonial.

Só para o fim da terceira década do seculo xviii, se nos antolham alguns escritores em prosa mais estimaveis que os aludidos. Seguindo de perto o seu aparecimento o das academias literarias aqui fundadas desde meiodos da segunda década, não é porventura indiscreto ver neles influencias destas.

Como assembléa ocasional de literatos que reciprocamente se recitavam os seus versos e prosas, havia academias no Brasil ainda em antes do seculo xviii. Gregorio de Matos, notavelmente, a elas se refere nos seus versos satiricos (1). Mas como associações literarias e regularmente organizadas datam de 1724. Foi nesta era criada a primeira, a Academia Brasileira dos Esquecidos. Para em tudo imitar as da metropole, cujo arremedo era, fundava-se conforme aquelas com a protecção real, sob os auspicios do vice-rei, ou antes estabelecida por ele no seu proprio palacio. Nestes termos, imagem acabada do estilo da epoca e seu, lhe noticia a fundação Rocha Pita, que foi um dos seus membros mais conspicuos:

«A nossa portugueza America (e principalmente a provincia da Baía), que na produção de engenhosos filhos pode competir com Italia e Grecia, não se achava com as academias introduzidas em todas as republicas bem organizadas, para apartarem a idade juvenil do ocio contrario das virtudes e origem de todos os vicios e apurarem a subtileza dos engenhos. Não permitiu o vice-rei que faltasse no Brasil esta pedra de toque no estimavel oiro dos seus talentos, de mais quilates que o das suas minas. Erigiu uma doutissima academia, que se faz em palacio na sua presença. Deram-lhe fama as pessoas de maior graduacão e entendimento que se acham na Baía, tomando-o por seu protector. Tem presidido nela eruditissimos

(1) Ms. da Biblioteca Nacional, cit.

sujeitos. Houve graves e discretos assuntos, aos quaes se fizeram elegantes e agudissimos versos; e vai continuando nos seus progressos, esperando que em tão grande protecção se dêem ao prelo os seus escritos, em premio das suas fadigas» (1).

A Academia dos Renascidos fundava-se em 1759 com quarenta socios de numero, ou efectivos, e oitenta supranumerarios, ou correspondentes. A maioria versejava ou fazia prosa official ou academica. Glosando motes, versificando temas prestabelecidos ou tambem amplificando retoricamente assuntos oferecidos aos seus curtos engenhos, nenhum destes versejadores ou prosistas tinha virtudes literarias por que perdurasse na memoria dos homens e as suas obras, ainda as impressas, é como se não existissem.

No Rio de Janeiro foi instituida em 1736 a Academia dos Felizes, e mais tarde, em 1752, a dos Selectos, que de facto se resumiu a uma sessão magna literaria, como di-riamos hoje consagrada a celebrar o Governador e Capitão general Gomes Freire de Andrade, que a presidiu (2). Tinham estas reuniões a vantagem de serem prazo dado e

(1) *Historia da America Portuguesa*, 2.^a edição. Lisboa, 1880, 329.

(2) Dessa unica reunião resultou um volume in 4.^o de LXXX, 362 pag. com este titulo: *Jubilos da America na gloriosa exaltação e promoção do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Gomes Freire de Andrade, Governador e Capitão general das Capitánias do Rio, Minas Gerais e S. Paulo, ao posto e emprego de mestre de campo general e primeiro commissario da medição e demarcação dos dominios meridionais americanos entre as duas cordas fidelissima e catolica.* Colecção das obras da Academia dos Selectos, que na cidade do Rio de Janeiro se celebrou em obsequio e aplauso do dito ex.^{mo} heroi. Pelo Dr. Manoel Tavares de Sequeira e Sá, Secretario da mesma Academia, Lisboa. Na officina do doutor Manoel Alvares Solano, 1754. Era uma poliantéa como ainda hoje se fazem por bajulação a personagem infinitamente somenos ao que foi o Conde de Bobadela. Contém numerosos poemas em vernaculo, castelhano e latim, todos igualmente ruins.

auditorio facil e benevolo de letrados e poetas e portanto um estimulo oferecido ao seu estro.

Criadas quando acaso já não correspondiam ás condições da sua origem européa, mais por imitação das do Reino, vontade e inspiração official do que como uma exigencia e produto da incipiente cultura indigena, tiveram as academias literarias no Brasil uma existencia transitoria e ingloria. Mas não de todo inutil e sem efeito nessa cultura e na literatura que a devia representar. Apesar da origem official, e de serem um arremedo, havia porventura nelas um sentimento de emulação com a metropole, e portanto um primeiro e leve sintoma do espirito local de independencia. Acaso a denominação da primeira, de Academia Brasileira dos Esquecidos, revê o despeito dos seus fundadores contra o esquecimento dos letrados coloniais na formação das academias portuguezas anteriores. O proposito que não só essa, mas a dos Renascidos e a dos Felizes declaradamente tiveram, de estudar sob os seus diversos aspectos o Brasil e a sua historia, traduz evidentemente um intimo sentimento de apego á terra, com a intenção, ainda certamente pouco consciente, da parte que no seu desenvolvimento devia caber aos seus letrados.

A qualificação que todas, apesar do officialismo da sua origem ou existencia, se deram de Brasileiras (brasilica), quando ainda não existia ou não era vulgar o patronimico da terra, porventura já revela um sentimento de separação, do qual não tinham quiçá esses academicos consciencia, mas que o despeito ou motivos menos egoisticos, como a ufania da sua terra, criara. Como quer que seja apontavam todas ao progresso das letras e da cultura espiritual do Brasil, e trabalhando, ainda mal, como trabalharam, por esse proposito, trabalharam primeiro pela nossa emancipação intellectual e, por esta, sem aliás disso se aperceberem, pela nossa emancipação nacional. Isso, entretanto, não as impediu de continuarem a fazer a mesma obra literaria dos portuguezes, e fazerem-na inferiormente. Sobre haverem iniciado o commercio e trato reciproco dos homens de

letras do Brasil, convocando-os de toda a parte dele para se lhes associarem, tiveram o efeito imediatamente util de chamar a atenção e despertar o gosto e o amor do estudo da nossa historia e das nossas cousas. São testemunho desse seu influxo a *Historia da America Portuguesa*, com que Rocha Pita realizou um dos propositos da Academia Brasilica dos Esquecidos, e a *Historia Militar do Brasil*, de José de Mirales, socio da dos Renascidos, e confessadamente escrita por sua influencia (1).

Estes, com Nuno Marques Pereira, o autor do *Peregrino da America*, são os escritores de prosa mais conhecidos desta fase da nossa literatura. Deles, porem, só merecem a atenção da historia literaria Rocha Pita e Marques Pereira.

De Nuno Marques Pereira não sabem os biografos se não que nasceu em Cayrú, na Baía, em 1652, e faleceu em Lisboa em 1728. Dos seus estudos, vida e feitos nada se conhece, que não seja suspeito de infundado. Era presbitero secular. No intuito piedoso de denunciar ou de emendar os costumes do Estado, que se lhe antolhavam pessimos, escreveu o livro citado, unico lavor literario que se lhe sabe, e cujo titulo completo lhe define o estímulo e proposito. Chama-se compridamente: *Compendio narrativo do Peregrino da America em que se tratam varios discursos espirituais e morais com muitas advertencias e documentos contra os abusos que se acham introduzidos pela milicia diabolica no Estado do Brasil* (2).

(1) Impressa pela primeira vez no volume xxii (1900) dos *Anais da Biblioteca Nacional*, com separata.

(2) «Dedicado á Virgem da Vitoria Imperatriz (sic) do Ceu Rainha do Mundo e Senhora da Piedade, Mãe de Deus. Autor Nuno Marques Pereira, Lisboa occidental. Na officina de Manoel Fernandes da Costa, Impressor do Santo Officio. Ano MDCCLXXXVIII. Com todas as licenças necessarias», 4.º XLVI—475 pags. O exame cuidadoso desta edição autoriza a crer que esta é a primeira, e não tem fundamento a versão de existencia de uma anterior. A ultima das

O *Peregrino da America*, como abreviadamente se lhe chama, não é de modo algum um conto ou novela, não tem o menor parentesco com a chamada literatura de cordel, cousa que no Brasil é do século XIX, quando aqui appareceu como imitação serodia ou contrafacção da portugueza, então já em decadencia. Não se pode dizer que o livro de Marques Pereira haja iniciado o genero romanesco ou novelistico no Brasil. É, porem, uma ficção, como o são tambem os *Dialogos das Grandezas do Brasil*. Uma ficção de fim e caracter religioso, obra de devoção e edificação. Consiste totalmente a ficção em o autor, ou quem finge escrever a narrativa, dizer-se um peregrino ou viajor que trata da sua salvação (p. 3, ed. 1728) e que andando pelo mundo aproveita ensejos e oportunidades de doutrinar cristantemente os diversos interlocutores que se lhe deparam, e esse mundo que, segundo um destes, o Ancião do cap. I, «é estrada de peregrinos e não lugar nem habitação de moradores, porque a verdadeira patria é o Ceu». Este pensamento do misticismo cristão é o de todo o livro. Nem ele tem outra fabulação que os repetidos fingidos encontros do Peregrino com individuos com quem troca reflexões morais e religiosas, no proposito manifesto de os doutrinar. Seria ele de todo desinteressante para nós, que não nos compadecemos mais com estas exortações pareneticas, se o autor lhes não houvesse frequentemente misturado cousas da vida real, contado anedotas, citado ditos e reflexões

advertencias ou prefacio, a *Suplicação ao Senhor Mestre de Campo Manoel Nunes Viana* é datada da «Cidade da Baía, 28 de Junho de 1725», era em que porventura foi a obra concluida. As licenças do Santo Officio trazem a data de 1728, e delas se infere claramente ser esta a primeira edição. Conhecem-se-lhe mais quatro, todas do mesmo seculo e todas de Lisboa: 1731, Manoel Francisco da Costa, in 4.º LX—476 pag.; 1752, M. M. da Costa, XI—436 pag. in 4.º; 1760, A. Vicente da Silva, xrv—475 pag. in 4.º; 1756, Frei Borges de Souza, xiv—474 pag. in 4.º. V. Ch. Leclerc, *Biblioteca Americana*, Paris, 1878, 421, 422. Engana-se, pois, o Dr. J. C. Rodrigues, dando, na *Biblioteca Brasiliense*, a de 1731, como primeira edição.

profanas, aplicado a sua doutrina e moralidade a casos concretos, revendo a vida e os costumes do tempo e lugar, referido factos da sua experiencia e feito considerações atravez das quais divisamos sentimentos e idéas contemporaneas e aspectos da existencia colonial. Infelizmente esta feição do seu livro, que seria para nós hoje a mais importante e aprazivel, é de muito excedida pela de predica de moral caturra e trivialissima, na peor maneira do mau estilo da epoca. Os moralistas só os sofremos em literatura com originalidade, agudeza e bom estilo. Nada salva, pois, o *Peregrino da America* de ser a sensaboria que se tornou mal passado o seculo em cujo primeiro terço foi publicado. Não pensavam assim os seus contemporaneos. Este livro, que raros serão capazes de ler integralmente, foi um dos mais lidos no seu tempo e no imediatamente posterior, como provam as cinco edições que dele se fizeram em menos de quarenta anos, numero consideravel para a epoca.

Não era romance ou novela, mas em prosa e impressa era a primeira obra de imaginação escrita por natural da terra. E dizia de cousas desta, e de envolta com referencias aos seus costumes, notações de sua vida, alusões aos seus moradores, derramava-se em considerações de suas manhas. Talvez esteja principalmente nesta actualidade o segredo da sua estimação e successo. Já não era, todavia, tanta a dos letrados seus patricios para o fim do seculo, pois Silva Alvarenga, no canto v do seu poema heroi-comico *O Desertor das letras* (1774), enumerando livros então considerados somenos e despreziveis, cita entre eles o *Peregrino da America* (1).

Ao *Peregrino da America* excedem sem duvida muito em valor literario, em distincção de pensamento e excellencia de expressão as *Reflexões sobre a vaidade dos homens*,

(1) *Obras Poeticas* de Manoel Inacio da Silva Alvarenga, ed. de Norberto, Rio de Janeiro, Garnier, 1864, II, 70.

de Matias Aires da Silva de Eça, publicada em Lisboa em 1752. Entretanto são quasi desconhecidas, mesmo dos eruditos e dos historiadores mais minuciosos da nossa literatura, não obstante o apreço que parece haverem merecido dos contemporaneos, se tal se pode inferir das quatro edições que teve até 1768. Matias Aires nasceu em São Paulo a 27 de março de 1705, de José Ramos da Silva, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Provedor da Casa da Moeda de Lisboa, e de sua mulher D. Catarina de Horta. Não se lhe conhece a data da morte. Na companhia de seus pais foi para Portugal com menos de 12 anos, ali graduou-se de mestre em artes na Universidade de Coimbra e substituiu o pai na Provedoria da Casa da Moeda e, parece, nunca mais tornou ao Brasil. Seria, pois, um espirito de pura formação portugueza, apenas melhorado, ou sómente modificado, quanto á cultura, pela estadia em França, onde se formou em direito canonico e direito civil. Pode ser estivesse tambem em outros paizes europeus. Alem das *Reflexões sobre a vaidade dos homens ou discursos morais sobre os efeitos da vaidade*, com o mesmo objecto de filosofia moralizante escreveu mais uma *Carta sobre a fortuna*, que saiu anexa á 4.^a edição das *Reflexões* (1786). Ha tambem da sua lavra, mas já em outra ordem de idéas, o *Problema de architectura civil, porque os edificios antigos têm mais duração e resistem mais ao tremor de terra que os modernos?* (Lisboa, 1777) e um *Discurso congratulatório pela felicissima convalescença e real vida de El-Rei D. José*, saído em 1759.

Como moralista, Matias Aires ainda seria hoje benemerito de leitura e estima, sequer pela maior isenção do seu espirito das estreitezas do moralismo eclesiastico dominante no seu tempo, e tambem pela sua expressão mais desempeçada dos vicios estilisticos do tempo, mais livre, menos pezada e até mais elegante. Encontra-se-lhe mesmo, não obstante não fazer senão glosar a velha lição judaico-cristan sobre a vaidade, um ou outro conceito menos vulgar finamente enunciado. Ele seria o melhor dos nossos

moralistas se de facto a sua obra não valesse principalmente ou quasi sómente como uma curiosidade literaria daqueles tempos, sem tal superioridade de pensamento ou de expressão que lhe determine a integração nas nossas letras, e menos qualquer repercussão ou influxo nelas (1).

Dous anos depois do *Peregrino*, em 1730, saía da officina de Antonio José da Silva, em Lisboa, a *Historia da America Portuguesa desde o ano de 1500 do seu descobrimento até o de 1724*, por Sebastião da Rocha Pita.

O aparecimento destas duas obras é um acontecimento literario acaso mais importante que a numerosa produção poetica anterior. A prosa é a linguagem da virilidade e da razão. Entrando a exprimir-se tambem em prosa quando até aí, salvo o exemplo isolado de Fr. Vicente do Salvador, só em verso se exprimira, dava a mentalidade que se ia formando, mostra de maior madureza e variedade de aptidões. O versar das letras historicas e outras, no mesmo seculo, pelos Mirales, Jaboatões, Taques, Madres de Deus, Borges da Fonseca, Velosos, sem embargo da insuficiencia literaria dos seus produtos, mais claramente o comprova.

Sebastião da Rocha Pita nasceu na cidade da Baía a 3 de maio de 1660. Foram seus pais João Velho Godin e D. Brites da Rocha Pita, filha do Capitão Mór Sebastião da Rocha Pita, «uma das primeiras e mais poderosas pessoas de Pernambuco», informa, justamente desvanecido da sua prosapia, o neto. Estudou com os jesuitas no seu collegio da Baía, até os dezeseis anos. Como no tempo faziam tantos rapazes da colonia de familias abastadas, da Baía foi estudar a Coimbra, em cuja Universidade se bacharelou em canones. De volta á terra, foi feito coronel de um regimento

(1) Sobre este quasi ignorado escritor nascido no Brasil v Inocencio, *Dicc. Bibl.* vi; Solidonio Leite, *Classicos Esquecidos*, e um artigo do sr. Nestor Vitor no *Correio da Manhã*.

Sacramento Blake tambem o noticia com especies novas, mas para mim, duvidosas.

de infantaria de ordenanças. Casando com uma patricia, retirou-se para uma rica fazenda ás margens do Paraguassú, perto da Cachoeira, onde fez vida de cavalheiro agricultor, dando-se tambem ás letras. Além de um romance em verso, que parece haver merecido pouca estimação, deu á luz, em Lisboa, duas obras pequenas, e de assunto mais de reportagem que de literatura *Breve compendio e narração do funebre espectáculo* que na cidade da Bafa se viu na morte d'el-Rei D. Pedro II, em 1709, e *Sumario da vida e morte da Ex.^{ma} Sr.^a D. Leonor Josefa de Vilhena* e das exequias que se celebraram á sua memoria na cidade da Bafa, em 1721. Com estas obrinhas teria tomado gosto das noticias da sua terra. A fundação contemporanea da Academia Brasilica dos Esquecidos porventura o estimularia nesse sentido.

Seus socios deviam «tomar por materia geral dos seus estudos a historia brasileira», segundo dizia o proprio auto da sua fundação (1). Rocha Pita, que fôra dos seus fundadores e dos mais conspicuos, empreendeu escrever a do Brasil, mais cabalmente do que havia sido ainda escrita. Para realizar o seu intento passou-se a Lisboa e aí publicou, no dito ano de 1730, a *Historia da America Portuguesa*.

Nem pela intuição e sentimento historico, nem pelo sabor literario, emparelha a *Historia* de Rocha Pita, com a do Fr. Vicente do Salvador. Está em tudo e por tudo obsoleta, e alem da feição por assim dizer official da sua composição, é perluxa, enfatica e inchada de pensamento e linguagem. Justamente o excessivo floreio de estilo com que foi intencionalmente escrita, e que nol-a torna desagradavel, fazia-a no seu tempo estimavel e foi, não de todo sem razão, estimada.

Escrita em estilo de prosa poetica, como se fôra um poema em louvor do Brasil, com mais entusiasmo e arroubo

(1) *A Academia Brasilica dos Esquecidos*, por Fernandes Pinheiro, *Rev. do Inst.*, xxxi, II, 19.

de sentimento patriótico do que com a serenidade e o bom juízo da *historia*, marca justamente a transição da poesia a que quasi exclusivamente se reduzia a nossa produção literaria para a prosa em que iamós começar a mais frequentemente exprimir-nos. Os seus censores officiaes, sujeitos dos mais doutos do tempo, cobriram-na de louvores, não só á sua composição, mas ao seu merecimento de obra historica. Gostava-se então do que ora nos despraz. A frase de Rocha Pita acham-na elles «verdadeiramente portugueza, desafectada, pura, concisa e conceituosa». Afóra o casticismo, aliás de mau cunho, não pode a critica hoje se não verificar-lhe as qualidades opostas, isto é, a prolixidade, a affectação, o inchado do frasear e o abuso de conceitos corriqueiros ou rebuscados. De seu valor historico disseram os censores cousas justas e boas, se bem prejudicadas pelo seu tom hiperbolico, aliás consoante com o do livro.

O merito incontestavel da *Historia* de Rocha Pita, ainda com as restrições que do ponto de vista das exigencias da historia se lhe possam fazer, o de ser a mais completa publicada, como lhe reconheceram os censores officiaes, não o era só para os portuguezes que assim podiam melhor informar-se dos sucessos da sua grande colonia. Aos brasileiros, o livro do historiador bafano, escrito num estilo que lhes seria muito grato ao paladar literario e sentimento nativista, ensinava-lhes a historia da sua terra, sublimando-a por tal forma, que elles se ufanariam de serem seus filhos.

A velha tendencia de apreço e gabo da terra, primeiro vagido do nosso brasileirismo, gosto e louvor não artificial e de estudo, mas natural e espontaneo, por inspiral-o realmente a grandeza e opulencia dela, tendencia manifesta, como temos visto, desde os primeiros representantes espirituais do povo aqui em formação, apparecia agora na obra de Rocha Pita como que raciocinada, sistematizada na prosa tumida e florida do seu primeiro historiador publicado. E desde então esse feitio empolado e hiperbolico de dizer da nossa patria (casando-se aliás perfeitamente com

o excesso de detratção dela) seria um rasgo notavel do nosso sentimento nacional, manifestando-se literariamente. Apenas haverá d'ora avante poeta ou prosador que não a celebre e cante com os arroubos liricos do seu historiador Rocha Pita. Graças á sua influencia, tão consoante com o nosso proprio genio, será ela magnificada sobre posse, a exacta noção da sua natureza deturpada, a sua geografia falsificada, as suas verdadeiras feições escondidas ou desfiguradas sob posições e arrebiques de patriotismo convencional ou simplorio. Das nossas mofinas montanhas, pouco mais que colinas comparadas com as do antigo continente, ou com as de outras regiões do nosso, não teve Rocha Pita pudor de escrever que «umas parecem ter os hombros no céu, outras penetral-o com a cabeça». E os demais aspectos naturais do Brasil são assim por ele engrandecidos.

Ufana-se e embevece-se na innumeração hiperbolica da nossa fauna e flora, e no seu ingenuo entusiasmo aceita e propala as noções erroneas que ainda viciam a nossa historia natural popular com a existencia de feras temiveis, de gados que se alimentam de terra, cobras que trituram o «maior touro» e o devoram. Muitas das nossas abusões e enganões da opulencia e feracidade da nossa terra, illusões umas porventura auspiciosas, outras certamente funestas, vieram de Rocha Pita e de sua influencia.

Em meio onde a historia era apenas um tema literario e até retorico, sem disciplina scientifica ou rigoroso metodo de investigação e critica, não era despreciada a obra do escritor brasileiro. Compendiava e ordenava não sem capacidade e num estilo ao sabor da epoca, as dispersas e desconcertadas noções da historia do paiz e vulgarizava-as em forma acessivel e simpatica. Os seus defeitos e falhas não seriam aos contemporaneos tão patentes quanto avultam para nós.

Poder-se-ia incluir aqui, e não deixaram de fazel-o os historiadores da nossa literatura, um outro brasileiro, o padre Francisco de Souza, natural da ilha de Itaparica, na Baía, onde nasceu em 1628, falecido em Gôa, na Índia por-

tugueza, em 1713. Em Lisboa publicou ele em 1710 o seu grosso livro *Oriente conquistado a Jesus Cristo pelos padres da Companhia de Jesus na provincia de Gôa*, notavel exemplar da historiografia e da linguagem e estilo do tempo. Tendo vivido mais de 80 anos, dos quais a maxima parte em Portugal e na Asia, e escrito de coisas de todo estranhas ao Brasil e segundo o espirito e a maneira portugueza, esse nosso patricio apenas o é pelo accidente do nascimento. Literariamente ainda nos pertence menos que Gabriel Soares ou o autor dos *Dialogos das Grandezas*.

Da mesquinheza poetica da maior parte do seculo xviii, surge entretanto, pelo seu ultimo terço, uma por todos os titulos consideravel produção poetica. Tambem, ao menos pelo numero e merito particular de informação, apparecem trabalhos historicos que constituem contribuição notavel á prosa brasileira. No momento assinalado, uma pleiade de poetas brasileiros entram a concorrer dignamente com os poetas portuguezes contemporaneos, a fazerem-se bem aceitos da literatura mãe. Mais brasileiros que nenhuns outros até aí, por mais vivo sentimento da terra natal ou adoptiva, ao qual já por ventura podemos chamar de nacional, estabelecem esses poetas a transição da fase puramente portugueza da nossa literatura para a sua fase brasileira. Esta, iniciada pelo romantismo ao cabo do primeiro terço do seguinte seculo, terá nalguns deles os seus inconscientes precursores.

São em summa esses poetas, reunidos sob a denominação, a meu ver impropria, de «escola mineira», quando apenas formam um grupo literario, sem algum rasgo caracteristico que colectivamente os distinga, os que enchem esse periodo de transição e o constituem. Com a criação das academias literarias, o crescimento da população, o seu desenvolvimento mental e economico e mais o das comunicações da colonia com o Reino, augmentou consideravelmente o numero de verzejadores, cujos nomes constam de repertorios e livros de consulta especiais. Da multidão desses sobresaem, com qualidades que lhes asseguram um

logar á parte, aqueles a quem, não obstante não passarem de seis, me proponho a chamar englobadamente de pleiade mineira: Santa Rita Durão, Claudio Manoel da Costa, Basilio da Gama, Alvarenga Peixoto, Tomaz Gonzaga e Silva Alvarenga. Estes merecem logar separado nesta Historia.

Outros contemporaneos seus, Domingos Caldas Barbosa (1740-1800), Antonio Mendes Bordalo (1750-1806), Domingos Vidal de Barbosa (1760-1793?), Bartolomeu Antonio Cordovil (1746-1810?), Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769-1811), e que tais versejadores que impertinentemente teem sido anexados á chamada escola mineira, de todo não pertencem ao grupo de poetas com que indiscretamente a formaram. Alguns lhe não pertencem sequer cronologicamente, como Tenreiro Aranha, nascido quando este grupo já ia em adiantada formação, São demais tão insignificantes que podemos dispensar-nos de os levar em conta no estudo da nossa evolução literaria. Deles é um dos de melhor engenho o mulato ou crioulo Caldas Barbosa. Nasceu no Rio de Janeiro por volta de 1740 ou nesse ano, e faleceu em Lisboa em 1800. Passou o maior tempo da sua vida em Portugal, como familiar. parasita, quasi famulo dos condes de Pombeiro, capelão e poeta mercenario dessa familia fidalga e generosa. Não tem nenhuma superioridade, porem apenas valerá menos que muitos dos poetas portuguezes seus contemporaneos com quem conviveu e emulou. Vivendo a vida portugueza, conservou, entretanto álerta, o sentimento intimo da poetica popular brasileira revelado no estilo de algumas composições suas em que desce até as formas indecorosas ou delambidas do verso popular :

Meu bem está mal com eu
 Gentes de bem pegou nele
 Tape, tape, tipe, tipe,
 Ai Ceu
 Ela é minha yayá
 O seu moleque sou eu.

E que tais modos triviais do nosso lirismo popular de mistura com reminiscencias, sentimento e sensações de cousas brasileiras.

**Cuidei que o gosto de amar
Sempre o mesmo gosto fosse
Mas um amor brasileiro
Eu não sei porque é mais doce.**

**Gentes como isto
Cá é temperado
Que sempre o favor
Me sabe a salgado:
Nós lá no Brasil
A nossa ternura
A açúcar nos sabe
Tem muita doçura
Ó! se tem! tem
Tem um mel mui saboroso
É bem bom, é bem gostoso.**

Cantados á viola, com os requebros e denguiques da musa mulata, e o sotaque meloso do brasileiro, versós tais teriam em Portugal o sainete do exótico, para resgatar-lhes a mesquinhez da inspiração e da forma. Não enriquecem a poesia brasileira. Na historia desta, Caldas Barbosa apenas terá a importancia de testemunhar como se havia já operado no fim do seculo XVIII a mestiçagem luso-brasileira, que, primeiro fisica, acabara por influir a psique nacional. Era natural que essa influencia no dominio mental se principiasse a manifestar num mestiço de primeiro sangue, como parece era o «fulo Caldas», dos apodos dos seus rivais portuguezes. Depois de Gregorio de Matos, na segunda metade do seculo XVII, o qual pode ser, apesar da sua jactancia do contrario, não fosse branco estreme, é com Caldas Barbosa que expressamente se revela na poesia brasileira, a musa popular brasileira na sua inspiração dengosamente erotica e no seu estilo baboso.

Ao contrario da poesia, a prosa aqui escrita no mesmo

momento, a prosa a que, sequer pelo seu genero e intuitos, possamos chamar de literaria, não deixou documentos que a valorizassem. Os que existem são, todavia, relativamente numerosos, e alguns meritorios no tocante á nossa historiografia e informação geral do paiz. Mas como escritores minguem a todos, ou pouco avultam em todos, os atributos que lhes valeria essa qualificação. De outros a actividade mental e literaria foi inteiramente portugueza e passou-se em Portugal. Estão neste caso os irmãos Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724) e Alexandre de Gusmão (1695-1753), ambos paulistas, de Santos. O primeiro nada tem de comum com a literatura, senão uns mediocres sermões nunca mais lidos; o segundo, alto e versátil engenho, pertence por toda a sua formação e actividade á literatura portugueza, que justificadamente o adoptou.

Os brasileiros a que primeiro nos referimos como autores de obras em prosa, são: Pedro Taques de Almeida Paes Leme (17..-1777) (1); Fr. Gaspar da Madre Deus (1730-1800) (2); Antonio José Victorino Borges da Fonseca (1718-1786) (3); Fr. Antonio de Santa Maria Jaboa-tão (1695-176.) (4). São todos estes autores de cronicas e

(1) Deixou *Historia da Capitania de S. Vicente desde a sua fundação por Martin Afonso de Souza em 1531*; *Noticia historica da Expulsão dos Jesuitas do collegio de S. Paulo*; *Nobiliarquia paulistana*, todos publicados na *Rev. do Inst. Historico* respectivamente nos tomos ix (1847), xii (1849), xxxii (1869) e seg.

(2) Escreveu *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*, Lisboa, 1797, Rio de Janeiro, 1847; *Noticia dos anos em que se descobriu o Brasil*, que saiu na *Rev. do Inst.*, cit. II (1840) e mais, parece, sermões nunca publicados.

(3) Escreveu *Nobiliarquia pernambucana* (de 1771 a 1777), de que existe o manuscrito no Mosteiro de S. Bento em Olinda (?), e mais uma *Estatistica* e uma *Corographia* do Ceará, capitania cujo governador foi, obras que parece totalmente se perderam.

(4) Deixou *Novo Orbe Serafico brasilico* ou *Cronica dos frades menores da provincia do Brasil*, já citado nesta *Historia*, Rio de Janeiro, 1852-62, duas partes em cinco tomos.

relações históricas de nenhum ou de ruim sabor literario ou de secas e insipidas genealogias, acaso subsidios valiosos para a nossa historia, mas somenos como boas letras. Sobre o aspecto literario os sobreleva Fr. Vicente do Salvador com a sua *Historia do Brasil*, e o mesmo Rocha Pita com a da *America Portuguesa*. Entretanto esta abundancia de escritos historicos e outros que poderiamos citar, no seculo XVIII, não é sem importancia e significação na historia da nossa literatura, como expressão da nacionalidade. Testemunha que se continuava a operar aqui o trabalho intimo e lento de uma consciencia nacional que buscava apoio e estimulo na indagação dos fastos da terra, da prosapia e feitos de seus filhos, de que já tirara desvanecimento. Tambem provava a nossa capacidade para locubrações que no Reino haviam dado renome e consideração aos seus cultores. Se tivessem sido então publicados, houveram esses escritos podido ser um factor do sentimento de solidariedade nacional, que é o mesmo fundamento das nações. Eram em todo caso prova desse sentimento manifesto neles no apreço exagerado e na ufanía, não raro indiscreta, dela. O isolamento completo e a separação dos que aqui cultivaram letras não eram já tão completas graças á fundação das academias literarias, que os chamaram donde quer que viessem, para si, como supranumerarios ou correspondentes. A literatura dessa epoca, tomada a expressão do seu mais lato sentido, revela a formação vagarosa e ainda obscura mas certa de uma gente que começa a ter o sentimento de si mesma, que dá provas de inteligencia e capacidade mental e que, tendo a confiada opinião da excelencia da sua patria, não tardará muito que não entre a pensar na sua autonomia politica. O estimulo daquilo que, na obscuridade dos seus rincões patrios, escreviam e guardavam esses historiografos desinteressados e modestos, andaria já recondito no sentimento popular. É por isso que, sem embargo da sua formação portugueza, e do seu respeito e apego ás tradições espirituais da metropole, os poetas brasileiros das ultimas decadas do

seculo xviii foram, com espontaneidade que lhes explica a distincção, os interpretes de tal sentimento. Facto significativo, a poesia de então, pelo estro de Santa Rita Durão, propõe-se claramente a cantar o Brasil, com a mesma intenção patriótica com que Camões cantára Portugal.

CAPITULO VI

A pleiade mineira

Das capitánias brasileiras era certamente a de Minas a que mais motivos dava ao surto deste sentimento e aspiração. Nos povos como nos individuos, o principal estímulo á autonomia é a consciencia, que lhes dá a abastança, de se poderem prover a si mesmos. Descobertas na segunda metade do **seculo xvii**, as minas que denominaram a região, e grandemente incrementada nesta a mineração do ouro e do diamante, affluu-lhe das capitánias vizinhas, Bafa, Rio de Janeiro, São Paulo, toda a gente, e foi muita, para quem aquelas julgadas faceis riquezas eram irresistivel chamariz. Assim se começou a fazer a população da Capitania de Minas Gerais, desde então a mais avultada, a mais densa e logo depois a mais rica do Brasil. Como a riqueza cria a cultura, pelas facilidades que lhes proporciona, também a mais culta.

Por disposição geográfica do paiz, e pela variedade dos sitios minerais descobertos, a vida local, longe de se concentrar exclusivamente numa cidade capital, dispersava-se por varios pontos importantes, Sabará, São João d'El-Rey, Diamantina, Mariana, Serro. Com as suas escolas avulsas, seminarios episcopais, collegios de jesuitas ou aulas de outros religiosos, também atraídos pelo engodo das minas, eram tais vilas e cidades outros tantos pequenos focos de instrução, e contribuiam para difundil-a pelas comarcas cujo centro eram e pela capitania. Valeriam ainda porventura mais como estímulo do espirito de autonomia, do mu-

nicipalismo, que devia contrastar o oficialismo reinicola da capital. A riqueza feita a muitos dos seus moradores pela mineração, do mesmo passo que os excitava a uma vida larga e de luxo, largueza e luxo relativos mas consoantes com o meio, e para ele até ostentoso, movia-os a mandarem os filhos não só a Portugal, **mas também a outros paizes europeus, seguir estudos superiores.** No seculo xviii, **mórmente na sua segunda metade,** o numero de doutores, **leigos e ecclesiasticos,** e de clérigos com estudos superiores dos seminarios, era com certeza em Minas Gerais maior do que em qualquer outra capitania. Já então, devido justamente a serem principalmente de religiosos os estabelecimentos de ensino e as aulas avulsas de latim criadas em varias localidades pelas reformas de Pombal, andava muito espalhado o estudo do latim e sabel-o era vulgar em Minas. A sciencia do latim constituia ainda, mesmo na mais adiantada Europa, o fundamento e o essencial de toda a cultura. Nas festividades feitas em Mariana, em 1748, por ocasião da erecção do bispado e posse do seu primeiro prelado, nos outeiros e academias realizadas como partes das festas, numerosos versejadores e letrados recitaram, alem de discursos congratulatorios e sermões panegiricos, gravidos de erudição latina e hidropicos de hiperboles, duzias de poemas, curtos e longos, decimas, sonetos, elegias, acrosticos, cantos heroicos, glosas, silvas, epigramas, em latim e em portuguez (1). Da lição e cultura da capitania podemos fazer idéa pelas livrarias particulares nela àquele tempo existentes. Dão-nos informação a respeito os autos de sequestros feitos nos bens dos implicados na chamada Conjuração mineira. Alem dos livros profissionais de estudo e consulta, constituíam-nas geralmente os melhores autores latinos no original e gregos no original e em traduções latinas, e mais os francezes Descartes, Condillac, Corneille,

(1) Vide *Aureo trono episcopal* na *Rev. do Arquivo Publico Mineiro*, ano vi, 380 e seg.

Racine, Bossuet, Montesquieu, Voltaire, tratados e dicionarios de historia e erudição, as decadas de Barros e Couto, os poetas classicos portuguezes, e tambem Tasso, Milton, Metastasio, Quevedo, afóra dicionarios de varias linguas, obras de matematicas, sciencias naturais e fisicas e outras (1).

Ainda em antes de findar o primeiro quartel do seculo, começaram a manifestar-se em Minas sintomas de descontentamento da metropole e de hostilidades aos seus propostos á governança da capitania. Contam-se desde então alguns alvoroços e motins, pomposa e imprópriamente apelidados de revoltas e até de revoluções pelos historiadores indigenas, contra o governo colonial. Reprimidos alguns com a bruta violencia com que em todos os tempos todos os governos presumem impedir o natural levante contra os seus desmandos, a sua repressão apenas serviu para desenvolver ou acirrar a animadversão do brasileiro contra o reinol. Dos governadores da capitania os houve fidalgos da melhor nobreza portugueza, homens de côrte e de sociedade, talvez com os vicios e defeitos nessas comuns, mas em todo caso com as prendas que eram o apanagio de sua classe. Acompanhavam-nos outros gentis homens, que com os filhos da terra mais graduados por educação, haveres, familia e postos, faziam em Vila Rica, a pitoresca capital de Minas, uma pequena côrte. Festas de igreja, frequentes e pomposas, cavalhadas, canas e outros divertimentos transplantados do reino para aqui, a que acudiam os vizinhos desde Diamantina, Mariana e mais longe, a animavam.

Mais numerosa e mais densa que nenhuma outra do Brasil, a população de Minas, aquela ao menos que tinha Vila Rica por centro immediato, sentia-se melhor o contacto

(1) Todos estes se encontraram na livraria do inconfidente conego Luiz Vieira da Silva, e mais vinte e oito livros inglezes não nomeados. *Rev. do Inst.*, LXIV, 154 e seg. No sequestro dos bens de Alvarenga Peixoto encontraram-se livros de Voltaire, Metastasio e Crébillon.

reciproco, criador da solidariedade. Sendo a mais rica, era tambem a mais exempta, a mais desvanecida de suas possibilidades. Este desvanecimento bairrista tinha-o Tiradentes em sumo grau. O espirito localista, feição congenita dos mineiros, oriundos das condições fisicas e morais do desenvolvimento da capitania, fortificava ali o nativismo ou nacionalismo regional. O sentimento da liberdade e da independencia, atribuido geralmente aos montanhezes, parece ter em Minas mais uma vez justificado o conceito. Foi este meio que produziu a floração de poetas que é a pleiade mineira. Em qualquer outro do Brasil o seu aparecimento se não compreenderia.

Esses poetas são: Santa Rita Durão (17. .-1784), Claudio da Costa (1729-1780), Basilio da Gama (1741-1795), Alvarenga Peixoto (1744-1793), Tomaz Gonzaga (1744-1807?), Silva Alvarenga (1749-1814). Estes são os que formam o grupo até aqui impropriamente chamado de escola mineira, e que chamaremos, por ventura, com mais propriedade, a pleiade mineira. Alem destes, e pelo mesmo tempo, produziu Minas muitos outros poetas, somenos a estes, meros versejadores ocasionais, como sempre os houve aqui, dos quais nenhum ultrapassou a fama local contemporanea. Os mais miudos noticiadores nomeiam: Joaquim Inacio de Seixas Brandão, Joaquim José Lisboa, Antonio Caetano Vilas-Boas da Gama, irmão de Basilio, Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, Francisco Gregorio Pires Monteiro Bandeira, Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas, Silverio Ribeiro de Carvalho, Francisco e Domingos Barbosa, Matias Alves de Oliveira. São nomes sem outra significação e valia que o de servirem para atestar a existencia em Minas de forças poeticas que ajudam a explicar a formação daquela pleiade.

Mas a só influencia deste meio, onde nasceram e se criaram, não bastaria a explicar-lhes o estro e surto poetico, e menos a actividade literaria. A esse primeiro influxo patrio juntou-se preponderantemente o de sua longa permanencia na Europa, do seu convivio em um ambiente social

e literario mais estimulante dos seus dons nativos do que seria a sua terra e o meio, em suma acanhado, em que se haviam criado. O contrario aliás passou com Tomaz Gonzaga, do grupo o unico que não era brasileiro, e o unico de quem se pode dizer que foi o Brasil que o fez poeta. Não se conhece com efeito nenhuma produção anterior ás liras de *Marilia de Dirceu*, e estas resultaram de seus amores malfadados com uma brasileira, e, concomitantemente de sucessos em que se achou envolvido no Brasil, que aos seus louros de poeta juntaram a corôa de martir da liberdade.

I — Os Liricos

Quando se lhes formou o espirito aos poetas mineiros ou começavam eles a poetar, viçava em Portugal o arcadismo, movimento propositadamente iniciado ali por meados do mesmo seculo xviii contra o gongorismo do seculo antecedente. O arcadismo, porem, foi mais que uma escola, um estilo literario. Ao contrario dos seus manifestos intuitos não conseguiu, se não muito parcialmente, nem desbancar o seiscentismo, nem fazer regressar as letras portuguezas, como era o seu proposito, á natureza e ao natural, á nobre simplicidade, á pureza da frase, á verosimilhança dos pensamentos. Aliás estas virtudes nunca foram comuns nessas letras. E no arcadismo ficaram ainda resabios demasiados do seiscentismo contra o qual se organizára.

Os poetas mineiros, como os demais poetas brasileiros da mesma epoca, nenhum benemerito de menção particular, são antes de tudo Arcades, ainda quando não pertencem efectivamente a alguma das Arcadias do Reino. No Brasil nenhuma houve com existencia real de sociedade organizada de poetas. As de que se fala não passaram de imaginações e fingimentos seus. Como Arcades portuguezes, eles não foram sómente ao geral dos seus contemporaneos da metropole, antes, como reconheceu Garrett e o

tem verificado outros historiadores da literatura portugueza, contribuíram para lhe avultar e enriquecer a poesia naquela epoca. O que decididamente os sobreleva aqueles e os torna mais notaveis e, para nós ao menos, mais interessante, são as suas novas contribuições á poesia portugueza, com as quais tambem entra a nossa a se distinguir dela. Introduzem um novo elemento de emoção, o seu nativismo comovido, o seu patriotismo particular; um novo assunto, a gente e a natureza americana, e com isto, e resultante disto, novos sentimentos e sensações, indefiniveis talvez mas sensiveis, que o meio novo de que eram, do qual ou no qual cantavam, lhes influiu nas almas. Escapando, pelo seu mesmo exotismo ao predomínio absoluto das tradições literarias portuguezas, ao rigor da moda poetica então na metropole vigente, puderam ser e foram mais naturais, mais isentos dos defeitos e vicios em que se desmandava ali essa moda. São, em suma, menos gongoricos que os portuguezes, sacrificam muito menos á mitologia e ao trem classico do que eles.

Segundo a ordem cronologica de sua manifestação, Claudio da Costa é o primeiro destes poetas. Nasceu no sitio da Vargem, distrito da cidade de Mariana, aos 5 de junho de 1729, de João Gonçalves da Costa, portuguez, e Tereza Ribeiro de Alvarenga, mineira. Seu pai ocupava-se de mineração e lavoura. Por parte de pai, seus avós eram portuguezes, e de mãe brasileiros, de São Paulo e de boa geração. Eram gente abonada, pois quatro dos seus cinco filhos cursaram a Universidade de Coimbra. Tinha em Minas um tio frade e doutor, Fr. Francisco Vieira, que fôra opositor daquela Universidade e era agora procurador geral da Religião da SS. Trindade no Brasil. Com ele iniciou os primeiros estudos de latim em Ouro Preto, donde aos quatorze anos se passou ao Rio de Janeiro. Aqui, no collegio dos jesuitas, estudou filosofia. Com vinte anos embarcou para Portugal, com destino a Coimbra, em cuja Universidade se formou em canones. Entre 1753 e 54 recolheu

ao Brasil, dando-se á advocacia em Vila Rica, onde tambem exerceu o importante cargo de secretario do Governo. Por sua idade, boa lição classica, fama de douto e credito de autor publicado, exerceu Claudio da Costa ali uma especie de magisterio entre os seus confrades em musa, maiores e menores, que todos lhe liam as suas obras e lhe escutavam os conselhos. Aos sessenta anos foi comprometido na chamada Conjuração mineira. Preso, e sem duvida apavorado com as consequencias da tremenda accusação de reu de inconfidencia, suicidou-se na prisão (1).

Na minuta manuscrita de seus escritos que acompanha os citados apontamentos, declara Claudio que «aplicado desde os primeiros anos ao estudo das belas letras» conservava ineditos em 1759: *Rimas nas linguas latina, italiana, portugueza, castelhana e franceza em poesia heroica e lirica*, dous tomos in 4.º. É preciosa a confissão, menos como testemunho da capacidade poetica do nosso patricio em cinco linguas, que por mostrar quanto, com mais de melo seculo de permeio, e a despeito da Arcadia, estava ainda perto de Botelho de Oliveira, o poeta seiscentista da

(1) A biografia de Claudio da Costa foi nos ultimos quinze anos refeita pelos srs. Ramiz Galvão (*Rev. Brasileira*, II, 1895) e João Ribeiro (*Obras Poeticas*, de Claudio Manoel da Costa, Rio, Garnier, 1903). Para a noticia acima servi-me tambem, e principalmente dos proprios «Apontamentos biograficos pelo poeta fornecido á Academia Brasilica dos Renascidos, quando eleito seu socio em obediencia aos respectivos Estatutos». São datados de Vila Rica, em novembro de 1759. Este precioso documento, com outros do poeta, foi em 1911 descoberto nos arquivos portuguezes pelo nosso estudioso patricio dr. Alberto Lamego e por ele generosamente comunicado á Academia Brasileira, mediante amigavel intervenção do eminente diplomata e academico, sr. Oliveira Lima. Dos «Apontamentos» verifica-se que o poeta não estivera jámais na Italia, nem traduzira, segundo a invenção do mal informado conego Januario Barbosa, repetida por quasi todos os biografos, o *Tratado da Riqueza das Nações*, de Adam Smith, pois que aquelas suas notas biograficas, em que vem uma relação de suas obras, ainda traduções impressas e manuscritos, nada dizem a respeito.

Musica do Parnaso em quatro côros de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas. Claudio Manoel da Costa é aliás, e ficaria, o mais portuguez dos poetas mineiros, o mais seiscentista e simultaneamente o mais arcadico, o mais achegado á inspiração e poetica portugueza tradicional e a do momento em que se lhe formou o espirito, em suma, o menos brasileiro do grupo. Dil-o bastantemente o só titulo de seus escritos ineditos e publicados, *Rimas pastoris* ou *Musa bucolica*, *Centuria sacra*, *poema ao glorioso parto de Maria Santissima*, *Monusculo poetico*, *Culto metrico* a certa abadessa, e quejandos.

Poetou e escreveu com abundancia segundo se vê das suas mesmas citadas informações, e o testemunha a parte publicada de sua obra (1).

Nos citados «Apontamentos» figuram entre os seus manuscritos *Poesias dramaticas que se teem muitas vezes representado nos teatros de Vila Rica, Minas em geral e Rio de Janeiro* e *Varias traduções de dramas de Metastasio*. Alguns destes dramas em rima solta, outros em prosa, proporcionados ao teatro portuguez. Sobre confirmarem a variedade de aptidões poeticas de Claudio da Costa, seriam estas obras contribuição por ventura estimavel para a historia da nossa literatura dramatica e ainda do nosso teatro. Parece que se perderam todas. De sua copiosa obra poetica, a porção verdadeiramente insigne são os *Sonetos*, entre os quais os ha rivalizando os mais excellentes da lingua. Obedecendo á poetica preconizada pelos fautores da Arcadia, embora com sobrevivencias do seis-

(1) *Obras poeticas de Claudio Manoel (sic) da Costa* (Glaucestre Saturnio). Nova edição contendo a reimpressão do que deixou inedito ou anda esparso e um estudo sobre a sua vida e obras por João Ribeiro, da Academia Brasileira, Rio de Janeiro, H. Garnier, 1903, 2 vols. I, iv-351; II, iii-278 pag. A parte inedita ou esparsa publicada nesta edição foi achada em Minas Gerais pelo dr. Ramiz Galvão, e primeiro estudada e publicada por ele na *Revista Brasileira*, tomo II, Rio de Janeiro, 1895.

centismo, duas feições distinguem os sonetos de Claudio Manoel da Costa: um vago perfume camoniano e uma sensibilidade particular por ventura a primeira manifestação da nostalgia brasileira, depois repetida por tantos poetas nossos. São amostras destes dous traços os sonetos:

**Se os poucos dias que vivi contente
Foram bastantes para o meu cuidado,
Que pode vir a um pobre desgraçado
Que a idéa do seu mal não acrescentel**

**Aquele mesmo bem, que me consente,
Talvez propicio, meu tirano fado,
Esse mesmo me diz, que o meu estado
Se ha de mudar em outro diferente.**

**Leve pois a fortuna os seus favores;
Eu os desprezo já; porque é loucura
Comprar a tanto preço as minhas dores:**

**Se quer que me não queixe, a sorte escura
Ou saiba ser mais firme nos rigores
Ou saiba ser constante na brandura.**

**Onde estou! este sitio desconheço;
Quem fez tão diferente aquele prado!
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplal-as tímido esmoreço.**

**Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!**

**Arvores aqui vi tão florescentes.
Que faziam perpetua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.**

**Eu me engano: a região esta não era:
Mas que venho a estranhar, se estão presentes,
Meus males com que tudo degenera!**

Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rochedos,
São estes inda os mesmos arvoredos;
Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanhas, troncos e penedos
Que de amor nos suavissimos enredos
Foi scena alegre, e urna é já funesta.

Oh! quam lembrado estou de haver subido
Aquele monte, e as vezes, que baixando
Deixei do pranto o vale humedecido!

Tudo me está a memoria retratando;
Que da mesma saudade o infame ruido
Vem as mortas especies despertando.

Memorias do presente, e do passado
Fazem guerra cruel dentro em meu peito;
E bem que ao sofrimento ando já feito,
Mais que nunca desperta hoje o cuidado.

Que diferente, que diverso estado
É este, em que sómente o triste efeito
Da pena, a que meu mal me tem sujeito,
Me acompanha entre aflito e magoado!

Tristes lembranças! e que em vão componho
A memoria da vossa sombra escura!
Que nescio em vós a ponderar me ponho!

Ide-vos; que em tão misera loucura
Todo o passado bem tenho por sonho;
Só é certa a presente desventura.

Adorador fiel das musas européas, age não obstante
nele o incoercivel imperio da terra natal, para onde quizera

trazer e onde quizera aclimatar aquelas musas, e o seu cortejo classico de «ninfas, o pastor, a ovelha, o touro»:

**Musas, canoras Musas, este canto
Vós me inspirastes, vós meu tenro alento
Erguestes brandamente áquele assento,
Que tanto, ó Musas, prézo, adoro tanto.**

**Lgrimas tristes são, magoas e pranto,
Tudo o que entoa o musico instrumento;
Mas se o favor me dais, ao mundo atento
Em assunto maior farei espanto.**

**Se em campos não pizados algum dia
Entre a Ninfa, o Pastor, a ovelha, o touro,
Efeitos são da vossa melodia;**

**Que muito, ó Musas, pois, que em fausto agouro
Cresçam do patrio rio á margem fria
A imarcessível hera, o verde louro!**

Sem embargo dos seus poemas de intuitos nativistas, como a *Fabula do Ribeirão do Carmo* e *Vila Rica*, faltou-lhe infelizmente talento para desta transplantação fazer melhor do que instalar na paisagem e no ambiente americano os estafados temas e motivos da cançada poesia pastoril portugueza, sem ter ao menos, como Gonzaga, alguma forte paixão que os revixasse. Influenciado sem duvida pelo exemplo de Basilio da Gama e de Durão, compoz o seu poema brasileiro, se não pelo sentimento e inspiração, pelo assunto, *Vila Rica*. É uma obra mediocre, indigna do poeta dos *Sonetos* e ainda de outros versos, a qual apenas revê o apego á tradição que fazia anacronicamente viver esse genero na literatura da nossa lingua.

Vernaculo nesta e correcto na forma e estilo poetico de fino e delicado sentimento, com tons bastante pessoais, apenas um todo nada gongorico, Claudio Manoel da Costa é, todavia, julgando-o pelo conjunto da sua obra, o mais arcade dos arcades brasileiros. Não tem alguma emoção

grande ou profunda, poetiza por poetizar, academicamente, seguindo de perto a escola na inspiração, nos temas preferidos, nas formas metricas. É um virtuose e um dilettante, se podemos juntar os dous termos, mas o é com engenho e não raro, nos *Sonetos*, formosamente. Nenhum dos seus poemas em que se pode enxergar algo de sentimento patrio, ou de influxo da terra natal, se distingue na sua obra. Revelam, porem, todos, ainda que vagamente, como tais motivos começavam a impor-se aos engenhos brasileiros, dos quais volvido meio seculo se iam tornar predilectos.

Nasceu Tomaz Antonio Gonzaga em Portugal, na cidade do Porto, em 1744, de pai fluminense e mãe portugueza, filha de inglez. Como o pai houvesse exercido a magistratura na Bafa, Tomaz Gonzaga passou algum tempo da adolescencia nessa cidade, ainda então a principal do Brasil. Voltando com a familia a Portugal, aos vinte e quatro anos bacharelou-se em leis em Coimbra. Por ter sido opositor a cadeiras da faculdade juridica, fez jus ao titulo de desembargador. Com essa graduação veio para o Brasil, em 1782, nomeado ouvidor de Vila Rica, a pitoresca e sombria capital de Minas Gerais. Afóra a declaração de uma de suas liras, de que por amor de Marilia destruiu os versos que antes de a conhecer consagrara a outras mulheres, declaração que apenas será gentileza de namorado, não se conhece testemunho de que Gonzaga houvesse poetado antes de vir para o Brasil. Ao contrario, nenhum indicio ha de o ter feito (1). Foi o Brasil que o fez poeta, e é isto que o naturaliza brasileiro. Aqui se lhe depararam os motivos do seu poetar, primeiro a mulher que parece ter amado de um grande e terno amor, principal estimulo

(1) É, ao menos, notavel que o seu nome não apareça entre os dos numerosissimos poetas da copiosissima versegadura da inauguração da estatua equestre de D. José I. Nessa ocasião estava ainda Gonzaga em Portugal. Tanto mais de notar que era simpatico a Pombal e lhe procurava a benevolencia.

do seu estro até então adormecido; depois os sucessos que, a despeito da sua inocencia, o envolveram na chamada **Conjuração mineira**. Despedaçando-lhe a existencia, que se lhe antolhava auspiciosamente fagueira, esses sucessos ajuntaram ás emoções dolorosas dos seus contrariados amores o abalo cruel de uma calamidade inaudita: a **acusaçãõ do crime de lesa majestade**, a prisão, os ferros, os **maus tratos**, a **masmorra**, um longo e martirizante processo, a perspectiva da forca, em suma o desmorronar subito e brutal de todas as suas risonhas esperanças de namorado e funcionario, em via de realização. De sua dor fez as formosas canções que o immortalizaram, como um dos bons poetas do amor da nossa lingua. A brasileira sua amada era uma jovem matuta, sem outra cultura e espirito que as suas graças naturais. Para ser dela entendido e tocala, versejou-lhe naturalmente, simplesmente, com o minimo de artificios classicos possivel á poetica portugueza, quasi sem arrebiques literarios, nem rebuscas de expressãõ, que ela podesse desentender. Assim como lhe forneceu o motivo e o estimulo de inspiração, deu-lhe o Brasil tambem o estilo que o distingue e sobreleva aos seus pares. Como poeta é, pois, **Gonzaga um lidimo produto brasileiro**.

Comutada a pena de morte, imposta pela alçada que julgou a presumida conspiração, em degredo para Angola, em Africa, ali morreu de miseria moral e fisica pelos anos de 1807 a 1809. A primeira edição de suas liras, sob o titulo que se devia tornar famoso de *Marilia de Dirceo*, apareceu em Lisboa, em 1792, no mesmo ano da sua condenação e desterro. E desde então se tem feito delas, autenticadas de duas partes, cuja autenticidade é questionavel, trinta e quatro edições (1). Nenhum outro poema da

(1) Na que dirigi e publicou (Rio de Janeiro, 1910) a casa Garnier, contei até 33. Vi depois com o nosso distinto poeta e grande cultor das boas letras portuguezas, o sr. Alberto de Oliveira, uma outra edição que tem escapado a todos os bibliografos e traz este

nossa lingua, com a só excepção dos *Lusiadas*, teve tão grande numero de edições.

Marilia de Dirceo, o titulo consagrado das lirias de Gonzaga, é a mais nobre e perfeita idealização do amor da nossa poesia. Classica embora de lingua e poetica, é uma obra pessoal, escapa e superior ás formulas e competencias das escolas. Canta de amor numa toada sinceramente sentida e por isso tocante, do amor como a grande e fecunda e honesta paixão humana nas suas relações com a vida, ainda nos seus aspectos prosaicos, a existencia e os sentimentos vulgares ou sublimes. Por essa expressão é Gonzaga um grande poeta.

No que em Gonzaga se revê o portuguez, como aliás em Claudio da Costa, brasileiro nato, é nos afeites portuguezes de sua poesia, os fingimentos pastoris, imagens e tropos de ambos derivados. Isso mesmo, porem, não é mais essencialmente portuguez do que italiano ou espanhol, se não puramente arcadico. Mas a realidade da sua situação, a verdade do seu sentimento, a sinceridade da sua emoção, sobrelevaram as maculas postas no seu poema pelos inevitaveis estigmas da poetica em voga e quasi as apagaram. Se o Brasil o naturalizou seu, fazendo-o poeta, ele por sua vez foi o principal agente de naturalização aqui da sentimentalidade voluptuosa do lirismo portuguez. Foi ele, com efeito, o primeiro que no Brasil cantou tão constante, tão exclusiva e tão ternamente de amor.

Dos poetas desta pleiade, o de obra menos consideravel é Inacio José de Alvarenga Peixoto (1). Natural do Rio de Janeiro, filho de Simão de Alvarenga Braga e de D. An-

titulo: *Marilia de Dirceo*, por T. A. G. Primeira parte, Lisboa. Na officina de Antonio Rodrigues Galhardo, impressor dos Conselhos da Guerra e do Almirantado. Ano MDCCCLIII. Com licença da Mesa do Desembargo do Paço, 118 pag.

(1) É este o seu nome consagrado, e com que geralmente aparece e assina nos documentos do processo dos Inconfidentes. Em

gela Micaela da Cunha, que ignoramos se eram brasileiros ou portuguezes, gente se não de bom nascimento, abonada. Feitos os primeiros estudos com os jesuitas, na sua cidade natal, por volta de 1760 foi concluído em Portugal. Em Coimbra formou-se em leis, em Cintra foi juiz de fóra e no Reino demorou-se até depois de 1775. Neste ano ainda se encontrava ali, onde, com outros poetas e versejadores brasileiros, Basilio da Gama e seu irmão Antonio Caetano Vilas Boas da Gama, Joaquim Inacio de Seixas, da familia da futura namorada de Gonzaga, Silva Alvarenga e outros mais versejou á inauguração da estatua de D. José I. De Portugal voltou despachado ouvidor da comarca do Rio das Mortes. Este cargo, e o seu posterior casamento com uma senhora mineira de familia paulista, levou Alvarenga Peixoto a domiciliar-se e estabelecer-se em Minas, onde trocou a profissão de magistrado pela de fazendeiro e minerador e o titulo academico de doutor pelo de coronel, pelo qual ficou mais conhecido. Dera-lhe esta patente, com o comando do regimento de cavalaria da Campanha do Rio Verde, o governador D. Luiz da Cunha Menezes. Vivendo em São João d'El-Rey, ia frequentemente a Vila Rica, onde era hospede habitual de Gonzaga, de quem devia ter sido companheiro em Coimbra e era ainda parente. Estes dous poetas e Claudio da Costa encontravam-se em fraternal convivio, comunicando-se mutuamente as suas composições e conversando de letras e, naturalmente, das cousas da capitania. Destas conversações, em que tomariam parte outros homens de letras ou de alguma representação na capitania, mal entendidas por uns, deturpadas por outros, originou-se a suspeita de uma conjuração contra o dominio

outros igualmente officiais e autenticos, ultimamente divulgados pelo operoso sr. Alberto Faria, de Campinas, na *Revista do Centro de Sciencias, Letras e Artes*, desta cidade, n.º 38, vem sempre Inacio José de Alvarenga. Aliás, como já notou Norberto, não ha nada mais extravagante e irregular do que a onomastica brasileira.

portuguez, com o intento de conflagrar a capitania e proclamar a sua independencia. Não obstante o seu aulicismo e a constancia de suas manifestações bajulatorias de veneração a soberanos e magnates portuguezes seus delegados, foi Alvarenga Peixoto comprometido nela, preso e, com Gonzaga e seus outros companheiros de suspeição, trazido algemado para as lobregas masmorras do Rio de Janeiro. Após um longo processo de tres anos, delias saiu para o desterro de Ambaca em Africa, onde pouco depois morreu em 1793.

A crermos os seus biografos, incluindo o melhor deles, Norberto Silva, Alvarenga Peixoto escreveu muito maior numero de composições do que as que se lhe conhecem, e que Norberto foi quem mais completa e cuidadosamente colleccionou (1). Voltando de Portugal ao Rio de Janeiro, aqui o acolheu benignamente o vice-rei Marquez de Lavradio. No teatro ou «casa da opera», como lhe chamavam, criado por este vice-rei, fez Alvarenga Peixoto, sempre chegado aos magnates, representar uma tradução em verso de *Merope*, tragedia de Maffei e tambem um drama original, igualmente em verso, *Enéas no Lacio*. Tal é ao menos a versão de Cunha Barbosa (2) propalada por Norberto, ignoramos com que fundamento. Infelizmente essas tentativas, como as de Claudio da Costa, e outros que por ventura houve, perderam-se totalmente. Assim tambem se teriam perdido, levadas no tufão da devassa e sequestros de que foram objecto os acusados de inconfidencia e seus bens, muitas outras composições de Alvarenga Peixoto. No que dele nos resta — vinte sonetos, duas liras, tres odes incompletas, uma cantata e um canto em oitava rima (3) — per-

(1) *Obras poeticas* de Inacio José de Alvarenga Peixoto, collegidas, anotadas, etc., por J. Norberto de Souza S., Rio de Janeiro. B. L. Garnier, 1865, in 16.º, 270 pags.

(2) *Obras poeticas* de Alvarenga Peixoto, Rio de Janeiro, 1865, 29/30 e notas relativas.

(3) Norberto Silva, *Obras cit.* de Alvarenga Peixoto, 8.

cebe-se um bom poeta, de seu natural facil e fluente. Não lhe falta imaginação nem conceito. Infelizmente o motivo principal de sua inspiração no que dele nos ficou, versos na maior parte de encomios a magnates, versos de corteção, lhe haveria prejudicado dotes que mais se adivinham que se sentem. Passa como um dos seus melhores sonetos *A saudade*, feito depois da sua sentença de morte. Não lhe seriam inferiores *A lastima*, composta «na masmorra da ilha das Cobras, lembrando-se da familia» nem o feito á rainha D. Maria I suplicando-lhe a comutação da pena de morte, se não houvesse em ambas demasiados traços da ruim poetica do tempo, empolada e campanuda. Compar-ticipa Alvarenga Peixoto do sentimento comum a estes poetas de affecto, pode mesmo dizer-se de ufanía, da terra natal, unido a um sincero apego a Portugal. Manifesta-se na maior parte dos poemas que lhe conhecemos, particularmente na ode á rainha D. Maria I, da qual se poderia inferir ter havido aqui a esperanza de que ella cá viesse, em visita á sua colonia:

Se o Rio de Janeiro
 Só a gloria de ver-vos merecesso
 Já era vosso mundo novo inteiro

 Vinde, real senhora
 Honrar os nossos mares por dous mezes
 Vinde ver o Brasil que vos adora

 Vaí, ardente desejo,
 Entra humilhado na real Lisboa
 Sem ser sentido do invejoso Tejo
 Aos pés augusto vóa,
 Chora e faze que a mãe compadecida
 Dos saudosos filhos se condoa

 Da America o furor
 Perdoai, grande augusta; é lealdade
 São dignos de perdão crimes de amor.

Este sentimento, que é manifesto em todos os poetas,

desdiz do que lhes imputou a torva e suspicaz politica dos governadores e vice-reis portuguezes, cujo excessivo zelo lhes transformou apenas indiscretas conversações em conjuração e fez destes arcades ideologos réus de inconfidencia, destruindo estúpida e maldosamente tres destes amáveis poetas. Este intimo sentimento casava-se-lhes na fantasia com a ambição patriotica de que se aumentasse na monarquia portugueza a importancia de sua terra e que as nobres estirpes daquela dessem aqui rebentos que lhe quizessem como a sua. Estas e outras quimeras, vagos e indecisos sonhos de poetas, se encontram no *Sonho* e no *Canto genethliaco*, de Alvarenga Peixoto, em que, a proposito do filho do governador D. Rodrigo de Menezes, se rejubila de que

Os herois das mais altas cataduras
Principiam a ser patricios nossos.

Chegamos ao ultimo, na ordem do tempo, dos liricos deste belo grupo. É Manoel Inacio da Silva Alvarenga, natural de Vila Rica, em Minas, onde nasceu em 1749, donde saiu apenas adolescente e aonde não mais voltou. Era filho de um homem pardo, Inacio da Silva Alvarenga, musico de profissão, como teem sido tantissimos de sua raça no Brasil, e pobre, e de mãe desconhecida. A benevolencia de pessoas a quem a sua inteligencia e vocação estudiosa interessava, deveu poder vir para o Rio estudar, e daqui, feitos os preparatorios, seguir para Coimbra, onde se bacharelou em canones, sempre com as melhores aprovações, em 1775 ou 76, com 27 anos de idade. Em Portugal relacionou-se com alguns patricios, como Alvarenga Peixoto e Basilio da Gama, mais velhos do que ele e tambem poetas. Do ultimo, parece, foi grande amigo. Celebrou-o mais de uma vez, e efusivamente, em seus versos. No circulo destes e de outros brasileiros dados ás musas, ter-se-ia primeiro feito conhecido. Em 1774 publicara em Coimbra o poema heroi-comico *O Desertor* (8.º 69 pags.), metendo á bulha o escolasticismo coimbrão, pouco antes desban-

cado pelas reformas pombalinas, e celebrando estas reformas. Fraco é o merito literario deste poema. Não é, todavia, despreciendo como documento de um novo estado de espirito, mais liberal e desabusado, da sociedade portugueza sob a acção de Pombal, e do caminho que havia feito em espiritos literarios brasileiros o sentimento patrio, manifestado no poema em alusões, referencias, lembranças de cousas nossas. Quando foi do diluvio poetico da inauguração da estatua equestre de D. José I, em 1775, Silva Alvarenga o engrossou com um soneto e uma ode. O mesmo motivo inspirou-lhe ainda a epistola em alexandrinos de treze silabas *Ao sempre augusto e fidelissimo rei de Portugal o Senhor D. José I no dia da colocação de sua real estatua equestre*. Era então estudante, e tal se declara no impresso da obra. Dous anos depois vinha a lume o *Templo de Netuno*, poemeto (idilio) de sete paginas em tercetos e quartetos, muito bem metrificadas, com que, ao mesmo tempo que celebra a aclamação da rainha D. Maria I:

Possa da augusta filha o forte braço
 Por longo tempo sustentar o escudo,
 Que ampara tudo o que seu reino encerra
 E encher de astros o céu, de herois a terra.

se despede sinceramente sentido de seu amigo o patricio Basilio da Gama:

Ainda me parece que saudoso
 Te vejo estar da praia derradeira
 Cançando a vista pelo mar undoso.

Sei que te hão de assustar de quando em quando
 Os ventos, os varios climas e o perigo
 De quem tão longos mares vai cortando.

Vive, Termindo, e na inconstante estrada
 Pisa a cerviz da indomita fortuna,
 Tendo a volubil roda encadeada
 Aos pés do trono em solida coluna.

Com este conselho baixamente pratico ao recém-protegido de Pombal para que angarie tambem o patrocínio da rainha de pouco aclamada, e que ia ser o centro da reacção contra aquele, termina Silva Alvarenga o seu poema. Antes de lhes exprobarmos a vileza do sentimento, consideremos que era muito menor e muito mais desculpavel do que iguais que agora vemos em todo o genero de pluitivos. Ele procedia consoante o tempo e o uso geral de poetas e literatos, que ainda não tinham outro recurso que a protecção dos poderosos. Precede imediatamente esta quadra menos digna, e acaso por isso mesmo menos bela, o formoso e sentido terceto:

Se emfim respiro os puros climas nossos,
 No teu seio fecundo, ó patria amada,
 Em paz descancem os meus frios ossos,

que revê o sentimento do amor da terra natal comum a todos estes poetas, que todos o manifestaram de forma a lhe sentirmos o trabalho de transformação do limitado nativismo, se não apenas bairrismo, de seus predecessores em um patriotismo mais consciente e amplo. Vinha este poema assinado por «*Alcindo Palmireno, arcade ultramarino*» e era endereçado a «*José Basilio da Gama, Termino Sepilio*». Estas alcunhas arcadicas, e outras que tomaram varios poetas do mesmo grupo, como a de *Dirceo*, de *Gonzaga*, não indicam nos que as traziam a qualidade de associados de alguma das sociedades literarias então existentes com o nome de Arcadias. Sómente de *Claudio* e *Basilio* se pode crer que a tais sociedades pertencessem. Na maioria dos outros, do grupo mineiro ou não, era apenas um apelido generico. Arcadia quer dizer assento de poetas, e por extensão poesia, e, em Portugal e aqui, a poesia na epoca vigente. Arcade valia, pois, o mesmo que poeta. «*Arcade ultramarino*» não dizia mais que poeta do ultramar, sem de forma alguma indicar a existencia no Brasil dessas sociedades, que de facto nunca aqui existiram.

Foi Silva Alvarenga um dos mais fecundos e melhores

poetas da pleiade mineira. Desde o *Desertor das letras*, o seu poema heroi-comico contra o carrancismo do ensino universitario, não cessou de versejar. Em folhas avulsas, folhetos, colecções e florilegios diversos, jornais literarios portuguezes e brasileiros (pois ainda foi contemporaneo dos que primeiro aqui apareceram), foram publicadas as suas muitas obras. A de mais vulto, o poema madrigalesco *Glaura*, saiu em Lisboa em 1799 e 1801. As notas de approvação obtidas em Coimbra por Silva Alvarenga lhe arguem habitos de estudo serio, que tudo faz supor conservasse depois de graduado e pela vida adiante. Era seguramente homem de muito boas letras, com a melhor cultura literaria que então em Portugal se pudesse fazer. Quanto a ella, juntava, alem do engenho poetico, talento real, espirito e bom gosto pouco vulgar no tempo; sobejam-lhe as obras para o provar, nomeadamente os seus prefacios e poemas didacticos. Assenta consigo mesmo, embora segundo a *Arcadia e Garção*, que na «imitação da natureza consiste toda a força da poesia», e a sua *Epistola a José Basilio*, insistindo nesta opinião, está cheia de discretos conceitos de bom juizo literario. Se nem sempre os praticou, é que mais pode com elle a influencia do momento literario que as excellentes regras da sua arte poetica. Lera Aristoteles, Platão, Homero. Lida com elles e os cita de conhecimento directo, e a proposito. Conhece as literaturas modernas mais illustres, inclusive a ingleza. Não lhe são estranhas as sciencias mathematicas, fisicas ou naturais. No seu poema *As Artes*, as figuras, ou se lhes refere com apropriadas allegorias ou pertinentes alusões.

Formado em canones voltou Silva Alvarenga ao Rio de Janeiro em 1777, e aqui se deixou ficar, talvez porque nenhum affecto ou interesse de familia, que não a tinha regular, o chamasse a Minas, sua terra natal. Varios poemas seus, nomeadamente a sua *Ode á mocidade portugueza*, a epistola a Basilio da Gama e *As Artes*, acima citado, mostram em Silva Alvarenga um espirito ardoroso de cultura, de progresso intelectual, e entusiasta de letras e sciencias.

Ele traria para o Brasil desejos e impulsos de promover tudo isto aqui. Angariando a boa vontade do vice-rei de então, Marquez do Lavradio, fundou, com outros doutos que aqui encontrou, uma sociedade scientifica, cujo objecto principal «era não esquecerem os seus socios as materias que em outros paizes haviam aprendido, antes pelo contrario adiantar os seus conhecimentos» (1). Foi efemera a existencia desta sociedade. Num outro vice-rei, Luiz de Vasconcelos e Souza, encontrou igualmente o nosso poeta animação e patrocínio. Por ele teve a nomeação de professor regio de uma aula de retorica e poetica, solenemente inaugurada em 1782, e sob os seus auspicios restaurou, em 1786, com a denominação agora de Sociedade Literaria, a associação extinta. Dela foi secretario e por ventura a alma (2). A mal conhecida existencia destas duas associações literarias fundadas por Alvarenga deu aso ás hipoteses e imaginações que teem aliás corrido como certezas, de uma Arcadia Ultramarina, criada por ele com o concurso de Basilio da Gama, que entretanto estava em Portugal, donde nunca mais saiu. Dos socios destas duas sociedades, medicos, letrados, padres, o unico nome que escapou ao completo esquecimento e a historia literaria recolheu alem do de Silva Alvarenga, foi o de Mariano José Pereira da Fonseca, o futuro Marquez de Maricá, autor das *Maximas*. A esta actividade literaria juntava Alvarenga a profissão de advogado. Mudado o vice-rei liberal pelo Conde de Rezende, que não o era (1790), este, tornado mais descon-

(1) *Obras poeticas* de Manoel Inacio da Silva Alvarenga (*Alcindo Palmirendo*), coligidas e anotadas por J. Norberto de Souza (Silva). Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1864, 2 vols. in 16.º. Depoimento de Silva Alvarenga nas *Peças justificativas*, pag. 130.

(2) A secretaria de Alvarenga ainda era duvidosa para Norberto. A revelação, porem, feita pelo sr. Th. Braga (*Filinto Elisio e os dissidentes da Arcadia*, 498) do opusculo do poema *As Artes*, no qual ao nome de Alvarenga acompanha a menção de «Secretario da Sociedade Literaria do Rio de Janeiro», resolve a duvida.

fiado pelos recentes sucessos da Inconfidencia mineira, enxergou nessa reunião de estudiosos e homens de letras não sei que sinistros projectos de conjura contra o poder real. Preso em 1794, após multiplos interrogatorios e mais de dois anos de prisão nas lobregas masmorras da fortaleza de Santo Antonio, foi Silva Alvarenga restituído sem julgamento á liberdade. Teve sorte. Não eram acaso mais culpados do que ele os seus confrades de Minas, dois anos antes, comutada a sentença de morte em desterro, mandados morrer nas inospitas areias africanas. Faltou apenas um pouco mais de zelo ao vice-rei Rezende e ao principal juiz da nova alçada, o poeta do *Hissope*, Diniz. Viveu até 1814 e colaborou ainda no *Patriota*, a revista literaria que fomentou o movimento intelectual anterior á independencia.

Pelo espirito, pelo temperamento literario, pelo estilo tanto como pela idade, é Silva Alvarenga o mais moderno dos poetas do grupo, o menos iscado dos vicios da epoca, o mais livre dos preconceitos da escola, cujas alusões e ridiculos não desconhecia, como se vê na sua *Epistola a José Basilio*. Tem alem disso bom humor, espirito e, em suma, revê melhor que os outros a emancipação produzida em certos espiritos pela politica anti-jesuitica do Pombal. Com ser mestre de retorica, evita mais que os outros os recursos do arsenal classico e mitologico. E quando cede a corrente, o faz com muito mais personalidade se não originalidade, mesmo com desembaraço e liberdade rara no tempo. É disso prova a sua formosa heroide *Teseu e Ariana*, uma das melhores amostras do nossa poesia, naquela epoca.

II — Os Epicos

É principalmente na epica que os brasileiros, se não sobrelevam aos portuguezes da segunda metade do seculo XVIII, concorrem dignamente com eles. Os dous poemas brasileiros, o *Uruguai*, de Basilio da Gama, e o *Cara-*

murú, de Santa Rita Durão, não desmerecem das melhores epopéas portuguezas da epoca.

José Basilio da Gama nasceu nos arredores da antiga vila de S. José do Rio das Mortes, depois S. José de El-Rei, hoje Tiradentes, em 1741. Foram seus pais o capitão-mór Manoel da Costa Vilas Boas, portuguez, e D. Quiteria Inacia da Gama, brasileira, ambos de bom nascimento. A mãe descendia da nobre familia Gama de Portugal, motivo porque talvez o filho lhe preferisse o apelido ao do pai. De seus ascendentes sómente eram brasileiros a mãe e a avó materna. Orfão de pai em anos verdes, e talvez minguido de bens, veio para o Rio de Janeiro, cursar de favor o collegio dos jesuitas. Estava para professar na Companhia quando foi esta dissolvida e seus membros expulsos dos dominios portuguezes. Aproveitando a excepção em favor dos não professos, abandonou Basilio da Gama a Companhia. Do Brasil passou a Portugal e daí a Roma, onde foi admitido á Arcadia Romana. De Roma voltou ao Brasil em fins de 1766 ou principios de 1767. Em meados do ano seguinte tornava a Portugal, com destino á Universidade de Coimbra. Preso em Lisboa como ex-jesuita, esquivou o consequente desterro para Angola consagrando um formoso poema ao casamento de uma filha do Marquez de Pombal, ministro todo poderoso de D. José I. No proprio ano (1769) desse Epitalamio, saiu da Impressão regia o *Uruguai*. Como no mesmo volume vinha a *Relação abreviada*, famosa diatribe contra os jesuitas, obra pessoal de Pombal, é legitimo conjecturar que por conta deste correrá a publicação do poema. Dedicado no texto ao irmão de Pombal, ex-governador do Pará, Maranhão, era oferecido ao marquez em um soneto preliminar. Desde então não saiu mais Basilio da Gama de Portugal, sendo inexacta a noticia corrente de uma segunda vinda ao Brasil depois da publicação do *Uruguai*. Além deste, que é a sua obra capital, compoz mais de trinta poemas, entre maiores e menores, sem contar algumas glosas. Em 1754 foi nomeado official da Secretaria do Reino. Sucessivamente obteve

mais tarde o titulo de escudeiro fidalgo da Casa Real (1787) e o habito de Santiago da Espada. Emprego e mercê lhe davam uma renda anual que não só o punha ao abrigo de privações, mas lhe facultava viver com relativa largueza. Aos cinquenta e quatro anos, ou perto deles, faleceu em Lisboa, solteiro, a 31 de julho de 1795 (1).

Pouco adequado a um poema epico segundo os moldes classicos, era o assunto de Basilio da Gama: a guerra que Portugal, auxiliado pela Espanha, fez aos indios dos Sete Povos das Missões do Uruguai, rebelados contra o tratado de 1750, que os passava ao dominio portuguez, tirando-os aos seus padres os jesuitas que os haviam des-cido, amansado e aldeado, e os despejava de suas terras. Tal tema, ainda exagerado por uma imaginação epica, daria apenas um episodio em poema de mais vulto. Demais faltava ao poeta o recuo do tempo para uma possivel idealização do acontecimento, cujos autores ainda viviam. A epopéa tinha, pois, de ser uma simples narrativa historica em versos de factos recentissimos, a que uma animosidade contra os jesuitas, que se manifestava já na Espanha e Portugal, e iria breve resultar nos actos de Pombal e de Aranda, dava um desmesurado relevo. Limitado pela realidade material do acontecimento, ainda a todos presente, peado pela contemporaneidade das personagens, de todos conhecidas, não podia o poeta dar á sua imaginação a liberdade e o alor necessarios á idealização do seu tema. Pelas circunstancias da sua composição, tinha fatalmente o seu poema de lhe sair limitado no tempo e no espaço, e sobretudo despido das roupagens e feições propriamente epicas. Varnhagen notou que a acção não chega a durar um ano, e o leitor atento observará como o poeta se cinge á realidade prosaica dos sucessos.

(1) Esta sucinta noticia biografica resume a muito mais extensa com que o autor desta Historia precedeu as *Obras completas* de Basilio da Gama, edição Garnier, e na qual ha especies novas e correccões da biografia corrente do poeta.

Ao poeta não prejudicou, antes serviu, esta situação que lhe criou o assunto. Obrigou-o a limitar as proporções do seu poema e impediu-o de seguir os moldes classicos, inventando ao redor do facto principal os desenvolvimentos que a coetaneidade deles não comportava. Fossem estas causas mais que o engenho do poeta que deram ao *Uruguai* a sua feição particular entre os ultimos poemas ainda oriundos da corrente camoniana, em lhes haver cedido o patenteou ele. O genio não é a emancipação absoluta das condições que nos rodeiam e limitam. Consiste principalmente em comprehendel-as no que elas teem de mais subtil, de mais fugaz e de mais difficil. A superioridade de Basilio da Gama está em ter comprehendido, ou antes sentido, que os poetas são principalmente entes de sensação, que o assunto não lhe dava para uma epopéa como aquelas que então, á cola da de Camões, se faziam, e haver, contra o gosto, a voga, a corrente do seu tempo avançado muito alem dele e dado á literatura portugueza o seu primeiro poema romantico. Com efeito, não se parece o *Uruguai* com qualquer outro poema do tempo. Desvia-se do trilho costumeiro da poetica em vigor. Não começa pela invocação, antes entra *ex-abrupto* na materia do poema, o que era absolutamente novo:

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tepidos e impuros,
Em que ondeiam cadaveres despídos,
Pasto de corvos.

Não obedece a quasi indefectivel pratica da oitava endecassilaba; é em verso branco, e os demais deles belissimos. Não recorre ao maravilhoso pagão ou outro, não se encontra macula de gongorismo. A lingua é a do seu tempo, castiça, sem rebusca, clara, limpida, e o estilo natural e simples, apenas com o minimo de artificio que a mesma composição exigia. Não refuge a misturar o burlesco com o grave, nem disfarça as feições realistas do seu reconto epico. Por todos estes rasgos e por alguns outros sinais

intrinsecos de metrificaco, linguagem e estilo e mais pela liberdade espiritual e sentimentos liberais e humanos que o animam, * já o Uruguai* um poema romantico, o precursor na poesia do tempo do romantismo americano, o iniciador do indianismo, que viria a ser no seculo XIX o traço mais distinto e significativo da renascença literaria do Brasil.

Basilio da Gama tem de raiz a inspirao epica. Alem do *Uruguai*, em que a provou excelentemente, do *Quitubia* (1791), que *, com* pouca sorte aliás, outra demonstrao dela, affectava o poeta o tom epico de preferencia a outro, ainda em poemas de natureza a o não pedirem. Quasi não cantou de amor, faltando por isso ao seu lirismo esse poderoso elemento sentimental e estetico. *, porem,* um espirito livre e um corao terno. Da liberdade de seu espirito, que faz dele um liberal de antes dos tempos, ha indicios sobejos não são no *Uruguai*, mas em varios poemas seus. Revela-se ainda o seu gosto por Voltaire, de quem traduziu a tragedia *Mahomet*, e a sua desafeio  guerra e às mesmas façanhas e glorias militares, insolita no seu tempo. Não sabemos de outro poeta contemporaneo que haja tão declaradamente anteposto os labores e artes da paz «s belicas fadigas» e augurado uma futura era pacifica, em que fugissem do mundo

as guerras sanguinosas
Detestadas das mes e das esposas,

e em que

No capacete a abelha os favos cria,
Curva-se em fouce a espada reluzente.

Tambem da sua ternura ha exemplos bastantes nos seus versos, particularmente nas lembrancas do seu amigo Alpoim, no *Uruguai*, e de outro amigo seu, o arcade romano Mireu, no mesmo poema, e em varios outros menores, aludindo enternecido a amigos e bemfeitores. A sua obra deixa uma grata impressão de admirativa simpatia.

Na historia literaria, a importancia de Basilio da Gama é maior do que a de qualquer outro da mesma pleiade. Sobre se revelar no *Uruguai* por ventura o melhor engenheiro de entre esses poetas, foi o primeiro a tomar por motivo de inspiração cousas americanas e patrias. Soube demais cantal-as com um raro espirito de liberdade civica e poetica, sem as escravizar a formulas consagradas e ainda com peregrinas qualidades de invenção e estilo. Observou Costa e Silva que foi Santa Rita Durão o fundador da poesia brasileira, por ser «o primeiro que teve o bom senso de descartar-se das preocupações européas que havia bebido nas escolas, para compor uma epopéa brasileira pela acção, pelos costumes, pelos sentimentos e idéas e pelo colorido local». Esqueceu-lhe que o *Uruguai* precedera o *Caramuru* de doze anos e que mais do que estes se mostrava estreme de preocupações européas bebidas nas escolas.

Deste grupo de poetas é Frei José de Santa Rita Durão o mais velho, pois nasceu em Cata Preta, distrito de Mariana, no qual tambem viu a luz Claudio da Costa, pelos anos de 1717 a 1720. Seu pai, o sargento-mór Paulo Rodrigues Durão, era portuguez e abastado. Ignoramos a nacionalidade da mãe, D. Ana Garcez de Moraes. Era o pai homem religioso e nimamente devoto. Por sua morte deixou importantes legados para quantidade de objectos e esmolas por sua alma e pelas de seus pais, escravos e outros. Iguais sentimentos piedosos seriam os da familia, consoante era então comum em Minas. Explica-se assim a vocação religiosa de seu filho José, o nosso poeta, que depois de estudos preparatorios no collegio dos jesuitas do Rio de Janeiro, onde a vocação incipiente se lhe teria desenvolvido, passou-se a Portugal. Ali, na ordem de Santo Agostinho, entrou, fez o noviciado e, em 1738, entre os vinte e vinte e tres anos, professou. Para seus alimentos dera o pai á ordem dois mil cruzados. Já professo num collegio desta, em Coimbra, fez os estudos para a formatura na Universidade, onde se doutorou em teologia. Foi

lente na sua ordem e teve o titulo de substituto na Universidade. Viveu uma vida feliz de estudos e alguns pequenos trabalhos literarios. Cultivou então a amizade do celebre erudito portuguez, o futuro arcebispo de Evora, Frei Manoel do Cenaculo, que associou o nosso patricio aos seus estudos das linguas orientais contra o estreito confinamento dos jesuitas na só literatura latina. Não se sabe ao certo porque se achou Durão na contingencia de deixar Portugal, retirando-se, se não fugindo, para Espanha. Na carta em que conta a Fr. Manoel de Cenaculo a sua escapula e lhe reclama o apoio, apenas diz: «As minhas desgraças me levaram inconsideradamente á Cidade Rodrigo... em 1762», sem explicar quais desgraças foram. Após alguns vexames que por motivo de estado de guerra entre a Espanha e Portugal ali soffreu, inclusive a prisão, poud transferir-se á Italia, onde se achava já em 1764. Em Roma soube fazer-se patrocinar por alguns figurões da Curia, entre os quais o famoso Ganganeli, o futuro papa Benedicto XIV,* que lhe arranjou o logar de bibliotecario da livraria publica Lancisiana, onde esteve por nove anos, bem aceito dos literatos romanos, que o meteram em varias das suas sociedades literarias. É notavel que ele não figure com algum nome arcadico, indicando ter pertencido á Arcadia Romana. Naquele cargo aposentou-se, no proposito de concorrer a uma cadeira das que se esperava vagassem na Universidade de Coimbra com a eminente expulsão dos jesuitas. Graças, parece, ao apoio de Cenaculo e á benevolencia do nosso compatriota D. Francisco de Lemos, amigo de Durão, recémnomeado por Pombal reitor da Universidade, realizou-se-lhe aquele proposito, pois o encontramos em 1778 recitando como opositor a oração de sapiencia na abertura das aulas (1).

(1) *Joseph Duran Theologi Coimbriciensis O. E. S. A. (Ordinis Egressus Sancti Augustini) pro anima studiorum instauratione Oratio*. Coimbra, ex-Tip. Academia Regia, 1878, 4.º.

* Engano de
o nome de

Por esse tempo teria começado o seu poema, cuja composição continuaria quando, acaso receoso da reacção antipombalina, recolheu á casa de sua ordem em Lisboa, em 1779. Aí concluído ou limado, foi publicado em 1781.

Em nenhum dos poetas da pleiade mineira, ou quaisquer outros seus contemporaneos, o nativismo que preludiu aqui o nacionalismo e o patriotismo, como estímulo de inspiração literaria, manifesta-se tão claramente como em Santa Rita Durão. O seu poema tinha já, por volta de 1778 a 80, quando foi imaginado e escrito, um proposito patriótico. «Os sucessos do Brasil, escreveu o poeta nas *Reflexões previas*, antepostas ao seu livro, não mereciam menos um poema que os da India. Incitou-me a escrever este o amor da patria.» Como por traz de Camões, trazido aqui a memoria por Durão, vemos a João de Barros, o insigne historiador do descobrimento e conquista da India, assim atraz de Santa Rita Durão enxergamos Rocha Pita, o autor vanglorioso da *Historia da America Portuguesa*. Não precisava Durão confessar que o lera. O seu poema bastaria para o atestar e certificar-nos de que dele principalmente derivam não só passos, incidentes e digressões do *Caramuru*, mas principalmente o seu entusiasmo patriótico. Patriotismo, porem, que não era ainda o brasileiro estreme, se não um sentimento mixto, comum a todos esses poetas, de lealdade portugueza e de amor á terra natal, sentimento que se dividia entre a nação, que era Portugal, e a patria, que era o Brasil.

Sobre ser impertinente fazer do descobrimento da Baía, ou ainda do Brasil, uma epopéa, á luz da estetica não era muito melhor que o de Basilio da Gama o tema de Durão. Tinha, porem, sobre o daquele a vantagem do maior recuo do tempo, menor precisão ou maior incerteza historica, dando ao poeta ensanchas a desenvolvimentos em que aproveitou a historia do Brasil do descobrimento ao governo geral e ainda a previsão da luta contra os holandezes. Como todos sabem, o assunto do poema é o episodio meio historico, meio lendario, do naufragio do aventureiro portu-

guez Diogo Alvares Corrêa, que, sossobrando nas costas orientais do Brasil, justamente no reconcavo da Bafa, escapou do naufragio e caiu nas mãos dos indios que af havia. Guardado para servir-lhes de repasto, conseguiu esquivar a sua triste sorte e dominar-lhes com o pavor que lhes causou matando no vôo um passaro, e fazendo outras façanhas com um arcabuz que acertara salvar da catastrofe. Sobre esse facto verosimil, e que se teria repetido entre navegadores e selvagens, ignorantes das armas de fogo, bordou a imaginação popular circunstancias e acrescentou desenvolvimentos que a historia mais tarde, por mão do operosissimo Varnhagen, provaria lendarios, como a viagem de Diogo Alvares á França em companhia da gentia Paraguassú, sua noiva, o baptismo desta em Paris e o casamento deste casal, sendo padrinhos em ambas as ceremonias Henrique II e a sua mulher, a celebre Catarina de Medicis, que deu o seu nome á sua exotica afilhada. Diogo Alvares, dizia a lenda, perfilhada pelos cronistas, recebeu dos indios, por causa da arma flamante com que dava a morte, a alcunha de *Caramurú*. Este nome, que é simplesmente o de um peixe, e que lhe deram por o terem apanhado no mar, a nossa fantasia ethnologica o interpretou de varios modos, todos evidentemente falsos. Não havia aliás em Diogo Alvares, nem houve nos seus actos, os predicados de um heroi de epopéa, e a mesma lenda não lh'os dá. Nem o poeta lh'os soube emprestar que os relevassem.

Pela sua concepção e execução era o *Caramurú*, mais do que o *Uruguai*, um dos muitos poemas saídos da fonte camoniana. Sem embargo desta falta de originalidade inicial, da mesma forma e estilo poetico, e de reminiscencias do poema de Camões, tem o *Caramurú* qualidades proprias e estimaveis. Como poema nacional leva a primazia ao *Uruguai*, apesar da sua inferioridade poetica. Alem da intenção manifesta que o gerou como a epopéa do descobrimento do Brasil, é o *Caramurú* mais nosso pela sua acção e teatro dela, o Reconcavo, o berço por assim dizer da nacionalidade que se ia criar aqui, e ainda pelos multi-

plos testemunhos do seu interesse e amor do paiz. Descreve-o e conta-o Durão já com o desvanecimento de sua grandeza e excelencia e a previsão de seus altos destinos. Estes, porem, sê lhe não antolhavam ainda na formação de uma nacionalidade distinta, mas apenas no concurso decisivo que a sua patria de nascimento traria á restauração da grandeza da nação cuja era parte

O Brasil aos lusos confiado
Será, cumprindo os fins do alto destino,
Instrumento talvez neste hemisferio
De recobrar no mundo o antigo imperio.

Infelizmente o modo, imposto pelo seu estado de frade, e frade de bons costumes, porque tratou o drama amoroso, e que serve de nucleo ao seu poema, privou-o de dar-lhe a emoção que nos poderia ainda comover. Gravissima falta de senso estetico foi o fazer de Diogo Alvares e Paraguassú, o aventureiro portuguez e a india sua namorada e depois sua mulher, um casal de castos amantes. É uma situação contra a natureza, contra os factos, contra a verosimilhança, e mais que tudo inestetica. Não se imagina um rude aventureiro portuguez do seculo XVI, ardente e voluptuoso, quais se mostraram na conquista, na situação singular, e como quer que seja esquerda, descrita por Durão, com uma formosa india, moça e amorosa, em meio desta natureza excitante e dos faceis costumes indigenas, e sem nenhum estorvo social, comportando-se qual se comportou o seu, isto é, como um santo ou um lendario cavaleiro cristão, e a reservando, num milagre de continencia, para sua esposa segundo a Santa Madre Igreja. E ainda em cima doutrinando-a que nem um missionario profissional sobre as excelencias da castidade. Não obstante o seu profundo catolicismo, Camões não caiu neste erro, e ao contrario enalteceu o seu poema com os conhecidos passos de uma tão artistica voluptuosidade.

Como o *Uruguai*, o *Caramurú* insinua o americanismo

poesia portugueza, abre aos indios e ás cousas indigenas maior espaço na brasileira do que o fizera aquele, e funda o primeiro indianismo. Não os acompanharam os outros poetas do grupo. Nestes mesmos, porem, sentimentos e inspirações mais nativos e mais nativistas do que até af, as suas repetidas alusões ou referencias a cousas patrias, a nostalgia dela em alguns deles entremostrada, procedem incontestavelmente de Basilio da Gama e Durão, mórmente do primeiro, do qual ha claras impressões em quasi todos estes poetas. Durão parece não os haver tocado tanto. Não se encontram reminiscencias, e menos memoria deles, em seus poemas. É que o seu trazia ainda muito da velha formula que o arcadismo desses poetas menosprezava. Sem embargo do proposito patriotico de Durão, e das manifestações eloquentes do seu brasileiro, eles, mais artistas que patriotas, lhe preferiram, como nós hoje, Basilio da Gama, a quem Claudio da Costa, Alvarenga Peixoto e Silva Alvarenga louvaram com admirativa estimação e imitaram, mostrando sentirem o que de novo, inspirado e alto havia no seu genio.

A tres dos representantes da pleiade mineira, Claudio da Costa, Alvarenga Peixoto e Tomaz Gonzaga, tem sido atribuido o poema satirico das *Cartas Chilenas*, composto em Minas, na segunda metade do seculo xviii. É mais que uma satira, uma diatribe contra o governador D. Luiz da Cunha Menezes e sua administração. Ele figura como o heroi burlesco sob o pseudonimo de *Fanfarrão Minesio*. Fingem-lhe a acção e sucessos passados em Santiago do Chile, nomes que, conforme já notara Varnhagen, cabem no verso tanto como Vila Rica e Minas.

Escrito em forma de cartas dirigidas por um tal Critilo a certo Doroteo, ambos poetas, tem este poema, se assim se lhe pode chamar, real valor literario. Sairam á luz pela primeira vez, em edição da revista *Minerva Brasiliense*, no Rio de Janeiro, em 1845, em numero de sete. Deu uma segunda, mais completa do que esta, com treze cartas ou

cantos, a Livraria Laemmert, desta cidade, em 1863. Dirigiu-a Luiz Francisco da Veiga, autor conhecido de varios estimaveis trabalhos historicos, o qual, entre os papeis de seu pai, encontrara um manuscrito do poema. Nesse manuscrito, que aliás não era um autografo, ocorre a assinatura de Tomaz Antonio Gonzaga (*sic*) sob a data: Vila Rica, 9 de fevereiro de 1789, no fim da dedicatória em prosa, que precede imediatamente o «Prologo» igualmente em prosa. O pai do editor literario, Saturnino da Veiga, ainda contemporaneo daqueles poetas, o acreditava de Gonzaga. O primeiro editor das *Cartas Chilenas*, o escritor chileno aqui residente e redactor da *Minerva Brasiliense*. Santiago Nunes Ribeiro, com a sua edição publicara um outro testemunho da autoria de Gonzaga. É o de Francisco das Chagas Ribeiro, abonado por Nunes Ribeiro como «ancião entusiasta da literatura brasileira, depositario de muitos dos seus tesouros e cujo testemunho, se não é irrecusavel, é muito poderoso e digno de respeito». (Apud. *Cartas Chilenas*, edição Laemmert, introdução de L. F. da Veiga). Francisco das Chagas Ribeiro, sobre o qual se não deparou outra informação, poz no seu manuscrito esta declaração: «Tenho motivos para certificar que o dr. Tomaz Antonio Gonzaga é o autor das *Cartas Chilenas*.» E assinou.

Estas duas atribuições, por sujeitos ainda contemporaneos do poeta, e ao que parece respeitaveis, bastariam, em boa critica, para dirimir a questão, se não houvesse contra elas valiosos testemunhos ou documentos.

Depois de estudo mais atento das Cartas, eu, que de primeiro não acreditava fossem de Gonzaga, pendo hoje a crer que dele são, e não vejo razão entre as muitas dadas, que prevaleça contra a atribuição que de sua autoria-lhe fazem Saturnino da Veiga e Chagas Ribeiro. Ao contrario, militam a favor do seu testemunho os seguintes motivos: a) pelo seu valor literario e poetico (que é muito maior do que se tem dito) não podem essas *Cartas* ser senão de algum dos poetas conhecidos que viviam em Minas na

epoca da sua composição, não sendo provavel a existencia de nenhum outro capaz de as escrever e que ficasse de todo incognito; *b*) esse poeta devia reunir duas condições, manifestas no contexto do poema: ser portuguez e ser inimigo rancoroso do governador satirizado. Que o autor das *Cartas Chilenas* é portuguez de naturalidade mostram-no os versos 5 e 15 da pag. 149 da edição Laemmert, em que positivamente alude á sua vinda da Europa e ao seu nascimento em Portugal. Revela-se ainda portuguez nas suas varias alusões todas pouco simpaticas á terra e ás suas cousas, e em que, atacando acrimoniosamente o governador e á sua administração, não malsina jamais do regimen ou do governo colonial. Revê-se ainda o reinol, branco extreme e de categoria fina, na sua manifesta antipatia aos mulatos, a quem não perde ensejo de apodar (pags. 106, 203, 312 e *passim*). A sua linguagem nimiamente cástica, de boleio de frase e vocabulário muito de Portugal e outros sinais idiomáticos que uma analyse miuda revelaria, traem tambem o portuguez. Ora como o unico portuguez do grupo era Gonzaga, a ele se deve atribuir o poema, onde aliás se encontram pensamentos, imagens e expressões que coincidem com as da *Marilia de Dirceu*. (Cp. pag. 100: «Que importa que os acuses...» com a lira xxxvi da 1.^a parte).

As *Cartas* são evidentemente de um inimigo acerrimo do governador, a quem não poupam as mais terriveis acusações e convicios. Ora dos tres poetas que sómente podiam ser os seus autores, e unicos a quem teem sido atribuidas, só Gonzaga era sabidamente inimigo dele. Alvarenga Peixoto, ao contrario, é um favorecido, um protegido de Cunha Menezes, que o fez coronel, honraria que o desvaneceu mais que o seu titulo de doutor, e lhe concedeu adiasse o pagamento de certa divida á Fazenda Real (1).

(1) V. *Rev. do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas*, março, 1915.

Claudio era personagem quasi official, ligado ao governo da Capitania, que por duas vezes (1762-1765 e 1769-1773) secretariara, era já septuagenario, idade menos apropriada ás violencias da satira. Gonzaga, ao contrario, como ouvidor da comarca e deputado á Junta de Fazenda, achou-se em conflito com aquele governador, quando foi da arrematação do Contrato das entradas no trienio de 785 a 787, em que Cunha Menezes «de sua propria e particular autoridade», segundo o Ministro do Reino, Martinho de Mello e Castro (V. *Rev. do Inst.*, vi, 54 e seg.) e contra o voto fundamentado de Gonzaga, mandou adjudicar ao seu protegido José Pereira Marques, o Marquesio das *Cartas Chilenas*, aquele contrato. Foi esta questão do contrato das entradas, em que, talvez, tanto o governador como o ouvidor, estavam empenhados por partes diversas, que criou a reciproca hostilidade de Cunha Menezes e Gonzaga, e principalmente motivou as *Cartas Chilenas*, e que fez o poeta tomal-o «entre dentes», segundo a sua expressão, muito portugueza, do inicio da 4.^a. E a 8.^a é inteiramente consagrada á prevaricação do governador em contratos e despachos, de que o poeta o acusa e malsina quasi com as mesmas razões e palavras que a Gonzaga ouvidor atribue o Ministro Mello e Castro no documento acima citado. Repetirei que é notavel que, maldizendo este poema tão afrontosamente do governador e da sua roda, jamais deixa perceber o menor sentimento de desgosto da metropole e do regimen colonial. Um portuguez qualquer poderia aliás deixal-o transparecer; não o podia Gonzaga, que, como magistrado reinol e vogal da Junta da Real Fazenda, fazia parte conspicua do governo da Capitania. Não obstante esta sua cautela, só a sua autoria conhecida, ou desconfiada, de tão terrivel libelo contra um recente governador e varios funcionarios seus parciaes explica que ele fosse, contra a sua manifesta inocencia, comprometido numa conspiração, se conspiração houve, de que tudo — os seus sentimentos de portuguez, a sua lealdade de funcionario, o seu interesse pessoal e a sua situação de noivo

amorosissimo — forçosamente o afastava. O argumento de que o poeta sentimental e mimoso de *Marilia* não podia escrever aquelas violentas *Cartas*, de virulenta satira, roçando ás vezes pela obscenidade, é de uma pobre psicologia, contradita por mil exemplos da historia literaria (1).

Todos os poetas deste grupo, o que talvez se não reproduza mais na historia da nossa literatura com qualquer dos grupos literarios que nela possamos distinguir, alem do estro, tinham a mais completa cultura literaria do tempo. Todos fizeram com aproveitamento as suas humanidades, todos, excepto Basilio da Gama, tinham o seu curso universitario, eram doutores em leis ou canones. Todos parecem a par do saber da sua epoca, ao menos do que, sem estudos especiais, se adquire com aquela cultura. Os brasileiros do grupo todos saíram do seu paiz, estancearam largos anos em Portugal e alguns, como Durão e Basilio, estiveram em Espanha e Italia. Liam os enciclopedistas francezes. Quasi todos, alem do latim, sabiam o grego, e de ambas as linguas versavam os poetas no original. Durão, afóra essas duas linguas classicas, sabia o hebraico. A todos eram familiares os escritores antigos, particularmente os poetas, e os principais escritores e poetas modernos, italianos, francezes e espanhois, e ainda alguns inglezes. Claudio da Costa poetava em italiano, acaso não menos excelentemente que em portuguez, e o podia fazer ainda

(1) A tese que agora sustento, publicada desde fevereiro de 1913 no *Estado de S. Paulo*, de que são de Gonzaga, como afirmavam os dous contemporaneos seus, acima citados, as *Cartas Chilenas*, será breve sustentada com melhores fundamentos e triunfantes argumentações, tudo fundado em documentos valiosos pelo meu distinto amigo sr. Alberto Faria, de Campinas, severo estudioso e sabedor provecto destas causas. Confio que ele dará á literatura critica brasileira um livro exemplar sobre as *Cartas Chilenas* ou, ainda melhor, sobre a Pleiade Mineira, que sei tem estudado acurada e inteligentemente.

em castelhano e francez; traduziu Voltaire e cantou a Milton. Basilio da Gama tambem traduziu Voltaire.

Conheceram-se, trataram-se, foram camaradas ou amigos quasi todos. Ligou-os o sentimento da patria comum, o mesmo amor ás letras, a irmandade do estro, e mais, o mesmo espirito liberal, comum a todos e manifesto na obra de todos. Silva Alvarenga compreendia e admirava a Basilio da Gama e o cantou com entusiasmo, pode dizer-se patriotismo. Claudio da Costa, com igual entusiasmo, consagrou uma ode aos arcades seus patricios e endereçou poemas a Alvarenga Peixoto. Serviu tambem de centro não só a este e a Gonzaga, mas a outros menores que poetavam em Vila Rica, que todos, segundo a veridica tradição, lhe submetiam ao saber e experiencia os seus versos. Gonzaga alude carinhosamente em suas liras a Claudio e a Alvarenga Peixoto, seus intimos. Naquela epoca de acesa briga de poetas, se não sabe que hajam os nossos entre si brigado.

Todas essas coincidencias e circumstancias não foram certamente alheias á constituição deste grupo de poetas e á feição e distinção que os assinalam na nossa literatura e ainda na poesia portugueza. Para alguns deles ao menos, a sua justa celebridade foi grandemente ajudada, sem quebra aliás no seu merecimento, pelos desgraçados sucessos em que foram envolvidos. Aureolando-os de martirio, não serviriam pouco, e justo é que assim fosse, á sua gloria de poetas.

A tres destes poetas, Claudio da Costa, Alvarenga Peixoto e Tomaz Gonzaga, tem sido atribuido o poema satirico das *Cartas Chilenas*, composto em Minas, na segunda metade do seculo xviii. É mais que uma satira, uma diatribe contra o governador D. Luiz da Cunha Menezes e sua administração. Ele figura como o heroe burlesco sob o pseudonimo de *Fanfarrão Minesio*. Fingem-se-lhe a acção e sucessos passados em Santiago do Chile, nomes que, conforme já notara Varnhagen, cabem no verso tanto como Vila Rica e Minas.

Escrito em forma de cartas dirigidas por um tal Critilo a certo Doroteo, ambos poetas, tem este poema, se assim se lhe pode chamar, real valor literario. Safu á luz pela primeira vez em edição da revista *Minerva Brasiliense*, no Rio de Janeiro, em 1845, em numero de sete. Deu uma segunda edição, mais completa do que esta, com treze cartas ou cantos, a Livraria Laemmert, desta cidade, em 1863. Dirigiu-a Luiz Francisco da Veiga, auctor conhecido de varios estimaveis trabalhos historicos, o qual entre os papeis de seu pai encontrara um manuscrito do poema. Nesse manuscrito, que aliás não era um autografo, ocorre a assinatura de Tomaz Antonio Gonzaga (sic) sob a data: Vila Rica, 9 de fevereiro de 1789, no fim da dedicatória em prosa que precede imediatamente o «Prologo» igualmente em prosa. O pai do editor literario, Saturnino da Veiga, ainda contemporaneo daqueles poetas, o acreditava de Gonzaga. O primeiro editor das *Cartas Chilenas*, o escritor chileno aqui residente e redactor da *Minerva Brasiliense*, Santiago Nunes Ribeiro, com a sua edição publicara um outro testemunho da autoria de Gonzaga. É o de Francisco das Chagas Ribeiro, abonado por Nunes Ribeiro, como «ancião entusiasta da literatura brasileira, depositario de muitos dos seus tesouros e cujo testemunho, se não é irrecusavel, é muito poderoso e digno de respeito» (Apud *Cartas Chilenas*, edição Laemmert, introdução de L. F. da Veiga) Francisco das Chagas Ribeiro, sobre o qual se me não deparou outra informação, poz no seu manuscrito esta declaração: «Tenho motivos para certificar que o Dr. Tomaz Antonio Gonzaga é o autor das *Cartas Chilenas*.» E assinou.

Estas duas atribuições, por sujeitos ainda contemporaneos do poeta e ao que parece respeitaveis, bastariam em boa critica para dirimir a questão, se não houvesse contra ellas mais valiosos testemunhos ou documentos.

Depois de estudo mais atento das *Cartas*, eu, que de primeiro não acreditava fossem de Gonzaga, pendo hoje a crer que dele são, e não vejo razão, entre as muitas dadas,

que prevaleça contra a atribuição que de sua autoria lhe fazem Saturnino da Veiga e Chagas Ribeiro. Ao contrario militam a favor do seu testemunho os seguintes motivos: a) pelo seu valor literario e poetico (que é muito maior do que se tem dito) não podem essas *Cartas* ser senão de algum dos poetas conhecidos que viviam em Minas na epoca de sua composição, não sendo provavel a existencia de nenhum outro capaz de as escrever e que ficasse de todo incognito; b) esse poeta devia reunir duas condições, manifestas no contexto do poema: ser Portuguez e ser inimigo rancoroso do Governador satirizado. Que o autor das *Cartas Chilenas* é Portuguez de naturalidade mostram os versos 5 e 15 da pag. 149 da edição Laemmert, em que positivamente alude á sua vinda da Europa e ao seu nascimento em Portugal. Revela-se ainda Portuguez nas suas varias alusões todas pouco simpaticas á terra e ás suas cousas, e em que, atacando acrimoniosamente o Governador e a sua administração, não malsina jamais do regimen ou do Governo Colonial. Revela-se branco extreme e de categoria fina, na sua manifesta antipatia aos mulatos, a quem não perde ensejo de apodar com azedume (pags. 106, 203, 212 e *passim*). A sua linguagem nimiamente castiça, de boleio de frase e vocabulario muito de Portugal e outros sinais idiomáticos que uma analyse miuda revelaria, traem tambem o Portuguez. Ora como o unico Portuguez do grupo era Gonzaga, a ele se deve attribuir o poema, onde aliás se encontram pensamentos, imagens e expressões que coincidem com os da *Marilia de Dirceo* (Cp. p. 100: «Que importa que os acuses...» com a lira xxxvi da 1.ª parte).

As *Cartas* são evidentemente de um inimigo acerrimo do Governador, a quem não poupam as mais terriveis acusações e convicios. Ora dos três poetas que sómente podiam ser os seus autores, e unicos a quem tem sido atribuidas, só Gonzaga era sabidamente inimigo dele. Alvarenga Peixoto, ao contrario, é um favorecido, um protegido de Cunha Menezes, que o fez coronel, honraria que o desvanecia mais que o seu titulo de doutor, e lhe concedeu

adiasse o pagamento de certa divida á Fazenda Real (1). Claudio era uma personagem quasi official ligada ao Governo da Capitania que por duas vezes (1762-1765 e 1769-1773) secretariara, era já septuagenario, idade menos apropriada ás violencias da satira. Gonzaga, ao contrario, como Ouvidor da Comarca e deputado á Junta de Fazenda, achou-se em conflito com aquele Governador quando foi da arrematação do Contracto das entradas no trienio de 785 a 787, em que Cunha Menezes «de sua propria e particular autoridade» segundo o Ministro do Reino, Martinho de Melo e Castro (*Rev. do Inst.*, vi, 54 e seg.) e contra o voto fundamentado de Gonzaga, mandou adjudicar ao seu protegido José Pereira Marques, o Marquesio das *Cartas Chilenas*, aquele contracto. Foi esta questão do contracto das entradas, em que talvez tanto o Governador como o Ouvidor estavam empenhados por partes diversas, que criou a reciproca hostilidade de Cunha Menezes e Gonzaga, e principalmente motivou as *Cartas Chilenas* e que fez o poeta tomal-o «entre dentes» segundo a sua expressão muito portugueza, do inicio da 4.^a. E a 8.^a é inteiramente consagrada á prevaricação do Governador em contractos e despachos, de que o poeta o acusa e malsina quasi com as mesmas razões e palavras que a Gonzaga Ouvidor atribue o Ministro Melo e Castro no documento acima citado. Repetirei que é notavel que maldizendo este poema tão afrontosamente do Governador e da sua roda, jamais deixe perceber o menor sentimento de desgosto da metropole e do regimen colonial. Um Portuguez qualquer poderia aliás deixal-o transparecer, não o podia Gonzaga, que, como magistrado reinol e vogal da junta da Real Fazenda, fazia parte conspicua do Governo da Capitania. Não obstante esta sua cautela, só a sua autoria conhecida, ou desconfiada, de tão terrivel libelo contra um recente Governador e varios fun-

(1) V. *Rev. do Centro de Sciencias, Letras e Artes de Campinas*, março, 1915.

cionarios seus parciais explica que ele fosse contra a sua manifesta inocencia, comprometido numa conspiração, se conspiração houve, de que tudo — os seus sentimentos de Portuguez, a sua lealdade de funcionario, o seu interesse pessoal e a sua situação de noivo amorosissimo — forçosamente o afastava. O argumento de que o poeta sentimental e mimoso da *Marilia* não podia escrever aquelas violentas *Cartas* de virulenta satira, roçando ás vezes pela obscenidade, é de uma pobre psicologia, contradita por mil exemplos da historia literaria (1).

(1) A tese que agora sustento, publicada desde fevereiro de 1913 no *Estado de S. Paulo*, de que são de Gonzaga, como afirmavam os dous contemporaneos seus acima citados, as *Cartas Chilenas*, será breve sustentada com melhores fundamentos e triunfantes argumentos, tudo fundado em documentos valiosos, pelo meu distinto amigo, sr. Alberto Faria, de Campinas, severo estudioso e sabedor provector destas cousas. Confio que ele dará á literatura critica brasileira um livro exemplar sobre as *Cartas Chilenas* ou, ainda melhor, sobre a Pleiade Mineira, que sei tem estudado acurada e inteligentemente.

CAPITULO VII

Os predecessores do Romantismo

I. — *Os Poetas*

Verdadeiramente é do seculo XIX que podemos datar a existencia de uma literatura brasileira, tanto quanto pode existir literatura sem lingua propria.

Se a independencia do Brasil oficialmente começa em 1822, de facto a sua autonomia, e até hegemonia no sistema politico portuguez, data de 1808, quando, emigrando para cá, a dinastia portugueza, na realidade, fez do Rio de Janeiro a capital da monarquia. Virtualmente o Imperio do Brasil estava criado desde que o principe regente, D. João, realizando um velho, intermitente mas nunca desvanecido pensamento politico portuguez, proclamou que o seu protesto contra a violencia napoleonica se erguia do seio de um novo imperio.

Ardores e alentos novos criou então o povo que a tres seculos se vinha aqui formando e cuja consciencia nacional, desde o seculo XVII, com as guerras holandezas, entrara a despontar. O facto do Ypiranga, precedido da singular situação resultante da estada aqui da familia real e consequente transformação da colonia em reino unido ao de Portugal, prefizera essa consciencia e lhe influira a vontade de existir com a vida distinta que faz as nações. Em tais momentos, como em todos os partos, são infalveis as roturas. Deu-se aqui o rompimento entre brasileiros e portuguezes, pode dizer-se o levante de uns contra outros, fe-

nomeno necessario da separação dos dous povos. Para completal-a devia esse sentimento forçosamente interessar a todos os aspectos da vida do brasileiro, até af comum com a do portuguez, e as varias feições do seu pensamento e sentimento. Não foi maior a rotura porque o facto politico que a produziu foi antes uma transacção que uma revolução e por se haver passado justamente no momento em que a metropole se afeiçoava o mesmo modelo politico adoptado pela colonia. Em todo caso, foi suficiente para differençar desde então como entidades politicas distintas portuguezes e brasileiros.

Exageravam estes a ruindade da administração colonial, aumentavam-lhe com as mais deslavadas hiperboles de um patriotismo exaltado os vexames e as incapacidades. Aos seus olhos, com a importancia de metropole, perdia tambem Portugal o prestígio moral e mental, de criador, educador e guia dessa sociedade que aqui se emancipava.

Era precisamente a hora em que na Europa, na verdadeira Europa, em Alemanha, em Inglaterra, em França, manifestavam-se claramente já os sinais da renovação litteraria que iria interessar todos os aspectos do pensamento e ainda do sentimento europeu: o Romantismo. Quaisquer que hajam sido os seus motivos e caracteristicos, sejam quais forem as definições que comporte (e innumeradas tem sido dadas), o Romantismo foi sobretudo um movimento de liberdade espiritual, primeiro, se lhe remontarmos ás ultimas origens, filosofica, litteraria e artistica depois, e ainda social e politica. Em arte e litteratura seu objectivo foi fazer algo diferente do passado e do existente, e até contra ambos. Excedeu o seu proposito, e em todos os ramos de actividade mental, até nas sciencias, foi uma reacção contra o espirito classico, que, embora desnaturado, ainda dominava em todos.

Iniciou-se na Alemanha pelos ultimos vinte e cinco anos do seculo xviii. Reinava então em Portugal o pseudo classicismo da Arcadia. No Brasil cantavam os poetas mineiros, alguns deles romantics por antecipação, mas em suma

era o mesmo arcadismo o tom dominante nas letras. Da Alemanha irradiou por Inglaterra e França. Nestes paizes as suas primeiras manifestações consideraveis são já do principio do seculo XIX. Só quasi vinte e cinco anos mais tarde começaria a sua influencia a se fazer sentir em Portugal, onde as suas ainda indecisas manifestações datam exactamente do principio do segundo quartel do seculo. Com a sua terceira década entra ele no Brasil. Não foi, entretanto, de Portugal que o recebemos senão de França, que ia ser e permanecer a principal fornecedora de idéas, de sentimentos e até de estilo á nossa literatura.

Mas entre o fim do renascimento poetico aqui operado (dentro aliás só de si mesmo e sem irradiação notavel) pela pleiade mineira e as primeiras manifestações do nosso romantismo, isto é, entre o ultimo decenio do seculo XVIII e o terceiro do XIX, dá-se na poesia brasileira uma paralização do movimento que parecia prenunciar-lhe a autonomia. Pode mesmo dizer-se que se dá um regresso ao estafado arcadismo portuguez. Nunca tivera o Brasil tantos poetas, se a esses versejadores se pode attribuir o epiteto. Relativamente aos progressos que já fizemos, nunca os tivera tão ruins, tão inspidos e incolores.

Nesta fase arrolam os historiadores ou simples noticiadores da nossa literatura mais de vinte. Na van presunção dê lhes emprestarem valor, pois não é crível que efectivamente lh'o encontrem, sobre nomeal-os adjectivam-nos com qualificativos que a leitura dos seus poemas não só de sabona mas prejudica.

São, calando ainda bastantes nomes, e na ordem chronologica, Francisco de Melo Franco (1757-1823), Antonio Pereira de Souza Caldas (1762-1814), José Bonifacio de Andrada e Silva (1763-1838), Silverio Ribeiro de Carvalho (1746-1843?), José Eloy Otoni (1764-1851), Fr. Francisco de S. Carlos (1768-1829), Francisco Vilela Barbosa (marquez de Paranaguá) (1769-1846), Luiz Paulino Pinto da França (1771-1824), Paulo José de Melo Azevedo e Brito

(1779-1848), Januario da Cunha Barbosa (1780-1846), Domingos Borges de Barros (visconde de Pedra Branca) (1780-1855), João Gualberto Ferreira dos Santos Reis (1787-185.), Manoel Alves Branco (visconde de Caravelas) (1797-1854), Joaquim José da Silva (?), Ladislau dos Santos Titara (1802-1861), Alvaro Teixeira de Macedo (1807-1849?), Antonio Augusto de Queiroga (1812-1855), Francisco Bernardino Ribeiro (1815-1837), Joaquim José Lisboa (?).

A maxima parte destes compridos nomes não despertará na memoria do leitor, ainda ilustrado, reminiscencia literaria alguma. É como se lhe citassem poetas chinezes. Os que não morreram de todo, de morte aliás mercedissima, vivem apenas numa vaga e indefinida tradição, mantida pelos professores de literatura. Algum raro amator das letras patrias, mais por curiosidade que por gozo literario, lerá ainda, ou melhor terá lido, José Bonifacio, Eloy Otoni, Fr. Francisco de S. Carlos, Souza Caldas, talvez Pedra Branca. Os outros nem mais essa curiosidade despertam. Tais como Pinto de França e algum outro, que, idos moços e até crianças para Portugal, lá se criaram, educaram e deixaram ficar, são de educação e sentimento portuguezes, e portuguez é o seu estro e estilo poetico. Custa a reconhecer nesta lista um verdadeiro poeta. Na grande maioria, são apenas versejadores de mais ou menos engenho e arte, os melhores com a erudição poetica e literaria comum aos doutos do tempo, com a qual, a custo e raro, conseguem realçar a penuria do seu estro, sem disfarçar entretanto a trivialidade do seu estilo poetico, repetição insulsa e fraco arremedo do da metropole, então igualmente miseravel. Já entrado o seculo XIX, versejavam copiosamente odes, sonetos, epitalamios, cantatas, glosas, liricas, epigramas, ditirambos, metamorfoses, epistolas, emfim toda a farta e extravagante nomenclatura dos seculos passados. Versejavam sem inspiração nem sentimento, artificialmente, por officio ou presunção. Repetiam sem o talento de os renovar os tropos e imagens da mitologia classica e as formas estafadas de uma poetica anacronica e obsoleta. Nati-

vidade Saldanha, com a falsa eloquencia que de bom grado confundimos com poesia, celebra os feitos e vultos patrióticos com reminiscencias, epitetos, figuras e apelidos classicos e pagãos. É «a fatigante enfase do ditirambo historico», de que fala Morley, aqui vulgarissima. A fecundidade poetica de alguns é assombrosa. Ladislau Titara, de 1827 a 1852, publicou oito tomos em formato de 8.º de *Obras poeticas*, somando 1819 paginas de versos, e o seu irmão Gualberto, em seis anos, quatro tomos do mesmo formato. Que exemplo a futuros escritores!

Á imitação do seu Horacio, que sabem talvez de cór, mas cujo intimo sentimento mal alcançam, e de cujo talento andam afastadissimos, e seguindo velhos habitos arraigados dos poetas portuguezes, são-lhes motivos de inspiração factos e datas de pessoas gradas, a cuja benevolencia armam com lisonjas metrificadas, elogios poeticos, epitalamios por casamentos, nascimentos e quejandos.

Souza Caldas é certamente o melhor deles todos, o mais vigoroso lirico dos predecessores immediatos do Romantismo. Ele fez um trabalho consideravel de erudito e poeta traduzindo em vernaculo os *Psalms* attribuidos a David (1). Algumas dessas traduções não são em verdade indignas dos louvores que é de praxe fazer-lhes. Não teria, porem, idéa muito exacta da poesia hebraica quem por elas houvesse de julgal-a. Mas, ainda excelente, perderia o lavor do nosso patricio muito do seu valor pelo mesmo desinteresse com que hoje a maioria dos leitores se dispensam de ler traduções dos poemas de pura invenção religiosa e de uso devoto. Comquanto se digam catolicos, não é certamente neles que procuram nem acham a emoção estetica de que acaso sintam necessidade. Os *Psalms de David*, traduzidos pelo padre Souza Caldas para lingua falada por muitos

(1) *Obras poeticas do Rev.º Antonio Pereira de Souza Caldas*, tomo I, *Psalms de David*, vertidos em ritmo portuguez, etc., tomo II, *Poesias sacras e profanas*, Paris, 1820-1821, 8.º gr.

milhões de catolicos, ficaram na primeira e unica edição. Publicados ha noventa anos, não são ainda um livro raro. Escreveu tambem Souza Caldas *Poesias sacras e profanas*, impressas no tomo II das *Obras poeticas*. Padecem as primeiras do mesmo precalço dos *Psalmos*, pois não é mais, se alguma vez foi, sob as formas e maneiras da poesia profana, odes, cantatas e outras tais que buscamos a edificação religiosa ou a satisfação estetica para a nossa piedade. De resto, em nossa gente o sentimento religioso não foi já-mais tal que comportasse a especie de deleite proveniente da leitura e meditação dos poemas biblicos versificados em vulgar. Mais devotos que religiosos, preferimos sempre as apparencias e exteriorizações da religião sob a forma oral dos sermões ou visual e sensitiva das pompas culturais.

Como poeta profano, Souza Caldas se não extrema dos portuguezes seus contemporaneos, se bem valha mais que qualquer dos seus patricios coevos. E, salvo os mineiros, mais que todos os poetas seus antecessores. É mais correcto e mais rico versejador que estes, e sobretudo mais vernaculo. Sob o aspecto da lingua pode, entre os brasileiros, passar por distinto. As suas produções originaes consideradas melhores são a cantata *Pigmalião* e a ode *Ao homem selvagem*. Áquella infelizmente se depara na cantata *Dido*, de Garção, um desfavoravel confronto. A ode *Ao homem selvagem*, essa é realmente formoso trasunto das idéas de Rousseau, em sustentação das quais foi escrita. Os seis sonetos que nos deixou Souza Caldas, sem distinção alguma, antes lhe desabonam que lhe acreditam o estro.

Á imitação das *Lettres Persannes*, de Montesquieu, Souza Caldas escrevera uma obra em prosa de filosofia pratica e moral em forma epistolar. Dela apenas nos restam duas cartas que não bastam para autorizar um juizo do seu trabalho. Revela-se comtudo af escritor facil e castiço e, para o seu tempo, meio e estado, espirito liberal e tolerante. Versam justamente essas duas cartas sobre a attitude da Igreja perante os escritos contrarios á sua moral e dogmas, o que o leva a considerar o tema geral da livre

expressão do pensamento. Fal-o Souza Caldas com aquele latitudinarismo que foi sempre a marca do clero brasileiro, antes da invasão do ultramontanismo franco-italiano (1).

Não pode divergir muito o juízo que devemos fazer de José Eloy Otoni, que, como Souza Caldas, foi poeta sacro e profano. Mas o foi com menos talento e, principalmente, com menos vigor. As suas traduções dos pseudos *Proverbios de Salomão* e do *Livro de Job*, feitos do latim da Vulgata, são antes parafrases que traduções. Não ha achar-lhes o sabor que do original parecem guardar algumas traduções directamente feitas em prosa ou verso. As poesias originaes de Otoni não destoam da comum mediocridade da poesia sua contemporanea (2). José Eloy Otoni nasceu na cidade do Serro, em Minas Gerais, em 1764. Depois dos primeiros estudos em sua terra, esteve na Italia e em Portugal, onde ainda voltou duas vezes em outras épocas de sua vida, vindo a falecer no Rio de Janeiro, num emprego publico subalterno, em 1851.

Um frade franciscano fluminense, Fr. Francisco de S. Carlos, compoz pela mesma época, «em honra da Santa Virgem», segundo reza o titulo, um poema *A Assunção*, que é uma das mais insulsas e aborridas produções da nossa poesia. Em oito estirados cantos de versos decassílabos, rimados uniformemente em parilha, monotonia que é aumentada pela pobreza das rimas e geral mesquinheza da forma, descreve o poeta a Assunção da Virgem desde a ressurreição do seu tumulo, em Efeso, até á sua chegada ao Paraiso, atravez de varias peripecias maravilhosas por ele imaginadas. O poema é do principio ao fim prosaico, sem se lhe poder tirar algum episodio ou trecho realmente

(1) V. essas cartas na *Rev. do Inst.*, III, 144 e 216.

(2) *Job*, traduzido em verso por José Eloy Otoni, etc. Rio de Janeiro, 1852, in 8.º gr., xxxix, 42, 104 pags. É longa a lista de produções de Eloy Otoni, começados a publicar em Lisboa desde 1801, Cr. Inocencio, *Dicc. bibliografico*, IV, 309 e seg.

belo, a inventiva pobre, balda de novidades ou grandeza, a lingua mesquinha e vulgar. Entretanto criticos houve que o acharam digno de rivalizar com o *Paraiso Perdido*, de Milton, e a *Messiada*, de Klopstock, e não duvidaram de qualificar-o de «poema eminentemente nacional» e de considerá-lo como «um dos monumentos que nos legou a geração passada (do principio do seculo XIX) para a formação da nossa literatura». Chamar-lhe «poema eminentemente nacional» porque introduziu nas suas descrições frutas, plantas e animais do Brasil e alguns aspectos da natureza brasileira, é equivocar-se sobre o sentido da expressão. O vesio de cantar as cousas da terra, de nomeal-as, cital-as ou descrevel-as, ás vezes comovidamente, mas tambem ás vezes sem emoção alguma, era velho na nossa poesia. Vinha, conforme mostrámos, dos fins do seculo XVI; praticou-o Durão no *Caramarú*, cultivaram-no alguns dos poetas mineiros e outros. Tal sestio revia o despontar do sentimento nativista e o seu sucessivo desenvolvimento. Ao tempo de Fr. Francisco de S. Carlos era já tão comum o emprego desse recurso poetico, que nada tinha de particularmente notavel. Tanto mais que o usou o franciscano poeta sem a menor distinção. Apenas continuava uma tradição criada, da qual ha exemplos noutros poetas seus contemporaneos deste infausto periodo das nossas letras, como na *Discrição curiosa*, do ruim poeta mineiro Joaquim José Lisboa. E como a continuava sem a relevar por quaisquer virtudes de fundo ou de forma, fazendo apenas nomenclaturas aridas, não sabendo tirar desse expediente nenhum partido estetico, não lhe pode servir isso de recomendação ao seu insipido poema. O que era nos seus predecessores novidade interessante, reveladora de um sentimento, uma emoção, uma inspiração nova na poesia portugueza, era nele simples repetição, não levantada por algum talento superior de expressão.

Destas duas duzias de poetas menores, o unico, alem de Souza Caldas, que por ventura se destaca por uma inspiração mais sincera e dons de expressão que o extremam,

é José Bonifácio de Andrade Machado e Silva, o José Bonifácio, principal cooperador da nossa independência nacional. As circunstancias que o fizeram e em que foi poeta, lhe explicam o destaque.

José Bonifácio nasceu em Santos, São Paulo, aos 13 de junho de 1763. Feitos os seus primeiros estudos no Brasil e completos os seus dezoito anos, passou-se a Portugal, e ali, em Coimbra, se formou em filosofia e leis. Fundada em 1774, pelo duque de Lafões, a Academia Real das Sciencias de Lisboa, foi, com o patrocínio daquele magnate, seu membro e depois secretario. Ao mesmo apoio deveu a comissão especial de estudar nos principais centros scientificos europeus sciencias naturais e metalurgia. Dez anos empregou nestes estudos, percorrendo os principais paizes da Europa, onde os podia com mais proveito fazer. De volta a Portugal, foi nomeado intendente geral das minas, com a graduação de desembargador, recebendo tambem o grau de doutor em sciencias naturais e o encargo de inaugurar na Universidade de Coimbra uma cadeira de metalurgia e geognosia, a qual regeu até á invasão franceza de 1807. Criado, por motivo desta invasão, um batalhão academico, foi dele José Bonifácio major e logo depois tenente coronel. Mais tarde serviu o cargo de intendente de policia do Porto. Em 1819 retirou-se, com licença, para o Brasil. Vivia em S. Paulo, sua provincia natal, quando sobrevieram os acontecimentos de 1820 e 1821 e começaram no Rio de Janeiro os primeiros movimentos da Independencia. Estes despertaram-lhe o sentimento nacional, acaso adormecido por cerca de quarenta anos de existencia portugueza. Fez-se parte conspicua nesse movimento, do qual foi, com D. Pedro, o principal protagonista. Como ministro e conselheiro muito ouvido do recémfundado imperio e deputado á sua assembléa constituinte, teve um grande papel nessa primeira fase da construção do paiz sob o novo regimen, sendo, pelos seus talentos e capacidades, a primeira figura dela. A excessiva energia que, como primeiro ministro, empregou contra os seus opositoristas, ia com-

prometendo a causa que tão bem servira. Em todo caso motivou a excitação dos animos que produziu os sucessos donde resultou a demissão de José Bonifacio e o seu exilio.

Era José Bonifacio uma natureza pessoalissima, de indole autoritaria e violenta. Como todos os politicos do seu temperamento, tanto era despotico no poder como abominava o despotismo em não sendo ele o despota. Nimiamente orgulhoso e demasiado convencido da sua superioridade, aliás real, no meio politico d'onde o expulsavam, doeu-lhe profundamente o exilio a que o constrangiam os seus adversarios, desterrando-o da patria cuja independencia, com mais presunção que razão, exclusivamente se attribuia. Encheu-se de despeito e raiva contra o soberano, a quem com mau gosto reprochou de ingrato, contra os politicos seus adversarios, e até contra a patria. Foi neste estado d'alma de homem que se crê indispensavel e a quem dispensam, de homem soberbo de si e humilhado pelos mesmos a quem se julgava proeminente e tinha por seus devedores, que repontou em José Bonifacio, aos sessenta e dous anos, o estro poetico de que já dera amostras quando estabelecido em Portugal. *Facit indignatio versum.* Em Bordéos, em cujos arredores se fixara durante o exilio, publicou o volume das *Poesias avulsas*, de Americo Elysis, em 1825. A sua forte e não comum cultura literaria e scientifica, e grandes experiencias da vida, fortificaram-lhe o engenho poetico. A paixão real fez o resto. Era um apaixonado e estava apaixonado. Aquela deu-lhe aos versos, não obstante o resaibo arcadico que se lhe descobre no estilo, no feitio e até na alcunha com que se disfarçou o autor, uma vida, uma emoção, uma sinceridade como se não encontra em nenhum dos poetas seus patricios e contemporaneos, e que fazem dele acaso o unico que tem personalidade e que, por isso, possamos ouvir ainda hoje. Ao contrario de toda a poesia do tempo, a sua, ao menos a inspirada da sua situação actual, é pessoal, vibrante das suas paixões politicas e patrioticas e dos seus mesmos sentimentos egoistas, do seu orgulho, da sua soberba, da

sua vaidade mal ferida, e que ele não procura dissimular. Soam nelas queixas, reproches, imprecações e brados pela liberdade que ele proprio, de essencia despotico, recusara aos seus antagonistas quando no poder. E mais, sem embargo de queixas e exprobações que chegam á negação da patria,

Morrerei no desterro em terra estranha,
Que no Brasil só vis escravos medram:
Para mim o Brasil não é mais patria,
Pois faltou á justiça.

vivissimo amor dela e ferverosos aneios por ela. Ainda quando, por distrair-se das suas angustias de republico despeitado, recorre aos prazeres reais ou imaginarios de que Baco era o patrono classico, o pensamento saudoso e amargurado se lhe volve á patria distante:

Em brodio festivo
Mil copos retinam;
Que a nós não nos minam
Remorsos cruéis;
Em jubilo vivo
Juremos constantes
De ser como dantes
Á patria fiéis

.....

Gritemos unidos
Em santa amizade
Salve, ó liberdade!
E viva o Brasil!
Sim, cessem gemidos,
Que a patria adorada
Veremos vingada
Do bando servil.

A sua forte cultura, **dese**meçada do caturrisimo portuguez por longo **comercio** com a melhor da Europa, e aliviada do **aparelho escolastico** e classico pela sua paixão, deu-lhe á **expressão poetica** mais calor, mais vida e movi-

mento do que tinha a do tempo. Ha versos seus que, pela liberdade e personalismo da sua inspiração, pelo subjectivismo dos sentimentos, exuberancia usual da expressão e despejo de appetites, como que aventam já o Romantismo. A sua ode *A Natureza*, no seu sincretismo do pseudo classico com o que se chamava romantico nas terras por onde José Bonifacio peregrinou, é exemplo e testemunho de que nele a nova corrente literaria começava, ainda a despeito seu, a influir. Lembre-se que José Bonifacio traduziu para nossa lingua, em verso, o pseudo Ossian, um dos idolos do Romantismo.

Manifestações patrioticas como as de José Bonifacio, mas sem a vibração das suas, são aliás comuns na poesia desta fase. Raro será dos citados o poeta em que se não deparem. Ainda portuguezes pela retorica, são já brasileiros pelo coração. Vimos como Caldas Barbosa, predecessor immediato desses poetas, não obstante as condições em que se lhe desenvolveu o engenho e em que poetou, conservou um intimo sentimento da sua terra e espontaneamente o exprimia. O poema de Fr. Francisco de S. Carlos superabunda de manifestações do mesmo sentimento. Joaquim Lisboa consagra á terra natal uma descrição em verso, da qual aliás só se salva a intenção. Bartolomeu Cordovil celebra em seus poemas as cousas e melhorias do seu Goyaz. Natividade Saldanha, esse mais que todos, canta as glorias do seu Pernambuco e os seus herois, comparando-os aos da poesia e historia classicas. De envolta, celebrando o Brasil, proclama aos brasileiros:

Ó jovens brasileiros,
 Descendentes de herois, herois vós mesmos
 Pois a raça de herois não degenera,
 Eis o vosso modelo:
 O valor paternal em vós reviva
 A patria que habitais comprou seu sangue,
 Que em vossas veias pulsa.
 Imitai-os, porque eles no sepulcro
 Vos chamem com prazer seus caros filhos.

Vilela Barbosa festeja a primavera do seu «patrio Brasil», retoricamente ainda, mas revendo o sentimento, desajudado de engenho, que o inspirava. O mesmo é exacto dizer do conego Januario da Cunha Barbosa, cujo talento era tambem muito inferior ás suas boas intenções e cuja obra, em todos os generos mediocre, apenas tem o merito destas. A poesia brasileira deve-lhe entretanto um inestimavel serviço, a compilação e publicação do *Parnaso brasileiro* (1), com que salvou de total perda grande numero de produções dos nossos poetas da epoca colonial.

A actividade destes poetas é toda dos ultimos anos do seculo xviii e dos trinta primeiros do xix. Muitos deles viram as suas obras publicadas, já em volume, já em collecções ou periodicos, na mesma epoca em que as compuzeram. As de outros correram manuscritas ou impressas em folhas avulsas. Afóra a tendencia assinalada de celebrar a terra, com um mais vivo sentimento do que se pode chamar a sua capacidade politica, com que continuavam a inspiração nativista de desde o inicio da nossa poesia, não ha nesta fase nada que a distinga da ruim poesia portugueza contemporanea, ou que a aproxime do que nesta havia de melhor. Exceptuados José Bonifacio e Souza Caldas, cuja obra é mais solida e revela mais talento, os mais são de facto insignificantes. Em José Bonifacio só tem aliás valor os poemas inspirados da sua paixão de republico fundamente ferido na sua soberba, ou em que ele mais misturou essa paixão. O resto se não sobreleva á mediocridade comum. É de um arcade imbuido de filintismo. Predecessores do Romantismo, não lhe são os precursores, pois bem pouco é o que se lhes possa descobrir pronunciando o movimento que aqui se ia em breve iniciar, e do qual alguns destes poetas foram contemporaneos inadvertidos. Não souberam sequer continuar os mineiros, dos

(1) ou *colecção das melhores poesias do Brasil tanto ineditas como já impressas*. Rio de Janeiro, 1829-1830, in 4.º, 4 tomos.

quais não ha neles outro sinal que o apontado, nem preceder os romanticos. Ocupam apenas um vasio, a fase entre os dous movimentos poeticos, sem o preencherem. E tomados em conjunto, não se lhes sente na poesia impressão ou influxo da evolução que desde a chegada da familia real portugueza se operava aqui, nem mesmo da independencia cujos contemporaneos e testemunhas muitos deles foram. Arcades de decadencia, mostraram-se verdadeiramente impassiveis, muito antes que o desinteligente parnasianismo houvesse importado de Paris a moda de o ser de caso pensado.

II — *Prosadores*

Sob o aspecto literario, tão mesquinha e despreciada como a poesia foi a prosa da fase que precedeu imediatamente o Romantismo. Nenhuma grande ou sequer notavel obra literaria produziu. Foi, porem, como a poesia, fertil em escrevedores de assunto que só remota e subsidiariamente poderão dizer com a literatura: economia politica e social, direito publico e administrativo, questões politicas, comercio e finanças. A historia, que tambem fizeram, a trataram em mofino estilo, e mesquinhamente, á moda de anais e cronicas. O numero relativamente grande dos que destes assuntos e de outros congeneres escreveram e a copia dos escritos publicados neste periodo, são um documento precioso da nossa vida intelectual e da nossa cultura nessa epoca. Se os poetas, com raras excepções, ficaram alheios ás circunstancias precursoras da independencia, os prosadores, ao contrario, mostram-se influenciados e interessados pelo que aqui se passava, e, de boa vontade e animo puro, lhe trouxeram o seu concurso. Toda a sua obra, mal construida sob o aspecto literario, com pouco ou sem algum merito de fundo ou forma que a fizesse sobreviver ao seu tempo, ou que lhe desse nele qualquer proeminencia literaria, obra de publicistas e de jor-

nalistas de ocasião, apontando a fins imediatamente praticos, serviu ou procurou servir á constituição de nossa nação, a qual já tinha como certa e definitiva. Não se pode todavia encorporar ao nosso patrimonio propriamente literario.

Uma das manifestações espirituais mais interessantes do sentimento publico brasileiro no momento que precedeu a independencia, é o aparecimento, em 1813, no Rio de Janeiro, do *Patriota*, jornal literario, politico, mercantil, etc. Fundou-o e dirigiu, e publicou-o na Impressão Régia, criada em 1808 pelo principe regente, Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, poligrafo baiano, formado em Portugal, matematico, engenheiro, economista, poeta e jornalista, homem, como tantos outros naquele fecundo periodo da nossa formação nacional, cheio de boa vontade. Como com muita razão reparava outro publicista nacional, Hipolito José da Costa Pereira, o famoso redactor do celebre *Correio Brasiliense*, de Londres, que á só publicação de um jornal com o nome de *Patriota* era um sinal dos tempos. «Ha dez anos, escrevia ele no seu *Correio*, em 1813, estando a Côte em Lisboa, que ninguem se atreveria a dar a um jornal o nome de *Patriota*, e a *Henriada*, de Voltaire, estava no numero dos livros que se não podiam ler sem correr o risco de passar por ateu, pelo menos por jacobino. E temos agora em tão curto espaço já se assenta que o povo do Brasil pode ler a *Henriada*, de Voltaire, e pode ter um jornal com o titulo de *Patriota*, termo que estava proscriuto como um dos que tinham o cunho revolucionario» (1). Nos dous anos completos que durou, foi o *Patriota* um centro de convergencia do trabalho mental brasileiro, particularmente applicado ao estudo das cousas do paiz, e nele

(1) Vale Cabral, *Anais da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro*. Rio, 1881, in 4.º, 98 e seg. Aludia Hipolito a tradução em verso de *Henriada*, de Voltaire, feita pelo medico portuguez Thomaz de Aquino Belo e Freitas e reeditada na Impressão Régia do Rio de Janeiro em 1812. V. obra cit. acima, 82.

colaboraram, com alguns dos poetas citados, Pedra Branca, Silva Alvarenga, José Bonifacio e todos os homens doutos do tempo que deixaram qualquer sinal de si nas nossas letras, marquez de Maricá, Camilo Martins Lage, Pedro Francisco Xavier de Brito, Silvestre Pinheiro Ferreira, José Saturnino da Costa Pereira, etc. O Brasil e tudo quanto lhe interessava o conhecimento e o progresso eram os seus assuntos predilectos.

José de Souza de Azevedo Pizarro e Araujo (1753-1830), José da Silva Lisboa (visconde de Cairú) (1756-1835), Baltazar da Silva Lisboa (1761-1840), Luiz Gonçalves dos Santos (1764-1844), Mariano José Pereira da Fonseca (Marquez de Maricá) (1773-1848), José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo) (1774-1847), além de somenos nomes com que facilmente se alongaria esta lista, formam como prosistas o exacto *pendant* dos poetas nomeados seus contemporaneos. Tem, porem, sobre estes a superioridade de uma obra que ao tempo foi mais util e serviu melhor á causa da nação e particularmente da sua cultura. A de alguns deles tem ainda o merito de haverem iniciado qualquer cousa na cultura ou nas letras brasileiras: assim a de Cayrú estreia aqui os estudos economicos e de direito publico e mercantil, a de Maricá a literatura moralista. É o que lhes dá direito ao menos á menção dos seus nomes na historia da nossa literatura. Com excepção de um ou outro, não são propriamente escritores com idéas e dons de expressão litteraria, ou que representem o espirito ou o sentimento do seu povo, nem as suas obras teem qualidades que nos permitam lel-as sem fastio e desplicencia e pelas quais se encorporassem no patrimonio das nossas boas letras. São, porem, expoentes ingenuos e expositores sinceros da cultura da sua epoca no Brasil, seus promotores e fautores aqui. Tais são principalmente o visconde de Cayrú, o marquez de Maricá, o visconde de S. Leopoldo e o mesmo Aires de Casal, se não fôra portuguez.

José da Silva Lisboa, a quem seus grandes meritos li-

terarios e relevantes serviços publicos mereceram o titulo de visconde de Cayrú, pelo qual é mais conhecido, é certamente pela extensão e solidez dos seus conhecimentos, e fecundidade do seu labor, a figura mais proeminente das nossas letras, tomada a expressão no seu sentido mais lato da fase que vamos historiando. Nasceu na Bafa em 1756, completou os estudos secundarios e fez superiores em Portugal, onde leccionou grego e hebraico no collegio das Artes, de Coimbra, e após uma longa e bem preenchida existencia no Brasil como professor, publicista, funcionario publico, magistrado e parlamentar, faleceu no Rio de Janeiro em 1836. O seu merito é muito maior como jurista, economista, commercialista e publicista ou sabedor e escritor de questões publicas, politicas e administrativas, do que como literato, se bem tenha sido o visconde de Cayrú um dos brasileiros de mais vasta literatura. Contemporaneo de Adam Smith, o criador da economia politica, parece foi o nosso patricio o primeiro que nas linguas neo-latinas escreveu dessa nova sciencia, divulgando desde 1798 as idéas do pensador inglez. As tres principais obras de Silva Lisboa sobre a materia são *Principios de Direito Mercantil* (1798-1803), *Principios de Economia Politica* (1804) e *Estudos de Bem Comum* (1819-1820). Conta-se que Monte Alverne, mais que seu adversario teorico, seu inimigo pessoal e inimigo rancoroso como soia ser, entrando na sua aula de filosofia do seminario de S. José no dia da morte de Cayrú, com um gesto desabrido, com que acaso escondia o sentimento, declarara «que não dava aula porque morrera um grande homem, apesar de que a sua cabeça não passava de uma gaveta de sapateiro». Tambem a antipatia, em que peze a Carlyle, aguça a inteligencia e facilita a comprehensão. A frase attribuida ao soberbo frade (1) tra-

(1) Cayrú, como *caramurú* e decidido amigo e partidario de D. Pedro, não poderia ser simpatico a Monte Alverne, *chimango* exaltado. O pai do autor desta *Historia*, discipulo de filosofia do

duz na sua vulgaridade uma impressão exacta da copiosa, desigual e disforme obra do douto e laboriosissimo escritor que foi Cayrú. Consta-lhe a produção impressa ou manuscrita de setenta e sete numeros de obras maiores ou menores de direito, economia politica ou social, historia, questões do dia e publicas, didascalica, jornalismo, polemica, pedagogia, moral (1). Como composição, factura, estilo, esta produção é irregular, desigual e ainda extravagante e disparatada, revendo á pressa e até á precipitação do trabalho, a excitação ou a paixão do momento, o produto de ocasião. A literatura dela só podia aproveitar pequenissima parte, a *Historia dos Principais Sucessos Politicos do Brasil* por exemplo, a *Vida de Wellington* e pouco mais. Esta mesma, porem, carece de predicados literarios que a recomendem á nossa estima. Em todos os generos productos das circunstancias, as obras de Cayrú não sobrevivem ás que as produziram.

Mariano José Pereira da Fonseca, quasi sómente conhecido pelo seu titulo de marquez de Maricá, vinha do tempo dos ultimos vice-reis do Brasil, um dos quais o conde de Rezende, sob a inculpação de inconfidente, o teve preso por mais de dois anos. No vice-reinado de Luiz de Vasconcelos fundaram alguns homens de estudo e letras do Rio de Janeiro, o doutor Manoel Inacio da Silva Alvarenga, mestre régio de retorica e conhecido poeta da pleiade mineira, João Marques Pinto, mestre régio de grego, o medico Jacinto José da Silva, o nosso Mariano José Pereira da Fonseca e outros letrados, uma sociedade literaria. As reuniões periodicas destes homens de letras, em tempos em que ainda estava fresca a lembrança da chamada conju-

grande franciscano, assistiu á scena citada e ouviu-lhe tambem assegurar em aula que no Brasil só dois homens entendiam Kant: «eu e o visconde de Cayrú».

(1) V. Vale Cabral, *Vida e Escritos de José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú*, na *Rev. Brasileira*. N. Midosi, editor, Rio de Janeiro, IX e X.

ração mineira, cujos socios eram em maioria tambem homens de letras, foram havidas por suspeitas, dissolvida a sociedade e presos e processados os seus membros.

Mariano da Fonseca nasceu no Rio de Janeiro em 1773, e na mesma cidade faleceu em 1848. Formou-se em matematica e filosofia em Coimbra, o que correspondia a profissão de engenheiro. Como aconteceu geralmente a todos os brasileiros de instrucção e merito da epoca da Independencia, teve importante situação politica e social no primeiro reinado, distinções honorificas e altos cargos, senador, conselheiro de Estado. Aos quarenta ou quarenta e um anos começou a publicar no *Patriota*, de Araujo Guimaraes, as suas *Maximas, Pensamentos e Reflexões*, sob o pseudonimo de *Um brasileiro*. Por ventura para lhes dar o peso da autoridade de maior experiencia, mais tarde, em nova edição que delas fez, declarou havel-as escrito dos sessenta aos setenta e tres. Norberto lhe reparou no equivoco e o corrigiu com razão (1). De 1837 a 1841 publicou, já sob o titulo de marquez de Maricá, as suas *Maximas, Pensamentos e Reflexões* em tres partes respectivamente, distribuindo-as gratuitamente. Como ele tenha depois facultado a todos a reimpressão das suas obras, devemos crer que esta rara generosidade obedecia a um pensamento de interesse pela doutrinação moral dos seus patricios. O marquez de Maricá, como La Rochefaucault, com quem mui indevidamente o comparou uma critica mais patriotica que esclarecida, não escreveu em sua vida senão maximas. Ele proprio as computou, na ultima colleção que delas imprimiu, em 1845. É, pois, segundo a qualificação moderatissima e depois do autor do *Compendio do Peregrino da America* e de Matias Aires, o primeiro moralista da nossa literatura. Não tinha, porem, uma filosofia sua ou sequer alheia afeiçoada pela sua propria experiencia e meditação.

(1) *Obras poeticas de Manoel da Silva Alvarenga*. Rio de Janeiro, Garnier, 1864, I, 83.

Repete os lugares comuns da etica contemporanea, mistura de cristianismo sentimental e de liberalismo politico. A sua psicologia, escolastica e vulgar, jámais vai ao fundo das cousas, nem descobre na alma humana novidades ou aspectos reconditos ou ineditos. Á sua observação falta finura e penetração, ou originalidade. Faz parte da vulgar sabedoria comum e ele não a soube relevar pelos dons singulares de expressão que o genero requer, e que são por ventura o principal merito dos seus grandes modelos francezes. Maximas e pensamentos, valem talvez principalmente pela forma que revestem. São o imprevisto, o resalto, junto á concisão e á justeza desta que os valoriza. O escolho do genero é a banalidade, clara ou mascarada com o paradoxo ou a singularidade. Neste escolho bateu frequentemente o marquez de Maricá. Nem por isso perdem as suas *Maximas* a importancia que lhe assignalei de primeiro exemplar do moralismo leigo e literario em a nossa literatura. E para o comum dos leitores que dispensam no assunto refinamentos, subtilezas de idéas e expressão, podem ser leitura agradável e proveitosa, porque o essencial é são e a forma escorreita, sem rebusca indiscreta de purismo e já do nosso tempo e gosto.

José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo, nascido em Santos (S. Paulo) em 1774 e falecido em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) em 1847, foi sujeito consideravel pela sua ilustração e alta situação social e politica no reinado do primeiro imperador. Formado em direito pela Universidade de Coimbra, em Portugal fez os seus primeiros trabalhos literarios, traduções e compilações de assuntos de immediata utilidade pratica, ali publicados de 1799 a 1801. No Brasil, após haver exercido diversas comissões de serviço publico, foi eleito em 1821, deputado ás Cortes da nação portugueza quando da reforma governamental por que esta passou, e como tal tornou a Portugal. Espirito conservador e moderado, foi dos poucos deputados brasileiros que juraram a constituição por elas feita. De volta ao Brasil em seguida á declaração da Inde-

pendencia, foi aqui deputado geral, presidente de provincia, ministro do imperio, senador e ocasionalmente encarregado de uma missão de character diplomatico. Por estes serviços teve o titulo de visconde de S. Leopoldo, nome por que ficou quasi exclusivamente conhecido. Alem de memorias biograficas de compatriotas illustres ou sobre limites do Brasil e ainda monographias interessantes para a nossa historia literaria (1), escreveu uma obra notavel para o tempo e ainda hoje estimavel, *Anais da Capitania de S. Pedro* (2). Como livro, quero dizer, sob o puro aspecto bibliografico, o mais bem feito dessa epoca, o mais perfeito de composição e estrutura. Não obstante algumas incorreções de linguagem, galicismos e alguns mais graves defeitos de estilo, a sua redacção revê o homem educado em Portugal e a leitura dos portuguezes. A lingua é geralmente melhor do que aqui communmente escrita. Como historiador distingue-se já o visconde de S. Leopoldo por bom criterio historico, aptidões criticas, capacidade de apurar os sucessos nos documentos autenticos de preferencia originaes ou ineditos, informação segura das fontes ou informes impressos do assunto ou a ele aproveitaveis, arte de dispor e referir os factos e, notavelmente, menos prolixidade como era, e continuou a ser, de costume. As suas *Memoorias*, publicadas postumamente na *Revista do Instituto Historico* (tomos 37-38), comquanto lhes falte o interesse das revelações ineditas e mesmo das indiscrições, que principalmente dão relevo e pingo a este genero de literatura, sem

(1) O Instituto Historico e Geografico Brasileiro é o representante das idéas de illustração, que em diferentes epochas se manifestaram em o nosso continente, *Rev. do Inst.*, tomo 1, Rio, 1839, dá larga noticia das nossas academias literarias e dos seus trabalhos.

(2) Rio de Janeiro, Imp. Rég., 1819, 4.º. O tomo II é de Lisboa, Imp. Nac., 1822, 4.º. Uma «segunda edição correcta e aumentada» foi publicada pelo autor em Paris. Tip. de Casimir, 1839, in 4.º xi, 468 pags.

que lh'o levante tambem um estilo mais literario, são todavia, até pela raridade delas nas nossas letras, estimaveis.

Todos os mais autores de prosa desta mesma fase ainda menos consideraveis são. Nenhum é um escritor que se faça todavia ler com aprazimento.

CAPITULO VIII

O Romantismo e a primeira geração romantica

Tivesse o principe regente de Portugal, logo depois rei D. João VI, o proposito de preparar o Brasil para a independencia, não haveria porventura procedido tão atilada e eficazmente. Por uma serie de medidas economicas e politicas, mal chegado ao Brasil havia ele começado a reforma completa do velho regimen colonial, naquilo justamente que mais devia concorrer para despertar nos brasileiros o sentimento da sua personalidade e importancia e lhes acoroçar veleidades por ventura latentes de autonomia e emancipação. A autonomia nos dera de facto a transplantação da realeza para cá, a elevação do Brasil a reino e a erecção do Rio de Janeiro em capital da monarchia portugueza. A emancipação surgiria do conflito dessa autonomia com a insensata contrariedade que lhe criou a reacção recolonizadora portugueza.

Da geração que testemunhou, acompanhou e até fomentou ou promoveu os sucessos da nossa independencia politica, surgiu um selecto grupo de homens de estudo e letras que lhe completaram o feito insigne, dando á recente nação o abono indispensavel da sua capacidade de cultura. É esse grupo que, sob o aspecto literario, chamo a primeira geração romantica, quero dizer os escritores que, influenciados pelo Romantismo europeu e seguindo-lhe aqui os ditames, apareceram de 1836 em diante e cuja actividade se dilatou por um quarto de seculo.

Alem de Monte Alverne (1784-1858), que foi de algum

modo um precursor do movimento como o mais escutado preceptor filosofico dos seus principais fautores, e de Magalhães, o seu iniciador, mórmente constituem essa geração intelectual, Porto-Alegre (1806-1879), amigo e emulo de Magalhães; Teixeira e Souza (1812-1861); Pereira da Silva (1817-1898); Varnhagen (1819-1882); Norberto da Silva (1820-1891) e, o maior deles, Gonçalves Dias (1823-1864). Outros nomes podiam alongar esta lista, nenhum, porem, com a significação e importancia de quaisquer destes.

Distingue-se esta geração pela versatilidade dos talentos, variedade da obra e proposito patriotico da sua actividade mental. Quasi todos eles, senão todos, são poetas, dramaturgos, novelistas, eruditos, criticos, publicistas, e Porto Alegre será demais pintor e architecto. No seu ardor pelos creditos intellectuais de sua patria, parecia quererem completa a sua literatura; que se não limitasse, como até então, quasi exclusivamente á poesia.

Quando todos eles se faziam homens, o conego Januario da Cunha Barbosa, que com grandes creditos de literato e orador sagrado vinha da geração anterior, zeloso dos interesses mentais da novel patria, fundou com outros letrados e homens de boa vontade o Instituto historico, geografico e etnografico brasileiro. Com a publicação do *Parnaso Brasileiro* (1829), foi este o melhor serviço prestado por Januario Barbosa, não só ás nossas letras, mas á nossa cultura. Teve o Instituto historico, em verdade, o papel de uma Academia que, sem restrições de especialidades, se abrisse a todos as capacidades nacionais e a todos as locubrações por pouco que interessassem ao Brasil. E assim, de proposito ou não, deu ao movimento espirital que se aqui operava uma base racional no estudo da historia, da geografia e da etnografia do paiz, compreendidas todas largamente. Os principais romantics foram todos seus socios conspicios e colaboradores da *Revista* que desde 1839 começou o Instituto historico a publicar trimestralmente. A todos os literatos brasileiros do tempo

serviu esta instituição de traço de união e confraternidade literaria e de estímulo.

Alem de patriótica, ostensivamente patriótica, a primeira geração romantica é religiosa e moralizante. Estas feições fazem que seja triste, como aliás será a segunda. Sómente a tristeza desta é a do scepticismo, do desalento e fastio da vida, segundo Biron, Musset, Espronceda e quejandos mestres seus. A melancolia de Magalhães e seus parceiros é a tristeza de que penetrou a alma humana o sombrio catolicismo medieval. Na alma portugueza, donde deriva a nossa, aumentou-a a forçada beataria popular, sob o terror da Inquisição e o jugo, acaso peor, do jesuitismo. Rematava-a o descontentamento criado nesses brasileiros pela desconformidade entre as suas ambições intellectuais e o meio. Já em prosa, já em verso, todos eles lastimam-se da pouca estima e mesquinha recompensa do genio que, parece, acreditavam ter e do despreço do seu trabalho literario. Não tinham aliás razão. Era inconsiderado pretender que um povo em suma inculto, e de mais a mais ocupado com a questão politica, a organização da monarquia, a manutenção da ordem, de 1817 a 1848 alterada por todo o paiz, cuidasse de seus poetas e literatos. Não é, todavia, exacto que, apesar disso, os descurasse por completo. O povo amava esses seus patricios talentosos e sabidos, revia-se gostosamente neles, acatava desvanecido os louvores que mereciam aos que acreditava mais capazes de os apreciar. Supria-lhe esta capacidade, o sentimento patriótico restante dos tempos ainda proximos da Independencia, e a ingenua vaidade nacional com ela nascida. O imperador começou então o seu mecenato, nem sempre esclarecido, mas sempre cordial, em favor dessa geração que lhe vinha ilustrar o reinado. D. Pedro II, que por tantos anos devia ser a unica opinião publica que jamais houve no Brasil, iniciou por esse tempo a sua acção, ao cabo utilissima, na vida intellectual da nação. Prezando-se de literato e douto, appreciou pelo seu povo incapaz de fazel-o, e acoroçoou e premiou esses seus representantes intellectuais. Se não todos, a

maioria da primeira geração romantica, com muitos outros depois dela, em todo o reinado, mereceram-lhe decidido patrocínio. Revestia este não só a forma de sua amizade pessoal, que aliás nunca chegava ao valimento, porem a mais concreta e prestadia de empregos, comissões, honrarias. E, louvados sejam, não lhe foram ingratos. As principais obras em todos os generos dessa epoca são-lhe dedicadas, em termos que revêem o reconhecimento da munificencia imperial. Todos eles foram fervorosos e sinceros monarquistas, menos aliás por amor do principio que do monarca. E se não pode malsinar-lhes ou sequer suspeitar-lhes a dedicação, sabendo-se quão escrupuloso era o imperante nos seus favores e quão parco era deles. Mas a vaidade, infalivel estigma profissional, destes literatos, se não contentava desta alta estima; quizera mais, quizera o impossivel, que, como nas principais nações literarias da Europa, dessem ás letras aqui consideração, gloria e fortuna. Foi esse, aliás, um dos rasgos do Romantismo, o exagero da vaidade nos homens de letras e artistas, revendo a intensidade do descomedido individualismo da escola. Os dessa geração, porem, ainda tiveram pudor de não aludir sequer á feição material das suas ambições, pudor que, passado o Romantismo, desapareceria de todo, principalmente depois da emigração de literatos estrangeiros, industriais das letras, e da invasão do jornalismo pela literatura ou da literatura pelo jornalismo. A desconformidade entre aqueles nossos primeiros homens de letras e o meio, essa, porem, era real, continuou e acaso tem aumentado com o tempo. E basta para, com a mofineza sentimental que, sobre ser muito nossa, era tambem da epoca, explicar o matiz de tristeza da primeira geração romantica, no tom geral do seu entusiasmo politico literario. Aumentando na segunda geração romantica, nunca mais desapareceria esse matiz das nossas letras, sob este aspecto expressão exacta do nosso humor nacional.

Ao contrario do que até então se passava, a educação literaria da maioria dos escritores dessa geração se fizera

aqui mesmo. Por desgosto da metropole, entraram a abandonar-lhe a escola, até af assidua e submissamente frequentada. Falavam, pois, a lingua que aqui se falava, e naturalmente a escreviam como a falavam, sem mais arremedo do casticismo reinol. A que escreveram, e não é porventura este um dos seus somenos meritos do ponto de vista da nossa evolução geral, merito que avultará quando de todo nos emanciparmos literariamente de Portugal, não é mais a que aqui antes deles se escrevia. É outro o boleio da frase, a construção mais directa, a inversão menos frequente. Usam mais comumente dos tempos compostos dos verbos, á franceza ou á italiana. Refogem ao habito classico portuguez de nas suas orações de gerundio começal-as por ele. Colocam os pronomes obliquos segundo lhes pede o falar do paiz e não conforme a prosodia portugueza, que entra então a ser aqui motivo de chufa e troça. Usam de extrema e até abusiva liberdade no collocal-os. Dão maior extensão a certas preposições. A forma do modo finito seguido de um infinitivo com preposição á maneira portugueza, preferem a do infinito seguido de gerundio. E propositadamente, ou propositalmente, como escrevem segundo aqui soa, empregam vocabulos de origem americana ou africana, já perfilhados pelo povo. Aceitam as deturpações ou modificações de sentido das formas castiças aqui popularmente operadas, e começam a dar foros de literarios a todos esses vocabulos ou dizeres, de facto lididamente brasileiros e para nós vernaculos, por serem de cunho do povo que aqui se constituia em nação distinta e independente. São, entretanto, parcos de estrangeirismos, quer de vocabulario, quer de sintaxe. O fundo da lingua conserva-se neles mais puro, embora sem affectação de casticismo. Sua linguagem e estilo são por via de regra nativos, infelizmente até sem as qualidades essenciais á boa composição literaria. Sempre crescendo e avultando segue esta maneira, que começou com eles, até depois da segunda geração romantica. Só na segunda fase do que chamamos modernismo, com a introdução dos estudos filologicos segundo o seu novo conceito,

e da sua reacção sobre o da lingua nacional, consoante os mesmos programas do ensino official entraram a chamar á nossa, inicia-se aqui um movimento em contrario aquela indiferença pelo apuro desta. Começa-se então a fazer timbre de escrever bem segundo os ditames gramaticais e os modelos chamados classicos. A mesma critica, que até af descarava este revelante aspecto da obra literaria, principia a prestar-lhe atenção e a notal-o, ainda quando ela propria o desatende. Não sei quem ao cabo tem razão. Foi mais firme já o meu parecer da necessidade de conservarmos o portuguez castiço estreme quanto possivel nas modificações que o seu novo habitaculo americano lhe impõe. Começo a convencer-me da impossibilidade de tal proposito. Não o poderiamos realizar senão artificialmente como uma reacção erudita, sem apoio nas razões intimas da mentalidade nacional e com sacrificio da nossa espontaneidade e originalidade. Nem teria tal reacção probabilidade de definitivamente vingar numa população que será amanhã de muitos milhões, originariamente de varias e diversas linguas. Não se pode admitir que a gente brasileira se submeta a uma disciplina linguistica de todo oposta aos instintos profundos das suas necessidades de expressão determinadas pela variedade de seus falares ancestrais e pelas exigencias immediatas da sua situação social e moral.

Apenas a literatura não deve esquecer que ela é, sobre o aspecto da expressão, uma força conservadora. Sem oferecer resistencia caprichosa e desarrazoada á natural evolução da lingua que lhe serve de instrumento, cumpre-lhe não se lhe submeter enquanto os seus resultados não tiverem a generalidade de factos linguisticos indisputaveis. A intromissão inoportuna da literatura nessa evolução, sobretudo para lhe aceitar indiscretamente todas as novidades inventadas com pretexto dela, não pode senão prejudicar-a naquilo que justamente é importante da sua existencia, a sua faculdade de expressão. Se ela, porem, por outro lado, se ativesse rigorosamente ao casticismo portuguez, no genuino sentido deste vocabulo, o brasileiro acabaria por

ficar alheio aos seus escritores e estes aos seus patricios, por motivo da desconexão entre a lingua falada por uns e a escrita por outros.

E é talvez esta a mais intima causa da falta de simpatia — agora talvez maior do que dantes — entre os nossos escritores e o nosso povo. Nesta sociedade descomedidamente igualitaria, como talvez outra não exista, o escritor e o publico vivem inteiramente alheados um do outro pelo pensamento e pela expressão. A reacção vernaculista dos maranhenses durante justamente esta primeira fase romantica, não obstante os preclaros modelos de Sotero dos Reis, João Lisboa, Odorico Mendes e Gonçalves Dias, ficou esteril. Destes nomes, o unico que sobrevive na memoria do povo é o de Gonçalves Dias, o poeta dos versos simples e populares da *Canção do exilio*.

Tambem o segredo da popularidade persistente dos poetas da segunda geração romantica não está sómente em que eles foram os de mais rico e sincero sentimento que jámais tivemos, mas em que o exprimiram numa lingua e forma poetica ao alcance de todos, sem artificio de metrica nem arrebiques de estilo. O mesmo acontece com os principais romancistas dessa fase. Macedo e Alencar, como o documentam os registros da Biblioteca Nacional e vos informarão os livreiros e mais que tudo o provam as suas constantes reimpressões, continuam a ter mais leitores do que os romancistas de hoje, apesar de não terem por si os reclamos do noticiario camaradeiro e das parcerias de elogio mutuo.

Os nossos escritores da primeira geração romantica, se não menos artistas, são tambem em suma menos artificiosos que os do mesmo periodo em Portugal. A sua arte literaria, quando a teem, é ingenua e canhestra, o que lhes dá ao estilo algo, não de todo desagradavel, dos primitivos. Com excepção do pomposo Porto Alegre e de certos poetas menores, como Norberto em algumas das suas infelizes tentativas epicas e dramaticas, os melhores deles escrevem se não singelamente, o que parece incompativel com o nosso

genio literario, todavia em estilo menos torcido e enfatico que o geral da ex-metropole, e do qual não escaparam no mesmo periodo os melhores d'ali, porventura com a unica excepção relevante de Garrett. Esta relativa simplicidade é uma das virtudes mais estimaveis dos bons poetas da segunda geração romantica. Pecam, entretanto, os de ambas estas gerações pelo excesso de sentimentalismo e de romanesco que, principalmente na ficção em prosa, roça neles pela pieguice e pelo amaneirado do pensamento e da expressão. Não teem ainda as preocupações de forma que chamamos de artisticas. E não eram desses artistas natos da palavra escrita que, sem intenção nem rebusca, acham a forma excelente. Apenas Gonçalves Dias na maior parte da sua obra, e Porto Alegre no seu tão mal julgado quanto desconhecido *Colombo*, e alguma vez na sua prosa caracteristica, a encontraram. Porto Alegre, cujo bom gosto era menos apurado que o de Gonçalves Dias, prejudicou-se no entanto pela sua inclinação barbara, mas muito da indole literaria nacional, ao pomposo e reluzente do estilo e ao rebuscado do pensamento e da forma.

CAPITULO IX

Magalhães e o Romantismo

Favorecido pela autonomia de facto resultante da mudança da côrte portugueza para cá, pelo apartamento intellectual da metropole começado a operar com a criação de faculdades, escolas, institutos de instrução e da imprensa, e, sobretudo, pela total independencia politica proclamada em 1822, e efervescencia civica por ela produzida, manifestou-se no Brasil, por volta de 1840, o movimento de reforma literaria chamado o Romantismo.

É aos *Suspiros poeticos e saudades*, colecção de poesias publicada em Paris, em 1836, por Domingos José Gonçalves de Magalhães, que ele proprio, os criticos e leitores contemporaneos atribuiram o inicio do Romantismo aqui. Razoavelmente se não pode discordar deste conceito. O leitor de hoje, entretanto, só com esforço e applicação encontrará nesse livro o que plenamente o justifique. E sómente da comparação com o que era aqui a poesia antes dele, lhe virá a certeza de que não é errado.

Tem um duplo character a inspiração desses poemas, patriotico e religioso. O patriotismo, significando com esta palavra não só o amor e devoção da terra, mas o sentimento da sua distincção de Portugal, já era, desde os mineiros, e aumentada pelos poetas dificeis de dominar que lhes sucederam, a feição particularmente notavel da poesia brasileira. Era aliás apenas o desenvolvimento do nativismo nela manifestado desde o seculo xvii, que se acentuava na proporção do progresso do paiz. A religião, ou melhor a

religiosidade poetica de Magalhães, era o producto directo da revivescencia religiosa operada na Alemanha pelo idealismo filosofico de Kant e Hegel, em França pelo sentimentalismo catolico de Chateaubriand. E mais o resultado immediato da influencia de Monte Alverne, o facundo professor dessa filosofia, mestre muito querido e admirado do poeta.

Em nenhum destes dois rasgos da poetica de Magalhães ha mais que traços, como se diria em quimica, do movimento de emancipação estetica desde o fim do seculo anterior iniciado na Europa. Traços iguais encontram-se em José Bonifacio e, apenas mais apagados, em Souza Caldas. O impressionismo poetico dos *Suspiros e saudades*, revelado no livro por poemas inspirados das ruinas romanas, da meditação sobre a sorte dos imperios, dos grandes espectaculos da natureza ou das magnificas fabricas humanas, gerando o assombro da grandeza de Deus e dos prodigios do Cristianismo, a nostalgia curtida entre tumulos e ciprestes, a scisma dos destinos da patria, nas paixões humanas e no nada da vida, todos temas aqui novos, já é certamente, por mais de um aspecto da inspiração e da expressão, romantico, como romantico é o subjectivismo de que procede essa impressão poetica. Mas o é sem clara consciencia ou intuição profunda. Se do prefacio que sob o vocabulo de «Lêde» lhe poz o poeta, paginas de pouco valor filosofico ou estetico, algo pode tirar-se é que o poeta não concebia a poesia senão como um «aroma d'alma», que «deve de continuo subir ao Senhor; «som acorde da inteligencia» deve santificar as virtudes e amaldiçoar o vicio.» «O poeta, resume ele em um vazio anfiguri, empunhando a lira da Razão, cumpre-lhe vibrar as cordas eternas do Santo, do Justo e do Belo.» E logo abaixo esproba «á maior parte dos nossos poetas» e «ao mesmo Caldas, o primeiro dos nossos liricos» «não se terem apoderado desta idéa». Essas paginas anodinas, mal pensadas e mal escritas, nada teem do ardor dos iniciadores ou neofitos da nova escola fóra d'aqui. Delas se

não deduz nenhuma idéa clara da estetica do poeta e do seu conceito dessa escola. Procurou dal-a desde o aparecimento do livro, Sales Torres Homem, o futuro Visconde de Inhomerim, que então ainda fazia literatura, num artigo da *Nitheroy, revista brasiliense*, ao tempo publicada em Paris. Apenas, porem, com um pouco mais de clareza que o mesmo poeta. Sales Torres Homem via o Romantismo como uma reacção contra o paganismo e a literatura deste derivada, assim como via que da mesma fonte cristã bebiam inspirações «não só a poesia, como as artes e a filosofia, irmã da teologia». E põe de manifesto a inspiração religiosa e patriótica do poeta, que é também a da sua critica. Como a patriótica, a inspiração religiosa não era uma novidade na poesia brasileira. Estavam frescos os exemplos de Souza Caldas e de Eloy Ottoni, além de mostras accidentais de outros poetas contemporaneos destes ou seus antecessores. Deus, sob varios vocabulos (até o de Tupá: «Tupá, Tupá, ó Numen dos meus pais», de Firmino Rodrigues Silva) e perifrases, bem como a religião e seus misterios entravam frequentemente em tropos, imagens, figuras e em toda a poetica daquela fase intermedia. Erraria quem destas manifestações inferisse um intimo e forte sentimento religioso nesses poetas e no povo cujos orgãos eram. É um simples vezo, um cacoete literario, oriundo da sua educação, inteiramente eclesiastica. Desde que se iniciou, com o primeiro estabelecimento dos portugueses, até o começo da segunda metade do seculo XIX, a instrução aqui foi toda e exclusivamente dada por padres nas escolas, collegios e seminarios, e ainda nas familias. Os homens mais instruidos, os letrados que encheram as listas de socios das academias literarias coloniais, eram em sua maioria padres ou frades, doutores em canones, homens de igreja em suma. A forma oral e popular da literatura tinha a sua mais alta, mais frequente e mais autorizada expressão no sermão. Desta educação recebida, na escola e fóra dela, de eclesiasticos, mais do que um real sentimento religioso resultou o habito de expressões de

caracter religioso não só em a nossa conversação corrente, mas em nossos escritos, discursos, poesias. São antes tropos, frases feitas, locuções proverbiais que a expressão de verdadeiro sentimento religioso. Justamente nesta fase, os dois sentimentos, patriótico e religioso, misturavam-se aqui. Nas crises nacionais graves, como nos transes individuais, o espirito humano apavorado, revendo a origem deste sentimento, faz-se religioso. Aqui, demais, eram em grande numero eclesiasticos os principais adeptos e factores da revolução que se operava. Do pulpito, as vozes mais ou menos eloquentes de Januario Barbosa, de S. Carlos, de Sampaio e de Montê Alverné prêgavam ao mesmo tempo pela religião e pela patria. Nas aulas, mestres, em maioria clérigos regulares ou seculares, juntavam ás suas lições fundamentalmente religiosas as suas excitações patrióticas. No Rio de Janeiro, o principal centro de cultura e de vida literaria do paiz, como o principal foco do movimento da independencia nacional, Fr. Francisco de Monte Alverne fazia do pulpito ou da cathedra estrado de tribuno politico, misturando constantemente, com eloquencia retumbante, havida então por sublime, a religião e a patria. De resto, o Romantismo europeu, mesmo na Alemanha, foi em seus principios, não só uma reacção religiosa, mas até catolica. Esta sua feição bastava para o tornar simpatico aqui, onde o elemento eclesiastico era mentalmente preponderante.

Foi este meio e momento que produziu Magalhães. Nascido em 1811 no Rio de Janeiro, a sua infancia, adolescencia e juventude passaram-se na quadra mais activa e efervescente da nossa vida politica, que justamente então em verdade começava. Era menino de onze anos pela independencia, e pelo 7 de abril entrava em plena juventude. Coincidiu-lhe a idade viril com a da patria. Se houvesse em Magalhães maior personalidade, mais caracter, quero dizer qualidades morais salientes e activas que lhe estimulassem o engenho, o momento e o meio teriam podido fazer dele um grande poeta. Não logrou ser senão um distinto poeta, cujo sentimento se ressentia das circumstancias em

que se criou, cujo estro e inspiração revêem aquele meio e momento, mas sem o relevo e a distinção que foi de moda atribuir-lhe. Não se veja, aliás, nessa atribuição apenas a mesquinhez do gosto e do senso critico do tempo ou um efeito das camaradagens literarias do autor, se não a consequencia dos mesmos exaltados sentimentos nacionais do momento. Nem foi ele o unico a quem esta circumstancia aproveitou. Ao contrario, ela influiu preponderantemente na admiração ingenua e desavizado apreço que os nossos avós da primeira geração após a independencia tiveram por todos os seus poetas e literatos. A sua vaidade patriotica, então exagerada, desvanecia-se deles, como prova da nossa capacidade mental a opôr ás presunções e preconceitos portuguezes da nossa inferioridade. E, ou fosse porque candidamente estivessem persuadidos do merito dos escritores patricios, ou por despique da opinião da metropole, lh'o encareciam descomedidamente. Que, por Magalhães, não era a manifestação de uma parceria ou conventiculo de literatos, mas o sentimento geral e sincero mostra-o o terem dele aproveitado ainda os mais mediocres. Tal sentimento é o inspirador da critica nimiamente laudatoria e até louvaminheira da epoca, e que se continuaria até nós em virtude de um habito adquirido. É tambem esse sentimento, ininteligente certamente, mas ao cabo respeitavel, que levaria os primeiros historiadores das nossas letras, que justamente então começam a aparecer, á enumeração fastidiosa e inutil de nomes e nomes, e a juntar-lhes os mais descabidos encomios.

Antes dos *Suspiros poeticos e saudades*, publicara Magalhães, em 1832, um volume de *Poesias*, reproduzido mais tarde nas *Poesias avulsas* (Rio de Janeiro, Garnier, 1864). Superabunda de provas de que áquela data estava ainda Magalhães no sub-arcadismo reinante em Portugal e aqui em todo o primeiro quartel do xix seculo e continuado até o pleno advento do Romantismo. Sob a influencia desse sub-arcadismo ou pseudo-classicismo, como se lhe tem chamado, conservou-se Magalhães ainda nas duas

decadas seguintes. E acaso se pudesse dizer que, salvo a excepção da *Confederação dos Tamoyos* e de parte a intenção do seu teatro, nunca se lhe emancipou de todo. Como o seu amigo e emulo Porto Alegre, era Magalhães de temperamento mais um arcade que um romantico, e mais do que áquele acontecia, lhe iam contra a indole as audacias do Romantismo, naturais e necessarias nos movimentos revolucionarios como foi esse. Ha poemas seus dos anos de 40, e até de 60, de todo em todo arcadicos, odes pindaricas, com os obsoletos cortes classicos de estrofes, epodos e anti-estrofes, a terminologia mitologica, os tropos e figuras da velha retorica quintilianesca, com que os pseudo-classicos de todos os paizes desde a Renascença ingenuamente presumiram emular com os latinos e gregos e reproduzil-os. Nessas poesias avulsas bem pouco ha que, ao menos pela inspiração e estilo, eleve Magalhães acima dos poetas seus immediatos predecessores, nem que o separe deles. Apenas na composição e forma desses poemas é possivel notar alguma diferença na maior objectividade dos assuntos e ainda nos titulos de diversas composições. *Ao Amor da Patria, Á Liberdade, Á Guerra, Ao dia 25 de Março, Ao dia 7 de Abril* e quejandos, não são comuns na poesia anterior. Talvez se pudesse dizer que pronunciam o individualismo romantico assuntos e titulos como *Á saudade, A volta do exilio* e outras inspiradas de motivos pessoais, assim como as *Noites melancolicas*, se o seu intimo sentimento e estilo não fossem ainda os da poetica dominante antes do Romantismo. Compõe elogios dramaticos em verso, como o da *Independencia do Brasil*, tal qual Tenreiro Aranha, e cartas amistositas em prosa e verso, tal qual Souza Caldas. Escreve epicedios, liricas, epistolas, copiosamente, perluxamente mais sem engenho que revigore e alente essas formas de todo gastas. Aliás o vinco dessas categorias poeticas era profundo na poesia da nossa lingua, e o proprio Gonçalves Dias ainda capitulou com ele quando já era de todo anacronico e impertinente o seu emprego.

No mesmo ano em que, com 21 de idade, estreara com as *Poesias* (1832), partiu Magalhães para a Europa, em viagem de instrução e recreio. Para ser doutor, titulo aqui indispensavel de recomendação, formara-se antes em medicina no Rio de Janeiro. Quatro anos depois apareciam em Paris os *Suspiros poeticos e saudades* (1).

Nesse periodo percorrera a França, a Belgica, a Italia, a Suissa. Não foi grande a modificação que o contacto de cousas novas e sugestivas operou na sua indole poetica. Em summa os *Suspiros poeticos*, acolhidos e saudados como uma renovação literaria, não se distinguem com tal relevo das *Poesias* do ano de 32, que sem mais exame possamos attribuir-lhe aquelle efeito. Teve-o entretanto.

As formas poeticas eram outras, já a dos poemas soltos não sujeitos a uma nomenclatura preestabelecida. Bania o poeta, ou ao menos olvidava, as odes com as suas repartições classicas, e o resto daquelas categorias, e quando se endereçava aos amigos não mais lhes trocava os nomes por apelidos arcadicos, como nas *Poesias avulsas*. O soneto, forma estrofica de que os arcades usaram e abusaram, e numerosos na primeira colecção, desaparece totalmente desta, onde não se nos depara nenhum. O Romantismo foi parco em sonetos. Ha mais variedade, mais liberdade nas formas metricas e quasi nenhum socorro aos recursos mitologicos ou classicos. O proprio titulo da colecção indica uma subjectividade, um sentimentalismo maior, e da leitura verifica-se que é de facto maior e influe na emoção dos proprios poemas objectivos. O poeta refere e reporta a si, o que é bem romantico, todas as comoções que lhe veem dos aspectos da natureza, da contemplação dos sucessos humanos, das meditações sobre temas e ficções abstractas. Mistura-lhes constantemente a sua nostalgia, o seu pezar, os sofrimentos que experimenta ou scisma. Da biografia conhecida de Magalhães não parece tenha sido desventurado

(1) Paris, 1836, 8.º.

ou tido grandes penas na vida. Ao envés, quanto dele sabemos, foi um mimoso da fortuna. Dos seus poemas, entretanto, resultaria a presunção contraria. É talvez ele quem inaugura na poesia brasileira o estilo lamuriento dos que já algures chamei de nostalgicos da desgraça, moda poetica que tanto floresceu aqui. Não achou, no emtanto, a sua dor, talvez por não ser verdadeiramente sentida, nenhuma expressão bastante forte para nos comover tambem a nós. O abstracto do seu estilo, porventura a sua característica, sob o aspecto do estilo, concorreu ainda mais para diminuir-lhe a intensidade da emoção já de si, parece, pouco profunda e o calor da expressão, apenas altieloquent. Daí, e da prolixidade, outra feição do seu poetar, o desmaio e o banal da sua poesia, apesar dos seus propositos filosoficos. É que ele lhe poz não os seus intimos sentimentos actuados pela sua filosofia, as suas emoções apenas influidas por ela, se não os proprios ditames da escola e do livro, e levou para a sua arte intenções pedagogicas. Os passos de inspiração filosofica dos seus poemas são puramente didacticos e não a expressão de uma simples emoção poetica :

Não, o medo não foi quem sobre a terra
Os joelhos dobrou ao homem primeiro,
E as mãos aos céos ergueu-lhe. Não, o medo
Não foi o criador da Divindade!
Foi o espanto, o amor, a consciencia,
E a sublime efusão d'alma e sentidos,
Viu o homem seu Deus por toda a parte,
E a sua alma exaltou-se de alegria.

Todo esse poema *O Cristianismo*, cujos são estes densxabidos versos, é didactico, sem que um sentimento poetico, inspirado embora do religioso, se nele manifeste de maneira a tocar-nos. Noutro seu poema, muito celebrado, todo ele justificativo deste conceito, se nos deparam trechos como o seguinte, antes versos de professor de filosofia que de poeta filosofo :

Assás, oh Deus, o homem sobre a terra
 Revela teu poder, tua grandeza,
 A Razão, és tu mesmo; a liberdade,
 Com que prendaste o homem, não, não pode
 Dominar a Razão, que te proclama!
 Se muda para mim fosse a Natura,
 Na Razão que me aclara, e não é minha,
 Senhor, tua existencia eu descobrira.

Em arte não basta não imitar para ser original. Não se descobre em Magalhães imitações, nem predilecção por algum dos mestres do Romantismo. Mas também se lhe não lobriga originalidade. Se alguma tinha, prejudicou-a a sua filosofia de escola, o seu demasiado respeito das tradições literarias, e obliterou-lh'a o abstracto e o fluido do seu estilo poetico. A diplomacia, carreira em que apenas estreado em letras entrou, com a sua gravidade protocolar, a sua artificialidade, a sua futilidade, a sua composição de mostra, não devia ter pouco contribuido para sufocar em Magalhães, ou amesquinhal-os, os dons poeticos mais vivazes que porventura recebera na natureza. Influencias de filosofia escolastica e livresca e do decôro da situação social fazem-no versejar os mais triviais lugares comuns:

Um Deus existe, a Natureza o atesta:
 A voz do tempo a sua gloria entoa,
 De seus prodigios se acumula o espaço;
 E esse Deus, que criou milhões de mundos,
 Mal queira, num minuto
 Pode ainda criar mil mundos novos.

Se a sua emoção poetica, a sua inspiração, carece de profundêza, pobre é também a sua expressão. Raro se faz nalguma forma sintetica, conceituosa ou intuitiva. Por via de regra se derrama em um longo fraseado, com exclamações e apostrofes. Roma lhe não inspira se não banalidades da sua historia corriqueira e dos seus mais triviais aspectos:

Roma é bela, é sublime, é um tesouro
 De milhões de riquezas; toda a Italia
 É um vasto museu de maravilhas.
 Eis o qu'eu dizer possa; esta é a Patria
 Do pintor, do filosofo, do vate.

O prosaico escandaloso destes versos não é uma excepção ou uma raridade. De todo este grosso volume dos *Suspiros poeticos* (mais de 350 paginas) apenas vive hoje, e merece viver, o *Napoleão em Waterloo*, que sem ter a profundez, a intensa emoção humana e poetica do *Cinque Maggio*, de Manzoni, salva-se por um alevantado sôpro epico, e sem embargo de alguns desfalecimentos, uma bela forma eloquente e comovida.

O que os contemporaneos acharam de novo no livro, e o pelo que ele os impressionou, foi, com a ausencia dos fastidiosos e safados assuntos antes preferidos, mitologicos e classicos, dos rançosos tropos da caduca retorica, a personalidade do autor. Não se revelava esta no vigor do sentimento ou no ressalto da expressão, como com Victor Hugo em França ou Garrett em Portugal, mas se apresentava nas numerosas referencias a si mesmo, nas suas declarações de fé e de principios, nas suas confissões e lastimas. Por pouco que tudo isto fosse realmente, ou por pouco que nos pareça a nós, foi então, com ajuda do sentimento nacionalista predominante, achado muito. A despeito das restrições que podemos fazer hoje, havia ainda nos *Suspiros poeticos*, e se não enganaram os contemporaneos, a exalação de uma alma, tocada da nova graça romantica, influida, por pouco que fosse, pelo sôpro da liberdade estetica que agitava a atmosfera europea e tão bem se casava com o de liberdade politica que soprava em sua patria. E ás vezes exalava-se linda e sentidamente:

Castas Virgens da Grecia,
 Que os sacros bosques habitais do Pindo!
 Oh Nunes tão fagueiros,
 Que o berço me embalastes
 Com risos lisongeiros
 Assás a infancia minha fascinastes.

Guardai os louros vossos,
 Guardai-os, sim, qu'eu hoje os renuncio.
 Adeus ficções de Homero!
 Deixai, deixai minha alma
 Em seus novos delirios engolfar-se,
 Sonhar com as terras do seu patrio Rio;
 Só de suspiros coroar-me quero,
 De saudades, de ramos de cipreste;
 Só quero suspirar, gemer só quero,
 E um cântico formar co'os meus suspiros.
 Assim pela aura matinal vibrado
 O Anemocordio, ao ramo pendurado,
 Em cada corda geme,
 E a selva peja de harmonia estreme.

Renunciando ás musas classicas, é, entretanto, na sua lingua que lhes refoge. Distingue o Magalhães dos *Suspiros poeticos* da geração poetica precedente e do mesmo Magalhães dos versos de 32, outra feição muito do Romantismo, a soberba do poeta, o senso da nobreza da sua missão, a alevantada ambição que se lhe gera deste pressuposto. São manifestações do individualismo romantico, embora nele contidas, mais discretas do que acaso cumpria, sem os entusiasmos, transbordantes até á descompostura, de muitos dos corifeus da escola. Leiam-se o *Vate*, *A Poesia*, *A Mocidade*. Este poema sobretudo revê, e não sem intensidade, aquella «tragedia da ambição» que, segundo Brandes, se apresentava na alma da juventude romantica franceza. Como quer que seja, esse grosso volume de poesias teve, de 1836 a 1865, tres edições, facto aqui extraordinario.

Que no fundo de Magalhães, porem, havia permanecido o arcade retardatario das *Poesias* de 1832, provam-no os poemas posteriores a 1836, publicados sob o titulo de *Poesias varias*, como segunda parte das *Poesias avulsas*, em 1864. Neles volta á poetica apenas esquecida nos *Suspiros*. Prova-o mais, e desde o titulo, a sua posterior colecção de versos, *Urania*, em que tudo lembra mais a poetica obsoleta que a em voga.

A inspiração poetica, como a forma que a realiza, ou o estilo, é função do temperamento do poeta que a condiciona. O de Magalhães era evidentemente mais consoante ao pensamento geral e á poetica dos ultimos cincoenta anos, do que com as idéas e a poetica do seu tempo. Pode ser que, como ele proprio insinua através de Wolf, fosse o Romantismo alemão, simplesmente como expressão do sentimento nacional, como revolta contra a servidão de todo o mundo ao classicismo francez, que lhe actuasse o estro. Em todo caso, sob uma forma comedida e reportada, revendo o seu mediocre entusiasmo pelo movimento, cujo promotor e chefe, mais por força das cousas que por intima persuasão, foi aqui.

Se Magalhães houvera ficado nos *Suspiros poeticos*, talvez fosse apenas um nome a mais no comprido rol dos nossos poetas. Quaisquer que fossem os meritos dessa colleccão, não eram tais que só por ela pudesse o autor tomar na literatura brasileira a importancia que alcànçou. Deu-lh'a mui justamente o volume e a variedade da sua obra, provando nele capacidades que, sem serem sublimes, eram menos comuns, aptidões literarias diversas e vocação literaria incontestavel.

Magalhães, e o seu exemplo influiria os seus compaheiros e discipulos da primeira geração romantica, sentiu que o renovamento literario de que as circunstancias o faziam o principal promotor, carecia de apoiar-se em um labor mental mais copioso, mais variado e mais intenso, do que até então aqui feito, e que uma literatura não pode constar sómente de poesia, e menos de pequenos poemas soltos. Com esta intuição, senão intelligencia clara do problema, que para ele e os jovens intellectuais seus patricios se estabelecia, Magalhães colaborou em revistas com ensaios directamente interessantes ao movimento literario e ao pensamento brasileiro, criou, com Martins Pena, o teatro nacional, iniciou, com Teixeira e Souza, o romance, reatou com os *Tamoyos* a tradição da poesia epica do *Caramurú* e do *Uruguay*, fez etnografia e historia brasi-

leiras, deu á filosofia no Brasil o seu primeiro livro que não fosse um mero compendio, e ainda fez jornalismo politico e literario, e critica. Pela sua constancia, assiduidade, dedicação ás letras, que a situação social alcançada no segundo reinado, ao contrario do que foi aqui comum, nunca lhe fez abandonar, é Magalhães o primeiro em data dos nossos homens de letras, e um dos maiores pela inspiração fundamental, volume, variedade e ainda merito da sua obra. Pode dizer-se que ele inicia, quanto é ella possivel aqui, a carreira literaria no Brasil, e ainda por isso é um fundador.

Os preconceitos pseudo classicos de Magalhães e a sua indole literaria, sempre mais arcadica que romantica, levaram-no no teatro á tragedia, na poesia ao poema epico. Em ambos os casos inspirou-o o espirito nacionalista da epoca, o proposito de fazer literatura nacional, de assunto e sentimento. Declara elle proprio o seu desejo de encetar a carreira dramatica com um assunto nacional. A sua estetica confessada no prefacio da tragedia de *Antonio José* lhe oscilla entre «o rigor dos classicos e o desalinho dos romanticos». Como eclecticico de temperamento e de filosofia, admirador fervoroso de Cousin, Magalhães toma a posição soberba de um artista alheio e superior a escolas, emancipado. «O poeta independente, diz elle no seu magro *Discurso sobre a historia da literatura do Brasil*, citando Schiller (1), não reconhece por lei senão as inspirações de sua alma, e por soberano o seu genio.» Genio é uma palavra de que Magalhães abusava, metendo-a até em passos onde forçosamente se referia a si proprio. Infelizmente, genio não tinha nenhum, e a postura de poeta independente que alardeava não lhe calhava ao modesto engenho. Era a formação pseudo classica do seu espirito, consoante com a sua indole literaria, e o seu eclecticismo filosofico, que lhe impunham

(1) *Opusculos historicos e literarios*, 2.^a edição. Rio de Janeiro, Garnier, 1865, 270.

essa atitude. O proprio titulo de tragedia que deu ás suas peças de teatro contrastava o parecer do Romantismo, que em nome da liberdade da arte, e da verdade humana, refugava a velha formula classica.

O renovador do teatro, e simultaneamente principal fautor do romantismo portuguez, Garrett, não por simples imitação, mas com razões excellentes, chamou ao seu admiravel *Frei Luiz de Souza* de «drama», não obedeceu á regra dos cinco actos e escreveu-o em prosa, por ventura a mais bela que jamais se fez em nossa lingua. Magalhães, que tem sobre Garrett o merito da prioridade na introdução do teatro moderno em portuguez (1), ao envés deliberadamente chamava á sua de tragedia, punha-lhe os cinco actos classicos, embora para isso tivesse de derramar a composição, e fazia-a em verso, segundo a formula consagrada. Distinguem-na, porem, do mesmo passo revendo a influencia do Romantismo, o assunto moderno e nacional, a familiaridade da expressão apesar do verso classico, e o pensamento liberal que a inspira, não obstante o catolicismo do autor. Não será o *Antonio José*, sob o puro aspecto literario e estetico, uma perfeita ou sequer notavel obra d'arte, mas é sem duvida um documento muito apreciavel da capacidade do poeta, e não de todo sem força dramatica ou beleza de expressão. E, o que muito importa, no conjunto da nossa literatura dramatica, sobre a iniciar, não é despecienda. Sente-se ainda que é uma obra feita de inspiração. Põe-no de manifesto o contraste com o *Olgiato*, obra prolixa, difusa e declamatoria. O *Otelo* é apenas a tradução em verso da incolor tragedia do pseudo classico francez Ducis, a qual nesta dinamização já nada conserva da fortissima emoção shakspereana.

(1) A peça com que Garrett inaugurou o novo teatro portuguez, *Um auto de Gil Vicente*, foi representada a 15 de agosto de 1838. Quatro meses antes, em 13 de março, representava-se no Rio de Janeiro, *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição*, com que Magalhães iniciava o teatro brasileiro.

Como quer que seja, o impulso da literatura dramatica estava dado. Em outubro do mesmo ano de 1838, Martins Pena, engenho teatral mais nativo que Magalhães, fazia representar a sua primeira comedia, *O juiz de paz na roça*, lididamente brasileira, por figurar com toda a verdade um aspecto comico da nossa vida. Seguindo o exemplo de Magalhães, todos os romanticos escreverão teatro. Nenhum, porem, antes da segunda geração, com o talento, a arte e o sucesso dele.

Da impressão feita na mente portugueza pela epopéa de Camões, resultou não só em Portugal mas no Brasil a criação epica, que é um dos mais curiosos aspectos da literatura da nossa lingua. Desvaneceram-se dela por tal forma os portuguezes, que é de ver o filaucioso entono com que presumiram amesquinhar a literatura franceza, reprochando-lhe a carencia de uma epopéa. Ao contrario, eles as tinham em demasia. Desta opinião resultou mais o parvoinho pressuposto de que um poeta, para merecer inteira estimação, cumpria-lhe escrever um poema epico. Aos brasileiros herdaram o seu preconceito. Os nossos romanticos, encontravam-no sancionado pelos exemplos de Bento Teixeira, de Santa Rita Durão, de Basilio da Gama, de Claudio da Costa e de outros poetas autores de poemas epicos mais ou menos consideraveis. No proposito deliberado de fomentar a literatura da nação estreante, Magalhães fizera poesia, fizera teatro, fizera novela, escrevera ensaios filosoficos, historicos e literarios. Em 1856 coroou, segundo seria a sua mesma persuasão, a sua obra de renascença com um poema epico, em dez cantos, em endecassilabos soltos, de assunto e de inspiração nacional, *A confederação dos Tamoyos*.

O aparecimento desta obra foi um acontecimento literario. Contra ela escreveu José de Alencar, então estreante, uma critica acerba, e o que é peor, frequentemente desarrazoada. Sairam-lhe em defesa ninguem menos que Monte Alverne e o proprio imperador D. Pedro II, que fôra, ás ocultas, o editor do poema. Tinha razão Magalhães quando

no seu citado estudo sobre a historia da nossa literatura notava que no começo daquele seculo «uma só idéa absorve todos os pensamentos, uma idéa até então quasi desconhecida; é a idéa de patria; ela domina tudo, e tudo se faz por ela e em seu nome. Independencia, liberdade, instituições sociais, reformas politicas, todas as criações necessarias em uma nova nação, tais são os objectos que occupam as inteligencias, que atraem a atenção de todos; e os unicos que ao povo interessam». Continuava verdadeira a sua observação, e desse sentimento menos de são patriotismo que de vaidade patriotica, aproveitou ele largamente, e aproveitava agora no successo da *Confederação dos Tamoyos*. O que principalmente disseram do poema os seus defensores é que era uma obra de inspiração patriotica. Este errado criterio de juizo de uma obra literaria ou artistica permaneceria nos nossos costumes, como um vicio de critica irradicavel, e ainda não desapareceu de todo. O proprio Alencar, tres lustros depois, defendendo obras suas dos ataques da critica ou da opinião publica, apelava para o sentimento patriotico que lh'as inspirava. Este indiscreto sentimento, principalmente, ajudou a nomeada que no seu tempo teve a *Confederação dos Tamoyos*, como em geral favoreceu a obra dos nossos primeiros romanticos, dele inspirada.

O poema de Magalhães apareceu um ano antes dos quatro cantos dos *Tymbiras*, de Gonçalves Dias. Parece, entretanto, que os contemporaneos não repararam que a *Confederação dos Tamoyos*, voltando ao indio estreado na poesia brasileira por Basilio da Gama e Durão, nada criava, mas apenas seguia a sua restauração nela, desde 1846 feita por Gonçalves Dias nos seus *Primeiros Cantos*. Apenas á feição que se chamou indianismo, e que foi de principio a mais singular do nosso romantismo, trouxe o poema de Magalhães o concurso precioso de uma obra consideravel e de um homem socialmente mais considerado que Gonçalves Dias, com altas e prestigiosas amizades e relações, poeta então muito mais estimado que o seu joven

emulo. Era ainda o momento em que um falso criterio sociologico e um desvairado sentimentalismo queriam fazer do indio um elemento demasiado interessante da nossa nacionalidade. Portanto, lisongeava o sentimento publico, e lhe aproveitava da simpatia. A *Confederação dos Tamoyos* não criou na nossa literatura o que se viria chamar «indianismo», e que se não foi todo o nosso romantismo, foi a sua feição mais peculiar. Mas, com a autoridade literaria de que então gozava o seu autor, trouxe á iniciativa de Gonçalves Dias uma cooperação apenas inferior á acção deste, se é que no momento não foi havida por superior. Em 1859, tres anos depois da *Confederação*, apresentava Magalhães ao Instituto Historico uma extensa memoria sobre *Os indigenas do Brasil perante a historia*, que poderia ser como o comentario perpetuo de seu poema. O fim declarado desse trabalho é reabilitar o elemento indigena. Não era outro o intimo pensamento do indianismo (1).

Magalhães foi principalmente e sobretudo poeta. Por sua obra de poeta influiu poderosamente na implantação do Romantismo aqui e, portanto, na fundação da literatura que desde então se começa a distinguir da portugueza. Mas escreveu tambem prosa, ensaios diversos e tratados filosoficos. Como prosador é seguramente, não obstante alguns defeitos nativos (como o já ridiculamente famoso da colocação dos pronomes), um dos mais vernaculos, pela propriedade do vocabulario, sempre nele castiço, e de parte os legitimos sacrificios ao seu falar brasileiro, pela correção sintactica do fraseado. É mais simples, mais natural, menos rebuscado ou trabalhado o seu estilo do que era o dos escriptores que aqui o precederam, e ainda da maior parte dos que se lhe seguiram. Sob o aspecto da linguagem e estilo são escritos estimaveis, e que se deixam ainda ler sem dificuldade, antes com aprazimento, os seus opus-

(1) *Opusculos*, cit. pag. 157 e seg.

culos citados. A sua *Biografia do Padre Mestre Fr. Francisco de Monte Alcerne*, e paginas suas de literatura amena como *O Pavão*, podem passar por exemplos de boa prosa, como não era vulgar na epoca.

CAPITULO X

Os Proceres do Romantismo

I — *Porto Alegre*

Manoel de Araujo Porto Alegre nasceu no Rio Grande do Sul em 29 de novembro de 1806 e faleceu, feito Barão de Santo Angelo, em Lisboa, em 29 de dezembro de 1879. Como crescidissimo numero de literatos brasileiros, era um autodidata. Após os primeiros e forçosamente mofinos estudos preparatorios feitos na sua provincia natal, veio para o Rio de Janeiro em 1827 (1). Destinava-se á Academia Militar. Não indicava este proposito nenhuma vocação pela carreira das armas. Porto Alegre cedia á necessidade que levou tantissimos moços brasileiros pobres a procurarem aquella escola para adquirirem economicamente uma instrução que de outro modo não poderiam fazer. Como lhe falhasse a matricula na Academia Militar, voltou-se para a de Belas Artes, onde ao cabo do primeiro ano alcançou o premio de pintura e architectura. O pintor Debret, daquele grupo de artistas francezes que no tempo de D. João VI vieram aqui fundar o ensino artistico, foi um dos seus mestres e por tal maneira se lhe afeiçãoou, que, regressando á França, em 1831, levou-o consigo. Até o ano de 1837 viajou Porto Alegre pela Belgica, Italia, Suissa, Inglaterra e

(1) Todas as biografias dizem 1826. Mas o proprio Porto Alegre, em artigo com especies autobiograficas da *Minerva Brasiltense*, 1, 116 (1846), rectifica para 1827.

Portugal, e nessas viagens completou a sua instrução geral e educação artística. Voltando ao Brasil nesse ano, fundou com outros o Conservatorio Dramatico e a Academia de Opera Lirica, e tomou parte activa e conspicua no movimento literario do Romantismo, colaborando em varias revistas, dirigindo outras, trabalhando no Instituto Historico e publicando obras diversas. Posteriormente entrou para o corpo consular, tornando á Europa, que desde 1859 quasi sempre habitou e onde morreu. Em Paris pertenceu ao grupo da *Niteroi*, revista brasileira de sciencias, letras e artes ali publicada em 1836, e que serviu de orgão á iniciação da literatura brasileira no Romantismo. Do mesmo grupo eram Magalhães e Sales Torres Homem, que a politica devia em breve tomar ás letras. Nesse periodo estreou com o poema *A voz da Natureza*, composto em Napoles, em 1835. Este «Canto sobre as ruinas de Cumas» é naquela epoca um poema estranho, inteiramente fora dos moldes da poesia contemporanea, alguma coisa que, não obstante fraquezas de inspiração e forma, se aproxima da poesia bem mais moderna da *Lenda dos Seculos* e que tais interpretações poeticas da historia. Em 1843, noutra revista que foi parte importante no movimento do nosso romantismo, a *Minerva Brasiliense*, deu Porto Alegre á luz as suas primeiras *Brasilianas*. Muito mais tarde as reuniu em volume com outras composições e este mesmo titulo, que era de si um programa literario (1). A sua intenção declara-o ele no prefacio, não lhe pareceu ficasse baldada, «porque foi logo compreendida por alguns engenheiros mais fecundos e superiores que trilharam a mesma vereda». E em seguida confessa ter desejado «seguir e acompanhar o sr. Magalhães na reforma da arte, feita por ele em 1836 com a publicação dos *Suspiros Poeticos* e completada em 1856 com o seu poema da *Confederação dos Tamoyos*». O testemunho precioso de Porto Alegre ra-

(1) *Brasilianas*, Viena (d'Austria), 1863, in-8.º, 359 pags.

lifica plenamente o consenso geral dos contemporaneos do papel principal de Magalhães no advento do nosso romantismo. Porto Alegre é, entretanto, um engenho mais vasto, mais profundo, mais completo que o seu amigo e emulo. E mais pessoal tambem, e mais intenso. Não obstante não é, como não era Magalhães, um romantico de vocação ou de indole. Pelo menos nenhum deles o foi como serão os da geração seguinte á sua. Ao romantismo dos dous preclaros amigos faltam algumas feições, e acaso das mais características, desse importante facto literario, como o extremo subjectivismo e o individualismo insolito. Quasi lhes ficou estranho, principalmente a Porto Alegre, o amor, que em Magalhães é apenas o amor, comedido, burguez, domestico, ao invéz justamente do que cantavam e faziam os corifeus do Romantismo europeu. Esta falta lhes amesquinhou o estro e a expressão, em ambos sempre mais retorica, mais eloquente mesmo que sentida. As *Brasiliannas* são uma obra de escola e de proposito, em que a intenção, louvabilissima embora e ás vezes realisada com talento, é mais visivel que a inspiração. Estão muito longe da emoção sincera e tocante das *Americanas*, de Gonçalves Dias, que viriam dar ao intimo sentimento brasileiro, qual era naquele momento historico, a sua exacta expressão.

A obra capital de Porto Alegre é, porem, o seu grande poema, *Colombo*, publicado em 1866, em pleno Romantismo, quando a poesia brasileira havia já rompido com a tradição poetica portugueza antiga, e florescia aqui a segunda geração romantica. Entrementes, de 1844 a 1859, escrevera, fizera representar ou publicar varias peças de teatro, libretos de opera, dramas, comedias e outras obras, que se nenhuma lhe assegura renome como autor dramatico, demonstram-lhe todas a versatilidade do engenho e a actividade literaria, e serviram para impedir não secasse a corrente iniciada com Magalhães e Martins Pena e para, materialmente ao menos, avolumarem-na. No mesmo periodo da sua estadia no Brasil antes do Consulado, escreveu em periodicos cujo fundador, director ou simples co-

laborador, foi, viagens, critica literaria e de arte, biografias, pronunciando como orador do Instituto Historico varios discursos, que são talvez a sua obra mais notavel em prosa. Na *Revista* dessa associação publicou a sua conhecida *Memoria sobre a antiga escola de pintura fluminense* e artigos de iconografia brasileira. Como a quantos do mesmo genero escreveu, os inspirava mais a intenção patriotica de exalçar alem do legitimo cousas da patria que discreto senso critico. Mas era moda louvar descomedidamente, engrandecer sobre posse, tudo o que era nosso, na ingenua esperança de nos valorizarmos. A indole de si mesma entusiasta e pomposa de Porto Alegre cedeu gostosamente á moda.

A obra de prosador de Porto Alegre é menos consideravel que a de Magalhães, e não foi, como a deste, jamais reunida em livro. Menos vernaculo como prosador que o seu emulo, o é muito mais como poeta, no *Colombo*. Mas sobretudo lhe é superior pela abundancia e vigor das idéas, movimento e colorido do estilo, e brilho da forma. Neste, como é muito nosso, frequentemente excede-se e cai no empolado e no retorico. Magalhães escreve mais natural e simplesmente, sem aliás evitar sempre os extremos, o banal e o inchado. Esta marca do verdadeiro escritor, ter idéas gerais, Porto Alegre é um dos primeiros dos nossos em que se nos depara.

É extraordinariamente raro que ainda um homem de grande engenho, como sem duvida era Porto Alegre, resista ás influencias e se forre aos preconceitos do seu ambiente espirital. Em plena pujança das suas faculdades literarias, aos cincoenta anos e em mais de metade do seculo que rompera com a tradição classica das grandes epopéas, compoz e publicou um poema de um prologo e quarenta cantos com mais de vinte e quatro mil versos, *Colombo* (1).

Por mais difficil que se nos antolhe a leitura deste es-

(1) Rio de Janeiro, 1866, 2 vols. in-8.º.

tensíssimo poema, merece ele que vençamos a nossa hodierna repugnância de ler grandes epopéas e o leiamos. Ha nele uma realmente assombrosa imaginação e fecundidade de invenção, insignes dons de expressão verbal, como raro se achará outro exemplo na poesia da nossa lingua, magnificencias de descrições verdadeiramente primorosas, revelando no poeta o artista plastico, um nobre intuito quasi sempre felizmente realizado de pensamento, correcção quasi impecavel de versificação, vernaculidade estreme, engenhosas audacias de criação e de expressão, e outras qualidades que o fazem uma das mais excelentes tentativas para reviver na nossa lingua, se não nas literaturas contemporaneas, essa especie de poemas. Mas os generos ou formas literarias valem tambem por sua conformidade com o tempo que os produziu. O poema de Porto Alegre vinha já de todo obsoleto e inoportunamente, com um maquinismo poetico apenas suportavel na pura lenda e não em uma epopéa de fundo historico. Representa um em todo caso nobre esforço de vontade de uma inspiração que não podia ser natural e espontanea, por desconforme com tudo quanto constitue a mentalidade e estimula o estro do poeta. O leitor pode admirar o meio sucesso desse ingente esforço. Mas não lhe sente emoção capaz de comovel-o até lhe fazer aceitar essa nova criação epica. O *Colombo* é uma obra mais de razão e de intelligencia que de instinto e sentimento, como foram os monumentos poeticos que ele anacronicamente procurava continuar.

II — Teixeira e Souza

Fluminense, como a maior parte dos primeiros românticos, Antonio Gonçalves Teixeira e Souza, nasceu em Cabo Frio aos 28 de março de 1812 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 1.º de dezembro de 1861. Teve algo de romantica a vida do criador do romance brasileiro. Filho legitimo de um portuguez com uma preta, apenas fazia os

seus primeiros estudos quando se viu obrigado, pela precaria situação economica da familia a abandonal-os e adotar uma profissão mecanica, a de carpinteiro. Por alguns anos exerceu este officio no Rio de Janeiro, para onde viera de Itaboraí com o fim de nele aperfeiçoar-se. Cinco anos depois regressou á terra natal. Tinham-lhe morrido os quatro irmãos mais velhos. Aos vinte anos achou-se só no mundo, com escassissimos bens que lhe herdara o pai. Senhor de si, voltou aos estudos com o mesmo antigo ardor e o mesmo mestre, o cirurgião Inacio Cardoso da Silva, professor regio em Cabo' Frio, e tambem poeta, cujos versos Teixeira e Souza mais tarde piedosamente reuniu e publicou. Em 1840 voltou ao Rio de Janeiro, onde a simpatia de côr, de engenho poetico e de amor ás letras facilmente o ligou a Paula Brito.

Francisco Paula Brito (1809-1861) é, na sua situação secundaria, uma das figuras mais curiosas e mais simpaticas dessa epoca literaria. Nascido no Rio de Janeiro, de gente de côr e humilde, chegou-lhe a puberdade e juventude em pleno movimento da independencia e estabelecimento da monarquia, e dessa epoca conservou o ardor patriotico e o desvanecido nacionalismo que a assinalou. De quasi nenhuma lettras, mas inteligente e curioso, despertou-se-lhe o gosto por aquelas e pelos seus cultores no trato de umas e outros, no exercicio de seu officio de tipografo. Mais tarde montou uma imprensa de conta propria, á qual anexou uma loja de livros. Como fosse muito caravel de literatos, a quem com periodicos que fundou, como a *Marmota* (1849-1861), oferecia a satisfação de se verem publicados e louvados, a sua loja, no antigo largo do Rocio, tornou-se o prazo dado da mocidade literaria do tempo, e, como era igualmente patriota ardente e chefe politico de bairro, frequentavam-no tambem homens publicos notaveis, doutores e outros letrados. Por ser a sua loja um centro de noticias, palestras e novidades da vida urbana que não seriam sempre de extrema veracidade e antes facilmente mentirosas, deu-lhe o povo a alcunha de «a Petalogica».

Foram seus habituados todos os nossos primeiros e ainda muitos dos segundos românticos, de todas as graduações. Desse commercio com letrados, a intelligencia aberta e pronta de mestiço de Paula Brito tirou o melhor proveito. Ele tambem se fez escritor e poeta. Aliás o foi em tudo mediocremente, revelando apenas um generoso esforço e excelentes intenções de servir as letras nacionais, e a mesma sociedade, com publicações de character educativo, moralizador e patriótico, edições de obras brasileiras e tambem com as suas produções em prosa e verso. Mais rico de boa vontade que de bens de fortuna, não só acolheu, apresentou, protegeu os jovens de vocação litteraria que o procuravam, como festejou, celebrou, preconizou os litteratos já feitos. Mecenas quasi tão pobre e desvalido como os seus protegidos, e sequer sem idoneidade para mentor litterario, teve entretanto o amavel Paula Brito acção apreciavel e frutuosa no momento em que a sua loja, se não ele, era o centro da vida litteraria no Rio de Janeiro.

Teixeira e Souza foi simultaneamente empregado e colaborador litterario de Paula Brito, em cuja celebre loja conheceu, imagina-se com que candida admiração, os sujeitos mais afamados em letras, a roda litteraria, habituada da Petalogica. Aí repartia o tempo que lhe deixava a freguezia entre ouvir aqueles personagens e escrever os seus primeiros versos. Começou por composições dramaticas, mas como se lhe não abrissem as portas do teatro, e na dôce illusão de ganhar mais alguma cousa do que lhe podia dar o patrão e amigo, fez romances. Escusa dizer que nem versos nem romances lhe deram fortuna. Era, porem, uma real vocação litteraria, desajudada embora de genio e de cultura. Não só não desanimou, mas na constancia do engano que lhe acalentava a ambição, e vendo a protecção que recebiam alguns letrados, imaginou compor um poema que lh'a atraisse. E o compoz numa improvisação rapida, em doze cantos de oitava rima, á moda de Camões. Escritos os seis primeiros, foi com eles, como carta de recommendação, ao ministro da fazenda solicitar-lhe um em-

prego. Deu-lhe o procere o de guarda da Alfandega com 400 mil réis anuais, o que para o tempo e situação do poeta, não seria tão mau como figurou Norberto na biografia de Teixeira e Souza. O poema é a *Independencia do Brásil*, mais um dos muitos pêcos rebentos da arvore *camoniana*, e este de todo *mofino* (1). A critica, com Gonçalves Dias á frente, foi-lhe impiedosa. Á vista, porem, da sua condescendencia habitual com não melhores frutos da musa indigena contemporanea, é licito supor que a humilidade de condição do poeta fosse parte na justiça que lhe faziam. Desse pessimo poema salvou-se o autor com um verso que, como aquele tambem unico verso da tragedia troçada por Pailleron, é bom, e ficaria proverbial

Em nobre empreza a mesma queda é nobre.

Magalhães o citaria, sem nomear o autor, no seu prefacio dos *Factos do espirito humano*, deturpando-o. Um escritor portuguez, com a incoercivel antipatia com que quasi sempre olharam os escritores seus patricios para os nossos, chamou-lhe de *Camões africano*. Esquecia que Camões como Teixeira e Souza os tem havido em barda na sua terra, como lhe não lembrava que desde o seculo xv havia uma numerosissima escravaria negra em Portugal... Auxiliado por amigos e associado a Paula Brito, abandonando o mesquinho emprego, abriu uma officina tipografica conjuntamente loja de objectos de escritorio. Casou, fez familia e maus negocios, fechou a loja e aceitou para viver o lugar de mestre-escola do Engenho Velho com casa e 800 mil réis anuais, nomeado pelo Marquez de Monte

(1) *A Independencia do Brasil: poema epico em doze cantos, dedicado a sua magestade imperial o Sr. D. Pedro II e oferecido ás augustas viuva e filhos do heroi do poema*. Tomo 1. F. de Paula Brito, 1847, 8.º gr., xvi-291 pag. com o retrato do autor. O tomo segundo, impresso pelo mesmo Paula Brito, saiu com os ultimos seis cantos oito anos depois, em 1855.

Alegre. Sem geito nem gosto pela ingrata profissão de mestre de meninos, pediu ao ministro Nabuco lhe desse a escrevania vaga de Macaé. Nabuco fez melhor, nomeou-o para uma escrevania da Côrte, o que era para ele quasi a abastança: **escrivão** da primeira vara do juizo do comércio do Rio de Janeiro. Foi isto em 1855. Mal passados seis anos morria Teixeira e Souza com 49 anos de idade. Fôra carpinteiro, tipografo, caixeiro, revisor de provas, guarda da alfandega, editor, mestre-escola e por fim **escrivão** do fôro. Mas sobretudo foi, com mal empregada e malograda vocação, homem de letras. E **não** as tinha de todo más, pois **compunha** versos **latinos** (1) e era lido nas literaturas modernas.

Antes do mal sorteado poema da *Independencia do Brasil*, publicara Teixeira e Souza dous volumes de poesias com o título de *Canticos Liricos* (1841-1842) e o poema romantico, em cinco cantos, de versos endecassilabos soltos, *Os tres dias de um noivado* (1844), inspirado de uma lenda indigena. Mais de uma daquelas poesias e um ou outro passo deste poema dizem que havia um poeta, que porventura apenas carecia de cultura e polimento, neste desventurado amator das letras. Um soneto seu ao menos, embora o prejudique o amaneirado do estilo, é um dos melhores do tempo e já prenuncia o lirismo da segunda geração romantica, muito mais subjectivo do que o era o da primeira. É este:

Vi o semblante teu, morri de gosto,
Amei-te e tu regeste a minha sorte;
Tu foste a minha estrela, e tu meu norte;
Que magico poder tem o teu rosto!

(1) Na citada *Noticia* de Norberto vem transcrita a elegia *Ad Mortem Santiago Nunes Ribeiro*, fecho de um artigo *Uma lembrança de saudade pelo literato Santiago Nunes Ribeiro*, por Teixeira e Souza, publicado no *Niteroi* da cidade do mesmo nome, tributo de sua amizade e reconhecimento a esse escritor chileno que aqui colaborou com os nossos nesta fase da nossa literatura.

Foste ingrata, mudou-se o teu composto,
Sofri da ingratidão o cruel corte,
Anelei no meu mal a torva morte;
Que magico poder tem o desgosto!

Choras arrependida?... Ó! não, serena,
Serena o rosto teu meu doce encanto;
Que magico poder tem tua pena!

Resistir aos teus ais... quem pode tanto?!
Que te adore outra vez amor ordena;
Que magico poder não tem teu pranto!

Não é, porem, como poeta que Teixeira e Souza tem um lugar nesta geração e nesta Historia, mas como o primeiro escritor brasileiro de romance, portanto o criador do genero aqui. O periodo colonial que com Nuno Marques Pereira tivera no *Peregrino da America* a primeira ficção, essa, porem, de moral e edificação religiosa, nada produziu que se possa chamar de novela ou romance. A renovação literaria indicada por Magalhães, produzira algumas novelas e contos, publicados geralmente nos periodicos dessa epoca e muito poucos dados á luz em volume. Daquelas, a mais antiga são *As duas orfans*, de Norberto, apparecida em 1841. Romance propriamente, o primeiro é o *Filho do pescador*, de Teixeira e Souza, de 1843. Sucessivamente publicou Teixeira e Souza mais cinco romances, *As fatalidades de dous jovens* (1846), *Maria ou a Menina roubada* (1859), *Tardes de um pintor ou as intrigas de um jesuita* (1847), *A Providencia* (1854), *Gonzaga ou a Conspiração de Tiradentes* (1848-1851). Destes, alguns saíram primeiramente em jornais e periodicos, como a *Marmota* de Paula Brito. Por esta constancia de produção num genero que, antes que Macedo o seguisse em 1844 com a *Moreninha*, era ele o unico a cultivar, ganhou Teixeira e Souza direito inconcusso ao titulo de criador do romance brasileiro. Os seus infelizmente tornaram-se para nós ilegíveis, tanta é a insuficiencia da sua invenção e composição, e tambem da sua linguagem.

Se houveramos de aceitar a precedencia cronologica como unica ou principal indicação de prioridade literaria — que antes deve ser julgada pela valia e influxo da obra, a Teixeira e Souza caberia tambem a primazia na introdução do nosso segundo indianismo. Com efeito, de parte algumas passageiras referencias a assuntos indigenas, ou episodicas apresentações de indios em alguns poemas da fase imediatamente anterior ao Romantismo, é ele o primeiro a fazer do nosso selvagem tema de uma ficção em verso e a tomar indios para suas personagens principais nos *Tres dias de um noivado*, «poema romantico» de que a *Minerva Brasiliense* publicou fragmentos em 1843 e que veio a lume em 1844. Que o inspirara ou estimulara a invenção de Chateaubriand do indianismo na literatura franceza com a sua *Atala*, fornece ele proprio um documento na seguinte estrofe do seu poema.

Tu que de ermos asperos, inóspitos
Do Grão Meschacebeu viste os arcanos;
Que debuxaste dos agrestes incolas
A par de usos seus, beleza egregia
Na melindrosa virgem das palmeiras,
Com sublime pincel, bardo sicambro,
Tua Atala tão gentil, tão pura e meiga,
Perdoa, inda era menos que Mirilia.

É que, sob a influencia do Romantismo europeu, em revolta contra o classicismo, o indianismo se apresentava á nossa mente revoltada contra a hegemonia literaria portugueza, que era o nosso classicismo, como o nosso natural recurso de reacção espiritual nacionalista. Foi antes o estimulo politico da Independencia que a acção de nossos escritores uns sobre os outros que originou aqui o indianismo romantico e o generalizou. Ao mesmo tempo que Teixeira e Souza escrevia, talvez ainda em Itaboraá, esse poema já indianista de inspiração, assunto e sentimento (1842-43) Gonçalves Dias, segundo informe fidedigno do seu biografo A. H. Leal, compunha as poesias americanas

que deviam vir á luz em volume no Rio em 1846, e criar pela força de beleza que traziam o indianismo.

III — *Pereira da Silva*

João Manoel Pereira da Silva nasceu no Rio de Janeiro a 30 de agosto de 1817 e faleceu em Paris a 14 de junho de 1898. Era formado em Direito pela faculdade de Paris, foi deputado geral, presidente de provincia e exerceu outras funções publicas igualmente importantes. Escritor abundante, como todos os do grupo de que fez parte, foi historiador politico e literario, biografo, critico, romancista e poeta. É o tipo do amator, do diletante, em letras, escrevendo pelo gosto, acaso pela vaidade de escrever, sem no intimo se lhe dar muito do que escreve e menos de como escreve. Tinha sem duvida vocação literaria, mas sem dons correspondentes que a fecundassem. Escrever era para ele um habito, como que um vicio elegante, qual jogar as armas ou montar a cavallo, um desporto agradável e distinto. Não lhe importava nem a tempera das armas nem a qualidade do animal, o essencial para ele era jogal-as ou montal-o. Assim a sua obra copiosa e volumosa, importante pelos assuntos, pouco vale pelo fundo e pela forma. Historiador, escreveu historia com pouco estudo, com quasi nenhuma pesquisa, sem critica nem escrupulos de investigação demorada e paciente; critico, não passa de um elogiador retorico, com vasta mas superficial leitura das literaturas modernas e mal assimilada comquanto extensa informação literaria, sem idéas proprias nem alguma originalidade; poeta, é menos que mediocre, e romancista, carece absolutamente de imaginação. Mas como veiu sempre escrevendo desde a inauguração do Romantismo até o pleno modernismo, por mais de cincoenta anos, dando um exemplo raro de constancia no labor literario, o seu nome ganhou em suma certa aura e a sua figura literaria ficou até a sua morte em evidencia, e, ao menos por aquela virtude, esti-

mada. O exemplo seria demais bellissimo se outro fosse o valor da sua volumosa obra. Desta apenas lhe sobrevive ainda, antes por ser a unica no genero que pelo merecimento que possa ter, a *Historia da fundação do imperio brasileiro* (Paris, 1864-1868), aliás cheia de inexactidões e falhas, como todas as suas obras historicas.

Se Teixeira e Souza foi o criador do romance que nos habituamos a chamar de brasileiro, isto é, o que representa a nossa vida comum e descreve os nossos costumes, paisagens, tipos, foi entretanto Pereira da Silva quem, precedendo-o, criou o romance de ficção historica, então em voga com Walter Scott e seus primeiros discipulos. Ufanava-se com motivo no prefacio da primeira edição do seu *Jeronimo Côrte Real*, «cronica do seculo xvi», de que este era um dos primeiros da literatura portugueza moderna, pois que viu a luz do dia nos anos de 1839. Realmente só o precedeu em Portugal o *Arco de Sant'Ana*, de Garrett, que é de 1833. Em 1839 publicou Pereira da Silva o romance historico *O aniversario de D. Miguel em 1825*, mas é apenas uma novela de trinta e tres paginas, como é apenas uma novela de poucas mais paginas *Religião, Amor e Patria*, saída no mesmo ano. *Jeronimo Côrte Real* tambem teve a sua primeira publicação no *Jornal do Commercio* em forma de curta novela, que o autor ampliou em romance, alongando-o aliás com desenvolvimento impertinente, quando a deu em livro de 240 paginas, em 1865. Do mesmo genero de *Jeronimo Côrte Real* é *Manoel de Moraes*, «cronica do seculo xvii». Sabendo-se como ele fazia historia, avalia-se como faz o romance historico. Os seus realmente não teem valia alguma como quadro das epocas que presumem pintar, nem qualidades de imaginação ou expressão que lhes atenuem esse defeito. Esta aliás é talvez melhor nestes seus dous romances que no resto dos seus livros, e, em todo caso, é superior a dos de Teixeira e Souza.

É Pereira da Silva um dos criadores da nossa historia literaria. Precedeu mesmo Varnhagen nesses estudos, mas

de pouco lhe vale essa precedencia meramente cronologica, porque o que fez nesse genero, quer no *Parnaso Brasileiro* (1843) quer no *Plutarco Brasileiro* (1847), não tem a originalidade nem a segurança dos trabalhos de Varnhagen. São a repetição sem critica do já sabido, com muitas novidades de pura invenção ou de falha ou viciosa informação. Acham-se-lhe porem na obra critica, desde 1842, alguns conceitos que deviam mais tarde ser espalhafatosamente apresentados como originais e ineditos. Tal é o de literatura que aquella data já Pereira da Silva declarava ser «o desenvolvimento das forças intellectuais todas de um povo; o complexo de suas luzes e civilização; a expressão do grau de sciencia que ele possui; a reunião de tudo quanto exprimem a imaginação e o raciocinio pela linguagem e pelos escritos» (1). Sem menosprezar-lhe inteiramente as constantes provas do seu gosto das letras e da sua longa persistencia em documental-o com obras de toda a especie, os seus contemporaneos, não obstante as sinceras louvaminhas de parceiros, não se enganaram sobre o valor da sua obra, e apenas mediocrementemente o estimaram como escritor. A historia da literatura lhes ratificará este sentimento.

IV — Varnhagen

Cronologicamente pertence tambem a esta geração um escritor que, sem ter como tal grandes recomendações, foi todavia um dos mais prestimosos da literatura e da cultura brasileira: Francisco Adolfo de Varnhagen. Nasceu em Sorocaba (S. Paulo) em 17 de fevereiro de 1816 de pai alemão, criou-se e educou-se em Portugal, onde passou a infancia e juventude. Comquanto houvesse percorrido uma

(1) *Parnaso Brasileiro*, Rio, 1843. Introdução (datada de 3 de junho de 1842), 22.

grande extensão do litoral e ainda do sertão brasileiro, em viagens de observação e estudo, nunca propriamente habitou o Brasil, quero dizer, nunca nele se demorou com animo de se domiciliar. O facto de sua origem germanica e formação portugueza e européa, da sua constante ausencia e pouca convivencia do seu paiz natal e mais tarde de ter constituido familia fóra dele, dão a Varnhagen uma fisionomia particular, um todo nada exotica. Da estirpe germanica tirava seu instinto de veneração e respeito dos magnates, dos poderosos, das instituições consagradas e das cousas estabelecidas. É talvez o unico brasileiro sem falha neste particular, justamente porque é em suma pouco brasileiro de temperamento, de indole e ainda de sentimento. Levou-o a pia baptismal o proprio capitão general da provincia em que nasceu, o Conde de Palma. Desde af é com tais proceres que anda. Como historiador, raro acha a censurar nos que tem o mando, ao contrario esforça-se por lhes encontrar sempre razões e desculpas. Do mesmo modo justifica sempre todas as instituições, descobre-lhes ou inventa-lhes virtudes e beneficios. Mal pode esconder o jubilo e a vaidade pela troca feita pelo imperador, seu amigo e protector, do seu nome já glorioso de Varnhagen pelo de Visconde de Porto Seguro. Consagrou toda a sua laboriosa existencia a estudar a historia do Brasil, e a servir-o com dedicação e zelo em cargos e missões diplomaticas. Sente-se-lhe, entretanto, não sei que ausencia de simpatia, no rigor etimologico da palavra, pelo paiz que melhor que ninguém estudou e conhecia, e era o do seu nascimento. Não é patriotismo, entenda-se, que lhe desconhecemos, esse o tinha ele, como qualquer outro e do melhor. Faltava-lhe, porem, não lh'o sentimos ao menos, aquele não sei quê intimo e ingenuo, mais instintivo que raciocinado, sentimento da terra e da gente. Ele não tem as idiosincrasias do paiz. Por isso Varnhagen não é de facto romantico, senão pela epoca literaria em que viveu e colaborou; de todos os brasileiros seus contemporaneos no periodo inicial do Romantismo, é talvez o unico que alem de não ser

indianista, isto é, de não ter nenhuma simpatia pelo indio como factor da nossa gente, ao contrario o menospreza, o deprime e até lhe aplaude a destruição. É tambem o unico que altamente estima o portuguez, lhe proclama a superioridade, oculta ou disfarça os defeitos do regimen colonial e, propositadamente, lhe adopta o pensamento e a lingua. Só ele dos seus companheiros a escreveria vernaculamente, sem sequer o incoercivel brasileiro da posição dos pronomes, todos neles indefectivamente postos á portugueza. Mas a escreve apenas correctamente, de estudo e proposito, com esforço manifesto, sem espontaneidade, fluencia ou elegancia, nem os idiotismos por que o verdadeiro escritor revela a sua nacionalidade. Por tudo isto se não achou Varnhagen em simpatia com os seus confrades de geração, nem estes com ele. Emquanto por espirito de camaradagem e muito tambem de solidariedade na obra que juntos amorosamente faziam, eles se não regateavam mutuos encomios e acoroçoamentos frequentemente desmerecidos e indiscretos, olvidavam a Varnhagen ou o tratavam como colaborador somenos. Raramente se lhe acha o nome, e ainda assim parcamente elogiado, nos muitos escritos com que reciprocamente se sustentavam e á sua causa. Será porque não comprehendessem a importancia para esta da obra de erudição que ele fazia? Será porque a esses poetas, que todos sobretudo o eram, essa obra parecesse de pouco alcance literario e pouco gloriosa? No entanto quasi todos eles faziam tambem historia, mesmo literaria. É verdade que a faziam de palpito, como poetas, sem investigação propria, sem acurado estudo, retorica e declamatoriamente, com a sua imaginação ou repetição do já feito pelos portuguezes. Apenas Norberto, mas sómente em parte da sua obra, escapa a este reproche.

O primeiro escrito consideravel de Varnhagen, já da solida erudição de que ele seria um dos raros exemplos nas nossas letras, foram as suas *Reflexões criticas* sobre a obra de Gabriel Soares, publicadas no tomo v da «Colecção de noticias para a historia e geografia das nações ul-

tramarinas» pela Academia Real das Sciencias de Lisboa (1836). Começando a sua fecunda iniciativa da rebusca e publicação de monumentos interessantes para a nossa historia geral, dá, em 1839, á luz, tambem em Lisboa, o *Diario da navegação*, de Pero Lopes.

Em 1840 escreve no *Panorama*, o celebre orgão da renovação literaria portugueza, uma *Cronica do descobrimento do Brasil*, que seria o primeiro romance brasileiro se não fosse apenas uma dessaborida cronica romanceada sobre a carta de Caminha, cujo descobridor na Torre do Tombo foi Varnhagen. Sem falar em outros seus escritos de maior interesse portuguez que brasileiro, dos anos immediatamente subseqüentes, enceta em 1845, com os *Epicos brasileiros*, nova edição prefaciada e anotada dos poemas de Santa Rita Durão e Basilio da Gama, as suas publicações directamente relativas á nossa historia literaria, pouco depois proseguidas com a do *Florilegio da Poesia Brasileira ou colecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos*, contendo as biografias de muitos deles, tudo precedido de um «Ensaio historico sobre as letras do Brasil» (1).

Pelo rigoroso e acurado da sua investigação e estudo e dos seus resultados, pela novidade das suas noticias, pelo inedito e seguro da sua informação, pelo numero e justeza de algumas de suas idéas gerais, pela largueza de suas vistas, esta obra de Varnhagen lançava os fundamentos, e o futuro provou que definitivos, da historia da nossa literatura. Não valem contra este conceito a precedencia meramente cronologica de alguns timidos e deficientissimos ensaios de Cunha Barbosa, de Pereira da Silva, de Norberto, de Magalhães e outros, que apenas repetiram as conhecidas noticias dos bibligrafos e memorialistas

(1) Tomo I. Lisboa. Imp. Nacional, 1850, 18 gr. Lrv-359 pags. Tomo II. Ib. 1850, 18 gr. 341 pags. Tomo III, Madrid, mesmo formato, 1853, 288 pags.

portuguezes, sem lhes acrescentar nada de novo, e ainda errando o que já andava sabido. Neste investigar dos nossos primordios literarios, continuado na sua *Historia Geral do Brasil*, onde em varios passos se ocupa da nossa evolução literaria, e em papeis e memorias diversas publicadas em periodicos e revistas, descobriu, noticiou, editou e fez editar Varnhagen alguns preciosos escritos. Tais foram os *Dialogos das Grandezas do Brasil*, de Gabriel Soares, a *Narrativa Epistolar*, de Cardim, *A Prosopopéa*, de Bento Teixeira, a *Historia do Brasil*, de Fr. Vicente do Salvador, sem contar quantidade de especies novas para a vida e obra de outros escritores do periodo colonial.

A obra capital de Varnhagen é, porem, a sua *Historia do Brasil*, que ele chamou de geral por abranger nela todas as manifestações da nossa vida e actividade, ainda a literaria e a artistica. Publicada primeiro em 1857 e reeditada em 1872, é um livro de primeira ordem, se não pela sua estrutura, ainda assim não de todo defeituosa, pelo bem apurado dos factos, riqueza e variedade das informações, harmonia do conjunto e exposição geralmente bem feita. Sem imaginação, sem qualidades esteticas de escritor, sem relevo ou elegancia de estilo, Varnhagen escreve, todavia, decorosamente. Merece igual apreciação outra consideravel obra sua, a *Historia das lutas com os Holandezes*, publicada já fóra do periodo romantico. Na nossa literatura historica, as obras de Varnhagen são certamente o que temos de mais notavel.

Tentou ele, como vimos, pela sua *Cronica* romanceada do *Descobrimento do Brasil*, as obras de imaginação ou de ficção. Carecendo de qualidades de imaginação e fantasia e de estilo, não lhe podia suceder bem. O seu *Amador Bueno*, «drama epico-historico-americano» (Lisboa, 1847, Madrid, 1858), com o seu *Sumé*, «lenda mito-religiosa-americana», e o seu *Caramurú*, romance historico brasileiro, em redondilhas de seis silabas, saído primeiro no *Florilegio* e depois em separado, apenas lhe documentam a incapacidade para essa especie de literatura. É pela sua obra

de historiador e de erudito que Varnhagen merece, e tem, um distinto lugar na historia da nossa literatura, da qual foi o criador e permanece o alicerce ainda inabalado.

Varnhagen veiu a falecer longe do Brasil, como sempre tinha vivido, em Viena d'Austria, a 20 de junho de 1878.

A filosofia da historia de Varnhagen é a comum filosofia espiritualista cristan do seu tempo, com o pensamento moral e politico da sua educação portugueza. É em historia um providencialista, em politica um homem de razão de Estado, da ordem, da autoridade e do facto consumado. Depois de narrar as depredações do corsario inglez Cavendish nas costas do Brasil, diz que veiu a «falecer no mar, dentro de pouco tempo, provavelmente ralado pelos remorsos» (*Hist. Geral*, I, 391). Os remorsos mataram um corsario do seculo XVI! Duguay-Trouin, regressando do seu assalto feliz ao Rio de Janeiro, «sofreu temporais que lhe derrotaram a esquadra, como se a Providencia quizesse castigar os que os nossos haviam deixado impune» (*Ibid.* II, 816). Malogrou-se a revolução pernambucana de 1817. «Ainda assim desta vez (e não foi a ultima) o braço da Providencia, afirma seriamente Varnhagen, bem que á custa de lamentaveis vitimas e sacrificios, amparou o Brasil, provendo em favor da sua integridade» (*Ibid.* 1150, II). Esta filosofia tem ao menos a vantagem de não ser presunçosa e de dispensar qualquer outra. Era aliás a do tempo, e dela se serviram aqui todos os historiadores, sem excepção de João Lisboa, o mais alumiado de todos. Varnhagen, porem, com abuso, peorando o seu caso com o carrancismo da sua educação portugueza se não de seu proprio temperamento literario.

V — Norberto

Joaquim Norberto de Souza Silva nasceu no Rio de Janeiro a 6 de junho de 1820 e faleceu em Niteroi a 14 de

maio de 1891. Nesta geração de laboriosos homens de letras, foi um dos mais laboriosos, e a alguns respeito, um dos melhores e mais uteis deles. Ou porque a existencia fosse então mais facil ou porque o amor desinteressado das letras fosse então maior, é certo que nenhuma geração literaria brasileira antes ou depois desta trabalhou e produziu tanto como esta. As bibliografias de Norberto enumeram-lhe cerca de 80 obras diversas, grandes e pequenas, desde 1841 publicadas em volume ou em jornais e revistas, afóra prefacios, introduções critico-literarias a obras que editou e outras. No acervo literario encontra-se-lhe de tudo, poesia de varios generos, teatro, romance, biografia, ensaios e estudos literarios, administração publica, historia politica e literaria e critica. Como Norberto não tinha nem o talento, nem a cultura, pois era um fraco autodidata, que presume tamanha e tão variada produção, é ela na maxima parte mediocre ou insignificante. Deste enorme lavor apenas se salvam, para bem da sua reputação, os seus varios trabalhos sobre as nossas origens literarias, os seus excelentes estudos sobre os poetas mineiros, a sua grande e boa monografia da Conjuração mineira e algumas memorias historicas publicadas na *Revista do Instituto*. Por aqueles trabalhos é Norberto, depois de Varnhagen, o mais prestimoso e capaz dos indagadores da historia da nossa literatura, um dos instituidores desta. Como critico, porem, sacrifica demais ao preconceito nacionalista de achar bom quanto era nosso, de encarecer o merito de poetas e escriptores somenos, no ingenuo presuposto de servir á causa das nossas letras. Ele as serviu optimamente aliás, menos pelo que de original produziu, que é tudo secundario, ou por esse zelo indiscreto delas que fel-as suas conscienciosas investigações de alguns tipos e momentos da nossa historia literaria, e publicações escorreitas de algumas obras que andavam ineditas ou dispersas e desencontradas dos nossos melhores poetas coloniais.

Concorreu mais para avultar grandemente a produção literaria do seu tempo e geração. Na esteira de Magalhães

fez também poesia americana, cantou os índios, poz em verso scenas e episodios da nossa historia ou das nossas tradições, e, até, com pouco engenho e nenhum successo, tentou a naturalização da balada, forma poetica por sua singeleza absolutamente antipatica á gente, como a portugueza e a nossa, de alma pouco ingenua e que de raiz ama a eloquencia da poesia. Em Norberto se exagera o espiritualismo sentimental de Magalhães, e o seu maneirismo poetico. Alem dos portuguezes e brasileiros lê o pseudo Ossian, Lamartine, George Sand (ainda então M.^{me} Du Devant, como a cita), A. de Vigny, Delavigne e Chateaubriand, Lope de Rueda, Victor Hugo, Parny, Ducis, Shakespeare. O alimento romantico não lhe tira toda a substancia classica, e, cedendo-lhe, escreve também uma tragedia em verso, em cinco actos, respeitando deliberadamente as regras aristotelicas: *Clitemnestra*. Das peças que escreveu Norberto, parece que a unica representada, em 1846, e por João Caetano, foi *Amador Bueno ou a fidelidade paulistana*, em 5 actos. Também se representaram traduções suas do *Tartufo*, de Molière, e do *Carlos VII*, de Dumas pai, segundo a informação pouco segura de Sacramento Blake.

Norberto foi mais o criador, se não do romance brasileiro da ficção novelistica em prosa aqui. A sua novela, aliás por ele mesmo chamada de romance, *As duas orfans*, foi publicada em 1841 (8.º, 35 pags.), dous anos portanto antes do *Filho do pescador*, de Teixeira e Souza, que é de facto pelo desenvolvimento e volume o primeiro romance brasileiro. Em 1852 reuniu Norberto essa e mais tres novelas sob o titulo, improprio quanto ao primeiro termo, de *Romances e Novelas*, num volume em oitavo de 224 paginas. São todas de assunto e inspiração nacional. A intuição que Norberto tinha do romance acha-se expressa na sua noticia sobre Teixeira e Souza: «expandir-se pelas minuciosidades das descrições dos quadros da natureza, perder-se em reflexões filosoficas e demorar-se nas trivialidades de um enredo

cheio de incidentes para retardar o desenlace da acção principal» (1).

Certamente Teixeira e Souza nos seus longos romances cumpriu mais á risca este programa, aliás da sua indole e gosto; Norberto, porem, ainda nas suas novelas o seguiu.

Norberto publicou varias colecções de poesias, quatro ou cinco pelo menos, alem de numerosos poemas que em tempos diversos saíram em periodicos e não foram jamais reunidos. Embora muito apreciados no seu tempo, nenhum só desses poemas viveu na nossa memoria ou sobreviveu ao poeta. A historia literaria é uma impertinente e implacavel desconsoladora da vaidade literaria, patenteando a do proprio trabalho das letras e o efemero e precario da gloria contemporanea. Mas no seu tempo, ao menos, não foi de todo vão esse improbo labor dos Norbertos, dos Teixeiras e Souzas e de outros companheiros seus na criação da nossa literatura. Eles trouxeram a pedra que por oculta e desconhecida nem por isso deixa de ter servido para levantar o edificio.

Não obstante haver compilado um volume de estudos alheios da lingua portugueza (2), o que faria supor-lhe particular estudo dela, Norberto não escreveu bem. Como os escritores seus confrades de escola e companheiros de geração, não teve mesmo a nossa preocupação de bem escrever, com acerto e elegancia. É geralmente natural desataviado, mas não raro tambem incorrecto. Quando se quer elevar a um estilo mais castigado, guinda-se e cai no empolado e no difuso. Perpetra menos galicismos do que hoje e do que o vulgo dos escritores portuguezes seus contem-

(1) *Noticia sobre Antonio Gonçalves Teixeira e Souza e suas obras. Rev. do Inst.*, xxxix, 207.

(2) *Galicismos*, palavras e frases da lingua franceza, introduzidas por descuido, ignorancia ou necessidade na lingua portugueza, estudos e reflexões, coligidos e anotados, etc. Rio de Janeiro, 1873, in-8.º, 301 pags.

poraneos. Aliás os da sua geração incorriam menos nesse defeito que os posteriores.

A sua obra capital em prosa é a *Historia da conjuração mineira*, nada obstante a opinião que dela possa fazer o nosso sentimentalismo politico, uma das boas monografias da nossa literatura historica. E mais bem ordenada e composta do que é comum em livros tais aqui escritos. Alem disso, o que tambem não é aqui vulgar, uma obra original, feita principalmente com pesquisas proprias e de estudo pessoal.

VI — Macedo

Joaquim Manoel de Macedo nasceu em Itaboraí, na provincia do Rio de Janeiro, em 24 de junho de 1820, e morreu na cidade do Rio de Janeiro em 11 de abril de 1882. Foi historiador, poeta, romancista, corografo, dramaturgo e comedista, alem de jornalista politico e literario. Nem pelo vigor do pensamento, nem por qualidades de expressão literaria, se abaliza como escritor. É como criador, com Magalhães e Teixeira e Souza, e mais eficaz do que estes, do romance brasileiro, como um dos principais fomentadores do nosso teatro, e por ventura o seu melhor engenho, como autor de um poema romantico, no genero um dos melhores produtos literarios dessa epoca, e emfim pela influencia que, principalmente como romancista, exerceu, que Macedo é um dos tipos mais vivos da nossa literatura. Foi um dos escritores mais fecundos que temos tido, talvez o mais fecundo. Deixou mais de vinte romances, quasi outras tantas peças de teatro, poesia e aquele poema romantico em seis cantos, livros de historia e corografia do Brasil, quatro grossos volumes de biografia, obras didaticas, discursos academicos e politicos, alem de estudos historicos, e folhetins e artigos diversos de sua colaboração em jornais e revistas. Afóra os romances, o teatro e aquele poema, o resto é de somenos valor. Macedo fazia historia como fazia romance, descuidadamente, ao correr da pena,

sem nenhum escrupulo de investigação e de estudo. Os seus grossos tomos de biografia são totalmente sem prestimo.

A sua primeira obra em livro é o romance *A Moreninha* (1), de 1844. Seguem-se-lhe, no ano seguinte, *O moço loiro* (2 vols. in-8.º), em 1848, *Os dois amores* (2 vols. in-8.º), em 49, *Rosa* e, a brevès trechos, *Vicentina*, *O forasteiro* (aliás escrito antes de todos estes), *O culto do dever*, *A luneta magica*, *O Rio do Quarto*, *Nina*, *As mulheres de mantilha*, *Um noivo a duas noivas*, e outros, sem contar as novelas colleccionadas sob varios titulos. A maior parte tem mais de um tomo.

A *Moreninha* foi um acontecimento literario e popularisou-se rapidamente. A critica exultou com o seu aparecimento. Dutra e Melo, na *Minerva Brasiliense*, do mesmo passo que o celebra com grandes gabos, expõe a teoria do romance como devia ser e era aqui praticado. Preconiza o romance historico e o romance filosofico, que ainda ninguem aqui fizera, contanto que neste se não sigam «os delirios da escola franceza, um Louis Lambert por exemplo». Se bem cair no preceito do *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*, deve esse romance tornar-se moralizador e poetico. Reconhece que «autores de merecimento, poetas distintos (aludiria certamente a Magalhães, Teixeira e Souza e Norberto) se tinham já ocupado do romance sentimental produzindo belas paginas». De todo esse artigo de escritor então muito conceituado, deduz-se que o romance devia ser poetico, sentimental, moralizador. Foi assim realmente que mais ou menos o fizeram os romanistas dessa geração e ainda da seguinte.

A *Moreninha* consagrou definitivamente o autor que até a sua morte foi conhecido como «o Macedo da *Moreninha*» ou tambem pelo apelido familiar de «o Macedinho».

(1) *A Moreninha*, romance, Rio de Janeiro, 1844, 8.º, 255 pags., com estampa e musica da balata que canta a heroína.

Esse romance, ainda hoje muito lido, é talvez o que maior numero de edições e republicações tem tido no Brasil.

Os romances de Macedo são todos talhados por um só molde. São ingenuas historias de amor, ou antes de namoro, com a reprodução igualmente ingenua de uma sociedade qual era a do seu tempo, chã e matuta. Cuidando aumentar-lhes o interesse, e acaso tambem fazel-os mais literarios, carrega o autor no romanesco, exagera a sentimentalidade até á pieguice, filosofa banalidades a faltar e moraliza impertinentemente. São romances morais, de familia; leitura para senhoras e senhoritas de uma sociedade que deles proprios se verifica inocente, pelo menos sem malicia, e que, salvo os retoques do romanesco, essas novelas parece retratam fielmente. A sua filosofia é trivial, optimista e satisfeita, conforme o espirito da epoca romanceada. A sua moral, a tradicional nos povos christãos, sem duvidas, nem conflitos de consciencia, a moral de catecismo para uso vulgar. Nem a prejudica o abuso de namoro, ou alguns casos de amor romanesco, pois tudo não aponta se não ao casamento e acaba invariavelmente nele, para completa satisfação dos bons costumes. Pouco variam as situações e tipos dos romances de Macedo. Ou eram de facto uma e outros constantes na sociedade de que Macedo escreveu o romance, ou ao romancista faltou a arte de lhes descobrir as forçosas variações. São infalíveis neles certas categorias de personagens, a moça apaixonada, amorosa ou namorada, a intrigante ou invejosa que contra esta conspira, o galan, ora fatal e irresistivel, ora apenas simpatico e galanteador, a velha namorada e ridicula, o velho azevieiro e grotesco, o estudante engraçado, divertido e trefego, o traidor que maquina contra o galan e a sua amada, o ancião (o ancião de Macedo é um homem de 50 anos, como as suas jovens amorosas não tem nunca mais de dezeseis) experiente, amigo certo e conselheiro avisado e mais o gracioso ou jocoso da comedia. Vem a pelo a terminologia teatral, porque Macedo é em muito autor dramatico, e os seus romances deixam por mais de uma feição rever este cons-

picuo feio do seu engenho. Ao envés dos escritores nossos patricios dessa fase e ainda dos das subseqüentes, Macedo é um escritor alegre e satisfeito, por ventura o unico da nossa literatura. A sua arte lhe é um divertimento, e o seu objecto, praticando-a, divertir os seus contemporaneos, sem talvez se lhe dar dos vindouros. Divertil-os moralizando-os, risonhamente, despreocupadamente, sem outro proposito mais alto, tal parece ter sido o seu intuito literario.

A actividade dramatica de Macedo vai de 1849 aos ultimos anos de 60 ou aos primeiros de 70. É justamente o periodo de maior florescimento do nosso teatro, que então realmente existiu com autores e actores nacionais, queridos e estimados do publico. Entre os ultimos havia-os, é certo, portuguezes, mas esses, quasi todos domiciliados aqui, achavam-se de facto nacionalizados. Macedo concorreu para esse teatro com mais de uma duzia de peças, dramas em prosa e verso, comedias, operas, que são o moderno vaudeville, e farças, mostrando em tudo vocação decidida para o genero facil e boa veia comica. Como esta lhe vinha mais do natural que a dramatica, valem as suas comedias mais do que os seus dramas. Na comedia acha-se ele melhor, em um mundo mais natural, mais espontaneo e que lhe é mais familiar e conhecido que o dos seus dramas. Na inspiração e feitura destes, sente-se a influencia da dramaturgia franceza contemporanea, como em *Lusbela*, por exemplo, a da *Dame aux Camelias*, ou de quejandos modelos. Demasiado romanticos de assunto, excessivamente romanescos de composição e estilo, falham mais os seus dramas do que as suas comedias na representação que presumem ser da nossa vida. Não logram tambem atingir por qualidades superiores de invenção e expressão a generalidade da representação humana que supra ou exceda aquela. Ha, porem, neles condições de teatralidade e arte de desenvolvimento e exposição. O principal defeito do nosso teatro, o que mais nos afronta com a sua desnaturalidade, é o dialogo geralmente falso ou em desacordo com o que ouvimos na rua ou na sala. A nossa sociedade,

de facto ainda não de todo perfeitamente policiada, senão criou já uma sociabilidade, com formulas dialogais e de tratamento mutuo entre os interlocutores, que o escritor de outras linguas quasi não faz senão reproduzir. Esse tratamento no nosso teatro mostra afrontosa incoerencia, que é aliás a mesma dos nossos habitos de conversação. Querendo evital-a, Macedo e muitos dos nossos escritores de teatro, ainda hoje recorrem ao tratamento da segunda pessoa do plural, que fóra do estilo official ou do verso, de todo não usamos. E como o ridiculo é um pouco o insolito, essas formas ridiculizam as peças que as empregam. O teatro romantico na comedia popular de Pena, de Macedo, de Alencar e de autores de menor nome, deu da sociedade do tempo uma copia em suma exacta. Desmerece, porem, essa representação no drama ou na comedia da nossa alta vida. Esta a viram sempre atravez de suas impressões de romantica franceza. Daf a pouca fidelidade na pintura dela e nos sentimentos que lhe atribuem. Nunca houve de facto na nossa sociedade preconceitos de raça ou de casta bastante generalizados e profundos, capazes de determinar as situações como a de *Lusbela*, de Macedo.

Num momento de feliz inspiração escreveu Macedo *A Nebulosa*, poema não só romantico de intenção e de escola, mas nimiamente romanesco. Não obstante a sua sensibilidade lamurienta, e o aparelho ultraromantico da acção, cheia de maravilhas de magica, ha neste unico poema de Macedo, grandes belezas de poesia e expressão. Mas de um trecho seu ainda nos impressiona pela força de emoção que lhe poz o poeta. Mas ainda para o tempo desmasiava-se o poema em indiscretos apelos ao patetico e sentimentalidade que fazem que hoje não o leiamos sem enfado.

Concomitantemente com estes principais representantes da nossa primeira fase romantica, poetaram aqui outros muitos sujeitos, como os fluminenses Joaquim José Teixeira (1822-1884), José Maria Velho da Silva (1811-1901), Antonio Felix Martins (1812-), José Maria do Amaral

(1812-1885), Firmino Rodrigues Silva (de Niteroi, 1816-1879); os mineiros Candido José de Araujo Viana (marquez de Sapucaí (1793-1875) e Antonio Augusto de Queiroga (1812-1855); o baiano Francisco Moniz Barreto (1804-1868), e o pernambucano Antonio Peregrino Maciel Monteiro (1804-1868).

Publicistas, politicos, diplomatas, advogados, medicos, funcionarios publicos, poetas o são apenas ocasionalmente, inconsequentemente, mais de recreio que de vocação, e a sua obra de amadores sobre escassa, o que lhes revê a inopia do estro, é em suma insignificante. Vale sómente como indicio de uma inspiração poetica que se não limitava aos proceres do movimento romantico.

Havia no entanto entre eles um bom, um verdadeiro poeta, José Maria do Amaral, antes um arcade retardatario do que um puro romantico, mas um arcade todo impregnado do lirismo garreteano. Os seus sonetos, nunca reunidos em volume, são talvez como tais, e como poesia subjectiva, o que melhor deixou essa geração. A fama de que gozou Moniz Barreto, devida ao seu singular talento de improvisador, qualidade então apreciadissima, não a confirma agora a leitura da sua obra, reflexo demasiado apagado do dessorado elmanismo.

CAPITULO XI

Gonçalves Dias e o grupo maranhense

Os impulsos de renovação literaria dos nossos românticos da primeira hora, Magalhães, Porto Alegre, Norbertó, Macedo e outros, os veiu prefazer o poderoso talento de Gonçalves Dias. Da poesia genuinamente brasileira, não por exterioridade de inspiração ou de forma ou pela intenção dos temas e motivos, mas pelo intimo sentimento do nosso genio com as suas idiosincrasias e peculiaridades, em suma da psique nacional, foi ele o nosso primeiro e jamais excedido poeta.

Gonçalves Dias é nas nossas letras um dos raros exemplos comprobatorios da falaz teoria da raça. Parece que nele se reuniam as tres de que se formou o nosso povo. Seu pai era portuguez de nascimento, a mãe aquilo que chamamos no norte, donde era, cafusa, isto é o resultado do cruzamento do indio com o negro. Nasceu em Caxias, no Maranhão, em 1823, da união natural de seu pai com aquela boa mestiça, que lhe foi mãe carinhosa. Da terra natal, onde iniciou os estudos de latim com o mestre publico local, passou com o pai á capital da provincia, seguindo logo ambos daí para Portugal, o pai em busca de saude, ele de instrução. Pouco depois de ali chegado, morreu-lhe o pai, que já ia muito doente. Com quatorze anos, achou-se Gonçalves Dias só, em terra estranha. Esta cir-

cumstancia, agravando a nostalgia que sem duvida lhe produzia o apartamento da patria e da mãe, aumentar-lhe-ia a natural dôr da perda do pai. No bellissimo poema autobiografico *Saudades*, que dedicou á irmã, transpira ainda, não obstante os anos passados, a sua grande magoa, «essa dôr que não tem nome»;

De quando sobre as bordas de um sepulcro
 Anceia um filho, e nas feições queridas
 Dum pai, dum conselheiro, dum amigo
 O selo eterno vai gravando a morte!
 Escutei suas ultimas palavras,
 Repassado de dôr! — Junto ao seu leito,
 De joelhos, em lagrimas banhado
 Recebi os seus ultimos suspiros.
 E a luz funerea e triste que lançaram
 Seus olhos turvós, ao partir da vida
 De palido clarão cobriu meu rosto
 No meu amargo pranto reflectindo
 O cansado porvir que me aguardava!

Tornou ao Maranhão, mas já em 1840 estava de volta a Portugal, matriculado na Universidade de Coimbra. Ou assim nascesse, e é talvez o mais certo, ou as circumstancias do seu nascimento, aquele golpe precocemente soffrido, a orfandade, o prematuro afastamento da terra natal e das suas mais caras afeições de infancia, assim o houvessem feito, foi Gonçalves Dias, não obstante alguns lampejos de bom humor e de jovialidade, uma alma profundamente melancolica e profundamente sensivel. Ela se lhe formou ainda em meio das agitações consequentes á Independencia. Deu-o a mãe á luz quando o pai, por esquivar-se ás perseguições que a sua qualidade de portuguez lhe poderia atrair, achava-se foragido nos matos vizinhos de Caxias, habitando uma palhoça, onde Gonçalves Dias nasceu, na carencia de qualquer conforto, entre aflições e medos. Deixaram-lhe forte e viva impressão estes primeiros incidentes de sua vida. Dil-o elle á sua irmã naquele poema, uma das suas melhores paginas:

Parti, dizendo adeus á minha infancia,
 Aos sitios que eu amei, aos rostos caros
 Que já no berço conheci, áqueles
 De quem, mau grado a ausencia, o tempo, a morte
 E a incerteza cruel do meu destino,
 Não me posso lembrar sem ter saudades,
 Sem que aos meus olhos lágrimas despontem.

.....
 Ave educada nas floridas selvas
 Vim da praia beijar a fina areia;
 Subitaneo tufão arrebatou-me,
 Perdi a verde relva, o brando ninho.

Nem jámais casarei doces gorgeios
 Ao saudoso rugir dos meus palmares;
 Porem a branca angelica mimosa
 Com seu candor enamorando as aguas,
 Floresce ás margens do meu patrio rio.

E a mesma imagem se repete mais adiante, mostrando
 a obsessão daquela impressão dolorosa:

Ave educada nas floridas selvas,
 Um tufão me expeliu do patrio ninho;
 As tardes dos meus dias borrascosos
 Não terei de passar sentado á porta
 Do abrigo de meus pais, nem longe d'ele,
 Verei tranquilo aproximar-se o inverno,
 E pôr do sol dos meus cansados anos!

O tufão que o expeliu do patrio ninho foi o casamento do
 pai com outra mulher que não aquela de quem ele nascera.
 A dor que lhe envolveu a infancia, afeiçãoou-lhe a indole pessoal
 e poetica e poz-lhe nalma a tristeza forte que será a sua marca
 e o seu encanto. A ela juntarã-se-lhe despertadas ou al-
 voroçadas pelos gabos desde menino ouvidos ao seu talen-
 to, ambições de sobrelevar-se a sua mesquinha condição:

Um dia apareceu um recém-nado,
 Como a concha que o mar á praia arroja;
 Cresceu qual cresce a planta em terra inculta,
 Que ninguem educou, a chuva apenas,
 Infante viu da roda sepulturas,
 Em que não atentou;

.....
 Então sentiu brotarem na sua alma
 Sonhos de puro amor, sonhos de gloria
 Sentiu no peito um mundo de esperanças.
 Sentiu a força em si — patente o mundo.

Em 1845, formado em Direito, regressou á sua provincia. Foi á terra natal que deixou logo «ralado de desgostos, por motivos que se não declara», informa discretamente um seu grande amigo e amoroso biografo. Esses motivos seriam de ordem domestica e provenientes da coexistencia da mãe e da madrasta, que aliás parece-lhe fôra caroavel. A entristecer-lhe o animo já de raiz e das circumstancias de sua vida melancolico, a amargurar-lhe a alma e travar-lh'a de dissabores, que a sua sensibilidade de poeta e de valetudinario exaggerariam, concorreram mais as condições de penuria e dependencia em que, graças á bondade e comiserção de patricios, amigos rarissimos, lograra completar a formatura em Coimbra. Pouco se demorando na capital de sua provincia, veio para o Riô de Janeiro em meados de 1846 e aqui publicou os seus *Primeiros Cantos* (1). Antes publicára apenas um pequeno poema *Inocencia* no *Trovador* de Coimbra e tres ou quatro de igual extensão no *Arquivo*, jornal do Maranhão.

A critica, tanto a do Riô de Janeiro como a das provincias, acolheu este primeiro livro de Gonçalves Dias com calorosos e merecidos encomios e, o que mais vale e é menos comum, com atilada compreensão do seu valor. O balbucio de Magalhães e Porto Alegre era já em Gonçalves Dias a fala clara, perfeita e melodiosa. Com muito mais harmonia, mais íntimo e mais vivo sentimento, mais espontanea e original inspiração, maior sensibilidade emotiva, havia relevantemente nele dons de expressão muito superiores. Pode dizer-se que aqueles poemas revelam — e os

(1) *Primeiros Cantos*, poesias de Antonio Gonçalves Dias, Rio de Janeiro, em casa de E. e H. Laemmert, 8.º gr., 295 pags.

posteriores o confirmariam — o primeiro grande poeta do Brasil.

Esta preeminencia de que os contemporaneos tiveram a intuição, a vieram confirmar os *Segundos Cantos* e *Sextilhas de Frei Antão*, publicados tambem no Rio dous anos depois. Valem menos as *Sextilhas* como prova do seu saber da lingua e um feliz postigo arcaico desta, que por testemunharem a delicadeza e vigor da sua imaginação e pensamento poetico e riqueza de sua inspiração lirica. Corroboraram-no ainda os *Ultimos Cantos*, de 1851, tudo reunido mais tarde sob o titulo de *Cantos*, na primeira edição de Leipzig (F. A. Brackhaus, 1857, 16.º, xxviii, 654 pags.). Sucederam-se novas edições em numero de quatro, contadas da primeira dos *Cantos* quando acabava o poeta de morrer. Alguns dos poemas dos *Primeiros Cantos*, porventura os melhores, repunham em a nossa poesia o indio nela primeiro introduzido por Basilio da Gama e Durão. Era essa a sua grande e formosa novidade. Nos poemas daqueles poetas não entrava o indio senão como elemento da acção ou de episodios, sem lhes interessar mais do que o pediam o assunto ou as condições do genero. Nos cantos de Gonçalves Dias, ao contrario, é ele de facto a personagem principal, o heroi, a ele vão claramente as simpatias do poeta, por ele é a sua predilecção manifesta.

Entre a publicação dos *Primeiros* e dos *Ultimos Cantos* compoz Gonçalves Dias os primeiros seis de um poema americano *Os Timbiras*, dos quais publicou em Leipzig, em 1857, os quatro primeiros. Continuava a mesma inspiração simpatica ao indio e a mesma idealização affectuosa dos seus feitos e gestos, que distinguirá o segundo indianismo, cujo iniciador foi exactamente Gonçalves Dias, do primeiro criado por Basilio da Gama. *Os Timbiras*, como as *Americanas*, não só ficariam, a todas as luzes, os mais belos poemas de inspiração indianista aqui produzidos, mas os unicos que sobrevivem aos motivos occasionais dessa inspiração e ao gosto do momento. Um deles, *Y-juca-pirama*, é sob todos os aspectos, essenciaes ou formais, uma das

raras obras-primas da nossa poesia e ainda de nossa lingua. O proprio Portugal, geralmente pouco simpatico ás nossas tentativas de emancipação literaria, pelo mais autorizado então dos seus orgãos intellectuais, Alexandre Herculano, não só reconhecia nos *Primeiros Cantos* «as inspirações de um grande poeta», mas lastimava não houvesse o poeta dado neles maior espaço ás poesias americanas. Os *Timbiras* cediam ao preconceito do poema epico da tradição portugueza, continuada aqui desde os começos da nossa poesia. Acostando-se-lhe, fazia-o entretanto Gonçalves Dias com manifesta superioridade de inspiração e de expressão. Aquela é mais sincera, vem-lhe mais do intimo. Por ventura impulsado por um recondito sentimento de sua alma de caboclo, avivado pela nostalgia do «filho do bosque», traz muito maior vigor de idealização. A expressão é muito mais rica, muito mais variada e melodiosa — sobretudo muito mais melodiosa — que a de qualquer outro dos nossos poemas. Do maior dos nossos epicos até então, Basilio da Gama terá, com mais opulenta imaginação, a harmonia do verso branco, no qual já rivalizava com Garrett. A influencia do *Uruguai* é visivel no poema. Mas não o deslustra essa influencia, que apenas revê a continuidade da nossa tradição poetica. Indicia esse influxo, e quasi reproduz o verso do *Uruguai*

No espaço azul onde não chega o raio

estr'outro dos *Timbiras*, aludindo ao surto do condor após a presa feita,

E sobe audaz onde não chega o raio.

Tambem a apostrofe — America infeliz! do formosissimo canto terceiro recorda o — Gentes da Europa nunca vos trouxera — do segundo canto do *Uruguai*.

Nenhum poeta moderno teve como Camões o sentimento do paganismo e do seu maravilhoso. Assim tambem nenhum poeta brasileiro, em prosa ou verso, teve em grau

igual ao de Gonçalves Dias o sentimento do nosso índio e do que lhe constituía a feição própria. Todos os nossos indianistas, maiores e menores, sem exceptuar o próprio Alencar, que é quem em tal sentimento mais se aproxima de Gonçalves Dias, o foram antes de estudo e propósito que de vocação. Daí a sua inferioridade relativamente ao poeta dos *Timbiras* e os despropósitos em que caíram. E o conceito pode ser generalizado a toda a obra lírica de Gonçalves Dias.

É que ele é um dos raros, se não foi o único, dos nossos que, com os dons naturais para o ser, a vida fez poeta. Não a moda, a retórica, a camaradagem, a presunção ou algum estímulo vaidoso ou interesseiro, ou sequer patriótico, o fizeram poeta senão a dor e o sofrimento. É primeiro o afastamento do torrão natal e do carinho materno em anos verdes, a perda do pai e o isolamento em terra estranha, a amargura do seu nascimento mais que humilde, o sentimento da sua inferioridade social — contrastando com a sua fidalguia moral e mental, é a humilhação de viver de amigos, é a sua penúria de recursos e mesquinhez de vida, é o desencontro de suas ambições com as suas possibilidades, é o convívio do meio mesquinho seu conterrâneo e por fim e acaso mais que tudo, quando já lhe sorrira a glória e ele assim mesmo se enobrecera pelo génio e trabalho, a recusa da mulher muito amada, por motivo do seu nascimento. Não ha, ou apenas haverá um destes passos da sua via dolorosa, aos quais outros fôra possível acrescentar, que não tenha deixado impressões, ecos, vislumbres nos seus poemas. A nostalgia inspira-lhe a *Canção do Exílio*, no seu género e ingenuidade acaso o mais sublime trecho lírico da nossa poesia, a expressão mais intensa e mais exacta do nosso íntimo sentimento patrio. As agruras da sua juventude as *Saudades*, de tão fina sensação dolorosa, de tão bela e comovedora expressão. Os seus amores infelizes esses dous soberbíssimos trechos sem iguais no nosso lirismo *Se se morre de amor* e *Ainda uma vez, adeus*, e mais aquele encantador *No jardim*, amostra peregrina em

a nossa poesia de emoção profunda casada á profunda singularidade. Nem desmerecem destes os poemas da mesma inspiração, que lhe brotam, cheios de lagrimas do fundo d'alma: *Ó que acordar* e *Se muito soffri já, não m'o perguntés* (1).

Antes e depois de Gonzaga jamais se ouvira em a nossa poesia cantos de amor tão repassados de intimo sentimento e de uma tão formosa expressão. Os poetas contemporaneos dos ultimos anos de Gonçalves Dias, os seus successores immediatos, os poetas da segunda geração romantica, os repetirão com emoção ás vezes igual, nenhum porem com a alta e essencial beleza dos seus. Com ele achava emfim o lirismo brasileiro a sua expressão mais eminente, a sua feição modelar, nunca mais, se não atingida, excedida.

O poeta a mais de um respeito genial desdobra-se em Gonçalves Dias num dos prosadores mais selectos das nossas letras. Ás obras liricas junta simultaneamente com inspiração muito mais romantica que a de Magalhães e seus colaboradores, a dramatica. Em 1847 publica *D. Leonor de Mendonça*, drama original de assunto portuguez, em tres actos e cinco quadros. Antes, em 1843, compuzera o *Patkul*, no ano seguinte *Beatriz Cenci* e mais tarde

(1) Os dous primeiros citados foram publicados pelo poeta nos seus *Cantos*, edição de Leipzig, de 1857; os tres ultimos saíram nas suas *Obras Postumas*, dadas a lume com intelligente e carinhoso desvelo pelo seu amigo Dr. Antonio Henriques Leal (S. Luiz do Maranhão, 1868-1869, 4 vols.). Na biografia do poeta que o mesmo consciencioso editor publicou no 3.º vol. do seu *Panteon Maranhense* (Lisboa, 1873-1875, in-8.º gr., 4 vols.) reproduziu correcta e aumentada a excelente noticia da vida e obras do poeta de que lhe precedera as *Obras Postumas*. Foi-nos ella de grande prestimo neste estudo. Sem embargo de veniaes senões de composição (divagações e alongamentos escusados, por exemplo) são estas duas obras de Henriques Leal, um dos epigonos dessa bela geração maranhense, modelo unico em a nossa critica bibliografica e biografica, e creadores de muita estima.

(1860) *Boabdil*, todos só postumamente publicados. Não sabemos porque não foi nenhum destes dramas representado tendo aparecido o primeiro e sendo escritos os outros justamente na época em que nascia o teatro brasileiro, que eles teriam concorrido para enriquecer e ilustrar. Ainda do ponto de vista teatral, não é nenhum deles inferior aos de Magalhães e companheiros, e ao menos *Leonor de Mendonça* lhes é, como criação artística e merito literario, superior. Está este longe da intensa emoção e da alta e serena beleza do *Frei Luiz de Souza*, de Garrett, mas não lhe está tanto da sobriedade e formosa singeleza de estilo. Publicando-o, precedeu-o o autor de um prefacio em que, de parte os inevitaveis sacrificios á poetica do tempo, ha conceitos originaes e inteligentes da literatura dramatica e de seus meios de expressão. Mais que tudo, é interessante neste drama a interpretação do duvidoso caso historico que lhe fornecem o tema. Alem de original e psicologicamente verdadeira, é humana e dramatica. Segundo o poeta, determinaram-no sómente as condições do meio, «a fatalidade filha das circumstancias e que dimana dos nossos habitos e da nossa civilização», como ele chãmente explica, sem parecer dar maior importancia ao seu achado, que não era vulgar para a época. É pelo menos reparavel que fazendo teatro Gonçalves Dias, só o fizesse de assuntos estrangeiros. Podia-se acaso ver neste facto a clara consciencia que teria de que a nossa sociedade, a historica e a actual, difficilmente depararia ao poeta assuntos propicios á criação dramatica. Embora assim fosse, não é menos de notar-lhe a abstenção de assuntos nacionais, pois a grandeza do poeta consiste por muito em sobrepujar tais dificuldades. Quanto a trazer o indio para o teatro, como o trouxe para a poesia, parece andou acertadissimo, sem embargo do muito que ha de dramaticamente belo no *Y-juca-pirama*. Mas a estetica particular do genero desaconselha a invasão, ainda acompanhada de musica, do selvagem no teatro.

A obra puramente poetica de Gonçalves Dias sobrepujou em acabamento e merito a tudo o mais que escre-

veu, de modo a o velar e esconder mesmo á maioria dos seus admiradores. O seu brasileiro, que não era apenas manifestação do seu indianismo, mas lhe estava, para falar com o nosso povo, na massa do sangue, e lhe vinha do nascimento e criação em um meio genuinamente brasileiro e de influências da raça indigena na formação da sua psique, o fortificaram estudos da historia e etnografia nacional, nos quais revelou outras faces do seu talento e capacidade literaria: qualificações para tais estudos, aptidão critica, facilidade e pertinencia de exposição. As suas memorias sobre a existencia de amazonas no Brasil, sobre o descobrimento casual ou não deste e sobre as civilizações indigenas do paiz e da Oceania, como antes desde as suas *Reflexões* acerca dos *Anais* de Berredo, do mesmo passo que lhe comprovam não comum erudição destes assuntos, documentam no poeta não vulgar versatilidade de talento (1).

A estes diversos escritos, e até alguns de character administrativo e official, colaboração em revistas e jornais, ensaios apenas encetados, folhetins, cumpre juntar como prova da actividade mental do poeta e gosto e vocação dos estudos brasileiros, o *Dicionario da lingua tupi* (Leipzig, 1858) e o *Vocabulario da lingua geral... usada no Alto Amazonas* (*Rev. do Inst.*, xvii). Todas estas obras em prosa de Gonçalves Dias, ainda as que não são de natureza literaria, distinguem-se pela linguagem e estilo mais cuidados do que era aqui comum, salvo nos seus provincianos. São por isso das que ainda podemos ler com facilidade e prazer. Não só por qualidades de pensamento, de imaginação e de sentimento, senão pelas de expressão, é Gonçalves Dias um dos nossos classicos, ou por outra um daquelles pouco numerosos escritores brasileiros que

(1) Encontram-se estes escritos na *Rev. do Inst. Hist.*, xviii e xxx. Foram depois reproduzidos nas cit. *Obras Postumas*, publicadas por A. H. Leal e ultimamente reeditadas, como grosseira especulação de livraria, em descuidada edição, pela casa Garnier do Rio de Janeiro.

o sendo pelas intimas qualidades de que procede um estilo, escrevem certa, fluente e elegantemente. Ainda como escritor portuguez, um ou outro deslize (1) não o desabona de vernaculo. E o é com mais naturalidade, menos intencionalmente e de estudo do que os seus camaradas do grupo Odorico Mendes, Sotero dos Reis e João Lisboa.

Ensaïou tambem Gonçalves Dias o romance, e quasi foi ele, antes de Teixeira e Souza, o seu inventor aqui. Ainda em Coimbra, por 1841 ou 42, escreveu um a que deu o titulo realista de *Memorias de Agapito Goiaba*, do qual appareceram fragmentos no Maranhão em 1846. Era um livro de memorias e recordações pessoais trasvestidas e idealizadas, á moda da *Nova Heloisa*, e só por isso seria certamente curioso. Apesar deste exemplo illustre, se não estava ainda na despudorada literatura pessoal cujo criador foi exactamente Rousseau. Á delicadeza de Gonçalves Dias repugnou publical-o e o destruiu mais tarde. Pelo que dessa tentativa nos resta, presumimos que alem do sainete das reminiscencias e confidencias disfarçadas num romance vivido, teria este sobre os dos criadores do genero aqui, aquilo que totalmente lhes faltou, virtudes de composição e de expressão. É, porem, como poeta o maior e o mais completo que o Brasil criou, e o que lhe é mais afin, que Gonçalves Dias vive e viverá na nossa literatura, da qual é uma das figuras mais eminentes, se não a mais eminente. Vive e viverá tambem pela sua influencia, que foi consideravel e legitima e não cessou ainda de todo, e que porventura reviverá quando, passado este momento de exotismo desvairado e incoerente, volvermos á mesma

(1) Por exemplo, *prejuizo* por preconceito, o galicismo *rebute*, o verbo *haver* pluralizado na significação de existir, abuso de dous infinitos pessoais muito proximos, uma ou outra colocação á brasileira dos pronomes, e pouco mais, que todos os maiores se encontram em bons classicos portuguezes (inclusivê o ultimo em Antonio Vieira, *Cartas*, edição Seabra e Antunes, I, 37).

fonte donde dimana o nosso sentimento, não indigena e nativista, mas social e humano.

O Grupo Maranhense

Os comprovincianos e admiradores de Gonçalves Dias levantaram-lhe em S. Luiz uma estatua. De sobre o airoso fuste de uma palmeira de marmore, eleva-se a sua debil e melancolica figura de romantico. Em cada face do plinto onde assenta a planta que o poeta fez, com o canoro sabiá, simbolo da terra brasileira, destacam-se em relevo os medalhões de illustres conterraneos e camaradas do poeta: João Lisboa (1812-1863), Odorico Mendes (1799-1864), Sotero dos Reis (1800-1871), Gomes de Souza. A idéa feliz da associação destes nomes na justa homenagem que ao maximo de seus filhos prestava a sua terra natal, comemora a coexistencia simultanea nesse mesmo torrão brasileiro de um grupo de intellectuais, como ora dizemos, que por mal dela e nosso jamais se repetiria. Console-se o Maranhão, tambem á Atenas, que lhe deram por antonomastico, nunca jamais lhe voltou o tempo de Pericles.

Conquistado pelos portuguezes aos francezes em antes de passados tres lustros do seculo xvii, era desde 1624 o Maranhão constituido em Estado, separado do Brasil, augmentado do Grão Pará, do Piauí e do Ceará. Como o Brasil, teve o seu governador particular, geralmente fidalgo de boa linhagem, sua legislação e administração privativa. A posição geografica aproximava-o mais da metropole que o Brasil, tornando-lhe as comunicações com ela mais prontas. Não seria pouco motivo para lhe atrair a imigração que se não desenraiza de todo da patria e que é talvez, como qualidade de gente, a melhor. Nota o insigne historiador maranhense que o Maranhão recebeu menos degradados que o Brasil (1). Desde 1655, como galardão dos

(1) João Lisboa, *Obras*, III, 120.

seus serviços na expulsão dos holandezes, foram pelo rei concedidos aos «cidadãos» de S. Luiz (e de Belem do Grão Pará) os privilégios dos do Porto. «Qualquer que fosse, pondera o mesmo historiador, a importancia destes privilegios, todos (os moradores) faziam muito empenho em alcançal-os, e nesta materia, como em tudo o mais, se introduziram pouco a pouco graves abusos. Soldados, criados de servir, mercadores degradados, cristãos novos; uns simplesmente inabéis, outros até infames pela lei, achavam maneira de introduzir os seus nomes nos pelouros, obtendo assim por uma parte as qualificações de nobreza e o exercicio dos cargos da governança, e por outro a isenção do serviço militar na infantaria paga, e nas ordenanças» (1). Desde os seus começos, foi o Maranhão paiz agricola, de cultura de generos da terra e mais de algodão. Nesta cultura, tambem desde os seus principios, empregou numerosa escravaria negra e indigena. A grande propriedade agricola, mórmente quando baseada no trabalho escravo, sempre e por toda a parte criou presunções ou fumos de fidalguia, vida ou aparencias de grandeza. Exceptuado talvez Pernambuco, foi o Maranhão, em todo o Norte do Brasil, o lugar de mais numerosa escravatura negra, e pela mesma situação de trabalhadores agricolas onde esta mais maltratada e desprezível se achou. Por motivo ainda daquela real ou supositiva prosapia, foi ali mais vivo do que sofa ser no resto do paiz o preconceito de côr. Mais porventura do que em outra parte do Brasil se conservou estreme acolá a branca, predominando na sua capital até a Independencia, e querendo predominar ainda depois dela, o elemento portuguez. Talvez sejam estes os motivos do so taque maranhense aproximar-se mais do que nenhum outro brasileiro do portuguez, o que explicaria tambem, sabida a influencia da fonetica na sintaxe, que ali se tenha falado e escrito melhor do que algures. Porque são os es-

(1) Obra cit., 114.

critores maranhenses os que menos praticam a colocação brasileira dos pronomes pessoais obliquos, senão porque a sua pronuncia se avizinha mais da de Portugal? Não se pode mais duvidar que este facto linguistico é em suma produzido por um fenomeno prosodico (1).

O Maranhão foi no Brasil um dos bons centros da cultura jesuitica, toda ela particularmente literaria. Ali viveu alguns anos da sua vida, prégou varios dos seus sermões, escreveu muitas* de suas cartas, participou das suas lutas e contendias o padre Antonio Vieira. Que desde o seculo xvii havia em S. Luiz poetas, embora nenhum nome tenha chegado até nós, mostra-o o facto da existencia de devassas contra os *homens versistas*, autores de satiras contra os governantes (2). Bequimão, o cabeça dos motins de 1684, possuia e lia livros de historia de revoluções. Mais de um dos fidalgos portuguezes que governaram o Maranhão, alem de Berredo, o autor dos seus *Anais*, era homem culto e ainda de letras; e de outros funcionarios coloniais portuguezes como Guedes Aranha, Henriarte, ha documentos preciosos do que chamo neste livro literatura de informação. Fosse qual fosse a constituição da sociedade maranhense nos tempos coloniais, tivesse ela no extremo norte a primazia da prosapia, da riqueza ou da cultura, e demais um sentimento civico mais apurado pelas suas lutas com o estrangeiro invasor, ou brigas intestinas que muitas foram e que, bem como aquelas, poderiam concorrer para lhes aguçar o entendimento, o certo é que nesse periodo não concorreu o Maranhão sequer com um nome para engrossar o nosso cabedal literario. Não ha

(1) Sobre esta questão por tanta maneira discutida lançaram muita luz, porventura definitiva, os trabalhos do nosso sciente e judicioso filologo, sr. Said. Ali, *A colocação dos pronomes pessoais na linguagem corrente* nas *Dificuldades da lingua portugueza*, Laemmert & C.^a, Rio de Janeiro, 1908, e *Questões de portuguez na Revista Americana*, Rio de Janeiro, janeiro e abril de 1911.

(2) João Lisboa, obra cit., 173.

com efeito um só maranhense entre os escritores brasileiros do período colonial.

Entretanto, mal acabado este, estreiam os maranhenses em a nossa literatura e da maneira mais brilhante. Efeito demorado daqueles antecedentes ou simples acaso, isto é, evento, fortuito, cujas causas não podemos deslindar? Antes de ter imprensa, teve o Maranhão, em 1821, um jornal manuscrito, como os faziam os rapazes nos internatos, o qual, em copias tão numerosas quanto possível, corria a capital. Ainda nesse ano passou a folha manuscrita a impressa, sob o mesmo título de *Conciliador Maranhense*, que revê o generoso intuito de empecer as demasias da agitação nacionalista, já bem começada, contra os reinos. A partir daí multiplicam-se os jornais na provincia. Desde 1825 aparecem como publicistas, á frente de jornais, dous daquele grupo de intelectuais, Odorico Mendes e Sotero dos Reis. Outro, quiçá o maior dos quatro, João Francisco Lisboa, é jornalista desde 1832 e o será, com intermitencias e sem fazer disso estado, pelo resto da vida. Desde o principio foi escritor mais zeloso do seu estilo do que costumam ou podem ser jornalistas. Com a *Revista* aparecida em 1840, inicia Sotero dos Reis o jornalismo literario na sua provincia. Era uma «folha politica e literaria» não só pela declaração do seu subtítulo, mas pela sua materia e linguagem. «Quando se lhe deparava ensejo, não deixava passar uma obra literaria de cunho sem dar dela noticia, assinalando-lhe as belezas e reproduzindo trechos de originaes brasileiros ou portuguezes ou traduzindo-os das que eram em lingua estranha» (1). O jornalismo destes homens de letras, talvez nele deslocados, era doutrinal, de alto tom e boa lingua.

Quaisquer que tenham sido as suas determinantes, existia já na epoca da Independencia o gosto literario no Maranhão. Prova-o o apuro com que ali se estudava e escre-

(1) Henriques Leal, *Panteon Maranhense*, cit., I, 146.

via a lingua nacional em contraste com o desleixo com que era tratada no resto do Brasil e a parte que ali se dava no mesmo jornalismo politico á literatura. Provam-nos mais outros factos. Em 1845, uma sociedade literaria, composta de nomes não de todo obscuros nas nossas letras, funda um *Jornal de instrução e recreio*, que, alem de versar assuntos didaticos e pedagogicos, «era revista de literatura amena». Outro grupo de homens de estudo e letras, no qual se encontram alguns do primeiro, fundou no ano seguinte uma *Sociedade Filomatica*, a qual tambem publicou uma *Revista* e iniciou, antes de ninguem mais no Brasil, as conferencias literarias. Caso talvez mais notavel, desde 1847 tinha o Maranhão uma imprensa capaz de imprimir com decencia que lhe podia invejar a Côrte, obras volumosas como os *Anais* de Berredo. Nessa officina aprendeu Belarmino de Matos, talvez o melhor impressor que já teve o Brasil, e dela saiu para montar uma propria, onde nitidamente imprimiu bom numero de obras, com acabamento então unico e ainda hoje raro excedido. Não é menor testemunho deste pendor maranhense a possibilidade ali de livros como os de Sotero dos Reis e de publicações como o *Jornal de Timon*.

Neste ambiente, por qualquer motivo, que nos escapa, literario, apareceu a bela progenie de jornalistas, poetas, historiadores, criticos, eruditos, sabedores que desde o momento da Independencia até os anos de 1860, isto é, durante cerca de quarenta, ilustraram o Maranhão e lhe mereceram a alcunha gloriosa de Atenas brasileira. Benemeritos de mais demorada atenção e maior apreço pela sua importancia literaria e parte em a nossa literatura, são os já mencionados.

Manoel Odorico Mendes, nascido em S. Luiz em 1799 e falecido em Londres em 1864, é porventura o mais acabado humanista que já tivemos. A sciencia das linguas classicas, e da sua filologia e literatura, de que deixou prova cabal e duas versões fidelissimas, embora de custosa leitura, de Virgilio e de Homero, juntava estro poetico

original, se bem que escasso. Foi também um erudito de cousas literarias castiças e exóticas. Coube-lhe reivindicar definitivamente para Portugal a composição original do *Palmeirim de Inglaterra*, pretendida pela Espanha, já com assentimento de erudição portugueza (1). Mas sobretudo foi um tradutor insigne, se não pela eloquencia e fluencia, pela fidelidade e concisão verdadeiramente assombrosa, dada a diferente indole das linguas, com que trasladou para o portuguez os dous maximos poetas da antiguidade classica, não raras vezes aliás emulando-os em beleza e vigor de expressão. Também traduziu *Merope* (1831) e o *Tancredo* (1839), de Voltaire. Assevera o classico D. Francisco Manoel de Melo que «no pecado de traduções não costumam cair senão homens de pouco engenho». Que não era grande o de Odorico Mendes parece mostral-o o facto de não nos haver ele deixado, benemerito de citação e leitura, mais que um poema original, ele que tanto trabalhou e produziu em traduções. Esse poema é o *Hino á tarde*. Escrito em Portugal e publicado pela primeira vez na *Minerva Brasiliense*, em 1844, mesclam-se nesta composição o classico e o romantico, uma inspiração ainda arcadica e européa e sentimentos brasileiros e estilo moderno. É, nada obstante, um dos melhores produtos poeticos do tempo e merece ainda estimado. Já porventura denuncia Gonçalves Dias pelo tom sentimental do seu lirismo mais subjectivo que o de Magalhães.

Francisco Sotero dos Reis, um ano mais moço que Odorico Mendes, mas seu condiscipulo de humanidades, sem ter tão completa cultura classica deste, o sobrelevou pela maior amplitude e originalidade de sua obra. Principiou como Odorico Mendes e João Lisboa por jornalista politico, conforme era necessario em epoca em que todo o brasileiro de alguma instrução e capacidade de expressão

(1) *Opusculo acerca do «Palmerim de Inglaterra» e do seu autor*. Lisboa, 1860, 8.º, 79 pags.

era solicitado, se não constringido pelas circumstancias, a dizer da cousa publica e a tomar parte na refrega politica. Jornalista com letras e professor delas, foi-lhe facil a transição para autor de livros, principalmente didaticos, *Postillas de gramatica geral applicada á lingua portugueza pela analyse dos classicos* (1862). *Gramatica portugueza* (1866). Tradução dos *Comentarios* de Cezar (1863), e finalmente o *Curso de literatura portugueza e brasileira* (1866-1868, 8.º gr., 4 vols.). Não obstante ainda didatico e composto para uso dos seus discipulos do Instituto de humanidades, onde lecionava a materia, é por este livro que Sotero dos Reis pertence á literatura e particularmente á historia da nossa.

Á critica de Sotero dos Reis, não obstante informadissima e alumiada por uma boa cultura literaria classica e moderna, falta porventura, com um mais justo criterio filosofico ou estetico, a necessaria isenção de preconceitos escolasticos e patrioticos. Deriva por muito ainda das regras e processos quintilianescos e da critica portugueza de origem academica. Não esconde ou sequer disfarça o seu empenho em engrandecer o nosso valor literario, aumentando o dos autores por eles estudado, muito alem da medida permitida. Equiparar, por exemplo, o Marquez de Maricá a La Rochefaucault é um despropósito que por si só bastaria para desqualificar a capacidade critica e a intelligencia literaria de Sotero dos Reis, se a sua obra não desmentisse este conceito. Como quer que seja, o *Curso de literatura*, de Sotero dos Reis, é, no seu genero, com a *Historia do Brazil*, de Varnhagen, e o *Jornal de Timon*, de João Lisboa, uma das obras capitais da fase romantica.

João Francisco Lisboa, nascido no Itapicurú mirim, no Maranhão, em 1812, e falecido em Lisboa, em 1863, é das mais singulares figuras da nossa literatura. Com grande aproveitamento estudou as poucas letras que era possivel aprender na capital de sua provincia, tendo por mestre de latim e latinidade o seu futuro emulo e rival Sotero dos Reis, treze anos mais velho do que ele. Fez-se homem

quando os acontecimentos do 7 de abril de 1831, alvoroçando o paiz, provocaram em todo ele as lutas e conflitos, não raro mais que de opiniões e de imprensa, entre brasileiros e portugueses ou *caramurús*, conforme a alcunha que lhes davam os nossos. Estreou nas letras como jornalista politico com o *Brasileiro*, titulo que na epoca era um programa, em meados de 1832. Já havia então na capital da provincia quatro jornais «todos quatro muito exagerados e descomedidos na linguagem e desarrazoados nas doutrinas» (1).

Os trechos desse jornal, reproduzidos na biografia de Lisboa pelo autor do *Panteon Maranhense*, testemunham já no novel jornalista de vinte anos o reflexivo pensador, e disserto e vernaculo escritor do futuro *Jornal de Timon*. Como aos homens de verdadeiro talento literario e alta compostura moral, a politica em que entrara como jornalista e com legitimas ambições de republico, não quiz a João Lisboa. Ele despicou-se-lhe da recusa auspiciosa consagrando-se ás letras. Mas no literato sentir-se-ha sempre o republico malogrado que, sem amesquinhar-se em recriminações, se desforra com humor e ironia do desdem ou da boçalidade do povo soberano e dos seus dignos directores. Na politica e no jornalismo fôra sempre um liberal, no mais alto e melhor sentido da palavra, mais adiantado e desabusado até que o comum dos liberaes do seu tempo. Também o foi em literatura romanticamente, apesar da gravidade do seu feitio mental, sem temor do sentimentalismo, como quem sabia que, razoado, é ainda o sentimento o melhor estimulo da intelligencia e da acção humana. Antes de conhecer pessoalmente a Herculano, e do seu comercio com o maior dos portuguezes contemporaneos, já tinha João Lisboa no pensamento e na escrita o estilo em que

(1) Leal, obr. cit., iv, 14. Deste excelente livro do derradeiro representante do grupo maranhense e seu Plutarco são estas e outras informações sobre os seus comprovincianos.

se tem querido enxergar a influencia do grande escritor portuguez. O feitio e isenção do seu character deu-lhe a forma terça, limpida, em que juntou com discernimento e garbo o casticismo portuguez aos naturais influxos do brasileiro. É menos purista do que Sotero dos Reis e Odorico Mendes, que aliás tambem, em rigor, não o são. Põe muitas vezes os pronomes á brasileira, porque lhe soariam melhor e ainda se não havia inventado a cerebrina teoria de fazer de um uso geral a constante de doutos e indoutos da nossa terra, erro crasso da lingua. Não refoge de todo ao neologismo pertinente nem recua ao estrangeirismo expressivo e necessario. Encontra-se-lhe por acaso uma ou outra impropriedade ou sacrificio ao uso comum. Estes senões, se é certo que o sejam, e em todo caso raros, não lhe chegam a macular a escrita ou sequer a lhe empanarem a geral formosura. Tais e maiores se nos deparam nos melhores dos chamados classicos da lingua. Esta é nele portugueza de lei pela correcção gramatical e mais pelo torneio da frase, indole, numero e propriedades do vocabulario, sem indiscretas escavações arcaicas e apenas com uma ou outra affectação impertinente de classicismo. Com alumiado entendimento leu e meditou os classicos, o que não era costume aqui, e se lhes apropriou da lingua, com exacta intelligencia da sua evolução e fino tacto de escritor de raça.

A sua obra principal, começada a publicar em 1852, é o *Jornal de Timon*, obra sem precedentes na nossa lingua e uma das mais originais da nossa literatura. No pensamento do autor devia o *Jornal de Timon* ser uma especie de revista dos «costumes do tempo» vistos atravez do seu temperamento, cuja austeridade lhe valia dos seus concidadãos o apodo de misantropo ou mais vulgarmente casmurro, e descritos e comentados com o seu natural humor e veia literaria. Dá-se antes como «amigo contristado e abatido» do que presenciava, que como «inimigo cheio de fel e desabrimento». O «seu fim primario», porem, ficaria «sendo sempre a pintura dos costumes politicos». Mas

como na nossa terra, segundo observa perspicazmente, «a vida e actividade dos partidos se concentra principalmente nas eleições, transformando assim um simples meio, em principio e fim, de todos os seus actos, as scenas eleitorais descritas sob todas as suas relações e pontos de vista imaginaveis» lhe occuparam grande parte do *Jornal*. De facto este se veiu a dividir em tres partes, a primeira sobre as eleições nos tempos anteriores ao nosso, a segunda sobre partidos e eleições no Maranhão, e a terceira e ultima relativa á historia desta provincia e por extensão á do Brasil. Sem muita regularidade appareceu o *Jornal de Timon* de 1852 a 1858, sendo recebido no paiz, não obstante o seu tom praguento, com merecida estimação e grandes louvores. Chegou esse apreço á negação epigramatica de que fosse obra de brasileiro (1).

A primeira parte é um bom estudo historico, em estilo ameno e humoristico, feito não sobre expositores de segunda mão, mas das mesmas fontes originaes, das eleições nos tempos antigos medios e modernos, não só com a sciencia dos documentos, mas com a intuição e sentimento da vida publica dessas epochas. O estilo é o mais adequado ao genero de que era o autor o criador aqui, natural, prazenteiro, bem humorado e ironico. São as mesmas, com maior personalidade, mais ironia, até mais acrimonia que ás vezes chega ao sarcasmo, as qualidades de estilo da segunda parte. Esta modificação de tom lh'a impunha o proprio assunto, por mais de perto lhe importar. Vibram-lhe na pena por mais que o contenha o seu bom gosto e natural compostura, e lh'as disfarce a ironia, as paixões que lhe agitaram a mocidade e não estavam de todo extintas

(1) No elogioso artigo que lhe consagrou Francisco Octaviano, um dos oraculos literarios da epocha, no *Correio Mercantil*, conta que um dos seus colegas «de mais espirito», conversando em um grupo de jornalistas na Camara dos Deputados, duvidava que esse livro fosse brasileiro. V. Innocencio. *Dic. bibliog.*, x, 260.

nem na sua alma, nem na sociedade que lh'a formara. Por isso é talvez essa parte a sua obra não só mais original, porem, do puro aspecto literario, mais curiosa e mais viva. Comquanto aplicada no Maranhão, fez João Lisboa nela um comentario perpetuo do que é entre nós a vida politica, cifrada como ele argutamente reconheceu, nas lutas dos partidos e nas brigas eleitorais. Tem o seu opusculo o sinal das obras que por virtudes de pensamento e de forma não envelhecem e ficam contemporaneas de todas as eras. Refere o seu citado minudencioso e fidedigno biografo que, horrorizado da escravidão (a qual na sua terra, justamente mais do que em outras do Norte, apresentava mais execrando aspecto), começou João Lisboa a escrever um livro, meio historia, meio romance, da escravidão no Brasil, como propaganda contra ela. Foi isto nas vespersas de 1850 ou á entrada desse decenio. Em todo caso antes do *Jornal de Timon*. O aparecimento da *Senzala do pai Tomé*, como castiçamente vertia o *Uncle Tom's Cabin*, de Beecher Stowe, onde parece achou semelhanças com o seu principiado trabalho, fizeram-no desistir de continual-o. Havia, entretanto, em João Lisboa um romancista, e esta intenção prova que ele proprio o sentia. Provam-no, porem, melhor *As eleições e os partidos no Maranhão*, ruim titulo de uma excelente porção do *Jornal de Timon*, onde ha scenas, dialogos, invenções, descrições, criações de tipos, figuras e situações fartamente reveladores de que não carecia João Lisboa, antes as tinha em grau relevante, das qualidades de imaginação, sem falar nas de expressão, de um bom romancista. As duas primeiras partes do mesmo *Jornal*, revelam em João Lisboa um pensador politico e um moralista, no sentido literario dado hoje a este vocabulo, como não temos talvez outro. Os seus *Apontamentos, noticias e observações para servirem á historia do Maranhão*, que constituem a terceira porção da obra, confirmando-lhe as qualidades literarias, descobrem-lhe peregrinos dotes de investigador, de erudito e de critico, e fazem lastimar que como historiador não nos deixasse mais que essa curta obra fragmen-

taria e a *Vida do padre Antonio Vieira*. Á historia do Brasil, como ela vinha sendo feita aqui, até, se não mórmente, pelo mesmo Varnhagen, historia burocratica e official, ainda com o feitio de cronicas ou anais, sem imaginação, filosofia ou estilo, desanimada e tediosa, dava João Lisboa nova feição com a sua arte de fazer viver as personagens e os sucessos, aproveitando algum rasgo mais saliente deles com que os caracterizasse, descobrindo-lhes algum aspecto mais pitoresco ou lh'os engenhando com bom gosto e justo senso das cousas historicas. Mas sobretudo com um sentimento brasileiro mais intimo e perfeito que o de Varnhagen, muito maior sensibilidade artistica e capacidade literaria de expressão, e, tambem, compreendendo melhor do que nenhum dos seus predecessores os aspectos sociais e psicologicos da historia e a importancia do povo nela. Certos rasgos ou questões da nossa, como o respeitante aos indios, processos de colonização portugueza, feições e caracteres diversos da vida colonial, ninguem aqui ainda os encarara com igual compreensão da sua importancia, com tanta sagacidade e inteligencia como João Lisboa. Com alumiado entendimento viu a questão dos indios sem as aberrações realistas de Varnhagen, nem o sentimentalista romantico da epoca, sendo muito para notar em favor da sua inteligencia a isenção com que apreciou o indianismo, em seu tempo tão vigoroso, e lhe viu a falacia: «Esse falso patriotismo *caboclo*, especie de mania mais ou menos dominante, escreveu ele, leva-nos a formular quanto ao passado acusações injustas contra os nossos genuinos maiores; desperta no presente antipatias e animosidades, que a sã razão e uma politica ilustrada aconselham pelo contrario a apartar e adormecer; e ao passo que faz conceber esperanças infundadas e quimericas sobre uma reabilitação que seria perigosa, se não fôra impossivel, embaraça, retarda e impece os progressos da nossa patria, em grande parte dependente da imigração da raça empreendedora dos brancos, e da transfusão de um sangue mais activo e generoso, unico meio possivel já agora de reabili-

tação.» (1) Brasileiro de origem e nascimento, brasileiro pelas mais intimas fibras de sua alma e pelo mais profundo do seu sentimento, João Lisboa é um dos nossos primeiros europeus, pelas lucidas qualidades do seu claro genio, tento da civilização e desdem dos nossos parvinhos preconceitos nativistas e ainda patrioticos.

Não obstante carecer-lhe da ultima demão, é a *Vida do padre Antonio Vieira* ainda o que de melhor se escreveu sobre o famoso jesuita, com mais exacta intelligencia do homem e da sua obra de missionario e de politico, e de sua epoca. Não fôra algum exagero de liberalismo, é uma obra que se poderia dizer actual.

Nada adiantaria considerar João Lisboa sob outros aspectos do seu variado engenho. Em nenhum desmereceu, quer pela força ou destreza do pensamento, quer pelo vigor ou beleza da expressão. Mesmo como orador, que dizem fôra notavel, deixou no seu discurso sobre a amnistia magnifico testemunho de uma viril eloquencia e da mais bela, sobria e comovida linguagem oratoria. É incontestavelmente um dos escritores que mais ilustram a nossa literatura, dos poucos que hão de viver quando, na selecção que o tempo vai naturalmente fazendo, houverem desaparecido grande parte de nomes hontem e hoje mais celebrados que o seu.

Outros nomes, menos illustres, mais ainda estimaveis conta o grupo maranhense. São quasi todos, se não todos, produto manifesto da influencia destes, geração criada na sua admiração e pelo seu estimulo. Dos que têm o seu medalhão no pedestal da estatua de Gonçalves Dias, é Gomes de Souza o unico sem jus á historia da literatura. Gomes de Souza (Joaquim) é de 1829 a 1863. Os seus contemporaneos tiveram-no em conta de genio. Aos dezenove anos, já formado em medicina, foi nomeado, após brilhante con-

(1) *Jornal de Timon* em *Obras de João Francisco Lisboa*, cit., Maranhão, 1865, II, 271.

curso, professor da Escola mais tarde denominada Politécnica, e, parece, deu outras provas da sua extraordinária inteligência, rara capacidade de estudo e variedade de aptidões. Morrendo aos 34, não deixou mais que uma pequena obra fragmentaria de matemática e uma antologia de poemas líricos das principais línguas cultas. Foi apenas uma bela e porventura legítima esperança malograda, mas de facto sem importância literária.

Lisboa Serra (João Duarte, 1818-1855). Contemporâneo em Coimbra de Gonçalves Dias e seu amigo dedicadíssimo, a quem este deveu amparo quando se achou isolado e sem recursos em Portugal. Poetou com longos intervalos e parcamente, mas com bastante sentimento e correcção. Galvão de Carvalho (Trajano, 1830-1864). Andou sucessivamente a estudar por Portugal, S. Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, onde afinal se formou e ficou. Havia nele a massa de um bom, talvez excelente poeta, com muita sensibilidade e facilidade de expressão. Foi um dos primeiros que aqui cantou compassivamente o escravo. Cantou igualmente a paisagem, a vida campestre e cousas brasileiras, com sentimento e graça. Franco de Sá (Antonio Joaquim, 1836-1856). É poeta de grande sensibilidade e sinceridade de emoção e rara facilidade e singeleza de expressão, qualidades que a morte, colhendo-o aos vinte anos, lhe não deu tempo de cultivar.

Desvanece-se ainda o Maranhão com os nomes de Almeida Braga (Flavio Reimar), Celso de Magalhães, Marques Rodrigues, Dias Carneiro, Augusto Colin, Frederico Corrêa, Frei Custodio Ferrão, Vieira da Silva, Souza Andrade, Antonio Henriques Leal, homens de letras ou de saber, todos que com obras de vários géneros e mérito continuaram até perto de nós o movimento literário da sua provincia pelo grupo primitivo iniciado.

Este grupo é contemporâneo da primeira geração romântica toda ela de nascimento ou residência fluminense. O que o situa e distingue na nossa literatura e o sobreleva a essa mesma geração, é a sua mais clara inteligência lite-

raria, a sua maior largueza espiritual. Os maranhenses não teem os biocos devotos, a ostentação patriótica, a affectação moralizante do grupo fluminense, e geralmente escrevem melhor que estes.

CAPITULO XII

A segunda geração romantica. Os prosadores

Na prosa, um nome principalmente domina a fase literaria que das ultimas manifestações do primeiro romantismo vai ás primeiras do que, á falta de melhor nome, chamarei de naturalismo: José de Alencar. O seu aferro ao indianismo quando este já começava a ser anacronico, os estímulos e propositos nacionalistas da sua actividade literaria, a despeito da cronologia o poriam espiritualmente na primeira geração romantica se, por outro lado, as qualidades peculiares do seu engenho, estro e estilo não o separassem dela. É uma das principais figuras da nossa literatura e, com Magalhães e Gonçalves Dias, um dos seus fundadores. Mais talvez, porem, que pelo valor intrinseco de sua obra, em todo o caso grande, serviu-a com a sua vontade decisiva de fazel-a de todo independente da portugueza. Este proposito o arrastou, aliás, alem do racional e do justo, com as suas desarrazoadas opiniões e, o que é peor, a sua desavisada pratica, da lingua que deviamos escrever e do nosso direito de alterar a que nos herdaram os nossos fundadores. Apesar da obstinação que poz neste conceito, sobretudo depois que os escritores portuguezes lhe malsinaram o proposito nacionalista, e sem embargo de incorreições manifestas, algumas aliás voluntarias, foi José de Alencar o primeiro dos nossos romancistas a mostrar real talento literario e a escrever com elegancia. Afóra os prosadores maranhenses, escritores

entretanto de outros generos, é ele cronologicamente o primeiro que por virtudes de ideação e dons de expressão mereça plenamente o nome de escritor.

José Martiniano de Alencar, nascido no Ceará em 1 de maio de 1829 e falecido no Rio de Janeiro em 13 de dezembro de 1877, vinha de uma familia antiga e notavel pela comparticipação que naquela provincia, seu berço, tivera nos movimentos da Independencia, por amor da qual alguns dos seus sofreram perseguições, punições e até morte. Seu pai, o padre José Martiniano de Alencar, participou na revolta pernambucana de 1817, foi deputado ás Côrtes portuguezas e nelas se distinguiu pelo calor com que combateu pelo Brasil contra o pensamento portuguez da sua recolonização. Ao diante membro da Constituinte brasileira, foi um dos deportados por motivos politicos. Havia, pois, no filho, o escritor, uma herança de revolta, de independencia de Portugal e até de má vontade ao portuguez. Ele tambem foi politico, deputado da sua terra, ministro e conselheiro de Estado, figura conspicua num partido, o conservador. Pela natureza aristocratica do seu temperamento e do seu espirito, por tradição de familia, que, a despeito dos seus antecedentes revolucionarios, era, de partido, conservadora, foi José de Alencar, revolucionario em letras, conservador em politica. Num paiz novo como o Brasil, onde nenhuma tradição existia, e todos os institutos politicos eram de hontem e de emprestimo, nada de importante havia a conservar. As diferentes alcunhas dos partidos apenas cobriam e disfarçavam sentimentos, interesses ou até paixões pessoais ou de grupos, sem alguma correspondencia efectiva com principios necessarios e definidos. Como era um nervoso, um pessoal, esquivo á popularidade que, contradição muito humana, acaso no intimo ambicionava, chegava ás vezes, quiçá por influencia literaria dos escritores politicos inglezes, ao exagero do seu conservantismo. Assim foi adversario da emancipação dos escravos quando já não o era nenhum intelectual brasileiro. Politico conservador, mostrou-se todavia indocil á disciplina parti-

daria, pretendendo inconsideradamente manter a sua personalidade de encontro ás exigencias dessa disciplina. Fazendo-se um nome literario justamente glorioso, á sua nativa altivez, virtude dos timidos, como ele, e que nele escorregava para a misantropia, juntou-se a incoercivel vaidade do literato, tornando-o menos acomodativo na vida publica e mais distante na vida comum. Num meio como o nosso, mal educado, facil á camaradagem vulgar e avesso ás relações ceremoniosas, a sua attitude reservada, esquiva á familiaridade corriqueira do nosso viver, impediu-lhe de ser pessoalmente popular, como foi, por exemplo, Macedo, seu emulo e seu contraste. Desarrazoadamente doia-lhe, ao que parece, esta falta de popularidade, á qual aliás, honra lhe seja, nunca sacrificou a sua attitude. Tudo isto lhe serviu entretanto não só á formação da sua personalidade literaria, mas de estímulo a um labor que foi um dos mais fecundos das nossas letras. Nascido e criado no sertão, ainda então pouco menos que bravo, do Ceará, onde se não haveriam de todo desvanecido as memorias do antigo incola, tendo ainda sangue deste nas veias, sentindo portanto mais fortemente essa especie de brasileirismo caboclo que o Romantismo acoroçoára, participando da ogeriza de familia ao conquistador, explica-se que José de Alencar haja serodidamente se rendido ao indianismo, rejuvenescendo na sua inspiração e instaurando-o na prosa brasileira, quando ele se morria na poesia. Certo, são justamente da decada de 50 a 60 a *Confederação dos Tamoyos* e os *Timbiras*, as duas manifestações mais consideraveis do indianismo. Mas, vindo após as «poesias americanas» de Gonçalves Dias, eram apenas um caso de movimento adquirido. Os *Timbiras*, desde meados de 1847, estavam planejados e o seu primeiro canto escrito (1). Havendo Gonçalves Dias e outros seus companheiros de geração composto ficções em prosa, nenhuma fizera em cujo as-

(1) Antonio Henriques Leal, obr. cit., III, 89.

sunto o elemento fosse o indio, pois não vale a pena lembrar o mesquinho *Sumé*, de Varnhagen.

É esta a primeira distinção de José de Alencar, introduzir no romance brasileiro o indio e os seus accessorios, aproveitando-o ou em plena selvageria ou em commercio com o branco. Como o quer representar no seu ambiente exacto, ou que lhe parece exacto, é levado a fazer tambem, se não antes de mais ninguem, com talento que lhe assegura a primazia, o romance da natureza brasileira. Protraíndo-se nele, atravez de Chateaubriand, o sentimentalismo de Rousseau, exageradamente caroavel ao homem selvagem, fez este romance do indio e do seu meio com todo o idealismo indispensavel para o tornar simpatico. E fal-o de proposito por contrariar a imagem que dele nos deixam os cronistas e que os seus actuais remanescentes embrutecidos não desmentem (1). Nesse romance havia de ficar, pela sinceridade da inspiração e pela forma, a mais bela que até então se aqui escrevera, o mestre inexcedível.

Estreou em 1857 com uma obra-primã, que infelizmente não mais se repetiria em sua carreira literaria, o *Guarani*. Na literatura brasileira dá-se frequentemente o caso estranho de iniciarem-se os escritores com as suas melhores obras e estacionarem nelas, se delas não retrogradam. O facto passou-se com Alencar com o *Guarani*, com Macedo com a *Moreninha*, com Taunay com a *Inocencia*, com Raul Pompeia com o *Ateneu*, com o sr. Bilac com as suas primeiras *Poesias*, e se está acaso passando com o sr. Graça Aranha com o seu *Canaan*. As obras-primas, como já foi dito, fazem-nas tambem o tempo, e o tempo não faltou com esta sua virtude ao romance de Alencar. E legitimamente. Alem da imaginação criadora da invenção do drama, da sua urdidura e desenvolvimento, da traça dos episodios, da variedade e bem tecido das scenas,

(1) J. de Alencar, *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro, 1893, 47.

da invenção das figuras, da vida insuflada numa ficção de raiz falsíssima, a ponto de nol-a fazer verosímil e aceitavel, levava o *Guarani* tal vantagem de composição, de lingua e estilo a todos os romances até então aqui escritos que, sob este aspecto, pode dizer-se que criava o genero em a nossa literatura. É para a nossa ficção em prosa o que foram os *Primeiros Cantos* de Gonçalves Dias para a nossa poesia. E se em literatura a verdadeira e legitima prioridade não é a do tempo, senão a da qualidade e repercussão da obra, Alencar é o criador de um genero em que Teixeira e Souza e o mesmo Macedo haviam apenas sido os precusores, como quer que sejam ainda canhestros. A de todo falsa ou inverosímil fabulação, o desmedido idealismo, o demasiado romanesco, vicios da escola aqui, mas também efeitos de temperamento literario do autor, de tudo o salva o largo e belo sopro epico, que, casando-se perfeitamente com a inspiração lirica, quasi faz do *Guarani* o romance brasileiro por excelencia, o nosso epos. Como representação, por um idealista de raça, do choque em o nosso meio selvagem do conquistador e do indigena, da opposição dos dous e dos sentimentos que encarnavam, e mais da vitoria da graça da civilização sobre a selvageria, como o romance brasileiro de intenção, de assunto, de scenario e mais que tudo de sentimento, ficaria o *Guarani* como um livro sem segundo na obra de Alencar e talvez em a nossa literatura.

A inclinação dos romanticos aos estudos historicos foi uma, e talvez a melhor das manifestações do sentimento patriotico que aqui se gerou da Independencia. Deu-lhe corpo, estimulou-a, favoreceu-a a criação do Instituto Historico, onde se procurou assidua e zelosamente estudar a nossa historia, menos talvez por curiosidade e amor de sabel-a que por, mediante ela, justificar e exaltar aquele sentimento. O melhor fruto desse bom trabalho de pesquisa das nossas origens e da nossa vida colonial foi a *Historia Geral do Brasil*, de Varnhagen, de 1857. Nesta rebusca dos seus titulos historicos, da sua genealogia na-

cional e principalmente de quanto neles pudesse legitimarlhes o orgulho ou as aspirações patrióticas, é natural que as imaginações se alvorçassem na ambição de idealizar o nosso passado. Tanto mais que se estava em plena voga do romance historico, de que a literatura da nossa lingua possuia já alguns modelos então estimadissimos. Criando o romance brasileiro, Teixeira e Souza, sem lhe ser estorvo a pouquidade do seu engenho e da sua cultura, ensaiou tambem o romance historico nas *Fatalidades de dous jovens*, «recordações dos tempos coloniais». Este mesmo subtítulo traziam as suas *Tardes de um pintor*. Macedo, que aliás se abonava de historiador, e fazia historia pitoresca, só muito tarde, em 1870, escreveu romance historico. O genero abundou aqui depois dos anos de 40. Cultivaram-no Pereira da Silva, Moreira de Azevedo e varios outros autores somenos. Pode dizer-se que foi uma das feições do nacionalismo dominante no periodo romantico este gosto pelo chamado romance historico.

Dele resultava tambem o *Guarani*, pois pela figura vagamente historica de D. Antonio de Mariz e representação de um aspecto da vida colonial, se podia presumir de historico. As *Minas de prata*, sete anos posteriores ao *Guarani*, continuam-lhe, com mais acentuada intenção de romance historico, o mesmo proposito de tomar o Brasil e aspectos brasileiros tradicionais, pitorescos ou sociais, como principal tema literario, acaso o unico convinavel a uma literatura verdadeiramente nacional. Este conceito parece ter sido, com algum exclusivismo, o de Alencar, de seus discipulos e admiradores e até de antagonistas seus, o que é o maior documento da impressão que ele fez no seu meio. É, entretanto, errado. Certamente neste periodo de formação das nações americanas, carecedoras ainda de um real sentimento ou pensamento proprio, o que pode dar á sua literatura alguma diferença e sainete é a representação das feições pitorescas que lhes são peculiares. Nada obsta, porem, que tambem aquelas que lhes são comuns com outras sociedades mais antigas e já formadas,

como as europeias, possam ter o interesse literario, e que não haja na alma elementar destes povos primarios aspectos dignos de atenção da literatura. Ha sempre num povo alguma coisa de intimo que lhe é proprio, como no individuo algo recondito e importante que o distingue. Ao **escriptor** cabe descobri-lo e revelal-o e á literatura represental-o em suas relações morais e sociais.

Sabemos as sugestões de Chateaubriand, de Walter Scott, de Cooper, a que Alencar, como todos os autores de romances americanos de intenção historica, obedecia. A critica que mais tarde procurou diminuir Alencar contrapondo-lhe este e outros predecessores, nomeadamente o primeiro, criador do indianismo na mais moderna ficção americana em prosa, foi de todo ininteligente, acaso por ser de todo malevola. Muito embora seguindo trilhas já por outros abertas, José de Alencar o fez com sentimento diferente e proprio, inspiração pessoal e individualidade e engenho bastantes para assegurar-lhe, do ponto de vista da historia da nossa literatura, creditos de original. *Iracema* (1865), *Ubirajara*, chamados pelo autor de «lendas tupis» são dous romances poeticos; a mais de um respeito dous poemas em prosa. E só como tal aceitaveis, pois apesar da candida presunção contraria do autor, não é possivel maior contrafacção da vida, costumes, indole e linguagem do indio brasileiro, nem mais extravagante sentimento do que é o selvagem em geral e do que era particularmente o nosso. Porfiam nestes dous romances as mais disparatadas imaginações com as mais fragantes inverosimilhanças etnologicas, historicas e morais. Imitados por escritores somenos, que não tinham a sincera inspiração de Alencar nem o seu engenho, foram estes os unicos que dessa literatura ficaram. Mais que a intenção nacionalista ou o preconceito indiano, já periclitante á publicação do ultimo, deixaram-se os leitores tocar pela falaciosa mas sedutora poesia que neles havia, e que ainda não passou de todo.

Como a da maioria dos literatos brasileiros, a formação literaria de Alencar era, sobre deficiente, defeituosa. Se a

falta de uma educação literaria sistematica houvesse de ser motivo de espontaneidade e originalidade, raras literaturas poderiam mais que a nossa mostrar estas qualidades. Confessa José de Alencar, aliás em paginas bem insignificantes, que após estudos classicos mal feitos, como foram sempre os nossos dos chamados preparatorios, os livros que leu foram maus romances francezes, *Amanda e Oscar*, *Saint Clair das Ilhas*, *Celestina* e quejandos em ruins traduções portuguezas. Leu-os e os releu e, reconhece ele proprio, foi essa leitura que lhe influiu a imaginação, cuja herança atribue á mãe, para se fazer romancista. Mais tarde, já estudante de um curso superior, mas ainda entendendo mal o francez, leu no original e desordenadamente Balzac, Vigny, Dumas, alem de Chateaubriand e Victor Hugo. Daquelas primeiras leituras de romances romanescos traduzidos na intenção das damas sentimentais, lhe ficaria sempre o conceito — que foi aliás o de toda a nossa romantica até o naturalismo — que o romance é uma historia puramente sentimental, cujos lances devem pela idealização e romanesco nos afastar das feias realidades da vida e servir de divertimento e ensino. É uma historia principalmente escrita em vista das senhoras. O romanesco, frequentemente de uma invenção pueril e de uma sentimentalidade que friza á pieguice, foi com Alencar, com Macedo, com Bernardo Guimarães e ainda com Taunay, sem falar em menores, a feição predominante — feição que nol-o torna hoje geralmente despreciando — do romance brasileiro até o naturalismo ou melhor até Machado de Assis, que ainda em antes deste se libertára desse vezo. Uma ou outra excepção, embora relevante, como a de Manoel de Almeida, e do mesmo Machado de Assis desde as suas primeiras novelas e contos, não foi bastante para alterar aquele tom muito no gosto do publico. Foi nele, ora mais ora menos acentuado, que Alencar escreveu as novelas e romances com que desde 1860 iniciára, em *Cinco Minutos*, o romance da nossa vida civilizada e mundana e ainda um vago esboço do que viria a chamar-se romance psicologico. Para este

romance faltavam-lhe porem dons de aguda observação que o genero presume e tambem acaso o gosto de as fazer, pelo que lhe deparariam de antipatico e até molesto ao seu idealismo. Só isto impediu de ser aqui o criador dessa forma. Simultaneamente, sem descontinuar fazia — é bem a expressão tratando-se deste idealista da gema — o romance da vida mestiça brasileira, do nosso meio provinciano ou sertanejo, com a sua paisagem, os seus moradores, os seus costumes, as suas actividades peculiares. No *Gaúcho* (1870), no *Tronco de Ipé* (1871), no *Til* (1875), no *Sertanejo* (1876), essa vida é recontada não conforme uma visão natural das cousas, mas segundo o conceito que já fôra confessadamente o do *Guarani*, «um ideal que o escritor intenta poetizar» e cuja pratica o arrasta, ccomo em todos eles, a frioleiras ou a monstruosidades de imaginação e de estetica. Não obsta que não haja tambem nesses livros a realidade superior que a mesma poesia cria.

A incapacidade de ficar na realidade média, que a ficção para nos interessar exige, e não só realidade de acção, mas de expressão e de emoção, impeceu Alencar de ser um melhor, mesmo um bom autor dramatico. Como tal estreou em 1857, no mesmo ano do *Guarani*, com o *Demonio Familiar*, que é porventura tambem a sua melhor obra de teatro. Realmente pouco falta a esta peça para ser, como comedia de costumes e representação de um dos precalços dos nossos de então, uma obra excelente e mal chega a ser uma peça de conta. Para o teatro, principalmente, levou Alencar as predisposições moralizantes que, sobre serem muito do gosto do nosso romantismo, exceptuados os poetas da segunda geração romantica, são da indole do genero. Todo o seu teatro as revela. Acentua deliberadamente as preocupações morais e didacticas com que nascera o nosso teatro, apenas em Martins Pena atenuadas pelo character de farça do seu e pelo que havia na sua veia de nativo e popular. O fito do teatro, segundo se lhe depreende da obra, deve ser a discussão dos problemas de ordem moral que interessam a sociedade contemporanea. Esta é aliás a con-

cepção do teatro posterior ao Romantismo, desde a dramaturgia burgueza dos francezes, mestres do genero, até a de Ibsen, Tolstoi ou Sudermann. As *Azas de um anjo*, representadas em 1858, exageravam este proposito moralizador até exceder os limites necessarios dos direitos da arte. Manifestamente inspirada das peças congeneres então no galarim *A Dama das Camélias* e as *Mulheres de Marmore*, com as quais o mesmo autor as compara, tem confrontadas com estas inferioridades e defeitos palmares. São os mais sainetes, a desconformidade com o meio, que certamente não comportava o drama (não sei porque o autor lhe chamou comedia) qual o concebeu e realizou o escritor, artificialidade dos processos, da composição, do estilo, tudo resultante daquela mesma desconformidade. Nem tem como aquelas peças, que evidentemente lhe serviram de estímulo e modelo, não só a arte consumada do dramaturgo, mas a, ainda mais relevante, do escritor. Custa a dizer, mas é a verdade: toda a filosofia teatral de Alencar, nesta como em suas outras peças, é uma colecção de logares comuns, não levantados infelizmente por excellencias de expressão. Não pode ser outro, penso, o nosso juizo de hoje, mas no seu tempo a obra dramatica de Alencar era aqui uma novidade de concepção e de estilo. Ao teatro de costumes de Pena e de Macedo traz José de Alencar o teatro de teses, de idéas, com propositos não só de moralista vulgar, mas de pensador e em summa com melhor estilo que aqueles. Se não tem o engenho comico dos dous e o dramatico do segundo, o sobrelevava a ambos em qualidades propriamente literarias. Compreende a obra teatral de Alencar sete peças, cinco comedias e dous dramas, sem falar numa comedia lirica ou libreto de opera, ao todo uns trinta actos que pelo menos provam nos autores do nosso teatro romantico maior imaginação e capacidade do genero do que tem mostrado os que lhe sucederam.

Dessas peças, a ultima que escreveu é fez representar foi o *Jesuita*, pelos anos de 70. Na sua obra dramatica não será talvez a melhor, mas é porventura a mais forte, a

mais trabalhada, aquela em que o autor deu mais de si, em que é mais evidente o seu esforço de fazer uma grande obra de teatro. Infelizmente assentou-a numa concepção do jesuita, se não falsa, contraria ao conceito comum desse tipo, e faltou-lhe engenho para vencer a nossa prevenção. Ha no entretanto no seu drama, mais talvez que em nenhuma outra das suas peças, qualidades estimaveis e ainda relevantes de simplicidade de meios, de expressão e de emoção. Afóra as suas praticas sistematicas no escrever a lingua, tem a sua, nesta, qualidades que lhes suprem e escondem os defeitos neste particular. O drama é bem feito, se bem a sua inspiração paradoxal — um jesuita precursor da independencia do Brasil — pareça de todo falsa. Ou ao autor faltou com que dar-lhe a verosimilhança que a ficção dramatica exige.

José de Alencar foi ainda critico, publicista, orador parlamentar e jurisconsulto. Da sua actividade como critico, principalmente exercida em breves artigos de jornais, só ficaram em livro as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos* (1856), mera censura impressionista, frequentemente desarrazoada, de inspiração demasiado pessoal, dos defeitos do poema de Gonçalves de Magalhães. É como publicista principalmente que Alencar se assinalou fóra do romance, e que mostrou, alem de vigor dialectico, brilho e elegancia de forma não comum no genero até ele. Estreou nele com as desde logo celebres *Cartas de Erasmo*, dirigidas anonimamente ao Imperador, cuja primeira edição é de 1865. Outras com a mesma epigrafe, o mesmo endereço, ou tambem escritas a outros destinatarios, como o povo e alguns proceres da politica, saíram ainda em 1866 e 68. Da primeira serie houve segunda edição, de Paris, no mesmo ano, e terceira do Rio de Janeiro, em 1866, o que indica a atenção e interesse que despertaram. Alem de opusculos de character politico ou de discussão de teses constitucionais, deixou um livro, *O sistema representativo*, sobre este assunto. Para orador não tinha figura, nem voz, nem porte, mas compensava com grande vantagem estas falhas, pe-

las qualidades literárias dos seus discursos, sciencia doutrinaria e notaveis recursos de ataque e defeza, ironia mordente e até acerado sarcasmo de que na tribuna era prodigo. Com isto conseguiu no seu tempo renome de orador parlamentar notavel, que os seus discursos publicados confirmam. A sua obra de juriconsulto, que os competentes ainda estimam, são, afóra alguns opusculos de advocacia, *A propriedade e Esboços juridicos*, ambas publicações postumas de 1883. Toda esta porção da sua actividade intellectual lhe verifica o engenho, poderoso e versatil, mas sob o puro aspecto literario, principalmente provado no romance, não teria bastado para lhe criar o nome que este lhe deu.

Como romancista, a sua produção oferece duas fases, das quais a segunda é, senão de declinio, de relativa inferioridade. Ele proprio parece o haver sentido quando, desde 1870, trocou o seu nome já illustre pelo pseudonimo de *Senio*, declarando-se velho da velhice não do corpo, feitura dos anos, mas da alma, gerada das desilusões. «Ha duas velhices — escrevia tristemente á frente do *Gaúcho*, publicado aquelle ano — : a do corpo, que trazem os anos, e a da alma, que deixam as desilusões. Aqui onde a opinião é terra safara e o mormaço da corrupção vai crestando todos os estímulos nobres, aqui a alma envelhece depressa. Ainda bem! A solidão moral dessa velhice precoce é um refugio contra a idolatria de Moloch.» Tinha apenas quarenta e um anos quem estas desenganadas palavras escrevia. As desilusões lh'as dera a politica, criando-lhe ambições que lhe não deixou satisfazer. Artista nervoso e nimiamente susceptivel, um sensitivo, alma de impressionabilidade doentia, não soube Alencar sofrer com isenção e superioridade o malogro das suas ambições politicas, mais quando vinha acompanhado da negação dos seus talentos literarios e da sua obra, em arremetidas açuladas pelos mesmos com quem o seu temperamento irritadiço, quiçá vaidade de intellectual que se não dissimulava bastante, o tinham politicamente incompatibilizado. Com a recusa do Imperador de

o escolher senador na lista sextupla em que tinha o primeiro lugar, recusa inspirada num alto sentimento de moral publica, pois Alencar era ministro na ocasião do pleito, com a sua desavença com os seus correligionarios, coincidia a guerra já aludida que ao literato fizeram Franklin Tavora e José de Castilho e outros, seguindo-se-lhe os primeiros ataques da critica (Joaquim Nabuco, Silvio Romero), aos quais se mostrou mais que de razão sensível. E ele que em opusculos politicos, nomeadamente nas *Cartas de Erasmo*, a sua principal obra de publicista, se mostrava um devotado imperialista e havia feito, com a apologia do Imperador, a defeza do poder pessoal, que lhe arguiam, e até preconizado o uso deste poder, agora, por uma reviravolta vulgar nos nossos temperamentos de impulsivos, attribuindo ao monarca todos os seus dissabores, encheu-se de odio contra ele, desdisse-se e contradisse-se, em demasia entregue a este abalo moral. Como quer que seja o melhor da sua obra literaria, é justamente a anterior a este periodo, o *Guarani*, as *Minas de prata*, as novelas de 1860, *Luciola*, *Diva*, *Iracema*. Ha nas que veem após aquela crise um gosto malsão do extravagante, mesmo do monstruoso, uma affectação do desengano e de desilusão, que lhe revê a chaga da alma mal ferida. O *Gaúcho*, *Til*, a *Pata da gazela* e ainda o *Tronco de Ipé* são disso documento. E voltando ao romance historico, de que dera em *Minas de prata* o nosso mais perfeito exemplar, descai na satira propositada e, o que é peor, feita sem talento nem finura. A *Guerra dos Mascates* (1871), onde, com o Imperador, quasi sem disfarce encarnado no governador de Pernambuco, figuram alguns magnates da politica grossamente caracterizados e outros contemporaneos de algum destaque, é antes um panfleto que um romance historico. E como obra d'arte é a todos os respeitos inferior, sem que a execução lhe desculpe a má sortida inspiração.

A obra propriamente literaria de Alencar, romance e teatro, fundamento do seu renome, é, a despeito das restrições que se lhe possam fazer, valiosa. Mas só as suas

virtudes estéticas não lhe assegurariam a proeminência que nas nossas letras ele tem, não fôra a sua importância e significação na historia da nossa literatura. A vontade persistente de promover a literatura nacional, o esforço que nisto empenhou, a mesma copia e variedade desta obra, mais talvez que o seu valor propriamente literario, lhe asseguram e ao seu autor logar eminente nesta historia. A sua porção principal, onde se nos deparam tres ou quatro livros porventura destinados a perdurar, são os romances e novelas de antes de *Senio*, compreendida *Senhora*, não obstante a sua data (1875). Não possuindo a lingua com seguro conhecimento, tinha Alencar, entretanto, com um fino sentimento dela, dons naturais de escritor que o distinguiram, desde que apareceu, entre todos os seus contemporaneos, antes que Machado de Assis, sob este aspecto ao menos, os excedesse a todos. Mas com essas qualidades nativas, alguma affectação e certos amaneirados de estilo, aumentados na fase de *Senio*. As críticas geralmente justas feitas á sua linguagem não tiveram senão o efeito de lhe exacerbarem o orgulho ou vaidade literaria. Poz-se a estudar a lingua mais com o proposito de encontrar nesse estudo antes justificativa do que emenda dos seus defeitos de escritor, nos quais desarrazoadamente e com dano da sua literatura perseverou do mesmo passo acoroçoando com o seu exemplo illustre a funesta intrusão individual em o natural desenvolvimento da lingua. Ha no estilo de Alencar, colorido, sonoridade, mesmo musica, eloquencia, emoção communicativa, mas ha tambem enfase e mau gosto. Como escritor faltava-lhe, pode dizer-se inteiramente, espirito, que parece apenas revelou nas discussões parlamentares, onde aliás os seus ataques e replicas são mais aceradas que espirituosas. Como Herculano, segundo lhe reprochou Camilo Castelo Branco, Alencar era de uma insulsez alem do que se permite ao escritor publico. Daí o malogro do seu romance caricatural da *Guerra dos Mascates*, e a fraca vida das suas comedias. Foi-lhe acaso funesto o ter começado por uma obra prima, muito admi-

rada e celebrada e lhe haver faltado o bom espirito de se não embevecer do seu sucesso, aliás merecido.

Tres anos antes do *Guarani*, com que José de Alencar restaurava nas nossas letras a inspiração pseudo nacionalista do indianismo periclitante, apparecia o primeiro volume das *Memorias de um sargento de milicias*, por «Um Brasileiro». O pseudonimo está revendo a preocupação nacionalista que era ainda por muito a da literatura do tempo e da qual Alencar se vinha justamente fazer o arauto convencido. Tambem o era o das *Memorias de um sargento de milicias*, mas depurado do preconceito indianista. Assentava antes numa intuição mais justa do objecto da nossa ficção.

Como Macedo quando escreveu a sua *Moreninha*, o autor era um estudante de medicina, jornalista, redactor do *Correio Mercantil*, então um dos mais literarios do Rio de Janeiro, Manoel Antonio de Almeida, nesta cidade nascido em 1830. Formado em 1857, no ano do *Guarani*, dos *Tamoyos* e dos *Timbiras*, pouco depois, em 1861, pereceu num naufragio indo de viagem para Campos. Com ele, pode dizer-se, naufragou a talvez mais promissora esperança do romance brasileiro. Pouco falta, com efeito, ás *Memorias de um sargento de milicias* para serem a obra-prima do genero na fase romantica. É original como nenhum outro dos até então e ainda imediatamente posteriores, apparecidos, pois foi concebido e executado sem imitação ou influencia de qualquer escola ou corrente literaria que houvesse actuado a nossa literatura, e antes pelo contrario a despeito delas, como uma obra espontanea e pessoal. Em pleno romantismo, aqui sobre excessivamente idealista, romanesco e sentimental tambem em excesso, o romance do malogrado Manoel de Almeida é perfeitamente realista, ainda naturalista, muito antes do advento, mesmo na Europa, das doutrinas literarias que receberam estes nomes. Não pertence a nenhuma escola ou tendencia da ficção sua contemporanea, antes destoa por completo do seu feitio

geral. É uma obra inteiramente pessoal em relação ao meio literario de então. Antes de ninguém, pratica no romance brasileiro e pode afirmar-se que a pratica com sufficiente engenho, mais que a pintura ou notação superficial, a observação a que já é licito chamar de psicologica do individuo e do meio, a descrição pontual, sem preocupações de embelezamento dos costumes e tipos caracteristicos, a representação realista das cousas, sem refugir, o que haveria escandalizado a Macedo e Alencar, mesmo aos seus aspectos mais prosaicos e até mais repugnantes, mas evitando sempre tanto as cruizas que trinta anos depois haviam de macular o naturalismo indigena, no seu grosseiro arremedo do francez, como os fingimentos e afeites com que presumiam aformosear a nossa vida e a sua literatura os romancistas seus contemporaneos. A lingua e o estilo deste romance, menos trabalhados que o de Alencar e menos desleixados que os de Teixeira e Souza e Macedo, tem, se não maior correcção (e a sua é certamente maior que a destes ultimos), mais fluencia e espontaneidade e mais personalidade.

Acaso foram estas feições, que hoje revelam aos nossos olhos este romance, a causa dele não ter tido na nossa literatura a influencia merecida. O gosto e a intelligencia do publico áquella data iam preferentemente ás qualidades opostas ás que agora nos parecem constituir o merito. Habitado ao romance romanesco e moralizante qual era não só o nosso, mas o portuguez nessa epoca, em rever-se embevecido nas concertadas criações dos seus romancistas, não se podia o publico enfeitiçar com um romance que para o seu gosto tinha o defeito de ser demasiado real e desenfeitado. Este seria tambem o sentimento dos proceres do Romantismo, então com toda a autoridade na opinião literaria nacional. Parece indical-o o facto do *Brésil Littéraire*, de Wolf, sabidamente inspirado por Magalhães e Porto Alegre, não aludir sequer ás *Memorias de um sargento de milicias*, e ao seu malaventurado autor, nem o representar na antologia, onde tanta cousa pessima vem,

que adicionou ao seu livro. O desaparecimento de Manoel de Almeida, quasi immediato á publicação do seu romance, o triunfo incontestado da romantica de Alencar, prejudicariam essa obra até então a mais original e a mais viva da nossa ficção e lhe impediriam de ter a influencia que nela merecia ter tido e que porventura lhe daria outra e melhor feição. A sua reedição em 1862, por Quintino Bocaiuva, ainda todo devotado ás nossas letras, embora provando que a certos espiritos não era o seu valor desconhecido, ainda encontrou a opinião publica a mesma em materia literaria. Só muito mais tarde, quando o naturalismo entrou a desbancar o romantismo que aqui se procrastinava, se começaria a ver no romance de Manoel de Almeida o precursor indigena, mas sempre desconhecido, da romantica em voga.

Simultaneamente com Alencar, dous romancistas principalmente disputavam a atenção do nosso publico, Joaquim Manoel de Macedo e Bernardo Joaquim da Silva Guimarães. Cronologica e literariamente, Macedo pertencia á primeira geração romantica. Era um genuino produto daquele momento e meio literario, e foi na sua plena vigencia que estreou nas letras, iniciando do mesmo passo com Teixeira e Souza o romance, e com Martins Pena e Magalhães o teatro brasileiro. Escritor copiosissimo como, exceptuado presentemente o sr. Coelho Neto, não tivemos outro, Macedo, aliás sem jamais progredir nem variar, ultrapassou a sua epoca e foi ainda o mais abundante dos prosistas da segunda geração. Sem falar dos seus livros de historia ou de chronica e numerosos escritos politicos e literarios dispersos em jornais e revistas, tudo geralmente insignificante, são da fase occupada por esta geração (1850-1870) os *Romances da Semana*, *O culto do dever*, *A luneta magica*, *As vitimas.algozes*, *Nina*, *As mulheres de mantilha*, *A namorada*, *A baroneza do amor*, para não citar senão os, ao menos pelo tomo, mais consideraveis. E no teatro, exceptuado o *Cego*, que é de 1849, é desta mesma fase toda a sua abundante literatura dramatica.

Mas quer no romance, quer no teatro, Macedo não fez mais ainda na vespera ou já em pleno dia do naturalismo que continuar, por inercia, o movimento adquirido com a primeira geração romantica. Esta imobilidade, que não basta á inspiração social de *Vitimas algozes*, e de alguma sua peça de teatro, para desmentir, decididamente o fixa nesta geração, sem embargo dele ter vivido, e sempre escrevendo, até 1882. Nem a concepção do romance ou do teatro, nem o estilo de Macedo, variaram nunca do seu conceito primitivo de uma historia inventada e recontada com muita poesia, ou, o que ele cria tal, para comover a sentimentalidade do leitor ou do ouvinte, com o fim de o edificar moralmente. Com este conceito, que foi o de todos os nossos românticos, sem excepção de Alencar, Macedo o realizou sem engenho que o relevasse, a sua obra é, do puro aspecto literario, de somenos valia. Ha nela, porem, alguma cousa que a levanta e faz viver da vida mesquinha que ainda tem: primeiro a sua sinceridade, a sua ingenuidade na representação do primeiro meio seculo da nossa existencia nacional, segundo a alegria que ha nela, e que agradavelmente destoa da estranha tristeza de todos os seus companheiros de geração. Como quer que seja, ele tem, sem grande riqueza e força aliás, imaginação e facilidade. Como autor de teatro foi talvez o que melhor o soube fazer aqui. O desleixo com que geralmente escreveu, se não tambem pensou as suas obras, prejudicou-as consideravelmente em o nosso actual conceito. Mas os seus defeitos de concepção e de forma, a que somos hoje nimiamente sensiveis, não afrontavam os seus contemporaneos, dos quais foi um favorito. Ainda hoje é dos nossos romancistas mais lidos, se bem que ás escondidas e em segredo. É o que tem sido mais repetidamente editado. E Taunay, que estreava já na terceira geração, dedicando-lhe o seu romance *A mocidade de Trajano*, como a um mestre, apenas exprimiu o sentimento de comum apreço pelo operoso e divertido escritor.

Bernardo Guimarães nasceu em Ouro Preto, Minas Ge-

rais, em 1827 (1). Era filho de Joaquim da Silva Guimarães, um desses muitíssimos poetas merecidamente esquecidos de que o Brasil é abundante. Além de versejar, o pai escrevia prosa; era pequeno jornalista provinciano. Bernardo Guimarães encontrou, pois, uma tradição literaria na familia. Devia-lhe avultar a herança e comunhão da sociedade academica de S. Paulo, cuja faculdade de direito, no tempo em que a frequentou, era um foco de actividade intelectual. Ali teve por colegas e companheiros Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa e outros jovens poetas e escritores. Segundo a tradição constante, ele, como aliás tantíssimos outros dos nossos doutores, tudo fez menos estudar. Depois de formado, foi sucessivamente magistrado em Goiaz, professor de retorica e filosofia na sua terra e jornalista no Rio de Janeiro. Fixando-se mais tarde na sua provincia, aí exerceu quasi toda a sua actividade literaria, que não foi pequena. Como prosador, Bernardo Guimarães começou, ao que parece, pela critica, feita em jornais em que escrevia no Rio. Não sabemos o que vale a sua critica. Como ele não perseverou nela e não deixasse como critico obra por que o avaliemos, pouco nos importa saber-o, rebuscando jornais velhos.

Muito mais que Alencar e acaso mais até que Macedo, Bernardo Guimarães, como romancista é um espontaneo, sem alguma prevenção literaria, proposito estetico ou filiação consciante a nenhuma escola. É um contador de historias no sentido popular da expressão, sem a ingenuidade, ás vezes excelente, destes, porque em suma é um letrado, e as suas letras lhe viciam a naturalidade. Se o seu primeiro romance, *O Ermitão do Muquem*, é um «romance brasileiro», segundo a classificação costumeira, com gran-

(1) Tem-se contestado essa data, mas ela parece-me certa á vista da confissão do poeta nos seus versos *Ao meu anniversario*, datados do Rio, 15 de agosto de 1859, em que ele declara que «já lá vão lustros seis e mais dous anos» do seu nascimento.

des laivos indianistas, é porque essa era a corrente do momento e também porque se lhe deparou, quando nos serções goianos, um tema sobre muito proprio para impressionar a imaginação, extremamente favoravel á idealização romanesca, consoante o conceito e gosto dela aqui vigentes. As datas da primeira publicação do *Guarani* em jornal e depois em livro, e da edição do *Ermitão*, autorizam a admitir a influencia daquele na intenção deste. Não ha nele, entretanto, influencia formal do romance de Alencar, nem dos seus processos, tirante a excessiva sentimentalidade e o desmarcado romanesco, em suma a idealização descomedida, que era o achaque do tempo. Qualquer que seja a qualidade do engenho de Bernardo Guimarães, e como poeta ele é dos bons que tivemos — a verdade é que, sem literariamente ser o que chamamos um espirito original, não é um espirito imitativo e subordinado. Como poeta, não obstante ter vivido no foco da reacção ultraromantica e na intimidade espiritual do seu principal corifeu, ele conserva a sua individualidade distinta por feições que contrastam com as dos seus companheiros de geração; emoção e expressão mais sobrias, sentimentalidade menos exuberante, alma e veia menos triste e ainda jovial, apenas algum alarde de scepticismo ou desesperação.

Os seus romances e novelas são todos natural e correntemente contados sem preocupação ou trabalho de escrita, mas também sem a peregrina virtude de a conseguir bela, independentemente deste esforço. Nele, como em Macedo e no geral dos nossos românticos, a espontaneidade não é a literaria, e menos a que, sem grande trabalho, dá com a forma justa. Ainda menos é a que, ainda com trabalho, ás vezes grande, logra, o que é o sumo da arte, iludir-nos dando-nos a impressão da facilidade. Bernardo Guimarães escreveu mal, quero dizer sem apuro de composição, nem beleza de estilo. O seu é o de todo o mundo que não cuida do que escreve, a sua lingua é pobre, a sua adjectivação corriqueira, o seu pensamento trivial. São os defeitos de Macedo e ainda mais de Teixeira e Souza, mas

no escritor mineiro mais sensíveis por virem depois destes e quando a literatura nacional já tinha trinta anos de existência e de produção nunca descontinuada. Com uma justa intuição das exigências da composição literaria, faltou aos nossos românticos uma critica que os esclarecesse delas. A que aqui se começou então a fazer, provinha em linha recta da que tinha em Portugal por órgãos principais as Academias e Arcadias e os censores officiaes, uma critica de hyperbolicos encomios, de campanudos elogios, em que os juizos tomavam por via de regra a forma de equiparações disparatadas com os autores celebres ou de assimilações antonomasticas não menos estapafurdias. A critica ali, aliás, oscilou sempre entre o panegirico e o vituperio, a louvaminha e a diatribe. Com a mesma indole passou ao Brasil, e os que a fizeram aqui, nos nossos primeiros jornais e revistas, como o *Patriota*, a *Minerva*, o *Guanabara*, *Niteroi*, movidos do sentimento presumido patriotico de encarecer os nossos valores intellectuais, ainda lhe exaggeram aquella tendencia atavica. A crel-os, esses nossos começos de literatura nacional seriam um acervo de obras-primas. Não fôra essa critica louvaminheira e puerilmente patriotica que teve Macedo por um genio literario e cada uma das suas defeituosas produções por um primor, os seus seguidores e discipulos e ele proprio, que viveu mais que bastante para emendar-se, teriam necessariamente nos saído mais perfeitos. Essa critica continuou para Bernardo Guimarães, havido no seu tempo (e ainda hoje pela opinião bairrista) por um grande romancista e escritor. O publico parece aliás não lhe ter endossado o conceito, pois o *Ermittão*, publicado em 1859, não teve até agora mais que essa edição. E os seus outros romances não passaram igualmente da primeira, ao envés das suas poesias, que já atingiram a quarta, o que prova que o publico é mais intelligente do que se nos afigura. É esta a lição da nossa historia literaria, que a critica indiscretamente animadora não é só inutil, mas prejudicial. Apenas serve para produzir frutos pecos, desencaminhando actividades porventura

melhor empregadas fora da literatura ou acoroçando vaidades que se tomam por vocações. Sem embargo deste ensino, continua a ser este o conceito da critica aqui, quando não é a diatribe ou a simples arrogancia de indigesta erudição.

Na romantica brasileira, Teixeira e Souza havia criado o genero, iniciado o romance de costumes populares rurais ou urbanos, Macedo o continuara, mas romanceando principalmente a vida burgueza da capital, Manoel de Almeida ensaiara-se apenas, mas com engenho superior ao destes, no romance da vida carioca de um quarto de seculo antes, segundo o conceito tradicional, com evidente propensão e clara intelligencia para a analyse dos caracteres e sentimentos. Alencar, depois de se haver ensaiado na novela romanesca da vida social, iniciara o romance do «periodo da conquista» da «luta em que a raça invasora destroi a raça indigena» com o manifesto proposito de reabilitar o indio da má fama que lhe fizeram os cronistas, o que só idealizando-o extravagantemente podia conseguir (1). Este proposito era aliás o mesmo de Magalhães, de Gonçalves Dias e de outros indianistas, e o que de alguma sorte o legitimava é que a nação inteira o adoptou.

Bernardo Guimarães é o criador do romance sertanejo e regional, sob 'o seu puro aspecto brasileiro. O meio cujo era, determinou esta tendencia da sua romantica. Mas ao contrario do que se devia esperar de escritor tão familiar com o ambiente que lhe fornecia os temas, não se lhe apura nas obras a imagem exacta, seja na sua representação objectiva, seja na sua idealização subjectiva. Em toda a obra romantica de Bernardo Guimarães será difficil escolher uma pagina que possamos citar como pintura ou expressão exemplar do meio sertanejo. Teve ele ambições mais altas que esta pintura de genero, ensaiou-se tambem no romance historico e no de intenções sociais, com o

(1) *Como e porque sou romancista*, 44 e seg.

Seminarista, onde versou o caso celibato clerical, com a *Escrava Isaura*, em que dramatiza scenas da escravidão, com *Mauricio*, em que tenta ressuscitar uma epoca historica da vida colonial da sua provincia. Infelizmente os mesmos defeitos que lhe viciam os romances sertanejos lhe maculam estes, acrescidos da pobreza do seu pensamento e acaso maior insuficiencia da sua expressão.



CAPITULO XIII

A segunda geração romantica. Os poetas

As ultimas manifestações do Romantismo com os rasgos que deram ao nosso a sua feição particular, nomeadamente o indianismo, a inspiração patriótica e o proposito nacionalista, o espiritualismo filosofico, o sentimentalismo, a religiosidade e a intenção moralizante, alcançam até meados dos anos de 60, com a publicação do *Colombo*, de Porto Alegre, em 1864. Ainda em antes do seu esgotamento como forma literaria, surge uma nova geração de poetas e prosadores, na qual se contam alguns dos nossos principais escritores. Simultaneamente com a primeira geração romantica, mas depois desta bem estreada, isto é, após 1846, coexiste, como já relatámos, o grupo maranhense que por Gonçalves Dias, a sua mais eminente individualidade, se liga ao grupo formado no Rio de Janeiro por aquela geração. Gonçalves Dias estabelece tambem a transição entre essa e a seguinte. Esta apenas mui parcialmente lhe acompanhará a inspiração indianista. Sofrerá, porem, a influencia da sua poetica e ainda do seu sentimento poetico.

Desde 1853, com as *Obras Poeticas* de Alvares de Azevedo, seguidas das *Trovas* de Laurindo Rebelo (1854), das *Inspirações do Claustro* de Junqueira Freire (1855), das *Primaveras* de Casimiro de Abreu (1859), revela-se uma nova progenie de poetas. Juntam-se-lhe os prosadores, alguns tambem poetas, José de Alencar, que estreia em 1857; Macedo, que vinha da primeira, mas como romancista ocupa nesta um grande lugar e como escritor dramatico quasi

totalmente lhe pertence; Manoel de Almeida, por ventura a mais promissora e infelizmente malograda esperança da novelística brasileira; Bernardo Guimarães, Agrario de Mezezes e menores ou menos importantes.

Como epigonos da primeira geração de iniciadores, continuam-lhe a tradição e o labor, influidos ou não por novas idéas e conceitos literarios, Pereira da Silva, Warnhagen, Macedo, Norberto Silva, alem de outros somenos, contemporaneos e companheiros seus.

Principalmente distingue esta geração da precedente a sua maior liberdade espiritual, e conseqüente mais largo conceito estetico, quer no seu pensamento geral, quer na sua applicação á literatura. Aquele não é mais o estreme idealismo catolico dos primeiros romanticos. Ressente-se ao contrario o seu do influxo do scepticismo literario, do «santanismo», para falar com De Maistre, de Byron, Musset e outros romanticos europeus de feição menos religiosa que a do primeiro movimento na Europa e aqui. O Brasil tambem progredira politica, economica e mentalmente. Ao cabo da primeira metade do seculo, asseguradas a independencia, a monarchia e a ordem, não havia mais motivo e lugar para os ardores patrioticos e as paixões nacionalistas de antes. Na geração literaria que surge por esta epoca, e que será talvez a mais brilhante de toda a nossa literatura, entra a desvanecer-se a miragem do indianismo, que justamente por esse tempo João Lisboa, no seu *Jornal de Timon*, metia pela primeira vez á bulha. Apesar do grande exemplo e duravel successo de Gonçalves Dias, e da *Confederação dos Tamoyos*, de Magalhães, publicada em 1856, nenhum poeta caiu mais nesse engano, ao menos com a convicção ou sentimento dos seus criadores na nossa literatura. Restaurou-o, ou melhor instaurou-o, no romance José de Alencar, publicando, um ano depois dos *Tamoyos* e no mesmo dos *Timbiras*, o *Guarani*.

O pensamento de uma literatura brasileira, que fôra expressamente o de Magalhães e seus companheiros, que a obra de Gonçalves Dias principalmente avigorara, o

reassumira José de Alencar com mais clara consciencia e mais firme proposito de o executar. Pensou servil-o criando o romance da vida indigena selvagem ou misturada com a vida civilizada dos colonizadores, como no *Guarani*, ou pura ou quasi pura na *Iracema* e depois, serodidamente, no *Ubirajara*. Mas não obstante o real talento de escritor que neste proposito poz, e daquelas duas primeiras obras de merito verdadeiro com que procurou realizal-o, ele lhe ficou infecundo. Não conseguiu empecer a decadencia do indianismo, nem assentar definitivamente o senso nacionalista da literatura brasileira, como o quizera. Não ficou, entretanto, de todo sem repercussão ou influencia. Os proprios portuguezes Mendes Leal e Pinheiro Chagas se meteram a fazer com *O Calabar* (1863), *Os Bandeirantes* (1867), *A Virgem Guaraciaba* (1868), literatura nacionalista brasileira. O estimulo puramente industrial dessas obras insinua-lhes claramente o malogro. Os jovens poetas que desde 1850, ainda em antes de publicados em livros, vinham versejando, não curam mais de indios nem do que lhes concerné. Não são sequer patriotas no sentido em que o foram Magalhães e os do seu grupo. Nem os preocupa ao menos a formação de uma literatura nacional. O seu brasileiroismo de todo estreme dos preconceitos nacionalistas, vem-lhes mais do intimo e é em suma mais racional. São mais subjectivos, mais pessoais, mais ocupados de si, dos seus amores, das suas paixões, dos seus sofrimentos e dissabores, que de literatura ou de politica. É menor neles do que fôra nos seus antecessores a influencia de Chateaubriand, avoengo do nosso segundo indianismo. Pratica-o tambem pela mesma epoca um outro romancista, Bernardo Guimarães, mas pratica-o antes por imitação, sem a espontaneidade e menos o talento de Alencar. E sendo melhor poeta que romancista e tendo poetado copiosamente, jamais poetou do indio.

Os poetas da segunda geração romantica possuiram em grau notavel a primeira virtude de quem nos quer comover, a sinceridade. Circunstancias fortuitas de sua vida

fizeram com que todos eles de facto vissem a sua poesia ou sentissem realmente o que com ela exprimiram. Talvez por isso não são artistas mas poetas, com o minimo de artificio e o maximo de emoção, em mais de um deles ingenua, conforme convem á boa arte. O que se lhes pode descobrir de nacional, o seu brasileirismo mais intimo que de mostra, como o era o dos da geração anterior, é já a revelação da nossa alma do povo diferente, como se ela viera formando e afeiçoando em tres seculos de vida historica e em trinta anos de existencia autonoma, a expressão inconsciente do seu sentir ou do seu pensar, indefinidos sim, mas já inconfundiveis. Não são brasileiros porque cantem o bronco selvicola destas terras, ou porque celebram-nas a estas. Não rebuscam temas, nem forçam a inspiração ao feitio indigena. Com excepção de Gonçalves Dias, que é mais da primeira geração que desta, nenhum destes poetas é, ainda parcialmente, indianista, ou tem sequer o proposito nacionalista. Protraem-se estas feições apenas nalgum mais mediocre ou em um ou outro prosador, cujo provincialismo sertanejo os sujeitava mais á influencia do ambiente nacional, onde mais vivazes eram ainda as tradições da terra brava e do seu primitivo habitador. Tais são José de Alencar, que confessa a influencia do sertão brasileiro na germinação do *Guarani* (1), e Bernardo Guimarães, que directamente dos nossos sertões meios selvagens recebe mais que a inspiração os assuntos de suas novelas.

Criados e educados já de todo fóra da influencia mental portugueza, são os escritores desta geração menos portuquezes de pensamento e expressão do que os da primeira. O seu brasileirismo, menos politico do que o destes, é mais emotivo, mais de raiz, e por isso mesmo está mais nos seus defeitos e qualidades de inspiração e de estilo, que nas inferioridades da sua manifestação. Conservando muito do sentimento poetico portuguez, do senso da sau-

(1) *Como e porque sou romancista*. Rio, 1893, 36.

dade e da nostalgia, da melancolia amorosa que tanto o distingue, e que em Gonçalves Dias, embora ardente e voluptuosa, não atinge ainda a luxúria, o lirismo destes poetas tem já desenganadamente o tom que separa o lirismo brasileiro do portuguez. Nada o prova melhor que a comparação destes poetas com os seus contemporaneos portuguezes João de Lemos, Soares de Passos, Mendes Leal, Serpa Pimentel, aos quais pode afirmar-se que ficaram de todo estranhos os nossos.

Afóra em alguns poetas da Renascença portugueza como Camões, o lirismo portuguez não foi jamais casto, antes sempre mais luxurioso que voluptuoso. O lirismo brasileiro, porem, exagera e peora esta feição. Desde a segunda geração romantica — o da primeira pecara mesmo por demasiado continente — entra a ser desenfreadamente erotico, como o de um povo onde o amor nasceu entre raças desiguais e inimigas e portanto entre violencias e bruteszas de appetites e carnalidades, e um povo onde a facil e franca mistura de uma gente europeia em decadencia com raças inferiores e barbaras devia produzir um mestiço excessivamente sensual, em todas as acepções do termo. A influencia particular portugueza que acaso se descobre nesta geração é a de Garrett. Mas o tom popular que Garrett restituiria á poesia portugueza e que ha na destes poetas, apenas porventura lhes revê o intimo brasileiro, feito sob a influencia do meio ainda matuto, simples e desartificio. Nessa influencia concorreria a da poesia que andava tradicionalmente na boca das mucamas negras, crioulas, mamelucas e mulatas que haveriam sido as primeiras educadoras desses poetas e suas iniciadoras sentimentais, como o foram de gerações e gerações de brasileiros.

A riqueza relativa do seu estro, se o compararmos ao dos romanticos da primeira hora, e ainda ao dos nossos poetas que imediatamente lhes sucederam, a naturalidade e viveza da sua expressão, alem dos já notados attributos de espontaneidade, sinceridade e candura, sempre raro na

poesia da nossa lingua, impuzeram estes poetas, mais que á admiração, á afeição dos seus patricios. Efectivamente são porventura os melhores que jamais teve o Brasil, e é incontestavel que são ainda hoje os mais estimados da nação, os mais repetidamente publicados, os mais constantemente lidos. E a sua influencia, que foi grande, ainda não desapareceu. Queira-o ou não, mais de um poeta actual e não dos somenos, é discipulo dos desta geração. Não obstante o aumento da cultura, o presumido aperfeiçoamento do gosto e o desenvolvimento exagerado do reclamo, nenhum poeta nosso depois deles, com excepção talvez de Castro Alves, que deles aliás procede, teve um numero de reimpressões parciais ou totais e de leitores que estes tiveram.

Com os poetas da segunda geração romantica, nomeadamente com Alvares de Azevedo, entra um novo motivo na poesia brasileira, a morte. Cantores da terra, das damas, de magnates, de temas abstractos, da natureza, de individuos, do amor, da patria, de sentimentos personificados e até do sofrimento e da dôr, nenhum cantara entretanto a morte, ou a morte, a despeito de ser um dos grandes temas liricos, não fôra para nenhum, estímulo de inspiração. Estes poetas são todos tristes. A todos eles contagiou a melancolia de Gonçalves Dias, o primeiro dos nossos poetas com quem andou a idéa da morte.

Alem das heranças ancestrais e das influencias deprimidas do ambiente e de poetas estrangeiros nimiamente admirados e seguidos, contribuiu para a sua tristeza e desalento a sua fraqueza fisica congenita ou sobrevinda, atestada pela existencia enfermiça e morte prematura de todos eles. O que mais velho morreu, Gonçalves Dias, tinha apenas quarenta e um anos; dos outros nenhum alcançou os quarenta, e os mais deles nem aos trinta chegaram. Alvares de Azevedo finou-se aos vinte. Á natureza debil e doentia destes poetas juntaram-se em todos eles circunstancias pessoais de desacordo com o seu ambiente domestico ou meio social que lhes agravaram o triste estado d'alma para

o qual já os predisponha a sua astenia. Também passara a época dos grandes entusiasmos e vastas esperanças criada pelos sucessos consequentes á Independencia e ao 7 de abril. A nação entrava na sua existencia socegada e pouco estimulante de quaisquer energias.

I — *Alvares de Azevedo*

A *Lira dos Vinte Anos* e as *Poesias Diversas*, que compunham o primeiro tomô das *Obras Poeticas* de Alvares de Azevedo, eram uma novidade na poesia brasileira, quasi igual ao que haviam sido os *Suspiros Poeticos*, de Magalhães, em 1836, e os *Primeiros Cantos*, de Gonçalves Dias, em 1846.

Manoel Antonio Alvares de Azevedo nascera em S. Paulo em 1831. A infancia passou-lhe no Rio de Janeiro. De menino revelou grande intelligencia e curiosidade mental, estudando e tanto e tão bem que aos dezeseis anos completara com aproveitamento e brilho o curso do Collegio de Pedro II e recebia a carta de bacharel em letras. Mais que assiduo leitor, era um devorador de livros, ainda na idade em que a tal appetite não pode corresponder igual capacidade de assimilação. Em S. Paulo, para onde passou a estudar Direito, distinguiu-se pelo talento com que acaso supria a applicação e pelo seu precoce engenho poetico. A liberdade que lhe outorgava a vida de «academico», numa pequena cidade escolar onde os estudantes tinham graças de estado de que usavam e abusavam, a ausencia do constrangimento familiar e as mesmas isenções que lhe conferia o renome de menino prodigio que levara do Rio, influiram-no a viver a vida romantica, realizando as idealizações dos poetas de que se achava saturado, Musset, Byron, Spronceda, George Sand, ou imitando a existencia e vezos que lhes attribuia a eles ou tinham as suas criaturas. E pela imaginação ao menos, começou a viver tal vida na qual, com as suas nativas inclinações, entrou muita li-

teratura. Como, porem, o arremedo se lhe fundia perfeitamente com o temperamento e correspondia em suma aos seus mais intimos instintos poeticos, não resultou em disparate conforme com mais de um tem acontecido. Da combinação das proprias tendencias com a imitação literaria, criou-se uma vida facticia. Presumiu transplantar para a mesquinha vida de S. Paulo de meados do seculo passado, costumes e praticas do romantismo europeu. Quiz praticar as façanhas sentimentais dos herois de Musset e Byron. A candura com que o fez não só o salvou de um ridiculo naufragio, mas até o engrandeceu, criando-lhe a feição que o distinguiria na poesia brasileira e o faria um dos seus dominadores. Daquele seu teor de vida romantica, a expressão literaria é a *Noite na Taverna*, composição singular, extravagante, mas acaso na mais vigorosa, colorida e nervosa prosa que aqui se escreveu nesse tempo.

Mostrava-se Alvares de Azevedo poeta pessoal e subjectivo, como não fôra talvez nenhum dos nossos antes dele e raros o seriam depois. Impressões da natureza ou de arte não lograva nunca objectival-as. Transfundiam-se-lhe naturalmente em intimas sensações, por via de regra dolorosas. É, neste periodo, o primeiro que quasi unicamente canta de amor, que fica alheio á natureza que o cerca ou á nação a que pertence. Só lhe interessa a mulher, «o eterno feminino» de que foi talvez o primeiro a ter aqui o sentimento á maneira goeteana, e que o absorve e alucina. Não é facil distinguir o que é nele inspiração e sensibilidade poetica do que são instintos e impulsos sensuais de moço brasileiro, superexcitado pela tísica que o minava. Eram raros neles os temas objectivos vulgares em Magalhães, Porto Alegre e Gonçalves Dias e menos os temas retóricos ou adequados ás amplificações poeticas, tão ao gosto destes, inclusivo o ultimo. Quando casualmente os tratava, ou incidentemente lhe acudiam, envolvia-os com o seu sentimentalismo romantico, preocupações femininas ou amorosas, em imagens, pensamentos e sen-

sações. Malsinando dos politicos traidores de seus ideais e que tudo sotopõem aos seus baixos interesses, a imagem de que se socorre é ainda de poeta amoroso:

Almas descritas de um sonhar primeiro
Venderiam o beijo derradeiro
Da virgem que os amou.

Mesmo quando o desespero romantico, a sua sensibilidade doentia o reverte ás crenças tradicionais como nos *Hinos do Profeta*, declamação poetica muito á moda romantica, se bem mais eloquente que similares de Magalhães, ainda nesses momentos se lhes insinua na inspiração o eterno feminino, um eterno feminino qual o podia conceber um poeta brasileiro, joven, sensual e ardoroso. Como aliás nenhum dos poetas da sua geração, Alvares de Azevedo não é um poeta descritivo, um paisagista, conforme mais ou menos serão quasi todos os nossos depois dela. Quando, porem, acerta de ter uma inspiração da natureza, á sua emoção mistura-se infalivelmente a mulher e o amor, reagindo sobre a materialidade da impressão e idealizando-a. Vejam *Tarde de Verão*, *Tarde de Outono*, em que ao descritivo inculcado pelo titulo se substituem puras sensações subjectivas.

Segundo era já consuetudinario na nossa poesia, a sua terra tambem lhe inspira um canto de amor em que não falta o confronto preferencial com terras estrangeiras:

No italiano ceu nem mais suaves
São da noute os amores
Não tem mais fogo os canticos das aves
Nem tem mais flores!

onde sentimos reminiscencias da *Canção do Exilio*, de Gonçalves Dias. Mas o que lhe aformosea a terra natal e lh'a faz amada é ainda a mulher querida que nela vive. Ao descante de sua terra mistura os seus transportes amorosos.

Aos homens doentes e desconsolados pela idéa da

morte, maximé se são poetas, acontece recolherem-se em si mesmo e viverem de uma vida interior. Alvares de Azevedo, valetudinario precoce, foi levado a viver essa vida, apesar das alegrias da idade que lhe ressumam em mais de um poema faceto ou humoristico. Alegrias e tristezas chocam-se-lhe na alma joven, ardente e ambiciosa, produzindo a ironia por vezes amarga de alguns dos seus poemas (*O poema do Frade, Um cadaver de poeta, Idéas intimas, Boemios, Spleen e charutos*) os gritos de descrença e desesperança desses e de outros e de prosas como a *Noite na Taverna*. Dessa ironia é ele o unico exemplar na nossa poesia, como seria o instituidor nela dessa desesperação e descrença. De tal estado d'alma lhe veiu, com o nimio subjectivismo, o sentimento ora acerbo, ora zombeteiro, da vida, e a carencia ou a pobreza de impressões da natureza ou da sociedade na sua poesia. Destas ultimas apenas se lhe achará um exemplo claro no unico poema objectivo que deixou, *Pedro Ivo*, aliás um dos mais admiraveis da nossa poesia, dos raros em que o motivo politico ou social da inspiração não sufoca ou amesquinha os elementos propriamente poeticos, antes lhes serve excelentemente á expressão. É que no poema de Alvares de Azevedo predominou o mesmo objecto da sua inspiração, a sua intima emoção mais de poeta que de republico.

Entre estes poetas foi Alvares de Azevedo um dos espiritos literariamente mais cultos. Conheceu as obras-primas das melhores literaturas na sua lingua original, e tinha boa lição das letras mães da nossa. Havia atilamento e bom gosto no seu espirito critico, apenas iludido pelo seu entusiasmo juvenil. Conhecia e amava os portuguezes, e foi um dos que sofreu a influencia de Garrett, a quem tinha alta e merecida estima. Do influxo do lirismo e da forma garreteana ha talvez sinais em seus poemas *Ai Jesus!, O Poeta, Amor*, e poucos mais. É porem uma influencia toda lateral, digamos assim, em que o poeta brasileiro, ainda sofrendo-a, conserva a sua personalidade. Nem ella obrou então aqui com a mesma generalidade ou força,

com que actuava a literatura portugueza antes do Romantismo.

A idéa da morte é uma obsessão em Alvares de Azevedo. Directa ou indirectamente, intencional ou inconscientemente, aparece ou insinua-se-lhe nos versos como a que, com a do amor, lhe é mais familiar. *Lembranças de morrer*, um dos seus mais belos poemas, como *Se eu morresse amanhã*, de igual sentimento e beleza, não são mais que manifestações explicitas da intima angustia de sua alma de que, como verdadeiro poeta, ele fez deliciosas canções. E apenas haverá algumas das suas que a não reveja.

II — *Laurindo Rabelo*

Laurindo José da Silva Rabelo, fluminense ou antes carioca, viveu de 8 de junho de 1826 a 28 de setembro de 1864. Menos a educação e a cultura, que, não obstante a sua formatura em medicina, parece não terem sido apuradas, havia nele feições de Alvares de Azevedo. Foi igualmente, talvez desde a puberdade, doente e fraco. De origem e condição humilde, mulato de raça, a consciencia da sua situação, sem a força de caracter necessaria para a contrastar, amargurou-lhe desde cedo a existencia que levou á boemia, obrigado da necessidade, se não tambem pelo natural relaxamento a angariar amizades e protecções da benevolencia social, ornando e animando partidas e festas com o seu estro e as suas facecias, improvisos, glosas, poesias recitadas ou cantadas á viola, como um aédo ou trovador primitivo, e mais os ditos que se lhe atribuem. Foi, como nenhum outro, o poeta popular, mais conhecido em seu tempo pela alcunha de *Poeta lagartixa*, tirada de seu corpo escanifrado, que pelo seu nome. Não o roçou a descrença romantica, como a Alvares de Azevedo e a Junqueira Freire. Não lhe fugiu, ou sequer se lhe desvaneceu notavelmente a ingenua crença domestica, conservada, como é tão comum, por habito, e nele, poeta de nascença, por

necessidade sentimental. A desventura, o sofrimento, aumentou-lhe, porem, a tristeza dos da sua geração e exacerbou-lhe a sensibilidade, e como a aqueles criou-lhe a angustia da morte, que atormentava o poeta da *Lira dos vinte anos*, afligia a Junqueira Freire, a Casimiro de Abreu e a outros da mesma familia literaria. Do Rio Grande do Sul, aonde o levava o seu emprego de medico do exercito, escrevia nos formosos tercetos endereçados ao seu amigo Paula Brito, o bondoso e ingenuo Mecenas, tão mesquinho como os poetas que patrocinava:

Tenho n'alma um cruel pressentimento
(Talvez não mui remota profecia
Que não posso apagar do pensamento!)

Espero cedo o meu extremo dia
E a morte da patria tão distante,
É quadro que me abate de agonia!

Das humilhações que ao seu talento e brio impunha a sua mofina condição, defendia-se com o orgulho com que se lhe fingia indifferente, mas que ás vezes lhe irrompiam ou em gestos desabridos ou em gritos poeticos verdadeiramente dolorosos e comoventes, porque vindos d'alma. Tais são: *Meu segredo*, *Minha vida*, *A linguagem dos tristes*, *Não posso mais*, *Ultimo canto do cisne*:

Eu me finjo ante vós, porque venero
O sublime das lagrimas; conheço-as
São modestas vestais, vivem no ermo
Aborrecem festins.....
.....
Bem fechadas no claustro de meus olhos
Dentro em meu coração hei de contel-as
Guardal-as bem de vós, contentes, hei de
Porque a dôr me não tráia neste empenho
Zelosa e vigilante sentinela
Em meus labios trazer constante um riso.

Pungia-o esse tão comum mal secreto, de que um dos nossos poetas devia, duas gerações depois, dizer num so-

neto modelar. Serviu-lhe grandemente o estro esse mal. Na sua desgraça, de que a sua indole de boemio e a sua doentia sensibilidade de poeta fizera um real sofrimento, achou motivos de inspiração cuja sinceridade se traduz numa forma comovida e tocante, se não excelente. Esta mesma lucrou da sua existencia de poeta popular a simplicidade do sentimento e a singeleza da expressão que lhe dão á poesia um cunho particular e não raro delicioso. O titulo de *Trovas* que lhe poz calha admiravelmente aos seus poemas em que a espontaneidade da inspiração e a ingenuidade do sentimento se não embarçam de dificuldades e caprichos de expressão. Laurindo Rabelo é um poeta no sentido profundo que o povo dá a este nome. Tambem nenhum outro dos nossos teve a alma tão perto do povo.

III — *Junqueira Freire*

Luiz José Junqueira Freire nasceu na Baía em 1832 e ali mesmo faleceu, sem nunca ter saído da terra natal, em 1855. Os seus estudos exclusivamente literarios, fizera-os com pouco sistema nas aulas primarias e avulsas secundarias da sua terra e em seguida no liceu provincial. Completou-os ou os aperfeiçoou depois com a leitura copiosa e variada, principalmente dos poetas latinos e modernos. As suas tentativas criticas não lhe desmerecem essa capacidade e são escritas numa lingua em que porventura havia um bom embrião de prosador.

Uma temporã paixão amorosa mal-aventurada levou Junqueira Freire, por desespero romantico, a fazer-se frade. Não tinha nenhuma vocação ou sequer vivo sentimento religioso. Ao revez, dos fragmentos autobiograficos dele restantes verifica-se que era antes um espirito critico, já meio desabusado, que metia á bulha devoções e credices acatadas pela igreja. Ao desespero amoroso a que a vida

monastica não dera remedio, ajuntou-se-lhe logo o desespero da vida, para a qual não nascera, e com ele a revolta contra o seu estado de frade e até contra o estado monastico em geral. Foram os dous sentimentos conjugados que o fizeram poeta e lhe deram a originalidade de ser na nossa literatura, senão tambem em toda a poesia da nossa lingua, o unico francamente rebelde a uma das feições mais particulares do catolicismo, e que de o ser tirou inspiração. Ao livro de seus primeiros poemas publicados na Baía em 1855, pouco antes de sua morte, chamou de *Inspirações do claustro*. O titulo é improprio, pois faz erroneamente supor que lh'os inspirou a religião do claustro, quando motivaram-nos o desespero e a revolta contra ele. Sob a estamenha do monge continuou a palpitar o seu coração enamorado, e no claustro mesmo o seu amor, numa ardencia de desejos insatisfeitos e agora irrealizaveis sem crime, irrompia em poemas que, no seu estado, frisavam ao sacrilegio. Dessa colecção justamente os poemas mais fracos são os de inspiração presumida de religiosa, *O apostolo entre as gentes*, *A flor murcha do altar*, *O incenso do altar*, *Os claustros* e quejandos, em que idéa, emoção, estilo são de lamentavel frouxidão. A todos falta a unção que só dá menos uma fé confessada que um intimo sentimento religioso. Nenhum parece vindo tão do fundo d'alma como as suas imprecações de frade desiludido ou os seus lamentos de amoroso desesperado. A mesma observação cabe aos seus poemas intencionalmente brasileiros. Destes poetas é Junqueira Freire o unico a ainda sacrificar ao indianismo e a propositos patrioticos, embora escassamente e sem convicção nem entusiasmo. Ressentem-se destas falhas os seus poemas (*O hino da cabocla*, *Dertinoa*) dessa inspiração, que estão em tudo e por tudo bem longe do modelo evidentemente mirado, Gonçalves Dias, com quem Junqueira Freire teve relações pessoais e a quem dedicou um dos seus poemas. Não aprendeu, aliás, dele a sciencia do verso branco, que ao seu falta harmonia e relevo. Os melhores versos de Junqueira Freire são talvez

os de contextura popular, sem preocupações de metrica. Afectava demasiado o verso de onze silabas, geralmente desagradavel pelo seu soar agalopado.

Punge-o tambem a idéa da morte, como era natural de uma alma de raiz romantica, affligida pelo odio da sua profissão monastica, pelo desespero de um mal-aventurado amor e ainda pela miseria de um organismo doentio. Entrevê-se-lhe aquella idéa em varios passos dos seus poemas, e claramente e numa bela frase poetica mostra-se no intitulado *Morte*:

Pensamento gentil de paz eterna
Amiga morte, vem.

Punge-o, porem, sem a expressão angustiosa de Alva-
res de Azevedo ou Casimiro de Abreu, se não mais conformada e serena. Os seus poemas caracteristicos, as manifestações mais significativas do seu sentimento e estro e do seu feitio poetico, são *Meu filho no claustro*, *A orfã na costura*, *Frei Bastos*, *A profissão de frei Ramos*, *A Freira*, *Ela*, *Saudade*, *Desejo*, *Morte*, *Temor*. Estes sobretudo lhe dão a feição que o distingue no grupo da segunda geração romantica. Nenhum deles tem a perfeição relativa que se pode exigir de quem poetava em epoca em que se não era tão pontilioso nas exigencias da forma poetica, mas reunidos desenham uma não vulgar fisionomia de poeta.

IV — Casimiro de Abreu

Tem-na tambem propria e notavel Casimiro de Abreu. Poetando desde 1855, havendo mesmo publicado em Portugal desde 1856, na *Ilustração Luso-Brasileira*, alguns poemas, só em 1859 deu á luz as suas *Primaveras*, por ventura o mais lido dos nossos livros de versos.

Casimiro José Marques de Abreu era natural da Barra

de São João, na provincia do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1837 e morreu em 1860. Seu pai, portuguez como o de Gonçalves Dias, como esse o destinava ao commercio. Menos tratavel, porem, que aquele, quiz obrigar o filho a ficar numa profissão a que este era de todo avesso.

Dos poetas da sua geração é Casimiro de Abreu, talvez mais que outro qualquer, o poeta do amor e da saudade. Os dous sentimentos são a alma da sua poesia. Este pobre rapaz fraco e enfermizo nascera poeta, com a sensação viva, dolorosa do que o grande poeta latino chamara as lagrimas das cousas, cujo mortal encanto lhe penetrou cedo a alma melancolica. O drama intimo da sua vida, o desconhecimento do seu talento, a contrariedade oposta á sua vocação e, acaso, as imperfeições do lar paterno, tudo teria sido exagerado até ao tragico pela sua sensibilidade doentia. É grande a magoa que de tudo lhe vem; grande, real e sincera. Da sua vida amorosa nada de certo sabemos. Os seus biografos, mesmo aqueles que mais intimamente, parece, o conheceram e trataram, como Reinaldo Montoro e Teixeira de Melo, divagam e amplificam, segundo tem sido aqui o mau vezo dos biografos, em vez de lhe investigarem a vida e de a contarem sem impertinentes recatos (1). Nos seus versos, porem, ha a impressão pungente de um amor infeliz que lhe deixou a alma mal ferida e para sempre dolorosa. O afastamento, a ausencia da terra natal, o exilio, como, imitando a Gonçalves Dias, lhe chamou, completaria a exacerbação da sua sensibilidade organica e lhe daria ao estro o tom nostalgico que, sem igualar a simplicidade genial do seu inspirador, não lhe ficará somenos em emoção.

É sob a influencia da nostalgia e do amor, ambos de

(1) V. *Casimiro de Abreu*, por R. Carlos Montoro, *Revista Popular*, Rio, 1862, xvi, 351. Idem por Teixeira de Melo, *Gazeta Literaria*, Rio, 1884, I, 124.

facto nele uma doença, que se põe a cantar o Brasil. Mas o Brasil, que canta em seus sentidos versos, a patria por quem chora e que celebra, é principalmente a terra em que lhe ficaram as cousas amadas e mórmente a desconhecida a quem dedicou o seu livro e que, segundo a meia confidencia de um daqueles biografos, teria encontrado morta quando voltou á terra natal. A saudade desta com os encantos que a saudade empresta aos seus motivos, é que o faz patriota, se mesmo com esta restrição se lhe pode aplicar o epiteto, que não vai aqui como elogio. A sua nostalgia é sobretudo o amor, não só á mulher querida, mas a quanto este amoroso amava, o torrão natal, a casa paterna, a vida campestre, que para as almas sensíveis como a sua se enche de prestigio ignorados do vulgo.

Lá de longe cantou a sua terra, os sitios da sua infancia, as suas recordações de toda a ordem, avivadas pela saudade, com sentida e comovedora emoção. As penas de amor e de saudade fizeram-no o poeta que foi. Toda a sua curta vida, ainda depois de restituído á sua terra, uma saudade incerta, uma indefinida nostalgia ficar-lhe-ia na alma como um ferrete daquelas penas. E o nosso povo, que do portuguez herdou o senso desses dous sentimentos, em a nossa raça irmanados na mesma emoção, achou porventura em Casimiro de Abreu o mais fiel interprete das suas proprias comoções elementares, primarias, do amor do torrão e da mulher querida. Pelo que é Casimiro de Abreu o poeta brasileiro que o nosso povo mais entende e a quem mais quer. Ama-o, recita-o, canta-o, fazendo-o um poeta popular, em certos meios quasi anonimo. Comprova este asserto o **facto** de ser Casimiro de Abreu, de todos os nossos poetas, exceptuando Gonzaga, certamente o que tem sido mais vezes reimpresso, total ou parcialmente. As suas *Primaveras* tem, pelo menos, oito edições.

Voltando doente e abatido á terra natal, a vista daquelas cousas tão choradas no exilio põe-lhe na alma dolente

acentos raro atingidos pela nossa poesia. E dele se haviam de inspirar Luiz Guimarães Junior, Lucio de Mendonça e outros que cantaram iguais estados d'alma:

Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu tecto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu, cresceu comigo.

Os mesmos campos que eu deixei criança,
Arvores novas, tanta flor no prado!...
Oh! como és linda, minha terra d'alma,
— Noiva enfeitada para o seu noivado.

Foi aqui, foi ali, alem... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia,
— Lá vejo o atalho que vai dar na varzea...
Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais seca a cachoeira
Onde banhei meu infantil cansaço,
— Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sanhaçú a laço!...

Como eu me lembro dos meus dias puros!
Nada me esquece!... Esquecer quem hade?
— Cada pedra que eu palpo ou tronco ou folha
Fala-me ainda dessa doce idade.

E a casa?... as salas, estes moveis, tudo,
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratorio, a sala grande
Onde eu temia penetrar no escuro!...

É da melhor, da mais alta, da mais profunda poesia. Como poeta do amor, não é demais dizer que Casimiro de Abreu deu á nossa lingua, tão rica sob este aspecto, algum dos seus mais comovidos se não mais formosos cantos. A uns destes os prejudicou, no conceito da geração immediata ao poeta, a mesma popularidade que os vulgarizou nos recitativos de salão, como foram de moda. Não obsta que poemas como *Amor e medo* e *Minha alma é triste*

sejam, sem encarecimento, apesar da sua toada que nos é hoje menos agradável, dos mais belos da nossa poesia.

Com incorrecções de forma poetica, a que somos depois do parnasianismo demasiadamente sensíveis, teem eles em alto grau, sentimento, idealização, emoção da melhor especie poetica, e até, em mais de um passo, peregrinas excelencias de expressão. Ha em *Amor e medo* notadamente um ardor de volupia ao mesmo tempo contida e exuberante, que lhe realça sobremodo a beleza, e formosuras de sensação e de expressão que não teriam o direito de desdenhar os mais reputados sequazes de Baudelaire. É forte a sua tradução das tentações amorosas da carne, como o diriam estes poetas, e, mais, de todo nova na nossa poesia, se não tambem na da lingua portugueza:

Ai! Se eu te visse no calor da sésta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Solto o cabelo nas espaduas nuas...

Ai! Se eu te visse, Madalena pura,
Sobre o veludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos, palpitante o seio!...

Ai! Se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginais do pejo,
Trémula a fala, a protestar baixinho,
Vermelha a boca soluçando um beijo!...

Desprezados, como necessariamente sucederá dentro em pouco, os preconceitos que a vulgarização de tais versos contra eles criou, eles nos aparecerão em toda a sua novidade e beleza de sensação e expressão. Ver-se-ha o seu realismo de idéas e estilo, nem sequer suspeitado então como formula ou processo de escola, do mesmo passo que se lhes sentirá o ardor e a intensidade que desafia quanto a paixão á cola daquele poeta francez e dos seus discipulos poz nos versos dos nossos ultiores poetas. Em que lhes

pese ao estúpido desdem pelo verdadeiro e notavel poeta que é Casimiro de Abreu, facilmente se verifica que eles lhe sofreram a influencia e frequentemente o imitaram, raro o igualando e nunca o excedendo na realidade da emoção nem no sublime da expressão. Pela profundez e sinceridade do seu sentimento poetico, tem ele mais razão de viver do que estes; já vive de facto mais do que eles viverão, e o futuro, não duvido vaticinar, o desforrará cabalmente dos seus tolos desdens.

Tristeza ingênita, melancolia amorosa, acerba nostalgia, angustioso sofrimento de uma alma rica de ingenuas e ardentes aspirações de gloria e de amor, tudo deu a este delicioso poeta a feição dolorosa que ainda no meio dos poetas dolentes da sua geração o distingue. Tinha tambem, como os outros, o presentimento da morte prematura. Mais de um poema seu o declara ou o revê.

A um amigo recémmorto dizia:

Dorme tranquilo á sombra do cipreste...

— Não tarda a minha vez;

Com efeito, dous anos depois, finava-se com vinte e tres de idade, na sua fazenda ou sitio de Indaiassú, no torrão natal, ás cinco horas e vinte e cinco minutos da tarde do dia 18 de outubro de 1860 (1).

V — *Poetas menores*

Tais são estes poetas, os principais da geração que, estreando pelos anos de 1850, viveu literariamente até o fim da seguinte decada e ainda alem. Afora estes, poetaram, por esse tempo, com ou sem livros publicados, Francisco Octaviano de Almeida Rosa (1825-1889), José Bonifacio de

(1) Montóro, *artigo citado*.

Andrade e Silva (1827-1886), Aureliano José Lessa (1822-1871), Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1827-1884), José Alexandre Teixeira de Mello (1833-1907), José Joaquim Candido de Macedo Junior (1842-1860) e outros de menor merecimento e reputação.

Francisco Octaviano e José Bonifacio, chamado o Moço, para distingui-lo do seu tio do mesmo nome, o patriarca da Independencia, foram dous brilhantes poetas amadores, dous insignes diletantes da poesia, e tambem, dous brilhantes espiritos, porventura dous talentos de primeira ordem. Mas a sua vocação, se a vocação não é «senão a incapacidade de falharmos ás inclinações naturais do nosso espirito», não eram as letras ou ao menos as letras praticadas com a assiduidade de uma profissão. Com encantador e não vulgar estro poetico, ambos, apenas esporadica e ocasionalmente, poetaram. Esse dom, o exerceram antes como uma prenda de sociedade, mais uma distinção a juntar ás muitas que possuíam como politicos, jornalistas, parlamentares, juristas, do que por necessidade do seu temperamento literario. José Bonifacio, cuja obra poetica esparsa contém algumas obras primas (*O Redivivo, Um pé, Primus inter pares, A margem da corrente*), publicou apenas, ainda em antes que começasse esta geração, com a qual principalmente cantou, um pequeno folheto de versos *Rosas e goivos*, em 1848 (1). Francisco Octaviano versificou copiosa e elegantemente em jornais, revistas e albens mulheris, fez primorosas traduções de Byron, deixou admiraveis versos proverbiais, mas ao cabo nenhum volume por onde possamos cabalmente apreciar-o. Nem um, nem outro tiveram na nossa poesia a importancia a que os seus talentos lhes dariam direito incontestavel e até os obrigavam; ambos, porem, exerceram nela, ao menos no cir-

(1) Tambem ha, coligidos por José Maria Vaz Pinto Coelho, *Poesias de José Bonifacio*, Rio de Janeiro, Laemmert & C.ª, in 16.º xv-192 p. s. d. (1887).

culo dos poetas que puderam conhecê-los e a sua dispersa produção, inegável influencia. São antes dous grandes nomes literarios, algo lendarios, que dous escritores notaveis.

Está exactamente nas mesmas condições Pedro Luiz Soares de Souza (1839-1884). Também ele foi um poeta brilhante, o precursor da inspiração politica e social e do que depois se chamou condoreirismo, na nossa poesia, politico de relevo, jornalista, conversador agradabilissimo, segundo quantos o trataram, e homem do mundo de rara sedução. Deixou meia duzia de poemas, os melhores no tom epico (*Os voluntarios da morte, Terribilis Dea*) que todo o Brasil conheceu, recitou e admirou. Mas a sua obra dispersa de mero diletante, se lhe criou um nome meio lendario como o de José Bonifacio e Francisco Octaviano, não basta a assegurar-lhe um posto de primeira ordem na nossa poesia.

Sem lhes ter a fama, valem acaso mais para a historia da nossa literatura Teixeira de Melo, Aureliano Lessa e principalmente Bernardo Guimarães. Teixeira de Melo, cujas *Sombras e sonhos* precederam as *Primaveras* de Casimiro de Abreu, e que era um quasi conterraneo do poeta da alma triste, era também, como ele, de seu natural melancolico. A sua tristeza nativa e o seu estro sofreram a influencia de Gonçalves Dias, mas por sua vez o seu lirismo não deixou de influir no de Casimiro de Abreu, em que se encontram imagens e expressões de poemas das *Sombras e sonhos*, e que epigrafou com versos destes poemas as suas *Primaveras*. Mas Teixeira de Melo, com desenganados queixumes metricos da vida, cedo abandonou a poesia e burocraticamente, fazendo bibliografia e erudição, viveu septuagenario. Como poeta, além de ser um legitimo e estimavel representante da poetica da sua geração, foi um dos mais correctos versificadores dela, devendo-lhe a arte do verso aqui as melhorias de um alexandrino mais perfeito do que antes dele se fizera e de nas estrofes de quatro versos rimal-os sempre alternadamente, o que antes só excepcionalmente se fazia.

Aureliano Lessa, ligeiramente mais objectivo que Alva-
res de Azevedo, e de um sentimento menos profundo que
qualquer dos poetas desta geração, nem assim lhe escapa
aos estigmas característicos. Ao contrario, pertence-lhe por
todas as feições da sua poesia, sem que tenha nenhuma
que particularmente o distinga. Destes poetas secundarios
desta progenie, o maior, pela sua mais distinta fisionomia,
pela copia da sua produção e ainda pelos quilates destas,
é, sem duvida, Bernardo Guimarães. Este, aliás, pertence-
-lhe antes cronologica que literariamente, antes por ser do
mesmo tempo, ter vivido a vida de alguns deles, poetado
conjuntamente com eles, do que por paridade de senti-
mento ou estro com eles. Não ha nos seus poemas — e a
sua produção foi uma das mais copiosas do tempo — nem
o excessivo subjectivismo, nem o morbido sentimentalismo,
nem a tristeza e dolencia dos seus companheiros de gera-
ção, e menos ainda a sua ardente voluptuosidade. É mesmo
o unico deles que não é triste ou que sabe disfarçar a tris-
teza e magoa, que ás vèzes declara galhofando dos seus
mesmos pezares ou esponde-os mais a sorrir que a chorar,
como preferiam fazer aqueles. É em todo o nosso roman-
tismo o unico poeta alegre, o que versejou de cousas ale-
gres e com inspiração e intenção jovial. E versejou geral-
mente bem, se não com mais arte, com arte diferente da
dos seus companheiros e mais variada inspiração. É ele
quem reintegra o descritivo na poesia desta geração, que
dela o tinha quasi abolido. O seu temperamento poetico,
principalmente considerado em relação á epoca em que
poetou (1858-1864) é mais classico ou antes mais arcadico,
que romantico; não ha ao menos nas suas manifestações
as exuberancias e menos os excessos de emoção do ro-
mantismo. Mas tambem não ha o melhor da sua sensibili-
dade. Bernardo Guimarães teve em seu tempo, e não sei
se continuará a ter, mais nome como romancista que como
poeta. Não me parece de todo acertado este modo de ver.

CAPITULO XIV

Os ultimos romanticos

I — *Prosadores*

Anacronico e amaneirado procrastinava-se o Romantismo, conservando os seus traços distintivos; a intenção nacionalista, realizada no poema ou no romance, já indianista, já do pitoresco patricio da paisagem ou da vida, e a sentimentalidade idealista. Afóra os romanticos da primeira hora, que se sobreviviam a si mesmos — e eram quasi todos por que esta geração, ao envés da segunda, viveu velha, — havia os que, aparecendo quando já se acabava o alento literario que a criara, ainda lhe sofreram a influencia ou cediam tambem ao prestigio daqueles fundadores. Os mesmos que se desviam de Alencar, a principal figura literaria do tempo, o reconhecido chefe da literatura nacional, até os que o negam (aliás poucos) não contestam ou sequer duvidam a legitimidade do proposito nacionalista. É que este revia o intimo sentimento a que, com a sua ordinaria propriedade de expressão, Machado de Assis chamaria de «instinto de nacionalidade». Presume esta *Historia* haver cabalmente verificado o desabrochar desse instinto desde ainda mal iniciada a formação do nosso povo, bem como o seu constante desenvolvimento a par com o deste. A espontaneidade do fenomeno não prova, entretanto, que não assentasse em um errado conceito do nacionalismo na literatura. Desde 1873, no artigo de que acabo de citar uma feliz expressão, Machado de Assis oferecia a primeira con-

triedade, que me conste, á opinião ao seu parecer erronea, que só nas obras consoantes aquelle proposito reconhecia espirito nacional e conceituosamente escrevia «não ha duvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento intimo que o torne homem do seu tempo e do seu paiz, ainda quando trata de assuntos remotos no tempo e no espaço» (1). Este programa devia ele cumpril-o com peregrina distincção, des-preocupadamente.

Iniciava-se, porem, a reacção contraria ao Romantismo, sob o seu aspecto de nacionalismo exclusivista. Após largos anos de paz, de tranquillidade interna, de remançosa vida pacata sob um regimen liberal e bonachão, apenas abalada por mesquinhas brigas partidarias que não logravam perturbar-a, rebentou a guerra do Paraguai, que durante os ultimos cinco anos do decenio de 60 devia alvoroçar o paiz. Pela primeira vez depois da Independencia (pois a guerra do Prata de 1851 mal durou um ano e não chegou a interessar a nação) sentiu o povo brasileiro praticamente a responsabilidade que aos seus membros impõem estas colectividades chamadas nações. Ele, que até então vivia segregado nas suas provincias, ignorando-se mutuamente, encontra-se agora fóra das estreitas preocupações bairristas do campanario, num campo propicio para estreitar a confraternidade de um povo, o campo de batalha. De provincia a provincia trocam-se idéas e sentimentos; prolongam-se após a guerra as relações de acampamento. Houve emfim uma vasta comunicação interprovincial do Norte para o Sul, um intercambio nacional de emoções, cujos efeitos se

(1) *O Novo Mundo*, periodico ilustrado do progresso da idade, Nova York, 24 de março de 1873. Reproduzido no livro do mesmo autor. *A Critica*, publicação postuma, Rio, Garnier, 1913.

fariam forçosamente sentir na mentalidade nacional. A mocidade das escolas, cujos catedraticos se faziam soldados e marchavam para a guerra, alvoroçou-se com o entusiasmo proprio da idade. Os que não deixavam o livro pela espada, bombardeavam o inimigo longinquo com estrofes inflamadas e discursos tronitantes, excitando o fervido entusiasmo das massas. O amor, a morte, o desgosto da vida, os queixumes melancolicos, remanescentes do Romantismo, cederam lugar a novos motivos de inspiração. Por outro lado, acontecimentos exteriores que tinham aqui grande repercussão, as lutas do liberalismo francez contra o segundo imperio napoleonico, lutas em que a poesia e a literatura tomavam tão grande parte, a implantação de uma monarquia européa na America, a revolução republicana na Espanha e o fenomeno de um grande poeta, Victor Hugo, contrapondo-se em toda a grandeza do seu genio e da sua colera republicana ao imperio e desafiando-o em face do mundo atonito, comoviam tambem a mente nacional. Impressões de todos esses sucessos ha na poesia do tempo. Poetas e ainda prosadores eram por eles solicitados em outras direcções que o estreme subjectivismo romantico. Debuxou-se então a reacção anti-romantica. Iniciava-se, porem, sem alvoroço, nem decisão como que a medo. Ainda vencedora, não o suplantara de todo na radicada opinião de que o assunto brasileiro primasse em a nossa literatura e até em quaisquer locubrações nossas. Salvo o que o cumprimento deste preceito pudesse ter de excessivo, não era ele inteiramente desarazado. A função faz o orgão. A applicação constante dos nossos sentimentos nacionais na idealização literaria ou noutro labor intelectual, a assuntos brasileiros devia em rigor acabar por criar e desenvolver em nós aquele instinto. A historia da nossa literatura prova aliás, que assim succedeu.

Já começada a reacção, menos contra esse instinto legitimo e necessario que contra o conceito abusivo da sua applicação, appareceu nas nossas letras um escritor que, sem embargo da sua procedencia franceza e ser de raça

um puro europeu, o possuiu como poucos brasileiros da nossa formação tradicional, o visconde de Taunay. Em 1872, Machado de Assis, que viria a suceder a Alencar no principado das nossas letras, estreava no romance com um livro a todos os respeitos novo aqui, *Ressurreição*. No mesmo ano publicou Taunay a *Inocencia*, formoso exemplar do «romance brasileiro» segundo a formula aceita. Um ano antes estreara com a *Mocidade de Trajano*. Apesar da antipatia posteriormente manifestada pelo autor, na sua obra critica, as novas correntes que começavam a arrastar para fóra do Romantismo a ficção franceza, figurino sempre canhestramente copiado da nossa, sentese-lhe todavia o influxo em ambos os romances.

Alfredo de Escragnole Taunay, visconde de Taunay, nasceu no Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1843 e nesta cidade faleceu em 1899. Engenheiro militar e oficial de exercito, fez a campanha do Paraguai e exerceu varias comissões tecnicas. Professou tambem letras e sciencias naturais na Escola Militar e, como Alencar, foi homem politico, deputado geral, presidente de provincia e senador do Imperio. Teve talentos e aptidões variadas, era pintor e musico, e possuia, com boa educação liberal, prendas de homem do mundo. Foi um dos escritores mais versateis e fecundos do seu tempo, mesmo o foi talvez com desleixada facilidade, acaso com menosprezo da sua situação literaria. Aludo a livros como o *Encilhamento* ou *Como e porque me tornei kneipista* e que tais escritos seus. Esta falha, porem, revia a sua exquisita bonomia e o ingenuo ardor de propagandista que nele houve sempre e se manifestou nas suas campanhas de imprensa e de tribuna por questões publicas tomadas calorosamente a peito. Não é ocioso recordal-o, pois mostra a feição pratica do genio de Taunay, feição que não foi estranha á sua formula literaria.

Á sua obra, considerada pela copia e ainda pela qualidade, faltou coesão e intensidade que lhe dessem mais solidiez e distinção. É como quer que seja dispersiva, feita

com facilidade que roça pelo banal e inconsequente. Além da propriamente literaria, romance, critica, teatro, compreende viagens e explorações de engenheiro, relatorios tecnicos, relações de guerra, estudos etnograficos, escritos politicos e sociais, questões publicas, biografias, historia e peças musicais. Dous livros destacam-se de toda ela, que lhe asseguraram em vida nomeada de bons quilates e lhe dão um lugar na nossa literatura: a narrativa, feita com grande talento literario, de um episodio da guerra do Paraguai, a *Retirada da Laguna* e o romance de costumes sertanejos *Inocencia*, já referido.

Taunay, a quem tive a ventura de conhecer de perto, não obstante a sua dupla origem estrangeira, era um genuino brasileiro de indole e sentimento. Não lhe faltavam sequer sinais das nossas peculiaridades, o que lhe completava a caracterização nacional. A sua literatura de inspiração, sentimento e intenção brasileira é a expressão sincera desta sua feição. O seu europeismo ainda muito proximo, apenas lhe transparece no ardor com que, apesar de conservador de partido, se empenhou por idéas liberais que a seu ver deviam atrair e facilitar a imigração europeia, da qual foi ardoroso propugnador. Sob o pseudonimo, logo descoberto, de *Silvio Dinarte*, estreou na literatura com o já citado romance *A mocidade de Trajano*, em 1871. Quer neste, quer em *Inocencia*, que se lhe seguiu de perto, atenua-se a sentimentalidade excessiva e o romanesco do romance em voga. Paisagens e costumes são descritos com mais senso da realidade e mais sobriedade e exactidão de traços. E não sómente a sua representação interessa ao autor, senão também aspectos politicos, sociais e morais, que ressaltavam da acção, das personagens ou dos usos. Não se libertara ainda da preocupação doutrinal dos seus antecessores, tinha-a, porem, com mais largueza espiritual e mais desenvoltura de expressão. Em *A mocidade de Trajano* havia manifestações de livre pensamento e satira quer aos nossos costumes politicos, quer a praticas devotas, desusadas na nossa ficção.

Tinha feito diferente de tudo o que no genero aqui se publicara, a *Inocencia*. Romance feito de impressões directas de paisagens, scenas, tipos e factos gerais, apenas idealizados por uma recordação que devia de ser saudosa, havia neste, com uma representação esteticamente verdadeira, ao mesmo tempo singela e forte, do sertão e da vida sertaneja no Brasil central, um sincero sentimento, uma simpatia real, sem excesso de sensibilidade, do seu objecto. Não obstante desfalecimentos de estilo, havia mais nele o merito da novidade. Estavam em voga os romances de Alencar, Macedo e Bernardo Guimarães. O primeiro era nimiamente romanesco e idealista, feições que ao tempo as suas reais qualidades de escritor não bastavam para atenuar. Macedo, mestre de que aliás Taunay se confessava discipulo, sobre romanesco, de lingua desleixada e estilo frouxo, pode dizer-se que não tinha propriamente feitiço literario. Bernardo Guimarães, com qualidades artisticas inferiores, como Macedo, era como Alencar, mas sem o seu talento, um romantico idealista peorado pelo romanesco sentimental. Sem falar em Manoel de Almeida, cujo unico romance não teve repercussão, é Taunay quem na *Inocencia*, talvez sem proposito, levado apenas dos instinctos praticos do seu genio e nativo realismo do seu temperamento, e ainda pelo que chamarei o seu materialismo literario, escreve o primeiro romance realista, no exacto sentido do vocabulo, da vida brasileira num dos seus aspectos mais curiosos, um romance ressumando a realidade, quasi sem esforço de imaginação, nem literatura, mas que a emoção humana da tragedia rustica, de uma simplicidade classica, idealiza nobremente. Precedera-o de tres anos o *Casamento no arrabalde*, de Franklin Tavora, de identica feição. Sobre não ter a intensidade e o compendioso de *Inocencia*, nem, portanto, a sua emoção, publicado na provincia, passou despercebido menos por uma conspiração de silencio, como erradamente suporia o autor, mas em virtude mesmo das necessarias condições da nossa vida literaria. Ao contrario, o romance de Taunay safa acompanhado da calorosa re-

comendação consideravel de Francisco Octaviano, que lhe augurava longa vida e acertou no vaticinio. Não havia em *Inocencia* os arrebiques e enfeites com que ainda os melhores dos nossos romances presumiam embelezar-nos a vida e costumes e a si mesmo sublimarem-se. E com rara simplicidade de meios, lingua chan e até comum, estilo natural de quasi nenhum lavor literario, composição sobria, desartificiosa, quasi ingenua, e, relativamente a então vigente, original e nova, safa uma obra-prima.

Infelizmente se não repetiria jamais na obra do romanista. Os seus seguintes romances terão quasi todos o merito, ainda extraordinario, de melhor observação, de intenção de psicología e estudo e desenho de caracteres, de lingua mais cuidada. Esta, porem, por demasiado impessoal e desangrada, nunca logrou ser um estilo. Depois de *Inocencia*, a sua obra mais viva, e digno par desta, é a *Retirada da Laguna*, ou antes *La Retraite de Lagune*, pois foi escrita em francez. O ser escrita nesta lingua porventura contribuiu para lhe dar a sobria elegancia e o intenso vigor descritivo que a distinguem na sua obra, mas de alguma sorte a desterra da nossa literatura. Taunay aumentou o nosso cabedal literario, enriquecendo do mesmo passo a nossa ficção, com outros romances, *Lgrimas do coração* (1873), republicado nos anos de 90 com o titulo menos romantico de *Manuscrito de uma mulher*, *Ouro sobre azul* (1874), *Historias brasileiras* (1878), *Narrativas militares* (1878), e *No declinio* (1899). Dons de observação, qualidades de narração e tambem de composição, apesar de fraqueza e ineficiencia da applicação psicologica e maior simplicidade de estilo, geralmente os sobrelevam aos romances de Macedo ou Bernardo Guimarães e até, embora menos, aos de Alencar. Nos ultimos era já evidente o influxo do naturalismo na sua fase extrema. Eram, porem, acaso mais realistas que naturalistas, porque o realismo estava no fundo do engenho literario de Taunay, como o idealismo no de Alencar.

Ensaçou igualmente Taunay o teatro (*Amelia Smith*) e a critica (*Estudos criticos*, 1881-1883), mas em nenhum destes generos deixou obra consideravel. O seu lugar na historia da nossa litteratura são os seus romances sómente que merecidamente lh'o conferem.

A precedencia de Franklin Tavora aos dous roman-cistas atraz nomeados, Taunay e Machado de Assis, é apenas cronologica. Não obstante se háver estreado no romance desde 1862, com os *Indios de Jaguaribe*, só de facto começou o seu nome a sair da obscuridade provinciana pelos anos de 70, primeiro com a publica-ção escandalosa das *Cartas a Cincinato*, depois com os romances *O Cabeleira* (1876), *O Matuto* (1878), *Laurenço* (1881).

Joaquim Franklin da Silveira Tavora era do Ceará, nascido em 13 de janeiro de 1843. Passou a maior parte da sua vida no norte, onde se lhe formou o espirito e pelo qual tinha um apego bairrista. Os seus ultimos anos viveu-os no Rio de Janeiro, e aqui faleceu em 18 de agosto de 1888. Acaso mais por espirito de insubordinação dos escritores noveis contra os consagrados, que por justificadas razões, foi dos que se insurgiram contra a hegemonia litteraria de Alencar. Tem sido sempre aqui a litteratura uma cousa a parte na vida nacional. Feita principal se não exclusivamente por moços despreocupa-dos da vida pratica, que sacrificavam a ingenuas ambi-ções de gloria ou á vaidade de nomeada, nunca assegu-rou aos seus cultores posições ou proveitos, como não constituiu jamais profissão ou carreira. Nestas condições tal insurreição, como outras quejandas, e tanta cousa da nossa vida litteraria, era apenas uma macaqueação de identicas rebeliões nos centros literarios europeus. Com violencia que tanto pode rever sinceridade de convicções como a congenita irritabilidade dos poetas, e sob pseudo-nimo de *Sempronio*, atacou Franklin Tavora a José de Alencar, e aos seus livros, nomeadamente a *Iracema* e o *Gaúcho*, em uma serie de cartas primeiro publicadas num

periodico do Rio, depois reunidas em livro de nitida edição de Paris (1).

Sob o disfarce de Cincinato eram endereçadas ao escritor portuguez José Feliciano de Castilho. Ainda banindo da literatura e da vida, como devem ser, quaisquer estreitas prevenções nacionais, de todo impertinentes na ordem intellectual, essa obra de Franklin Tavora, aliás apreciavel como critica e como estilo, era uma má acção. Fossem quais fossem os defeitos da de Alencar, não eram tais que o desclassificassem do posto que occupava nas nossas letras. Determinava-a demais uma verdadeira vocação litteraria, como a inspiravam uma sincera e nobre ambição de promover a literatura nacional. E em verdade o fazia com honrado labor e engenho no momento incomparavel. Ao mesmo empenho, aliás, se consagrara Franklin Tavora, enctetando a sua actividade litteraria com livros da chamada «litteratura brasileira», *Os indios de Jaguaribe*, *Um casamento no arrabalde*. E o mesmo proposito teve o resto da sua vida. Nem ao cabo a sua litteratura differia notavelmente da de Alencar, senão por lhe ser inferior. *Os indios de Jaguaribe*, *O Cabeleira*, *O Matuto*, *O Lourenço*, que são as suas obras typicas como indianismo ou regionalismo pitoresco, não se differenciam essencialmente dos romances de Alencar da mesma inspiração, e menos ainda os excedem em merecimento. São-lhes antes somenos como imaginação e estilo. E era a um escritor estrangeiro que se fizera aqui o negador systematico ou o instigador da negação systematica, do nosso engenho e capacidade litteraria, que Franklin Tavora tomava por parceiro nesse jogo de descredito do escritor que com tanta bizarrria, e não sem successo, se empenhava no fomento da litteratura nacional. Mas na vida litteraria não ha maior satisfação nem melhor

(1) *Litteratura Brasileira — Cartas a Cincinato*, estudos criticos de Sempronio sobre o *Gaúcho* e *Iracema*, obras de Senio (José de Alencar), 2.^a edição dos extractos de cartas a Cincinato e notas do autor. Pernambuco. J. W. de Medeiros, 1872, in-8.º, vi, 330 pags.

premio, de que vermos seguir-nos os passos os mesmos que nos contestam e nos atacam. Se Alencar fosse um homem de espirito, a investida de Franklin Tavora, acompanhada de seus «romances brasileiros», devia intimamente rejubilal-o. Sem embargo de endereçadas ao irmão de Antonio de Castilho, o serodio arcade contra quem se tinha revoltado não havia muito a mocidade literaria portugueza, as *Cartas a Cincinato* eram acaso repercussão do famoso e ridículo motim literario do *Bom senso e bom gosto*. Não tiveram, porem, o eco da celebre carta deste titulo de Antero de Quental a aquele, nem motivaram senão as respostas malignas e ainda ferinas do seu equivoco destinatario.

Com excelentes qualidades literarias, tinha Franklin Tavora, mais do que é licito a um homem de espirito, preconceitos provincianos, quizila á «Côrte», cujos literatos, aliás na maioria provincianos, imaginava apostados em desconhecer e hostilizar os escritores da provincia. Algum tempo, justamente naquele em que fazia as suas primeiras armas literarias Franklin Tavora, prevaleceu este estado de espirito, que o revia mesquinho, em certo grupo de homens de letras nortistas, indiscretamente revoltados contra a legitima e natural preponderancia mental do Rio de Janeiro. Como se, dada a nossa formação historica e cultural, e organização politica, não fosse absurdo o regionalismo espirital que lhes apetecia. Desta ridicularia ainda haverá algum representante anacronico, e nunca se emancipou Franklin Tavora. Manifestou-o ainda no prefacio da 2.^a edição, aqui publicada, de *Um casamento no arrabalde*. Esta prevenção lhe teria gerado a desinteligente ogeriza a Alencar, como um dos «sacerdotes sumos», segundo o seu dizer, da literatura dos que no Rio de Janeiro menosprezavam a da provincia. Do mesmo preconceito lhe viria a infeliz idéa da repartição da literatura brasileira em «literatura do Norte» e «literatura do Sul», conforme a região brasileira que lhe fornecia a inspiração e o tema. Quão melhor alumiado não andou Alencar escolhendo os seus sem preferencia de regiões, para compor segundo o bellissimo

dizer de Machado de Assis «com as diferenças da vida, das zonas e dos tempos a unidade nacional de sua obra».

Mas a obra construtiva de Franklin Tavora, os seus quatro ou seis romances publicados de 1869 a 1881, excluidos os *Indios de Jaguaribe*, tentativa malograda de indianismo da sua juventude inesperta, sobreleva de muito este seu mal avisado trabalho de demolição. Ele não tem nem a imaginação nem o alinda do estilo literario de Alencar, escreve todavia com mais apuro e observa com mais fidelidade. A sua representação da natureza e da vida é mais exacta, se não mais expressiva. A sua lingua mais simples, menos enfeitada, atingindo mesmo ás vezes, como no *Casamento no arrabalde*, uma sîngeleza encantadora, livra-o da retorica sentimental que Alencar nem sempre evitou. Este ultimo romance é no seu genero um dos melhores da nossa literatura, um daqueles em que a vida burgueza provinciana, e não só nas suas esterioridades, mas nos seus caracteres intrinsecos e essenciais, se acha mais fiel e artisticamente reproduzida. *Um casamento no arrabalde*, como a *Inocencia*, de Taunay, é um romance de um realista espontaneo, para quem o realismo não exclue por completo a idealização artistica, que é como o sopro divino que lhe anima a feitura. Algo deste caracter realista se nos depara em todos os romances de Tavora, o que faz dele, como do seu contemporaneo Taunay, um dos reactores contra a romantica aqui ainda eñtão prevalecente, um dos percursores, portanto, do naturalismo.

O teatro e a literatura dramatica no Brasil não tiveram nunca a importancia, nem o merito, do romance ou da poesia. Ficaram-lhes sempre somenos em quantidade e em qualidade. A epoca de maior florescimento, sob estas duas especies, do nosso teatro e da nossa literatura dramatica, são as suas decadas de 1860 a 1880. Pertence-lhes quasi todo ou o melhor do teatro de Macedo, de Alencar, de Quintino Bocaiuva, de Agrario de Menezes, de Pinheiro Guimarães e de outros numerosos autores de teatro, cujos nomes, entretanto, cabem mais na historia deste que na da

literatura em geral. Não só no Rio de Janeiro, mas nas capitais das provincias principais, existiam e mantinham-se casas de espectaculos de peças nacionais, portuguezas ou traduzidas, representadas por companhias compostas quasi por igual de actores brasileiros e portuguezes fixados no Brasil, e até aqui feitos, dos quais alguns nomes ainda vivem na tradição, como Joaquim Augusto, Furtado Coelho, Florindo, Vicente de Oliveira, Eugenia Camara, Ismenia dos Santos, Manoela Luci, Xisto Bafa, Corrêa Vasques, e ainda outros. Mas, ou por deficiencia dos nossos autores dramaticos, ou por defeito do proprio meio de que se inspiravam, faltou sempre ao nosso teatro capacidade de representação teatral da nossa sociedade, que invariavelmente falsificava. E como tambem não tiveram o talento de expressão mais alta da nossa vida que, embora a desnaturando, atingisse a uma realidade humana geral, a nossa literatura dramatica consta antes de optimas intenções que de boas obras.

Nela trabalhou tambem Franklin Tavora, de quem se conhecem pelo menos tres dramas: *Um misterio de familia* (1861), *Tres lagrimas* (1870) e *Antonio*, representado aqui no Rio, mas que parece se não chegou a imprimir. Os impressos corroboram o conceito acima, não se distinguem nem como representação da nossa vida, neles adulterada ao influxo da dramaturgia franceza, sempre aqui dominante, mas aqui sempre esteril, nem como expressão geral de sentimentos e actos humanos.

Deixou Franklin Tavora tambem algumas excelentes paginas de critica, genero que tratou com evidente disposição e talento, mas que não cultivou bastante para lhe destacar a figura nele.

II — Poetas

Pela epoca em que se estrearam estes romancistas, as principais feições ou correntes da poesia brasileira, no que tinha esta de mais peculiar, eram ainda, se não o indianismo, o brasileiroismo dos primeiros romanticos, e o sen-

timentalismo doentio, de envolta com o scepticismo literario e a desilusão e desalento, dos segundos. Esgotavam-se essas duas correntes quando surgiram, com pouco intervalo, Machado de Assis (1839-1908), Tobias Barreto (1839-1889), Fagundes Varela (1841-1875), Luiz Guimarães Junior (1847-1896) e Castro Alves (1847-1871), que podemos considerar os ultimos romanticos da nossa poesia, que já não sejam anacronicos.

Aliás nenhum traço comum saliente liga estes poetas. Quando muito, o teriam Tobias Barreto e Castro Alves na feição oratoria do seu estro, a que se deu o nome de condoreirismo, porque os seus arroubos poeticos presumiam semelhar-se ao surto do condor. Denominação aliás, como tantas outras inventadas na nossa literatura, de pouca propriedade. Naquele grupo não caberia senão aos dois poetas nomeados ou a algum seu secundario imitador, indigno de menção particular. Demais não foram nem Tobias, nem Castro Alves os inventores desse falso genero de poesia enfatica e declamatoria. Antes deles, Pedro Luiz publicara os seus poemas *Nunes Machado*, *A sombra de Tiradentes*, *Os voluntarios da Morte* (1863), *Terribilis Dea*, justamente no diapasão que devia dar áqueles dois poetas o epiteto extravagante de condoreiros. E na procura das ultimas fontes do mesmo veio, poderíamos acaso remontar ao *Napoleão em Waterloo*, de Magalhães, a certos poemas de José Bonifacio, o Moço, e a outras anteriores amostras da nossa facundia poetica. Está esta no nosso temperamento, e o condoreirismo não era uma novidade na nossa poesia, mas apenas o exagero, sob a influencia do entusiasmo patriotico do momento e da retorica hugoana, desse defeito do nosso estro poetico. O aparecimento simultaneo de Varela com o seu *Pavilhão Auriverde*, e de Vitoriano Palhares com o seu *A D. Pedro II*, a proposito do conflito anglo-brasileiro de 1862, e de numerosos poemas tão patrioticos como bombasticos de José Bonifacio e Pedro Luiz, coincidindo com os de Castro Alves e Tobias Barreto, da mesma entoação, estão atestando que não

havia novidade essencial no chamado condoreirismo de 60 a 70.

O romantismo byroniano, temperado por Alvares de Azevedo, de Musset e Spronceda e de outros condimentos de identico sabor literario, tinha certamente desviado da sua direcção primeira, cristã, patriótica e moralizante, o movimento literario com que aqui se iniciara a nossa literatura nacional. Mas alem da parcial impressão que fez nos tres principais poetas da mesma geração, mal fizera escola com Aureliano Lessa, Bernardo Guimarães e menores poetas, desvairados sobretudo com as extravagancias da *Noite na taverna*. Nos anos de 60, mesmo no atrazado Brasil, já não havia atmosfera para ele. A voz do desespero, da ironia, do scepticismo daqueles poetas europeus substituia-se como um clarim de guerra vibrante de coleras, mas rica de esperanças, ora flauta bucolica, ora lira amorosa, tuba canora e belicosa ou doce avena da paz, mas em suma optimista, a voz de Vitor Hugo. Esta ouviram e seguiram mais ou menos de perto os poetas da geração que entrou a cantar por esta epoca. Tambem os houve que escutaram de preferencia a melodia lamartineana impregnada do idealismo cristão. Mas não se sai imune de uma corrente literaria para outra. Levam-se sempre ressaibos daquela. Estes poetas apresentam um misto de romantismo e das tendencias esteticas que em nascendo para a vida literaria encontraram no seu ambiente. Tem em dose quasi igual o desalento sentimental, mesmo o scepticismo, apenas menos anunciado daquela geração e os ideais praticos, as emoções sociais, a preocupação humana, ainda politica, com os instintos de propaganda da corrente hugoana. E apenas alguma leve nota de indianismo ou brasileiroismo nela transformada num mais intimo que ostensivo sentimento nacional. E como em Vitor Hugo, alem da feição social e humanitaria, o que mais os impressiona são os aspectos verbais do seu estro, a sua altiloquencia poderosa, caem no arremedo, geralmente infeliz, desse feitio da sua poetica. Daí derivaria a alcunha, que

cumpre não tomar a serio, que de hugoanos tiveram alguns.

A facundia poetica do grande vate francez, cujo prestigio se aumentava do seu papel politico, achava no meio escolar onde se ia fazer este novo movimento literario, terreno propicio. Ás predisposições oratorias ou verbosas da raça, amiga da frase empolada e do vocabulo pomposo, juntava-se aquella venturosa idade em que nem a reflexão nem o estudo apuraram ainda o gosto e o discernimento. Em tal meio, as tiradas poeticas de Tobias Barreto e Castro Alves, que hoje nos parecem extravagantes despropósitos, eram achadas sublimes :

A lei sustenta o popular direito,
Nós sustentamos o direito em pé!

Um pedaço de gladio no infinito,
Um trapo de bandeira na amplidão.

Ver o misterio eriçado,
Rodeando os mausoleus,
Morrer... subindo agarrado
No escarpamento dos Céus.

Pernambuco anhelante
Suspende na mão possante
O peso do Paraguai! (1)

Quejandos versos, estrofes, que digo? poemas inteiros neste estilo alvoroçavam aquella mocidade, cujo indiscreto entusiasmo não serviria senão para mais perverter o estro desses poetas e desvairar o gosto publico.

(1) Esta é a versão de *Dias e Noites* (publicação postuma dirigida por Silvio Romero, Rio de Janeiro, Laemmert & C.ª, 1903); uma versão tradicional, mais geralmente conhecida e melhor, diz:

Pernambuco eriça a coma
Agacha-se um pouco e toma
O peso da Paraguai.

Dos chamados condoreiros apenas dous, os já nomeados Tobias Barreto e Castro Alves, lograram distinguir-se por outras partes que essa falaz poesia, entre os que, como eles, presumiam reproduzir aqui a Vitor Hugo, quando não faziam senão contrafazer-lhe os mais patentes defeitos.

Tobias Barreto de Menezes nasceu em Sergipe em 7 de junho de 1839, e a 20 do mesmo mez de junho de 1889 faleceu no Recife, em cuja faculdade de direito se formou e onde principalmente exerceu a sua actividade literaria. Não obstante o dispersivo, o incoerente e até, de algum modo, o extravagante dessa actividade, que não lhe permitiu deixar em qualquer direcção em que se exerceu, mais que uma obra fragmentaria e incongruente, certo é ele uma das figuras singulares das nossas letras. Tinha grande talento, memoria acaso ainda mais grande, rara aptidão para linguas como para musica, e decidida vocação para o estudo, ora servida, ora prejudicada, pelos seus estímulos desencontrados de mestiço impulsivo e mal criado. Orador nativo, amava a pompa dos grandes gestos e das grandes frases. Apenas a sua educação roceira e rudimentar atenuava e amortecia esta sua predilecção com a vulgaridade, que não raro chegava ao chulismo da expressão, em que o rustico transparecia sob o letrado. Fazendo filosofia, critica, sociologia e ainda poesia, frequentemente se lhe revela este vicio de origem ou temperamento. É justamente o contrario do *honnête homme* consoante La Rochefoucault. A sua fama, um pouco facticia, a deveu mais ás suas brigas e polemicas, por via de regra descompostas, ou ao pregão temerario de discipulos, que propriamente á sua obra, de facto muito pouco lida. Como filosofo que presumiu ser ou pretenderam fazel-o, como critico, como sociologo, foi sobretudo um negador dos valores existentes da nossa intellectualidade, um contemptor sistematico da cultura franceza e portugueza e um pregoeiro e vulgarizador da cultura alemã. Tinha ao menos a desculpa de que sabia perfeitamente o alemão, — e puerilmente se desvanecia de o haver aprendido consigo mesmo, — o que não

aconteceu talvez a nenhum outro dos seus discipulos, presunçosos germanistas. Como jurista, nada mais fez recomendar, com o descomedimento que é um dos traços do seu temperamento literario, as novas idéas juridicas alemãs, contrapondo-as apaixonadamente ás idéas classicas aqui vigentes.

Se o pensador e o jurista em Tobias Barreto iam á cultura gèrmanica, tratada, embora por ele mais lirica que objectivamente, o seu temperamento estetico, em musica e em poesia, revê demais o mestiço luso-africano. Como poeta é simultaneamente um sentimental, um orador sem algo da profunda ingenuidade da poesia alemã. Em musica, não obstante a sua, ao que parece, grande sciencia desta arte, confessa ele proprio que não comprehendia senão a italiana. Não é incontestavel que fosse o introdutor do hugoismo na nossa poesia. Tal invento, aliás, não bastaria para afama-lo. De parte a sua inspiração politica, social, objectiva em suma, a poesia de Hugo influiu aqui, ainda nos seus melhores discipulos, muito mais pelos seus aspectos exteriores e pelo defeito da sua feição oratoria, que pelo profundo lirismo intimo e alto sentimento poetico que acaso a sobreleva entre toda a poesia do seculo.

Muito menor foi o renome e a influencia de Tobias Barreto como poeta do que como pensador. Eclipsou-lh'os Castro Alves, seu feliz emulo no condoreirismo e seu triunfante rival em toda a poesia. O lirismo de Tobias Barreto, no que tem de melhor, é em suma da mesma especie do comum lirismo brasileiro, amoroso ou antes namorado, sensual, dolente, abundante em voluptuosidades ardentes e queixumes melancolicos. Se alguma cousa o distingue é, de um lado o tom oratorio, ainda epico, em que oscila entre as extravagancias dos *Voluntarios pernambucanos* e quejandos poemas e os belos rasgos do *Genio da Humanidade*; de outro, a nota popular simples, vulgar, mesmo trivial, que ás vezes lhe dá a cantiga um sainete particular e, ocasionalmente, encantador. Mas dessa nota abusa, bem como barateia e vulgariza o estro em glosar notas, á moda

dos poetas seiscentistas e arcadicos, e em celebrar com inaudita facilidade de admiração e trivialidade de emoção a quanto cabotino ou cabotina acertava de passar pelo Recife. Quer como poeta, quer como prosador, uma das maiores falhas de Tobias Barreto foi a de gosto. A actividade poetica de Tobias Barreto exerceu-se aliás, principalmente nos primeiros anos da sua vida literaria (1862-1871), quando ainda estudante, o que lhe explica e desculpa as deficiencias e senões. Que, apesar do seu incontestavel estro, não era propriamente uma vocação de poeta, prova-o o haver quasi abandonado a poesia pela filosofia, o direito, a critica e outros estudos.

É a Antonio de Castro Alves que por consenso geral pertence a primazia entre os poetas desta geração. Nasceu ele na Baía a 14 de março de 1847, e ali morreu em 6 de junho de 1871. Da sua terra natal, ainda não completos os estudos de preparatorios, passou-se a Pernambuco para os acabar, e estudar Direito. Foi lá que realmente estreou em 1862. Seis anos depois deixou Pernambuco por S. Paulo, passando pelo Rio de Janeiro, onde lhe serviram de introdutores José de Alencar e Machado de Assis. Trazia na sua bagagem literaria, com varios poemas soltos avulsamente publicados, o drama *Gonzaga ou a Conjuração mineira*, já representado na Baía. Em S. Paulo, ao contacto de uma juventude entusiasta de poesia e eloquencia, ao estímulo de festas repetidas que lhe depararam ensejo de dar provas de ambas, acabou de se lhe desabrochar o engenho poetico. No fim de 1869, d'ahi recolheu enfermo á terra natal, onde pouco depois faleceu, tendo antes dado a lume os seus versos reunidos, sob o titulo de *Espumas flutuantes* (1870). Poucos livros brasileiros, e menos de versos, teem sido tão lidos.

Tem-se dito que os latinos não temos poesia, se não eloquencia. Não discuto o asserto. Nós brasileiros, que apenas seremos por um terço latinos, sei que somos nimiamente sensiveis á retorica poetica. Não nos impede isso

aliás de comovermo-nos tambem, embora superficialmente talvez, ao sentimento da poesia quando ela canta as faceis paixões sensuais do nosso ardor amoroso de mestiços ou chora os nossos faceis desgostos de gente mole. São exemplos os casos de Gonçalves Dias, poeta do amor, e dos realmente deliciosos cantores da segunda geração romantica, e de Fagundes Varela, ainda hoje os poetas mais vivos na nossa memoria e no nosso coração. A ingenuidade, porem, a virtude cardial dos maiores poetas anglo-germanicos, essa sim, é quasi de todo estranha á nossa poesia, que assim carece de um dos mais sedutores elementos da arte, quando, após os ultimos romanticos, os nossos poetas se fizeram refinados e se puzeram a apurar com a forma o sentimento, á moda dos parnasianos francezes, deixaram de facto de comover o publico, ou só continuaram a impressional-o pelo aspecto externo dos seus poemas perfeitos, pela sonoridade constante dos seus versos. Porque em suma o que preferimos é a forma, mórmente a forma eloquente, oratoria, a enfase, ainda o «palavrão», as imagens vistosas, aquelas sobre todas, que por seu exagero, sua desconformidade, sua materialidade, mais impressionam o nosso espirito, de nenhum modo atico. É este no fundo o motivo do nosso antigo affecto ao epico e da nossa moderna predilecção pelos poetas sobretudo eloquentes e brilhantes, como os condoreiros, Pedro Luiz, José Bonifacio e o sr. Bilac. É verdade que nenhum destes vale apenas por qualidades de brilho e facundia poetica. Essas tinha-as em alto grau, e da boa especie, Castro Alves, mas tinha outras alem delas.

Passada a sentimentalidade sincera, mas pouco variada, e que sob o aspecto da expressão acabara por se tornar monotona, das gerações precedentes, a inspiração de Castro Alves appareceu como uma novidade. Era, pois, bem vindo o jovem poeta baiano, e não lhe custou a assumir no breve tempo que viveu e poetou o principado da poesia. É possivel que Tobias Barreto o precedesse de dous ou tres anos no arremedo de Hugo e na facundia poetica al-

cunhada de condoreirismo. Esta precedencia meramente cronologica, não seguida de influencia apreciavel, por forma alguma prejudica o facto incontestavel da preeminencia poetica de Castro Alves neste momento. Alem de maior talento poetico, de mais rica inspiração, de estro mais poderoso e da expressão ao cabo mais formosa e mais tocante, concorreram para o sobrelevar ao poeta sergipano a sua safda de Pernambuco e vinda ao Rio de S. Paulo, e que lhe dilatou a fama alem do estreito circulo pernambucano, no qual se confinou a de Tobias Barreto, e, mais ainda, a publicação em 1870 dos seus versos, ao passo que os do seu rival só vieram á luz onze anos depois. E em tanto que as *Espumas flutuantes*, de Castro Alves, tem hoje oito ou dez edições, afóra numerosas publicações avulsas de alguns dos seus poemas, os *Dias e noites* de Tobias Barreto não alcançaram mais de duas. Este facto marca suficientemente o grau de estima em que os dous poetas são tidos.

Havia em Castro Alves, como em Alvares de Azevedo, que ele grandemente admirava e imitou, o fogo sagrado, alguma cousa que á nossa observação superficial e pendor para o exagero de juizos, parecia genio, um grande talento verbal, uma sincera eloquencia comunicativa, um simpatico entusiasmo juvenil. Tudo isto encobria as imperfeições evidentes da sua obra, e disfarçava-lhe as incorreições de pensamento e expressão. Não se viu então que á farragem daquela verbosidade de escola sobrelevava de muito a feição por onde se ele ligava ao nosso lirismo e o continuava dando-lhe—e este é o seu merito e importancia—com um verbo mais vivo, mais brilhante, mais sonoro, uma vida nova, formas mais variadas, cores mais rutilantes, sentimentos menos comuns, maior fundo de idéas, maior riqueza de sensações. Não é que naquele estilo pomposo não tenha Castro Alves dous ou tres poemas verdadeiramente belos. Ha, por exemplo, em *Vozes d'Africa*, e ainda no *Navio negreiro*, mais que a enfase ou a retorica da escola, eloquencia dos melhores quilates, profundo

sentimento poetico, emoção sincera e, sobretudo no primeiro, uma formosa idealização artistica da situação do continente maldito e das reivindicações que o nosso ideal humano lhe atribue. E mais uma então ainda não vulgar perfeição de forma. Não a perfeição metrica simplesmente, porem, merito mais alto e mais raro, a correlação da palavra com o pensamento, a sobriedade da expressão que se não devia e derrama do seu curso, e por vezes uma concisão forte que realça singularmente toda a composição; alem de imagens novas, verdadeiras, belas de facto, e uma representação que em certas estrofes atinge do perfeito senão ao sublime. São disso exemplo esses versos que teem o vigor de uma grande pintura :

Lá no solo onde o cardo apenas medra,
Boceja a esfinge colossal de pedra
Fitando o morno céu.
De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas,
O horizonte sem fim
Onde branqueja a caravana errante
E o camelo monotono, arquejante,
Que desce de Efraim...

Com Castro Alves pode dizer-se que se alarga a nossa inspiração poetica, objectiva-se o nosso estro e os poetas entram a perceber que o mundo visivel existe. Poeta nacional, se não mais nacionalista, poeta social, humano e humanitario, o seu rico estro livrou-o de perder-se num objectivismo que, não temperado de lirismo, é a mesma negação da poesia. As cousas sociais e humanas as viu e entendeu e as cantou como poeta, ás vezes com prevalencia da eloquencia sobre o sentimento, mas sempre com sentida emoção de poeta. A sua influencia foi enorme, se não sempre estimavel. Actuou vantajosamente em alguns dos seus melhores sucessores, o que desculpa a calamidade dos imitadores mediocres.

Foi contemporaneo destes poetas em Pernambuco, quiçá os emulou, Luiz Nicolau Fagundes Varela, fluminense do Rio Claro, onde nasceu em 17 de agosto de 1841. Na sua mesma provincia, em Niteroi, faleceu em 18 de fevereiro de 1875. Poetou entre os anos de 60 e 75. Cronologica e literariamente sucede aos primeiros poetas da segunda geração romantica, que admirou e imitou. Alem da deles, sofreu visivel e confessadamente como aliás aconteceu a todos os poetas posteriores a Gonçalves Dias, a influencia do poeta maranhense. Estes diversos influxos foram decisivos na formação do estro e estilo poetico de Varela. Foi menor o de Tobias Barreto e Castro Alves, não obstante ter Varela assistido em Pernambuco no tempo em que os dous emulavam ali pela supremacia poetica. Varela era de essencia um puro sentimental, e isso ficou apesar das suas mediocres tentativas de poesia patriotica. Mas a sua originalidade, se a tinha, ressentiu-se demasiado de todas essas influencias. Lido após aqueles poetas, deixa-nos a impressão do já lido. No tom propriamente lirico dos seus poemas, nada se depara de novo, nem no fundo nem na forma. E como ambos não tem nele quaisquer virtudes notaveis ou sinais particulares de distinção, e haja em seus versos demasiadas reminiscencias daqueles poetas, e repetições de seus proprios pensamentos e dizeres, á impressão de falta de originalidade junta-se a da banalidade. É que poeta espontaneo, de uma inspiração quasi popular, é também poeta muito descuidado do seu estro e da sua arte, todo entregue á pura inspiração, que as reminiscencias e o prestigio daqueles poetas queridos frequentemente comprometem. Havia, entretanto, nele um grande fundo de poesia, isto é, de sentimento poetico. Se não tivera cedido com demasiada negligencia do seu proprio engenho ás influencias que banalizaram parte consideravel da sua obra, outro poderia ter sido o valor desta. *Juvenilia* é um dos mais admiraveis trechos do nosso lirismo, como o é também o *Cantico do Calvario*, uma das mais eloquentes. quero dizer uma das mais comoventes, uma das mais be-

las entre as elegias da nossa lingua. Mas enfim a sinceridade que parece haver no seu sentimento, a simplicidade ás vezes deliciosa do seu cantar, a melancolica voluptuosidade e o intimo brasileirismo daquele sentimento, com a mesma ingenuidade da sua poetica seduzem-nos irresistivelmente e justificam a estima que, apesar das restrições feitas, ele merece e teve dos seus contemporaneos. Dos poetas do seu tempo é o que mais tem a inspiração nacionalista então em declinio, talvez o unico de inspiração americana, ainda indianista. Foi parte principal nesta a sua devoção por Gonçalves Dias, a quem evoca no *Evangelho das selvas*, como o «mestre da harmonia». Este poema seria a derradeira manifestação do indianismo. A de Machado de Assis tem feições proprias que a separam do indianismo tradicional. Com belissimos versos brancos, ha ainda neste poema de Varela formosos trechos, mas, em suma, revela o cansaço da escola e o seu esgotamento, se não a mesma insuficiencia do poeta para o genero. Os seus poemas patrioticos, inspirados de um momento critico da vida nacional, e que dele e dos sentimentos que agitavam o paiz tiravam interesse, foram por isso mesmo parte grande na fama que em vida adquiriu Varela, acaso acima do seu valor real. Passado o motivo de sua inspiração, nos parecem agora apenas declamatorios, não tendo guardado nada que esteticamente nos comova. O que ha de bom, ás vezes mesmo de excelente, em Varela, é o seu lirismo sentimental, as suas manifestações de dor de pai ou de amante, os seus lamentos de poeta infeliz, ou que, por amor do romantismo, se fez infeliz, quando, o que desgraçadamente acontece com demasiada frequencia, não lhe desmerecem o canto imitações ou reminiscencias de outros poetas.

Machado de Assis e Luiz Guimarães Junior, cronologicamente desta geração, estrearam com ela. Machado de Assis, porem, mesmo como poeta, tem um lugar á parte e merece capitulo especial da historia da nossa literatura.

Luiz Guimarães Junior, a despeito da cronologia, pertence antes á geração parnasiana que a esta. Foi como parnasiano que ele teve na poesia brasileira um lugar, se não distinto, notavel, que os seus *Corimbos* (Pernambuco, 1869), pelos quais pertence aos ultimos românticos, não bastariam para dar-lhe.

CAPITULO XV

O Modernismo

O movimento de idéas que antes de acabada a primeira metade do século XIX se começara a operar na Europa com o positivismo comtista, o transformismo darwinista, o evolucionismo spenceriano, o intelectualismo de Taine e Renan e quejandas correntes de pensamento, que, influindo na literatura, deviam pôr termo ao dominio exclusivo do Romantismo, só se entrou a sentir no Brasil, pelo menos, vinte anos depois de verificada a sua influencia ali. Sucessos de ordem politica e social, e ainda de ordem geral, determinaram-lhe ou facilitaram-lhe a manifestação aqui. Foram, entre outros, ou os principaes: a guerra do Paraguai, acordando o sentimento nacional, meio adormecido desde o fim das agitações revolucionarias consequentes á Independencia, e das nossas lutas no Prata; a questão do elemento servil, comovendo toda a nação, e lhe despertando os brios contra a aviltante instituição consuetudinaria; a impropriamente chamada questão religiosa, resultante do conflito entre as pretenções de autonomia do catolicismo official e as exigencias do tradicional regalismo do Estado, a qual alvorçou o espirito liberal contra as veleidades do ultramontanismo e abriu a discussão da crença avoenga, provocando emancipações de consciencias e abalos da fé costumeira; e, finalmente, a guerra franco-alemã com as suas consequencias, despertando a nossa atenção para uma outra civilização e cultura que a franceza, estimulando novas curiosidades intellectuais. Certos efeitos inesperados da guerra

do Paraguai, como o surdo conflito que, apenas acabada, surgiu entre a tropa demasiado presumida do seu papel e importancia e os profundos instintos civilistas da monarchia, não foram sem efeito neste momento da mentalidade nacional. Tambem a revolução espanhola de 1868 e consequente advento da republica em Espanha, a queda do segundo imperio napoleonico e immediata proclamação da republica em França, em 1870, fizeram ressurgir aqui com maior vigor do que nunca a idéa republicana, que desde justamente este ano de 70 se consubstanciara num partido com órgão na imprensa da capital do Imperio. Esta propaganda republicana teve um pronunciado character intellectual e interessou grandemente os intellectuais, pode dizer-se que toda a sua parte moça, ao menos. Outro character da agitação republicana foi o seu livre pensamento, se não o seu anti-catolicismo, por opposição á monarchia, oficialmente catolica.

Actuando simultaneamente sobre o nosso entendimento e a nossa consciencia, pela comoção causada nos espiritos aptos para lhes sofrer o abalo, estes diferentes sucessos produziram um salutar alvoroço, do qual evidentemente se ressentiu o nosso pensamento e a nossa expressão litteraria. Ás idéas, nem sempre coerentes, ás vezes mesmo descontraçadas daquelle movimento, fautoras tambem nos acontecimentos sociais e politicos apontados, chamamos aqui de modernas; expressamente de «pensamento moderno». A novidade que tinham, ou que lhe enxergavamos, foi principalissima parte no alvoroço com que as abraçavamos. Na ordem mental e, particularmente litteraria, os seus efeitos se fizeram sentir numa maior liberdade espirital e num mais vivo espirito critico.

Foi um dos seus principais agentes, mórmente no norte do paiz, onde então a vida intellectual, com o seu centro em Pernambuco, tinha certa actividade, Tobias Barreto, já atraz estudado como poeta. Eis como o porventura mais intelligente dos seus alunos, o sr. Graça Aranha, no estilo com que a nossa gente se escusa a clarificar as proprias idéas

e se embriaga de palavras, lhe diz o feito insigne: «Em 1882, Tobias Barreto, que os seus condiscipulos não compreenderam e de cuja intensa reputação ainda se espantam e sorriem, abalava como um ciclone a sonolenta Academia do Recife. Ele invade a sociedade espiritual do seu tempo como um verdadeiro homem da sua raça. E o segredo da sua força está na absoluta e constante fidelidade a esse temperamento, em cuja formidável composição entram doses gigantescas de calor, de luz e de todas aquelas ondas de vida, que o sol transfunde régicamente ao sangue mestiço... Tinha a exuberancia, a seiva, a negligencia que o fazia estranho a todo o calculo, mesmo o da sua reputação de alem tumulo, o prodigioso dom de fantasiar, o *fabuliren* dos criadores, e mais a impaciencia e a temivel explosão da revolta que permanecerá como o traço vivaz do seu character. Não houve vaso que o amoldasse; não conheceu senão os limites inabordaveis da liberdade e os de extrema irresponsabilidade. Poude como um sertanejo viver com o povo, foi descuidado, miseravel e infeliz. Cresceu musico e poeta. E mais tarde, quando lhe chegar a cultura, ela virá na barca fantastica da poesia. E foi pelo impulso dessa volatil essencia do seu temperamento, que Tobias Barreto passou da arte para a filosofia. O pensador nele é uma modelação do vate. Transportará para a metafisica, para as sciencias biologicas, para o direito, a magia da adivinhação, o improviso milagroso, a necessidade de idealizar e de imaginar, que é a poesia. Quasi toda a sua sciencia, quando não vem da legislação ou da lingua, é feita principalmente de intuição, e os seus vastos descortinamentos, os clarões que abre, a vida que dá ás idéas apenas entrevistas no prisma da sua visão, é mais a criação do poeta que a logica do sabio. E nisto foi um homem do seu tempo e da nossa raça. É preciso que o sangue corra longamente, durante seculos, numa infinita descendencia, para que o precipitado das forças originais do nosso espirito seja a idealização scientifica. O maximo, o que por emquanto podemos atingir, foi o que nos deu

Tobias Barreto, a filosofia atravez das cores solares da poesia» (1).

Esta pagina, aliás bela, é por mais de um titulo preciosa. Primeiro como documento do nosso gosto do verbo pelo verbo, quanto mais pomposo e rutilante mais amado, «imensa reputação», «abalava como um ciclone», «formidavel composição de um temperamento», «doses gigantescas», «prodigioso dom de fantasiar», «a magia da adivinhação», «o improviso milagroso», «os vastos descortinamentos», e tudo mais assim magnificado e exorbitante.

Nunca os maximos pensadores dos grandes paizes de alta cultura, um Kant, um Spencer, um Comte lograram ser assim tão grandiloquamente celebrados pelos seus compatriotas.

Mas é sobretudo precioso este discurso, porque o proprio vago e ambiguo desta representação de Tobias Barreto e sua obra revê o incerto e equivoco dessa figura e dessa obra, ainda hoje ambas mal definidas, graças principalmente aos seus indiscretos panegiristas. Já vimos em que verdadeiramente lhe consistiu a acção, que, ainda reduzida a essas proporções, foi todavia consideravel, como estimulo e impulso. As nossas academias ou faculdades superiores foram desde o meio do seculo passado os principais focos da nossa actividade literaria. Dessa origem lhe virá a fraqueza dos resultados, a sua imperfeição e inconsistencia. A nossa literatura desde o Romantismo foi principalmente feita por estudantes ou moços apenas saídos das faculdades, com pouca lição dos livros e nenhuma da vida. Nelas se geraram quasi todos os nossos movimentos, e todas as novidades de ordem mental, como era natural, acharam nelas terreno adequado, tanto para o joio como para o trigo. Foi sobretudo mediante os seus alunos do Recife, literariamente deslumbrados pela facundia do professor,

(1) *Discurso na Academia Brasileira*, na *Revista da mesma Academia*, janeiro, 1911, pag. 183.

deslumbramento aumentado da simpatia que lhes inspiravam os seus habitos boemios e alguns dos seus mesmos defeitos, tudo levado á conta de poesia ou filosofia, que Tobias Barreto influiu na mente brasileira. Sem outra originalidade, talvez, que a do seu verbo, como ele desordenado e exuberante, sem nenhum saber scientifico realmente solido, agitou, entretanto, uma porção de idéas novas, prègou ou doutrinou concepções desconhecidas da maioria, citou, com enfaticos encomios, nomes alemães e russos de quasi todos ignorados, e cujo valor rarissimos podiam verificar, e firme e desassombradamente proclamou a necessidade de refazermos completamente a nossa cultura em outras fontes que aquelas onde até af principalmente bebiam as portuguezas e francezas. A estas não conseguiu aliás que de todo as deixassemos, pois nela é que principalmente bebemos ainda. Não foi, porem, inteiramente perdido o seu reclamo. Concorreu muito para entrar connosco a duvida salutar de que as nascentes tradicionais da nossa cultura não seriam as unicas beneficas, e a curiosidade do nosso espirito se alargou consoantemente. Basta isso para lhe assegurar um posto proeminente na nossa evolução literaria, ou antes cultural, sem necessidade de lhe exagerarmos o valor da obra.

Esta é fragmentaria e dispersiva, e não guarda outra unidade que a da inspiração acaso mais lirica que filosofica do seu genio e da sua fé, na superioridade da cultura alemã e na legitimidade da sua hegemonia. Em estilo descomposto como lhe era a vida, numa forma muito pessoal, e por isso mesmo viva e interessante, com propositada ou congenial carencia daquela urbanidade de que os latinos faziam uma virtude literaria, escreveu dezenas de opusculos, artigos e ensaios. Teoria literaria, critica, filosofia, sociologia, religião, direito, psicologia, literatura comparada, filosofia scientifica, biologia, historia, em suma *de omni re scibili*, tudo versou neles. Esta affectação de saber universal, sempre suspeito num puro autodidata, realçado em verdade por um grande e sincero calor de exposição, em

que superabundavam provas de talento, abalou a mocidade da escola onde professava e por ela boa parte da mentalidade moça do paiz. Livro, não publicou em vida mais que os *Estudos alemães*, colecção de artigos diversos, e *Menores e loucos*, monografia de direito criminal. A maior parte da sua obra saiu postuma. A sua acção foi sobretudo oral, a do seu ensino, dos seus discursos, das suas palestras, e reflexa, operada por intermedio dos seus discipulos. E de facto se não exerceu e tornou sensível com prioridade que lhe assegure a primazia de precursor do movimento modernista aqui. Sem falar dos seus anos de estudante no Recife (1862-1871), em que «cultivou preponderantemente a poesia» (1), a sua acção util só verdadeiramente começou com o seu professorado ali em 1882. Os dez anos anteriores (1871-1881) passara-os ele na pequena cidade pernambucana da Escada, obscuro e desconhecido. Nesse lugarejo, que não era nenhuma Weimar, publicou opusculos em portuguez e alemão. Destes ultimos seria ele proprio um dos rarissimos leitores, porque, segundo nos esprobava como de uma infamia, não havia então aqui mais que umas escassas dezenas de pessoas que lessem essa lingua. Esta excentrica actividade literaria da Escada não teve nenhuma publicidade e menos repercussão. Só foi lembrada quando Tobias Barreto se tinha feito conhecido como professor no Recife e começava a criar proselitos. Ninguem que de todo não ignore as condições da nossa vida intelectual, admitirá a influencia de um escritor, por mais genial que o suponhamos, cuja actividade se exerça esporadica e fragmentariamente em magros folhetos e efemeris periodicos, numa cidade sertaneja. Sómente em 1882 começou, pois, a acção de Tobias Barreto a se fazer sentir, e de primeiro exclusivamente no Recife.

Antes disso, porem, desde os primeiros anos do decennio de 70, e sob as influencias notadas, manifestava-se no

(1) Silvio Romero, no prefacio dos *Dias e noites*, cit.

Rio de Janeiro o movimento modernista. Foi nos proprios livros francezes de Litré, de Quinet, de Taine ou de Renan, influenciados pelo pensamento alemão e tambem pelo inglez, que começámos desde aquele momento a instruir-nos das novas idéas. Influindo tambem em Portugal, criara ali a cultura alemã uma pleiade de escritores pelo menos ruidosos, como Teofilo Braga, Adolfo Coelho, Joaquim de Vasconcelos, Antero de Quental, Luciano Cordeiro, amotinados contra a situação mental do reino. Alem destes, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão vulgarizavam nas *Farpas*, com mais petulancia e espirito do que saber, as novas idéas. Todos estes, aqui muito mais lidos do que nunca o foi Tobias Barreto, actuaram poderosamente a nossa mentalidade. E o movimento coimbrão, como se chamou á briga literaria do «Bom senso e bom gosto», pelos anos de 65, teve certamente muito maior repercussão na mentalidade literaria brasileira do tempo, do que a pseudo escola do Recife. Muito mais daquele movimento do que da influencia de Tobias Barreto, derivou a *Literatura brasileira* e a *Critica moderna* (1880) do sr. Silvio Romero, e bem assim os seus principais estudos da historia da literatura brasileira. O positivismo comtista inaugurava aqui e em S. Paulo a sua propaganda, primeiro sómente do aspecto scientifico da doutrina. Essa prègação convencida, tenaz, teve desde logo a seu lado, a prestigial-a, alguns bons sabedores das sciencias positivas, particularmente das matematicas. E em 1875, estranho a qualquer influencia do excentrico filosofo da Escada, um velho diplomata, Araujo Ribeiro (Visconde do Rio Grande) publicava no Rio de Janeiro o seu volumoso livro *O fim da criação*, o primeiro de doutrina darwinista, se não materialista, escrito no Brasil.

Na mesma decada entrou a instrução publica a ocupar mais seriamente a atenção dos governos e do publico. A Tipografia Nacional tirava em volume as traduções dos livros de Hippeau sobre o ensino publico nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Prussia. Reformava-se, pro-

curando-se desenvolvê-lo, o Collegio de D. Pedro II, unico foco de estudos classicos que possuimos, hoje quasi extinto. Criavam-se conferencias e cursos publicos, onde se começaram a agitar as novas idéas filosoficas, scientificas e literarias. Remodelava-se o antigo curso da Escola Central, organisando-se a Escola Politecnica, acrescentando-se-lhe aos cursos profissionais as duas importantes secções de sciencias fisicas e naturais e sciencias fisicas e matematicas. Para reger as novas cadeiras vieram da Europa professores especiais, como o fisico Guignet, o fisiologista Couty, o mineralogista e geologo Gorceix, logo depois incumbido da fundação e direcção da Escola de Minas de Ouro Preto, nesse tempo criada. Tambem o ensino medico foi reformado, acrescido de materias e cadeiras novas. A reforma que igualmente sofreram o Museu e a Biblioteca Nacional determinou maior actividade e mais util efeito destas velhas e paradas instituições. O Museu começou a publicar os seus interessantes *Arquivos* em cujos tres primeiros volumes (1876-1878) se encontram trabalhos originaes de antropologia, fisiologia, arqueologia e etnografia e historia natural de sabedores brasileiros, Lacerda, Rodrigues Peixoto, Ladislau Neto, Ferreira Pena, e estrangeiros ao serviço do Brasil, Hartt, Orville Derby, Fritz Müller e outros. Simultaneamente com os *Arquivos do Museu* vem a lume os *Anais da Biblioteca Nacional*, ricos de informações bibliograficas, de eruditas memorias e monografias interessantes para a nossa historia literaria e geral. Nos *Ensaos de Sciencia* (1873), Baptista Caetano de Almeida Nogueira funda o estudo das linguas indigenas brasileiras segundo os novos metodos da sciencia da linguagem, recriada pelos alemães, tirando-o do fantasioso empirismo em que até então andou. Os *Estudos da Historia do Brasil no seculo XVI* (1880), não obstante o seu exiguo tomo, revelavam no sr. Capistrano de Abreu raras capacidades, posteriormente confirmadas por outros trabalhos, para essa ordem de estudos, aqui tambem depois da morte de Varnhagen quasi que entregues á pura im-

provisação. Pelo fim do mesmo decenio, Araripe Junior, um dos melhores espiritos deste momento, começara a publicar o seu perfil literario de *José de Alencar*, uma das obras capitais da critica brasileira, e no prefacio da primeira edição, em 1882, declarava que a reconstituição das suas idéas datava de 1873. No Ceará, donde era e onde residia Araripe Junior, formara-se por aquele tempo um grupo literario composto dele, de Capistrano de Abreu, do malogrado Rocha Lima, de Domingos Olimpio, de Tomás Pompeu e d'outros nomes menos conhecidos, grupo leedor de Spencer, Buckle, Taine e Comte e entusiasta das suas novas idéas. Esse grupo ficou estranho á influencia da Escada e precedeu de dez anos a do Recife. O *José de Alencar*, de Araripe Junior, inspirava-o manifestamente o criterio critico de Taine, como o *Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no seculo XVI* (1883), de Capistrano de Abreu, o evolucionismo spenceriano. Em 1874, um medico de S. Paulo, o dr. Luiz Pereira Barreto, publicava, sob o titulo de *Tres filosofias*, a exposição e discussão, que ficou aliás incompleta, dos tres estados do espirito humano, conforme a doutrina de Augusto Comte. E as questões historicas, filosoficas, juridicas, politicas e ainda culturais que se prendem ao grave tema do poder e autoridade do papa e das suas relações com o seculo eram, em 1877, larga e eruditamente discutidas pelo sr. Rui Barbosa numa copiosissima introdução á sua versão para o portuguez da obra alemã do conego Doellinger, *O Papa e o Concilio*. Nessa prefacção, o sr. Rui Barbosa revelava, acaso excessivamente, a vastidão da sua literatura não só franceza ou alemã, mas universal.

Destes factos não é licito se não concluir que a acção de Tobias Barreto, comquanto consideravel, não foi tal qual se tem presumido, e que efectivamente só entrou a exercer-se pelo ano de 1882. Então já no Ceará e em S. Paulo pelo menos, e no Rio de Janeiro, desde o principio do seculo passado o nosso mais consideravel centro intelectual, manifestamente se desenhava o movimento a

que tenho chamado de modernismo. Principalmente reflexa, a acção de Tobias Barreto nesse movimento operou-se mediante os seus discipulos immediatos, dos quais um ao menos, o Sr. Silvio Romero (S. Paulo de quem Tobias é o Cristo), teve consideravel influencia na juventude literaria dos ultimos vinte anos do seculo passado. No empenho, aliás simpatico na sua inspiração, de o exaltarem, inventaram uma «escola do Recife», da qual o fizeram instituidor. Não viram, como atiladamente nota o mesmo sr. Graça Aranha, que «a força singular desse homem estava na genialidade poetica por onde lhe veiu a intuição scientifica e filosofica» e que «essa genialidade, essa imaginação faltaria aos seus discipulos por que ela era uma expressão puramente individual e que se não repete. . . Extrairiam dos livros e das frases do mestre apenas as formulas audazes, confundiriam a satira com a seriedade do pensamento, tomariam os vagos delineamentos por conclusões definitivas e espalhariam numa lingua barbara a dogmatica doutrina para as quais não teriam nem a ciencia, nem adivinhação profetica» (1). A «escola do Recife» não tem de facto existencia real. O que assim abusivamente chamaram é apenas um grupo constituido pelos discipulos directos de Tobias Barreto, professor disserto e, sobretudo, ultrabenevolo, eloquente orador literario e poeta facundo, mais do que Tobias pensador e escritor. Cumpre, aliás, repetir que esse grupo, salvo imigrações individuais posteriores, restringiu-se ao Norte, donde era a maxima parte de seus alunos, e mais exactamente a Pernambuco.

Mas ainda reduzida a estas proporções, que me parecem as verdadeiras, a figura de Tobias Barreto e o seu papel na nossa literatura, ou mais exactamente na nossa mentalidade, é relevante. Ele actuou duplamente, primeiro, e acaso principalmente, como demolidor dos nossos valores mentais que pela sua propria imobilidade se tornavam

(1) *Discurso citado*, 185.

um impedimento ao nosso progresso espiritual, depois como uma força de estímulo e reforma para essa mentalidade. Apontou, se não abriu, caminhos novos e novas direcções á nossa intelligencia, criou discipulos em que se lhe frutificaram os ensinamentos e cuja acção foi consideravel, suscitou discussões e polemicas com que agitou o nosso meio intellectual, em suma, deu um forte e util abalo ao nosso pensamento, como quer que seja no momento inerte. Não foi, porem, nem um sabio, nem um pensador original ou profundo. O seu darwinismo não podia ser senão de mera predilecção sentimental. Carecendo da instrução scientifica, e especialmente biologica, para apreciar idoneamente as doutrinas de Darwin e seus discipulos ou emulos, não podia, sem impertinencia, pronunciar-se sobre elas e menos professal-as. Aliás quasi todos os nossos pseudo filosofos evolucionistas, transformistas ou darwinistas o foram, como ele, de palpito. Um principio, um conceito, uma idéa sua, não se lhe conhece naqueles dominios. Não fez de facto senão expor, ao que parece com grande eloquencia professoral, em todo caso, mesmo escrevendo, com grande calor comunicativo, a arrogancia propria para impor, o que em filosofia, em critica, em literatura, em direito, faziam os alemães, por cuja cultura se enrabichou com exclusivismo pouco abonatorio do seu espirito critico. Como a sua prègação, endereçava-se a um publico para quem a Alemanha, sob o aspecto da cultura, era *terra incognita*, e mais um publico principalmente constituido de rapazes tão ignorantes como facilmente impressionaveis, nada mais facil do que alcançar foros de oraculo.

O modernismo de que, em todo caso, foi ele aqui um dos principais fautores, produto de forças heterogeneas, teve tambem desencontrados efeitos na ordem literaria: na ficção em prosa, deu o naturalismo, ou melhor favoreceu o advento do naturalismo francez; na poesia simultaneamente o parnasianismo e a extravagancia da chamada poesia scientifica. Em outras ordens de actividade, na filosofia, na critica, em sociologia, em historia, influiu com outros

metodos e por ventura mais esclarecido entendimento. Mas tambem, e em maior numero talvez, produziu repetições, descorados ou desajeitados arremedos do que nesses ramos de conhecimento se fazia lá fóra. Desvairando, porem, a nossa fraca sciencia deu lugar ao que Herculano chamou com propriedade de «gongorismo scientifico». Acaso o seu mais util e notavel efeito foi, apesar destas maculas, o desenvolvimento do espirito critico. Efectivamente nesta fase da nossa literatura, mais que em qualquer das que a precederam, se nos depara esse espirito e as vezes da boa qualidade. Fora, porem, da poesia e do romance, ou da oratoria parlamentar, justamente em plena e brilhante florescencia nos ultimos anos do Imperio, não produziu um conjunto de obras que se possam agrupar sob uma qualificação particular ou a que una qualquer pensamento ou idéa geral comum. A mais consideravel saída desse movimento, menos aliás por virtudes intrinsecas, que pelos seus efeitos, e essa produto directo do estilo criado em Pernambuco por Tobias Barreto, mas concebida e realizada no Rio de Janeiro, é talvez a já citada *Historia da literatura brasileira* do sr. Silvio Romero (1888).

O romance romanesco e nimiamente sentimental de Alencar, Macedo ou Bernardo Guimarães, quando já o naturalismo francez não era uma novidade, acabara por, ainda em antes deste movimento, ceder o passo ao de Taunay, Machado de Assis e Franklin Tavora, unicos dos romancistas sucessores daqueles que fizeram uma obra equivalente á sua. Esta, porem, salvo no segundo, era ainda, como a dos romanticos, intencionalmente nacionalista, e em Franklin Tavora até propositadamente regionalista. Sómente continuando com o nacionalismo literario, estes e outros que os acompanharam, o fizeram com atenuação da formula romantica dominante. Eles pertencem antes á ultima fase do Romantismo. Os verdadeiros naturalistas segundo as receitas francezas já aviadas em Portugal por Eça de Queiroz e seus discipulos vieram depois, quando esses ultimos romanticos iam em meio da sua carreira literaria, e até quando o naturalismo entrava já a declinar em França.

CAPITULO XVI

O Naturalismo e o Parnasianismo

Rarissimamente, se alguma vez acontece, exprimem fielmente as etiquetas literarias o fenomeno que presumem definir, ou lhe compendiam exactamente o caracter. Não escapou o naturalismo a esta regra. Nenhuma das suas varias definições satisfaz plenamente. Para a mesma ficção em prosa, a que primeiro e particularmente foi esse nome dado, não se lhe acha explicação cabal. No entanto, os autores o applicam á critica, á oratoria, á filosofia, á historia e até á poesia. Historiadores da literatura franceza, por exemplo, sob este vocabulo designam o periodo literario de 1850 a 1890 (1).

É que, como o romantismo, o naturalismo foi sobretudo uma tendencia geral. Como aquelle fôra uma reacção contra o classicismo, foi o naturalismo um levante contra o romantismo. Caracteriza-o e distingue-o a sua inspiração diversa do romantismo, mormente a sua inspiração muito menos espiritualista que a deste, e consequentemente a sua vontade de proceder diferentemente dele. Revela-se este seu intimo sentimento e proposito no sacrificio ou diminuição da personalidade do autor, exuberante no romantismo; numa observação mais rigorosa e até presumidamente inspirada em metodos scientificos; numa repre-

(1) Lanson, *Obr. cit.* Cp. Brunetière, *Manuel de histoire de la littérature française.*

sentação mais fiel do observado, reduzindo ao minimo a idealização romanesca; no menosprezo dos constantes apelos á sensibilidade do leitor, pelo abuso do patetico; na invasão, não só do romance, mas de todos os generos literarios, pelo espirito critico, que era principalmente o do tempo. Tudo isto revia o momento, da prevalencia das sciencias exactas e de uma filosofia inspirada de seus metodos e baseada nos seus resultados sobre a metafizica eclectica do principio do seculo.

O nosso naturalismo, que foi uma das resultantes do modernismo, nada innovou ou sequer modificou no naturalismo francez seu prototipo. Ao naturalismo inglez, anterior a este, e ao mesmo tempo tão sobrio e distinto, ficou de todo alheio. Apenas se lhe vislumbra o contagio na ficção de Machado de Assis. Mais estreitamente ainda que o nosso romantismo seguira o francez, arremedou o naturalismo indigena o naturalismo da mesma procedencia, modelando-se quasi exclusivamente por Emilio Zola e o seu discipulo portuguez Eça de Queiroz. De novelas, contos, curtas e ligeiras ficções e ainda romances, segundo a formula pessoal destes dois escritores, hóuve aqui fartura desde 1883 até o rapido esgotamento dessa formula pelos anos de 90, quando ela se não procrastinou em exemplares inferiores que importunamente ainda a empregavam. Obras realmente notaveis e vivedouras, ou sequer estimaveis, bem poucas produziu, e nomes que mereçam historiados são, acaso, apenas tres: Aluizio de Azevedo, Julio Ribeiro e Raul Pompeia.

Alem de haver formado estes fiéis discipulos, e muitos outros somenos, actuou o naturalismo aqui, como fica atraz verificado, modificando e atenuando em romancistas como Franklin Tavora e Taunay e nas nossas letras em geral, as feições e os excessos do romantismo. Resultou em visão mais clara das cousas, observação mais sincera e expressão em suma melhor.

Aluizio de Azevedo nasceu no Maranhão em 14 de abril de 1858 e veiu a morrer como consul do Brazil em Buenos-

-Aires em 31 de janeiro de 1913. Como tantos dos nossos escritores, com insuficientes letras lançou-se no jornalismo, que, as dispensando, é uma boa escola de escrita corrente e facil. O seu primeiro livro foi um romance, na peor maneira romantica, *Uma lagrima de mulher* (Maranhão, 1880). Logo depois enveredou pelo caminho que lhe antolhava o naturalismo, conservando, contudo, ressaibos daquela moda. Quando apareceu o seu segundo livro, outro romance *O Mulato* (Maranhão, 1881), onde, ao geito da nova estetica, era estudado o caso do preconceito de côr na provincia natal do autor, protrafa-se ainda o romantismo nos romances sempre lidos de Alencar e Macedo e de Bernardo Guimarães, ainda vivo. Como tipos de transição entre as duas correntes literarias, romantica e naturalista, haviam aparecido desde 1870 Taunay e Franklin Tavora, para não citar senão os que fizeram obra mais consideravel. Estreando-se no romance em 1872, com a *Ressurreição*, eximira-se Machado de Assis quasi completamente do romantismo, sem cair, porem, no que ao seu claro engenho lhe pareceria o engano do naturalismo. Ele de facto nunca pertenceu a escola alguma, e através de todas manteve isenta a sua singular personalidade literaria.

Não obstante a sua procedencia provinciana, teve o *Mulato* o mais simpatico acolhimento do Rio de Janeiro e do paiz em geral. A novidade um pouco escandalosa que trazia, ajudada demais do cansaço de formula romantica, foi grata ao nosso paladar enfastiado do romanesco dos nossos novelistas, e pouco apurado para saborear as finas iguarias do *Braz Cubas*, de Machado de Assis, publicado em 1881. A gente habituada ao despejado naturalismo, mesmo cru realismo das discussões politicas e brigas jornalisticas, aqui sempre descompostas ambas, e mais á proverbial licença da nossa conversação, a maneira zolista devia forçosamente de agradar.

Passando-se da terra natal para o Rio de Janeiro, continuou Aluizio de Azevedo a obra encetada com o *Mulato*, e continuou aperfeiçoando-se, o que de comum não tem

sucedido nas nossas letras, onde, como já fica notado, não são poucos os autores cujos melhores livros são justamente os primeiros. Aluizio de Azevedo não só reformou o *Mulato*, melhorando-lhe em nova edição a composição e o estilo, mas, não obstante a boemia que por um resto anacronico do romantismo ainda praticou, poz serio empenho de aperfeiçoamento na obra subsequente. Os romances *A casa de pensão* (1884), *O homem* (1887), *O cortiço* (1890), confirmaram o talento afirmado no *Mulato* e asseguraram-lhe na nossa literatura o titulo de iniciador do naturalismo e do seu mais notavel escritor.

O principal demerito do naturalismo da receita zolista, já, sem nenhum ingrediente novo, aviada em Portugal por Eça de Queiroz e agora no Brasil por Aluizio de Azevedo, era a vulgarização da arte que em si mesmo trazia. Os seus assuntos predilectos, o seu objecto, os seus temas, os seus processos, a sua estetica, tudo nele estava ao alcance de toda a gente, que se deliciava com se dar ares de entender literatura discutindo de livros que traziam todas as vulgaridades da vida ordinaria e se lhe compraziam na descrição minudenciosa. Foi tambem o que fez efemer o naturalismo, já moribundo em França quando aqui nascia.

Não seria, porem, justo contestar-lhe o bom serviço prestado, tanto aqui como lá, ás letras. Ele trouxe á nossa ficção mais justo sentimento da realidade, arte mais perfeita da sua figuração, maior interesse humano, intelligencia mais clara dos fenomenos sociais e da alma individual, expressão mais apurada, em suma uma representação menos defeituosa da nossa vida, que pretendia definir. Dos que aqui por vocação ou mero instinto de imitação demasiado comum nas nossas letras, seguiram o naturalismo e se nele ensaiaram, o que mais cabalmente realizou este efeito da nossa doutrina literaria foi Aluizio de Azevedo, com uma obra de merito e influencia consideraveis, qual a daqueles seus quatro romances, aos quais podemos juntar o ultimo que escreveu, o *Livro de uma sogra*. Este aliás não é mais plenamente naturalista, e a sua execução

lhe safu inferior á dos primeiros. O resto de sua obra, de pura inspiração industrial, é de valor somenos.

Foi tambem naturalista de escola, mais talvez por amor da sua novidade e voga que por sincera simpatia com ela, Julio Ribeiro, no seu unico romance dessa formula, *A carne* (S. Paulo, 1888).

Julio Cesar Ribeiro, filho de norte-americano com brasileira, nasceu em Minas Gerais aos 16 de abril de 1845 e faleceu em S. Paulo, onde exerceu a sua actividade litteraria, em 1 de novembro de 1890. Como é aqui muito comum, era autodidata, votado por natural inclinação aos estudos linguisticos. De actividade dispersiva e indole mobil, acaso trêfega, foi cumulativamente professor de linguas, jornalista, polemista, pondo nestes dous officios grande ardor e até veemencia. Alem dos antigos, necessarios á sua educação filologica, estudou ou simplesmente leu desordenadamente os modernos, sobre todos os modernissimos, sem talvez os meditar bastante. De seu natural ardoroso, alvo-roçou-se com as mais frescas novidades intellectuais. O melhor fundamento da sua reputação é a sua *Gramatica portugueza* (S. Paulo, 1881), um dos mais notaveis productos da nossa copiosa litteratura do genero. Com sufficiente saber e intelligencia do assunto, ha talvez nessa obra demasiado e quiçá indiscreto entusiasmo pelas ultimas novidades glotologicas e pelos seus inventores. Da mesma especialidade publicou tambem Julio Ribeiro outros estudos. A sua obra propriamente litteraria cifra-se, porem, naquele romance e no que o precedeu *Padre Belchior de Pontes* (Campinas, S. Paulo, 1876-1877, nova edição. Lisboa, 1904). Chamou-lhe ele de «romance historico original», mas a despeito do aparato de erudição de que o cercou, e de serem historicos factos, episodios e algumas principais personagens bem como o protagonista, ainda o é menos que os de Alencar ou Macedo. Nada no livro nos dá a illusão da epoca e do meio romanceados, antes pelo contrario. *Padre Belchior de Pontes*, não obstante a affectação de sciencia, affectação que na *Carne* se desmandaria até ao ridiculo,

não obstante maior objectividade de inspiração e da representação romanesca, era ainda uma pura novela romantica, canhestamente composta (1). Não tem sequer este romance as excelencias de expressão que imaginaria encontrar num gramatico profissional quem não soubesse que por via de regra são os gramaticos mofinos escritores.

O modernismo teve em Julio Ribeiro, como fica insinuado, um dos seus mais fervorosos adeptos. Seguindo, menos acaso de inspiração que por enlevo da novidade, então muito festejada, a corrente do romance naturalista, escreveu *A carne* nos mais apertados moldes do zolismo, e cujo titulo só por si indica a feição voluntaria e escandalosamente obscena do romance. Salva-o, entretanto, de completo malogro o vigor de certas descrições. Mas a *Carne* vinha ao cabo confirmar a incapacidade do distincto gramatico para obras de imaginação já provada em *Padre Belchior de Pontes*. É, como dela escrevi em 1889, ainda vivo o autor, o parto monstruoso de um cerebro artisticamente enfermo (2). Mas ainda assim no nosso mofino naturalismo sectario, um livro que merece lembrado e que, com todos os seus defeitos, seguramente revela talento.

É do mesmo ano da *Carne*, o *Ateneu* de Raul Pompeia. Nascido em 12 de abril de 1863 e falecido a 25 de dezembro de 1895. Raul d'Avila Pompeia escreveu este romance ainda em começo da juventude. Inexperiente na

(1) Os dialogos neste romance, por exemplo, são todos desaproveitados, sem verosimilhança ou naturalidade alguma. Num deles (edição de Lisboa, pag. 19), em que conversam dous modestos sertanejos paulistas, marido e mulher, cita esta na integra, *ipsis literis*, um documento publico de treze linhas impressas. A concepção de Julio Ribeiro da Companhia de Jesus é a de rapaz de escola que dos jesuitas não tivesse outras noções que as bebidas no *Judeu Errante* de Eugenio Sue ou quejandas autoridades. O pedantismo do professor revela-se nos titulos em latim e até em grego de varios capitulos, em paiz de escassissima cultura classica.

(2) V. do A. *O romance naturalista do Brasil nos Estudos Brasileiros*, 2.^a serie, Rio de Janeiro, Laemmert & C.^a, 1894.

vida, com aquela «vigorosa ignorancia que faz a força da mocidade», de que fala Brunetière, mais com a impressão forte, como seriam todas em a sua natureza excitavel e vibratil, das novas idéas e presentimentos que alvoroçavam a mocidade do tempo, Raul Pompeia deu no *Ateneu* a amostra mais distinta, se não a mais perfeita, do naturalismo no Brasil. Ao contrario dos seus dois principais emulos nessa moda literaria, Aluizio de Azevedo e Julio Ribeiro, que, achegando-se demasiado ao seu figurino francez, sacrificaram-lhe a originalidade que acaso tinham, Raul Pompeia, com dotes de pensador e de artista superiores aos dous, não perdeu a sua. O seu romance é mais original e o mais distinto produto da escola aqui, sem ser tão bem composto como os melhores de Aluizio de Azevedo. Pelo desenvolvimento, volume e ainda qualidade de sua obra, este ficaria, entretanto, e como tal é considerado, o principal representante indigena da escola. No que decididamente os sobreleva a todos Raul Pompeia é, não só na maior originalidade nativa e na distinção, sob o aspecto artistico, do seu unico romance, mas ainda no talento superior revelado na abundancia, roçando acaso pela demasia, de idéas e sensações não raro exquisitas e sempre curiosas, que dão ao seu livro singular sainete e pico. Nesse livro, porem, que tantas promessas trazia e tantas esperanças despertou, parece se esgotou todo o engenho do malogrado escritor e espirito brilhantissimo.

Não houve no Brasil, como não houve em parte alguma, poesia a que se possa chamar de naturalista no mesmo sentido em que se fala de romance, e ainda de teatro, naturalista. É que não existe poesia sem certa dose de idealismo, incompativel com tal naturalismo. Enganavam-se redondamente, como ao tempo lhes mostrou Machado de Assis (1), os imitadores indigenas de Baudelaire que nas *Fleurs du mal* buscavam justificação do seu realismo ou

(1) *A Nova Geração, Revista Brasileira*, II, Rio, 1879.

naturalismo. E a sua intelligencia os condenou á imitação pueril e falha.

A poesia brasileira contemporanea da romantica naturalista foi, como ficou averiguado, o parnasianismo, e, com manifestações minguadas e somenos, a alcunhada poesia scientifica, que de poesia só teve o exprimir-se em versos, geralmente ruins.

Influiu de facto o modernismo na poesia com a sua inspiração scientifica e filosofica, produzindo isso que aqui se denominou de «poesia scientifica», o que é de si mesmo uma contradição, emquanto as verdades scientificas se não fizerem sentimento na alma do poeta. Pôr em versos, ainda excellentes — o que aliás nunca aconteceu — noções scientificas ou idéas filosoficas é retrogradar á poesia didactica, cousa que de poesia só tem o nome. Já vimos que não deu aqui nada de si, e nada deixou por que se quer mereça lembrada, se não como um facto, aliás insignificante, da nossa evolução literaria.

Desde 1879, Machado de Assis, no escrito citado, verificava que «a poesia subjectiva chegara efectivamente aos derradeiros limites da convenção» e simultaneamente a influencia das sciencias modernas que deram á mocidade «diferentes noções das cousas e um sentimento que de nenhum modo podia ser o da geração que os precedeu».

Com estas noções mais sofregamente bebidas que cabalmente assimiladas, entraram a impressionar a nossa imaginação e faculdades poeticas, Teodoro de Banville, Baudelaire, Lecomte de Lisle, os poetas do *Parnasse Contemporain*, e, ainda e sempre, Vitor Hugo, o Hugo da *Légende des siècles* (1859-77-83), o vate social e politico. Simultaneamente as impressionaram os poetas portugueses da reacção coimbran contra Castilho e o ultraromantismo, em que demoradamente agonizava, sob o patrocínio deste extraordinario verzejador, a poesia portugueza: João de Deus, Teofilo Braga, Antero de Quental, Guerra Junqueiro.

Ao contrario do que superficialmente se pensa, as influencias intellectuais europeias nunca demoraram menos de vinte anos a se fazerem aqui sentir. Banville e Baudelaire appareceram com as suas obras typicas em 1857, aquella revista de poesia publicou-se de 1865 a 66, e os poetas portuguezes que nos traziam o eco do movimento das idéas, que havia pelo menos cinco lustros abalavam os espiritos europeus, eram todos do decennio de 60.

Ao feitio poetico que no Brasil correspondeu ao naturalismo no romance, e que de parte modalidades diversas e indefiniveis de inspiração se caracterizou pela preocupação da forma e pela maior abstenção da personalidade do artista, chamou-se de parnasianismo. Naturalismo e parnasianismo são ambos filhos daquele movimento. Mesmo em França, a denominação de parnasianismo é arbitraria. Não houve propriamente ali escola parnasiana. A não ser o do trabalho exterior, do labor do verso, nenhum vinculo de sentimento ou inspiração comum liga os poetas que, reunidos em torno de Lecomte de Lisle, colaboravam no *Parnasse Contemporain*, de qual lhes veiu a alcunha. O unico que com ele tinha alguma analogia era José Maria Heredia (1).

A forma rigorosa, impessoal, impassivel, em que se quiz ver a marca da escola — desmentida aliás mesmo em França, por alguns dos seus mais distintos alunos, como Coppée — se não coadunava com o lirismo portuguez e brasileiro, ambos essencialmente feitos de sentimentalidade e de personalismo, ambos muito pessoais. Em Portugal, mais ainda que no Brasil, não houve nunca verdadeiros parnasianos, segundo o conceito comum do parnasianismo (2), se não o forem os seus arcades do fim do seculo xviii.

(1) Emile Faguet, *Histoire de la littérature française*, Paris, 1909, 16^{me} edition, n, 428. Cp. G. Lanson, *Obr. cit.* 1062, 1063 e F. Brunetière, *L'Evolution de la poesie lyrique en France*, Paris, 1895, n, 192 e seg.

(2) João de Barros, *La littérature portugaise*, Porto, 1910, 16.

Transplantado para o Brasil, o parnasianismo francez modificou-se sensivelmente sob a acção das nossas idiosincrasias sentimentais, da nossa facil emotividade e das tradições da nossa poesia. A impersonalidade e sobretudo a impassibilidade não vão com o nosso temperamento. São dos anos de 70 as primeiras manifestações do parnasianismo na nossa poesia. Foram talvez as *Miniaturas* de Gonçalves Crespo a sua primeira manifestação. Publicadas em 1871, com poemas de 69 e 70, traziam sob o nome do poeta a menção «natural do Rio de Janeiro». Brasileiro de nascimento e mestiço, tambem de temperamento, de intenção, e, o que é mais, de sentimento, era o autor genuinamente brasileiro. Os seus deliciosos poemas, porem, de parnasianos apenas tinham o escrupulo da factura. Muitos livros de versos publicaram-se aqui no decenio de 70 a 80: *Falenas e Americanas*, de Machado de Assis; *Nevoas matutinas e Alvoradas*, de Lucio de Mendonça; *Flores do campo*, de Ezequiel Freire; *Telas Sonantes*, do sr. Afonso Celso; *Sonetos e rimas*, de Luiz Guimarães Junior, e outros. Distingue estas colecções de poemas maior abundancia de temas objectivos, uma notavel diminuição na sentimentalidade e subjectivismo, acaso excessivos, dos romanticos e, sobretudo, um mais esmerado trabalho de forma. Algumas delás, como as de Machado de Assis e Luiz Guimarães Junior, já traziam, sob este aspecto, distinta excellencia. Estes dous poetas, porem, desde os seus primeiros versos se mostravam, mais do que era aqui comum, cuidadosos da forma.

A inspiração romantica tão consoante com a nossa indole literaria, como é de ver, se não desvanecera totalmente ao influxo da nova poetica. Não só é ainda visivel naquelles poemas mas em dous novos poetas que por esse tempo apareceram, o sr. Alberto de Oliveira, que viria a ser talvez o mais tipico dos nossos parnasianos, e o malgrado Teofilo Dias. Tanto as *Canções romanticas* do primeiro, como a *Lira dos verdes anos* e os *Cantos tropicais* do segundo são de 1878, e em ambos, de mistura com a toada

geral do nosso lirismo romantico, ha claros toques da nova poetica. A estas diversas collecções seguiram-se as *Sinfonias* (1883) e *Versos e versões* (1887), de Raimundo Correia, as *Meridionais*, do sr. Alberto de Oliveira, as *Contemporaneas*, do sr. Augusto de Lima e, finalmente, em 1888 as *Poesias* do sr. Bilac, que ficariam como talvez o mais acabado exemplar do nosso parnasianismo, tanto pelas qualidades formais como de inspiração. Não vale a pena citar mais: uns, embora com estro, apenas ocasionalmente foram poetas, outros não o souberam ser com virtudes tais que mal decorrido um quarto de seculo não ficassem de todo esquecidos. Como felizmente passara a epoca em que os nossos poetas morriam moços, estão, Deus louvado, vivos esses e outros seus imediatos sucessores, dos quais alguns teem um nome e um lugar na poesia brasileira. Acode naturalmente o do sr. Luiz Murat, estreado nesta epoca com muito ruido, aplauso, abundancia e brilho e que assim poetou até ha pouco. O sr. Luiz Murat, porem, apenas parcialmente pertence a esta fase poetica, pois ao contrario dos poetas que a assinalam, seus contemporaneos e companheiros, tanto a sua inspiração como a sua maneira reflectem notavelmente, não obstante meras apparencias de novidades, a poetica anterior. É como ele, embora de feição muito diferente, mais romantico que parnasiano, o sr. Melo Morais Filho, o poeta dos *Cantos do Equador*. Com o proposito de nacionalismo voltou ao indianismo, repetindo com muito menos engenho, a Gonçalves Dias.

Dos citados poetas, dous dos mais estimados vinham do Romantismo, do qual ainda conservavam ressaibos Machado de Assis e Luiz Guimarães Junior. Machado de Assis, que desde o principio se distinguira pela arte excelente dos seus versos, apenas a teria apurado mais com o advento do parnasianismo. Mas nele os efeitos da nova poetica e das correntes que a originaram só são manifestas na sua ultima collecção, as *Ocidentais*. Luiz Guimarães Junior, que ia pelos trinta anos, o que é aqui quasi a velhice para um poeta, fôra desde os seus primeiros versos (*Corimbos*,

1869) versificador esmerado. Sofrendo a impressão da nova moda, não foi só a sua versificação que se aperfeiçoou, mas toda a sua expressão poetica, e os *Sonetos e Rimas* (Roma, 1880) são, sob este aspecto, um dos mais distintos livros da nossa poesia e não sei se não também um dos melhores exemplares do parnasianismo á franceza aqui. O seu lirismo, de qualidades muito nacionais, não sofreu modificação essencial do parnasianismo e por muitos rasgos ele continuou com originalidade e sentimento proprio, e melhor expressão, os poetas das ultimas gerações romanticas. Mas poemas como *Historia de um cão, Satanaz, A esmola, A morte da Aguia*, revelam a acção do novo pensamento que influiu a poesia. A distinta arte do verso fazia-o um dos corifeus da sua renovação aqui.

Pelo mesmo tempo começou a aparecer com maior reputação e lustre o nome de Luiz Delfino, que talvez desde os anos de 50 se vinha lendo sob versos publicados em diversos periodicos. Luiz Delfino dos Santos é uma das figuras mais curiosas, mais extraordinarias até, da nossa poesia. Era de Santa Catarina, onde nasceu em 25 de agosto de 1834, o que o faz da geração dos segundos romanticos, quasi todos nesse decenio nascidos. Formou-se em medicina no Rio de Janeiro, onde se deixou ficar clinicando e onde faleceu a 30 de janeiro de 1910.

Desde muito jovem até ás vespervas de morrer, com setenta e seis anos, poetou constante e des preocupadamente, sem esforço, sem presunção, acaso sem maior affecto e certamente sem paixão pela sua habilidade poetica. A poesia foi-lhe antes um habito contraído na mocidade e continuado pelo resto da vida que um officio, ou sequer uma occupação literaria. Sendo o mais copioso poeta que jámais tivemos, e não raro um dos mais excellentes, não deixou entretanto um livro de versos, em terra onde todo o versificador se precipita em pôr em volume os seus. Como certamente lhe não teriam faltado oportunidades de o fazer, pois alem da posição social que alcançou, era abastado, pode-se ver nesta sua negligencia ou uma singular indife-

rença pela sua arte ou uma peregrina forma de faceirice literaria. Tanto pela qualidade da sua ideação, como pela da sua expressão, Luiz Delfino motivadamente impressionou os poetas que, quando ele começava a envelhecer, entravam a despir-se do romantismo. Ainda com as qualidades comesinhas do nosso lirismo, e a sua, mais que voluptuosidade, lascivia, mostrava-se ele mais exquisito e mais requintado. Trazia maior riqueza, maior variedade, maior novidade de imagens, expressas em formas menos vulgares. Sente-se-lhe entretanto, a rebusca, o que não era para lhe desafeioar os moços que pospunham o espontaneo da inspiração ao caprichoso do lavor artistico. Nesta rebusca cai frequentemente no extravagante do pensamento e no anfiguri da expressão. A relativa serenidade do seu estro, contido nas suas naturais exuberancias indigenas pela feição do poeta ao requinte da expressão, o seu amor da bela forma, o seu menos absorvente subjectivismo, o seu ar mais de refinado galanteador que de apaixonado, libertando-o dos mais comuns vicios da nossa poesia de então, estremaram Luiz Delfino dos ultimos romanticos. Na voga do parnasianismo aqui, e não no seu inicio, foi que o nome de Luiz Delfino saiu da penumbra em que se vinha fazendo desde aqueles anos, para ser reconhecido e proclamado pelos poetas da nova geração como um dos seus cabeças e por eles celebrado como um mestre de verso. Valia-lhe a predilecção, tão contraria aos nossos costumes literarios, o afastamento do velho poeta das rodas em que aqueles jovens, que poderiam ser seus filhos, reciprocamente se disputavam a preeminencia. De facto ele não lhes era um concorrente. Foram principalmente os seus numerosos sonetos nos moldes da nova poetica, alguns realmente belos, que lhe trouxeram ao publico o nome, até então pouco menos que obscuro. Até que ponto a importancia que mais talvez que o seu engenho lhe deram as circunstancias, se haja traduzido em influencia suficientemente apreciavel, não sei dizer. Houve em sua fama, que aliás mal ultrapassou as rodas literarias, muito do que os francezes chamam

succés d'estime. Em suma, Luiz Delfino foi talvez antes um insigne virtuose do verso do que um grande poeta, como liberalmente chegaram a chamar-lhe.

No decenio de 70 a 80 repetiu-se em S. Paulo o que ali sucedera de 50 a 60: um grupo de moços estudantes da respectiva Faculdade de Direito, amigos das letras, particularmente da poesia e entusiastas das «idéas modernas», tomaram a frente do movimento poetico. Desse grupo, donde todos mais ou menos poetavam, saíram alguns dos melhores poetas desta fase, nomeadamente alem dos srs. Augusto de Lima e Olavo Bilac, ainda felizmente vivos, sem falar dos que ficaram em estreias, Teofilo Dias e Raimundo Corrêa.

Nesse grupo, a poesia, sofrendo embora as influencias do pensamento moderno, não exorbitava da sua natureza. Mantinha-se entre o nosso lirismo tradicional e a nova poetica, oriunda dos parnasianos francezes. Misturava-lhes aliás Baudelaire, que não chegou a entender, e continuava a admirar e imitar Hugo. Mas em suma, com menos corriqueira inspiração, certas novidades de pensamento e, sobretudo, expressão mais apurada, é poesia da que dispensa qualificativo. Dos poetas que a iniciaram, e com mais distinção a fizeram, os que, por já falecidos, tem logar nesta *Historia*, são os mais notaveis Teofilo Dias e Raimundo Corrêa, ambos maranhenses.

Teofilo Dias de Mesquita nasceu em Caxias em 28 de fevereiro de 1857. Era, por sua mãe, sobrinho de Gonçalves Dias. Este proximo parentesco não deixou de ser parte tanto na sua feição poetica como no renome que adquiriu. Ele proprio parece se desvanecia, e com razão, dele, e de bom grado se deixava impressionar desta consanguinidade gloriosa. Mais do que a confessada admiração pelo seu illustre parente, o grande poeta dos *Cantos*, o feitio do engenho poetico de Teofilo Dias lhe revê o affecto e as naturais afinidades. Ele não é só um puro parnasiano, o que, como fica assentado, não tivemos aqui, por o não consentir nem o nosso temperamento nacional, nem a nossa feitura mental. Mais do que em Raimundo Corrêa, Bilac, Al-

berto de Oliveira, Augusto de Lima, que do grupo parnasiano de S. Paulo e do Rio de Janeiro e pode dizer-se do Brasil, foram os corifeus e os mais distintos poetas, são em Teófilo Dias evidentes os ressaibos do romantismo, ainda na sua feição, aqui a mais saliente, de nacionalismo. É nestas que se lhe sente o parentesco de Gonçalves Dias. Do seu natural feitiço romântico ha também indícios no seu vezo romântico da boemia. A julgar pelas reminiscências dos seus contemporâneos e camaradas, ele foi o ultimo dos nossos boêmios literarios á moda romântica, peorada em S. Paulo por Alvares de Azevedo e os estudantes literatos do tempo e os seus subsequentes macaqueadores.

A actividade poetica de Teófilo Dias vai de 1876, ano em que estreia com a *Lira dos verdes anos* (Cp. *Lira dos vinte anos*, de Alvares de Azevedo), a 1887, em que publicou a *Comedia dos Deuses*. Entrementes publicara os *Cantos tropicais* (1878) e *Fanfarras* (1882). Faleceu a 29 de março de 1889 em S. Paulo, onde casara na familia dos Andradas, a cuja protecção deveu modesta posição politica nessa provincia. Segundo o comum conceito do parnasianismo, Teófilo Dias, não obstante haver poetado no melhor periodo da escola aqui, apenas pelo apuro intencional da forma, abuso do descriptivo e outras particularidades e feições de virtuosidade, será um parnasiano. De parte tais feições, é ainda um romântico modificado, atenuado pelo «pensamento moderno», que nele influiu mais do que nos seus camaradas de geração. Mostra-o notavelmente a sua *Comedia dos Deuses*, poema confessadamente calçado no *Ashaverus*, de Edgard Quinet, sem quasi nenhuma invenção essencial de fundo e de expressão. Esta é aliás em Teófilo Dias mais rica do que naqueles. Mas não tal que lhe tenha sobrelevado o estro até uma obra de vida e beleza duradoura. É, entre os poetas da mesma grei, talvez o menos vivo.

Ao contrario, vive de uma vida ainda muito prezada e que não parece deva extinguir-se breve, o seu companheiro Raimundo Corrêa. Este delicioso poeta nasceu a bordo de

um vapor, em aguas do Maranhão, aos 13 de maio de 1860. Valetudinario, de um nervosismo doentio, que aliás mal se revela em seus poemas ou apenas se vislumbra no tom de melancolia e desalento que é talvez o seu mais intimo encanto, em extremo sensitivo, encontrou nas suas mesmas condições físicas e morais o melhor do seu estro. Filho de um magistrado do velho feitiço, que até nos aspectos exteriores punham a gravidade profissional do seu estado, severamente educado numa familia rigorosamente catolica, e ele proprio magistrado, Raimundo Corrêa, não obstante a perda das crenças paternas e a deleteria influencia da serodia boemia dos poetas estudantes de S. Paulo, conservou, com o fundo de tristeza que lhe era congenial, a sua honestidade nativa e uma intemerata alma de poeta idealista e intimamente romanesco. Como todos os nervosos da sua especie, era um desconfiado e um timido. De todas estas suas feições pessoais ha vestigios na sua poesia, e foi a consubstanciação perfeita do seu estro com o seu temperamento que, apesar do seu apego ás formulas da poetica parnasiana, fez dele talvez o mais comovido e por isso mesmo o mais interessante poeta da sua geração. Sem maior originalidade (e a falta de originalidade é talvez o mais visivel defeito da nossa geração parnasiana) tem, como nenhum dos seus confrades, um raro e particular dom de assimilação com que soube transsubstanciar em proprias emoções alheias, emprestando-lhes um sentimento mais profundo e uma expressão mais intensa e mais formosa. Os temas dos seus dous mais belos e mais justamente afamados poemas *As pombas* e *Mal secreto* não lhe pertencem, mas nem por isso esses admiraveis sonetos são menos seus, tanto ele lhes recriou e ressentiu o sentimento original e tão formosamente os afeiçoou consoante com a sua indole poetica. Não só pelo seu real talento poetico e peregrinas qualidades da sua expressão foi Raimundo Corrêa um dos maiores dos nossos poetas de após o Romantismo, mas tambem porque foi de todos eles aquele em que o apuro, mesmo a rebusca, da forma não prejudicou

nem a ingenuidade do sentimento, nem a sua expressão natural, nem tão pouco a essência do nosso lirismo tradicional. Com menores aptidões verbais que os seus emulos, ele entretanto os excedeu a todos em propriedade, singularidade e beleza de expressão poética. Raimundo Corrêa morreu em Paris, a 13 de setembro de 1911.

Em Pernambuco, também no meio escolar se operou paralela mas não igual renovação poética. Em S. Paulo, o «pensamento moderno», ou directamente ou mediante os parnasianos francezes, influiu os estros poeticos sem os desviar enormemente dos dominios e da expressão propria da poesia. Eram «novos», mais ficavam poetas. O contrario sucedia em Pernambuco. Ao influxo de Tobias Barreto, dos repetidos e impertinentes apelos á Sciencia, á Filosofia, ao Pensamento moderno (tudo com maiuscula) em uma palavra do scientificismo, como barbaramente se chamou a esta presunção de sciencia, nasceu o proposito desta cousa hibrida e desarrazoada que apelidaram de poesia scientifica. Não deu aliás senão frutos pécios ou gorados ainda em flor. Poesia scientifica é incongruencia manifesta. Que a sciencia, influindo a mentalidade humana e aperfeiçoando-a consoante as suas soluções definitivas, ou os seus criterios, possa acabar por actuar também o sentimento humano, é uma verdade psicologica de primeira intuição. Não o é menos que o sentimento assim feito possa comover-se conformemente com os motivos que o produziram ou segundo a emotividade resultante de determinações daquelas soluções e criterios. Se fôr cabal a conversão da noção em sentimento, se este já fôr bastante intenso, poderá a sua expressão corresponder-lhe á intensidade e ser, pois, do ponto de vista estetico, legitima e bela. Mas para que isto aconteça, cumpre seja completa e perfeita a transformação da idéa em sentimento intimo capaz de expressão artistica, subjectiva. Senão será uma pura emoção sentimental, cuja expressão poética dispensa qualificativo ou, o que foi a nossa «poesia scientifica», uma aberração de pseudo poetas e pseudo cientistas, um efeito

de moda ou uma ocasião de oratoria. Poesia, como arte que é, é sintese, uma sintese emotiva. Limitando-se os nossos poetas scientificos a versejar noções, principios, conhecimentos scientificos, e mais nomes do que cousas, resvalavam á poesia didactica, de ridicula memoria.

Tobias Barreto, o principal causador, pelo seu ensino todo imbuido de «scientificismo», desta suposta poesia, mas muito mais poeta que os seus discipulos, não caiu tão em cheio como estes no engano para o qual tanto concorreu. Quem principalmente a apadrinhou foi Martins Junior, poeta em que era maior o fogo juvenil que o estro.

José Isidoro Martins Junior nasceu no Recife em 24 de novembro de 1860, e faleceu no Rio de Janeiro em 22 de agosto de 1904. Desde os bancos da Faculdade de Direito, onde se formou, foi um espirito agitado das idéas mais adiantadas, das opiniões mais recentes, de entusiasmos fogosos, tudo traduzido em manifestações e gestos de orador. Prodigalizava-se em discussões, palestras, escritos do efemero jornalismo escolar, discursos e versos, num movimento infatigavel do seu temperamento caloroso e impulsivo. Desde 1879 publicou folhetos de direito, filosofia, literatura, e os seus primeiros versos, com o titulo intencionalmente expressivo de *Estilhaços, As visões de hoje* (1881), republicadas, refundidas cinco anos depois, são o seu livro principal. Foi aí que fez e propagou a «poesia scientifica» em poemas que eram a condenação do genero como esse da *Sintese Scientifica*, do qual só estes versos bastavam para o desmoralizar definitivamente:

Mas só Comte

Poude, estoico, escalar o alevantado monte
No pincaro do qual via-se a neve branca
Da nova concepção do mundo recta e franca!

Deixando embaixo Kant, Simon, Burdin, Turgot
Newton e Condorcet e Leibnitz, — voou
Ele para as alturas magicas da gloria,
Após ter arrancado ao pelago da Historia
A vasta concha azul da Sciencia Social!

E mais é que houve quem tomasse a serio estas infantibilidades, e só como tais perdoaveis, de rapaz de escola!

Acompanharam-no, com efeito, outros moços tão pouco reflexivos e tão pouco poetas como ele. Apenas menos declaradamente seguiu a corrente, a que afluíam também caudais da *Lenda dos seculos*, de Vítor Hugo, e da *Visão dos tempos*, do sr. Teófilo Braga, o sr. Silvío Romero (*Cantos do fim do seculo*, Rio de Janeiro, 1878). Pelo nome que justamente adquiriu nas nossas letras, e pela sua mesma obra poetica desta errada tendencia, foi talvez o sr. Silvío Romero o mais consideravel destes poetas. Sem nenhuma superioridade, mas também sem tamanha insuficiencia quanto lhe assacaram, versificou noções scientificas, pensamentos filosoficos, conceitos historicos, opiniões sociais com mais ardor que successo. Esta poesia scientifica de que Martins Junior se fizera o arauto (*Poesia scientifica*, Recife, 1883), e que poucos mais cultores teve além dele e do sr. Silvío Romero, e nenhum certamente crêdor de estimação, era ainda, por muitos aspectos, um remanescente de condoreirismo. Acabada a guerra do Paraguai e esgotado um dos principais estimulantes desta maneira poetica, exactamente quando novas idéas scientificas e filosoficas nos chegavam da Europa e começava aqui ao menos o momento de candida fé na sciencia que durou até ha pouco, foi esta, por isso mesmo que pouco sabida, que alvorçou a mocidade.

É este o grande mal da literatura brasileira: que por circumstancias peculiares á nossa evolução nacional, ela tem sido sobretudo, quasi exclusivamente até, feita por moços, geralmente rapazes das escolas superiores, ou simples estudantes de preparatorios, sem o saber dos livros e menos ainda o da vida. Ora a literatura, para que valha alguma cousa, ha de ser o resultado emocional da experiencia humana. A nossa tem principalmente sido uma literatura de inspiração e fundo, mais livrescos que vividos.



CAPITULO XVII

O Teatro e a literatura dramatica

Senão como literatura, como espectáculo data o teatro no Brasil do seculo do descobrimento. Foram seus inventores ou introdutores aqui os jesuitas. Na sua obra de catequese e educação, a mais inteligente sem duvida que jamais se fez, recorriam esses padres, desde a Europa, a todos os recursos, ainda os mais grosseiros, de sugestão. Desses foram as grandes solenidades, meio profanas, meio religiosas, dos seus collegios, com representações, recitações, canticos e danças e espectaculos a que já podemos chamar de teatrais. Mediante estes, os seus mais rudes palcos achariam acaso ouvintes mais caroaveis que o seu pulpito.

Desde o seculo xvi, na citada *Narrativa epistolar* de Fernão Cardim e em outros cronistas, no seculo xvii, nos longos titulos dos poemas de Gregorio de Matos (1) e em mais de um noticiador do Brasil de então, e com frequencia maior nos cronistas do seculo xviii, encontram-se noticias desses espectaculos, que uma critica incompetente pretendeu arvorar em inicio do nosso teatro.

Desses talvez o primeiro de que ha noticia foi o que o padre José de Anchieta realizou em S. Vicente, em 1555, fazendo representar por indios seus catecumenos e portu-

(1) «A umas comedias que se representaram no sitio de Cajaiiba». «A uma comedia que fizeram os pardos confrades de N. S. do Amparo». Ms. 1-5-1-29 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

guezes, em Tupi, e em portuguez, o auto da *Prégação Universal*, ruim arremedo dos «autos de devoção» que se representavam no Reino, dos quais o contemporaneo Gil Vicente deixou os melhores exemplares.

Mas nem esse pobre auto, nem outros que se lhe seguiram, representados em estabelecimentos jesuiticos ou alhures, não são propriamente teatro no sentido da literatura dramatica. Todos eles desapareceram sem deixar prole, nem sequencia.

As representações ou espectaculos teatrais, que aqui mais tarde se viram, e de que ha noticias desde os meados do seculo XVIII, de comedias, entremezes, momos, loas, portuguezes e espanhoes, ou, quem sabe? já produto colonial, nenhuma afinidade teriam com os autos jesuiticos ou quejandos. Desde, pelo menos, a segunda metade do seculo XVIII que em festas publicas celebradas por ocasião da exaltação ao trono de reis portuguezes, ou de nascimentos, desposorios principescos, se faziam aqui representações teatrais, em geral de peças espanholas, como tambem sucedia na metropole. Em 1761, na Baía, por motivos dos esponsaes da futura D. Maria I, foi representado um *Anfitrião*, acaso o mesmo do nosso engenhoso e desgraçado patricio Antonio José (1).

Destas representações, e sempre por identicos motivos, em outras partes do Brasil, ainda em antes da fundação da *Casa da Opera* no Rio de Janeiro, em 1767, se encontram noticias nas cronicas e relatos contemporaneos. Se não é ainda possivel asseverar que Alvarenga Peixoto, um dos poetas da pleiade mineira, tenha de facto composto um drama *Enéas no Lacio* e traduzido a *Merope*, de Maffei, e, menos ainda que por volta de 1775 estes se hajam representado na referida *Casa da Opera*, não parece duvidoso que outro poeta do mesmo grupo, Claudio Manoel da Costa, tenha composto «poesias dramaticas» que, segundo decla-

(1) Varnhagen, *Hist. ger. do Brasil*, cit.

ração sua, se tinham «muitas vezes representado nos teatros de Vila Rica, Minas em geral e Rio de Janeiro» e feito «varias traduções de dramas de Metastasio» (1).

Nesses teatros, de existencia forçosamente precaria, e actividade esporadica e intermitente, eram principalmente, tal qual como em Portugal, peças espanholas que se representavam. Quando ele começou, já ali mesmo se não representava mais Gil Vicente. O teatro portuguez vivia de peças estrangeiras, e menos de entremezes e operas nacionais — alguma coisa como o moderno *vaudeville* francez — sendo as principais e melhores destas as do Judeu, cuja popularidade foi grande e que, sem o nome do seu malogrado autor, se representavam frequentemente no Reino, e porventura tambem no Brasil. Este teatro, pois, de brasileiro só tem a circumstancia de estar no Brasil. O teatro brasileiro propriamente dito, de autores, peças e actores brasileiros ou abrasilairados, que fosse já um produto do nosso genio e do meio, é, por assim dizer, de hontem. Pode existir quem o tenha visto nascer.

Como simples curiosidade historica, uma historia exaustiva de teatro brasileiro, compreendendo o espectáculo e a literatura, podia, porventura devia, recordar essas primeiras representações. Nessa relação caberiam os autos, dialogos, loas e quejandos espectaculos dados nos estabelecimentos jesuiticos e em festividades publicas ou particulares nos tempos coloniais. Ha para tal noticia material bastante em documentos contemporaneos. Não existe, porem, um só de literatura dramatica, por onde possamos avaliar-lhe a importancia e merito. Os primeiros que apareceram são de 1838 para cá, os dramas ou tragedias de Magalhães e as comedias ou farças de Martins Pena.

Foi o romantismo, com o qual se iniciou o que já podemos chamar de literatura nacional, o criador tambem do nosso teatro. Este ficou de todo estreme de qualquer in-

(1) Vide acima, capitulo *A Pleiade mineira*.

fluxo daquelas remotas e, pode dizer-se, ignoradas representações coloniais. Na sua primeira fase produziu o romantismo Gonçalves de Magalhães e Martins Pena, e logo depois Macedo e José de Alencar. Simultaneamente appareceu aqui um grande actor que, com seu nativo talento e ardor pela arte dramatica, realizou no palco, mediante companhias em que chegou a interessar os mesmos estadistas do tempo e outros conspicuos cidadãos, e com aplauso e colaboração do publico, o teatro brasileiro. O nome desse actor, João Caetano († 1863), chegou até nós com tal aureola de admiração e de gloria, tão saudosamente lembrado, que se lhe dispensa a biografia ou mais positivos testemunhos do seu valor real. A impressão que ele causou nos seus contemporaneos, impressão profunda e duradoura, basta para assegurar-lhe a primazia na realização scenica daquelles e doutros autores e, portanto, na criação do «teatro» aqui.

Como literatura, o seu criador foi, segundo vimos, Gonçalves de Magalhães, com o seu *Antonio José* ou *O poeta e a Inquisição*, tragedia em verso, em 5 actos, representada pela primeira vez por João Caetano e sua companhia, no seu teatro da praça da Constituição (depois teatro de S. Pedro de Alcantara) em 13 de março de 1838. Esta data asseguraria a Magalhães e ao Brasil a prioridade do teatro romantico na literatura da nossa lingua. A peça com que Garrett inaugurou o moderno teatro portuguez, *Um auto de Gil Vicente*, foi representado em Lisboa quatro mezes depois da do nosso patricio. Esta prioridade, porem, pouco mais é que cronologica. O drama de Garrett, sobre ter outro valor literario, é bem mais romantico do que a tragedia de Magalhães. Aproveita, entretanto, a primazia da data, para comprovar que não foi de Portugal que Magalhães recebeu o impulso renovador, e portanto que o nosso romantismo, por ele inaugurado na poesia com os *Suspiros poeticos* (1836), compostos e publicados no foco do romantismo latino, Paris, se originou de outras fontes que a portugueza.

Magalhães como Porto Alegre, seu amigo e emulo nesta renovação, não eram por temperamento e índole literaria dous verdadeiros românticos, quanto o seriam por exemplo Gonçalves Dias e Alencar. Foram-no antes de estudo e proposito que de vocação. A sua intima caracteristica literaria seria antes o pseudo classicismo ou o serodio arca-dismo do fim do seculo XVIII e principio do XIX em Portu-gal e alhures, e do qual Ponsard, em França, era no teatro o mais eminente representante. Quando o romantismo francez proclamava a falencia ou esgotamento da tragedia, substituindo-a pelo drama em que os elementos da come-dia se misturavam ao patetico do teatro tragico, Magalhães escrevia tragedias feitas ainda segundo as classicas regras aristotelicas. De fóra parte a sobriedade austera dos gran-des moldes gregos, seguidos por Ferreira e Racine, e a in-ferioridade do seu estro, renasciam estas no palco de S. Pedro de Alcantara, ao gesto poderoso de João Caeta-no. Eram, porem, antes uns arremedos da tragedia clas-sica do que o verdadeiro drama romantico qual o conce-beram Schiller e Hugo. Trasladando para o nosso teatro, e poderiamos dizer para o teatro portuguez, o drama shakes-pereano, que é o mais remoto e illustre avoengo do roman-tismo, fazia-o Magalhães das descoradas versões com que Ducis amaneirou ao gosto francez o teatro de Shakespea-re. Mas *Antonio José* ou *O poeta e a Inquisição*, que pelo tema moderno, pelo espirito liberal e sobretudo pelo título é bem romantico, *Olgiato*, que o é de inspiração e expres-são, e o mesmo *Otelo*, deviam ficar na nossa literatura dramatica, se não no nosso teatro, como bons exemplares da nossa obra literaria nesse genero. O importante, porem, estava feito, um belo exemplo estava dado, uma fecunda iniciativa realizada, e não sem superioridade. Actores bra-sileiros ou abrasileirados, num teatro brasileiro, represen-tavam diante de uma platéa brasileira entusiasmada e co-movida, o autor brasileiro de uma peça cujo protagonista era tambem brasileiro e que explicita e implicitamente lhe falava do Brasil. Isto sucedia dezeseis anos após a Inde-

pendencia, quando ainda referviam e bulhavam na jovem alma nacional todos os entusiasmos desse grande momento politico e todas as alvoroçadas esperanças e generosas illusões por ele criadas. Nada mais era preciso para que na opinião do publico brasileiro, em quem era ainda então vivo o ardor civico, aquele teatro com os que nele officiavam como autores e actores, tomasse a feição de um templo onde se celebrava literariamente a patria nova.'

Martins Pena, como aliás todos os romanticos, aproveitou deste sentimento. A individualidade que certamente tinha, a sua originalidade nativa, em uma palavra a sua vocação, livraram-no, porem, de ceder ao duplo ascendente de Magalhães e de João Caetano, e fizeram dele o verdadeiro criador do nosso teatro. Mais porventura que a Magalhães, assegura-lhe este titulo a copia de peças que escreveu e fez representar, a popularidade da sua obra teatral, a sua maior divulgação, quer pela scena, quer pela imprensa, e, sobretudo, o seu muito mais acentuado character nacional. Por tudo isto a obra teatral de Martins Pena certamente influiu mais no advento do teatro nacional que a de Magalhães.

Luiz Carlos Martins Pena nasceu no Rio de Janeiro a 5 de novembro de 1815 e faleceu em Lisboa a 7 de dezembro de 1848. A sua instrução parece não ter tido metodo nem sequencia. Passou pela Aula de commercio então existente, e pela Academia de Belas Artes. Estudou linguas estrangeiras e completou consigo mesmo os seus estudos. Cultivou tambem a musica, que o ajudaria na composição dos *couplets* que lhe exornam as peças. Foi empregado publico em dous Ministerios e mais tarde adido à legação brasileira em Londres, onde esteve quasi um ano. Dando-se mal com o clima londrino, veio já bastante doente para Lisboa e aí faleceu apenas passado um mez. Seria, pois, mais culto e mais instruido pela frequentação de sociedades mais civilizadas que a da patria do que o deixam supor as suas comedias. Não se lhe vislumbra na obra

conhecida nada que revele algo de genio teatral inglez ou da literatura ingleza, nem de qualquer outra. A sua graça, pois a tem em quantidade, é já a resultante da fusão aqui da chalaça portugueza com a capadoçagem mestiça, a graçola brasileira, sem sombra da finura do espirito francez ou do humor britanico. Esta sua imunidade, como a já verificada ao prestigio de Magalhães e João Caetano, a despeito da predilecção publica pelo dramalhão e pela tragedia, está atestando a individualidade propria, a inspiração nativa, a originalidade de Martins Pena (1).

Estreando no teatro após o grande successo de Magalhães, servido por João Caetano, e os varios triunfos por este e seus companheiros alcançados com os drama-lhões romanticos, e sem lhe dar da voga deste teatro, antes seguindo o seu genio e vocação, como deve fazer todo o artista sincero, Martins Pena começa e prossegue com a comedia. Ingenuamente, desartificiosamente, com observação sem profundidade, mesmo banal mas exacta e sincera, traz para o teatro — pela primeira vez, note-se, porque o seu successo explica-o a só novidade do seu feito — a nossa vida popular e burgueza e quotidiana do tempo. Evidentemente não tem presunções nem propositos literarios como os teve Magalhães; apenas vê claro, observa com atenção e reproduz fielmente, com a naturalidade em que se revela o escritor de teatro. E Martins Pena não é senão isto, um escritor de teatro. Do autor dramatico possui, em grau de que se não antolha outro exemplo na nossa literatura, as qualidades essenciaes ao officio e ainda

(1) Os elementos biograficos desta noticia colhi-os na interessante memoria que sobre Martins Pena publicou na *Rev. do Instituto Historico* Luiz Francisco da Veiga (XL, 375). Como apesar do escrupulo de informação que parece ter tido o autor, a minha experiencia me fez desconfiado dos nossos biografos, que infalivelmente confundem biografia com panegirico, não lhe aceitei os informes se não «em termos».

certos dons, que as realçam: sabe imaginar ou arranjar uma peça, combinar as scenas, dispor os efeitos, travar o dialogo, e tem essa especie de observação facil, elementar, corriqueira e superficial, mas no caso preciosa, que é um dos talentos do genero. Não raro tem o traço psicologico do caricaturista, e o geito de apanhar o rasgo significativo de um tipo, de uma situação, de um vezo. Possui veia comica nativa, espontanea e ainda abundante, infelizmente, porem, (defeito desta mesma virtude) com facilidade de se desmandar na farça. Martins Pena e Manoel de Almeida, o singular e malgrado autor das *Memorias de um sargento de milicias*, são porventura os melhores, se não os unicos, exemplos de espontaneidade literaria que apresenta a literatura brasileira.

A maior parte das peças de Martins Pena são antes farças que comedias. Independentemente dessa denominação, que ele proprio lhes deu, a sua feição e estilo é de farça. Ele exagera o feitio comico das situações e personagens, acumula o burlesco sobre o ridiculo, manifestamente no intuito de melhor divertir, provocando-lhe o riso abundante e descomedido, o seu publico. É tradição que o conseguiu plenamente. Ainda hoje se representam as comedias de Pena com o mesmo sucesso de franca hilaridade que lhe fizeram nossos pais. A mais de meio seculo de distancia, lidas ou ouvidas, deixam-nos a impressão de representarem suficientemente no essencial e caracteristico o meio brasileiro que lhes serviu de modelo e tema. E só talvez delas, em todo o nosso teatro, se poderá dizer a mesma cousa.

Foi consideravel, sobretudo em relação ao tempo, a actividade literaria de Martins Pena, exercida de 1838 a 1847. Alem de um romance e folhetins teatraes, de que apenas temos noticia incerta, deixou vinte e tantas peças de teatro, das quais tres dramas. Dezenove pelo menos foram representadas e nove impressas, sendo algumas reimpressas, ainda em vida do autor ou posteriormente. Ultimamente foram reeditadas em um só

volume, infelizmente com bem pouco cuidado editorial (1).

O exemplo de Magalhães e Martins Pena frutificou. Dos românticos da primeira hora, os principais, Norberto, Teixeira e Souza, Porto Alegre, Gonçalves Dias, Macedo e até Varnhagen, com fortuna e sucesso diverso, em geral mediocre, escreveram também teatro. Alguns além de Macedo, conseguiram ver-se representados. Já fica dito da obra teatral de cada um deles, no que ela interessa á literatura. São, porém, muitos os autores de peças de teatro de todo o genero escritas ou representadas nessa fase da nossa literatura e na que imediatamente se lhe segue. Deses apenas um ou outro nome não está de todo esquecido. Tais são os de Carlos Cordeiro, Castro Lopes, Luiz Burgain, Pinheiro Guimarães, Agrario de Menezes, Quintino Bocaiuva, cujo teatro é de 1850 a 1870. Estes mesmos são apenas uma recordação cada dia mais apagada, pois não concorre para avival-a a sua obra dramática que não mais se representa e ninguem lê.

Nesse momento, que corresponde á segunda fase do romantismo, as duas principais figuras do nosso teatro foram José de Alencar e Macedo, já atraz como tais estudados. São dous talentos diversos, dous engenhos quasi opostos. Ha mais arte, mais gravidade, maior sentimento e respeito da literatura no primeiro que no segundo. Mas também menos espontaneidade, menos naturalidade, menor *vis comica* e somenos dons de autor de teatro. Macedo é o legitimo continuador de Martins Pena, com melhorias de composição e mais largo engenho dramático. É, sobretudo, principalmente comparado com Alencar, um autor burguez e para a burguezia, se é licito o uso de tais expres-

(1) *Teatro brasileiro Martins Pena (Comedias)*, com um estudo critico sobre o teatro no Rio de Janeiro e sobre o autor, por Melo Morais Filho e Silvio Romero, Rio de Janeiro, H. Carnier, s. d. (1898), LXI, 286 pag.

sões aqui. Na representação da vida burgueza, ou antes da vida mediocre brasileira, nos deixou Macedo no seu teatro, como no seu romance, de parte os seus nunca emendados defeitos de linguagem e estilo, exemplares estimaveis. Geralmente tem as suas peças boas qualidades teatrais, e ha actos seus, como o primeiro de *Luxo e vaidade*, excellentes. *A torre em concurso*, que criou o tipo popular do capitão Tiberio, embora descambe na farça, tem todo o sabor de uma critica hilariante feita ás nossas brigas politicas, das quais é optimo retrato. Nesta, como na maioria de suas peças, mórmente nas estremes de presunções literarias e portanto mais espontaneas e naturais, enredo, tipos, situações, expressão, é tudo muito nosso. Quaisquer que sejam as deficiencias e defeitos do teatro de Macedo, a vida brasileira ou mais propriamente a vida carioca do seu tempo, acha-se nele, como aliás no seu romance, sinceramente representada.

Alencar, natureza literariamente mais fina que Macedo, ao envés deste leva para a literatura vistas de artista e de pensador, aponta mais alto. O seu teatro não quer ser, como o de Pena ou o de Macedo, a simples representação elementar da vida nacional. Representando-a como melhor lhe permite o seu congenito idealismo, pretende tambem educar. Para Alencar, o teatro, segundo o conceito no seu tempo incontestado, é uma escola. Cabe-lhe a honra de haver trazido para a scena brasileira o que depois se chamou o teatro de idéas. *Mãe* (1860), drama cheio de defeitos, mas não sem intensidade e por partes belo, é uma das primeiras manifestações literarias do sentimento nacional contra a escravidão. *O credito* (1858) trouxe para o nosso teatro a questão do dinheiro, que com Dumas Filho, começara a ser um dos temas do teatro francez. Tambem as questões sociais e morais contemporaneas acham eco ou encontram cabida no teatro de Alencar. No mais agudo da questão religiosa aqui (1875), ele fez representar o *Jesuita*, malograda concepção de um tipo que o teatro não comportava tal qual ele o concebeu, ao contrario não só do

que parece ser a verdade, mas, o que é o importante, do conceito vulgar do jesuita. E é a inferioridade do teatro que ele não comporta o que abertamente contraria esses preconceitos.

Alencar, que tinha muito menos graça e veia comica que Pena e Macedo, escreveu tambem puras comedias de costumes, e uma delas ao menos ficou na nossa literatura teatral como a expressão arguta e espirituosa de um grave mal da nossa sociedade, não de todo acabado com a extinção da escravidão: a influencia nefasta do muleque, da «cria da casa», famulo da nossa intimidade, intrometido na nossa vida, e que, graças á nossa proverbial bonacheirice ou desleixo e aos nossos costumes extremamente igualitarios, toma nela uma situação desmoralizadora do decôro domestico. É o *Demonio Familiar*, replica indigena do criado ou lacaio da antiga comedia italiana, franceza e ainda portugueza, mas na de Alencar, criação original, filha sómente da sua observação, da qual, porem, nem ele nem os seus emulos não souberam tirar todo o proveito que porventura ela comportava.

O periodo da maior actividade de Alencar e Macedo, como escritores dramaticos, vai de meados do decenio de 50 aos fins do de 70. É esse tambem o de mais vida do nosso teatro, quer como espectáculo, quer como literatura dramatica. Com estes dous escritores concorreram, alem de alguns dos já citados (Quintino Bocaiuva, Agrario de Menezes, Pinheiro Guimarães e outros somenos) Augusto de Castro, Aquiles Varejão, França Junior, que sem notavel merito literario, tiveram entretanto relativo e não de todo imerecido sucesso no palco.

Agrario de Menezes, bafano (1834-1863), goza de uma reputação exagerada que a leitura da sua obra absolutamente não justifica. O seu *Calabar*, tão gabado quão pouco conhecido, como aqui muito frequentemente sucede, não lhe abona nem a imaginação criadora, nem o estro poetico. Como escritores de teatro, mais valor tem Pinheiro Guimarães e França Junior. Aquele como dramaturgo, que

principalmente foi, tem os mesmos defeitos de Macedo e Alencar, com menos espontaneidade que o primeiro e peor estilo que o segundo. França Junior, com muito da veia comica popular de Martins Pena, a mesma obseřvação superficial dos tipos e ridiculos sociais, a mesma graça um pouco vulgar, no apresentá-los, carece da ingenuidade que realça o engenho de Pena. No teatro de França Junior sente-se o trato com o teatro comico francez. Em todo caso, é com Martins Pena e Macedo um dos nossos autores dramaticos ainda por ventura representaveis.

No assinalado periodo não só muitos dos nossos literatos escreveram para o teatro e acharam quem lhes representasse as peças, mas quem os fosse ouvir, o que nunca mais aconteceu. A nossa bibliografia teatral de então é a mais copiosa de toda a nossa literatura e para ela não concorreu sómente o Rio de Janeiro, mas outras capitais brasileiras, como Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Baía, S. Paulo, Porto Alegre. Havia pelo teatro vernaculo, brasileiro ou portuguez, ou estrangeiro nacionalizado por traduções aqui feitas (e numerosas foram então as traduções do francez), interesse e curiosidade que depois desapareceram de todo com a concorrência do teatro estrangeiro, trazido por companhias adventicias. O espectáculo bem mais divertido e interessante por elas apresentado foi um tremendo confronto para o nosso teatro, que tambem não tinha mais para amparal-o aquele antigo ingenuo sentimento nativista, que tanto aproveitara aos iniciadores do nosso teatro e da nossa literatura em geral. Ao contrario com o desenvolvimento das nossas comunicações com a Europa pela mais frequente e mais rapida navegação a vapor, começara a prevalecer na nossa «sociedade» o gosto do exotico. Antes floresceram varias empresas teatrais que ofereciam aos autores oportunidades de se fazerem representar e até lhes desafiavam o engenho. Nas principais capitais do paiz, companhias locais ou adventicias era certo darem em estações adequadas espectaculos com peças nacionais, portuguezas ou traduzidas. Dos actores que as

compunham escaparam alguns nomes, famosos no seu tempo, e que ainda vivem na tradição. Além dos da primeira hora do nosso teatro e seus fundadores, João Caetano, Florindo, Estela Sezefreda, Costa, citam-se mais os de Joaquim Augusto, Furtado Coelho, Germano, Amoedo, Vicente de Oliveira, Eugenia Camara, Ismenia dos Santos, Manoela Lucy, Xisto Baía, Corrêa Vasques e outros.

Produto do romantismo, o teatro brasileiro finou-se com ele. Parece-me verdade que não deixou de si nenhum documento equivalente aos que nos legou o romantismo no romance ou na poesia. A literatura dramática brasileira nada conta, ao meu ver, que valha o *Guarani* ou a *Iracema*, a *Moreninha* ou as *Memórias de um sargento de milícias*, a *Inocencia* ou *Braz Cubas*, os *Cantos* de Gonçalves Dias ou os poemas da segunda geração romântica.

O modernismo, última fase da nossa evolução literária, nenhum documento notável deixou de si no nosso teatro ou na nossa literatura dramática. O seu advento coincidiu com a inteira decadência de ambos pelos motivos apontados. O naturalismo, a feição do modernismo que poderia ter influido nesse gênero de literatura, também não produziu nada de distinto nela. Com excelentes intenções e incontestável engenho para o teatro, Artur Azevedo (1856-1908) não conseguiu senão tornar mais patente o esgotamento do nosso, pela desconexão entre a sua boa vontade e a sua prática de autor dramático. Vencidos pelas condições em que o encontraram, e que não tiveram energia suficiente para contrastar, Artur Azevedo e os moços seus contemporâneos e companheiros no empenho de o reformarem (Valentim Magalhães, Urbano Duarte, Moreira Sampaio, Figueiredo Coimbra, Orlando Teixeira e outros) sem maior dificuldade trocaram as suas boas intenções de fazer literatura dramática (e alguns seriam capazes de fazê-la) pela resolução de fabricar com ingredientes próprios ou alheios, o teatro que achava freguezes: revistas de ano, *arreglos*, adaptações, paródias ou também traduções de peças estrangeiras. Intervindo o amor do ganho, a que os

românticos tinham românticamente ficado de todo estranhos, baixou o nosso teatro em proporções nunca vistas, e, por uma ironia das coisas, justamente no momento em que Artur Azevedo e os seus citados companheiros lhe prégavam a regeneração nos jornaes onde escreviam. Uma ou outra peça de valor literario ou teatral que estes autores fizeram não bastou para levantal-o. O publico se desinteressava, e continua a desinteressar-se, pelo que se chama teatro nacional. E como só acudisse áquele teatro de fanfaria, de *arreglos*, revistas de ano e parodias, esses escritores pouco escrupulosos tiveram de servir esse publico consoante o seu grosseiro paladar.

Apesar da sua grande inferioridade relativamente á ficção novelística e á poesia, o nosso teatro e literatura dramatica tem feições que não devem ser desconhecidas e desatendidas da critica. Durante a epoca romântica, foi intencional e manifestamente nacionalista, e o foi ingenua e naturalmente, de assuntos, temas, figuras e, o que mais é, de sentimento. Ainda imediatamente depois inspirou-o o mesmo sentimento. Assim, as principais questões que agitaram o espirito publico pelo fim do romantismo e logo depois a guerra do Paraguai, a questão religiosa, a da escravidão, repercutiram no nosso teatro, quer da capital, quer das provincias. Não são poucas as peças, comedias e dramas, a que estas questões forneceram temas ou deram motivo. Com todos os seus defeitos, apresenta o teatro brasileiro de 1850-1880, certos caracteres ou simples sinais que lhe são proprios, e até lhe dão tal qual originalidade, tirada da sua mesma imperfeição. Canhestros embora, e por via de regra imitadores do teatro francez, os seus autores não são sempre copistas servis, e sobrelevam o seu arremedo com um intimo sentimento do meio, que ainda não tinha sido de todo amesquinhado ou estraviado pelo estrangeirismo logo depois triunfante. Na comedia, em que se mostravam mais capazes, talvez porque em Martins Pena se lhe deparou modelo apropriado, ha em geral boa observação, representação exacta e dialogação conforme ás situações,

personagens e factos. Por via de regra tudo isto falta ao drama brasileiro, que ofende sempre o nosso sentimento da verosimilhança, á qual mais do que nunca somos hoje sensíveis, e nos deixa infalivelmente uma impressão de artificialidade. Seja defeito da mesma sociedade dramatizada, seja falha do engenho dos nossos escritores de teatro, é facto que nenhum nos deu já uma cabal impressão artística da nossa vida ou representação dela que não venha eivada de mal disfarçados exotismos de inspiração, de sentimento e de estilo. Demasiados modismos estrangeiros de costumes, de actos, de gestos e de linguagem a desfiguram como definição que presumem ser dessa vida e lhe viciam a expressão literaria. A nossa sociedade, quer a que se tem por superior, quer a média, não tem senão uma sociabilidade ainda incoerente e canhestra, de relações e interdependencias rudimentares e limitadas. Poucos e apagados são por ora os conflitos de interesses e paixões que servem de tema ao drama moderno. Carece tambem ainda de estilo proprio nas maneiras e na linguagem. Tendo perdido no arremedo contrafeito do estrangeiro, isto é do francez, o seu character particular, que os românticos puderam representar no seu teatro comico, não adquiriu ainda feições peculiares que lhe facultem a expressão teatral. Quanto á literaria, esta é no nosso teatro, e foi sempre, ainda mais defeituosa e insufficiente do que no nosso romance.

† Com crassa ignorancia ou estolido menosprezo da nossa historia literaria, estão agora mesmo tentando criar um «teatro nacional» *ab ovo*, como se nada houvesse feito antes. As amostras até agora apresentadas desta tentativa não autorizam ainda, acho eu, alguma esperança no seu bom successo.

CAPITULO XVIII

Publicistas, Oradores, Criticos

Segundo temos verificado, no periodo colonial compunha-se sobretudo a nossa literatura de poesia, lirica ou epica, com alguma rara e insignificante amostra da dramatica, e mais de cronicas, noticias e informes do paiz, historia, obras de edificação e moral religiosa e sermões. Com o Romantismo, com que lhe iniciamos o periodo nacional, apareceram outros e mais variados generos literarios, a filosofia, a critica e a historia literaria, o teatro, a oratoria politica e parlamentar, a ficção em prosa e as vernaculamente chamadas questões publicas, ou publicistica, segundo o barbarismo em voga.

Esta como aquelas duas variedades novas de oratoria, não podiam aliás existir se não num regimen de livre opinião e publicação de pensamento que só com a Independencia tivemos. O estabelecimento da imprensa consequente ao da séde da monarchia portugueza aqui, em 1808, sobre haver servido para estimular o sentimento nacional excitado por essa mudança politica, veio favorecer o advento de novas expressões da nossa actividade mental, naturalmente influida por esse mesmo alvoroço. Não foram poucas, embora sejam na maioria somenos, as publicações de assuntos economicos, politicos e sociais feitas pela Imprensa Régia, depois Imprensa Nacional, desde o ano da sua fundação até o da Independencia, já originaes, já traduções.

O movimento politico que antecedeu e seguiu a Inde-

pendencia suscitou vocações de estudo e discussão das questões publicas de immediato interesse do paiz. Aparece então o mais celebre dos nossos publicistas, o criador dos estudos economicos e sociologicos no Brasil, José da Silva Lisboa, visconde de Cairú, de quem já dissemos. Veem logo depois ou simultaneamente com ele, os jornalistas cujos nomes acaso impertinentes na historia da nossa literatura, qual a concebemos, pertencem á da nossa formação politica, e tão notaveis se tornaram que ainda hoje, não obstante nunca mais lidos, nos são familiares: Hipolito da Costa (tinha o comprido nome de Hipolito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça), o fundador e redactor do *Correio Brasiliense* (1808-1822); Januario da Cunha Barbosa, então muito apreciado orador sagrado e poeta, e Joaquim Gonçalves Ledo, redactores do *Reverbero Constitucional Fluminense* (1821-1822); José Bonifacio, o padrinho e o mais eminente estadista da Independencia, com o seu *Tamoio* (1823), e por fim, já ao cabo do periodo, Evaristo Ferreira da Veiga, da *Aurora Fluminense* (1828-1835), jornal grandemente influente no seu tempo, sem falar dos escritores ou simples folicularios dos numerosos e efemerros jornais dessa epoca agitada. Já vimos que uma revista de exiguo formato, mas de nome expressivo e de intenção claramente nacionalista, o *Patriota* (1813-1814), fundada e dirigida pelo prestante poligrafo Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, actuou utilmente na literatura immediatamente anterior ao romantismo, agrupando como seus colaboradores os homens de melhores letras do tempo.

Abundaram no momento da fundação do Imperio os jornais e panfletos politicos ou simplesmente facciosos que mais que idéas representavam as paixões de momento e lhes traziam no estilo os ardores e violencias. A literatura, porem, não recolheu nenhum deles. Ainda os que com esses, ou posteriormente com a *Aurora*, mais doutrinaes e mais bem escritos, se tornaram relevantes pela acção que acaso tiveram, ou sómente pela impressão que porventura fizeram, redigidos alguns por individuos consideraveis, esses

mesmos carecem de virtudes literarias que os façam viver senão como documentos para a nossa historia politica ou testemunhos do nosso pensamento politico contemporaneo. Entre tais opusculos e panfletos, citam-se como mais notaveis, isto é, como tendo tido mais repercussão no seu tempo, *Carta aos eleitores*, de Bernardo de Vasconcelos (1828); *Facção aulica*, por Firmino Rodrigues Silva (1847); *Libelo do povo*, por Timandro (Sales Torres Homem, 1849); *Acção, Reacção, Transacção*, de Justiniano Rosa da Rocha (1855); *Conferencia dos Divinos*, por Antonio Ferreira Viana (1867); e, mais notavelmente, as *Cartas de Erasmo*, de José de Alencar (1865-66), ás quais o grande nome literario do autor emprestou merecimento que talvez não tivessem.

Contemporaneos destes, de uma actividade literaria dispersiva e passada quasi toda na provincia, a de Pernambuco, donde ambos eram, foram dous escritores cujos nomes tiveram certa popularidade, não de todo extinta, Miguel do Sacramento Lopes Gama (1791-1852) e José Ignacio de Abreu Lima (1796-1869). O primeiro, alem de numerosas traduções do francez e do italiano, de obras de filosofia, religião, economia politica, educação, nenhuma importante, deixou poemas heroi-comicos e satiricos, e prosas tambem satiricas, mas é sobretudo conhecido pelo seu jornal da mesma natureza *O Carapuceiro* (Pernambuco, 1832-1847). Foi autor didactico e um dos escritores mais correctos do seu tempo. Abreu Lima deixou na sua terra natal, e ainda no Brasil illustrado, o renome de um poligrafo notavel. Escreveu com efeito compendios de historia do Brasil, polemica literaria e religiosa, o primeiro livro sobre socialismo aqui publicado (*O Socialismo*, Recife, 1855, 352 pags.), obras de direito ou sobre questões publicas, estudos diplomaticos e medicos, etc., tudo com certo vigor de estilo, mas com graves falhas sob o aspecto da linguagem.

Quando o Imperio sai victorioso das dificuldades dos seus primeiros vinte e cinco anos, e o Romantismo triun-

fara inteiramente com esta literatura quasi sómente politica, entram a aparecer escritos de outro e mais alto interesse e valor sobre questões publicas, problemas de administração e economia nacional. Versaram-nos principalmente jornalistas muito apreciados no seu tempo e cujos nomes chegaram até nós ainda celebrados, como Justiniano da Rocha, Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva (que fez também literatura escrevendo teatro e critica e dirigindo revistas e empresas editoriais), Ferreira Viana, Torres Homem, José Maria do Amaral (tambem bom poeta), José de Alencar, Octaviano de Almeida Rosa, Silva Paranhos. Alguns destes e outros cujos nomes se lhes poderia razoavelmente juntar, se haviam ensaiado como publicistas nas suas provincias, onde também floresceu esta literatura politica. Como dentre essas é o Maranhão aquela cujo concurso foi mais consideravel e precioso para o nosso movimento literario do Romantismo, foi também essa provincia que principalmente contribuiu com alguns nomes, dos quais o maior é o de João Lisboa, para aumentar a lista dos publicistas brasileiros dessa epoca. Em todo o paiz, porem, nomeadamente em Pernambuco, Bafa, S. Paulo e Minas, foi então notavel a obra da imprensa jornalística, que produziu alguns escritores de merito, cujos nomes, apesar da forçosa caduquez da sua literatura, não estão ainda de todo esquecidos.

O publicista de livros de maior capacidade e de obra mais consideravel desde o romantismo ao modernismo foi, alem de João Lisboa, cujo *Jornal de Timon* literariamente o sobreleva a todos, Tavares Bastos (Aureliano Candido, 1839-1885). Consta a sua obra de *Cartas do solitario*, estudo sobre varias questões publicas, (1863), *O Vale do Amazonas*, estudos de economia politica, social e estatística (1866), *A Provincia* (1870), estudo da mesma natureza sobre a descentralização politica da nação, e mais meia duzia de obras menores. Distingue-as a todas a quasi novidade de tais estudos aqui, onde apenas se depararia algum feito com a mesma objectividade, a mesma sincera e des-

interessada applicação, a mesma seriedade de intuitos e de pensamento, estreme de paixões partidarias ou tendencia egoisticas. Se Tavares Bastos se não distingue por notaveis qualidades de escritor, o seu estimulo é todavia facil e corrente, e a sinceridade dos seus estimulos e a sua intima convicção lhe dão não raro vigor e brilho. Mais do que um simples penteador de frases, foi um disseminador de idéas, que germinaram e que af estão em parte realizadas. Foi em suma um precursor, de facto mais eficaz do que muitos cujos nomes andam injustamente mais celebrados que o seu.

Mas obras como as suas, quando porventura não as salvam qualidades excepcionais de pensamento e expressão, perdem, com a oportunidade que as motivou, o melhor do seu interesse. Se a historia literaria pode lembral-os como um documento a mais da actividade mental de uma epoca, que ajuda a lhe completar a feição e relevar a importancia, a literatura — á qual não se incorpora de facto se não o que por virtudes de ideação e de forma tem um interesse permanente — as deixa de lado.

Quando Tavares Bastos publicava o seu ultimo livro, em 1870, iniciava-se já o movimento geral que ia modificar a mente brasileira e as suas manifestações escritas, e simultaneamente a feição politica da nação. Dele era parte importante a questão que aqui se chamou do elemento servil e que no seu mais saliente aspecto, a emancipação dos escravos, tanto interessou e tão intensamente alvoroçou o paiz. Dela ha impressões notaveis, e até fortes, na literatura nacional, no romance, no teatro, na poesia, na oratoria e nos estudos economicos e sociais. Um poeta que acaso poderia vir a ser grande, Castro Alves, celebrou-se então como «cantor dos *Escravos*», titulo do poema em que lhes idealizava a miseria da condição e os sofrimentos. A publicistica com este objecto foi abundante, e nela a declamação, a retorica, a oratoria presumidamente eloquente porque retumbante e ruidosa, deram-se largas. Alem de livros como os de Perdigão Malheiros, *A escravidão no Brasil*,

ensaio historico, juridico, social (Rio de Janeiro, 1866-67), aliás de distinto merecimento, e que antecedeu e preparou a fase decisiva do movimento abolicionista, destacam-se outros de propaganda directa como os de Joaquim Nabuco, e os que a procuravam servir servindo á causa do desenvolvimento economico do paiz, mediante outros factores e processos que não o escravo e a escravidão, pelos seus autores condenados e combatidos. São exemplo dessa literatura subsidiaria da propaganda abolicionista *Trabalhadores asiaticos*, de Salvador de Mendonça, e *Garantia de juro e Agricultura Nacional*, de André Rebouças. É, porém, o *Abolicionismo*, de Joaquim Nabuco (1833), a melhor manifestação literaria do genero e momento.

Tambem a questão religiosa, como aqui impropriamente se chamou ao conflito de dous bispos com o governo imperial por motivo de interdição por aqueles, sem beneplacito deste, de irmandades religiosas, deu lugar ao aparecimento de livros e folhetos discutindo a questão. É ao cabo somenos o valor doutrinal e literario dessa literatura. O merito principal da discussão acesamente travada entre regalistas defensores do poder temporal, ultramontanos propugnadores do pleno direito da igreja e livre pensadores hostis a ambos, foi ter despertado aqui o eco de controversias historico-politico-religiosas travadas na Europa e atingindo á mesma religião official, desde então mais desenganadamente posta em debate publico, não só no seu privilegio, mas na sua essencia. Como principais documentos da contenda ficaram: *A Igreja e o Estado* e varios opusculos com o mesmo motivo por Ganganeli (Joaquim Saldanha Marinho, 1873-1876), *Direito contra o Direito*, pelo bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa (1874), *A Igreja no Estado*, por Tito Franco de Almeida (1874), *Missão especial a Roma em 1873* (1881) e o *Bispo do Pará ou a missão a Roma* (1887), pelo Barão de Penedo (Francisco Ignacio de Carvalho Moreira), e a longa, exaustiva e sabia *Introdução* posta pelo sr. Rui Barbosa á sua tradução do famoso panfleto de Janus (o conego suiso-alemão

Doellinger), *O Papa e o Concilio* (1877). Tambem o interesse e sabor destes e de muitos outros escritos do mesmo motivo e occasião, dos quais apenas poucos terão algum merito intrinseco, desapareceu com as circunstancias que os produziram.

Cabe aqui a interessantissima figura de Joaquim Nabuco. Historiador, critico, sociologo, economista, orador parlamentar ou tribuno popular e moralista, em tudo foi essencialmente um publicista, se por publicista podemos tambem entender o escritor que escreve por amor e interesse da causa publica e cuja intima inspiração é politica. Temperamento de raiz politico, espirito curioso e interessado pela causa publica e nimiamente sensivel aos seus movimentos e manifestações, incapaz de satisfazer-se de temas puramente literarios, Joaquim Nabuco, na maioria e no melhor do que escreveu, é um escritor politico no mais alto significado da expressão. Nele, porem, exemplo talvez unico entre os nossos publicistas, o talento literario realçou de tal maneira a feição politica, que era a principal do seu espirito, que fel-o um verdadeiro, um grande escritor. Constituia-lhe o talento literario, alem da imaginação, que é uma das suas faculdades dominantes, grande riqueza de ideação, aumentada da facilidade de apropriar idéas alheias e afeiçoal-as consoante o seu proprio espirito. Tinha mais peregrina distinção de pensamento e notavel capacidade de idéas gerais. E os seus dons naturais de expressão graciosa e elegante, eloquente e comovida, eram tais que não alcançaram mingual-as as suas insuficiencias na lingua. Se não é, como Macedo, Alencar ou Machado de Assis, um literato, esses dons e mais as suas faculdades esteticas, o seu fino sentimento artistico, fizeram dele um dos mais completos e insignes homens de letras que temos tido.

Ao contrario da maxima parte dos escritores brasileiros, que quasi todos tiveram origens mediocres senão infimas, Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo procedia de estirpe fidalga, da antiga nobreza territorial de Pernambuco, e era de uma familia senatorial. Seu avô e seu pai foram

senadores do Imperio e ocuparam nele altas situações de administração publica. Nasceu na capital daquela provincia em 19 de agosto de 1849. Na respectiva faculdade formou-se em direito. Diplomata no principio da sua vida publica, como tal acabou embaixador em Washington, em 17 de janeiro de 1910. Entrementes foi jornalista, parlamentar, propagandista da abolição da escravidão, escreveu versos e ensaios, fez critica e conferencias literarias e politicas, publicou folhetos e livros, propugnou a confederação das provincias sob o Imperio. Caído este, Joaquim Nabuco fez-se por alguns anos o seu mais caloroso e brilhante paladino. A sua viva imaginação, a sua activa intelligencia, o seu profundo gosto de acção publica e de notoriedade não lhe consentiam, ainda mau grado seu, deixar sem emprego um talento em toda a sua força e um espirito pouco feito para a abstenção, o isolamento ou a intransigencia teimosa. Arrastado por estas forças, «procurou reconciliar-se com os nobres destinos da nossa patria e, religiosamente, segundo a sua bela imagem, envolveu a sua fé monarchica na mortalha de purpura em que dormem as grandes dinastias fundadoras».

Apenas a trama do espirito de Nabuco seria brasileira, pelas heranças de raça onde haveria acaso uma gota de sangue indigena, pela acção do meio rustico onde lhe passou a primeira infancia recontada por ele numa pagina imortal (1), pela influencia do ambiente em que se criou e fez homem, pelas suas afinidades de orgulho de estirpe com a gente consular de que procedia. Mas o lavor e recamo posto nessa delgada trama nacional era todo estrangeiro, metade francez, metade inglez, e pontos escassos mais firmes da cultura greco-romana. De formação, de indole, de sociabilidade, mais um europeu que um brasileiro. Nem era isso privilegio seu. Crescido numero dos nossos intellectuais o compartilham com ele. Ele, porem, o foi mais

(1) Veja «Massangana» em *Minha formação*.

e mais distintamente que todos. A sua vida literaria começou (exceptuadas as produções menores da adolescencia) por um livro de versos em francez e acabou por um livro de pensamentos tambem nessa lingua, que porventura escrevia tão bem quanto a propria. Nela ainda escreveu *Le droit au meurtre*, carta a Ernesto Renan sobre o *L'Homme Femme*, de Dumas Filho, e um drama em verso *L'Option*, postumamente publicado.

Da literatura da sua lingua, a figura que melhor conheceu, quem sabe senão a unica que conheceu, e amou foi Camões. Consagrou-lhe um livro, o primeiro que publicou em portuguez, *Camões e os Lusíadas* (Rio, 1872, in-8.º, 294 pags.), e para o cabo da sua vida, já embaixador nos Estados-Unidos, tres conferencias em universidades americanas (1). Nesse livro, do qual ultimamente desdenhava, havia, com a marca indelevel de quem o escreveu, vistas certas e originais da nossa literatura. Era, mesmo para o tempo, falha a sua erudição camoniana, e sua critica, e ele proprio o reconhece, demasiado objectiva e ainda muito escolastica. Atenuavam-lhe os defeitos essenciais, o belo dizer e os rasgos de talento que foram sempre, em todos os assuntos, apanagio seu.

Antes que o tomasse quasi exclusivamente a politica, fez conferencias, folhetins e artigos literarios ou artisticos, discursos academicos, jornalismo politico. Quando, por volta de 1880, começou a maior campanha contra a escravidão, de que todos os brasileiros, pode dizer-se, se sentiam envergonhados, Nabuco entrou nela com todo o ardor de um coração desejoso de servir uma nobre causa e ansioso da gloria que daí lhe resultaria. Entre os nossos abolicionistas da vanguarda foi ele talvez o mais intelectual. Exteriorizou-se numa acção publica a que o seu engenho literario, os seus dotes de orador, o brilho da sua persona-

(1) V. Joaquim Nabuco, *Discursos e conferencias nos Estados-Unidos*, trad. de Artur Bolmicar, Rio de Janeiro, Benjamim Aquila.

lidade e até a beleza do seu fisico e a elegancia do seu porte e maneiras emprestaram lustre singular. Alem de discursos, conferencias, artigos de jornais, escreveu o livro *O Abolicionismo*, acaso o mais excelente produto, sob o aspecto literario, desse movimento. Não era, como a maioria daqueles a que o assunto deu ensejo, obra de retorica propagandista, declamatoria ou altieloquente, senão livro de raciocinio e argumentação, em suma uma obra de pensador e escritor.

O melhor, porem, da sua obra literaria, a que lhe assegura um eminente posto nas nossas letras, a faz nos quinze ultimos anos, entre os 46 e os 61, de sua vida. São desse periodo os seus livros *Balmaceda e a guerra civil do Chile* (1895), *A intervenção estrangeira durante a recolta* (1896) e, a maior e mais importante de todas, *Um estadista do Imperio, J. F. Nabuco de Araujo, sua vida e opiniões; sua epoca* (1898), em que, com a vida de seu pai, politico e jurisconsulto eminente, historia uma fase importante do segundo imperio.

Embora inspirados todos de espirito politico, mas do seu espirito politico, muito diferente pela elevação e pela cultura do que costuma ser aqui esse espirito, esses livros são eminentemente obra de escritor distintissimo, e encerram algumas das mais belas paginas da prosa brasileira. Por este aspecto valem como argumento contra o preconceito do casticismo, provando que um autor brasileiro de real talento literario, isto é, com as qualidades essenciais de pensamento, imaginação e expressão, pode, a despeito do portuguez estreme, ser em todo o vigor da expressão um grande escritor. Tal o foi sem duvida Joaquim Nabuco. Tal fôra tambem, embora com menor vigor e elegancia, José de Alencar. Estes exemplos, porem, são muito poucos, e de forma alguma autorizam, maxime a quem não tenha as qualidades destes dous excepcionais escritores, o descuido da lingua.

Outro publicista de talento, muito espirito, boa linguagem e estilo elegante, ensaista fecundo e original, polemista

vigoroso e agudo, um verdadeiro escritor em suma pelas peregrinas qualidades da sua ideação e expressão, é Eduardo Prado. Chamava-se com todo o seu nome Eduardo Paulo da Silva Prado. Nasceu na capital de S. Paulo de uma velha, importante e opulenta família, ali vinculada, em 27 de fevereiro de 1868, e na mesma cidade formou-se em direito e veio a falecer em 30 de agosto de 1903.

A sua obra é copiosa e foi toda feita em jornais e revistas, um pouco ao acaso das circunstancias e ocasiões. Hoje acha-se toda reunida em nove volumes e compõe-se de artigos literarios, viagens, ensaios, discursos, critica literaria, social ou politica, polemica, etc. Na literatura brasileira, Eduardo Prado tem duas singularidades: ser um dos poucos senão o unico homem rico e certamente o de mais valor que aqui se deu, sequer como diletante, ás letras, e ser talvez em a nossa literatura o unico escritor reaccionario. Refiro-me a escritor e não a politicos que ocasionalmente tenham escrito, nem a jornalistas, cuja obra efemera não considero aqui. Joaquim Nabuco, comquanto catolico praticante e monarquista convicto, não pode ser tido por um reaccionario, porque achou geito de conciliar com o seu catolicismo, porventura mais de imaginação que de sentimento, o seu profundo liberalismo, e foi sempre, comquanto aristocrata de raça e temperamento, irredutivelmente um liberal, um democrata em politica. Eduardo Prado, que em tudo, em costumes, em opiniões e gostos, parece ter sido um diletante, um espirito cosmopolita, pode ser que fosse tambem em crença religiosa e politica. A sua curiosidade intelectual, o seu gosto do novo e do exotico, diga-se, a dose de *snobismo* que havia nele, e certo senso de elegancia e mundanismo hostile á nossa baixa democracia, e mais a sua frequentação de meios monarchicos e reaccionarios de Paris, explicam talvez o seu reaccionarismo catolico e monarchico, em opposição com a sua natural independencia mental e irreverencia espiritual. É o nosso mais acabado tipo de diletante intelectual, do amator das coisas de espirito. E amator e diletante o foi em tudo, com bom hu-

mor, muito espirito e inconsequentemente. Com pontos de contacto com Nabuco, não tem o seu talento, e menos a sua seriedade espiritual. O brilho mundano da sua existencia de moço rico e prodigo, as suas longas viagens, a sua existencia europeia, o seu intimo commercio com homens de letras europeus, deram-lhe um prestigio que a sua só obra literaria, aliás documento de talento literario pouco vulgar, acaso não lhe teria só por si dado. Aumentou-lh'o a perseguição tolamente feita pelo Governo Provisorio da Republica ao seu brilhante panfleto *A ditadura militar no Brasil* e a atitude por ele tomada em face não só da Republica, mas do geral sentimento liberal do paiz.

Como escritor, Eduardo Prado foi, em suma, um jornalista, porem com mais talento, mais espirito, mais cultura e mais experiencia do mundo que o comum deles. Da causa publica teve menos o interesse que a curiosidade do seu elemento dramatico. A politica foi-lhe apenas um tema literario, que tratou com a desenvoltura de um espirito no fundo sceptico e paradoxal.

A publicistica, no seu mais exacto sentido de literatura das questões publicas, nunca de facto se incorporou aqui á literatura propriamente dita ou a enriqueceu com exemplares de maior valor que o ocasional e de emoção menos efemera que a do momento. Salvo em um ou outro jornalista de mais vigoroso pensamento e de mais perfeita expressão, como Justiniano da Rocha, Octaviano Rosa, Quintino Bocaiuva e os já atraz citados Tito Franco de Almeida, Saldanha Marinho, Ferreira Viana, José de Alencar e outros, e mais perto de nós Salvador de Mendonça, Ferreira de Araujo, Ferreira de Menezes, Leão Veloso, Rodolfo Dantas, Belarmino Barreto, José do Patrocinio, cujos nomes, acaso por outros motivos que os puramente literarios, sobrevivem, careceu sempre a nossa publicistica de qualidades com que se pudesse legitimamente incorporar na nossa literatura e viver nela por obras sempre estimaveis. Joaquim Nabuco e Eduardo Prado apenas são publicistas por parte de sua obra e pela intenção politica de quasi toda ela.

Mais ainda do que a publicistica, a oratoria politica, não podia existir antes de um regimen de livre discussão, qual o aqui inaugurado com a Independenciá. Os sucessos que immediatamente a precederem, bem como os que se lhe seguiram, deram justamente logar ao aparecimento de sociedades e clubs patrioticos, juntas de governo e assembleas politicas por amor dela convocadas, donde resultou essa especie de eloquencia num paiz que até então outra não conhecera que a sagrada ou, em importancia e escala muito menor, a academica.

A primeira teria aliás nesta fase da nossa historia um brilho que ainda se não apagou de todo da tradição. Foram seus mais eminentes cultores e deixaram alguns documentos que até certo ponto lhe justificam a fama contemporanea, Souza Caldas, o vigoroso poeta lirico, do qual aliás como prègador apenas resta a memoria do apreço em que o tiveram os seus ouvintes; Fr. Francisco de S. Carlos, o secundario poeta da *Assunção da Virgem*; Fr. Francisco de Sampaio e o conego Januario Barbosa, ambos jornalistas e agitadores politicos, e o ultimo mediocre poeta e estimavel literato, e, finalmente, o maior de todos, Monte Alverne.

Este com S. Carlos e Sampaio formaram um trio de oradores sacros que no seu tempo, em que ainda se apreciava o genero, e ir ao sermão era um dos poucos divertimentos da população e dos raros recreios da gente culta, se disputavam a preferencia do publico e a primazia do pulpito. Deu-lhes principalmente relevo á oratoria, sobretudo a de Monte Alverne, que decididamente os sobreleva a todos, o terem-na exercitado no momento de comoção politica e alvoroço patriotico, que lhes actuou na fecundia e lhes deu ao estro uma emoção nova e renovadora da cansada eloquencia sagrada aqui em antes praticada. Pode dizer-se que neles, que não foram sómente prègadores mas oradores patrioticos e ainda politicos, preludia a oratoria politica de 1823.

Francisco de Monte Alverne nasceu no Rio de Janeiro

em 9 de agosto de 1784 e faleceu em Niterói a 2 de janeiro de 1858. A sua actividade oratoria vai de 1819 a 1856, isto é, passa-se na epoca climaterica que immediatamente precedeu e seguiu a da Independencia e fundação do Imperio, cujo extremo propugnador foi. Aparece como uma das vozes do sentimento nacional nesse momento exuberante de enthusiasmo. Segundo as noticias, umas ainda pessoais, outras tradicionais e algumas escritas que dele temos, e que a sua obra confirma, foi uma bela figura de frade soberbo, personalissimo, ingenuamente desvanecido do seu saber e facundia. Este manifesto, mas não antipatico, contraste entre a humildade reclamada pelo seu instituto e o seu orgulho intelectual, e mais as circumstancias do tempo, lhe fizeram a fisionomia particular e distinta que tem na nossa vida mental. Professor de filosofia, mestre sem alguma originalidade, mas eloquente e dominador, teve por discipulos, dos quaes se soube fazer admiradores e devotos, boa porção dos homens que vieram a intellectualmente florescer nos anos subsequentes e o melhor da mocidade do tempo. Exerceu grande influencia — talvez a primeira de ordem mental que aponte a nossa historia literaria — nas jovens gerações que com ele aprenderam ou o ouviram. Durante todo o periodo romantico, poetas e prosadores o celebraram em biografias e noticias, em poemas, que lhe dedicam ou lhe comemoram o engenho. Não é demais dizer que, para as gerações suas contemporaneas ou immediatamente posteriores ele foi o primeiro dos nossos heroes intellectuais. Não os enganava a intuição dos romanticos. Pelo seu arrogante pessoalismo, pela sua exuberante individualidade, pela mistura na sua oratoria de emoções patrioticas e religiosas; e pela sua indisciplina, sem quebra aliás da sua austeridade monastica, espirital, e mais pelo tom e estilo pitoresco dos seus sermões, onde sentimos estes varios impulsos, foi Monte Alverne o verdadeiro precursor do romantismo aqui.

A primeira eloquencia politica brasileira, inaugurada na Assembléa Constituinte de 1823, tem uma dupla feição. Por

mais de um rasgo lembra a oratoria da Revolução franceza, em cuja historia eram lidos os principais de seus membros, e ressuma algo tambem da oratoria sagrada da nossa lingua, que era o modelo mais presente aos iniciadores dessa eloquencia aqui. Alguns deles já o haviam aliás ensaiado nas juntas e sessões politicas de antes da Independencia ou a tinham praticado como deputados do Brasil nas Côrtes de Lisboa, em 1821. Mas os mesmos oradores portuguezes destas seriam bisonhos parlamentares, cuja educação oratoria, feita sob o duplo influxo da eloquencia revolucionaria franceza e do sermão nacional, não podia ser aos nossos de grande exemplo.

Como o sermão, o discurso politico, salvo casos sempre raros de peregrinas excellencias de fundo e forma, por sua mesma efemeridade e contingencia, como pelo ocasional dos seus motivos e inspiração, só muito excepcionalmente conserva o interesse da emoção original. Nem sequer concorria aqui para prolongal-o alem da sua hora, o livro que os recolhesse. Apenas os *Anais* das assembléas onde foram proferidos lhes guardaria o eco, de todo extinto aliás nesses cartapacios nunca lidos.

Teve a Constituinte alguns oradores notaveis, dos quais se pode dizer que o eram mais de nascença que de feita. O maior deles, ao menos o mais celebre, foi Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (1775-1845), cuja fama vinha das Côrtes portuguezas de 1821, e devia confirmal-a a sua ulterior carreira de orador em assembléas posteriores á Constituinte.

Nestas, os nomes cuja reputação excedeu ao seu tempo são os de Rebouças, Maciel Monteiro, Rodrigues dos Santos, Bernardo de Vasconcelos, Souza Franco, Alves Branco, Nabuco de Araujo, Rio Branco, Silveira Martins, talvez o maior de todos nas qualidades propriamente oratorias, Torres Homem, José de Alencar, José Bonifacio, o Moço, cujos discursos lidos hoje lhe não abonam a fama contemporanea, Joaquim Nabuco, Fernandes da Cunha. Destes, bem poucos, fora dos *Anais* parlamentares, deixaram do-

cumento escrito por onde possamos avaliar-lhes, quanto um orador pode ser julgado pelo discurso não ouvido, o fundamento da celebridade. Temos, pois, que contentar-nos com a tradição. Segundo esta, foram estes, com alguns mais, e muitos antes bons parlamentares, bons discutidores, que oradores, os melhores exemplares da nossa oratoria politica. Literariamente, salvo as excepções de um Rebouças, um Maciel Monteiro, um Nabuco pai e filho, um Torres Homem e um José de Alencar, pouco valem. Rarissimos serão os seus discursos cuja leitura não nos seja agora displicente. É que sobretudo «oradores de negocios», segundo a expressão franceza, isto é de questões politicas ou partidarias de ocasião, o interesse das suas arengas passou com o dos seus motivos, e tanto mais completamente quando por via de regra eles não lhes souberam dar qualidades de pensamento e de expressão que as fizessem viver.

A critica no Brasil nasceu com as academias literarias do seculo XVIII. Os seus primeiros ensaios foram os pareceres ou juizos nelas apresentados sobre os trabalhos sujeitos á sua apreciação. Continuavam esses pareceres o costume portuguez, tambem oriundo das academias, de que as nossas foram um arremedo. Eram por via de regra inchados de pensamento e de expressão, gravidos de erudição literaria contemporanea e, como estalão de estíma, usavam rigorosamente a pauta da retorica classica consoante Horacio e Quintiliano, e aferiam das obras conforme elas lhe pareciam ou não acordes com essas pautas. A inspiração geral desses primeiros ensaios de critica, não só aqui mas em Portugal — aos quais cumpre juntar os juizos dos censores officiais, que ás vezes se desmandavam em criticos, — era de regra exageradamente benevola, e facilmente escorregava para os mais desmarcados encomios e excessivos louvores, em linguagem, como era a literaria da epoca, turgida e hiperbolica. Dizendo, por exemplo, de um ruim poema feito á Virgem Maria pelo poeta José Pires

de Carvalho e Albuquerque, hoje absolutamente ilegivel, os criticos — chamavam-se então censores — da Academia dos Renascidos, asseveravam que o livro do seu confrade continha «em si materias tão sublimes e cantos tão suaves, que parece ser todo inspirado do céu, ainda que organizado na terra, favor na verdade particular de que foi dotado o autor, não só como devoto, mas como poeta». E não satisfeitos, acrescentaram: «É tão sublime a musa do nosso academico que a saír do eminente cume do Parnaso só passaria como passou ao mais elevado apice do Olimpo.» (1)

Não fôra impossivel ou sequer difficil mostrar ainda agora ressaibos deste estilo de critica em quejandos documentos das nossas sociedades literarias e nos mesmos criticos de officio. Com poucas excepções permaneceu este estilo essencialmente o mesmo até o advento do modernismo, cujo espirito foi notavelmente critico, sem que entretanto lograsse refugal-o de todo da critica indigena. Não raro aquelle tom empolado da velha critica portugueza para aqui transplantada foi apenas substituido por mal assimiladas novidades pseudo filosoficas ou pseudo scientificas expressas em uma nova forma de gongorismo, que, como o outro, nos vinha tambem de Portugal.

A critica como um ramo independente da literatura, o estudo das obras com um criterio mais largo que as regras da retorica classica, e já acompanhado de indagações psicologicas e referencias mesologicas, historicas e outras, buscando compreender-lhes e explicar-lhes a formação e a essencia, essa critica derivada aliás imediatamente daquela, pelo que lhe conservou alguma das feições mais antipaticas, nasceu com o romantismo. Precedeu-o mesmo, nos estudos biograficos e literarios do *Patriota*, de Araujo Guimarães, do *Parnaso Brasileiro*, de Cunha Barbosa, da *Niteroi*, de Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre. Era,

(1) *Apud*, Fernandes Pinheiro, *Rev. do Inst. Hist.*, xxxii, 59.

porem, sobretudo louvaminheira e derramada em impertinentes considerações gerais, e acreditava ingenuamente que preconizar a produção literaria nacional era o mesmo que valorizal-a e que o louvor, ainda indiscreto, seria estímulo bastante ao fomento das nossas letras. Esse estímulo imprudente achou-o que fartasse o romantismo na critica, que com ele surgiu em jornais e revistas como a citada *Niteroi*, a *Minerva Brasiliense*, a *Guanabara*, a *Revista do Instituto* e mais tarde a *Revista Popular* e outras publicações semelhantes. E não se pode dizer que esta critica ainda nimiamente encomiastica, e que convencidamente atestava de primas obras cuja leitura nos é hoje insupportavel, não tenha, em suma, tido uma acção benefica. Á falta de outro qualquer premio do seu esforço, encontravam nela os autores «o favor com que mais se acende o engenho». Apenas a maioria delas não teria o que acender.

Iludindo-os sobre o seu proprio merecimento, essa critica não só os desvairava, mas desservia os que acaso tinham e cujos defeitos ela se abstinha, por mal entendida caridade, de apontar, faltando assim á sua tarefa de educar o publico, que mui confiadamente a seguia. Com essa critica que se traduzia em louvores indiscretos acompanhados de divagações a mais das vezes ociosas e até impertinentes, critica ainda em suma retorica, surgiu pela mesma epoca a critica erudita e mais a historia literaria, seu natural suporte. Desprezadas, como é de razão, umas primeiras malogradas tentativas de Cunha Barbosa, Magalhães, Ferreira da Silva, o criador dessa especie de critica aqui, e simultaneamente da historia da nossa literatura, foi Varnhagen. É ele, com efeito, o primeiro que pesquisa e assenta, com dados seguros, factos e datas literarias, e os correlaciona com a nossa evolução politica, o primeiro que estuda directamente os autores, descobre alguns apenas vagamente conhecidos, publica-lhes ou revela-lhes as obras, identifica-os ou comprova-lhes a existencia e actividade. Foi com efeito o primeiro que investigou com capacidade de erudito e um criterio que é essencialmente o mesmo da nossa

posterior historia literaria, as nossas origens literarias, e fez das nossas letras a exposiçãõ mais cabal e exacta que até então se fez. Foi igualmente o primeiro que as viu no seu conjunto e não só na sua poesia, como mais ou menos o fizeram os seus predecessores, e, embora de relance, occupou-se de todos os autores nacionais que poude conhecer, e ainda de portuguezes abasileirados pela sua estadia no Brasil e preocupações brasileiras, fossem poetas ou historiadores, moralistas, viajantes, cronistas, economistas, etc. Alguns descobriu e desencavou e divulgou de escusos repertorios portuguezes, corrigindo datas, aventando informações ignoradas, emendando outras, publicando antologias e edições criticas dos nossos poetas e de escritores de cousas brasileiras. Este trabalho, grandissimo e importantissimo para o tempo, fel-o ele na edição dos *Epicos brasileiros* (1845), no *Florilegio da poesia brasileira* (1850) e na *Historia Geral do Brasil* (1854-57), em memorias, monografias e artigos da *Revista do Instituto* e outras publicações. No *Florilegio* assentou, em bases que não foram ainda sensivelmente modificadas, a historia da nossa literatura. Nas 54 paginas do «Ensaio historico sobre as letras no Brasil», que vem como introdução desse precioso livrinho, acham-se pelo menos indicados o criterio ethnologico como elemento das investigações da nossa literatura e da sua mesma inspiração, o elemento indigena americano como concorrente nela, as origens imediatas ou o primeiro impulso da poesia e do teatro no Brasil, a necessidade de serem os nossos poetas sobretudo americanos, o interesse da poesia popular, a correlação dos fenomenos mentais com os sucessos historicos e outros que muito posteriormente seriam trazidos á luz como novidade da ultima hora.

Neste gosto e trabalho de investigação da historia da nossa literatura o seguiu, com menor cabedal de conhecimentos e menor capacidade, mas com igual boa vontade e não sem successo, Norberto Silva. Devemos-lhe principalmente um mais exacto conhecimento dos poetas mineiros,

varios estudos biograficos literarios e alguns ensaios de uma historia da nossa literatura, que não chegou a escrever. Tambem Porto Alegre fez critica literaria e foi aqui o criador da critica artistica. Como tal devem-se-lhe os primeiros estudos sobre a nossa pintura e architectura e da iconografia e musica brasileira, publicados no *Ostensor*, na revista *Guanabara*, no *Iris*, na *Revista Brasileira* e na *Revista do Instituto*, entre 1845 a 1856. O entusiasmo patriotico dos da sua geração levou-o á invenção indiscreta de uma «escola fluminense de pintura». Outros romanticos da primeira hora, Magalhães, Macedo, Ferreira da Silva, Gonçalves Dias, fizeram igualmente critica literaria. Pelo tempo adiante, com certa assiduidade e algum merito, Paula Menezes, Dutra e Melo, Paranhos Schutel, Jaci Monteiro; e alguns estrangeiros que aqui colaboraram com os nossos na constituição da nossa literatura nacional, tais os francezes Burgain e Adet, o espanhol Pascoal, o chileno Santiago Nunes Ribeiro, os portuguezes Zaluar e Montoro distinguiram-se como criticos. Essa critica, porem, foi sempre feita dispersamente em jornais e revistas, e nunca se sistematizou. Raro era outra cousa que um artigo de occasião a favor de um livro ou autor. Toda ela tendia á exaltação frequentemente inconsiderada da mente nacional e dos seus produtos. É patriotica como a literatura que lhe servia de assunto. Mais tarde e serodidamente, o mau exemplo das brigas literarias da «guerra dos poetas» e das arcadias portuguezas produziu aqui os seus efeitos na acrimonia, na diatribe, nos doestos e até na arrogancia doutrinaria, que muitas vezes substituiram a longanimidade e complacencia da nossa primitiva critica.

Na segunda geração romantica, Alvares de Azevedo escreveu alguns ensaios de critica, que por lampejos de talento, novidade de idéas gerais e qualidades da expressão literaria sobreelevam o que aqui se fazia no genero, e mostravam ainda uma vez a compossibilidade da critica e da criação estetica. Junqueira Freire, outro poeta dessa geração, tambem se ensaiou na critica, com menos roman-

tismo e acaso mais agudeza que Alvares de Azevedo, mas tambem mais de passagem ainda que este. Fizeram-na igualmente em jornais, outros poetas e prosadores desta fase, nomeadamente Bernardo Guimarães e José de Alencar, que reuniu em livro a sua critica da *Confederação dos Tamoios*, de Magalhães (1856).

Feita assim dispersamente, ao acaso dos ensejos, sem sequencia nem sistema, como uma manifestação pessoal de impressões recebidas dos livros lidos, mais talvez por amor dos autores que da literatura, como um estimulo ou um reclamo, e tambem ás vezes, mas raras, como um anatema, não chegou essa critica a ser um genero literario separadamente cultivado. E os seus produtos havemos de ir busca-los em jornais e revistas, prefacios de livros ou reproduzidos e citados em paginas posteriores. Quem mais sistematicamente a fez depois das duas primeiras gerações romanticas, pelo menos como professor oficial de literatura, foi o conego Fernandes Pinheiro, que deixou dous livros consideraveis de materia cujo docente era no Colegio de Pedro II, *Curso elementar de literatura nacional* (1862) e *Resumo da historia literaria* (1873). De fundo proprio, quer de erudição, quer de pensamento, pouco havia do autor destes livros, onde se continuavam extemporaneamente sistemas criticos já ao tempo obsoletos. Demais, apesar do titulo, o seu *Curso* era sobretudo de literatura portugueza, para o qual o autor achava o trabalho já feito. A brasileira, mórmente no seu mais importante periodo, o nacional, apenas ocupava algumas paginas. Com melhor sentimento literario, com mais fina percepção estetica, e sobretudo com muito melhor estilo, mas apenas accidental e esporadicamente, tambem fez critica Machado de Assis.

Ao tempo em que o conego Pinheiro professava aqui as lições, que depois tirou em livro, um outro professor de literatura no Maranhão, Sotero dos Reis, fazia o *Curso de literatura brasileira e portugueza*, publicado depois em quatro tomos, de 1866 a 1868. Com o seu desenvolvimento e proporções, é não só a primeira obra de estudo historico

literario e critico da nossa literatura, mas ainda da portuguezza, e era na nossa lingua uma novidade. Transplantava Sotero dos Reis para ela, como ainda no seu tempo foi notado, a renovação da critica operada em França por Villemain. Abalizado conhecedor por um commercio mais directo do que o tinha o conego Pinheiro das letras portuguezas e do seu desenvolvimento aqui, fez delas mais cabal exposição que se podia então querer. O processo historico, que era o daquelle seu principal modelo, levou-o ao estudo, acaso por demais particularizado, da literatura portugueza, de suas origens até ao fim do seculo xviii. No estudo da literatura brasileira, que occupa parte menor do seu *Curso*, Sotero dos Reis não lhe remontou ás origens nem lhe acompanhou a evolução. Expol-a por alguns dos seus tipos mais proeminentes — como o fazia Taine com a literatura ingleza — começando em Santa Rita Durão e vindo até Gonçalves Dias. Nunca, porem, se fizera estudo tão completo e com tão boa arte de composição litteraria, e em suma tão bem feito como no livro de Sotero dos Reis.

Menos ainda do que qualquer dos generos litterarios aqui versados, não se constituiu a critica em applicação particular da actividade litteraria. E como não tivesse outra doutrina que o gosto pessoal dos que eventualmente a faziam, fosse pura externalização de impressões individuais, mais no intuito de louvor ou censura, que no de exame e explicação da obra, affectasse um tom retorico e ordinariamente se excedesse em divagações escusadas de trivialidades litterarias ou em banalidades conceituosas, essa critica, afóra o que é propriamente historia litteraria feita por um Varnhagen, um Norberto, um Sotero e ainda um Fernandes Pinheiro, apenas deixou de si um ou outro documento estimavel. Nada obstante foi util e, ainda com as suas falhas e defeitos, serviu ao desenvolvimento das nossas letras.

O movimento que tenho chamado de modernismo e cujo mais evidente sinal foi, como o europeu de que se

originou, o espirito critico, deu aqui á critica outra direcção e outros criterios.

A revolta da escola coimbrã, em Portugal, contra o que um dos seus chefes chamou as «teocracias literarias» do velho Reino, o resto de pseudo classicos, de anacronicos arcades ou de serodios romanticos que, com Antonio de Castilho á testa, entorpeciam a evolução literaria portugueza, não só ecoou aqui, mas influiu, acaso mais poderosamente que o coevo pensamento europeu, no motim que aqui tambem se levantou contra os nossos escritores consagrados. A este alvoroço brasileiro faltou, porem, a coesão que teve o portuguez, e ficou longe da importancia daquelle. A sua inspiração ou antes os seus inspiradores estrangeiros foram diversos: Sainte Beuve, Taine, Scherer, Renan, Spencer e até Comte, não obstante a sua aversão systematica á critica, e tambem os muito proclamados mas de facto pouco sabidos criticos alemães de nomes estranhos aos nossos ouvidos. Se a reacção pela cultura germanica em Portugal, actuadora da nossa, fez ali uma duzia de germanistas capazes, aqui não conseguiu formar sequer a metade, o que prova a inconsciencia do arremedo e a inconsistencia do movimento e concomitantemente a nossa madraçaria nacional. Salvo Tobias Barreto, que foi o mais distinto procer do movimento e cuja cultura germanica parece ter sido cabal, os nossos outros germanistas seus discipulos ou seguidores a fizeram superficialmente e através do francez.

Como quer que seja, operou-se um salutar movimento de reacção e houve manifesto alargamento do nosso espirito literario e do nosso espirito em geral. Começou-se a compreender que a critica tinha um papel distinto e uma função necessaria na literatura e a abandonar os seus processos puramente retoricos por outros em que entravam novos elementos de consideração na apreciação das obras literarias, a historia, a psicologia, a etnografia, a sociologia, a politica, emfim quanto actuava os escritores e os podia explicar e ás suas obras. Em 1873, em um artigo em que

é licito enxergar o influxo das idéas que iam dar nova direcção ao nosso pensamento literario e á critica, Machado de Assis, verificando a carencia aqui da critica como officio literario, lastimava-lhe a falta e reclamava-a como uma necessidade da nossa literatura (1). De 1875 em diante entram a aparecer livros propriamente de critica, os *Ensaio e estudos de filosofia e critica*, desse ano, e os *Estudos alemães*, de 1883, de Tobias Barreto, a *Critica e literatura*, do malogrado escritor do grupo literario formado no Ceará por esse tempo, Raimundo Antonio da Rocha Lima (1878). Outro escritor desse grupo, Araripe Junior (Tristão de Alencar — 27 de junho de 1848 — 29 de outubro de 1911, Fortaleza, Ceará), comquanto se houvesse ensaiado, aliás sem nenhum successo, na ficção, foi principalmente um critico, já em jornais e revistas da sua terra natal, de Pernambuco e do Rio, já em livros, *José de Alencar* (1882), *Gregorio de Matos*, *Movimento literario* e outros. Seguindo muito de perto as doutrinas criticas de Taine, esforçou-se por pratical-as e divulgál-as aqui, temperando-as entretanto com a sua fantasia, incongruente com o espirito geometrico do seu apregoado mestre, e fazendo da complacencia imoderado uso. Entre os nossos livros de critica desse momento, destacam-se pelo seu volume e importancia os *Estudos sobre a literatura brasileira; O lirismo brasileiro* (1877), do escritor maranhense domiciliado em Portugal, sr. José Antonio de Freitas, discipulo muito fiel do sr. Th. Braga; o *Camões e os Lusíadas* (1872), de Joaquim Nabuco, mais explanação entusiastica, feita aliás com talento, que apreciação critica; os *Estudos criticos*, por Silvio Dinarte (Escragnole Taunay, 1881-1883, 3 vols.). Mas o primeiro dos escritores brasileiros que, de parte um breve e malogrado excursu pela poesia, fez obra copiosa de critica geral e particular, é o sr. Silvio Romero,

(1) *O Novo Mundo*, Nova York, 1873. Reproduzido no seu livro *Critica*, Rio, Garnier, s. d. (1913) 14.

simultaneamente discipulo, por Tobias Barreto, dos alemães e, muito mais directamente, dos francezes por Taine e Scherer, pelo que é da literatura propriamente dita, e de Spencer, Haeckel, Noiré e Lehring, pelo que é da filosofia e pensamento geral.

É singular que o maior e mais universal dos criticos francezes do seculo passado, o que mais influencia exerceu no seu tempo, mesmo fóra da França, Sainte Beuve, tenha muito pouco influido, ao menos de modo directo e claro, na constituição definitiva da nossa critica, como actividade litteraria distinta. Só talvez em Machado de Assis se lobra algo do seu exemplo.



CAPITULO XIX

Machado de Assis

Chegamos agora ao escritor que é a mais alta expressão do nosso genio literario, a mais eminente figura da nossa literatura, Joaquim Maria Machado de Assis. No bairro popular, pobre e excêntrico do Livramento, no Rio de Janeiro, nasceu ele, de pais de mesquinha condição, a 21 de junho de 1839. Nesta mesma cidade, donde nunca saiu, faleceu, com pouco mais de 69 anos, em 29 de setembro de 1909. A data do seu nascimento e do seu aparecimento na literatura o fazem da ultima geração romantica. Mas a sua indole literaria avessa a escolas, a sua singular personalidade, que lhe não consentiu jámais matricular-se em alguma, quasi desde os seus principios fizeram dele um escritor áparte, que tendo atravessado varios momentos e correntes literarias, a nenhuma realmente aderiu se não mui parcialmente, guardando sempre a sua isenção. São obscuros e incertos os seus começos, os informes que deles ha, duvidosos ou suspeitos. Ninguem na literatura brasileira foi mais, ou sequer tanto como ele, estranho a toda a especie de cabotinagem, de vaidade de exhibicionismo. De raiz odiava toda a publicidade, toda a vulgarização que não fosse puramente a dos seus livros publicados. Do seu mesmo trabalho literario, como de tudo o que lhe dizia respeito, tinha um exagerado recato. Refugia absolutamente ás confidencias tanto pessoais como literarias. Por cousa alguma quizera que as humildes condições em que nascera servissem para exaltar-lhe a situação que alcan-

çara. Ao seu recatadissimo orgulho repugnava, como um expediente vulgar, fazer entrar no lustre que conquistara esse elemento de estima. A sua biografia eram os seus livros, a sua arte era a sua prosapia. Não lhes quiz misturar nada que pudesse parecer um apelo á benevolencia dos seus contemporaneos em prol da exaltação do seu nome. Fazer reclamo da mesquinhez das suas origens, como é tão vulgar, lhe era profundamente antipatico. Só a incapacidade de compreender natureza tão finamente aristocratica como Machado de Assis e a exquisita nobreza destes sentimentos, poderia reprochar-lhos.

Era dos engenhos privilegiados que, sentindo fortemente a vocação literaria, com a clara consciencia da necessidade de ajudal-a pela applicação e trabalho, a si mesmo se educam. Fez-se ele proprio. Teria apenas frequentado a infima escola primaria da sua meninice, aprendido ao acaso das oportunidades algo mais do que ali lhe ensinaram, e lido assidua e atentamente. Precisando cuidar muito cedo de si, pois os pais, sobre pauperrimos, lhe morreram quando lhe começava a puberdade, trabalhou então, ao que parece, como sacristão da igreja da Lampadosa, e depois caixeiro da pequena livraria e tipografia de Paula Brito, prazo dado dos escritores feitos ou por fazer da epoca. Talvez ali se iniciasse na arte tipografica, que mais tarde parece exerceu como compositor na Imprensa Nacional. Desde 1856 pelo menos se encontram na *Marmota Fluminense*, «jornal de modas e variedades», editado e redigido por aquele singular, estimavel e prestimoso amator das nossas letras que foi Paula Brito, e colaborado por nomes depois nela notaveis, alguns poemas seus. Tem o tom melancolicamente sentimental, a religiosidade romantica e tambem laivos de descrença, da poesia daquelle decenio (1). É de crer que

(1) Na colecção que possuo da *Marmota* de 1856 (janeiro a junho) veem quatro poemas, *Dormir no campo*, *Consumatum est*, *Um anjo* (Á memoria de minha irmã), *Cognac!* dos quais o primeiro e o terceiro trazem a data de 1855, o segundo a de 56 e o

Machado de Assis houvesse versejado desde antes dessas datas. Depois da *Marmota*, encontram-se-lhe versos na *Revista Popular* e *Jornal das Famílias*, de Garnier, na *Biblioteca Brasleira*, de Quintino Bocaiuva, e no *Diario do Rio de Janeiro*, de 1862. Da redacção deste jornal, em logar subalterno, fez parte com Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva e outros já então ou depois conhecidos jornalistas. Entrementes aprendera o inglez, lingua pouco vulgar aos nossos literatos e cuja literatura não teria concorrido pouco para ajudar a tendencia natural de Machado de Assis ao humor, de que foi aqui o unico mestre insigne. Tambem lhe daria o exquisito sentimento de decôro que distingue a sua obra, e o defendeu das influencias do naturalismo francez. Em 1863, da tipografia daquele jornal saiu o seu primeiro livro, um folheto, *Teatro de Machado de Assis*. Constava de duas comedias em um acto, representadas ambas no ano anterior e prefaciadas por Quintino Bocaiuva, que parece ter sido, com Paula Brito, o seu introdutor na vida literaria. Desde então Machado de Assis mostrava-se a figura extraordinaria e, em toda a significação do termo, distinta que viria a ser nas nossas letras, tanto pelo seu engenho como pela sua elevação moral. Estreante, publicava uma obra já notavel pelas qualidades de espirito e composição, para a qual o seu prefaciador desenganadamente declarava que lhe não achava geito, e a publicava sem apelar desse juizo, acaso rigoroso. Fizera teatro não só porque o momento, o de maior florescimento do nosso, lho acoroçoava, mas por confessada ambição juvenil de ensaiar as forças nesse genero que o atraía, cui-

ultimo não tem data. São assinados *J. M. M. d'Assis* o primeiro, o terceiro e o quarto, e *M. M. d'Assis* o segundo, assim datado: «Semana Santa de 1856». Nenhum deles revê ainda o poeta inspirado e correctissimo dos *Versos á Corina* de dez anos depois, mas em *Um anjo* e em *Cognac* (poema da influencia do byronismo ou mussetismo de Alvares de Azevedo) ha já a sobriedade e a correccão metrica que o haviam de distinguir.

dando que nas qualidades para elle se apurariam com o tempo e trabalho. Mas só em 1864, com as *Crisalidas*, é que verdadeiramente começa a sua vida literaria, não mais como tentativa, senão como actividade nunca descontinuada. Vinte e dous poemas, escritos entre 1858 a 64, compunham essa collecção. Distinguiam-se pela emoção menos desbordante que o nosso comum lirismo e por um apuro de forma insolito na nossa poesia. Á perfeição com que já manejava o alexandrino, verso ainda mal aclimado na nossa lingua, o pechoso cuidado que punha nos ritmos e rimas dos seus, para os fazer menos triviais e mais tersos sem perda da sonoridade, juntava-se o polido da lingua e o escolhido da frase poetica: *Aspiração*, que é de 1862, mórmente *Versos á Corina*, de 1864, documentam este juizo. Tanto pelo valor do sentimento como da sua expressão, este ultimo é uma das mais belas amostras do nosso lirismo. Como as obras verdadeiramente classicas, isto é, que não são de ocasião ou de moda, tão vivo e novo hoje como á data da sua composição, ha quasi meio seculo. Estava-se ainda em pleno viço do subjectivismo e do sentimentalismo poetico de Alvares de Azevedo e dos seus companheiros de geração, poesia de descrença e desconsolo, de desengano e tristeza, dominada pela idéa da morte. De todos esses poetas eram os versos, como dos seus dizia exactamente aquele, flores da sua alma, «murchas flores que só orvalha o pranto». Machado de Assis, que, pela mesquinha condição em que viera ao mundo, não devia ter sofrido e lutado menos do que eles, tem desde então o altivo pudor de não pôr a sua alma em publico, de não fazer estendal da sua desgraça. A musa é para ele a «consoladora em cujo seio amigo e socegado respira o poeta o suave sono, quando a mão do tempo e o halito dos homens lhe tenham murchado a flor das illusões e da vida». Este sentimento revigora-se no Preludio das *Falenas*, a sua segunda edição das poesias:

O poeta é assim: tem, para a dor e o tedio,
Um refugio tranquilo, um suave remedio
Es tu, casta poesia, ó terra pura e santa!

Quando a alma padece a lira exorta e canta;
E a musa que, sorrindo, os seus balsamos verte,
Cada lagrima nossa em perola converte.

Não era das falazes costumeiras profissões de fé de poetas. Toda a sua vida literaria, de um tão alevantado e peregrino no decôro, a confirma.

Varios são os motivos de inspiração nas *Crisalidas* desde as mais intensas emoções de poeta amoroso ou antes preocupado já, como nenhum outro aqui, do eterno feminino, e rasgos de pensamento que nos formosos tercetos de *No Limiar*, como nos belos alexandrinos de *Aspiração*, pressagiam o poeta perfeito das *Ocidentais*, até os temas subjectivos sentidamente idealizados do *Epitafio do Mexico*, de *Polonia*, de *Monte Alverne*. Mas nem naqueles havia o comum excesso de sentimentalismo, nem nestes algum exagero de idealismo, e uns e outros vinham estremes da molestia constitucional da nossa poesia, a oratoria.

Trazem certamente o cunho do tempo, porem com tal medida e acerto que, no seu encantador lirismo, muito nosso, nos são contemporaneos. É dos poucos de então que não envelheceram, isto é, que não precisam que nos ponhamos no diapasão do seu tempo para os sentirmos e estimarmos. Digam-no estas estrofes de *Visio*, que são de 64:

Eras palida. E os cabelos
Aereos, soltos novelos,
Sobre as espadas caíam...
Os olhos meio cerrados
De volupia e de ternura
Entre lagrimas luziam...
E os braços entrelaçados,
Como cingindo a ventura,
Ao teu seio me cingiam...

Depois, naquele delirio,
Suave, doce martíria
De pouquissimos instantes,
Os teus labios sequiosos,

Frios, tremulos trocavam
Os beijos mais delirantes
E no supremo dos gozos
Ante os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes...

Depois... depois a verdade,
A fria realidade,
A solidão, a tristeza;
Daquele sonho desperto,
Olhei... silencio de morte
Respirava a natureza —
Era a terra, era o deserto.
Fora-se o doce transporte,
Restava a fria certeza.

Desfizera-se a mentira:
Tudo aos meus olhos fugira;
Tu e o teu olhar ardente,
Lábios tremulos e frios,
O abraço longo e apertado,
O beijo doce e veemente;
Restavam meus desvarios,
E o incessante cuidado,
E a fantasia doente.

E agora te vejo. E fria
Tão outra estás da que eu via
Naquelo sonho encantado!
És outra — calma discreta,
Com o olhar indiferente,
Tão outro o olhar sonhado,
Que a minha alma de poeta
Não vê se a imagem presente
Foi a visão do passado.

Foi sim, mas visões apenas;
Daquelas visões amenas
Que á mente dos infelizes
Descem vivas e animadas,
Chelas de luz e esperança
E de celestes matizes:
Mas apenas dissipadas,
Fica uma leve lembrança,
Não ficam outras raizes.

Inda assim, embora sonho,
Mas sonho doce e risonho,
Desse-me Deus que fingida
Tivesse aquela ventura
Noite por noite, hora a hora,
No que me resta de vida,
Que, já livre da amargura,
Alma, que em dores me chora,
Chorára de agradecida!

Ha neles certamente o toque do tempo, e algo de garretiano, mas tambem uma alma de verdadeiro poeta, que sobrevive á epoca.

A actividade poetica de Machado de Assis se continuou com as *Falenas* em 1869, as *Americanas* em 1875 e as *Ocidentais* em 1902. Quer em verso, quer em prosa, a sua produção — outra singularidade deste singular escritor — sem ser nunca de improviso ou apressada, é continua, sempre trabalhada e aperfeiçoada. Modesto por indole e por civilidade, tímido de temperamento, modestia e timidez que encobriam grande energia moral e intima consciencia de sua capacidade, Machado de Assis, estranho a toda a petulancia da juventude, estuda, observa, medita, lê e relê os classicos da lingua e as obras primas das principais literaturas. Ao contrario de alguns notaveis escritores nossos que começaram pelas suas melhores obras e como que nelas se esgotaram, tem Machado de Assis uma marcha ascendente. Cada obra sua é um progresso sobre a anterior. Ou de propria intuição do seu claro genio, ou por influencia do particular meio literario em que se achou, fosse por que fosse, foi ele um dos raros senão o unico escritor brasileiro do seu tempo que voluntariamente se entregou ao estudo da lingua pela leitura atenta dos seus melhores modelos. Foram seus amigos e companheiros alguns portuguezes escritores ou amadores das boas letras, como José de Castilho, Emilio Zaluar, Xavier de Novais, Manoel de Melo, o esclarecido filologo de cuja casa e rica livraria foi habiçado, Reinaldo Montoro, o bibliofilo Ramos

Paz e outros. Nesta roda a lingua se teria conservado mais estreme das corrupções americanas, seria melhor falada e mais estudada. Considerando-se, porem, que outros brasileiros que viveram e até se educaram em Portugal, nem por isso lucraram no seu portuguez, mais que á influencia dessa roda, ao seu intimo sentimento literario e á sua intuição da importancia da expressão na literatura, deveu Machado de Assis a excelencia incomparavel da sua. Sabia-se por confidencia sua que, escasseando-lhe recursos para adquirir os classicos, associou-se no Gabinete Portuguez de Leitura para os ter consigo e extractal-os. Confirmado esta sua confissão, acharam-se-lhe no espolio literario numerosas notas e extractos dessas leituras. Sobretudo foi o unico que soube ler os classicos, mestres dobres e equivocos, com discernimento e finissimo tacto de escritor nato. Não aprendeu deles mais que a propriedade do dizer, o boleio castiço da frase, a lidima expressão vernacula, sem lhes tomar as formulas barbaras repugnantes ao nosso gosto moderno, nem trasladar-lhes indiscretamente para os seus escritos — como impertinentemente fizeram Camilo Castelo Branco e Castilho — o vocabulario ou fraseado obsoleto. As *Falenas* justificam o seu titulo simbolico, nelas se desenvolvem as qualidades já manifestadas nas *Crisalidas*, notadamente as da forma poetica, metrica, lingua, estilo, exquisito dom de expressão, em que geralmente sobrelevam a poesia do tempo. Vinte anos antes do parnasianismo tinham já rasgos deste no sobrio e requintado da emoção, no menor individualismo do poeta, que, ao contrario dos ultimos romanticos, seus contemporaneos, se escondia e se esquivava. Os temas pura ou demasiadamente subjectivos, as confissões impudentes do mais recondito da sua alma, tão do gosto deles, cediam o passo a temas mais gerais, menos pessoais ou, quando o eram, tratados mais discretamente, com mais refinada sensibilidade. Algumas peças desta colecção, como as da *Lira chilneza* e *Uma ode de Anacreonte*, poemeto dramatico em que a finura da imaginação pede meças á rara formosura

de expressão, descobrem um poeta em toda a força do seu talento. Musset e Lamartine, e também André Chenier, e mais Antonio de Castilho e Garrett, são então os seus principais mestres de poetica. Nenhum, porém, com tal prestígio que lhe ofusque a originalidade própria. Outros mestres seus, dous poetas nossos por quem era grande a sua admiração, foram Basilio da Gama e Gonçalves Dias. Este, não obstante a diferença dos seus genios, o impressionou grandemente. Porventura a essa impressão devemos atribuir a inspiração das *Americanas*, que, com o *Evangelho das Selvas*, de Fagundes Varela, do mesmo ano, são a derradeira manifestação apreciável do indianismo da nossa poesia.

Escritor desde os seus principios consciente e reflexivo, que nunca se deixou arrastar pelas modas literarias, e menos correu após a voga do dia, Machado de Assis, ainda cedendo á influencia da inspiração americana, fel-o com tão discreto sentimento e em forma tão pessoal e tão nova, que o seu indianismo, certamente inferior ao de Gonçalves Dias como emoção e expressão tocante, tem um sainete particular e uma generalidade maior, o que acaso lhe assegura um melhor futuro. «Algum tempo, escreveu ele na «advertencia» das *Americanas* explicando o seu novo livro, foi de opinião que a poesia brasileira devia estar toda, ou quasi toda, no elemento indigena. Veiu a reacção, e adversarios não menos competentes que sinceros, absolutamente o excluiram do programa da literatura nacional. São opiniões extremas que, pelo menos, me parecem discutiveis.» E não as querendo discutir, limita-se a esta observação que derimia definitivamente a questão, se, como me parece certo, o só criterio da obra d'arte é o talento com que é realizada: «Direi sómente que, em meu entender, tudo pertence á invenção poetica, uma-vez que traga os caracteres do belo e possa satisfazer as condições da arte. Ora, a indole dos costumes dos nossos aborigenes estão muita vez neste caço; não é preciso mais para que o poeta lhes dê a vida da inspiração. A generosidade, a constancia, o valor,

a piedade, hão de ser sempre elementos da arte, ou brilhem nas margens do Scamandro ou nas do Tocantins. O exterior muda: o capacete de Ajax é mais classico e polido que o kanitar de Itajuba; a sandalia de Calipso é um primor de arte que não achamos na planta nua de Lindoia. Esta é, porem, a parte inferior da poesia, a parte accessoria. O essencial é a alma do homem.»

Este final compendia a estetica de Machado de Assis. Poeta ou prosador, ele se não preocupa senão da alma humana. Entre os nossos escritores, todos mais ou menos atentos ao pitoresco, aos aspectos exteriores das cousas, todos principalmente descritivos ou emotivos, e muitos resumindo na descrição toda a sua arte, só por isso secundaria, apenas ele vai alem e mais fundo, procurando, sob as apparencias de facil contemplação e igualmente facil relato, descobrir a mesma essencia das cousas. É outra das suas distincões e talvez a mais relevante.

Da impressão que o indianismo havia feito na nossa mente, dá testemunho o facto deste mesmo arguto e desabusado espirito ter-se ainda deixado enganar por ele, e lhe haver tambem sacrificado. Mas ainda assim o seu sentimento não é o mesmo de Gonçalves Dias ou de Alencar. Tinha Machado de Assis mais espirito critico que estes e menos sentimento romantico, e era de todo estranho a quaisquer influencias ancestrais ou mesologicas que porventura actuaram nos dous, para que caisse completamente no engano do indianismo, como ainda sucedeu a Varela. Dos costumes, figuras, manhas e feições do indio e da sua vida que põe em poema, procura sobretudo descobrir a essencia sob as exterioridades exoticas, e por ela revelar-lhe a alma. Ainda assim esta porção da sua obra é a menos estimavel. Releva-a, porem, a sua interpretação poetica dos temas e a formosura da expressão, nele singular. Dous ao menos desses poemas, e justamente aqueles que mais se afastam da formula indianista, nos quais a trivial descrição ou exposição de feitos e gestos indianos é substituida pela sua interpretação psicologica, *Niani* e *Ultima*

jornada, são de superior beleza poetica e de rara feitura artistica.

As *Ocidentais*, publicadas na edição das suas *Poesias completas* (1901), revem a influencia em Machado de Assis do modernismo, do qual, desde o seu citado artigo sobre a nova geração de poetas que se estreadam depois de 1870, ele dera tão exacta definição. São, infelizmente, poucos os poemas cuja inspiração vem dessa nova corrente. *O Desfecho*, *Circulo vicioso*, *Uma criatura*, *Mundo interior*, *Suavi Mari Magnum*, *A mosca azul*, *No alto*, mais os distintos quilates dessa poesia lhe ressarcem sobradamente a quantidade. Com todas as suas brilhantes e não raro tocantes qualidades de emoção, faltou sempre á poesia brasileira profundeza de sentimento. Viva, eloquente até á facundia exuberante, colorida e vistosa, carece por via de regra de intensidade na sensação e de sobriedade na expressão. Não quero dizer que estas virtudes lhe faltem de todo, mas apenas que não são propriamente as suas. Machado de Assis é um dos poucos poetas nossos que as teve, e distintamente, e as manifestou, como já ficou notado, desde a sua estreia. Elas, principalmente sob o aspecto da profundeza, se lhes aperfeiçoaram nos citados poemas das *Ocidentais*. É que ainda aí ele não cedeu á moda do momento, nem acompanhou inconsideradamente, como fizeram tantos outros, a onda modernista. Apenas desenvolveu-se no sentido dela, que era o mesmo sentido que trazia o seu pensamento, o do scepticismo sem desespero e do pessimismo benevolente, ambos de raiz. Mais que sinais, amostras de ambos encontram-se já nas suas colecções anteriores. O que, distincção rarissima, acaso unica, se não encontra em nenhum destes poemas é a indiscreta transplantação para a poesia de cousas scientificas ou filosoficas ou algo da respectiva giria. Tudo nele, como no verdadeiro poeta, se faz sentimento e sensação e como tal se exprime, e em forma que é, sem o rebuscado do parnasianismo, porventura a mais perfeita alcançada pela nossa poesia.

Poeta dos mais importantes da literatura brasileira, é Machado de Assis o mais insigne dos seus prosadores e, no dominio que lhe é proprio a ficção romanesca, o maior dos nossos escritores. Não é sómente um escritor vernaculo, numeroso, disserto e elegantissimo. Às qualidades de expressão que possui como nenhum outro, junta as de pensamento, uma filosofia pessoal e virtudes literarias muito particulares, que fazem dele um classico, no mais nobre sentido da palavra, — o unico talvez da nossa literatura.

Como prosador compreende a sua obra, alem de numerosos livros de conto, romances, teatro, critica e cronicas jornalisticas. Do conto foi ele, se não o iniciador, um dos primeiros cultores e porventura o primacial escritor na lingua portugueza.

Efectivamente ninguem jámais nesta contou com tão leve graça, tão fino espirito, tamanha naturalidade, tão fertil e graciosa imaginação, psicologia tão arguta, maneira tão interessante e expressão tão cabal, historietas, casos, anedotas de pura fantasia ou de perfeita verosimilhança, tudo recoberto e realçado de emoção muito particular, que varia entre amarga e prazenteira, mas infalivelmente discreta. Historias de amor, estados d'alma, rasgos de costumes, tipos, ficções da historia ou da vida, casos de consciencia, caracteres, gente e habitos de toda a casta, feições do nosso viver, nossos mais intimos sentimentos e mais peculiares idiosincrasias, acha-se tudo superior e excelentemente representado, por um milagre de transposição artistica, nos seus contos. E sem vestigio de esforço, naturalmente, num estilo maravilhoso de vernaculidade, de precisão, de elegancia.

No romance estreou Machado de Assis, em 1872, com o já citado *Ressurreição*. A grande novidade deste romance era não ser senão o primeiro de analise de caracteres e temperamentos, o primeiro ao menos que com este só proposito aqui se escrevia. Não trazia vislumbre do intencional brasileiro vigente. Ao envés declaradamente

apontava a outra cousa que o romance de costumes. O interesse do livro era deliberadamente procurado no «esboço de uma situação e no contraste de dous caracteres». Alençar com *Cinco minutos*, *A viuvinha* (1856), aliás simples novelas, *Luciola* (1862) e *Diva* (1864), e o mesmo Manoel de Almeida com o *Sargento de Milicias* (1857) podem em rigor cronologico ser considerados os precusores do nosso romance da vida urbana ou mundana, da pintura de caracteres e situações em que estes se encontram e definem, ou mesmo do romance que ao tempo ainda se chamava de fisiologico e que depois se chamaria de psicologico. Mas o seu criador, pela arte consciente e engenho com que já o fez em *Ressurreição*, e o ensaiara com bom sucesso nos contos e novelas que precederam este livro, foi Machado de Assis. Neste mesmo romance, como naquelas ficções menores, embora refugissem ao particularismo nativista, havia já uma notação exacta, ou antes uma clara intuição das nossas intimas peculiaridades nacionais. O sempre progressivo exercicio desta faculdade de analyse do ambiente, estreme das suas faceis representações pitorescas, fariam de Machado de Assis não obstante o seu despreendimento do brasileirismo, qual o entendiam aqui, porventura o mais intimamente nacional dos nossos romancistas, se não procurarmos o nacionalismo sómente nas exterioridades pitorescas da vida ou nos traços mais notorios do individuo ou do meio. Como o que sobretudo lhe interessa é a alma das cousas e dos homens, é ela que ele procura exprimir e que geralmente exprime com insigne engenho e arte. Ainda em algum tipo, episodio ou scena de pura fantasia, nunca a ficção de Machado de Assis afronta o nosso senso da intima realidade. Assim, por exemplo, nesse conto magnifico *O alienista* ou nessoutra joia *Conto alexandrino*, como na admiravel invenção de *Braz Cubas*, e todas as vezes que a sua rica imaginação se deu largas para fóra da realidade vulgar, sob os artificios e os mesmos desmandos da fantasia, sentimos a verdade essencial e profunda das cousas, poderíamos chamar-

-lhe um realista superior, se em literatura o realismo não tivesse sentido definido.

Havia entretanto no primeiro romance de Machado de Assis e ainda mais talvez nos que mais de perto o seguiram, *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), visíveis ressaibos de romantismo senão do Romantismo. Temperava-os, porem, já, diluindo-os num sabor mais pessoal e menos de escola, a sua nativa ironia e a sua desabusada visão das cousas, que o forravam ao romanesco, á sentimentalidade amaneirada que tanto viciou e desluziu a nossa ficção. E, mais dons de expressão em que ficou até agora unico e que, sob este aspecto ao menos, o sobrelevam a todos os nossos escritores, e, não receio dizel-o, ainda aos portugueses seus contemporaneos.

Em 1881, com as *Memorias postumas de Braz Cubas* atingia Machado de Assis o apogeu do seu engenho literario, num romance de rara originalidade, uma obra, a despeito do seu tom ligeiro de fantasia humoristica, fundamentalmente meditada e fortemente travada em todas as suas partes, por ventura a mais excelente que a nossa imaginação já produziu. As *Memorias postumas de Braz Cubas* são a epopéa da irremediavel tolice humana, a satira da nossa incuravel ilusão, feita por um defunto completamente desenganado de tudo. Desde a sua cova conta-nos Braz Cubas, numa lingua primorosa de simplicidade, a sua vida do nascimento á morte, a sua familia, a sua educação, o seu meio, os seus primeiros namoros de rapaz e amores de homem, as suas ambições, os seus amores adulterinos com certa Virgilia, emfim, quanto na vida sequer um momento o interessou ou ocupou de modo a impressionar-lhe a memoria e o entendimento. E só estas faculdades se deixaram nele tocar por tais sucessos. Viu Braz Cubas, ainda pressentiu a vaidade de tudo, e como ao cabo todas as cousas são naturais, necessarias, determinadas por um conjunto de condições que não são essencialmente nem boas, nem más, e pelas quais é sabio não nos abalarmos, não se deixou jámais comover. No fundo de tudo ha sem-

pre um todo nada de ridiculo, de comedia, de falsidade, de fingimento, de calculo. Tolo é quem se deixa enganar com as apparencias, «empulhar», segundo o verbo muito do gosto do escritor. Mas a humanidade, a sociedade, é assim feita e não ha revoltar-nos contra ella e menos querel-a outra. A vida é boa, mas com a condição de não a tomarmos muito a serio. Tal é a filosofia de Braz Cubas, decididamente homem de muitissimo espirito. Elle viveu quanto poudo, segundo este seu pensar, e se com o seu pessimismo conformado e indulgente não se achou logrado «ao chegar ao outro lado do misterio», foi porque verificou um pequeno saldo no balanço final da sua existencia. «Não tive filhos, — escreveu na ultima pagina das suas *Memorias*, — não transmitti a nenhuma criatura o legado da nossa miseria.»

Desta arriscada repetição do velho tema da vaidade de tudo e do engano da vida, a que o Eclesiaste biblico deu a consagração algumas vezes secular, saiu-se galhardamente Machado de Assis. Transportando-o para o nosso meio, incorporando-o no nosso pensamento, ajustando-o ás nossas mais intimas feições, soube renovar-o pela applicação particular, pelos novos efeitos que dele tirou, pelas novas faces que lhe descobriu e expressão pessoal que lhe deu.

As *Memorias postumas de Braz Cubas* eram o rompimento tacito, mais completo e definitivo de Machado de Assis, com o romantismo sob o qual nascera, crescera e se fizera escritor. Aliás comquanto necessariamente lhe soffresse a influencia, nunca jámais se lhe entregara totalmente nem lhe sacrificara o que de pessoal e original havia no seu engenho, e acharia em *Braz Cubas* a sua cabal expressão. A sua primeira obra de contador, *Historias da meia noite* (1869), *Contos fluminenses* (1873), com os seus primeiros livros de romancista, o já nomeado *Ressurreição*, *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), traziam ressaibos romanticos, embora atenuados pelo congenito pessimismo e nativa ironia do autor. Ora o romantismo não comportava nem a ironia nem o pessi-

mismo, na forma desenganada, risonha e resignada de Machado de Assis. Mas os contos que sucederam imediatamente ~~aqueles~~, *Papeis avulsos* (1882), *Historias sem data* (1884), *Varias historias* (1905), muitos deles anteriores a *Braz Cubas*, trazem já evidente o tom deste. Desde, portanto, os anos de 70, renunciando ao escasso romantismo que nele havia, criava-se Machado de Assis uma maneira nova, muito sua, muito particular e muito distinta e por igual estreme daquela escola e das novas modas literarias. Nessa maneira, particularmente em *Braz Cubas* e em *Quincas Borba* (1891), que se lhe seguiu e que a certos respeitoos o continua, vislumbra-se mais do que se percebe, o remoto influxo dos humoristas inglezes, e antes dos seus processos formais que do fundo, que este é de raiz do autor. Com a escrupulosa probidade literaria que foi uma das suas virtudes, ele proprio o publicou no prefacio do primeiro. Em *Dom Casmurro* (1899), em *Esau e Jacob* (1904) e sobretudo em *Memorial de Aires* (1908), o seu ultimo livro, desaparecem esses laivos de influencia peregrina. Como correspondessem perfeitamente á sua propria indole literaria, transubstanciaram-se-lhe no engenho e estilo.

Com a variedade de temas, de enredos de acções, de episodios, que distinguem cada romance de Machado de Assis no conjunto de sua obra, ha em todos uma rara unidade de inspiração, de pensamento e de expressão. Todos, porem, representam, talvez com demasiado proposito, mas sem excesso de demonstração, a tolice e a malicia humanas. É este o tema geral, e ao mesmo tempo o duende, o espantallo do escritor. Ele descobriu esses estigmas e os expoz sob todas as suas faces e modalidades, até ao amor paterno ou na ternura materna, nas acções mais sublimes e nos actos mais corriqueiros, e não por um proposito tambem malicioso ou simplesmente literario, mas porque os seus olhos de artista — o que pode ser uma inferioridade ou um defeito — não os viam senão assim, e a sua intima sinceridade lhe não permitia modificar a propria vi-

são por comprazer com o gosto vulgar. Mas como a sua faculdade mestra é a imaginação humorística, isto é, a visão pessimista das cousas, através da intelligencia da sua necessidade e contingencia e do sentimento da nossa impotencia contra elas, as viu com risonho desdem ou com ironica benevolencia. Essa visão ele a tem agudissima, e a sua analyse das almas sem alguma presunção de psicologica, antes desdenhosa do epíteto, tem uma rara percepção dos seus mais intimos segredos. *Dom Casmurro* é exemplo desta sua superior faculdade de romancista, comprovada aliás em toda a sua obra. É o caso de um homem intelligente, sem duvida, mas simples, que desde rapazinho se deixa iludir pela moça que ainda menina amara, que o enfeitara com a sua faceirice calculada, com a sua profunda sciencia congenita de dissimulação, a quem ele se dera com todo ardor compativel com o seu temperamento pacato. Ela o enganara com o seu melhor amigo, tambem um velho amigo de infancia, tambem um dissimulado, sem que ele jámais o percebesse ou desconfiasse. Sómente o veiu a descobrir quando lhe morre num desastre o amigo querido e deplorado. Um olhar lançado pela mulher ao cadaver, aquele mesmo olhar que trazia «não sei que fluido misterioso e energico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de resaca», o mesmo olhar que outrora o arrastara e prendera a ele e que ela agora lança ao morto, lhe revela a infidelidade dos dous. Era impossivel em historia de um adulterio levar mais longe a arte de apenas insinuar, advertir o facto sem jámais indicá-lo. Machado de Assis é, com a justa dose de sensualismo estetico indispensavel, um autor extremamente decente. Não por affectação de moralidade, ou por vulgar pudicicia, mas em respeito da sua arte. Bastava-lhe saber que a obscenidade, a pornografia, seriam um chamariz aos seus livros, para evitar esse baixo recurso de successo, ainda que a fidalguia nativa dos seus sentimentos não repulsasse tais processos.

Porque este sujeito tímido, apagado, pequenino, mo-

desto, que parecia deslizar na vida com a preocupação de não incomodar a ninguém, de não ser molesto a pessoa alguma, era, de facto, um homem com energias intimas, caladas, reconditas, mas invenciveis. Assim como fazer-se uma posição social, nunca transigiu com a sociedade e suas mazelas, tambem nunca, como escritor, condescendeu com as modas literarias que não dissessem com o seu temperamento artistico, ou seguiu por amor da voga as correntes mais no gosto do publico. A este pode afirmar-se que não fez em toda a sua obra a menor concessão.

Já velho, com sessenta e oito anos, e não foi jámais robusto, escreveu ainda um livro admiravel, o *Memorial de Aires*, inspirado na saudade da esposa e companheira muito amada, já chorada no sublime soneto que antepuzera ás *Reliquias da Casa Velha*, o primeiro que deu á luz depois da morte dela. *Memorial de Aires* é talvez o unico livro comovido, de uma comoção que se não procura esconder ou disfarçar e de emoção cordial e não sómente estetica, que escreveu Machado de Assis. Com a peregrina arte de transposição que possuia e que só revelaria plenamente a historia de seus livros, mas que podemos avaliar pelo pouco que dela sabemos, idealizou Machado de Assis, num suave romance contado por terceiro, um velho diplomata espirituoso e desenganado, o conselheiro Aires, o seu placido e feliz viver domestico. Não que o indicasse ou sequer o insinuasse. Descobriram-no os que lhe conheceram a vida, e eram bem poucos, pois nunca se «derramou» e odiava os «derramados»; na emoção nova que discretamente, sobriamente, recatadamente, como que receosa de profanar na publicidade cousas intimas e sagradas, apparecia nesse delicioso livro, um dos mais tocantes da nossa literatura.

As estreias literarias de Machado de Assis coincidiram com o melhor momento do nosso teatro em toda a evolução da nossa literatura, entre os anos de 50 e 70, particularmente o decenio intermedio. Os melhores dos nossos literatos de então escreveram para o teatro e acharam quem

os representasse e quem os fosse ouvir, o que nunca mais aconteceu depois. A nossa bibliografia teatral dessa época é a mais copiosa de toda a nossa literatura, e havia pelo teatro nacional interesse e curiosidade que depois desapareceu de todo, com a concorrência do teatro estrangeiro importado por companhias alienígenas. A influência do momento e o gosto, que pessoalmente tinha pelo teatro, mais que decidida vocação, levaram Machado de Assis a tratá-lo (1). Com a segura consciência que do seu próprio engenho tinha, ele próprio mal se iludira sobre a sua aptidão para o teatro. Numa carta-prefácio de suas peças publicadas em 1863, *O caminho da Porta* e *O protocolo*, confessava, podemos crer que sinceramente: «Tenho o teatro por cousa muito seria e as minhas forças por cousa insuficiente; penso que as qualidades necessarias ao autor dramático desenvolvem-se e apuram-se com o tempo e o trabalho...» Sem duvida, mas as qualidades, sobretudo as inferiores, as habilidades do ofício de autor dramático, a acomodação ao gosto público e a perspectiva particular da rampa, uma porção de dons somenos, mas essenciais ao bom sucesso na arte inferior que é o teatro, faltavam a Machado de Assis. No teatro nunca pode ele passar de composições ligeiras, ao gosto de «proverbios» francezes, sainetes, contos porventura espiritualmente dialogados, algumas encantadoras de graça fina e elegante estilo, mas sem grande valor teatral. Tais são os *Deuses de casaca*, comédia levemente satírica da nossa vida social e política, em formosos alexandrinos, em que se revê a influência de Castilho; *Tu, só tu puro Amor*, pequena obra-prima, alguma cousa como uma deliciosa figurinha de Tanagra no meio das esculturas de Fidias; *Não consulte medico*, sainete digno de Musset. Tudo, porém, não passava de um

(1) Parece que foi uma pequena peça de teatro a primeira publicação, em volume, de Machado de Assis. Chamou-lhe «fantasia dramática» e trazia o título de *Desencantos*, Rio de Janeiro, Paula Brito, 1861, in-8.º.

acto, excelente como literatura amena para deleitar-nos uma hora, mas sem a acção, a força, a emoção que deve trazer a obra teatral. Basta que esta por sua mesma natureza se enderece a uma platéa, que será sempre em maioria composta de ignaros ou simples, para que lhe não bastem as qualidades propriamente literarias.

Como critico, Machado de Assis foi sobretudo impressionista. Mas um impressionista que, alem da cultura e do bom gosto literario inato e desenvolvido por ela, tinha peregrinos dons de psicologo e rara sensibilidade estetica. Conhecimento do melhor das literaturas modernas, intelligencia perspicaz desabusada de modas literarias e hostil a todo pedantismo e dogmatismo, comprazia-lhe principalmente na critica a analise da obra literaria segundo a impressão desta recebida. Nessa analise revelava-se-lhe a rara finura e o apurado gosto. Que não era incapaz de outra especie de critica em que entrasse o estudo das condições mesologicas em que se produziu a obra literaria, deu mais de uma prova. Com o fino tacto literario e reflexivo juizo, que o assinalam entre os nossos escritores, no ensaio critico *atraz citado sobre o *Instinto da nacionalidade*, na nossa literatura ajuiçou com acerto, embora com a benevolencia que as mesmas condições da sua vida literaria lhe impunham, os seus fundadores e apontou com segurança os pontos fracos ou duvidosos de certos conceitos literarios aqui vigentes, emendando o que neles lhe parecia errado e aventando opiniões que então, em 1873, eram de todo novas. Ninguem, nem antes nem depois, estabeleceu mais exacta e mais simplesmente a questão do indigenismo da nossa literatura, nem disse cousas mais justas do indigenismo e da sua pratica.

Em suma Machado de Assis, sem ter feito officio de critico, é como tal um dos mais capazes e mais sinceros que temos tido. Respeitador do trabalho alheio, como todo o trabalhador honesto, mas sem confundir esse respeito com a condescendencia camaradeira, estreme de animosidades pessoais ou de emulações profissionais, com o mínimo dos

infalíveis preconceitos literários ou com a força de os dominar, desconfiado de sistemas e assertos categoricos, sufficientemente instruido nas cousas literarias e uma visão propria, talvez demasiadamente pessoal, mas por isso mesmo interessante da vida, ninguem mais do que ele podia ter sido o critico cuja falta lastimou como um dos maiores males da nossa literatura. Em compensação deixou-lhe um incomparavel modelo numa obra de criação que ficará como o mais perfeito exemplar do nosso engenho nesse dominio.

FIM

Waldemar de

Macedo

Rorhoy

Rio de Janeiro

8 de Março

1926

W. Rorhoy

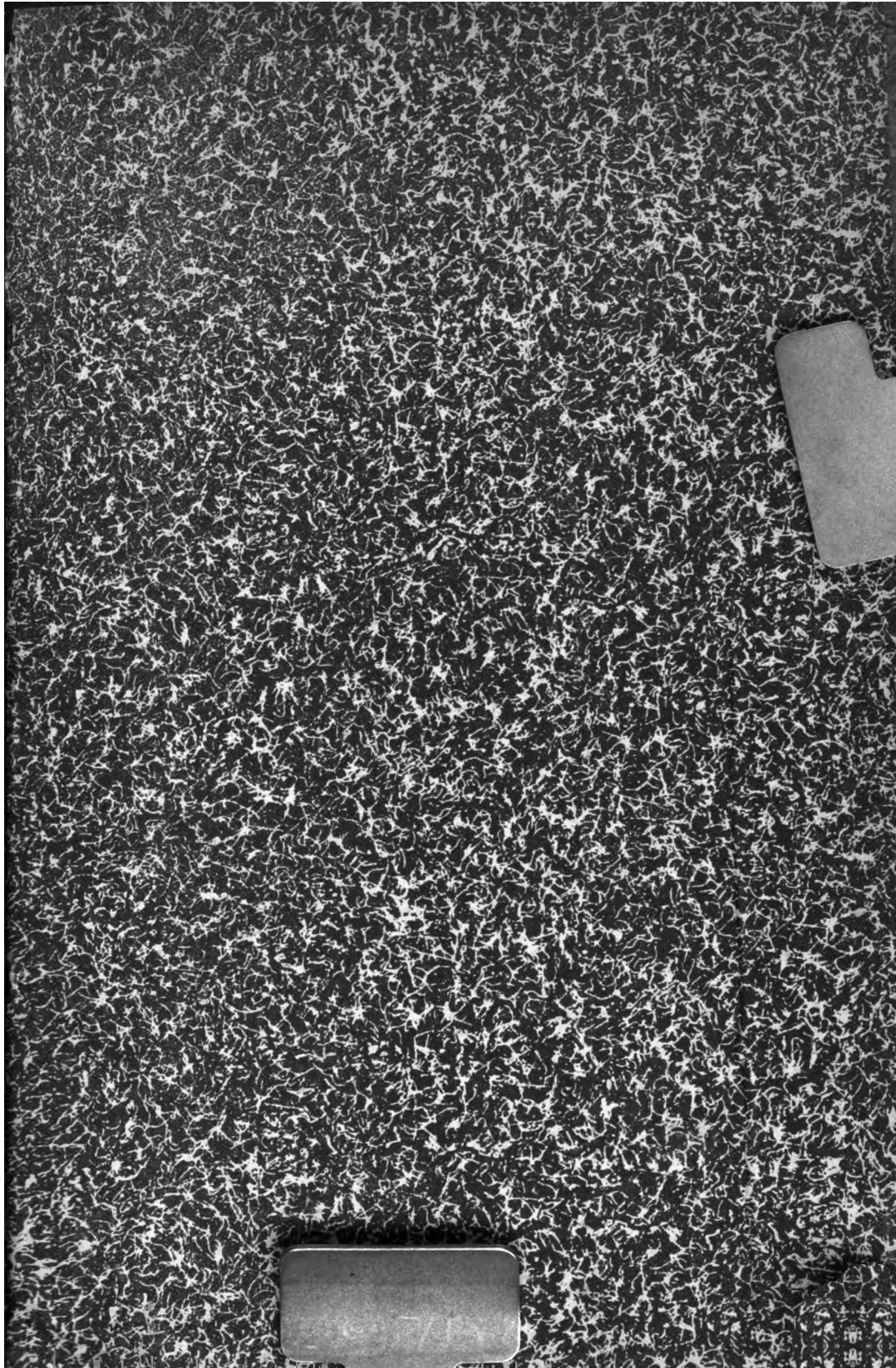


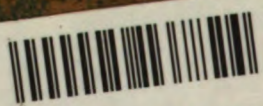
714393

PQ 9511
.V43



A000005137824





A000005137824